



This is a digital copy of a book that was preserved for generations on library shelves before it was carefully scanned by Google as part of a project to make the world's books discoverable online.

It has survived long enough for the copyright to expire and the book to enter the public domain. A public domain book is one that was never subject to copyright or whose legal copyright term has expired. Whether a book is in the public domain may vary country to country. Public domain books are our gateways to the past, representing a wealth of history, culture and knowledge that's often difficult to discover.

Marks, notations and other marginalia present in the original volume will appear in this file - a reminder of this book's long journey from the publisher to a library and finally to you.

Usage guidelines

Google is proud to partner with libraries to digitize public domain materials and make them widely accessible. Public domain books belong to the public and we are merely their custodians. Nevertheless, this work is expensive, so in order to keep providing this resource, we have taken steps to prevent abuse by commercial parties, including placing technical restrictions on automated querying.

We also ask that you:

- + *Make non-commercial use of the files* We designed Google Book Search for use by individuals, and we request that you use these files for personal, non-commercial purposes.
- + *Refrain from automated querying* Do not send automated queries of any sort to Google's system: If you are conducting research on machine translation, optical character recognition or other areas where access to a large amount of text is helpful, please contact us. We encourage the use of public domain materials for these purposes and may be able to help.
- + *Maintain attribution* The Google "watermark" you see on each file is essential for informing people about this project and helping them find additional materials through Google Book Search. Please do not remove it.
- + *Keep it legal* Whatever your use, remember that you are responsible for ensuring that what you are doing is legal. Do not assume that just because we believe a book is in the public domain for users in the United States, that the work is also in the public domain for users in other countries. Whether a book is still in copyright varies from country to country, and we can't offer guidance on whether any specific use of any specific book is allowed. Please do not assume that a book's appearance in Google Book Search means it can be used in any manner anywhere in the world. Copyright infringement liability can be quite severe.

About Google Book Search

Google's mission is to organize the world's information and to make it universally accessible and useful. Google Book Search helps readers discover the world's books while helping authors and publishers reach new audiences. You can search through the full text of this book on the web at <http://books.google.com/>

THE UNIVERSITY
OF ILLINOIS
LIBRARY

469.05
RE
v. 4

**Return this book on or before the
Latest Date stamped below.**

University of Illinois Library

~~JUL 16 1963~~

JAN 26 1963

OCT 05 1981

to War
MAR 13 1986

L161—H41

REVISTA LUSITANA

REVISTA LUSITANA

662
518

Archivo de estudos philologicos e ethnologicos
relativos a Portugal

PUBLICADO

com a collaboraço dos especialistas portuguezes
e a de alguns estrangeiros

POR

J. LEITE DE VASCONCELLOS

Professor do Curso de bibliothecario-archivista
e Conservador da Bibliotheca Nacional de Lisboa

VOL. IV

LISBOA
ANTIGA CASA BERTRAND
75. Rua do Chiado. 75
1896

P O R T O

Typographia A. F. Vasconcellos, Successores
Rua de São Noronha, 34

NOTÍCIA DE ALGUNS MANUSCRITOS

DE

FR. JOAQUIM DE SANTA ROSA DE VITERBO ¹

E' bem notoria a individualidade e actividade do nosso consocio do seculo XVIII, Fr. Joaquim de Santa Rosa de Viterbo, como philologo e como erudito. O seu *Elucidario das palavras que em Portugal antigamente se usaram* constitue por si só um monumento. Viterbo, á semilhança de Du Cange, auctor do *Glossarium mediae et infimae latinitatis*, não se contentou com reunir a proposito de cada palavra archaica os textos em que ella apparece, mas tentou esboçar a história do facto que ella representa: assim geralmente cada artigo do *Elucidario* fórma como que uma pequena monographia, com interesse philologico e historico.

Testemunha de paciencia, labor e vasta leitura, esta obra, áparte os defeitos inherentes a trabalhos de tal natureza, tem servido de grande auxilio a todos os que ou necessitam de conhecer a significação de um termo desusado, ou examinar as fórmas revestidas por um vocabulo no decurso dos tempos.

Apesar do grande merecimento d'este auctor, a sua biographia é pouco conhecida, tendo-nos apenas deixado um esbôço d'ella Fr. Francisco dos Prazeres Maranhão num pequeno opusculo; Innocencio da Silva, para o seu *Diccionario Bibliographico*, nada mais pôde alcançar além das noticias ministradas por Fr. Francisco dos Prazeres.

Portanto, qualquer novo elemento que se colha neste sentido, parece-me que deve ser bemvindo.

Eu tenho grande veneração por Viterbo, não só por elle se haver dedicado a uma ordem de estudos em que tambem trabalho, e por eu ter aproveitado muito nos seus escriptos, mas porque elle nasceu na minha provincia, e perto da minha terra.

Por occasião de ir a esses sitios, isto é, á Beira-Alta, nas passadas férias do Natal, procurei os representantes da familia de Viterbo, e obtive d'elles alguns manuscritos que pertencêrão ao prestimoso frade.

Estes manuscritos são os seguintes:

¹ Communicação feita á Academia Real das Sciencias de Lisboa, em sessão de 24 de Janeiro de 1895.

— Um volume que consta d'uma contestação escrita por mão de Viterbo em nome dos moradores de Gradiz contra os monges de S. João de Tarouca, que, possuindo em Gradiz apenas um limitado praso, pretendião, havia uns 300 annos, ser senhores de todo o territorio. Esta contestação basea-se em muitos documentos medievaes e posteriores, extrahidos dos archivos; além d'isso contém regras de critica diplomatica, e até mesmo observações philologicas. A redacção do escrito é tambem curiosa por nos revelar a feição critica de Viterbo. No fim vem uma planta ou mappa de Gradiz.

— Outro volume com este titulo: *Reflexoens breves, historicas, criticas, chronologicas e juridicas que arruindão pelos seus fundamentos toda a monstruosa fabrica de falsidades, prejuizos e intrigas com que Manoel de Meyrelles se pretende intitular «Senhor de Gradiz», não sendo mais que emphyteuta de um pequeno prazo que tem no dito logar o Mosteiro de S. João de Tarouca. Anno de 1786.* Este vol. não é de lettra de Viterbo; mas o fundamento da materia é o mesmo que o do vol. precedente.

— Outro volume, sobre o mesmo assumpto, contendo muitos documentos extrahidos dos archivos, etc. No fim ha um «Mappa das divisoes entre Gradiz e o Grajal», segundo um foral da Idade-Média.

— Vários papeis avulsos sobre o mesmo assumpto, contendo tambem documentos tirados de archivos, etc.

Estas quatro classes de papeis estavam encerradas numa pasta de couro, em cuja lombada se imprimiu em lettra dourada: *Gradiz libertado.*

A predilecção de Viterbo pela causa de Gradiz explica-se por ser tal povoação a sua patria, e elle possuir ahi bens de raiz. Com effeito, Viterbo era rico proprietario, tendo deixado a seus sobrinhos boa fortuna, espalhada por differentes localidades.

A' questão de que se trata nos citados documentos se refere tambem Viterbo no *Elucidario*: vid. no indice do mesmo, elaborado por Fr. Francisco dos Prazeres, a palavra «Gradiz». Esses documentos, além dos factos novos que encerram, servem pois tambem de commentario explicativo aos respectivos artigos do *Elucidario*.

Obtive mais outros papeis e documentos, que aqui enuméro:

— Uma collecção de cartas de differentes individuos, mandadas a Viterbo, tendo algumas ainda o sobrescrito dirigido para o convento da Fraga, na Beira-Alta, onde elle residiu muito tempo, e onde morreu, e está sepultado.

— Uns apontamentos sobre lavoura. Estes apontamentos relacionão-se talvez com o facto de Viterbo ter escrito, segundo diz o seu biographo, uma *Botica rural*, que não chegou a imprimir-se.

— Um maço de papeis, contendo *Apontamentos para persuadir a paz*; diversos apontamentos mysticos; o rascunho de uma carta de Viterbo em resposta a um convite que lhe fizeram para propôr os meios de reformar a ordem de S. Francisco; papeis sobre assumptos vários. Alguns dos papeis d'este maço devião servir a Viterbo para

os seus sermões; ha d'elle effectivamente um volume de Sermões, publicado anonymo.

— Um caderno intitulado: *Relação breve, historica e chronologica das contestaões que tem havido nesta provincia da Conceição, desde a sua creação, até o presente, por occasião das «precedencias», entre os Mestres e Prégadores*. Com este caderno relaciona-se outro ms. que consta de um requerimento dirigido ao Principe Regente, baseado em documentos historicos.

— Um maço de papeis contendo: um privilegio concedido pelo Nuncio Apostolico a Viterbo; o diploma d'este, de Socio da nossa Academia; apontamentos diversos.

Além d'estes mss., que hoje me pertencem, vi ainda os dois seguintes, de que espero posteriormente obter cópia:

— *Thesouro da misericordia divina e humana* (traducção).

— *Companheiro fiel ou venimecum indispensavel* (ao minorista). Trata de exorcismos, etc. Está porém por acabar, e faltão-lhe algumas folhas.

Os dois mss. ultimamente mencionados vêem tambem referidos na lista das obras ineditas de Viterbo, feita pelo seu biographo.

— Nesta lista figura mais a seguinte obra: *Historia universal e chronologica da Igreja de Portugal*. Diz Fr. Francisco dos Prazeres: «D'esta obra, rara, e de muito merecimento, só deixou ordenado o prologo. Compreendem-se em dois tomos de folio e cinco de quarto os materiaes para a dita historia; ainda que em grande parte estão semeados de outras materias. D'ella se podem tirar differentes obras estimaveis». Acrescentarei alguma coisa a esta notícia. Segundo informações que me derão na Beira, Viterbo foi uma vez ameaçado de que o querião roubar, e por isso depositou nas mãos de um amigo a *Historia Ecclesiastica*, que afinal foi parar ao Seminario Episcopal de Viseu, onde hoje se deve achar. Quem me communicou isto, asseverou-me que viu ahi a obra, e que ella consta de muitos volumes.

*

Innocencio da Silva, ao mencionar no *Diccionario Bibliographico*, segundo as indicações de Fr. Francisco dos Prazeres, as obras ineditas de Viterbo, diz que ignorava o destino d'ellas. Os apontamentos que acabo de lêr mostram que felizmente nem todas se perdêrão.

Num dos documentos que possuo, copiado de um archivo por letra de Viterbo, vêem indicados os titulos d'elle assim:

«Fr. Joaquim de Santa Rosa de Viterbo, religioso professo na Santa e Real Provincia da Conceição dos Menores Observantes Reformados d'este Reino de Portugal, *Leitor jubilado*, Escritor Público, Socio da Real Academia das Sciencias de Lisboa, Diplomatico e autorizado por Sua Alteza Real para dar fé dos mesmos originaes ás cópias que extrahir dos documentos antigos &c».

Este documento encerra um elemento novo para a biographia de Viterbo: é a circumstancia de elle ter sido *Leitor jubilado*. Por *leitor*

deve aqui entender-se, como penso, «lente» ou «professor». Também em algumas cartas dirigidas a Viterbo se lhe chama: «Padre Mestre jubilado», e «Padre Mestre Fr. Joaquim». Com este facto do professorado relacionão-se provavelmente os dois escritos sobre as *Precedencias* de Mestres e Prégadores, de que fallei acima. Não sei de que elle era lente; talvez o fosse de Theologia, pois que, conforme lembra o seu biographo, elle deixou inedita uma obra, que provavelmente se perdeu, intitulada *Apparatus ad universam Theologiam*.

O privilegio real de as suas cópias de mss. antigos fazerem fé em juízo, como se fossem os proprios originaes, já nos era conhecido da biographia que d'elle deixou Fr. Francisco dos Prazeres. Alguns dos documentos que possuo vêem sellados com o seu sêllo e signal. O sêllo consta do brazão papal, tendo em volta, na orla, a seguinte legenda: F. JOACH. A. D. R. N. A., que interpreto d'este modo: *Frater Joachinus* (ou *Joachin*) *a Diva Rosa, Notarius Apostolicus*.

No verso de um dos papeis de Viterbo está exarada uma nota moderna, feita por um sobrinho, em que este declara ter offerecido a um cavalheiro de Coimbra uma carta escrita por um francês a Viterbo, na qual o auctor d'ella lhe tece os maiores elogios. Ou o nome do francês não vem bem copiado, ou elle não apparece nos dictionarios biographicos que consultei: por isso nada posso dizer do grau de auctoridade que o auctor da carta teria para louvar Viterbo.

Em todo o caso, tanto por esse facto, como pelos louvores a que acima me referi, consistentes já em privilegios reaes, já em titulos academicos, já em deferencias da parte dos proceres da Igreja, já em consultas ponderosas que lhe fazião, vê-se que o nosso confrade, não obstante a acrimónia com que o tratárão alguns dos seus contemporaneos, gosou, emquanto vivo, de muita reputação e de muita estima, que não cessárão até hoje, pois em todos os trabalhos que, quer no país, quer fóra, se escrevem sobre história e philologia portuguesas, o seu nome apparece justamente citado.

As censuras a que acabo de alludir fôrão em parte devidas a certa critica de que Viterbo usou no *Elucidario* ao apreciar as coisas monachaes e ecclesiasticas. As quatro classes de documentos, que comeei por citar, referentes á secular questão dos moradores de Gradiz com os religiosos de S. João de Tarouca, ministrão, como já lembrei, factos em que o espirito crítico de Viterbo se revela também: e isto não provocaria contra elle menos animosidades do que os artigos do *Elucidario* provocárão. Mas não accusemos nós hoje a memoria do douto e benemerito frade do convento da Fraga, por este haver exercido um dos mais acataveis direitos que quem estuda deve exercer. A critica sincera e justa, embora feita com severidade, é sempre salutar para todos.

J. LEITE DE VASCONCELLOS.

COSTUMES DO TEMPO D'EL-REI D. MANUEL ¹

Não é só nos trabalhos litterarios e historicos que se encontra menção dos costumes populares em todas as suas manifestações; tambem d'elles nos restam vestigios nos documentos, — nos officiaes ainda mais do que nos particulares —, os quaes, quando convenientemente explorados, nos darão material immenso para o seu estudo. E' principalmente nas cartas de perdão que vamos encontrar, em toda a sua franqueza, fragmentos do antigo viver português, tanto domestico como publico. Só a indicação summaria, durante os seculos xv e xvi, d'estes factos seria sufficiente para encher volumes. Por isso na seguinte collecção são transcriptos apenas alguns documentos da Chancellaria de D. Manuel (1495-1521), que pelo seu character especial podem dar ideia do valor que contêem estes registos. O documento xii é o unico da sua classe nesta chancellaria. Provavelmente é dos *ichacorvos* que descendem os *benzedores* e outros individuos da mesma especie.

PEDRO D'AZEVEDO.

I. — Dom Mannel etc. saude, sabede que gujomar ffernandez, morador na Ilha de Santiago, na Ribeira Grande, nos emviou dizer que francisco ssoarez, corregedor que em a dita Ilha faleceo, mandara prender a ella ssobrepricante por Resam de hua devasa que sse em a dita Ilha tirou, a quall a culpauã algumas testemunhas dizendo que ella sobpricante era alcoveteira de negras e feiticeiras, da quall culpa e devasa ella sobrepricante provaria como era sem culpa allgua, e que por sse não achar o feito per que ella ssobpricante fora livre, nam tirara sentença do proceso etc.

Dada em a nosa cidade de lixbõa aos xx dias do mes doutubro El-Rey o mandou per dom Pero, bispo da goarda seu capellão moor, e pello doutor gonçalo dazevedo, ambos do seu conselho e desembarguo e seus desenbargadores do paaço. Joham Lourenço a fez año do nacemento de noso senhor. Jhun x.º de mjil e bcj anos.

(Liv. 46, fl. 70).

II. — Dom manuell etc. A vos Juizes e concelho homes bos da nosa vyla de serpa fazemos vos sabêr que nos diseram ora que huu alvaro afonso, emqueredor desa vyla, ter feito no dito officio taees eros per que os com direito perde per bem de nosas ordenaçõs. s. que

¹ Appendice ao artigo *Benzedores e feiticeiros do tempo d'El-Rei D. Manuel*, publicado na *Revista Lusitana*, III, pag. 329 sqq.

ele fora baregeyro toda sua vyda e que asy per muitas vezes se aqueixavã dele as testemunhas por não saber emquerir, por que estando com ele emquerindo se pasava alguma negra, deixava de emquerir e se hya apos ela e que quando vynha asinava sem emquerir nem perguntar nem ler o testemunho, como fizera em hua emquyrjção em que ele fora emqueredor e pere anes tabelliam e escrivam, em que fora testemunha hua filha de martim dominguez, que ele se lançara a dormir e que despojs das testemunhas perguntadas o tabelliam o acordara, sem ler nem emquerir nem perguntar asynara os testemunhos; e que asy fujira com hua negra pera castela leyxamdo sua mulher e filhos e que asy era Infame por que huu dia, por huu vytẽ que lhe derã certos homes que se ajuntarã, ele tomara e posera em sua cabeça hua carocha de papell e se fora con ela a parça o que fizera publicamente e que asy tomava huu bordão que trazia na mão e o punha ao pescoço e tamjia com ele como gajta de negro publicamente e asy era tolheito das pernas e os tabalyones lhe serviã por ele muitas vezes pelas quaes causas e erros ele perdia o dito officio e nos com direito podyamos dele fazer merçe a quem nos prouver etc.

Dada em evora xiiij dagosto. el Rey o mandou per o Licenciado Ruj da grãa do seu conselho e chancellor mor em seus Reinos e senhorios etc. Antonio Marquez a fez ano de j bº xx anos.

(Liv. 35, fl. 112).

III. — Dom manuell etc. saude sabede que Francisquo de Macedo, escudeiro de nosa casa e morador na villa dalamquer, nos enviou dizer per sua Emformação que em huu dia bspora da trimdade do anno passado de mill. e bº annos, elle chegara a huu logar que se chama o Tojall, termo da dita villa, com sua mulher por serem convidados pera huu pimtecoste que se no dito logar fazia e que estando asy no dito lugar, hun dia a boca da noyte a requerimento de huma Isabell rroiz, mulher solteira e morador na do Olhalluo, termo da dita villa, e de huu Bertollameu Fernandez, tyo da dita Isabell Royz, e para ello foram requeridos yso mesmo certos parentes e amigos da dita Isabell rroiz e Bertollemu Fernandez per averem de saltar aquella noyte com huu Filipe Pirez, morador nesta nosa cidade de Lixbõa, que aquella noyte avia de hir dormyr a casa da dita Isabel rroiz, asy como estava em costume e fazia avia bem dous annos quada quando a dita Isabel Roiz queria, sem nunca o dito filipe Pirez a querer Receber por mulher e sobre ella e elle sopriquamte com os ditos parentes e amigos fizerã conselho pera detryminarem o que aviã de fazer, o quall comselho tanto que feito, foy loguo ao serão, partyrã todos do dito lugar do Tojall pera omde Jazia a dita Isabel rroiz com o dito filipe Pirez, ambos os quaes todos hiã armados huns com coiraças e lanças, espadas e... despadas e capas e chegarã a elles emtre as onze oras da dita noute, pouco mais ou menos, e saltarã com os sobre ditos homde asy Jaziã em huma cama e tanto que asy chegarã fezerã vir huma quamdea, per força comtra vomtade do

dito filipe pirez o fezerã Receber com a dita Isabel roiz por marido e molher e tanto que fora manhã, no dia seguinte, o dito filipe pirez se fora dele sopriquãte e dos outros todos agravar as nosas Justiças da dita força e sobre ella fora tirada Inquiriça, na quall elle sopriquante fora culpado e por ella fora preso sobre sua menaje, como ho ajnda hera na dita nosa cidade e por ello o dito filipe pirez o demandava polla ImJurea e male que lhe asy fezera e se procesara tão no dito feito que estamdo Em termos de contraditas, Elle se chamara as ordees e per ello lhe fora asynado termo que fezese certo como ao tempo do maleficio esta(va) onesto Em abitos de tomsura e que estamdo ho feito nestes termos o dito filipe pirez quereioso sob lhe viera perdoar todo mall, dapmno etc.

Dada em a nosa cidade de lixboa aos bij dias do mes dagosto... Johã alvarez a fez anno do nacimiento de noso senhor Jhun x.º de mill e bº e hun annos.

(Liv. 46, fl. 63).

IV. — Dom manuell etc. saude sabede que martym mendez, escudeiro, morador na vila de Castell Branco, nos emviou dizer per sua pitiça que andando Juguando a bola cõ outros e temdo ele deferença sobre os Rysquos do dito Jogo, hu Duarte Roiz, crystã novo, falara dizemdo que se matarã no dito Jogo Rysquos ao que elle sopricãte Respondera que nã crya em deus se tall era verdade etc.

Dada em lixboa aos xx dias do mes de Julho el Rey o mādou por dõ pero, bispo da guarda, etc. e polo vigairo de tomar etc. Diogo laso a fez de mjl e bº xiiij ãnos.

(Liv. de Legitimações, fl. 137).

V. — Dom Manuell etc. saude, sabede que Gonçallo, filho de Johom roiz Cinza, natural da villa de Borba nos envjou dizer per sua enformaçõ que seemdo ele moço de hidade de nove annos, pouco mais ou menos, andamdo Jugando o dardo na dita vila cõ outros moços e meninos, huu moço bertolomeu da dita sua hidade, que yso mesmo cõ elle Juguava, em elle supricante lamçamdo ho dardo cõ que Jugava, teemdo ja lamçado, o dito bertolameu se atravesara no Joguo E o dito dardo lhe dera huma ferida na cabeça da quall viera falecer da vjda presente per cajan, seemdo ambos grandes amigos, brimcamdo e folgamdo comthenuadamente, a quall cajan e morte aqueecera a vera bem doze ou treze annos, pouco mais ou menos, por bem da quall elle supricante amdava sempre por elo amorado etc.

Dada em a nosa cidade de lixbõoa aos xx iiij dias do mes de mayo etc. Johom Alvez a fez anno do nacimiento de noso senhor Jhu x.º de mjl bº e hum annos.

(Liv. 45, fl. 1190).

VI. — Dom manuell etc. saude sabede que Johom anes, morador em Aris do concelho de Pera, nos emvjou dizer que poderja aver dous

annos, pouco mais ou menos, em Dominguo de Ramos andando elle Jugamdo o malhã com cimquo ou seis homes e que huu delles era huu seu Irmãao per nome Pero, home solteiro, E que o dito seu Irmãao Jugara primeiro com o dito seu malhão e dera Junto com a ealva (?) e se abaixara para soprar no fito e que stamdo soprãdo, elle supricante Jugara logo atraz elle, E que em alevamtãdo a cabeça o malhã delle supricante hia Ja pelo aar, e que os outros Jugadores que hy stavam começarã a bradar e dizer que sse guardasse do malhão, e elle se nõ podera guardar tam asinha, que o dito malhã lhe nom dera primeiro na cabeça e lhe fezera huua ferida e steuera della bem e servia em todo o que lhe seu pay mãdava bem hi x dias e mais, E que emtam lhe viera huu prioris de que loguo morrera. Etc.

Dada na nosa cidade de Lixbõoa a xx vij dias do mes de março. el Rey o mãdou perdom pero bispo da guarda, e pello doutor gomçallo dazevedo, ambos do seu comselho e seus desembarguadores do paaço Johom afonso a fez. Anno do Nascimento de noso senhor Jhun x.º de mjll bº e hun anos.

(Liv. 45, fl. 890).

VII. — Dom manuell etc. saude, sabede que Joham afonso, lavrador, morador em Chusemdo, termo da villa de Fomte Arcada, nos emviou dizer que estamdo na dita aldêa de Chusemdo, per dia de samta g (sic), com toda a gente do dito loguo que vinham de huua preçisam, E que depois que vem da dita preçisam a dita gente tem por costume de Jamtarem todos Juntos naquelle dia, E que depois que asy Jamtarãm começarãm de follguár e camtár e baylar e Juguár, E que em amdando asy Jugãdo e folgãdo chegarãm dous mamçebos, ambos Irmãos, s. hun Joham martinz, morador no Villar, termo da dita villa, e huu pero martinz, morador na dita villa, E asy como chegarãm a Remeterã a huu Joham vaaz, que andava Jugamdo os mamcãees, e o levarã a térra E que a esto acodiram homees e molheres pera os averem dapartár dizendo *estay quedos, estay quedos*. E que quãdo ele dito Joham afonso, sopricante, cheguara vira amdãr ho dito Joham martinz peguãdo no dito Joham Vãaz com huu punhall na mão sem baynha e o dito Joham Vãaz era Ja ferido em huma mão E que huu Joham Roiz e huu Johã martynz Rapõso sobrinhos do dito Joham Vãaz amdavã pegados no dito Joham Martinz. E que o dito Pero martinz tinha huma lança nos peitos ao dito Joham vãaz e que ele dito sopricante lhe abatera a lança e o aJudara a empãrar quanto pode, cuidamdo que os ditos Joham martinz e pero martinz Irmãos ho queriam matár, E que o dito Joham Vãaz, como se vira fora das mãos dele ditos Irmãos, fugira pera fora do luguar e Indo Ja fora bõ pedaço do dito lluguãr chegara huu Afonso Martinz Juiz da dita villa bradamdo que fossem todos apos ho dito Joham Vãaz E que o prendesem, pollo qual foram apos elle E que o nom poderã Ja tomãr. E que por elo ho dito Juiz culpãra a elle sopricante E asi a todo los outros que ho aJudarã a apartar, dizendo que ele dera todo seu com-

prido poder aos ditos però martinz e Joham martinz que eles prendesem o dito Joham Váz por ser cullpado em huua devasa que dormira com huua moça solteira, filha de huu fernam gomçalvez e de Ines gonçalvez, moradores na dita aldeia, a quall moça se chama Ines E que ele dito sopricamte quando ho caso da prisam do dito Joham Váz fora nã sabia que ho dito Juiz ho vinha prender nem menos sabia que os ditos Irmãos tinham poder nem autoridade de Justiça pera prender o dito Joham Váz nem tam pouco sabiam seu omezio por quanto ho viã andar de contino e de praça sempre perante a Justiça etc.

Dada em lixbõa a xxb dias de fevereiro El Rey o mandou per o doutor gonçalo dazevedo e dom amrrique Coutinho, ambos do seu conselho e desembargadores do paço, Diogo laso a fez. anno do Nascimento de noso senhor Jhun x.º de mill e bº e hun annos.

(Liv. 45, fl. 220).

(A fl. 90 do Livro 46 está registada uma carta de perdão a João Martinz implicado tambem no caso. Por ella se vê que a festa se dava propriamente no sítio chamado: Estronca e que Pero Martinz morava nas Serras, termo de Fonte Arcada).

VIII. — Dom manuell etc. saude, sabede que giomar gil, molher da fomsse anes barqueiro, morador en aldeia galega, Rybatejo, nos emujou dizer per sua pitiçam que ella fora pressa na prissam e cadea da nossa corte, por se contra ella dizer que semdo huu diogo lourenço, Juiz na dita villa daldea galega, ele per bem de Justiça lhe mādara lamçar hospedes, da qual coussa ella ssopricamte sse aqueixara e doestara o dito Diogo Lourenço, Juiz, de maas palavras Injuriosas dizem do que era *bujz* e nã *Juiz* e que ano seria Juiz e outro *bujz* e que era huu *fany fany fanhoso* e que era ella que nã era *majs* que Diogo Lourenço que nã vallia nada dizemdo lhe outras palavras Injuriosas e de dessobediência ssobre seu ofício de Juiz etc.

Dada em a nossa cidade de lixbooa a sejs dias do mes de março. El-Rey o mādou perdon amrrique coutinho, fidalguo da ssua cassa, e per o doutor gonçalo dazevedo, ambos do sseu conselho e dessembarguo e sseus dessembareguadores do paco e pitiçõees etc. Diogo Laso scripuam do dito dessembarguo a fez ãno do nascimento do nosso Snor Jhuu x.º de mjll e quinhentos e huu anos.

(Liv. 45, fl. 24).

IX. — Dom Manuell etc. Saude, sabede que Pero Bertolameu, home simprez, morador em o Torrenho, termo de Moreira, nos emviou dizer que poderia ora aver dous annos pouquo *majs* ou menos, que elle fora demandado por huus Judeus siseiros por *mjll* e *ijjº* reaes que

lhe leuaram de sisa emguanosamente e em asy o trazendo em demanda, vendo se asy perdido por ser homem muyto prove e nom ter domde pagar o dinheiro, saluo prenderem no e ho meterem na quadea homde comesse os pees e as mãas, diz que vindo helle huu dia com seus vizinhos viera a dizer — *que maa pedra de corisquo viesse que metase el Rey que asy consintia destruir os pobres a mádos de bulrrões* — nom lhe parecendo que nisto caia em pena por ser homem muy simprez, pella quall Razam se elle amorara e amdaua oje em dia amorado com temor das nosas Justiças de o pola dita Razam prendem etc.

Dada em a nossa ujlla de setunall a xiiij dias do mes de majo. El-Rey o mandou pelos doutores fernam Roiz do seu comselho, dayam de cojnbra e gonçalo dazenado, ambos do seu cõselho, desembargadores do paço. Johan Jorge a fez anno de mjlj iiij^o lRbj annos.

(Liv. 34, fl. 51 v.).

X. — Dom Manoell etc. Aquantos esta nosa Carta virem, fazemos saber que por sabermos ho acrescentamento em que cada dia vay a povoação do lugar de tancos por onde com Rezam se deue fazer fauoor e merçe aos moradores dele se posa chamar villa a qual damos de termo do Tejo pola Ribeira do seball e dali limitarõ o dito termo de Tancos polo monte acima até chegar a hu monte onde está huu grande monte de pedras e hua souerinha, o qual monte por ser lugar asynalado o dito Juiz ouue por marco e os fiejs lhe posserõ ajnda cada huu sua pedra. e no meo do dito outeiro se pos outro marco e cada fiell sua pedra e outra estrada que hy está meterõ outro marco com outras tantas pedras que hos ditos fiejs poserõ etc.

Dada e a nossa çidade de lixboa aos sete dias de setnbro. Antonio Paiz a fez de mjlj b^o xbij.

(Liv. 10, fl. 100).

XI. — Dom Manuell etc. A vos Reveremdissimo em Christo padre dom george da costa, per merçee de deus e da santa egreja de Roma, arcebispo da cidade de bragaa e primas das espanhas e nosso loguo teemte, saude cinsera (*sic*) deleiçom ¹ praz a nos saber que gonçallo luis, cleriguo de missa, nos disse que huu Johom do porto tem huma egreja a cerqua do estremo de galiza que se chama sam mome de sibões, em terra de Regallados, que era do nosso padroado o qual Johom do porto nõ sabia leer nem escrepuer nem Rezar que pertencia aos cleriguos saber e por sseer Inorante e por outros alguns exceiços que diz el fazer fora suspensso pelo doctor sebastiam

¹ *Seu locum eius tenenti salutem et sincere dilectionis affectum.* E' assim a fórmula nos documentos em latim do tempo.

lopez, vosso provisor, que ora falleceu e el estava della suspenso sem se menestrar aos fregueses officio devino per bem do qual se asy he como a nos disseram e que pellas sobre ditas Razões o dito Johom do porto a perde etc.

Dada em a nossa cidade de lizboa aos xiiij dias do mes de março el Rey o mandou pello doutor Ruy boto do sseu conselho e chanceler moor em seus Regnos, senhorio-aluaro Diaz, scripuã de pero borges, fidalguo da casa do dito senhor e escriptuam da sua chancellaria a fez anno do nacimiento de noso senhor Jehu christo de mjl e bº j annos. (Liv. 17, fl. 170).

XII. — Dom manuell etc. fazemos saber que Joan gomcaluiz, morador em vila cova do conselho de vila marim, nos emviou dizer per sua pitiçam, que sendo ele meyrinho e cacerejro no dito conselho ãno passado de mjl e bº xij annos, a ele sopricante fora entregue hum Joam gomcaluiz, morador no dito conselho, por se dizer comtra ele que dormina por força com hua maria alvarez e asy lhe fora emtre-gue hum gomcalo pirez por se comtra ele dizer que andava Ihacorvando (*alias icha corvando*) e enganando ho povo e que tendo hos asy presos lhe vieram a fugir e que ho dito Joan gomcaluiz espidira hos feros dos pes e abrira hos feros com a chave que lhe furtaram e que ho dito gomçalo pirez fogira com hos feros pera a Igreja, hos quais presos que lhe fogiram tornaram loguo a cadea pelos mesmos casos, de maneyra que quenõ perecera Justiça, por bem do que ele sopricante amdava amorado com temor de nossas Justiças ho por elo premederem e que despois as partes lhe veram (*sic*) a perdoar segundo loguo nos fez certo per dous publicos estormentos de perdan..... e bem asy no outro se continha que per Joan Ramalho que ele lhe perdoava todo ho mall e perda e dãno que nisso Recebera por lhe asy fugir ho dito gomçalo pirez, etc.

Dada em a nossa cidade devra ao deradeiro dia do mes de fevereiro. El-Rey ho mandou per dom pero, bispo da garda e pelo vigay-ro de tomar etc. aluaro gonçaluiz a fez anno de j bº xiiij annos.

(Liv. de Legitimações, fl. 47).

(No mesmo livro a fl. 166 está uma carta de perdão a Dioguo Pirez, meirinho do Jugado de Villa Marim, por causa da fuga do icha-corvos. Por ter alguns pontos novos merece a pena transcrever-se parte. «Por dia de sam Johan bautista..... lhe fora emtreque huu Gonçalo Pirez, pardo, morador em gatom, termo de celoryco de basto, por se dizer contra ele que andava pella terra Ichacorvãdo e pree-gaamdo contra nossa defesa o qual ele sobpricante tinha preso com hus chouriços nos pees e mais a cadea do concelho com hu trebelho em hu pee e que hu dia vyndo ele ssobepricãte de fora cãsado de trabalhar em seus bees ceara e se lançara em sua cama cansado tem-

do o dito presso de maneira que dito he..... e lhe fogira etc.» *Foi feita em Lisboa a 31 de agosto de 1513*).

XIII. — Dom Manuell etc. Saude sabede que Clara Anes, moradora ém a villa de Tomar, nos enujou dizer por sua emformaçõ, que podera aver dous ãnos pouco mais ou menos, que huua filha per nome chamada ysabell, stamdo em sua casa e de seu marido Johom stevez, a sobredita sua filha viera a emprenhar sem ella sopricamte nen o dito seu marido saber parte de que emprenhara. E andando asy prenhe a dita sua filha da dita emprenhidam viera a adoecer e sseemdo doente lhe vierã dores pera parir. E veemdo ella sopricante como a sua filha ssobre dita staua em Risiko de morte por se nom exemplar chamara outra sua filha per nome chamada Breatiz Anes, molher casada, e quando ambas chegarõ a dita ysabell prenhada stava ja parida de huma criança nõ comprida nem se podia bem conhecer se era home se molher. E tanto que asy paryo por que a criança bolia a dita Breatiz Anes, sua filha, a bautizara e lhe posera nome Joane ou Joana. E tanto que asy fora bautizada a tomarom e emburilharã em huus pãnos e acudirã sobre a dita ysabell, may da dita creança, que stava pera se finir e lhe corregerom em que se lamçase. E tanto que assy corregerõ tornarõ a yer a dita creança a qual ja nom bolia e estava de todo finada e veemdo ellas como ja era finada por nã sseer de seu tempo, como molheres simprez e por se emxemprem emterrã a dita creança em huu quintal que stava nas ditas casas da dita Clara Anes sopricante polla qual Rezam asy elles como as ditas filhas per jurameto que lhe sobre elle fora dada diserã sseer todo verdade como elles Recontã na dita pitiçõ. E por a dita Rezom a dita ysabell he pressa na prisam da dita villa e ella sopricante e a dita Briatiz Anes outra sua filha que a ello fora presente andavom amoraças com temor das nossas Justiças o por elle auerem de premder etc.

Dada em a nosa cidade de lixboa aos onze dias do mes de março. El-Rey o mandou per dom pero, bispo da guarda, seu capelã moor etc. per dom anrrique continho do seu conselho e desembarguo, anbos seus desembarguadores do paço etc. Johom alvez a fez anno do nascimento de nosso Snnor Jhu x.º de mjll e bº hu annos.

(Liv. 45, fls. 62 e 129 v.).

DIALECTOS ALEMTEJANOS

(Contribuições para o estudo da Dialectologia Portuguesa)

V

LINGUAGEM POPULAR DE JUROMENHA

Numa excursão que fiz pelo Alemtejo nas férias do Entrudo de 1891, estive em Juromenha uma ou duas horas, e nas conversas que lá tive com o povo, pude observar na linguagem o seguinte, que bem pouco é:

1. O *e* nasal tem um som entre *é* e *ê*, embora talvez menos aberto que o *e* hespanhol; poderia representa-lo por *ẽ*. Por exemplo: *ẽnté*, *vẽntẽm*. O mesmo antes de consoante palatal: *tẽho*, *tẽha*, *tẽmos*: cfr. *Dial. alemtej.*, II, 4. Os exemplos *ẽnté* (= *inté*, como se diz no Norte, por *até*) e *vẽntẽm* (= *vintem*) mostram, de mais a mais, que não ha sympathia pelo *i* nasal átono: cfr. *Sub-dial. alemtej.*, pag. 10.

2. a) O ditongo *ou* condensa-se em *ô*, o que é normal na maior parte do Alemtejo: *pôco*, *môco*, etc.

b) O ditongo *ei* tambem se condensa em *ê*: *êra*, *tranquêra* (abertura nas paredes lateraes das portas para metter a *tranca*; nella costuma o povo guardar tambem as *pedras de raio*, para livrar de raio a casa).

c) Ouvi *pôx* em vez de *pois*, com *ô* por *ôi* (se não representa o arc. *pos*).

3. O *s* e *z* iniciaes de syllabas são mais sibilantes que os de Lisboa.

4. Dá-se paragoge de *i* em *cahíri* (= *cahir*), *praguntári* (= *perguntar*), etc.: cfr. *Dial. alemtej.*, I, 5. — Este *i* é muito claro.

5. Nasalação final emphatica, como no Alandroal: *férrũ... me-tádi... cahíri...:* cfr. *Dial. alemtej.*, II, 1-b.

Os §§ 4-5 mostram que em vez de *e* final átono só existe *i*.

6. É' notavel a fôrma *pirandula* (= *pyramide*). No Norte diz-se *pirámbula*. — Em ambas estas fôrmas ha sympathia pela terminação *-ula*; cfr. *Dial. interamn.*, III, pag. 20. O desenvolvimento popular d'esta terminação deve ser recente. — A fôrma *pirandula* pôde explicar-se por *piram(i)de* + *-ula* (syncopando-se o *i* postonico, e nasalando-se o *a*, por o *m* se não poder sustentar antes de *d*, segundo as leis da lingua); a fôrma *pirámbula* pôde explicar-se por **piram(u)la* (= *pyrami(d)e* + *-ula*), com epenthese de *b*, como na fôrma pop. *túmbulo* (ou *tumblo*) = *túmulo*, etc.).

7. Uma exclamação frequente é *sinhôra!* ou simplesmente *nhôra!*,

ainda referindo-se a homens. — O mesmo tenho observado noutros pontos do Alemtejo (Alandroal). — E' provavel que o *a* final nascesse de um *e* paragogico, por influencia do *r* (cfr. § 11).

8. Diz-se *munto* (= litter. *muíto*, que se pronuncia *mũito*), — o que é frequente no país.

9. Uma particularidade morphologica curiosa é *temos-a*, correspondente a litter. *temo-la*. D'este phenomeno me occupo desenvolvidamente no 2.º artigo sobre a linguagem do Alandroal, publicado adiante.

10. Nos verbos notei estas fôrmas, além de *tênho*, *tênha*, que já indiquei no § 1: *háí*, como nos *Dial. alemtej.*, II, 10-a; *andéve* (3.ª pess. do pret. perf. indic.), como nos *Dial. alemtej.*, II, 10-b; *sequéra* (correspondente ao litt. *sequer* ou *siquer*), onde talvez haja um simples *e* paragogico, mudado em *a* por influencia do *r* (cfr. § 8), pois não me parece dever explicar-se a palavra por *se queira*.

Juromenha fica na margem direita do Guadiana, que a separa da Hespanha. Apesar d'este facto, nada observei que mostre que a grammatica hespanhola influa na linguagem da localidade. Pelo contrário, encontrei um hespanhol, natural da raia de lá, o qual, vivendo em Juromenha havia quatro annos, fallava o alemtejano com toda a perfeição, sem em nada se revelar hespanhol, pelo menos numa conversa rapida, como foi a que teve comigo; o seu *s* era como o de Juromenha.

A minha impressão foi que a linguagem d'esta terra não differia fundamentalmente, se em verdade alguma coisa differe, da do Alandroal.

VI

LINGUAGEM POPULAR DE PORTALEGRE ¹

Na mesma epocha em que estive em Juromenha, estive tambem em Portalegre; mas apenas me demorei nesta cidade uma tarde; por isso pouco pude colhêr de importante.

1. O *u* tonico sôa *ü*, como no Fundão e em Ponta Delgada ², por exemplo — *riua* (= lat. *ruga*), *dúas* (= lat. *duas*); ao ditongo *ou* corresponde *õ* ³ em syllaba coberta, e *õü* (i. é, um ditongo com a subjun-

¹ Em várias partes do districto ouvi dizer ao povo *Porto-Alegre* e não *Portalegre*. Effectivamente aquella fôrma é a primitiva. De *Porto-Alegre* passou-se para *Portalegre*, em virtude do mesmo phenomeno phonetico, pelo qual de *Porto-Antigo* se passou para *Portantigo* (no rio Doiro), e de *Santo-Antonio* para *Sant'-Antonio* (passim), etc.

² Cfr. um art. do sr. G. Vianna na *Rev. Lusit.*, I, 224, onde, em vez de «*u*» sueco, se deve lêr «*u*» norueguês. Eu marco por *ü* o som representado por *ü* no cit. art. da *Rev. Lusit.*

³ E' o mesmo som descrito pelo sr. G. Vianna na *Rev. Lusit.*, *ib.*, *ib.*, e lá notado por *õ*.

ctiva *u* reduzida) em syllaba final, por exemplo — *põco*, *mõco*, *andõũ*, *sõũ*. — Conheço factos analogos numa boa extensão desde o Norte do Alemtejo até à Beira-Baixa, na mesma longitude: d'aqui se vê como os phenomenos linguisticos podem ter distribuição geographica regular.

2. Notei tambem que em Portalegre o *a* tonico medial e final tinha o mesmo valor que o *a* de *cal* na Beira-Alta: isto é, que era gutturalizado. Por ex.: *pv*, *pvi*, *cvl*, *cv*.

3. As vogaes, antes de consoantes nasaladas, como no Alandroal, por ex.: *cõmo*, *mẽnos*, *ũa* (*ũ* nasalado).

4. Como no geral do Alemtejo, diz-se *á de F.* por *em casa de F.*: cfr. *Sub-dial. alemtej.*, pag. 19.

5. A palavra *lavutar* significa *conviver*.

6. O ditongo *ei* condensa-se em *é*, antes de consoante, por ex.: *manéra*.

7. O *e* final tonico tem uma particularidade, que não posso pôr aqui descrever agora; além d'isso recebe um *i* de encôsto: cfr. *Dial. alemtej.*, 1, 3. Notado esse som provisoriamente por *ë*, temos pois: *pë-ĩ*. Igualmente *rëĩ*, *vintëĩm* (= vintem), embora o *ë* (nasal) me parecesse mais fechado. — O *e* tonico de *render*, *menos*, tem outra particularidade para cuja descripção me faltão tambem os elementos nesta occasião.

As poucas linhas antecedentes bastão todavia para mostrar que a linguagem de Portalegre, comquanto pertença ao systema geral das fallas alemtejanas, constitue uma variedade, em virtude dos §§ 1 e 7. Ella estabelece transição para a da Beira-Baixa (§ 1).

VII

LINGUAGEM POPULAR DE CASTELLO-DE-VIDE

Em Portalegre, no mesmo dia em que colligi os factos do art. vi, tive occasião de fallar com uma mulher de Castello-de-Vide, em cuja linguagem notei o seguinte:

1. Como em Portalegre (vi, 1), temos em Castello-de-Vide: *dúas*, *ũa* (sendo o *ũ* nasalado: vi, 3): — *põco*, *mõco* (pouco, mouco), *nõte* (noite), *õvir* (= ouvir). Tambem a mulher dizia: *dõis*, *õtro*, *põis*, *de-põis*: o que mostra correspondencia de *õi* a *oi*. Em final: *võu*. — Ha portanto o seguinte parallelismo: a *ou* corresponde *õu* (final) e *õ* (medial): a *oi* corresponde *õi*. As fórmas *dõis* e *õtro* devem pois estar por *dois* e *oitro*, e não por *dois* e *outro*.

2. Achei um *a* gutturalizado em *riple* (= real). Cfr. Portalegre, § 2.

3. A' similhança de Portalegre, a vogal é nasalada pela consoante nasal seguinte: vid. sup., § 1, e, na linguagem de Portalegre, § 3.

4. Tenho nos meus apontamentos *xiguel* (= cheguei), o que mostra a condensação de *ei* em *é* (cfr. Portalegre, § 6), e que *ch* originário se muda em *x*, como em quasi todo o Sul.

5. O *e* tónico fechado da lingua commum ditonga-se; mas ao mesmo tempo adquire um som especial, para cuja descripção me faltão agora os elementos, mas que penso ser igual ao que no artigo sobre Portalegre notei por *ẽ* (§ 7). Exemplos: *mẽĩnos* (= menos), *dẽĩdo* (= dedo), *pẽĩna* (= pena), *pẽĩra* (= pera), *rẽĩgo* (= rêgo), *tẽĩmpo* (= tempo), *lẽĩmbro*. O facto dá-se tanto com o *e* oral, como com o nasal. Para syllabas finaes tenho o seguinte exemplo: *tambẽĩm* (= tambem), *bẽĩm* (= bem). — Nos meus apontamentos ha ainda o seguinte: *vẽĩncer* (= vencer); e *ẽĩsta* (= esta). — Com o signal *ȝ* quero notar um *i* pouco perceptivel: tanto isto é assim, que a minha primeira impressão foi que a mulher dizia *tẽĩmpo*, etc., verificando só em seguida que realmente era *tẽĩmpo*.

6. Como na Beira, desenvolve-se um *i* para evitar o hiato, em ligações como: *da i água* (= da agua). Cfr. *Dial. beirões*, II, 4.

7. Diz-se *Lisboa*, e não com *õ*, porque esta palavra nunca lá passou pela fórma *Lisboua*, que é a usada em geral no Norte.

8. O *s* e *z* não teem os caracteres da Beira, mas sim os mesmos que notei em Juromenha, etc. No fim de palavra e antes de consoante soão tambem *x*, como em todo o Sul: *ixpêlho*, *max só* (= mas só). — O primeiro exemplo mostra que na ligação *es-* o *e* não cáe, como no Minho: o segundo que *-s* se não assimilha a *s*-, como na Beira.

9. No § vê-se que *-elho* sôa *-êlho*. Esta terminação experimenta nas diversas fallas do reino várias modificações.

10. Em *perdido*, *sentido*, etc., a syllaba postonica *-do*, apesar de nella entrar uma consoante sonora, é proferida em voz baixa: facto commum na Beira.

D'este artigo conclue-se que a linguagem de Castello-de-Vide é muito vizinha da de Portalegre; e até talvez que uma análise mais perfeita do que a que me foi possível fazer mostre ainda mais íntimas analogias, se não identidade. Ella estabelece transição para a da Beira-Baixa (§§ 1 e 6).

Lamento não poder dar informações precisas ácerca do valor do *ẽ*.

Ao meu presado amigo e illustre collega, o sr. F. A. Rodrigues de Gusmão, facultativo em Portalegre, e professor da Eschola Industrial da mesma cidade, agradeço o incómodo que teve comigo em me facilitar o ensejo de conversar com as pessoas em cuja linguagem colhi os factos expostos neste artigo e no precedente.

VIII

LINGUAGEM POPULAR DO ALANDROAL

(2.º artigo)

Depois de ter reunido os factos que constituem o 1.º artigo sobre a linguagem do Alandroal (*Dialectos alemtejs.*, II) ¹, voltei àquella concelho nas férias da Paschoa de 1890, com o fim de explorar oficialmente as ruínas do antigo templo do deus lusitano Endovellico ², o que me levou mais de duas semanas. Durante este tempo offereceu-se-me muita occasião de fallar e lidar com grande numero de pessoas do povo, e, portanto, nas horas vagas que a exploração me deixava, e mesmo ás vezes durante esta, occupei-me em recolher tudo o que me foi possível para um estudo mais desenvolvido da linguagem do Alandroal. As pessoas com quem tratei pertencião a todas as classes e condições: pastores (que no Alemtejo constituem classe importante), homens do campo, pedreiros, criados de servir, vendeiros, — velhos, mulheres, crianças, etc. Nas férias do Entrudo de 1891 e nas do de 1892 voltei àquella villa, com demora de dias em cada uma das vezes ³. Aproveitei todo o tempo que pude em observar a linguagem; como, por um lado, a boa gente do Alandroal comprehendeu que o que eu queria não era rir-me d'ella, mas sim proceder a estudo; e como, por outro lado, eu andava sempre com o lapis e a carteira na mão, — facil me foi colhêr muitos materiaes, que hoje dou a lume neste 2.º artigo. Assisti mesmo a alguns arraiaes e festas populares (*bailharicos*), de modo que ouvi fallar tambem muita gente junta, — e d'este modo comparei certas pronúncias. Portanto, o meu estudo tem caracter de generalidade.

Por eu denominar o meu artigo *Linguagem do Alandroal*, não quero dizer que esta seja peculiar de lá. Como, porém, foi principalmente na villa do Alandroal que realizei as minhas observações glottologicas, pus no titulo do artigo o nome da villa. Tambem estive, mas quasi só de passagem, em Estremôz, Villa-Viçosa, Redondo e Juromenha: comquanto eu nesta série de artigos abra capitulos especiaes sobre as fallas d'estas povoações, não me parece que haja grandes differenças entre ellas e as do Alandroal. O que succede é — á semelhança do que se dá com muitas terras que, a respeito da linguagem ou dos costumes apodão outras vizinhas que julgão inferiores ⁴ —,

¹ Na *Revista Lusitana*, II, 24, sgg. (Fez-se edição á parte).

² Cfr. o opusculo *O deus lusitano Endovellico* (extr. d'*O Dia*), Lisboa 1890.

³ Ao meu excellente amigo o sr. Manuel Ignacio Bello, do Alandroal, dou aqui publico testemunho da minha gratidão por todas as finezas que me dispensou, já acolhendo-me familiarmente em sua casa, já proporcionando-me por vezes ensejo de eu fallar com populares, de fazer excursões, etc.

⁴ Cfr. *Revista Lusitana*, II, 69-70.

dizer-se no Alandroal que os habitantes das Hortinhas e de Montes-Juntos, logares proximos, fállão de modo especial, e citarem-se mesmo phrases características, como esta attribuida aos das Hortinhas: «quando nós iamos p'ra lá, algôtros inhom p'ra cá» ¹. Adiante terei occasião de me referir a estas duas terras. As diferenças creio que consistirão principalmente numa ou noutra flexão, num ou noutro vocabulo, e talvez tambem na entonação. De corrida estive em Bencael e Terena, onde em geral se falla como no Alandroal; notarei nos respectivos logares o que achei digno de especial menção ².

A) Phonologia

I. — Descripção e notação dos sons

A) VOGAES ORAES.

1. *a*... tem os mesmos valores que em Lisboa ³, excepto antes de consoante nasal: assim, em *práto*, *cá*, é neutro; em *caldo*, *malta*, *calo*, *pala*, *i*. é, antes de *l*, é um pouco labializado (a tender para *ó*), — parecido com o *a* normal da Beira-Alta.

Na notação sigo a orthographia ordinaria; apenas poderei ás vezes representar por *o* o *a* labializado.

2. *e*... tem os mesmos valores que em Lisboa ⁴, excepto antes de consoante nasal, e quando átono final.

Na sua notação sigo a orthographia ordinaria.

3. *i*... tem os mesmos valores que em Lisboa ⁵, excepto antes de consoante nasal. No Alandroal o *i* átono de vocabulo, e o *i* final de syllaba que acabe em consoante palatal (*x*, *j*), são abafados. O *i* abafado represento-o por *ɨ*, ou só por *i* quando tiver til; nos outros casos sigo a orthographia ordinaria.

4. *o*... tem os mesmos valores que em Lisboa ⁶, excepto antes de consoante nasal.

Noto-o com a orthographia ordinaria.

5. *u*... é mais aberto que em Lisboa, e menos labializado que o *u* alto-beirão. Quando átono, e principalmente no fim das palavras, é abafado ⁷, ou *ũ*.

B) VOGAES NASAES.

6. As vogaes nasaes não são gutturalizadas, como no Entre-

¹ Supponho, porém, que estará errada, devendo ser *Vinhamos p'ra cá e inhom p'ra lá*. Não pude ainda verificar.

² Cfr. *Dial. alentej.*, II, § 16.

³ Vid. Gonçalves Vianna, *Essai de phonétique portugaise* (extr. da *Romania*, t. XII), pag. 1 e 3.

⁴ *Ib.*, pag. 1 e 3-5.

⁵ *Ib.*, pag. 1 e 5-6.

⁶ *Ib.*, pag. 1 e 5-6.

⁷ *Ib.*, pag. 6.

Douro-e-Minho; nisto se identificação com as de Lisboa, sobre as quaes se veja Gonçalves Vianna, *Essai de phonétique*, pag. 3 e 7.

7. No Alandroal distingo tres especies de nasalização, que aqui exemplifico em tres columnas:

<i>ājo</i>	<i>irmā</i>	<i>māno</i>
<i>ējoar</i>	<i>ābrē</i>	<i>pēna</i>
<i>queixoso</i>	<i>jardī</i>	<i>pīnha</i>
<i>lōje</i>	<i>mátō</i>	<i>cōmo</i>
<i>fūxo</i>	<i>jũ</i>	<i>lũme</i>

A 1.^a especie observa-se no corpo da palavra (1.^a columna vertical); a 2.^a especie no fim da palavra (2.^a columna); a 3.^a especie antes de consoante nasal, isto é, antes de *m*, *n*, *nh* (3.^a columna). Chamarei *nasaes* ás da 1.^a e 2.^a columnas; *nasaladas* ás da 3.^a, em virtude da sua qualidade e da sua origem, pois provém da influencia da consoante immediatamente seguinte. A differença entre as da 2.^a e 3.^a columnas consiste em numa ser abafada a nasalidade pela consoante seguinte, e noutra ser livre. A nasalidade do *i* e *e* átonos finaes é ainda mais abafada que quando essas vogaes são tónicas; torna-se mesmo ás vezes quasi imperceptivel.

Como se vê, as vogaes tónicas são nasaladas pelas consoantes *nasaes* seguintes ¹. Nas vogaes átonas, seguidas de consoante nasal, como, por ex., *xamar*, *caminho*, etc., não se percebe nasal na pronúncia commum: só se percebe, fazendo apertar o nariz, e ouvindo pronunciar a palavra nessas circumstancias.

Por simplicidade, notarei as *nasaes* com a orthographia ordinaria, excepto o *e* nasal final, que notarei por *ē*, pois, se o notasse por *em* ou *en*, podia lêr-se de outro modo. As vogaes nasaladas não as representarei geralmente com signal especial, mas fique sabido que toda a vogal antes de *m*, *n* e *nh* é nasalada, sobretudo a vogal tónica.

8. O *a*, *e*, *o* nasalados, átonos e tónicos, são um pouco abertos, mas menos que *á*, *é*, *ó*; assim, o *a* de *brincámos* ² é mais aberto que o de *vamos*. Se marcassemos por **a**, **e**, **o** estas vogaes semi-abertas, obteríamos as seguintes séries:

(abertas)	(semi-abertas)	(fechadas)
{ <i>pá</i>	<i>ermā</i>	<i>fāzêr</i>
{ <i>cása</i>	<i>frāju</i>	<i>cāda</i>
{ <i>péça</i>	<i>pēna</i>	<i>pēra</i>
{ <i>pé</i>	<i>fázē</i>	<i>vê</i>
{ <i>róda</i>	<i>lōje</i>	<i>rôto</i>
{ <i>pó</i>	<i>cōmo</i>	<i>fôgo</i>

¹ O mesmo facto se dá no Algarve e na Beira-Alta. Em Lisboa não.

² 1.^a pessoa plur. do preter. indicat.

Cfr. *Dial. alemtej.*, II, § 4. — Qualquer das vogaes da 2.^a columna está comprehendida, quanto á abertura, entre as respectivas da 1.^a e da 3.^a

Por commodidade typographica, não adopto notação especial para estas vogaes semi-abertas. Fique, porém, desde já assente que todo o *a*, *e*, *o* nasaes e nasalados, abertos ou tónicos, são mais abertos que *á*, *ê*, *ô*, e menos que *á*, *é*, *ó*. — A mesma semi-abertura se dá nos ditongos.

9. Da nasalidade emphatica já fallei nos *Dial. alemtej.*, II, 1-b. Aqui limito-me a juntar mais alguns exemplos, d'entre os muitos que ouvi: *arrátĩ*... (= arratel), *xóvĩ*... (= chove), *êlẽ*... (= elle), *cadérnũ*... (= caderno), «capote *nóvũ*...» (= c. novo), *fortĩ*... (= forte). Na emphase excessiva, talvez ao *ĩ* corresponda *-ẽ*, pois parece-me ter ouvido *lójẽ* (loja): isto é, o *-e* final (surdo) não se mudava em *i* (segundo o § 6 dos *Dial. alemtej.*, I), mas nasalava-se elle mesmo; e, como *e* surdo nasal se não admitte na phonetica normal do Alandroal, a nasal theoricã *ẽm* dava *-ĩ*. — A emphase observa-se muito frequentemente; por isso o *-ĩ* é usualissimo. — Comparando palavras, como *ómẽ* (= homem), *ávẽ* (= ave), *dévẽ* (= devem), onde a nasalidade não depende da emphase, mas pelo contrário é constante, com palavras como *fontĩ*, *løjĩ*, *fósti*, onde ella depende só da emphase, vê-se que de modo algum se póde confundir *-ĩ* com *-ẽ*, sendo, como é, de mais a mais, este semi-aberto (§ 8).

C) RESUMO.

10. Poderei agora estabelecer a pyramide das vogaes, oraes e nasaes:

á			ám ¹
— — ʁ			— —
—			ã
é a ó			— — —
— — —			ẽ — õ
ê — ô			— — —
i e u			ĩ — ũ
-ĩ -ũ(-o)			-ĩ —

D) DITONGOS EM GERAL.

11. Independentemente dos ditongos que possam resultar da ligação dos vocabulos em phrase, temos os seguintes em palavras avulsas, e que por isso, com as restricções que em seguida notarei, são constantes.

¹ Vid. § 8.

DITONGOS (DECRESCENTES)

a) de subjunctiva *i*:b) de subjunctiva *u*:

(orao)	(nasaes)	(orao)	(nasaes)
ái	—	—	—
—	— — —	— vu —	— — —
—	— — —	— — —	— vū —
—	— ai —	— — —	— — —
éi — ôi	— — —	éu — —	— — —
— — —	ēi — ôi	— — —	— — —
ēi — ôi	— — —	ēu — —	— — —
— — ui	— — ūi	iu — —	— — —

Exemplos:

Ditongo *ái*: *vái, pai*.Ditongo *éi*: *réis* (plural de *real*).Ditongo *ēi*: *réis* (plural de *rêi*¹), *méia*.Ditongo *ôi*: *dói*.Ditongo *ôi*: *atôigo* (toucinho).Ditongo *ui*: *múidar*.Ditongo *ái*: *sáigue, cāiga, māi*.Ditongo *ēi*: *bēi*.Ditongo *ôi*: *pōis*.Ditongo *ui*: *mūito*.Ditongo *vu*: *mvu*.Ditongo *eu*: *xupeu*.Ditongo *eu*: *eu* (não sendo proclítico).Ditongo *iu*: *riu* (do verbo *rir*).Ditongo *vū*: *mvū, cvū, pvū* (mão, cão, pão²).

Todos os ditongos finais tem tendencia para se tornarem dissyllabicos, quando se falla com alguma emphase. Diz-se em pausa *vá-i* (= *vae*), mas no meio de phrase *vái*, com ditongo. Ouvi syllabar *Má-io*³ e não *Mái-o*. O ditongo *éi* até quasi não existe, pois, se é final, o *i* separa-se; se está antes de vogal, o *i* torna-se semi-vogal, e junta-se para diante: *mê-ia, fê-ia, cê-ia, Thomé-i* (antes de consoante o *ei* da lingua litteraria dá *ê*). Cfr. § 15.

A abertura que se dá nas simples vogaes nasaes (§ 8) dá-se tam-

¹ Distingue-se perfeitamente o *ēi* de *éi* em: «dez *réis*» (= X rs.) e «dez *rēis*» de *rēi*.

² O *v* do ditongo *vū* creio ser ainda mais labializado, isto é, mais proximo de *o*, do que o *a* de *malta* (§ 1). O ditongo *vū* sôa quasi como no Minho *ðu* em *mðu* (mão), etc. — Assim, differe o singular do plural: *pvū* — *pāiz* (pão, pães).

³ Cfr. G. Vianna, in *O Positivismo*, IV, pag. 66.

bem nos ditongos nasaes: o *o* de *põis* e *ponte* é mais aberto que o *ô* de *pôço*; o *e* de *bêi* é mais aberto que o *e* de *vêrde* e de *bêsta*; o *a* de *câiga* é mais aberto que o *o* do artigo *a*.

E) PRONÚNCIA DAS CONSOANTES.

12. A' cêrca das consoantes *c, f, l, m, n, p, r, v*, nada tenho que observar; pronunciação-se como em Lisboa. Vid. os trabalhos do sr. Gonçalves Vianna, *Essai de phonétique* e *Pronúncia normal portuguesa*.

A' cêrca das outras consoantes, farei algumas observações.

1.^a As consoantes *b, g, d*, entre vogaes e depois de consoantes sonoras, tornão-se continuas: cfr. *Dial. interamnenses*, VII, pag. 16. — O facto é um pouco difficil de averiguar, mas averiguei-o positivamente. Assim, em

barco, o barco, os barcos

os dois últimos *bb* são iguaes entre si, e differem do primeiro; em

gato, o gato, rasgar

e em

dôr, a dôr, as dôres

dá-se o mesmo respectivamente. Numa mesma palavra, como *baba, gago, dedo*, os primeiros sons *b, g* e *d*, são explosivos, e os mediaes são continuos. — Não notarei estes sons por signal especial.

Nos outros casos estes sons são como em Lisboa.

2.^a Represento aqui por **t** e **d** dois sons especiaes, que se ouvem em certos casos que adiante indico: o primeiro é consoante surda, o segundo é consoante sonora. São um *t* e *d* gengivaes, isto é, pronunciados com a ponta da lingua nas gengivas superiores, e não nos dentes, como é o caso do *t* e *d* normaes. Fôra das condições em que adiante direi que se manifestão esses sons gengivaes, o *t* e *d* pronunciação-se como em Lisboa.

O som **d** nunca o ouvi senão no Alandroal e nos arredores de Cascaes; o som **t** já o ouvi no Cadaval (cfr. *Dial. extremenhos*, I, pag. 9, nota 2), e a pessoas de Rio Maior (tambem na Estremadura). E' provavel que o **t** seja a origem do *t* açoreano, descrito pelo sr. Gonçalves Vianna in *Revista Lusitana*, I, 226.

3.^a Os sons *x* e *j* são pronunciados mais adiante do que os de Lisboa; são como em francês, só sem protração labial. Diferencião-se bem as palavras *xá* (chá) e *já*, pronunciadas no Alandroal e em Lisboa. — Com a letra *x* represento sempre o *x* e *ch* da linguagem litteraria. Com *ch* represento outro som.

4.^a O som *ch* (palatal surda explosiva), que se ouve no Norte, ouve-se tambem no Alandroal, em virtude da combinação de *t* + *x*; por

exemplo: *morch* (= *mortx* = *mortex* = *mortes*). Era de esperar que da combinação de *d* + *j* resultasse a palatal sonora explosiva, mas não a observei ainda.

5.^a Como nas outras regiões do Sul, o *c* (ç) no principio de syllaba substitue o *s*. O mesmo direi da sonora correspondente em relação ao *s* intervocalico. Portanto, não ha *s* a par de ç, como em Tras-os-Montes, etc.; ha só ç. Resta averiguar se este ç é o *s* normal de Lisboa ou o do Porto. No fim de palavras, ou antes de consoantes surdas, a sibilante torna-se *x*; antes de consoantes sonoras torna-se *j*. Ainda que desejaria escrever sempre ç em vez de *s* e *c* da lingua litteraria, e escrever sempre *z* entre vogaes, e *x* ou *j* no fim de syllaba, conforme os casos, — todavia, para evitar difficuldades na composição typographica, sigo adiante geralmente a orthographia ordinaria.

Se se adoptasse orthographia phonetica rigorosa, ter-se-hia portanto:

çapo (sapo), *çerto* (certo), *iço* (isso);
caza (casa);
déx (dez), *paxta* (pasta);
rajgar (rasgar);
trex (tres);
mejmo (mesmo); *Xtrudex* (Gertrudes).

F) OBSERVAÇÕES FINAES.

13. A parte postonica de uma palavra, isto é, a parte que fica além do accento tónico, pronuncia-se em voz baixa e com aspiração, quando nella entrão consoantes surdas. Assim, em *garfo* e *roto*, por *f* e *t* serem consoantes surdas, as syllabas *fo* e *to* pronuncião-se cochichadas; pelo contrario, nas palavras *goivo* e *roda*, por *v* e *d* serem consoantes sonoras, as syllabas *vo* e *da* pronuncião-se em voz alta, como no principio. Outros exemplos: *parte*, *pardo*, *lagrima* (*te* em voz baixa, *do* e *ma* em voz alta); numa palavra como *vixte-mi*, a syllaba mediana é cochichada, e as extremas pronunciadas alto.

Cfr. a minha *Evolução da linguagem*, pag. 37 (onde dei ao phenomeno mais generalidade do que a que tem, embora com relação à Beira-Alta seja exacto o que lá digo, pois nessa provincia, pelo menos em Mondim da Beira, a parte postonica, quer contenha consoantes sonoras, quer não, é sempre cochichada), e cfr. G. Vianna in *Revista Lusitana*, I, 312-319.

14. No Alandroal ha duas especies de entonação, muito distinctas e characteristics, mais do que o que succede na nossa linguagem litteraria: uma, muito emphatica, para perguntar; outra, para narrar. Na narração, as palavras parece que se destáção um pouco umas das outras ao serem emittidas.

15. FACTOS PARA JUNTAR AO QUE DIGO NO § 11.

Em palavras como: *ganhôis*, *Maio*, *cêia*, *seis*, *raio*, *foi*, onde os ditongos não estão protegidos por consoantes pertencentes a syllabas

immediatas, mas são finaes, ou se achão antes de vogal, elles dividem-se em duas syllabas (dierese). Assim, ouvi: *ganhõ-ĩs*, *alẽ-ĩ* (além), *pinhõ-ĩs*, *Má-io*, *cê-ia*, *rá-io*, *sé-ĩs*, *fõ-i*. Estes factos succedem principalmente na emphase. No meio de phrase ouvi: *pinhõ-ĩs*.

Isto é analogo ao que se dá em *pé-i*, *vê-i*, etc.: vid. *Dialectos alem-tejanos*, II, 6. Em tal caso deixa de haver ditongo de subjunctiva *i*.

16. Nestes exemplos:

<i>cã-mpo</i>	<i>li-ndo</i>
<i>tũ-mba</i>	<i>tẽ-nto</i>
<i>tẽ-mpo</i>	<i>cõ-nto</i>
<i>cõ-mpro</i>	<i>fũ-ndo</i>
<i>li-mpo</i>	<i>mã-nto</i>

em que a vogal nasal tónica se seguem consoantes explosivas, ouvesse entre a nasal e essas consoantes um *m* ou *n*, conforme a consoante seguinte é labial ou dental. Antes de consoante guttural deve ouvir-se um *n* guttural, que represento por π , assim: *mã- π co*, *cĩ- π co*; mas este facto, se existe, não o observei. Igualmente, não verifiquei se o mesmo phenomeno se dá quando as vogaes são átonas.

Devemos interpretar estes factos assim: na palavra latina *campus*, o *m* manteve-se como consoante, tendo nasalado o *a* precedente, d'onde *cã-mpo*; na palavra latina *fundus*, o *n* manteve-se como consoante, tendo nasalado o *u* precedente, d'onde *fũ-ndo*; na palavra latina *mancus*, o *n* nasalaria a vogal precedente, e assimilar-se-hia a guttural seguinte, transformando-se em *n* guttural ou π .

Estes phenomenos são mais geraes no país do que póde parecer.

Para evitar difficuldades typographicas, deixo de representar adiante estes phenomenos por notação especial; mas fiquem desde já sabidos.

II. — Transformação dos sons

17. No § 12 fallei de **t** e **d**. Aqui indico os casos em que apparecem esses sons.

a) Exemplos de **t**:

canti-a (mas *cante*)
Tiago (mas *tia*)
*vin^tium*¹ (mas *vinte*)
pár^ti-o (mas *parte*)
afás^ti-o (mas *afaste*)
penti-ar (mas *pente*)
cent^tial (mas *centêio*)
S. Tiago (mas *fonti*)

¹ Tambem se diz *vin^t'a um*.

b) Exemplo de **d**:

cand iêro	mand ĩ-a (mas <i>mande</i>)
fund iar	bal d̃iar (mas <i>balde</i>)
lend ia	arrend ĩ-o (mas <i>arrende</i>)
d iabo (mas <i>dia</i>)	D iogo (Diogo)
vend ĩ-o (mas <i>vende</i>)	aland ia (mas <i>ande</i>)
cod ia ¹	Guad iana

Parece que a lei é esta: *t* e *d* tornão-se **t** e **d** quando estão antes de ditongo crescente, cuja prepositiva seja *i*. Physiologicamente o facto comprehende-se, pois esta prepositiva é antes semi-vogal (palatal) do que vogal propriamente dita, e por isso o *t* e o *d* aproximão-se d'ella, isto é, assimilão-se-lhe incompletamente. — Se se seguir outra prepositiva, isto é, *u*, a assimilação já não se dá: assim, ao passo que se diz **mand**ĩ-a e **part**ĩ-a, onde ao *d* e *t* se segue *ĩa*, diz-se *mando-a*, *parto-a*, onde ao *d* e *t* se segue *ũa* (oa). *D* e *t*, tornando-se gengivaes, aproximão-se da palatização.

18. DISSIMILAÇÃO.

a) Dá-se em diversas consoantes. Num ex-voto da capella de S. Bento (Alandroal), feito em 1796, lê-se *Getrúdes* (= Gertrudes): houve, pois, dissimilação de consoante. A fôrma *Getrudes* é vulgar na Estremadura, onde, em virtude da syncope do primeiro *e*, e assimilação incompleta da sonora palatal à surda dental, se diz também *Xtrudex* (= **Jtrudes* ²). — Na fôrma *álguêro* (= *argueiro*) houve dissimilação, também de *r*; mas, ao passo que no primeiro caso o *r* cahiu, aqui foi substituído por *l*.

b) Em *buêr* (= *buber*, de *beber*) houve dissimilação de *b*.

19. UNIÃO DE CONSOANTES:

a) Já no § 12, obs. 4.^a fallei do *ch* resultante da combinação de *t* + *x* em syllaba final. Eis mais exemplos: o *Morch* (= o *Mortes*, appellido), *parch* (= *partx*, partes), *dench* (= *dentx*, dentes), *arch* (= *artx*, artes), *póch* (= *potx*, potes). O *ch*, por ser final, é um pouco attenuado; e, por ser surdo e postonico, é proferido com voz cochichada (§ 13). — O som *ch* tem, como disse, o valor do *ch* septentrional, por ex. na palavra *chave* ou *chabe*, pronunciada em Tras-os-Montes, no Minho e na Beira: som analogo ao *ch* castelhano em *noche*.

Comprehende-se facilmente a origem d'este som: o *s* final vale *x*

¹ Também se diz *côida* (côdea).

² Num ex-voto da Senhora da Fonte-Santa encontrei *Getrudes* (do anno de 1830); noutro, de 1826, encontrei «a Estrudes», que, segundo a phonetica local, devia pronunciar-se *Xtrudex* (*Xtrud̃ix*), o que confirma o que digo no texto; noutro de 1805 encontrei igualmente «f.^a Estrudes».

(§ 12, obs. 5.^a); o *e*, collocado entre *t* e *x*, cõe facilmente (cfr. *Xtrudes* no § 18); depois o *t*, em contacto com o *x*, fundiu-se com elle em um som unico, — *ch* (que ainda hoje em certas grammaticas é representado por *tx*); por isso *pótes* > *pótex* ou *pótix* > *potx* > *póch*. — O som *ch* é simples: cfr. Ascoli, *Corsi di glottologia*, 1, 198 sgg.

b) Outro exemplo de *ch* sem ser final está na palavra *pérchinho*, por *pértinho*. A palavra *pérchinho* deve explicar-se por *per'txinho*, e esta por **pértichinho*, pois que no Sul do reino a *ch* litterario corresponde sempre *x* (§ 12, obs. 3.^a). Quanto a **pértichinho*, esta palavra é um diminutivo formado por meio do suffixo composto *-ichinho* ou *-echinho*: cfr. *Revista Lusitana*, II, 349.

OBSERVAÇÃO. — Sem embargo dos factos consignados em *a* e *b*, tambem se ouve dizer no Alandroal: *partix*, *pótix*, *per'txinho*, etc. Em linguagem mais rapida será *parch*, etc.; em linguagem mais lenta, *partix* ou *partx*, etc.

20. DITONGOS.

a) Da condensação de *ou* em *ô* no meio de palavras já fallei nos *Dialectos alentejanos*, III, 2; ella é, porém, geral: *ôvir*, *ôço* (= ouço), *andô* (= andou), e ainda antes de vogal, como em *mandô-a*¹ (mandou-a), *lurvô-a* (levou-a), *acabô-a*, *chamô a mãi*, *mandô-o cá*. Numa cantiga popular encontrei *-ôce* a rimar com *-ou-se*, o que prova que o povo tem já perfeita consciencia de que não ha *ou*:

Amor do mê coração
Nã vi palavra más *doce*;
O' gostis de mim, ó rão,
Tenho-te amizade, *acibô-se*.

Num ex-voto da Senhora da Fonte-Santa (de 1812) encontrei *Toril* por *Touril* («monte»).

b) Sobre *eu* cfr. o 1.^o artigo (*Dial. alentej.*, II, § 2).

Este ditongo em proclise consonantica condensa-se em *é*; por ex.: «nã *aprendê* nada», «*ê* nã quero», *moê-se* (= moeu-se), «*é* vô», «nã *xovê* nada» (nã choveu nada), *guarnecê-se*, *morreê-le*, «tudo *Dês* (Deus) pôde fazer», «*tê* pae».

Quando fica descoberto, isto é, quando termina phrase, mantem-se, por ex.: «nã t'ô diss' *eu?*», «*mê* pae, pae *meu*».

Quando ao ditongo *eu* se segue vogal diversa de *i*, embora elle seja proclítico, experimenta outra modificação; pois, além de se condensar em *é*, recebe adiante um *i*, que parece que se apoia na syllaba seguinte; por ex.: *mê iamo* (meu amo), «*é iuso* a fazer isto» (eu uso, etc.), *tê iamor* (teu amor), *tê iamo* (teu a'no); mas tambem se diz *meu*

¹ Rima perfeitamente com *Lisboa*, *boa*.

amo, etc. Este *i* tem por fim evitar o hiato; não resulta do *u*¹. A evolução foi: *eu uso, é uso, é-i-uso, é iuso*.

Creio ter sido esta pronúncia *mê-i-amo* (*mêi amo* ou *mê iamo*) a causa de, em certas composições dramaticas antigas, onde se quis representar a pronúncia popular, e de, em algumas grammaticas, se attribuir ao pronome *meu* (*teu*, etc.) a fôrma *mei*, indistinctamente em todos os casos. Assim, em Gil Vicente, *Obras*, II, 483, lê-se *mei amigo*. Na *Prática dos tres pastores* (ed. da sr.^a D. Carolina Michaëlis) lê-se: *mei dono* (v. 248), *meis males* (v. 392, var.), *meis presentes* (v. 1:034), *meis peccados* (v. 1:099), *meis antepassados* (v. 1:100), *mei deus* (v. 1:273). — Nas *Operas portuguezas*, de 1741 (cfr. os meus *Dial. minhotos*, I, pag. 10, e nota 5), também se diz, em linguagem popular, *mei pay*, *mei dyamante* (vid. *Operas*, t. II, pag. 395-400). — Nas *Regras da lingua portugueza*, Lisboa 1725, de Contador de Argote, pag. 295, attribue-se ao Algarve a fôrma *mei* por *meu*². — Como eu nunca ouvi esta pronúncia senão nas circumstancias indicadas acima (antes de vogal diversa de *i*), concluo que os dramaturgos e grammaticos a generalizárão a todos os casos: depois, o uso de *mei* tornou-se moda para representar popularmente *meu*. Também este litterario *mei* podia nascer de *mê*, por mau ouvido dos seus observadores: isto é, como se sabe que no Sul o ditongo *ei* se condensa em *ê*, por exemplo, *primêro*, *êra*, *Janêro*, *pêto*, etc., tomar-se-hia o *mê* de *mê pae*, *mê filho*, etc., por *mei*. Em todo o caso, deve attribuir-se ao *mei* dos dramaturgos e grammaticos só valor muito relativo. — Na citada ed. da *Prática dos tres pastores*, diz a sr.^a D. Carolina Michaëlis no *Glossario*, que *mei* se usa em gallego; mas creio que ella bebeu a sua informação nas mencionadas *Operas*, cujo valor neste caso ficou já discutido. — O que digo á cerca do pronome possessivo, applica-se ao pronome *eu*. Na *Prática dos tres pastores* apparece igualmente *ei* por *eu* (v. 424, var.): a illustre editora explica, no entanto, *ei* pela mudança de *u* em *i*, e afirma que *ei* é uma particularidade do Alemtejo e Algarve (*ib.*, pag. 42); mas, como hoje em dia no Alemtejo o *ei* só apparece antes de vogal, segue-se que elle se não pôde explicar pela substituição de *u* por *i*, e só por um dos modos pelos quaes acima o expliquei.

c) Na linguagem do Alandroal existe o ditongo *iu* a par do dissyllabo *-io*: é assim que o preterito *riu* (de *rir*) não rima com o presente *rio*; no primeiro caso temos *-iu*, e no segundo temos *i-o*. Igualmente *tio* (*ti-o*) não rima com *mentiu* (*men-tiu*), etc.

O ditongo *-iu* em proclise simplifica-se em *i*, como em: *partí-se* (= *partiu-se*), *abrí-se* (= *abriu-se*). Se *iu* fôr final, conserva-se: *fugíu*. Este facto de *i* por *iu* verifiquei-o em várias pessoas. Em phrases como «elle fugiu logo» e outras, ditas com emphase, pôde, porém, ou-

¹ Cfr. o *i* que se junta a *e* e é final, nos *Dial. alemtej.*, II, 3.

² Cfr. também F. Solano Constancio, *Novo Diccionario da ling. port.*, Paris 1844, introdução, pag. XLVIII; e F. P. Brou, *Grammat. particular ou estudo sobre as principaes difficuldades da ling. portug.*, Lisboa 1875, pag. 135.

vir-se *iu*, pois que, adiante do verbo, é possível collocar qualquer palavra (*fugiu logo*, *fugiu muito*, *fugiu de pressa*), e então ha consciencia do *iu* (que se ouve pleno, quando *fugiu* está isolado); todavia, ouvi tambem «*elle fugi' logo*», com simples *i*, como em «*é fugi' logo*» (isto é, *fugiu* sôa como *fugi*, confundindo-se, pois, a 1.^a pessoa com a 3.^a). Quando ao verbo se segue o pronome *se*, como este pronome, por ser enclítico, fôrma corpo com a palavra, e esta, assim ligada a elle, se pronuncia muitas vezes como se constituísse com o pronome uma só palavra, a redução de *iu* a *i* é fatal: *vesti'-se* (vestiu-se) rima com *porquice*, *ri'-se* (riu-se) rima com *ri-se* (indicativo presente).

d) Sobre *ei* condensado em *ê*, vid. *Dial. alemtej.*, II, 2.

Ei, antes de consoante, condensa-se geralmente em *ê*: *mantêga*, *rebêra* (ribeira). Antes de vogal ouve-se *i*: *cêia*, *vêia* (embora o *i* seja subtil, e possa, como semi-vogal, formar syllaba para diante). No fim tambem se ouve *i*: *rêi*, *sêi*, ou *rê-i*, *sê-i*. Os seguintes exemplos mostram o ditongo differentemente tratado numa mesma palavra, conforme ésta está no interior de phrase ou no fim, ou antes de vogal: «*nã sé nada*», «*nã sé-i*», «*nã sêi ond'istô*», «*o rê foi-se*», «*foi-s'o rê-i*», «*nã sê nada*», «*nã sê i*», «*rê bom*», «*bom rê-i*», «*rê-i alto*», «*irê-i hoje*». Antes de *i*, é natural que o *i* de *ei* se não ouça, por formar crase com aquelle: «*nã sé isso*».

e) O ditongo *au* tem tendencia para se simplificar em *a*, quando não é tónico, ou quando está em proclise, antes de consoante: *má' rapaz* (mau rapaz), *pázinho* (pauzinho), «*aquelles pázinhos*», *âmentar* (augmentar), *âmento* (augmento), *âturidade* (auctoridade), *mázinho* (mauzinho), «*pás de lenha*» (paus de lenha).

Quando o ditongo está descoberto, ou antes de vogal, mantem-se: *máu*, *páu*, *mau home*, *causa*.

Em «*S. Pálo*» (S. Paulo), apesar de tónico, o ditongo simplificou-se tambem.

Este phenomeno da redução de *au* a *a* dá-se noutros pontos do país, embora não com tanta intensidade (*má' pelo*, etc.), e já se dava no latim vulgar quando a *au* se seguia um *u* na syllaba seguinte: *ascultare*, *Agustus*¹, etc.

A linguagem alandroalense offerece, porém, dois casos, pelo menos, em que o *au*, apesar de átono e antes de consoante, não foi reduzido a *á*, mas foi tratado de outro modo; esses casos são: *cuátêla* (cautela) e *cuásô* (causou), nos quaes o ditongo era precedido de uma guttural. Devem admittir-se as fôrmas intermédias **cuautela* e **cuausô*, nas quaes o ditongo *au* experimentou o destino usual, reduzindo-se a *á*. Nas fôrmas **cuautela* e **cuausô* desenvolveu-se um *u* na primeira syllaba, por influencia do *u* seguinte, e pela affinidade do *u* para constituir ditongo crescente depois de *c* (*q*), como se vê em *quatro*, *qual*, *quasi*, *quadro*, etc.

Na palavra *Claudio* deu-se tambem uma modificação interessante.

¹ Cfr. Meyer-Lübke, *Gram. des lang. rom.*, I, § 29.

Esta palavra tornou-se *Culádio*. Houve uma fôrma intermédia **Cu-laudio* (suarabacti de *u*, como em *fulor*, etc.), syncopando-se depois o segundo *u* por dissimilação.

f) O ditongo *éu* mantem-se no fim de palavra, e antes de vogal; reduz-se a *é* antes de consoante: *xapéu*, «*xapéu* alto», «*xapé* baxo».

Segue, pois, a lei dos demais ditongos.

g) Existem ainda outros ditongos, que perdem a sua subjunctiva, ficando reduzidos á vogal básica. Isto dá-se em proclise, como nas seguintes phrases, que colhi em flagrante: «*stã* lá», «*ê nã* sê» (eu não sei), «*nã* xovê nada», «d'obrigaçã, sim», «sitio do *Pã* móli», «com *xã* firme, xão...», «*mãzinha*», «*sã* caiãdos», «*ê nã* quero, não». Nalguns dos exemplos vê-se que *ão* se mantem no fim de palavra, isto é, em pausa; mantem-se igualmente antes de vogal, como em «*ê nã* hêd' ir», «*ê nã* ando».

Estes factos podem ter aqui mais intensidade; mas elles occorrem pelo país todo: assim, em Lisboa diz-se *nã* nas mesmas condições que no Alandroal; na Beira diz-se *mancheia*; em todo o país *San-Tiago*.

No Alandroal diz-se *Gudiana* por *Guadiana*; cfr. a fôrma archaica *Odiana*. Do arabe *wadi* + iberico *Ana*¹. No ditongo *ua*, o *a* foi assimilado a *ou*, d'onde *uo* ou *uu*, e depois, por condensação, *u* ou *o*; isto é: *Guadiana* > **Guodiana* > *Gudiana* = *Godiana*. No Norte também se diz *coresma* e *corenta*, pelo mesmo motivo.

Fôrmas avulsas: *continamente*, *Manulito*. A primeira fôrma deve explicar-se por **contina*, feminino de *contino* = *contínuo*. Na segunda, *Manulito* > *Manuelito* (= *Manoelito*), deu-se o mesmo phenomeno que se deu em *mosteiro*, da fôrma arch. *moesteiro*, em *posia*, fôrma vulgar de *poesia*, etc. No adv. *mais* cáe o *i*: «*más* perde» (vid. § 37-a).

OBSERVAÇÃO. — Vê-se que no Alandroal ha tendencia para fazer desaparecer certos ditongos, quando postos antes de consoantes, pois temos:

<i>au</i> > <i>á</i>	<i>ei</i> > <i>ê</i>
<i>éu</i> > <i>ê</i>	<i>ão</i> > <i>ã</i>
<i>éu</i> > <i>é</i>	<i>ua</i> > <i>u</i>
<i>iu</i> > <i>i</i>	<i>ue</i> > <i>u</i>
<i>ou</i> > <i>ô</i>	<i>ai</i> > <i>á</i>

¹ Observa-se no nome d'este rio um facto interessante, que é a manutenção do *n*, pois esta palavra devia dar em português moderno *ã*, como *rana* deu *rã*, *sana* deu *sã*, *lana* deu *lã*, *vana* deu *vã*, *plana* deu *chã*, *cana* deu *cã*, etc. As palavras pre-romanas experimentarão as mesmas modificações que as palavras latinas, como se vê em *Lisboa*, *Evora*, *Braga*, *Doiro*, *Minho*, *Portugal* (lat. *Portu* + pre-rom. *Cale*), *Mondego*, etc. A excepção que se nota em *Guadiana*, isto é, em *Ana*, talvez que se possa explicar por influencia hespanhola, pois o rio vem de Hespanha, e, segundo a phonetica de lá, o *n* mantem-se naquellas circumstancias. E' verdade que temos outros rios vindos de Hespanha, cujos nomes, *Douro* ou *Doiro* e *Tejo*, em hespanhol *Duero* e *Tajo*, obedecem á phonetica portugueza; mas estes percorrem dentro do país maior territorio que o *Guadiana*. — Ou talvez o

21. As terminações *-elho (-a)*, *-enho (-a)*, *-ejo (-a)* tem estes valores: *-êlho*, *-ênho* (sendo *ê* nasalado, em virtude do § 7), e *-êjo*¹. Por ex.: *coêlho*, *têlha*, *bêjo*², *tênho*³.

22. VOGAES INICIAES (ÁTONAS).

a) Não existe *i* átono inicial; as palavras que na lingua litteraria começam por *i*, ou por *e* (que valha *i*), começam no Alandroal por *ê* (ou por *e* um pouco mais aberto (*ē*), se é nasal, — segundo o § 8); por exemplo: *emenso* (=immenso), *êrmão*, *entrár*, *entender*, *entendimento*, *impossivel*, *engrato*, *enjusto*, *engomar*, *engetado*, *enzato* (=exacto); cfr. ainda *emburricalhado* (=zangado). Vid o 1.º artigo, § 8.

Esta lei complica-se com a do § 24. — Por simplicidade typographica não empregarei geralmente a notação *ē* nestes casos, mas fique sabido que toda a vogal nasal ou nasalada é levemente aberta, como já se disse acima.

b) Facto analogo se dá com *u* inicial, ou *o* que valha *u*: *ôrêlha*, *ôvêlha*, *ôlhár*, *ôrêlhada*. — Esta lei complica-se tambem com a do § 24.

23. VOGAES FINAES (ÁTONAS).

a) Sobre *a*, *i*, *o*, nada ha que notar, pois succede o mesmo que na lingua litteraria.

b) O *e* final dá *ĩ*; ex.: *solĩ* (=sole = sol), *fómĩ*, *arvĩ* (=arve = arv're = arvore), *arráti* (=arrate = arrat'le = arratel), *dezanovĩ*, *vin-ti*, *smagarĩ* (esmagar), *fortĩ*, *fiquĩ* (=fique), *viáĩ*, *rumajĩ*. E' preciso notar que o *e* final que se muda em *ĩ* resulta ás vezes de paragoge (muito usual em todo o país, depois de *l*, *r*, etc.), como no mencionado exemplo de *sólĩ*. — Como aqui a linguagem é sempre muito emphática, o *i* final nasalase-se, segundo vimos no § 9: *arratĩ*... , *fómĩ*... , *fontĩ*... (O mesmo acontece com as outras vogaes finaes: *rústicã*... = rustica, *lindã*... = linda). — Ainda que raramente, o *e* final pôde, porém, tambem manter-se, por ex.: *sóle*, *forte*, e até, em grande emphase, dar *ẽ* (cfr. § 9), pois ouvi a palavra *matárẽ*... (=matar). A linguagem vulgar é bastante fluctuante; quem a estuda, se acha sempre tendencias geraes, typos mais ou menos uniformes, acha tambem a cada passo variantes; o que depende do grau de instrucção, sempre relativa, das pessoas; do temperamento d'estas; dos habitos e convivencias, etc. — A mudança de *-e* em *-ĩ* dá-se na Estremadura (cf. *Dial. extremenhos*, I, pag. 12), e é vulgar noutros pontos do país.

c) Sobre *-em* e *-om*, vid. o 1.º artigo, § 4, e neste artigo o § seguinte.

phenomeno seja devido a algum antigo dialecto de transição, e seria então comparavel ao da manutenção do *l* de *Mertola*: cfr. *Rev. Lusit.*, III, 48.

¹ Cfr. o 1.º artigo, § 3.

² O *ê* d'estas tres palavras é o mesmo que em *pêra*.

³ O *ê* de *tênho* é tão aberto como o de *tê*, e, portanto, menos que o de *têsta*.

24. NASAES ÁTONAS E TONICAS.

Em alguns dialectos portuguezes as nasaes átonas experimentão várias transformações, conforme são iniciaes ou finaes: no sub-dialecto baixo-minhoto, por exemplo, *ẽ* inicial dá *i*, *ẽ* medial dá *e* surdo nasal, *ẽ* final pôde reduzir-se a simples *e* surdo; na Beira-Alta *ẽ* medial dá *ê* nasal, *ẽ* final dá *ã*: no Cadaval, como noutros pontos da Estremadura, *ẽ* medial dá *ĩ*.

No Alandroal as vogaes nasaes átonas tem o mesmo valor, quer sejam iniciaes, quer mediaes; assim se diz por exemplo: *ombrêra*, *comprar*, *fondura*, *entendimento*, *Entrudo*, *emportancia*, *prencipio*, «*sẽ* *si-nhor*» (sim senhor), *ontar*, *ajontar*, *enfeliz*, *fengido*, *quential*, *ẽ* *vindo*, *enganar*, *carpentêro*, *nẽ* *vós* (=nem vós), *pártom*, *bébom* (partão, bebão).

Com relação a *-em* tónico, parece que, quando a palavra em que elle está é do meio de phrase e fica antes de consoante, se diz *ẽm*, isto é, *ẽ* um pouco aberto, mas não tanto como *é*, e que, quando *-em* está em fim de palavra descoberta, ou antes de vogal, se diz *-eim*¹, por ex.: *ẽm* *vindo*, *nẽm* *tu*, *alẽm* *de* *tras*, *sẽm* *ti*, *bẽm* *nũm*, *bẽim*, *stã* *bẽm* *tameim*, pois *bẽim*, *ẽim* *alto*. Pelo menos na emphase ouve-se *-eim* (cfr. o 1.º artigo).

D'ora ávante notarei o *-ẽm* e *-ẽim* (isto é, finaes de palavras) por *-ẽ* e *ẽi*.

Todavia, o *i* não é muito facil de distinguir: e por isso não se estranhe se em alguns exemplos eu puser *-ẽ* por *ẽi*². Ainda quando a *-ẽ* se segue um *-s*, de desinencia verbal ou de plural, o *e* se ditonga: *vẽis* (=vens), *bẽis* (=bens).

Tambem, como vimos no § 23-b, pôde haver *-ĩ* emphatico, resultante de *-ĩ* (=e): *fórtĩ*... *sóli*..., fôrmas que ouvi por lá várias vezes.

Uma excepção notavel é (às vezes) *nim* por *nem* em proclise: «*nim* *tu*, *nim* *eu*»; todavia, tambem se diz *nẽ*. — A fôrma *nim* talvez se possa explicar por outra mais antiga *ni*; em hespanhol moderno ha *ní*, e em hespanhol antigo ha *nin*. A resistencia de *nim* teria a mesma causa que a de *sim* (lat. *sic*), sem embargo de, assim como ha *nũ* a par de *nim*, haver tambem *sẽ* a par de *sim*.

Outra excepção é *untar* a par de *ontar*; mas ha aqui influencia de *unto*, onde o *u* é tónico.

25. EPENTHESE.

a) Entre nasal e *r* intercala-se *l* gutturalizado, se não com a generalidade que se observa no Cadaval³, pelo menos depois de *e* tónico; por ex.: *tenlro* (=tenro), *gentro*. Mas ouvi *cenrado* (talvez por o *e* ser átono), *honra*, etc.

b) Entre dental e vogal intercala-se *r* nestas palavras: *xitra*

¹ Dá-se aqui a mesma lei que com o ditongo oral *ei*.

² Ouvi mesmo positivamente *bẽ*, etc., no fim de palavra, uma vez ou outra.

³ Ver *Dial. extremenhs*, I, pag. 10.

(= chita) e *penedro* (= penedro = penedo). Esta ultima fôrma é vulgar noutros pontos do país. A *xitra* é comparavel *listra* (= lista). — Esta epenthese do *r* deve talvez explicar-se por alguma influencia analogica de outras palavras em que haja *tr*.

c) *Suarabacti*. Em *sôvaro*, de *sôbro*, houve epenthese de *e* (*sovero), depois mudado em *a* por influencia do *r* (§ 29-a); cfr. na lingua litteraria *fevera*, do lat. *fibra*, e *Fevereiro*, do lat. *Februarius*. — Outra epenthese, ou *suarabacti*, dá-se em *marfim*, de *marfin*; tenho ouvido esta fôrma em diversos pontos do país. — Outra em *Selivânia* (= Silvana); cfr. no Minho *Selivestre* (= Silvestre), e a cada passo a palavra *oliveira*, que vem de *olveira*, do lat. *ol(i)varia*.

d) *Hiato*. Já no § 20-b fallei de *mê-i-amo*. Outros exemplos: *dê-i-os* (= dê-os), *ê-i-ôtra*, *ê-i-elle*, *sô-i-eu* (= sou eu). — Vê-se que entre *ê* e outra vogal, e entre *ô* e *ê*, se intercala *i*, para evitar o hiato. Em Lisboa é vulgar ouvir tambem *ê-i-a casa*, etc. Nem todas as pessoas reparão nisto, porque o facto de a linguagem ser quasi sempre automatica não deixa reparar no que se diz: é assim que tenho fallado com muitas pessoas illustradas, que, apesar de dizerem constantemente *ê-i-um*, etc., me negão que dizem assim!

A gente do Sul costuma rir-se da gente do Norte e centro do reino por esta dizer *a-i-agua*, *a-i-aula*, etc.; mas, se este phenomeno precisamente se não dá no Sul, dá-se outro analogo: portanto, não ha motivo para riso, porque, cada um a seu modo, todos intercalão um *i* entre certas palavras.

26. PARAGOGÉ.

Cfr. o 1.º artigo, § 6, e vid. acima, § 23-b.

Eis mais exemplos que colhi: *ma-ré-ĩ* (= maré), *nã-sê-ĩ*, *quê-ĩ!* (ou *quiê-i?*).

Em ex-votos da capella da Senhora da Fonte-Santa li: *Carrile* («monte») por *Carril*, e *lavradore* por *lavrador*.

27. SYNCOPE.

a) Ouvi dizer: *mê-tostão* (meio-tostão), *mê-dia*¹; *quáisque* (paroxitono²); *entressão* (= intercessão³); *prigo* (= perigo, — fôrma vulgar).

b) A syncope pôde ser produzida por dissimilação, como no § 18 (*Getrudes*).

c) Num ex-voto da capella da Senhora da Fonte-Santa, de 1851, encontrei *Trena* (= Terena); noutro, de 1823, *aparceram*; noutro, de 1872, *offreceo* (fôrma corrente no país).

¹ Através de **mei-testão*, **mei dia*, por syncope do *o*. A fôrma *testão* é archaica: cfr. ital. *testone*, fr. *teston*.

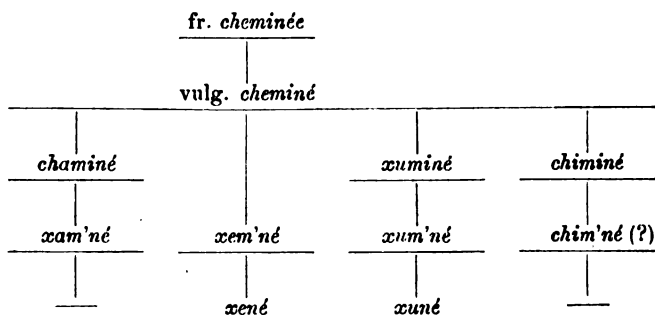
² De *quaiseque*. Em Lisboa, etc., diz-se *quaise*.

³ Através de **intreç'ção*. Houve ao mesmo tempo absorpção de consoantes. — Num ex-voto de 1754, que encontrei na capella de S. Bento (Alandroal), lê-se mesmo *entressão* (por *intercessão*).

d) A simplificação dos ditongos, estudada no § 20, entra também na categoria da syncope.

e) Fórmulas correntes no Alandroal, e noutros pontos do Alentejo e do Algarve, são *ôlval* e *ôlvêra* (por *olival* e *oliveira*). Estas fórmulas têm muita importância, porque, como já lembrei na *Revista Lusitana*, II, 372, explicação, à meu vêr, como é que o *l* se conserva em *oliveira* e em *olival*. Em latim ha *olivaria*; a fórmula *oliveira* não podia corresponder immediatamente áquella, só com mudança de -aria em -eira, porque é lei phonetica da nossa lingua que *l* não se mantém entre vogaes. Portanto, como a quêda do *i* protonico era facil, **ol'varia* ou *olveira* (cfr. *solteiro*, de *solitarius*, *pendença*, de *pae-nitentia*, etc.), a difficuldade resolve-se bem, admittindo-se que em *olveira* se intercalou numa epocha posterior um *i*, d'onde *oliveira*. O facto é posto fóra de dúvida por documentos antigos que offerecem *Olveira* ou *Ulveira* (não posso agora verificar) como nomes de locaes, que hoje se chamão OLIVEIRA. — O mesmo raciocinio em relação a *olival*: lat. vulg. **olivale* > *ol'val* > *olival*.

f) Outro caso de syncope dá-se em *chaminé*, que tem no Alandroal estas fórmulas: *xam'né*, *xum'né* e *xem'né*. A palavra *chaminé* vem do fr. *cheminée*; portanto, *xem'né* representa uma fórmula antiga. O *a* de *chaminé*, e portanto de *xam'né*, provém de influencia de *chamma*. O *u* de *xum'né* resulta de *e*, por influencia da labial vizinha: cfr. *rumendo* (=remendo). Creio que em alguns pontos do país se diz também *chimné*, resultando o *i* da influencia da palatal, como em *chigar*. — Na aldeia de Ferreira (Alentejo), a palavra contrahiu-se ainda mais, pois se diz *xuné* e *xené*, pela reducção de *mn* a *n*, como se vê no lat. *scamnum*, que deu em port. *escano*. Se fizéssemos um quadro de todas estas fórmulas, teríamos:



Uma palavra pôde apresentar assim muitas fórmulas, por ser sollicitada em várias direcções por diferentes forças, segundo os habitos phoneticos de cada povo; mas nenhuma das transformações se faz ao acaso.

28. METATHESE.

O *r* na nossa lingua está muito sujeito a metatheses (reaes ou

apparentes), por ex.: *probe*, *tromento*, *creba* (= quebra), etc.; eis, porém, um exemplo androalense, que não me lembro de ter observado noutra parte: *vidrado* (= vidrado).

29. INFLUENCIA DE CONSOANTES EM VOGAES.

a) O *r* faz que um *e* átono vizinho se mude em *a*: já acima vimos *sôvaro*; outros casos: *rabanho* (= rebanho), *taría* (= teria). No Alandroal diz-se *prametido* (= promettido), talvez através de **premetido*, entrando pois a palavra nesta categoria. — Também se diz *aratório* (= oratorio); mas talvez haja aqui influencia de *ara*, ou de *arado*, *arador*, etc. — Num ex-voto, de 1876, da capella de S. Bento, li *Farnandes* (= Fernandes).

b) *Palataes*. — Todo o *e* átono antes de *x*, ou de *s* que tenha o valor de *x*, se muda em *i*, o que se comprehende bem, porque *x* e *i* são palataes. Exemplos: *Sinhora das Névis*, *pódís*, *dévis*, *arvis* (= arvôres. Vid. § 23-b), *mulhéris* (= mulheres), *cristár* (= crestar), *piscôço*, a par de *biscoço*, *discompor*, palavras que são *Névix*, *pódix*, etc. O *i* pôde mesmo cahir: *dévs*, *póds*, *biscoço*, que se pronunciação *dévix*, *pódix*, *biscoço*. — Num ex-voto da capella de S. Bento (Alandroal), de 1796, lê-se *Misquita* (= Mesquita), onde *s*, segundo a orthographia usual, representa *x*. — Num ex-voto da Senhora da Fonte-Santa lê-se *milhora* (A. 1876), fôrma corrente no país todo.

c) *Nasaes*. — Já no § 7 fallei da influencia que as consoantes nasaes exercem nas vogaes anteriores, nasalando-as. Em *menza* e *nonjo* (mesa, nojo), as nasaes *m* e *n* nasalão as vogaes seguintes; mas dá-se a circumstancia de essas vogaes não serem abertas, e de estarem antes de consoantes contínuas. Os dois phenomenos não são especiaes do Alandroal.

d) *Labiaes*. — A influencia das consoantes labiaes nas vogaes átonas já tem sido muitas vezes estudada, para que eu tenha de entrar aqui em explicações. Por influencia das labiaes *p*, *b*, *f*, *v*, *m*, diz-se no Alandroal: *Burnarda*, *furver*, *buber*¹, *dubaxo* (= de baixo), *suparar* (= separar), *pruvenir* (= prevenir), *buneficio* (= beneficio), *dumanda* (= demanda), *xumné* (vid. § 27-f), *pugar* (= pegar).

A intensidade d'este, como de outros phenomenos, é tal, que em ex-votos da capella da Fonte-Santa encontrei: *lovar* (de 1804 e 1814) = *luvar*, por *levar*.

30. S IMPURO INICIAL².

O *s impuro* no principio de palavra não admite antes de si nem *e* nem *i* átonos; além d'isso, esse *s* vale *x* ou *j*, segundo a natureza da consoante seguinte. Temos, pois: *star* (que se pronuncia *xstar*), *smagar*, (i. é, *jmagar*), *smoitar* (i. é, *jmoitar*), *stanhêra* (i. é, *xtanhêra* = esta-

¹ Mas diz-se *bebo*, por aqui o *e* ser tónico.

² Chama-se *s impuro* o *s* seguido de consoante, que fôrma syllaba em elle

nheira), *strêla* (i. é, *xtrêla*).—Esta é a tendencia geral, mas, em emphase, pôde ouvir-se *i*, por exemplo no romance popular de D. Flores:

Prêcurô por sua *isposa*,
Sua *isposa* natural.

Comquanto na lingua litteraria se escreva *estar*, *esposa*, etc., o vulgo trata de differente maneira o *e*, segundo as provincias, ora suprimindo-o (por ex. no Minho), ora mudando-o em *i* (por ex. na Beira Alta). No latim vulgar havia um *i* que depois experimentou várias alterações; assim: *stare* > *istare* > *estar* > *istar* > *star* > *'tar*. Esta ultima fôrma é muito vulgar no Sul, sobretudo na flexão *'tá*. Parece, á primeira vista, haver contradicção na successão d'aquellas fôrmas, mas não ha, pois cada uma d'ellas pertence a sua epocha e a seu territorio.

31. ESDRUXULOS.

Os esdruxulos, cujas duas ultimas syllabas sejam vogaes (i. é, ditongo crescente com *i* semi-vogal), ha tendencia para os destruir: *prencipo*, *Antoino*, *colêjo* (= collegio), *côida* (= côdea), *pitrólho* (= petroleo), *ólho* (= oleo), *familha* (= familia) ¹.

Sem embargo, tambem se ouve *princípio*, *deligencia*, *petrólio*, *óleo*, —ou então *petróto*, *óto* (= oleo), *famila* (familia), ou ainda *pitrôli* (com *-i* emphatico).

B) Morphologia

32. NUMEROS.

Ha algumas poucas particularidades: o plural de *gafanhôto* é *gafanhótos* ²; o plural de *bólso* é *bólsos* (como em Lisboa) ou *bólsos* (como na Beira Alta); diz-se no singular *devôto* e no plur. *devótos*. O plural de *val* (= valle) é regular, isto é, *váis* (cfr. *Dial. extrem.*, I, 17; e *Sub-dial. alemtej.*, pag. 5); o plural de *êrmão* é *êrmôis*, —o que constitue um caso de analogia com outros singulares em *-ão*, cujo plural normal é em *-ões*; o plural de *fêjão* é *fêjãos* (oxytono).

33. GENEROS.

A palavra litteraria *aneurisma*, que é masculina (do lat. *aneurisma*, para onde veio do grego *aneurysma*, ambas neutras), transformou-se no Alandroal, como em Lisboa, em *nòrisma*, e é feminina,

¹ Havendo *l + io*, o *l* pôde palatalizar-se: *lh*; como se vê nos exemplos precedentes.

² E' um caso de flexão interna ou inflexão, a que os allemães chamão *Umlaut*. Dá-se tambem na lingua litteraria com todos os adj. em *-oso*, e com muitos substantivos: cfr. *Grammat. port. element.* de Epiphania Dias, §§ 35 e 47. — Este facto talvez dependa da influencia dos sons finaes (*-o*, *-os*): cfr. Meyer, *Gr. das ling. rom.*, I, 186.

dizendo-se, pois, *uma nõrijma*. A razão d'isto está na tendência popular para tornar femininos os nomes acabados em *-a*: no Norte, por ex., diz-se por este motivo *uma systema*. — O feminino de *pardal* é *pardalõca*, que assenta em **pardalõco*, (*-õco*, suff. deminut.).

34. PRONOMES.

a) O pronome dativo da 3.^a pessoa tem a fôrma vulgar *le*, correspondente á litteraria *lhe* ¹.

b) Com relação ao pronome accusativo, dá-se um facto muito interessante, e que por ora, com esta intensidade, não conheço noutra região. Como é sabido dos que estudão a philologia portuguesa, quando uma flexão verbal termina em *s*, e traz junto encliticamente o pronome da 3.^a pessoa, este mantem o seu *l* originario, no qual se absorve o *s* antecedente, — por ex.: *deixemo-la* (por *deixemolla* = *deixemos-la*), *conhéce-lo*, *fomo-lo ver*, etc., etc. No Alandroal, porém, não se mantem esta tradição antiga, e apparece junto á fôrma verbal intacta o pronome na sua fôrma actual, dizendo-se:

<i>dêxemos-a</i>	<i>rês-a</i>
<i>conhéces-a</i>	<i>dêxas-o</i>
<i>comemos-a</i>	<i>mátas-o</i> , etc.

Em virtude de leis phoneticas da linguagem popular, que já tenho exposto noutros logares (por ex.: *Dial. interamn.*, III, 8), quando no Alandroal a flexão verbal termina em *-os*, e tem de se lhe seguir o pronome masculino *o* ou *os*, para não ficarem a seguir dois sons iguaes, *o...o*, dissimila-se o primeiro, por ex.: *fomes-o ver* (= *fomos-o ver*), e *temes-o lá* (= *temos-o lá*), *queremes-os* (= *queremos-os*), podendo mesmo dar-se a syncope do *e*, e dizer-se em linguagem mais rapida: *fo'mzo*, *te'mzo*, *qr'e'mzos*, (onde com o apostropho quero apenas indicar que o *m* se junta ao *z*, e não serve para nasalar o *e* antecedente).

Além do phenomeno assignalado, dá-se ás vezes ainda outro, que consiste em ouvir-se um *i* depois do *s*, por ex.: *vinhasi-o* (palavra ultra-esdruxula), *vistesi-os* (= *vistes-os*, 2.^a pessoa do sing.), onde o *i* me parece que se deve explicar, não por simples som de ligação, mas por um *e* paragogico da fôrma verbal: *vinhase* por *vinhas* ², etc. O que

¹ Qual é a origem do som palatal em *lhe*? Creio que poderá explicar-se assim. Do lat. *illi* veio primeiro **li*; ora, quando a **li* tivesse de se seguir vogal, por ex.: *dá-li-o*, *compro-li-o*, *dá-li um*, *dá-li a mão*, etc., o *l* tendia para se palatalizar, por isso que se lhe seguia uma semi-vogal + vogal, e por fim palatalizou-se, — d'onde *dá-lho*, *compro-lho*, etc.; depois o phenomeno generalizou-se ainda aos outros casos em que ao pronome se não seguia vogal. A nossa lingua offerece muitos factos semelhantes a este. — Na lingua vulgar conservou-se pois **li* sob a fôrma *le*; e na lingua litteraria passou a usar-se, primeiro *lhi* (arc.) e depois *lhe*.

² Cfr. *Dial. beirões*, v, 2. — E' sabido que *e* átono antes de vogal se muda em *i*; por este motivo se diz, por ex., *ciar* (= *cear*), ao lado de *ceio* (= ant. *ceo*). No 1.^o caso o *e*, por ser átono, mudou-se em *i*; no 2.^o caso o *e*, por ser tónico, ditongou-se.

mais me confirma neste facto é dizer-se também no Alandroal *fezi-os*, *dizi-o* (3.ª pessoa), etc., onde *-i* provém de um *-e* originario: *feze*, *dize* (lat. *feci(t)*, *dici(t)*), cujos *ii* finais se mudarão respectivamente em *e*, que na lingua normal se syncopou, em virtude de leis sabidas). — Parallelas a estas formas são as alto-beirãs *fázi-o* (= *faze-o*, lat. *facit*), *púsi-o* (= *púse-o*, lat. *posui*), *fêzi-o*, etc. — Portanto, se em certos casos o *e* já existia primitivamente; e se por outro lado o *i* não apparece noutras ligações não finais de *z(s)* + vogal: conclue-se que o *i* não é intercalar, mas proveniente de *e* paragogico. — Em virtude do que acabou de dizer, poderia alguém pensar que, depois dos artigos *os*, *as*, antepostos a palavras começadas por vogal, também apparecesse *i*; mas é que *os* e *as*, como artigos, nunca em regra são finais, são sempre proclíticos, e por isso não ha lugar para receberem *e* paragogico.

Como, á falta de documentos antigos, não sei a idade do *e* paragogico, tanto podem ser antigas, como modernas, formas como *vemos-a*, *mátas-o*, pois se a paragoge se dava já quando o *l* primitivo do pronome (é notorio que antes de se dizer *o* se dizia *lo*) ainda existia, tínhamos **vemose-la*, **mátase-lo*, d'onde, pela syncope do *l* (que se deu também em *ama-o*, *ama-lo*, etc.¹), provinhão as formas actuaes *vemosi-a*, *mátasi-o*, ou *vemos-a*, *matas-o*. Se ellas são de formação secundaria, então resultão simplesmente de analogia, por haver desejo de manter intactas, de um lado as flexões verbaes, do outro as formas dos pronomes.

Para mais clareza, resumirei aqui a evolução do phenomeno, tal qual a expus:

**temose-o* > *temosi-o*² > *temos-o*³ > *teme-so*⁴ > *te-'mzo*⁵.

c) Em *commigo* a primeira nasal não é absorvida, como, por exemplo, succede na Beira Alta, embora o *o*, por se seguir *m*, fique nasalado, mas pronuncia-se distinctamente o *com*, como em *contigo*; temos, pois, *com-migo* (cômigo). — Assim tenho ouvido em muitos logares do Sul. — O facto de se manter a nasal primitiva é devido á consciencia de que na palavra entra *com*, e á influencia de *contigo* e *comsigo*, onde não ha motivo para a nasalidade da vogal desaparecer, por não se seguir consoante nasal.

d) Como *pronomina reverentiae*, são muito frequentes no Alandroal as palavras *mano* e *mana*, applicadas no discurso directo ás pessoas que se suppõem iguaes ou superiores, quer sejam novas, quer velhas, e a quem se trata com certo respeito. Assim, por ex.: «como stá,

¹ Cfr. o meu opusculo *As «Lições de linguagem», do sr. Candido de Figueiredo*, 2.ª edição, Porto 1893, pag. 63.

² Lei da palatização, vid. not. 2 de pag. 36.

³ Lei da simplificação dos esdruxulos (ultra-esdruxulos), vid. § 31.

⁴ Lei da dissimilação, segundo a fórmula *o... o = e... o*, vid. *Dial. interam.*, III — 8, etc.

⁵ Lei analogia á da nota 3.

mana Luisa?», «ó *mano* Xico!», «quer vir, *mano*?», etc. Neste caso *mano* e *mana* não significão, pois, *irmão* e *irmã*. Se se fallar com *irmãos* ou *irmãs*, não se emprega *manos* ou *manas*, mas sim aquellas proprias palavras. Só em linguagem culta se diria no Alandroal «meu *mano*», querendo significar-se «meu irmão». — E' tão querido do vulgo o emprêgo de *mano* e *mana* como *pronomina reverentiae*, que eu mesmo, quando vou ao Alandroal, assim trato também a gente do povo com quem fallo, pois que nas provincias costume ás vezes servir-me de expressões do povo, para assim me identificar um tanto com elle, e poder fazer melhor as minhas observações dialectologicas.

A palavra *mano* nesta significação não deve ter origem muito remota; pois, como o mostra a manutenção do seu *n* intervocalico (que nas palavras populares se não mantém intacto, por ex.: *irmão* = **ier-manus* = *germanus*, *mão* = *manus*, *rã* = *rana*, etc.; cfr. supra, nota 1 de pag. 29), ella é de origem litteraria; todavia, o nosso grande comico do seculo xvi, Gil Vicente, que conhecia tão bem a linguagem popular, e a quem a vida alemtejana mereceu muitas referencias¹, emprega também *mano* e *mana*, não no sentido de *irmão* e *irmã*, mas no do Alandroal; por ex.:

Num dialogo de lavadeiras, diz uma, chamada *Cismena*:

Sentae-vos a par de mim:
Aqui, aqui, *Oribella*;
Serrana, alli a par d'ella;
Andresa, vós, *MANA*, aqui,
Felicia junto com ella.

(*Obras*, ed. de Hamburgo, vol. II, 47).

A mesma *Cismena* diz noutro dialogo com *Affonso* (um parvo):

Dize-lhe tu, *MANO*, lá
Que, por usar cortesia,
Fica cá esta iguaria. (II, 57).

A pastora *Felipa* diz á sua collega *Catherina Meigengra*:

Onde vás, Meigengra *MANA*?
.....
Agora est'ora vai d'aqui
Gonçalo, que vem da côrte;
MANA, pousou-lhe de sorte,
Quando lhe fallei em ti,
Como se foras a morte. (II, 428).

¹ Cfr. *Rev. Lusit.*, II, 342 (Nota sobre a linguagem de Gil Vicente).

A' mesma *Felipa* diz *Rodrigo*, seu namorado:

Não estou eu, *MANA*, nisso! (II, 434);

e noutro ponto:

Felipa, *MANA*, vem cá. (II, 438).

E muitos mais exemplos offerece Gil Vicente; mas é escusado copiá-los.

Ainda como illustração do assumpto, aqui cito um verso de Couto Guerreiro (que era transtagano, — natural de Setubal), onde *mana* não significa *irmã*, e sim se usa no sentido alandroalense:

«Já nos perden o amor? *MANA*, não diga»¹.

Conhecidos, como são, outros exemplos analogos de *pronomina reverentiae*, nada tem de estranho o uso de *mano*. Na Beira-Alta, e noutros pontos, usa-se de *tio* e *tia* (abreviados em *ti'*, em proclise), quando se falla com estranhos, ou com pessoas de certa consideração. Os Romanos tambem em certos casos se servião de *pater*, como expressão respeitosa. O costume que ha entre nós, de chamar aos pretos *pae* e *paezinho*, pertence á mesma categoria. — Na escolha de *tio* e *mano*, para *pronomina reverentiae*, revela-se porventura o caracter de dois povos: quem diz *tio*, humilha-se mais do que quem diz *mano*. O alemtejano é nobre, altivo, independente: d'aqui o tratar os outros por igual, — com uma expressão de fraternidade; não se curva a chamar *tio* ao seu semelhante; ergue porém a fronte, denominando-o familiarmente *mano*². — Ainda que no Alemtejo possa existir *tio*, isso não destroe a hypothese que enunciei. O emprêgo de *mano* em vez de *irmão*, como *pronomem reverentiae*, tem a vantagem de evitar concurrencia de significações.

e) Diz-se «cadéla?», em interrogação (= «qu'è d'ella?»).

f) Diz-se *a sim* (= a si), por analogia com *mim*, facto que tambem succede em Elvas (vid. *Sub-dial. alemtej.*, pag. 15). Era de esperar que se dissesse *tim* por *ti*, mas não ouvi esta fórma, apesar de ter procurado ouvi-la. — Na ed. de 1749 da *Chronica de D. Manuel*, de Damião de Goes, lê-se algumas vezes *sim* (= si, «perante *sim*», pag. 57, etc.), mas tambem lá se lê *si*. Será pronúncia do typographo?

g) *aquelôtro* (= aquell'outro).

¹ *Satiras e Elegias*, 1786, pag. 207. — A poesia a que este verso pertence tem certo caracter popular.

² Os Romanos, povo orgulhoso por excellencia, chamavão-se por *tu* uns aos outros. Só na decadencia do imperio se começou a tratar o imperador por *vos*, etc.

35. ARTIGO.

O artigo indefinido *uma* toma frequentemente a fôrma *ma*. Em virtude da proclise, o *u* inicial tornou-se atono, e por isso cahiu.

A etymologia de *uma* tem offerecido certa difficuldade, por causa da explicação do *m*. Cfr. porém o que escrevi em 1885 no *Dial. interamn.*, II, pag. 12, nota. Assim como na fôrma arch. *vño*, que deu *vinho*, **mña*, que deu *minha*, se desenvolveu a palatal-nasal *nh*, por influencia do *i* tónico (tambem palatal-nasal), assim igualmente na fôrma archaica *ũa* se desenvolveu a labial-nasal *m*, por influencia do *ũ* tónico (tambem labial-nasal). Isto vê-se melhor no seguinte quadro:

$$\begin{array}{l} \text{vinum} > \text{vño} > *vñho > \text{vinho.} \\ \text{una} > \text{ũa} > *ũa > \text{uma.} \end{array}$$

Análogos a *vño*, e **mña* ha outros exemplos, como *ninho* (de **nño*), *pinho* (de *pño*).

A razão por que de *luna*, arch. *lña*, não resultou tambem *luma* foi porque a tendencia da lingua era desnasalar, e por tanto apparecer *lua*, tendo-se porém mantido até uma epocha posterior *ũa*, por influencia do masculino *ũ* (= um), do mesmo modo que a fôrma masculina *bõ* (= bom) fez conservar até tarde *bña*. De passagem notarei que a fôrma *Lisbña* se manteve tambem, por influencia da terminação *-bña*, posta em paralelo com o adjectivo feminino *bña*. Se representarmos estes phenomenos num quadro, teremos:

$$\begin{array}{l} \text{epocha A: } lña - ãa - bña \\ \text{epocha B: } lua - ãa - bña \\ \text{epocha C: } lua - uma - boa \end{array}$$

Na epocha A, a tendencia da lingua era manter as nasaes; havia outras muitas, como *mñesteiro*, *vño*, *sñar*, etc.

Na epocha B, a tendencia da lingua era desnasalar, e por isso *lña* deu *lua*, *sñar* deu *saar*, *mñesteiro* deu *moesteiro*; mas, como em *ũa*, havia a influencia de *um*, e em *bña* a influencia de *bom*, a nasal resistiu em *bña* e *ũa*.

Na epocha C, a influencia phonetica foi mais forte do que a influencia analogica, e *ũa* deu *uma* (pois que *ũ* provocava o apparecimento do *m*); em *bña* a labialidade do *o* não era sufficiente para fazer desenvolver tambem *m*, e por isso *bña* deu *boa*.

Póde ainda perguntar-se porque é que a palavra *commña* (archaica) não deu tambem *communa*, visto haver o adjectivo masculino *commum*, que provocava a manutenção da nasal. E' que a palavra deixou, ha muito, de se usar como adjectivo, passando á classe de substantivo, como synonyma de *sentina*, e tornando-se *commum* adjectivo uniforme; por isso a influencia não se exerceu.

A fôrma alemtejana *jumar*, de **jejunare* (i. é, **j'jñar* > **jñar* > **jñmar*), é outro caso comparavel a *uma*. E aqui está um exemplo

de como a linguagem popular pôde concorrer para o melhor conhecimento da linguagem litteraria.

36. NUMERAES.

a) Diz-se *ôito* e *dezôito*, como em Lisboa. A fôrma *dezôito* assenta em *dez-a-ôito*, como provei no meu opusculo *As «Lições de linguagem» do sr. Candido de Figueiredo* (analyse critica), 2.^a ed., Porto 1893, pag. 28.

b) Diz-se frequentemente *vinta um*, *vinta dois*, etc., como noutros pontos do Alemtejo (Elvas, onde conheço exemplos desde o sec. xvii, vid. *Sub-dial. alemtej.*, pag. 16) e na Estremadura. Tambem Gil Vicente, que conhecia bem a linguagem do Sul, diz: *vinta tres* (I, 163), *vinta hum* (II, 23). No meu *Sub-dial. alemtej.* expliquei o *a* por analogia com o de *trinta*, *quarenta*, etc. (pag. 16); todavia, parece que, se essa analogia se dêsse nisso, devia tambem, para ella ser completa, empregar-se a conjuncção *e*, e dizer-se, o que se não diz, *vinta e um*, *vinta e dois*, como se diz *trinta e um*, *quarenta e dois*, etc.; por isso, sou levado agora a crêr que *vinta um*, *vinta dois*, etc., antes resultão de analogia com os numeros inferiores *dezanove*, ant. *dezaôito*, *deza-sete*, *dezaseis*, do que com os numeraes superiores. Como *dezanove* consta de *dez + a + nove*¹, temos tambem *vint'a um*, *vint'a dois*, syncopando-se o *e*, como em *d'além*, *d'um*. No emtanto, tambem se diz *vint'e dois* (vintidois), *vint'e tres* (vintitrês); mas diz-se *vintôito*, que assenta em *vint'a ôito*, tendo *aô* dado *ô*, como em *dezoito*. Um homem do povo, já velho, mas sentencioso, fez-me elle proprio observar que no Alandroal se dizia *vintôito* em vez de *vintidoito*².

37. PARTICULAS.

a) *Adverbios*. — *Preposições*. — Sobre *quaisque*, vid. § 27. Sobre *perchinho*, vid. § 19-b; tambem se diz *pertuzinho*, cuja origem é *pertuchinho*, isto é, *perto*, com o suffixo *-ucho*, seguido do suffixo *-inho*. O suffixo diminutivo *-ucho*, que se nota tambem em *pequerrucho* (*pequerrucho*), *gorducho*, etc., foi por mim explicado pelo suffixo composto *usc(u)lus* na *Rev. Lusit.*, II, 271. Deve, pois, escrever-se tambem *poucuchinho* e não *pouchinho*, como toda a gente escreve, pois a palavra decompõe-se em *pouc-uchinho*³; uma variante, vulgar no país, de *poucuchinho*, é *poucachinho*, que não resulta d'aquella, mas se decompõe em *pouc-achinho*, onde entra o suffixo *-acho*, que igualmente expliquei na *Rev. Lusit.*, *ib. ib.* (cfr. *riachinho*, etc.). — Outros adver-

¹ Vid. o meu opusculo critico *As «Lições de linguagem» do sr. Candido de Figueiredo*, 2.^a edição, Porto 1893, pag. 29.

² D'este emprêgo de *a* encôntrão-se muitos outros exemplos na nossa antiga litteratura.

³ A razão por que se escreve *poucuchinho*, com *o*, é por se suppôr erradamente que o suffixo é *-chinho* e que o *o* final de *pouco* se mantem (pronunciado *u*); mas, na junção d este suffixo, o *o* final da palavra, a que elle se junta, cáe.

bios androalenses são: *ðspôis*, *ðdespôis*, *d'pôis*, *aspôis*, que alternão entre si, e com *apôs*¹; estas fórmulas funcionão também como preposições, do mesmo modo que na lingua usual. — O adv. *mais* toma a fórmula *más*, como em «*más* perde», onde, pelo facto de ser proclítico, o *i* se perdeu (cfr. § 20-g); esta redução do ditongo deu-se também na conjuncção da lingua commum *mas*, onde o *a*, porém, se pronuncia *d*, o que denota talvez uma epocha mais antiga do que a da mudança de *mais* em *más* (outra razão está também em que a conjuncção é mais vezes proclítica do que o adverbio). — Entre os adverbios de lugar temos: *d'i* (lat. de ibi) e as phrases *p'r'i d'alem* e *por'leim* ou *por'lẽ* (= por além). — Em vez de *então*, a que na Beira corresponde *atão* (= *antão*, também vulgar no Norte), diz-se no Alandroal *antão* e em proclise *'tão*, que assenta immediatamente em *atão*, pela apherese do *a*, analoga á do *u* de *uma* no § 35. O *an-* de *antão*, por *então*, arc. *entõ* (lat. in + tunc <> in + tum), explica-se como em *Anrique* a par de *Enrique* (Henrique), *andorinha* por **endorinha*, **indorinha*, **irundinha*, **irundĩinha* (= lat. hirundinīna)², *anr'elles* (e outras phrases com *antre* por *entre*), etc. Em *atão*, por *antão*, houve dissimilação de nasal, como em *chaprão* por **chãprão* (= pranchão: vid. *Rev. Lusit.*, II, 306). — E' curioso o adverbio *prens'palnentes* (= principalmente); cfr. *Dial. estrem.*, I, 15. — Na Beira-Alta também se diz *sõmentes*, mas não ha outros adverbios acabados em *-mentes*, e só em *-mente*. Em gallego *solasmentes* (vid. *Galicia*, I, certamen, 70). — Sobre *nunca* vid. a Syntaxe. — O adv. *não*, quando proclítico, toma a fórmula *nã*, que póde reduzir-se a *nã*: «*nã* tenho», «*nã* tenho».

b) *Conjuncções*. — A fórmula antiga *cá* (lat. quam) usa-se, por ex.: «*más* alto *cá* elle». Mas também neste sentido se usa a fórmula corrente *que*, a qual, porém, pede depois de si um *a*, e se muda normalmente em *i*, por ficar antes de vogal, por ex.: «F. é melhor mestre qui ó F.» (= que ao), «*más* velho qui ó irmão», «*más* doce qui áquelle». Creio que este *a* é devido ao seguinte: sendo a fórmula primitiva *ca*, esta em qualquer d'aquellas phrases tomava a fórmula *cá* ou *có*: «melhor *có* F.», por isso que *ca* + *o* = *có*, e *ca* + *a* = *cá*; depois, como na lingua litteraria se diz *que*, tomou-se *có* por *que* ó, e *cá* por *que* á, mudando-se

¹ A fórmula ant. da preposição-adverbio *depois*, com as suas variantes, é *depos*; cfr. em Viterbo *empolos* por *empollos* (= em-pos-los); ainda hoje se diz *apôs*. Como é que appareceu *pois* e as suas variantes? Esta fórmula é igualmente antiga na lingua (vid. por ex. os Cancioneiros medievae). Em hesp. ha *pues*; mas *ue* resulta do ditongamento do *o*; em fr. ha *puis*, que se explica por **postius*; cfr. o ital. *poi*.

² A palavra *andorinha* tem sido explicada por varias maneiras. A explicação que eu dou no texto parece-me a mais simples. — Não se póde pensar em *hirundīnea*, porque o *i* é breve. — Em **irundĩinha* o dissyllabo *ti* foi reduzido a *i*, como na fórmula archaica *vir*, que deu *vir*. De **irundinha* passou-se para **indurinha* (indorinha), por uma metathese de syllabas, de que ha muitos exemplos em portuguez. A minha explicação aproxima-se da do sr. J. Cornu, *Die portug. Sprache*, § 244.

regularmente o *e* de *que* em *i*, por se seguir *ó* e *á* (vid. nota 2 da pag. 36). Para o feminino a mesma explicação: «milhor *qui á xuva*» (phrasa que colhi em flagrante), por *que á, q'á (cá) = ca + a*. A's vezes dá-se o caso de se sommarem duas syntaxes como em: «mais alto *do qui ó irmão*» (*ca o + do que o*¹). — A conjuncção *e*, que na lingua corrente se pronuncia *i* (cfr. hesp. *y*), sôa ás vezes *ê* no Alandroal, em phrases emphaticas, como estas que colhi em flagrante: «*ê... teve um filho*» (onde *ê* não é *eu*, mas *e*) «*ê... tinha um*» (id.). Neste caso o som fechado do *ê* creio não representar o valor primitivo do *e* (lat. *et*, cfr. fr. *et*, ital. *e* e *ed*, etc.), mas sim resultar da pausa, e a pronúncia adquirir assim maior amplitude; alli, *ê* tem quasi o valor da interjeição *éh*, que adiante noto.

A conjuncção *mas* corresponde a fôrma arch. *mais*: «*mais naturalmente...*» (*mas*, etc.). A conj. *nem* sôa *nim* e *nê*.

c) *Interjeições*. — Indo eu uma vez em *carro alemtejano*, do Alandroal para Elvas, ouvia constantemente o *carreiro* dizer ás mulas, nos caminhos maus, em que custava mais a andar: *ahi... ahi, oh! oh, ahi êh lá! oh... oh! êh!.., oh... oh! lá!.. oooh! oh oh!* — São, como se vê, puras exclamações, acompanhadas ás vezes de adverbios, que funcionão interjeccionalmente.

Como interjeição de vocativo usa-se *ah* e não *ó*: «*ah João!*», «*ah senhora Maria!*»

Como interjeição de resposta, diz-se *nhôra!* (*de senhora*), mesmo sendo a resposta dada a homens.

38. CONJUGAÇÃO.

a) Verbos regulares.

mato	matava	matêi ²
matas	matavas	matastes
mata	matava	matô
matemos	matávamos	matâmos ³
mátom	matávom	matárom
matarêi	mataria	matára
matarás	matarias	matáras
matará	mataria	matára
mataremos	matariamos	matáramos
matarom	matariom	matárom

¹ Na lingua litteraria diz-se hoje indifferentemente *que* e *do que*, por ex.: «melhor *que elle*», «melhor *do que elle*». O *de*, quanto a mim, foi pedido pelo *mais*, considerado em phrases como *mais de um*, *mais de metade*, etc., onde *de* entra por natureza.

² Na 1.^a pess. tambem se diz, sobretudo nas aldeias, *-i*: *apanhi* (apanhei), *livi* (leveei), *assomi* (assomei), — por influencia dos preteritos da 2.^a e 3.^a conjugação.

³ Com *a* aberto (não *á*), como na lingua litteraria. — O presente do indic. na 1.^a conj. termina em *-emos* (com accentto tonico no *e*), o preterito em *-âmos*.

mate	matasse	matar
mates	matasses	matares
mate	matasse	matar
mátemos	matássemos	matarmos
mátē	matassē	matarē
mata	matando	
matē	matado	

Outros exemplos:

Pres. indic.: *andemos, jantemos, bubemos, trabalhemos, fugimos, bebē.*

Pret. indic.: *andámos, jantámos, bubemos, trabalhámos, fugimos.*

Pres. conj.: *brinquē, pártō, stráguē, bebō; jóguemos, brínquemos, pártamos, bēbamos, pónhamos*¹.

O verbo *olhar* conjuga-se assim, sem *Umlaut*: *olho, olhas, olha, olhē*; imperat. *olhe*. Cfr. G. Vianna, in *Rev. Lusit.*, 1, 196 e 200.— Igualmente *rôgo, rôgas, ruquemos, rôgo*.

Mas: *trêmo, trêmes, trême; cōmo, cōmes, cōme; tēmo, tēmes, tēme, tēmē* com *Umlaut*, como em Lisboa. O *Umlaut* parece que se dá só nos verbos em que a vogal tónica *e* ou *o* se segue consoante nasal. Sendo nasal a vogal, parece que não ha *Umlaut*, pois nas minhas notas tenho: *vêndo, vêndes, vênde; cômpro, cômpras, cômpra*. Exemplos em que a vogal tónica é *a* antes de consoante nasal: *xāmo, xāmas, xāma*. — Com *ē, ô* e *ā* denoto a abertura de que falei no § 8.

O pres. conj. da 1.ª pess. plur. é esdruxulo, por analogia com a accentuação das fórmulas do singular. Noutros pontos do país diz-se também *séjamos, ténhamos* e *vénhamos*, por causa de *seja, tenha* e *venha*, que tem o accento tónico no *é*.

b) Verbos irregulares.

1.º *Ser*. — Pres. indic., *sô, és, é-i* (§ 26) e *é; semos* e *samos, são*. Pret., *fui, fostes, fomos, fôrom*. Conj., *sêja, sêjamos, sêjom*. Também se diz *á que* por *é que*. — A fórmula *semos* vem de *sedemus*, ou de analogia com *temos*; a fórmula *samos* resulta de analogia com *estamos*.

2.º *Abrir*. — No presente do indicativo e do conj. diz-se respectivamente *áibro* e *áibra*, como em muitos pontos do país: essas fórmulas vêm do lat. **aprio* e **apriam*, baseadas em **ap'rire*, como *fugio* em *fugire*, *vestio* em *vestire*, etc.; a fórmula **aprire* assenta em *aperire*, como o lat. *aprilis* em **aperilis*, também de *aperire*. — De **aprio* passou-se para *aibro*, pela mudança normal de *pr* intervocalico em *br*, como em *abril* de *aprilis*, e pela atracção do *i* para a vogal tónica antecedente, como em *caibo*, de *capiro*. — Nas fórmulas átonas o verbo é regular.

3.º *Caber*. — Contrariamente ao que se esperava, vista a fórmula *aibro*, não se diz *caiba*, *cáibom*, mas sim *cába, cábom*. Estas fórmulas se-

¹ Todas as fórmulas da 1.ª pess. pl. do conjunctivo são esdruxulas.

guem a analogia do infinitivo. No preterito: *cube*, *côbêstis*, *côbe*, *côbe-mos*, *côbérom*. No mais é como na ling. litter., só substituindo-se ou por *ô*, *côbér*, *côbéra*, *côbêsse*.

4.º *Resestir*. — Como o verbo *resistir* se pronuncia *resestir*, deus-lhe no presente do indicativo uma fôrma correspondente a esta: *resêsto*, *reseste*, *resêstê*, por analogia com *vestir*, que faz *vestes*, *veste* e *vestem*. No conj. *resista*, etc.

5.º *Entreter*. — Foi igualmente regularizado no m.-q.-p., como se vê d'esta phrase: «mås valêra q' ê m' entretêra». No preter. é, pois: *entreti*, *entretestes*, *entreteu*, *entretemos*, etc.

6.º *Luzir*. — Diz-se *lózê* (a par de *luzê*). E' outra fôrma analogica; como a *cubrir* (cobrir), e outras semelhantes, corresponde *cóbrem*, tambem a *luzir* se fez corresponder *lózem*. No verbo *cobrir*, e noutros com *o*, pronunciava-se originariamente o *o*, ainda quando átono, como o mostra o etymo cooperire (coprire); na pronúncia posterior este *o* pronunciou-se *u* nas fôrmas átonas, conservando-se só nas fôrmas tónicas: em *luzir*, embora o *u* seja etymologico, julgou o povo que se devia dar a mesma lei, porque attendeu aos factos no seu ESTADO ACTUAL, e não obedeceu á TRADIÇÃO ANTIGA, e fez tambem *lózê*. Por uma razão analogica se diz em Foscôa *sóppe* (por *suppre*).

7.º *Servir*. — Diz-se *sirve* (por *serve*). A razão é semelhante á do § 6.º: como a *tinir*, que na pronúncia vulgar é *tenir*, corresponde *tine*, tambem a *servir* se fez corresponder *sirve*. — A analogia nos verbos tem muita acção.

8.º *Sentir*. — Diz-se *sintê*, a par de *sente*, por uma razão analogica á do § 7.º, pois, por ex., *fingir*, na lingua corrente, faz tambem *fin-gem*. No conj. *senta*, *sentas*, *senta*, *séntamos*, *sentom*.

9.º *Valer*. — No pres. indic. *valo*, e não *valho*; no do conj. *vála*, *válamos*, e não *válha*, *válhamos*. Seguiu-se a analogia com o infinitivo, como em *caber*. — Na *Rev. Lusit.*, II, 372, expliquei a manutenção do *l* em *valer*.

10.º *Trazer*. — No preterito perf. diz-se *trôce*, fôrma que provém de *trouce* (§ 20-a), e esta de *tracsui (*Rev. Lusit.*, II, 271); e tambem se diz *truve* e *truce*. No presente do conjunctivo diz-se *tráiga*, fôrma que corresponde á hespanhola *trayga* (no indicat. *traygo*). Mas ouvi no indicativo *trago*.

11.º *Ôvir*. — Este verbo tem o participio passivo *ôvisto*, — fôrma analogica com *visto*, como já expliquei nos *Dial. extremelhos*, 1885, pag. 14, e como tambem o sr. Cornu explica no seu trabalho *Die portug. Sprache*, pag. 89. — No conjunctivo segue a analogia dos verbos regulares: *ôva* (a par de *oiça*). — No indic.: *ôço*, *ôves*, etc.

12.º *Fugir*. — No imperativo diz-se *fugê*, como em muitos pontos do país succede (Beira-Alta, etc.). Tambem Camões: «Fuge, fuge...».

13.º *Dar*. — Pres. indic., *dô*, *dás*, *dá*, *damos* (não *demo*s), *dão*. Preter., *dei* a par de *di*, *dêstes*, *deu*, *dêmos*, *dêrom*. Pres. conj., *dêta*, (a par de *dia*), *dêtas*, *dêta*, *dêtamos* (esdruxulo), *dêtão* (ou *deiom*?). Preter., *dêsse*, etc. e *dêssê* (e tambem *disse*, etc.). — A fôrma *di* do

preterito é vulgar em muitos pontos do Sul, mesmo nos arredores de Lisboa, onde a ouvi em Caneças.

14.º *Arreponder*. — No participio tem a fôrma contracta *repeso* (por *arrepeso*).

15.º *Competir*. — Faz no preter. *competeu* (por *competiu*). Analogia com *metteu* e outros verbos da 2.ª conjugação.

16.º *Haver*. — Pres., *hê-de*, *has-de* (e *hades*), *ha-de*, *há* (impessoal), *hemos*, *hẽ-de* (a par de *hande* e *hadẽ* ou *hadẽi*. Cfr. *Sub-dial. alentej.*, pag. 16). Conj., *hájamos*, *hájom*. — Pret. m.-q.-p., *havêra* (cfr. *Dial. alentej.*, I, 14).

17.º *Andar*. — Pret., *andẽ*, *andámos*, *andárom*; mas também ouvi *andérom* (cfr. *Dial. alentej.*, II, 10-b). — No campo diz-se *andive*, *andeve*, *andivera*, por influencia de *estive*.

18.º *Fazer*. — Pres. do indic., *faço*, *fazes*, *fazemos*, *fazẽ*. Preter., *fiz*, *fizestes*, *fez*, *fizêmos*. No conjugativo, *fazesse*. No partic., *fazido*. Mas também é provavel que se diga *fizesse* e *feito* vulgarmente.

19.º *Ir*. — No preter. imperf. diz-se, nas Hortinhas e no Monte-Junto, *inha* (ou *inha*), por influencia de *vinha*. — Pres. indic., *vô*, *vás* (ou *váis*), *vae*, *vamos* e *imos*, *vão*. Pres. conj. *váia*.

20.º *Vir*. — No pret., *vinhestes*, *vinhemos*. O *nh* desenvolveu-se na fôrma archaica **vieste*.

21.º *Voltar*. — Tem o participio contracto *vôlta* (= *voltada*), que ouvi em Bencatel. Cfr. *repeso* no n.º 14.º — Estes e outros participios analogos resultão de influencia da analogia, pois, assim como se diz *soltado* — *solto*, *prendido* — *preso*, também se diz *voltada* — *volta*, *arrendido* — (*ar*)*repeso*. Os participios contractos que não provêm de analogia são de origem latina: *morto* (de *mortuus*), *preso* (de *prehensus*, ou antes *prensus*), etc.

22.º *Estar*. — Na 1.ª pess. do pl. *stemos* (estamos), por analogia com *semos* (e *temos*). Cfr. *samos*, no § 1.º O povo confunde as terminações, e por isso diz *samos*, em vez de *somos* ou *semos*, por influencia de *stamos*; e *stemos*, em vez de *stamos*, por influencia de *semos*.

23.º *Dizer*. — No preter. tem a fôrma *dixe* (muito vulgar no país), a par de *disse*.

24.º *Saber*. — No conj. regulariza-se em *saba*: «que *saba* trabalhar».

25.º *Ter*. — Parece que no plural se diz *tẽia* (= *tem* ou *teem*), do mesmo modo que *vẽia* (de *vêr*). Num canto ouvi *têẽ*. — No fut. conj., *tever*.

26.º *Vêr*. — Vid. o § 25.º

27.º *Viver*. — Diz-se *vêvẽ* (por *vivem*). Pôde explicar-se por *vevia* e *vevi* (dissimilação em syll. átona). Nas *Obras* de Melizeu Cylenio, Lisboa 1764, pag. 94, lê-se duas vezes, por erro typographico ou erro de cópia, *vevia*. A fôrma é analoga à pop. *dezia*.

39. ETYMOLOGIA POPULAR.

a) O nome do rio *Guadiana* é feminino; o povo diz *A Guadiana*.

Ora, num livro de Posturas da extincta camara de Terena, do qual existe cópia ms. do sec. XVIII, no archivo municipal do Alandroal, encontrei escrito «Agoa Dianna», onde ha influencia semi-litteraria de *Diana* ¹.

b) Diz-se (como já também tenho ouvido em Lisboa): *Santiágua* por *S. Tiago*, palavra que rima perfeitamente com *mágua* e *água*. Parece ter havido influencia de *água*.

c) Diz-se *sino-saimanco* (certo amuleto), em vez de *sino-saimão*. Influencia de *manco*.

40. FORMAÇÃO DE PALAVRAS (ETYMOLOGIA).

a) O suffixo *-éca* entra na palavra *muséca* (deminutivo de *musica*, correspondente a **musiquéca*, tendo havido troca do apparente suffixo *-íca* por *-éca*).

b) A fêmea do *pardal* chama-se *pardaloca*, palavra em que entra o suffixo deminutivo *-óca*.

c) O suffixo *-age* (<> *-agem*) fôrma o substantivo *trapalhage*, de *a-trapalhar*.

d) Quando o suffixo deminutivo *-ito* se junta a palavras acabadas em nasal, estas retomão ou conservão o *n* originario: *botanito* (de *botão*), *fêjanito* (de *fêjão*), *manita* (de *mão*), *canito* (de *cão*, — a par de *canzinho*).

e) Em *degotado*, por *esgotado*, houve troca do prefixo *es-* pelo prefixo *de-*.

f) O suffixo *-ejo* fôrma a palavra *ortêjo* (de *horta*). Nem se diz *hortaja*, nem *horto*. — A palavra *ortêjo* é muito vulgar no Alemtejo; também a vi escrita numa carta de uma pessoa de Castro-Marim.

g) Na junção do suffixo *-inho*, a nomes acabados em *-o*, intercala-se o apparente infix *z*, havendo além d'isso a mudança de *o* em *e* (assimilação a *i*): *copo* — *còpezinho*, *branco* — *branquezinho*, *novo* — *novezinho*. — A fôrma *còpezinho* usa-se também na Estremadura. Em Tras-os-Montes ouvi *còbrezinha* (de *cobra*) e *fontezinha* (de *fonte*).

h) Um *chapeu* grande chama-se *xapeirão*, onde entra o suffixo composto *-eir-ão*. A terminação de *chapeu*, isto é, *-eu*, desapareceu, tendo sido considerada, ao que parece, como suffixo.

i) Diz-se *cantarão*, no sentido de *cantoria*. Cfr. uma cantiga popular:

. Canta tu, cantarei eu,
Faremos um *cantarão*;
Os anjos cantom no ceu,
Nós cantaremos no xão.

O substantivo *cantarão* fôrma-se do infinitivo substantivado *can-*

¹ Escreve-se *Dianna* com *nn*, em vez de *Diana*, por influencia de *Anna*! E' pelo mesmo motivo que erradamente se escreve *Marianna* em vez de *Mariana*.

tar, como de *casar* (fôrma archaica por *casal*) se formou *casarão*. De *cantar* formou-se também, na lingua ordinaria, *cantarola*, como de *rapaz* se formou *rapazola*, e de *ventar* se formou *ventarola*.

j) Diz-se *desexcomungado* (ou *desexquemungado*?) por *excommun-gado*, tendo-se attribuido funcção reduplicativa ao prefixo *des-*: cfr. *desinfeliz* por *infeliz*, isto é, «muito infeliz».

Outras palavras irão indicadas no *Vocabulario*.

O) Syntaxe

41. Diz-se «faz-me preciso ir a tal terra», «fazia-me preciso isto», no sentido de *faz-se-me preciso*, *era-me preciso*.

42. Diz-se «a não ser madêros». Em geral o nosso povo não conjuga o infinitivo pessoal; deixa-o ordinariamente impessoal.

43. O verbo *adormecer* conjuga-se reflexamente. Cantiga popular:

Sã-João *s'adurmeceu*
Nas iscadas do culejo.

Cfr. em fr. *s'endormir*.

44. ELLIPSE.

a) Ouvi: «dêta-s'ahi nessa que quêra», por «onde queira», «nessa parte que queira».

b) E' muito frequente dizer-se *póde que*, em vez de *póde ser que* (com ellipse de *ser*), no sentido de *talvez que*. Ex.: «*póde que xova*», «*póde que não xova*», etc. — Cfr. o cast. *puede que no vaya*, *puede que él esté en casa*, *puede que llueva*; em Madrid ouvi mesmo dizer *pue que*. Cfr. também o fr. *il se peut que* (com conjunctivo).

c) E' também muito frequente ouvirem-se phrases como estas: «dexará de haver...», «dexará de estar...», no sentido de «*não dexará de estar*», «de certo ha-de estar».

d) *Pois* é empregado constantemente em vez de *sim* ou de *pois é*, como na Estremadura (Cadaval, etc.). Ex.:

— E' preciso isso?

— *Pois!*

Quando a resposta é muito affirmativa, usa-se frequentemente também a expressão «*pois bñ!*»

e) E' talvez também em virtude de uma ellipse que se diz: «*á mesma da hora*» e «*á propria da hora*», no sentido de «no proprio momento». Em Lisboa diz-se no mesmo sentido: «*á ultima da hora*».

f) «Eu ia lá ainda bñ não», isto é, *frequentemente*. Como quem dissesse: «*ainda bem não vinha*» ou outra phrase analogá.

g) Cfr. § 48.

h) Em phrases como «*entrou á do João*», «*ficou á do Luis*», não só *á* tem o valor de *na*, mas houve ellipse de *casa*. Estudei este phe-

nomeno no *Sub-dialecto alemtejano* e no meu opusculo critico, *O Gralhão depennado*, 3.^a ed., pag. 96, sgg. Outro ex.: «Se quiser alguma coisa p'rá do sê compadre» (i. é.,—para casa de seu compadre).

45. Quando a um nome de mulher se junta uma alcunha ou appellido, precede-se esta alcunha ou appellido do artigo *a*, por exemplo: «Anna, a Palmêra», «Maria, a Cuca», «Maria, a Biga». Mesmo em vocativo se conserva o *a*, por ex.: «Olá, senhora Maria, a Biga!» (Todas estas expressões as ouvi em flagrante).—Com os nomes de homens não se usa esta syntaxe.

46. Quando ha duas pessoas da mesma familia com o mesmo nome ou appellido, é costume no Alandroal antepôr ao nome da mais idosa o adjectivo *velho* ou *velha* (precedido do artigo), em vez de o pospôr. Exs.: «o velho Mortes¹» (*Mortes* é appellido), «o velho Saial», «a velha Antonia, a Malta» (cfr. § 45), «a velha Cuca», «a velha Carraça». (Todas estas expressões as ouvi no Alandroal).—Mas mesmo de qualquer pessoa idosa se diz *velha*, por ex.: «a velha Malta», «a velha Engracia».

47. Em phrases como «isso choveu quẽ sabe!», «é rico quẽ sabe!», a expressão *quẽ sabe* corresponde a *muito*,—como quem dissesse: «quem sabe lá!», «quem sabe dizê-lo!». Cfr. na Beira-Alta, neste sentido: *que até* (pronúncia *caté*): «choveu *caté*!».—Vid. outras ellipses no § 44.

48. E' interessante o emprêgo de *nunca* em vez de *não*, em phrases taes como: «eu *nunca* jantei hoje», «eu *nunca* lá fui ontê»,—como quem dissesse: «de facto, não jantei, não fui». Parece que *nunca* se emprega neste sentido com verbos que exprimem acção, movimento, e não sentimento (assim diz-se *não gósto*, *não estimei*, e não *nunca*). Outro exemplo: «fiz esta gôta de café pela manhã, e *nunca* bebi» (e *afinal* não bebi).—Cfr. na Beira, e noutros pontos, *sempre* em vez de *effectivamente*, *de facto*, *afinal*: «sempre vaes?», «sempre queres isso?»

49. «Vale mais esta que *não* esta». Em português litterario actual diz-se: «que esta».

50. Nesta phrase «cavallinho, lião, spada, *m'acuda*» (de um conto popular), o verbo concorda com o ultimo sujeito.

51. Na phrase *é que*, ao verbo *é* corresponde a fôrma *á*, como: «estas pedras *á* que são boas». Tambem assim se diz na Estremadura.—Não sei explicar este *á*; será *ah* (interjeição)?

52. *Comparação*: «mais alto *ca* elle», «mais velho *qui ó* irmão». Vid. § 37-b.

53. Afim de se evitar a ambiguidade que ás vezes resulta do emprêgo de *seu*, que tanto se refere a um só possuidor, como a muitos, a um possuidor masculino, como a um feminino, e só concorda com o nome do objecto possuido, emprega-se no Alemtejo pleonasticamente *d'elle*, *d'ella*, etc. Exemplos:

¹ Esta palavra, em virtude do § 19-a, pronuncia-se *Mortx* ou *Morch* (com *ch* explosivo).

«stimo as suas melhoras d'ella»;
 «por sua vontade d'ella»;
 «trôce-os de sua casa d'elle»;
 «fui a casa de sua irmã d'elle» (esta phrase vi-a escrita);
 «estive em casa de seu pae d'elles».

Tenho encontrado d'estes pleonasmos na antiga litteratura portugueza. — Cfr. tambem em hesp. «voy a su casa de *Vd.*».

54. Emprêgo de verbos auxiliares: «ê fui star com elle»; «ê vô a star com elle»; «que venha a jantar». Vid. outros casos no § 55.

55. Vozes do *manajero* na cêfa:

«vâ lá de comer!» (i. é, «toca a comer!»).
 «vâ lá de merenda!»
 «vâ de almôço!»
 «vâ lá d'almôço!»
 «vâ de cigarro!»
 «vâ d'assentar!»

56. *Preposições* (cfr. §§ 54 e 55):

a) Preposição *de*: «deve d'ir», «p'r'i d'alê», «guarda d'a pé», «guarda d'a cavallo», «ir d'a cavallo».

b) Preposição *a*: «ê-i uso a fazer isto», «ê vô-m'a decer», «jogar a». Num ex-voto: «foi servida a dar-lhe». — Vid. outros casos nos §§ 55 e 56-a.

c) Preposição *por*: «ahi por seis horas» (*por* exprimindo «vago»). Tambem em Beja ouvi dizer: «Por S. Pedro e S. João».

57. Modo de contar as horas: em lugar de se dizer «são tres horas e meia», «são oito e meia», diz-se, fazendo-se uma subtracção: «é meia p'rás quatro», «é meia p'rás nove». Cfr. em allemão: *halb vier*, *halb neun* (Uhr).

58. Não se usa na lingua corrente o tratamento da 2.^a pessoa do plural. Dá-se mesmo um facto curioso, que consiste nisto: numa xacara (tradicional) entra o tratamento de *vós*, e o povo no Alandroal junta-lhe a 3.^a pessoa do verbo: «P'los sinaes que *vós* me *dá*». No mesmo romance ou xacara se diz: *com vós*, pois que se não usa *com-vosco*. — Numa cantiga popular porém diz-se: «Ó Bâtista *sois* ôrive».

59. O futuro do indicativo é frequentemente substituido pelo presente, e o condicional pelo preterito imperfeito.

D) Textos

a) Cantigas:

S(e)... Sã-João bẽ sôbêra
 Quando era o sê dia,
 Viria do ceu á terra
 Com prazer e alegria.

Ó Bâtista ¹, sois ôrive ²,
 Fazês-m'um arrelicario,
 Qui quero trazer com-migo
 A Sinhora do Rosario.

¹ Esta fôrma alterna com *Bautista*.

² A fôrma *ourives*, em ling. vulg. *ôrives*, por causa do -s final foi conside-

O Bautista no deserto
Cobriu o rostro c'um véu:
Quinta-feira d'Assunção ¹
Subiu o Sinhor ó ceu.

Ó Bâtista, ó Bautista,
Ó Bautista de Jasus,
Q'acompanhastes a Virge
Do Calvario até à cruz.

Ó Bautista muidador ²
Q'até as águas muidaes,
Nã muides o meu amor,
Que são penas que me dáis.

Sã-João, mais o Sã-Pedro
Ambos tēē ⁵ um vestido:
Sã-João... prata lavrada,
Sã-Pedro... ôro batido.

Sã-João e mais Sã-Pedro
São dois santos muidadores:
Sã-João muid'ôs casais ³,
Sã-Pedro muid'ôs pastores ⁴.

Sã-João s'adormeceu
Nas iscadadas do coléjo.
Deu a ronda ⁶ com elle,
Sã-João tē priveléjo.

b) *Décima* (satyrica):

Sinhor Antóinho Stanquêro,
Fico-le munt'obrigado
De me dar o tabaco fiado,
Quando ê levo dinhêro...
De m'aviar a mim primêro,
Quando lá nã stã ninguêi...
Demonstr' à querer-me bēi,
Q'assim rézom-nos papeis:
O qui ôs mais dá por dê'reis
Custa-m'a mim um vintêi.

c) *Conto popular*:

Era uma mãi que tinha tres filhos munto brutos; e d'i diss'um
p'rá mãi:

— O' minha mãi, vô-m'oj'aprender a falar á politiga.
E foi, entrô numa loji, ôví star a dezer: «Fomos nós tãcis».
E d'i vêio p'ra casa:
— E já sê falar á politiga.
E d'i diz ôtro:
— Agora vô êu.

rada como plural, e tirou-se d'ella *ôrive*, para fazer de singular. — Em Gil Vicente, III, 208, lê-se *orives*.

¹ Por *Ascensão*.

² De *muidar*, tirado de **mudecar* (mudar); cfr. no Vocabulário *açoteira*.

³ Por ser tempo de mudança das casas.

⁴ E' neste tempo que os pastores se *desaccommodão* de umas famílias para se *accommodarem* noutras.

⁵ Emphatico, por ser em canto ou recitação; senão seria *tê* ou *têi*.

⁶ Variante: *justiça*.

E d'i entrô numa loji, ôvi dezer: «Por um caxo d'uvas».

E d'i foi ôtro aprender a falar á politiga. Entrô numa loji, e ôvi dezer: «justo é qu'assim seja».

E d'i abalárom todos três, encontrárom um ome morto, e parárom-se ó pé d'elle. D'i vêi a Justiça. Disse:

— Quê matô este ome?

— Fomos nós todos três.

— Então porquê?

Diz ôtro:

— Por um caxo d'uvas.

E d'i diz a Justiça:

— Vão p'rá cadêia.

E diz o tal:

— Justo é qu'assim sêja.

d) Conto popular:

'Ma vez uma cabrinha tava dentro d'uma casa; e o lobo foi lá a bater á porta, e a cabriinha disse-le:

— Que é-i?

E o lobo respondê-le:

— Sô eu... se me dá p'r'ai agasalho...

E a cabra i'-ô matando ás marradas, e ele teve medo, e disse p'r'uma formiga se queria gånhar um convite; d'pois ela disse-le que sim, e ela fô-i, entrô por baxo da porta, e assubiu p'ràs pernas á cabra e matô-a. E o lobo tamê fô-i, mandô-a levar p'ra munto lonji, e a formiga fô-i e levô-a, e o lobo mandô-a levar p'ra mais lonji, e ôs-pois levô-a p'ra mais lonji, e p'ra lá a dexô. E a formiga fô-i a pedir o convit'ó lobo, e ele disse:

— Ê nã t'o dô.

E o lobo vêio ¹ p'ràquella casinha onde 'tav'à cabra, fixô-s'á xave. E disse-l'assim a formiga cá de fóra:

— Dêxa star, que m'o hades pagar.

E ôspois a formiga foi por baxo da porta ôtra vez ainda, e disse p'r'ó lobo:

— Nã t'o disse eu, que m'o havias de pagar?

Aspois matô-o e dêxô-o lá no mesmo sítio.

E) Vocabulário

Abaníco, abanador do lume. — Cfr. hesp. *abaníco*, que significa *leque*; mas no Alandroal *leque* não se diz geralmente *abaníco*. Esta palavra é um diminutivo de *abano*, do lat. *vannus*, com mudança parcial de significação. Cf. já Ad. Coelho, *Questões da ling. port.*, I, 283; Meyer-Lübke, *Gram. das ling. rom.*, I, § 416. Körting, *Lat.-rom Wörter*.

¹ Isto é, *vê-io*.

terb., § 3073, deriva *abano*, sem motivo, de **exventaculum*, que aliás explica o francês *éventail*.

Abatarda, significa metaphoricamente «mulher gorda». — De *abetarda*, que vem do lat. *avis-tarda*, isto é, *ave-tarda*; cfr. Caix, *Studi di etimolog. ital. e rom.*, § 84; Meyer-Lübke, *Gr.*, I, § 354; Diez, *Et. Wört.*, I, s. v. *ottarda*. As linguas románicas offerecem varias fórmas: camp. (Italia) *bistarda*, prov. *austarda*, fr. *outarde*, ital. *ottarda*. — A fórma portuguesa não pôde vir do nominativo, senão o *s* ter-se-hia conservado; o *t* intervocalico não abrandou em *d*, como era de regra, porque havia consciencia de que a palavra se compunha de *ave* + *tarda*. — Vid. *abetruz*.

Abetrúz, *abestrúz*. — O étymo de *abestrúz* ou *avestrúz* é o lat. *avis-struthio*: vid. Diez, *Et. Wört.*, I, s. v. *struzzo*; Cornu, *Die Port. Spr.*, § 111; Körting, *Lat.-rom. Wört.*, § 946; e as ling. rom. offerecem outras fórmas, como ital. *struzzo*, prov. *estrus*, fr. *autruche*, hesp. *avestrúz*. — Entre o lat. *avis-struthio* e o port. *avestrúz* é mister admittir fórmas intermédias, como **avestruzo* e **avestruze*. — A fórma alandroalense mostra que em *avis-struthio*, i. é, **avistruthio*, o *s* foi considerado como fazendo parte de *avis*, d'onde, no caso obliquo, *ave-trúz*, como *ave-tarda*, tendo-se posto de parte o nominativo.

Abomba, *bomba*. — Vid. *Dial. alemtej.*, II, § 5.

Acabramar, prender um dos galhos da vacca ou do boi a uma das mãos, para não fugirem. Tambem se dá o mesmo nome ao acto de prender a uma estaca os galhos do gado lanigero e cabrum. — Cfr. *cabramo* (peia), cujo étymo é o lat. **capulamen*: cfr. Ad. Coelho, *Dicc. man. etym.*, s. v.; J. Cornu, *Port. Spr.*, § 137. Como **capulamen* daria *cabrame*, havemos de admittir ou que *cabramo* é um subs. verb. tirado de (a)*cabramar*, ou que em *cabramo*, por *cabrame*, houve influencia de *acamo*. É fórma semi-popular.

Acamar, cair de cama, doente. — De *cama*. Quanto á formação, cfr. o fr. *aliter*, de *lit.* — Tambem se diz do gado «acamar o gado», por «deitar á sesta»; vid. *acamo*.

Acamo. — Diz-se «o gado está no *acamo*», por «está a dormir a sesta». — *Acamo* é um substantivo verbal tirado de *acamar*. — Temos, pois: *cama*, *a-camar*, *acamo*.

Acrescente. — Ao acabar de se amassar o pão, e ao mettê-lo no forno, faz-se uma cruz no ar, com a mão, e diz-se:

Senhora «do Accrescente»
T'accrescente para sempre:
Tu a crescer, e nós a comer...
Tudo *Dés* pôde fazer.

O verbo *acrescente* foi tomado como substantivo, e divinizado: cfr. noutras partes *S. Crescente* e *S. Levede* (vid. as minhas *Trad. pop. de Port.*, pag. 231).

Acuáso, *acaso*. — Ex.: «ver s'acuaso...». — De *a-caso*, tendo-se

desenvolvido *u* entre *c* e *a*, por influencia de *quasi*; cfr. tambem supra, § 20-*e*.

Açoteia (f.), açoutes. Ex.: «levas uma açoteia». — Substantivo verbal tirado de **açotear* = **açoutear* (por *açoutar*). O *ou* den normalmente *ô*. Cfr. *muidar*, de **mudear*.

Adêga, adêga. — (Esta palavra nuns pontos de Portugal pronuncia-se *adêga*, noutros *adêga*, tendo-se, conforme as localidades, uma por culta e a outra por inculta). Do greco-lat. *theca*, isto é, **a-theca*: cfr. já Cornu, *ob. cit.*, § 93. — A mesma palavra *theca* entra em *apotheca*, que deu *bodega*.

Ade-Maria, ave-Maria. — A expressão *ade-Maria* tambem se usa muito na Beira-Alta. A mudança do *v* em *d* é bastante estranha, e por isso, para se explicar, deve admittir-se influencia de outra palavra. Como o comêço da oração em que entra «*ave*» é «*ave, Maria, cheia de graça*», talvez o *de* que está depois de *cheia* influísse na segunda syllaba de *ave*, e esta se mudasse em *de*, para haver correspondencia de rythmo:

à-ve Maria
cheia-de graça.

Algun dia hei de publicar numerosos exemplos analogos, que tenho collido na linguagem automatica. — Mas tambem, visto que o povo não sabe o que é *ave* nesta oração, poderia pensar-se em influencia de *ha-de*.

Adórna, cova no meio da adega para depositar o *môstro* (mosto). De *dórna*, com prothese de *a*: vid. *Dial. alemtej.*, II, 5. — Na Galiza tambem se usa a palavra *dorna*, mas significa «pequena embarcação costeira»: Valladares Nuñez, *Dicc. gallego-cast.*, s. v.

Afito, accidente convulsivo nas crianças, que é considerado como produzido por influencia da lua ¹, motivo por que ellas trazem ao pescoço um amuleto em fôrma de meia-lua. — O sr. Ad. Coelho deriva *afito* de *afitar*; diz elle: «As doenças das crianças são pelo povo attribuidas principalmente a bruxedos, mão olhado, etc.; portanto, a derivacão de *afitar*, fixar a vista, é evidente» (*Dicc. etym.*, s. v. *afito*; cfr. tambem um artigo do mesmo A. in *Revista de scienc. nat. e soc.*, III, 123). A minha definição confirma esta explicação.

Agasturas, ânsias, enjôos. — Substantivo verbal tirado de *agastar*, como *quentura* e outros.

Agrões, agriões. — A etymologia d'esta palavra não é muito clara. Em mirandês parece que se diz *agrillhom*; cfr. hesp. *agrillo*. — Em todo o caso, o radical do português *agrião* poderá ser o lat. *acer*.

Agusta, Augusta. — Vid. supra, § 20-*e*.

Ainda bem não. — Vid. supra, § 44-*f*.

Alagar, lagar. — De *a-lagar* (prothese de *a*): cfr. *Dial. alemtej.*,

¹ Os nossos lexicos dão a esta palavra outras significações.

II, § 5. O radical de *lugar* é o lat. *lacus*, d'onde se fez **lacar*, — *āris*, com o suffixo -ar, por já haver *l* na mesma palavra ¹.

Alandroeiro, alandro com muitos pés. — A palavra *alandroeiro* tem a mesma origem que *Alandroal*: vid. *Dial. alentej.*, II, *Vocabul.*, s. v. *landro*.

Alavão, conjuncto das ovelhas que já dão leite (i. é, já sem cria). — Cfr. Ad. Coelho, *Dicc. etym.*, s. v. *alavão* e *alabão*.

Alborródias, hemorrhoidas. — Chamão-se assim, não só as hemorrhoidas propriamente ditas, mas também as dôres rheumáticas, e ainda outras dôres. — Cfr. a fôrma pop. *almorreimas*, com a terminação -reimas, sob a influencia de *rheuma*, e com o artigo arabe *al-*, por analogia com outras palavras, como *alcorfas* (fôrma pop. de *escrophulas*), *alporcas* (outro nome pop. de *escrophulas*). — A fôrma *alborródias* assenta em **al-morrhoidas*, tendo-se como que corrigido -oidas em -ódias ², e mudado a labial *m* na labial *b*. O etymo está no lat. *haemorrhoids*, -idis.

Alcacêr, forragens ainda verdes, para o gado. — De *alcacél*, sobre a qual cfr. Ad. Coelho, *Dicc. etym.*, s. v.

Alçaprema, pedra que se colloca debaixo dos grandes pesos, para se firmar a alavanca ao levantá-los. — Cfr. hesp. *alzaprima*. — De *alça-prema* (cfr. Ad. Coelho, *Dicc. etym.*, s. v.).

Alfeirada. — Vid. *alfeire*.

Alféire, fêmea (ovelha, cabra) que não pare num anno: «gado d'alféire». O conjuncto do gado sem crias chama-se «alfeirada». — Também se diz «porco d'alféire» o que não está a engordar. — Cfr. Ad. Coelho, *Dicc. etym.*, s. v. *alfeire* e *alfeirio*.

Alguêro, argueiro. — Mudança de *ei* em *é* (§ 20 d), e dissimilação de *e* (§ 18-a).

Almêce (ou *atabefe*), sôro que coalha de novo. — Cfr. Ad. Coelho, *Dicc. etym.*, onde, porém, se accentua *almêce* e não *almêce*, como ouvi.

Almotagar, almotace. — Este termo hoje não se usa, mas vi-o assim escrito nas antigas *Posturas* de Terena do sec. XVIII, de que fallo acima. — Vem de *almotacel*, d'onde **almotacer*; cfr. *almotaçaria* (=almoteceria).

Alporão, vão na escada. — Também se dá este nome a uma especie de esconderijo na casa. Decerto é formado de *porão* com o prefixo (artigo arabe) *al-*.

Amanhar. — «*Amanhar as calças*», abotoar as calças. *Amanhar* é termo muito generico, no sentido de *compôr*, *arranjar*. Vid. *Dial. alentej.*, II, pag. 16.

Amentolia, almotolia. — O primeiro *l* dissimilou-se, syncopan-

¹ Cfr. Madvig, *Gram. lat.*, § 180-5

² Assim como o povo diz *côida* por *côdea* (§ 31), mudou inversamente -oidas em -ódias. A linguagem popular offerece numerosissimos exemplos d'estas fluctuações, que se fazem, porém, dentro de systemas.

do-se (cfr. § 18); o *o* mudou-se em *e*, também por dissimilação (cfr. § 34-b); o *m* nasalou o *e* (cfr. § 29-c; outros exs.: *mensagemeiro*, de *mensagemeiro*, *mêns*, de *mês*, — forma que tenho ouvido em Lisboa).

Amôquilhar-se. «Amôquilha-se com chorar», i. é, desfaz-se em chôro. — A forma anterior pôde ter sido *amouquilhar-se*.

Amoreia, ilhota de matto no meio de um campo cultivado.

Amorosa. — «Noite amorosa», i. é, serena, agradável, mansa. Deriv. de *amor*.

Andês, endez. — Cfr. *Dial. estremenhos*, I, pag. 32. Com *an-* compare-se a primeira syllaba de *antão*, *Anrique*, etc: cfr. § 37-a.

Antão, então. — Também se diz *atão*: vid. § 37-a.

Apalancar, mover um objecto por meio de uma alavanca. — De *palanca*; sobre esta palavra vid. Körting, *Lat.-rom. Wört.*, § 6104.

Apetisco, conjuncto dos petrechos de que se serve o fumista (pederneira, fusil, isca). De *a-petisco*.

Aposentes, aposentos. — Da forma arch. *apousento*, com substituição da terminação, -*ento* por -*ente* (cfr. outras substituições no § 40).

Após, depois. — De *a-pos*; cfr. § 37-a, e *Dial. alemteij.*, v, 2-c.

Aranhol (masculino). Certa aranha. (Tambem existe o termo *aranha*). — De *aranha*; cfr. *linhol* e outras com a mesma terminação -*ol*.

Armão (ou *êrmão*, irmão). Mudança de *e* em *a*, sob a influencia do *r* (vid. § 29-a), á cêrca de *êrmão*, vid. § 22-a.

Arnela, cada uma das partes em que se divide um *madêro* (madeiro). — Cfr. na lingua commum *arnella*.

Arraia, raia (confim, limite). — Termo também vulgar no Norte. Prothese de *a* (cfr. *Dial. alemteij.*, II, § 5).

Arramada, «cobérto» feito de colmo, para recolher o carro, e ás vezes o gado. — De *a-ramada*, com prothese de *a*.

Arráti, arratel. — De **arratle*, **arratre*, com dissimilação (cfr. § 18) e mudança de -*e* em -*i* (§ 23-b). Cfr. *arvi* (= *arvore*, **arv're*).

Arrelicario, relicario. — Prothese vulgar de *a*, de que já dei outros exemplos.

Arrepêso, arrependido. (Vid. *Morphologia*, § 38-b). — «Estou arrepeso de lá ir».

Arrifes, terreno que não pôde semear-se. Diferença-se da *manxa* (*mancha*) e *manxão* (*manchão*) em não ter mato. — *Arrife* é palavra que entra no onomastico, por ex.: no Algarve (*Arrife*) e nos Açores (os *Arrifes*).

Arrimar, chegar muita gente, i. é, vir muita gente para um ponto. — Do radical de *rima*; cfr. «rima de gente» = «muita gente». — Também se diz «*arrima-te à mesa*» = «*chega-te à mesa*».

Arrumar. — Variante de *arrimar*. «Ninguém alli *arruma*» (ninguém alli *chega*). Influencia da labial (§ 29-d); cfr. *derrubar* a parte *derribar* ¹.

¹ Se não fosse a significação de *arrimar*, poderia pensar-se que *arrumar* viesse de $\sqrt{\text{rumo}}$.

Asada, especie de cantaro grande, de barro, para levar cal, agua, etc. — Deriv. de *asa*, lat. *ansa*.

Aspois, depois. — Cfr. *apôs*. — A fôrma *aspois* ou está por *ad(e)s-pois*, com assimilação de *d* a *s*, ou vem directamente de *a(d) + ex + post*; em todo o caso o primeiro *s* nasceu de *x* (= *cs*).

Assabão, sabão. (Vid. *Dial. alemtej.*, II, 5). — Nas *Posturas* de Terena lê-se *sabam* e *sebam*. — A fôrma *sebam* explica-se como *rezão* (de *razão*).

Assénha, azenha (de moer o pão. — Em certos pontos da Beira a azenha é para fazer azeite). — Do arabe asséniya. Cfr. *Dial. estremenhos*, I, pag. 29.

Assomar, chegar a uma janella. Deriv. de *ad + summum*.

Assortiar. — Nas *Posturas* de Terena, fls. 29, lê-se: «Toda a pessoa que se achar fazendo *páos de vinha* ¹ nos baldios d'este concelho, estando *asortiadados*» (i. é, estando já pertencendo a qualquer individuo, que ahi tem a sua *sorte* ou *parte*. — Na Beira é muito frequente dizer-se *uma sorte de terra*, por *um quinhão*).

A's vessas, ás avessas. — Do lat. *versa*.

Atabefe. — Vid. *almêce*.

Atalhar, lavrar a terra pela segunda vez, de modo que os regos se sigão perpendiculares ao da primeira lavoira. — Deriv. de *talho*.

Atão, então. — Vid. *antão*.

Atromentada, estalada. «Pedra *atromentada*». — De *atormentada*.

Atrupar, subir. — De *a-trepar*; o *e* mudou-se em *u* por influencia da labial (§ 29-b).

Avarêjo (subst. masc.), vareja. — Substantivo verbal de *avarejar* (= varejar. Prothese vulgar de *a*).

Avaria. — «Engordar os porcos á *avaria*», engordar os porcos á mão, dando de comer a cada um (porque também se engordão nos montados com a bolota).

Avé, ave. — E' corrente dizer-se *ávẽ* (pl. *ávẽs*) por *ave*, tendo-se nasalado o *e* final, certamente por influencia de outras palavras. Como ha palavras acabadas em *-em*, que o povo pronuncia com simples *-e*, podia acontecer que, em virtude de uma como que correcção instinctiva (de que ha outros exemplos analogos ²), se transformasse inversamente *-e* em *-em*.

Aventar, deitar fôra. — «Aventar agua», «aventa isso!» Deriv. de *vento*.

Avoar, voar. — De *a-voar* (prothese de *a*). Vulgar noutros pontos do país.

Azêtêro, vaso para azeite, constituido por um chifre, a que se adapta uma tampa de cortiça.

¹ Estevas grossas para ampararem as cepas.

² Cfr. neste *Vocabulario* a nota as *alborrúdias*.

Azinco, zinco. — De *a-zinco*, com a usual prothese de *a*.

Azinho. — Vid. *sôbaro*.

Bagaceira, casa onde se arrecada o bagaço do azeite para o gado. — Deriv. de *bagaco* (bagac-eira).

Balhar, bailar. — Cfr. os meus opusculos *As «Lições de linguagem» do sr. Candido de Figueiredo*, 2.^a ed., pag. 19-20; e *O gralho depennado*, 3.^a ed., pag. 23-26. — Do lat. **balleare*, deriv. do radic. *ball-*, *bal-*, sobre o qual vid. Körting, *Lat.-rom. Wört.*, n.º 1013.

Balsa, bagaço da uva.

Bamburral, sitio onde ha herva em abundancia. — E' termo tambem do vocabulario commum.

Barda, sebe de mato, para vedar. Nas *Posturas* de Terena, copiadas em 1786, a que já me tenho referido, lê-se: «*bardas* ou paredes de vinhas» (fls. 9). — Esta palavra parece-me ser simples feminino de *bardo* (vid. *Dial. alemtejo*, II, pag. 16).

Barrancêra, ribanceira. — Metathese de *ribanceira*, na fôrma pop. *rebancêra*: **berrancêra*, d'onde (§ 29-a) *barrancêra*. A metathese foi talvez provocada pela palavra *barranco*, isto é, por *barranc*.

Barranhão, alguidar pequeno, que serve para lavar as mãos, dar de comer aos ganhões, etc. — Deriv. de *barro*, isto é, de **barranho* (= barr-enho).

Bâtista. — Vid. *Bàutista*.

Bâtizo, baptizado. — Substantivo verbal de *bâtizar*; cfr. noutras partes *confesso* (de *confessar*), *engôrdô* (de *engordar*).

Batratas, batatas. — A frequencia do grupo *tr* fez que aqui se desenvolvesse *r*. — Se bem me lembro, ouvia em pequeno dizer por graça na Beira *matraculas*, por *batatas*.

Bàutista, Bâtista (tambem se diz *Bâtista*. — A fôrma *Bautista* é arch., vem do lat. *baptista*, por dissolução da labial *p* em *u*, através de **babtista*; cfr. *ausente*, de *absentem*). A fôrma *Bâtista* explica-se pelo § 20-e.

Bê no haja, bem haja. — De *bem lo haja*, onde *lo* representa a fôrma arch. de *o*, conservada normalmente em *no*; cfr. *mal lo haja* = *mal o haja*.

Bêjinhos, especie de abrunhos.

Belga, espaço de terra já com a semente por cima, e que vae ser lavrado, para a semente entrar na terra. Cada espaço fica entre regos; um campo divide-se, pois, em muitas *belgas*. Quando muitos arados vão uns atrás dos outros na mesma belga, chama-se ao acto *lavar á pescôla*. Quando os arados andão cada um em sua belga, diz-se *lavar á belga*. — Chama-se *lavar á margem* ao facto de fazer regos grandes para o campo desaguar.

Benzer. — E' frequente esta phrase: *Benza-o Deus!*, para desejar bem; e diz-se de uma pessoa, de uma seâra, etc. A respeito dos burros, diz-se *Benza-o S. Luis*, phrase que por graça se diz ás vezes tambem de uma pessoa.

Bixêro, bordão grosso e resistente, para defesa. — O *Dicc.* de Roquete diz de *bicheiro*: «vara de barqueiro, com gancho na ponta»; esta palavra é decerto identica á do Alandroal.

Bogar. «Isso nã *bôga*» (isso não faz ao caso). — De *vogar*, *ter voga*; é exemplo raro, no Sul, de *b* por *v*: cfr. no emtanto *bodo* (de votum). Fôrma, decerto, muito antiga.

Bolête, pequeno vaso de couro para vinho. — Cfr. fr. *bol*, ingl. *bowl*. A respeito do étymon de *bowl*, vid. W. Skeat, *A concise etymological diction. of the english language*, Oxford 1887, s. v.

Bórro, carneiro velho, inteiro (isto é, não capado). — Sobre o etymo, vid. Körting, *Lat.-rom. Wört.*, n.º 1424, s. v. *bürra*. — Ouvi este termo no Redondo.

Bradar, chamar: «*bradar* por alguém». Cfr. Gil Vicente, *Obras*, III, 264:

Chamo e chamo, *brado e brado*,
E como as pedras de Samora
Dá ella por meu chamado!..

Neste passo de Gil Vicente *bradar* está antes por *gritar*, *chamar alto*, mas no Alandroal e concelhos vizinhos *bradar* tem exactamente a significação de *chamar*.

Bscoço (pron. *bxcôço*), pescoço. Cfr. § 19-a, onde citei outros exs. de analogia syncope de *e*.

Buber, beber. — Vid. § 29-d.

Burlandêra, aro de ferro que se colloca entre os *linhões* do carro e o eixo.

Burlantes. «Andar de burlantes» = andar volante.

Burnarda, Bernarda. — Vid. § 29-d.

Burrêfa, burra. — Ouvi esta palavra no Alandroal, mas dizem-me que não se usa lá, e só se usa na Vidigueira. — Quanto ao suff. *-efa*, cfr. *Dial. interamn.*, IV, pag. 8.

Cabeceira da vinha, a parte mais alta da vinha. — Nas *Posturas* de Terena, copiadas em 1786, diz-se a fls. 9: «traga sempre as *cabeceiras* tapadas» (i. é, rodeadas de mato sêcco, para o gado lá não ir).

1. **Cabedal**, caso, importancia. «Fazer *cabedal* d'ellas» (i. é, dar-lhes importancia). — Do lat. *capitalis*.

2. **Cabedal**, bens. «Dêxo-l'ô *cabedal* todo». — Do lat. *capitalis*.

Cabo, fim. «Ao cabo do mês». — Do lat. *capu(t)*.

Caço, colhêr de cabo comprido para tirar liquidos de vasos fundos: a *gadanha* da Beira-Alta. — A palavra é conhecida dos nossos lexicologos. — Cfr. hesp. *cazo*. — Do grego *kuðithion*, «petit coupe, petit verre».

Cágada, pequeno baculo de madeira que prende as duas extremidades da colleira do chocalho.

Calabôço, fouce roçadoira para cortar mato, limpar arvores, etc.

Calhamêrão (oxytono). Tem o mesmo significado que na Beira

calhastrós, e applica-se por desprêso, por ex., a um burro velho, a uma pessoa desconchavada, etc. — Deriv. de *calhamaço*, pela troca do sufixo *-aço* por *-eir-ão*: vid. outros casos no § 40.

Calhancas, burro pôdre. «Mê burro *calhancas*». — Terá o mesmo radical de *calhamaço* (com a terminação pejorativa *-ancas*)?

Canada, passagem para o gado e para o pastor, através de uma herdade cultivada. Vae-se depressa, para o gado não saltar e não estragar as seáras. Ha-as permanentes e occasionaes. Usa-se metaphoricamente a phrase «ir de *canada*» (= ir deprêssa). — Esta palavra encontra-se tambem no onomastico: assim, no concelho do Cadaval ha uma aldeia chamada VAL-DE-CANADA. — O radical está no lat. *canna* (emprêgo metaphorico): **cannata*, o que é confirmado pelo hespanhol *cañada*, pois que em hespanhol dois *nn* latinos dão normalmente *ñ*.

Cantarrilha, cantador, cantar. — Substantivo verbal de **cantarrilhar*, verbo derivado do radical de *cantar*, por meio do suffixo composto *-arr-ilh-ar*.

Caraça, máscara. — Deriv. de *cara*. Na Beira diz-se *carêta*, e por metonymia «os carêtas» (os homens mascarados).

Carapentêro, carpinteiro. — Do lat. *carpentarius*, com sua-rabacti de *a* (§ 25-c).

Caréca, cabeça do pião. — Do substantivo commum *careca* (por metaphora).

Carrêro, o que conduz o carro. De *carr-eiro*.

Carretador, o que acarreta o pão de casa dos moleiros. De *carr-eta*.

Cartada, carrada. «Uma *cartada* de lenha». — De *carretada* (carret-ada). Houve syncope de *e*; e *rr* dêrão normalmente *r*, por se seguir *t*.

Casinhólo, repartição pequena de uma casa, quarto pequeno. — De *casinha*, com o suffixo diminutivo *-ôlo*. — Na lingua commum temos a palavra *casinhola*, embora com outra accepção.

Cassação, casacão. Tambem se chama «capote *àquadêro*» (i. é, proprio para resistir á agua da chuva). — O duplo *ss* talvez seja devido á influencia hespanhola, pois que em hespanhol o *s* intervocalico é duro (consoante surda).

Castanholas, castanhetas. — Do hesp. *castanheta*, por troca do suffixo *-eta* por *-ola*.

Catréfa, caterva. «Uma *catrefa* d'elles». — De *caterva*, através de **catréva*, com mudança da labial sonora *v*, na respectiva labial surda *f*.

Caturno, meia curta. Do lat. *cothurnus*. Não é fôrma de origem popular antiga.

Caxêro, especie de bengala, cujo castão fôrma angulo recto com a haste. — O mesmo que *cacheiro*, pois que *ch* no Alandroal está representado por *x*. Do lat. **capularius*?

Celóira, ceroula. — Metathese.

Cemalha, especie de prateleira aberta na parede para pôr a louça. Tem-se geralmente na sala de entrada. Este costume é muito vulgar no Alemtejo; as louças estendidas em fila dão á casa um aspecto curioso. — De *cimalha*.

Cêvar, ceivar, dar descanso e de comer aos bois e outros animais que andão trabalhando.

Cevão. Vid. *suvão*.

Cezirão, certa planta.

Oh-. Vid. *x-*.

Cimentão, chibato velho. (Ouvi esta palavra no Alandroal, mas dizem-me que só se usa no Baixo-Alemtejo, — Beja).

Clis. «Sol-clis» (eclipse do sol). — De (*eclipse*, tendo *ps* dado *ss*, — *clisse*, d'onde, pela apocope do *e*, *clis*. No Minho diz-se *cris*).

Oluna, column. — Syncope de *o* (cfr. § 27).

Oóbro, qualquer inflamação. Assim diz-se por ex.: «a salamantiga produz *côbro* no corpo». — Cfr. no Norte *cobrelo*, *cobrado*. O radical é *cobra*, em virtude de uma superstição popular, muito geral, de que certos *bichos* causão doença.

Oodornêro, arvore que dá *codôrnos*; corresponde a «pereiro bravo».

Codórno, pêro bravo, que se cria no inverno.

Oóida, côdea. — Vid. § 31.

Colejo, collegio. — Vid. § 31.

Companha, companhia. Vid. *Dial. alemtej.*, II, pag. 19. — Nos *Livros de linhagens, in Portugaliae Monum. Hist.*, 328, lê-se: «Este Nuno Rodriguez Bocarro, filho de Ruy Nuniz, suso dito, mataromno, em Riba Doyro, sobre Miranda, apar de huns moynhos hu andava em companhia de D. Alvaro Nuniz de Lara».

Conto de pão, cada vinte pães que se cozem, dos quaes são um, que é a *poia*, para o forneiro. (No *Foral* de D. Manuel, dado ao Alandroal, falla-se tambem na *poya*). — Deriv. de *contar*.

Corta-ramas, o que anda limpando os ramos do azinho.

Córto, -a, cortado, -a. — Vid. no § 38-b outros exemplos de particípios contractos.

Coscóda e coscóida (pron. *cus-*), côdêa do queijo. — Cfr. na Beira *cascódia*, nome da casca do pinheiro, que parece provir de *casca* + *côdea*, **cascaôdea* (dissimilação de *c...* *c*), tendo *aô* dado *ó*, como em *dezaóito*, que deu *dezoito*.

Crioso, curioso. — Syncope de *u* (cfr. § 27).

Crója, corja. — Metathese notavel.

Cuáso, caso. «Faz *cudso*» (ouvi em Bencatel). — Cfr. *acuaso*.

Cudado, cuidado. — O ditongo *ui* deu *u*, como em *cutello*, de *cuitello*, etc.

Cudar, cuidar. — Vid. *cudado*. — A forma *cudar* é bastante vulgar, e já antiga na litteratura.

Culádio, Claudio. — Vid. § 20-e.

Cunêta (ou *coneta*?), certa herva.

Curta-mão, especie de esquadro de carpinteiro. — De *(en)curta-mão*?

Cuspinho, saliva. — De *cuspinhar* (substantivo verbal), e não diminutivo de *cuspo*.

Décima, composição poetica de dez versos, muito usada no Alemtejo. O povo chama *pontos* aos versos, e por isso diz que a décima «tem dez pontos».

Defesa, herdade muito grande. — Ha um «monte» chamado *da Defesinha*; ouvi pronunciar este nome assim *da T'fezinha*, com syncope do *e* (§ 27) e dissimilação de *d*... D. — Do lat. *defensa*, que tambem deu *devesa* (fôrma usada no Norte).

Delamitra, dynamite. — Primeiramente disse-se **dinamita*, ou **denamita* (dissimil.), por ser mais vulgar o suffixo *-ita* do que *-ite*, e o povo desejar seguir a analogia; depois, com dissimilação de *n*... *m* (cfr. *alimal*, de *animal*), **delamita*, e por fim *delamitra*, com epenthese de *r*, como em *mastro* (arc. *masto*), *listra* (de *lista*, etc.), não deixando talvez tambem de influir, quanto ao som, a palavra *mitra*.

Derramado, damnado. «Cão derramado». — Tambem metaphoricamente se diz, de uma pessoa má, que «está derramada».

Dérreis, dez reis. — Esta expressão constitue já hoje uma palavra só. — Em todo o pais se pronuncia assim; só por affectação se diz *dez-reis* (como é vulgar ouvir aos empregados do correio, em Lisboa, quando estão a vender estampilhas).

Dês, Deus. — Vid. § 20-b.

Descarrêgo, o acto de descarregar. — Substantivo verbal, como *carrêgo*, *trafêgo*: cfr. o meu opusculo *O gralho depennado*, 3.^a ed., pag. 93-94.

Descudar, descuidar. — Vid. *cudar*.

Desdentanhado. «Um bocado de carne *desdentanhado*», isto é, que foi tirado com os dentes, com os dedos, e não foi *côrto* (cortado) com faca. — Deriv. de *dente* (des-dent-enh-ado; cfr. *barranhão*).

Desdentola, desdentado. — Na Beira chama-se *dentola* a um individuo cujos dentes incisivos superiores são grandes e salientes. — Deriv. de *dente*, com o suff. *-ola*.

Desembalagar, desviar para o lado o entulho que se fôrma, quando se desmorona uma casa. — Creio que o étymo é *desembargar* > **desembaragar* (§ 25-c) > *desembalagar* (§ 18-a), ou, dando-se primeiro a dissimilação que a epenthese, (**desembalgar* > *desembalagar*); cfr. *çolorgião* (arc.) < *cirurgião*.

Desencasquiar. (Perdi a nota da significação d'esta palavra; será *descascar*?).

Devôto, devoto. — O plural é *devôtos*.

D'i, d'ahi. — A fôrma *i* ou *hi*, ou ainda *y*, é corrente na lingua archaica. No Minho tambem se diz *por i*, etc. — Do lat. *ibi*.

Dinhêral, muito dinheiro. — De *dinheir-al*.

Dobradêra, pocilgo onde a porca vae procrear.

Dromir, dormir. Flexão: *dróme* (por *dorme*). — Cfr. § 28.

Eguariço, o que guarda as eguas. — Palavra, quanto á sua formação, analoga a *cavalhariço*: de **equaricius*; cfr. lat. *equarius*, -ii (que tem o mesmo sentido).

Eito, porção de campo que cada pessoa tem de ceifar, mondar, etc. Nas *Posturas* de Terena (cópia do sec. xviii) lê-se «toda a pessoa. . . . que não tiver *eito* nos baldios com que ajude aos criadores a pagar as despesas do concelho, não poderá pastar com as suas ovelhas ou carneiros nos baldios» (fls. 50). — Do lat. *actum*; cfr. *Romania*, xii, 412.

Em-, en-. — Em todas as palavras assim começadas, o *e* pronuncia-se com semi-abertura, isto é, entre *é* e *ê*: vid. § 8.

Embrêjada, que tem herva: «terra *embrêjada*». — Deriv. de *brêjo*.

Emenso, immenso. — Cfr. § 22.

Encandiar, offuscar, deslumbrar: «não posso olhar p'rá luz, que me não *escandeie*». — Deriv. de *candeia*, na fôrma arch. *candea*.

Encoimar, deitar coima. — Já nas *Posturas* de Terena, fls. 51. — Deriv. de *coima*; sobre esta palavra vid. J. Cornu, in *Romania*, xi, 84.

Enda, ainda. Em Bencatel ouvi «*enda* bẽ não». Sobre *en-* cfr. o § 22 (naquelle phrase, a palavra *enda*, por *inda*, é proclitica, e por isso átono o *i* inicial).

Enferra! E' a voz dada para pararem os arados, na occasião de uma lavra, e se soltarem os animaes.

Engórdo, acto de engordar. — Substantivo verbal como *bâtizo*, *órdenho*, *varejo*. — Noutras partes do país diz-se *engórda* (que não é, porém, o feminino de *engórdo*).

Engórras, «plainas» (polainas) feitas de panno de chapéo velho. — Do mesmo radical de *gôrra*?

Enlagar linho, pô-lo nos pégos, de mólho, uns tantos dias, para ser arranjado. — Nas *Posturas* de Terena (cópia do sec. xviii), lê-se, a fls. 30: «enlagar linho», e «enlagadouro de linho». Hoje *enlagadouro* é synonymo de *pégo*. Cada pégo tem o seu nome proprio: nas *Posturas* diz-se «Pégo da Fonte da Bica», «Pégo do Moinho Branco», «Pégo da Barranca», «Pégo das Parreiras», nomes estes, de que alguns ainda hoje se usão. — *Enlagar* deriva do radical de *lago*.

Enricar, enriquecer. — Formado de *rico*, como *engordar*, de *górdo*.

Ensalado, mascarado. — Deriv. de *ensaio*; quasi como synonymo de *actor*.

Entressão, intercessão. Foi num ex-voto da capella de S. Bento (1754), que li esta palavra, assim escrita: *entressão*. — De *interc(e)ssão*, com syncope de *e*, por estar entre sons sibilantes, que tendião para se fundir.

Enverna, invernada. — De *inverno*, substantivo verbal de *invernar*: cfr. *Revista Lusitana*, iii, 96. Quanto ao *e*, vid. § 22-a.

Envimár, pôr uma *vima*. — Vid. *vima*.

Ervançum (oxytono), sitio onde cresce herva. — Em lat. ha herbans, -antis, que significa «coberto de herva»; é por herban-

tia, com o suff. -unus, que deve explicar-se a nossa palavra: *herbantiunus > *hervanção > *hervançum* (cfr. unus > arch. ño > um). O suff. -unus entra noutras palavras, como *ovelhum*, *cabrum*, *vacum*.

Ervigo (herviço). — «Porco *ervigo*», que nasce no tempo em que as hervas rebentão; mas também se chama assim ao que tem de 8 mezes a 1 anno. — *herbicius (*herbiceus), por *herbeus*; cfr. *herbitium* (Gloss. Isidori).

Falca de pão, fatia de pão.

Familha: 1) familia: 2) qualquer ajuntamento de gente, como trabalhadores, etc. — De familia, pela palatização do l ao contacto da semi-vogal i (cfr. § 17).

Fanxão, homem pouco activo no trabalho, molle no andar, brando, preguiçoso.

Farnandes, Fernandes. — Vid. § 29-a.

Farrajal, campo *lindado*, onde se cria pasto para os gados. — De *forrageal*, ou antes, de *forrajal*, d'onde **ferrajal*, e por fim *farrajal* (§ 29-a).

Farrópo, porco de 1 1/2 anno. — Na lingua commun existe *farroupo*.

Fatêxa, prêsa (dente) do porco. — Da fôrma commun *fateixa* (por metaphora).

Felipana, pustula de *ecthyma*. — De *phlyctena* (grego *phlúktaina*), por troca de terminação (apesar de anatomicamente *pustula* não ser o mesmo que *phlyctena*)?

Fêras, prendas que se trazem da feira: «dar as *fêras*». — Simples metonymia.

Fêzes, ralações, torturas: «ai, filha, *dás-me tantas fêzes!*». A phrase *dar fêzes* é, pois, synonyma de *ralar*, *torturar*. — Da palavra commun *fêzes* (por metaphora).

Fidaputa (insulto). Em Gil Vicente lê-se também *fideputa*. — A palavra *filho*, tornada proclitica, resumiu-se em *fi*; cfr. *fidalgo*, de *filho d'algo*.

Fontaneca, fonte pequena. — Fôrma correspondente á archaica *fontãa*, de *fontana* (cfr. § 40, a e d). A fôrma *fontana* é o feminino de *fontanus*, que deu no onomastico português *Fontão*; uma e outra fôrma latina são adjectivos substantivados, correspondentes a *fons*. Uma inscripção romana, achada em Bencatel, não longe do Alandroal, inscripção muito conhecida, contém as fôrmas *Fontanus* e *Fontana*, como nomes de deuses (i. é, de fontes divinizadas); portanto, a actual palavra alandroalense *fontaneca*, diminutivo immediato de *fontana*, tem uma historia nobilissima, e bem documentada.

Forrar, dar pastagem aos gados. — Cfr. *farrajal*.

Fórro, a. — «Cabra *fórra*», a que um anno não teve filhos. Esta significação provém da do adjectivo da lingua commun, *fórro*.

Forteficados. — Nas *Posturas* de Terena (cópia do sec. xviii) lê-se: «todo o rebanho de porcos, que fôr achado em serrados, ortas ou *forteficados*» (fls. 39, e repete-se noutros passos). Parece ser o mesmo que «fazenda murada» (fortificada). — Termo hoje desusado.

Forto, furto. — Hoje substantivo, mas na origem foi participio contrahido de *furtado*, como *côrto* (= cortado) e outros. — Cfr. *Ineditos de Hist. Port.*, v, 425.

Furver, ferver. — Vid. § 29-d.

Gadanha, instrumento para cortar a herva, os fetos, etc.

Galga (De), empinadamente, verticalmente.

Gãnharia, conjuncto dos *gãnhões* (trabalhadores).

Getrudes, Gertrudes. — Vid. § 18-a.

Gila, cesto de doce de conserva. — O mesmo que *chila*? (Esta ultima fôrma usa-se na Beira, etc.).

Goleyma. — No Foral de D. Manuel, dado ao Alandroal, diz-se: «se paga... de cada amassadura (de pão) huũ paũ ou huũa goley-ma». — Este termo não se usa hoje.

Górdar, guardar. — Cfr. § 20-g. (Tambem se pronunciará *gur-dár*?)

Gudiana, Guadiana. — Vid. § 20-g.

In-. — Procurem-se com *en-* (*em-*) as palavras que na lingua commum começão por *in-* (*im-*).

Jatinar, fugir. «Foi-se *jatinando*». — Parece ser termo de calão.

Jazido, jazigo (ouvi este termo em Bencatel). — Cfr. na lingua commum *jazida*, no mesmo sentido.

Jumar, jejuar. — Do lat. *jejunare*, pela fusão dos *jj*, depois da syncope do *e* (cfr. *intressão*). O *m* desenvolveu-se em *jejuar* (fôrma usada no Norte), como o *m* do artigo *uma*: vid. § 35.

Jumo, jejum. — De *jumar* (vid. esta palavra).

Landroal, Alandroal. — Li esta fôrma num ex-voto do seculo xviii. — Cfr. *Dial. alemtej.*, II, pag. 20.

Largato, lagarto. — Metathese, provocada pela palavra *largar*.

Lavativa, clyster. — Este termo só se usa na raia, mas dentro do concelho do Alandroal. — Do hesp. *lavativa*.

Lavradora, ou *lavradora* do «monte», a mulher do caseiro do «monte». — No Alemtejo *monte* tem o sentido da palavra *casal* na Estremadura.

Laxa, laracha, léria, pilheria. «Ter *laxa*». — Parece ser contracção de *laracha* (dissimilação: *l...r*).

Lê, além, — na phrase «por *lê*». — Syncope de (*a*)*lēm* (digo *syncope*, por a suppressão se dar só quando *alēm* entra em phrase). — *Alēm* vem de *alli* + *ende* = *all'ende*, fôrma conservada no hesp. ant. *allende* (Diez, *Et. Wört.*, II-b, s. v. *allende*). A fôrma *ende* é o lat. inde, tendo cahido a syllaba *de*, por confusão com a proposição *de*. — Igualmente *aquende* se deve explicar por *aqui* + *ende* = *aqu'ende*, fôrma justificada pelo hesp. ant. *aquende* (Diez, *loc. laud.*, s. v. *aquende*).

Letrada, com letras. «Pedra *letrada*» = inscripção.

Limpante, guardanapo. — De *limpar*. — Parece ser termo tirado do calão.

Lôba, espaço de terra que fica *crúa*, isto é, por lavar, entre os

dois sulcos do arado, quando este, por qualquer accidente, se desvia do seu curso regular.

Lóji, loja.

Lua, ataque convulsivo, de qualquer natureza, nas crianças (eclámpico, epileptico, ou ainda symptomatico de outras doenças). O tratamento faz-se por meio de fórmulas magicas, ao que se chama *benzer da lua*. — Ha tambem um amuleto infantil chamado *lua*. — Todos estes factos se baseião em superstições ácerca da lua, as quaes não vem a proposito desenvolver aqui.

Luiste, lemiste. Num dictado:

Côr de *Luiste* ¹,
Nunca o viste.

Corresponde a outra phrase vulgar no país: *côr de burro quando foge*.

Maçada, pancada da cabeça do pião num objecto qualquer, quando se joga. O *Dicc. da ling. port.* de Fonseca & Roquete dá a *maçada* a seguinte definição: «(vulg.) engano no jogo». — Deriv. de *maço*.

Madêro, acha grossa para o lume. — Fôrma masc. de *madeira*.

Maios, malmequeres. — Deriv. de *Maio*.

Malantia. «Terra *malantia*» (encharcada).

Malato, borrêgo de um anno.

Malhadio, sitio onde as vaccas vão no verão dormir a sésta, ao sol. — Deriv. de *malhada*, palavra a que já me referi nos *Dial. alentej.*, II, pag. 21.

Manaita, manageiro. (Vid. *manageiro*).

Manajêro, o que dirige a «familha dos cêfadores». Uma pessoa do Alandroal deu-me mais a seguinte informação: «hai terras, perto d'aqui, que lhe xamo' *manaita*» (i. é, «ha terras, perto d'aqui em que lhe chamão ² *manaita*»). — Cfr. fr. *méneger*, *ménegère*.

Manganilha, vara de varejar bolotas. Nas *Posturas* de Terena lê-se a fls. 48: «Toda a pessoa de Castela, que fôr achada vindo com porcos no tempo da bolota e troucer *manganilha*, ou vara de varejar bolota...». — Termo hoje desusado. — O étymo d'esta palavra é o gr. *manganon*, que tem muitas significações como ferrolho, fechadura, machina de guerra, etc. D'esse étymo, por extensão de significação, sahio *manganilha* (deminutivo), com a significação, que vimos; cfr. o português commum *manganilha* (fraude, etc.) onde a significação se mudou ainda. — Tanto a palavra da lingua commum, como a fôrma alandroalense, vierão de Hespanha para nós; com relação á fôrma alandroalense, as *Posturas* mesmo o dizem, — e isso está de accôrdo com a phonetica, pois que o *n* intervocalico devia ter cahido em português, se a palavra fôsse antiga cá.

¹ Tambem se diz *lemiste*.

² A fôrma *xamo'* ou *chamo'* está por *chamom* (§ 38-a), tendo-se desnasalado o -om por se lhe seguir uma consoante nasal (o *m* de *manaita*).

Mano. — Vid. *Morphologia*, § 34-d.

Manxa. — Vid. *manxão*.

Manxão (oxytono), porção de mato isolado no meio de terra semeada. É menor que a *manxa* (*mancha*). — Nas *Posturas* de Terena, já citadas, lê-se, a fls. 18: «manchoes dos baldios» (falta o til, por engano). — Do substantivo commum *mancha* < lat. *macula*: cfr. *Rev. Lusit.*, n, 269.

Marneco, pato *marnéco* ou marreco.

Marôço, montículo de pedras. — Da forma commum *morouço* > **merôço* (§§ 18 e 20-a) > *maroço* (§ 29-a). — Ouvi este termo no Redondo.

Maroma, maromba. — A forma primitiva é realmente *maroma*, como o prova o étymo arabigo. Muitissimas vezes a linguagem popular conserva a forma primitiva de termos que na linguagem litteraria se achão hoje modificados.

Martuço, fructo da murta. — Provém de *mertuço* (dissimil.) < *murtuço*. A mesma mutação phonetica se deu, como vimos, em *marôço*. — Do lat. **murtuceus* (= **myrtuceus*).

Màs, mais (em proclise). «*Màs* perde».

Mau, mal, — doente. «Stive munto *mau*». — Por isso que vulgarmente se diz *está mal* como *está bom*, fez-se *mal* antonymo de *bom*, e substituiu-se pelo adjectivo *mau*. Cfr. no Porto *malzinho*: vid. *Dialectos interamnenses*, ix, 24.

Mê-dia, meio-dia. — A evolução foi: *meio-dia* > **mei-dia* (proclise) > *mê-dia* (§ 20-d). Não se pôde admittir como forma intermédia **meodia*, porque, segundo o § 20-d, *ei* ter-se-hia mantido antes de vogal. A forma *mei-dia* creio que se ouve no Norte.

Migalha, pouco tempo. «Ha migalha» (não *hai*), ha pouco tempo. Esta expressão usa-se noutros pontos. — Significação metaphorica de *migalha* («*migalha* de pão»). — Cfr. na ling. commum «ha bocado, ha pedaço».

Milhorar, melhorar. — Cfr. § 29-b.

Minhoteira, ponte feita de traves, ou de estevas e terra. Usa-se em pequenas ribeiras. — Este termo, comquanto venha nos lexicos da lingua commum, nunca o ouvi senão no Alemtejo.

Missador, refeição que se toma depois da missa-do-gallo, na noite do Natal. — Deriv. de *missar*.

Missadura, acção de *missar*. (Vid. esta palavra).

Missar, tomar uma refeição depois da missa-do-gallo. — Deriv. de *missa* (a «*missa*», por excellencia).

Modura (pron. *mudura*), moedura. — Reducção do ditongo *oe* (*ue*) a o (*u*); vid. o § 20-observ.

Mofeda (pron. *mufêda*), moita de silvas, funcho, herva, etc.

Montanhêro. — «Porco *montanhêro*»; o que nasce no tempo da bolota. — De *mont-anh-eiro*.

Montão, montículo.

Monte, propriedade de certa extensão, com casa. Corresponde

ao que na Estremadura se chama *casal*. Também se dá o nome de *monte* só á casa, como na Estremadura succede com *casal*. — No sentido orographico nunca se emprega *monte*, mas *oitêro*. Em logar de *monte*, no sentido de «monticulo», diz-se no Alandroal *montão*. A palavra *monte* só se usa no primeiro sentido.

Monturêra, montureira, montão de lixo reunido para adubo dos campos. Também no mesmo sentido se diz *esterqueira* (nas *Posturas* de Terena *estirquéra*). — Deriv. de *monturo*.

Morão (oxytono), esquepe de pedra para ter mão numa parede. — Este termo não se usa no Alandroal; dizem-me que se usa no Redondo e no Campo de Onrique. De *mourão*.

Morredôro, brejo no meio das seâras (onde «morre a agua»).

Môstro, mostro. «Vinho *mostro*». — Epenthese de *r*, como em *mastro*, da fôrma arch. *masto* (cfr. fr. mod. *mdt* = arch. *mast*, all. *mast*). Vid. § 25-b.

Muidar, mudar. — De **mudear*, deriv. de *mudar*. — De **muidar* deriva *muidador*: vid. exs. nos *Textos*, § a.

Munto, muito. — Reducção de *ui* a *u*, como em *cidade*.

Murtuço. — Vid. *martuço*.

Nalga, nadega. — Fôrma também usada na lingua commum; em hesp. ha igualmente *nalga*. — Do lat. **natica* (deriv. de *natis*); > **nádica* > **nad'ga* > *nalga*. O grupo *dg* deu *lg*, como em *judgar*, de **jud'gar*, de *judicare*.

Nhóra! senhor! senhora! (em exclamação ou pergunta). — Vid. § 37-c. — Provém de (*se*)*nhor*, com apherese de *se*¹. O *a* final resulta de *e* paragogico (*senhore*, § 26), que se mudou em *a* (§ 29-a), mudança facilitada pela emphase da pronúncia de *nhore*. — Na lingua commum diz-se também vulgarmente em exclamações *senhora* por *senhor* (i. é, *senhore*).

Nóda, nodoa. — Cfr. § 31.

Nonjo, nojo. — O primeiro *o* nasalou-se por influencia do *n* inicial. — Cfr. *ninho*, de **nño* (< **nio*, < lat. *nidus*); ha varios outros exemplos.

Nòrisma, aneurisma. — Palavra feminina, como *systema* («uma *systema*», «uma *nòrisma*»).

Nunca, não. — Vid. *Syntaxe*, § 48.

Ondàgóra, ainda agora. Também se diz *ontàgóra*. — Nos *Dial. alemtej*, II, § 12, disse que *ontàgóra* parecia composta de *ante*, mas assim não se explica o *à*, pois este som deve ter resultado de dois *aa* anteriores.

Ontàgóra. — Vid. *ondàgóra*.

Ordénho, acto de ordenhar as cabras, etc. «Ir ao *ordenho*». — Substantivo verbal de *ordenhar*, como *bâtizo*.

Orive, ourivez. — Já expliquei esta palavra nos *Textos*, §-a, nota.

¹ Esta apherese devia dar-se nos casos em que *senhor* é proclítico. Cfr. *Dial. estremehos*, I, pag. 35.

Ortalães, hortelões. Assim se lê nas *Posturas* de Terena, fl. 42. — Hoje diz-se *ortelões*. — Em *ortalães*, o *a* resulta de influencia de *hortaliça*; a terminação *-ães* é analogica com outras regulares.

Ospois, depois. — Vid. § 37-a (Morphologia).

Ovisto, ouvido. — Vêr *Morphologia*, § 38-b.

Oxaria, conjuncto de muitas pessoas que andão lavrando.

Paleio, namôro por passatempo, conversa. — O namôro sério não se chama *paleio*. — Cfr. *Dialectos estremenhos*, I, 35.

Palmentes, principalmente. — Variante, muito contrahida, de *prens'palmentes* (§ 37-a).

Pampalho, planta semelhante á azeda. — Tambem se chama *pim-palho*.

Panêdro, penedo. — Cfr. § 25-b. — Tambem se diz *penedro*. — D'estas fórmias provêem os nomes de sitios **PANEDRAIS** e **PENEDRAIS** (diz-se indifferente de um e de outro modo).

Panêro, homem que anda vendendo pannos pelas povoações. — De *paneiro*, deriv. de *pano* (panno). — *Panêro* correspondente ao *contrabandista* da Beira-Alta.

Pãos de vinha. — Vid. *assortiar*.

Partir, dividir. — Nunca se emprega *partir* no sentido de «ir-se»; neste sentido diz-se *abalar*.

Passadeiras, alpondras. — Na Beira-Alta diz-se *poldras*.

Patalonas, calças. — Esta palavra só se usa nas aldeias, junto á raia. — De *pantalonas* (hesp. *pantalon*, fr. *pantalon*, etc.).

Pau ou **páo**. — Vid. no § 20-e outra fórmula que toma esta palavra.

Paviola, padiola. — A fórmula *paviola* é citada no *Dicc. da ling. port.* de Fonseca & Roquete.

Paxalé, tatibitáti.

Pázada, paulada. — De **pauzada*: cfr. § 20-e. O *z* provém de influencia do de *pázinho*.

Pázinho, pauzinho. — Vid. § 20-e. «*Pázinhos* de lenha».

Pedriscada, saraivada. — De *pedriscar*; cfr. *choviscar*. — Suffi-
xo *-isc-*.

Pedrisco, saraiva. — Vid. *pedriscar*; cfr. *chovisco*.

Péle, bebedeira, embriaguez. «Tomar uma *péle*». — De *piéle*: termo do calão (cfr. Adolpho Coelho, *Os ciganos de Portugal*, 1892, pag. 159). A fórmula *péle* provém de *piela* por etymologia popular (§ 39).

Penedro. — Vid. *panedro*.

Pescóla. — Vid. *belga*.

Periquilho, penteado enrolado atrás. Metaphora: «estar de *periquilho*» (= estar amuado). — Relaciona-se etymologicamente com *perruca*?

Pensão, encargo. «Ter uma *pensão*».

Pespeníga, rapariga que replica sempre ao que se lhe diz. — Parece ser substantivo verbal de **pespenigar*.

Pestura. — Vid. *postura*.

Pial, sitio na casa, onde se collocão os cantaros da agna. A's vezes pôde consistir num vão, aberto na parede. — No Algarve dá-se este nome a bancos de pedra, unidos á parede, á entrada das casas. De *poial*, deriv. do lat. podium (*podiale-); o ditongo *ói*, por estar antes da vogal tónica, e haver por isso o accento recahido na subjunctiva, foi reduzido a *i* (*ói* > *oi* > *i*).

Pico. «Estar a pico a», estar sujeito a. Ex.: «estar a pico a quebrar-se».

Pilha. «Ir á pilha de uma coisa», ir á busca de uma coisa. — Substantivo verbal de *pilhar*, do lat. *piliare (de *pīlare*).

Pilhêra, vão na parede, para se arrumarem varios objectos, como copos, etc. — Na ling. commum ha *pilheira*, deriv. de *pilha* (cfr. *empilhar*), do lat. *pilea = *pīla*¹.

Pimpalho. — Vid. *pampalho*.

Pinêra, peneira. — A palavra *peneira* supponho que veio do hesp. *panera*, pois que, sendo o étymo o lat. *panaria (deriv. de *panis*), o *n* teria cahido em português (o *n* intervocalico mantem-se em hespanhol). A evolução seria, pois: *panera* > *peneira* > *pineira*. — A' terminação hesp. *-era* corresponde a portug. *-eira*. Na syllaba inicial o *e* mudou-se em *i*, do que ha outros exemplos.

Pingarito, campanario.

Piorneira, moita de piorno (i. é, um só, com muitos pés).

Piórra, pião sem cabeça, mas com dois bicos, cada um em sua extremidade. — Deriv. de *pião*, por meio do suff. *-órra*, que entra noutras palavras como *grandôrro* (*grandôrra*), etc. A fôrma ant. de *pião* deve ter sido *peom*, do lat. pedonem, e não de *pedaneus*; portanto, *piórra* está por **pe(don)orra*.

Pirâmbula, pyramide. — De **pirám(i)dula*; cfr. *Dial. alemtej.*, v, 6.

Piscoôla. — O mesmo que *pescôla*. — Vid. esta palavra.

Pocilga. — O mesmo que *dobradêra* (vid. esta palavra). — Cfr. hesp. *pocilga*, ital. *porcile*. O ital. *porcile* suppõe o lat. *porcile, de porcus, como lat. bovine (*bubile*), ovile, caprile. As fôrmas hesp. e portug. deverão explicar-se por um deriv. de *porcile, isto é, por *porcilica, tendo-se assimilado o *r* ao *c* (*ç*) seguinte, ou tendo havido influencia de *poço*.

Pocilgão, pocilgo grande. — Augmentativo de *pocilgo* ou *po-cilga*.

Pocilgo, loja de porcos. — Mascul. de *pocilga*. — O termo *pocilgo* tambem se usa na Estremadura (Cadaval).

Pois! — Vid. *Syntaxe*, § 44-d.

Pólho, carneiro novo, ainda inteiro (ouvi este termo no Redondo). — Do lat. *pulleus.

Politega ou **polítiga**, politica. — Estas fôrmas não são anti-

¹ E' preciso admittir a fôrma *pilea, pois em *pila*, o *l* syncopava-se. Cfr. *pilhar*, de *piliare; *palha*, de palea; *galha*, de *gallea; *trilha*, de *trullea.

gas; todavia, nas terminações *-ico* e *-ica* de palavras esdruxulas o povo muda ainda hoje o *c* em *g*, como na primeira epocha da formação da lingua portuguesa. São vulgares no país fórmās como: *sismá-tego* (= scismatico), *Vidítigo* (= Viatico).

Pólvarinho, frasco de chifre para a polvora. — Do lat. *pulverinus (de pulvis, -ēris), e não de *polvora*; cfr. ital. *polverino* (areeiro). De *polverinho* proveio *polvarinho*, em virtude do § 29-a. O *o* da primeira syllaba é aberto, por influencia do de *pólvora*.

Por lēi, por além. — Vid. *Lē*.

Porta-boinél, «porte-monnaie». — O primeiro elemento foi modificado por analogia com outras palavras que começam por *porta-*, como *porta-bandeira*, etc. No segundo elemento temos a mudança da labial *m* na labial *b* (por dissimilação: *m... n*), e além d'isso a ditongação de *o*, e junção de *l*, factos que não posso bem explicar, mas que devem ser devidos a influencia de outra ou outras palavras.

Postura e pestura, punhado de palha, que se dá de cada vez aos bois. A primeira palavra acha-se tambem na lingua commum, embora noutro sentido; a segunda provém d'ella por dissimilação (*o... ú > e... ù*). Do lat. pos(i)tura.

Prencípo, principio. — Vid. §§ 24 e 31.

Prestar, emprestar. — Do lat. praestare.

P'r'i d'a cima, por ahi acima. — Cfr. *Syntaxe*, § 56-a.

P'r'i d'alēi, por ahi além. — Vid. *Syntaxe*, § 56-a.

Privelejo, privilegio. — Vid. § 31.

Puvilhal, gado do *ganadeiro*, sustentado nos pastos do patrão. (Além do ordenado, o *ganadeiro* tem muitas vezes este privilegio). — Parece provir da fôrma ordinaria *pegulhal*, através de **pevulhal*, cujo *e* se mudaria em *u* (§ 29-d), e cujo *v* se mudaria em *g*, — mudança que algumas vezes se dá. *Pegulhal* não vem directamente de *pecus*, mas da fôrma archaica *pegulhar*, e esta da latina *peculiare*.

Puvite, pevide. — Do lat. pituita, através de **pitvita* (e **pi-vitta*? — Proponho esta fôrma intermédia, pois que *t* singelo daria *d* entre vogaes. Cfr. tambem o hesp. *pepita*). O *u* inicial explica-se pelo § 29-d. O *e* final talvez se deva explicar por uma fôrma **pituite(m)*, que existiria no latim vulgar da Lusitania, em vez de *pituita(m)*.

Quadra, cavallariça. — Do hesp. *cuadra*.

Quartina, cortina. — De *cortina*, por uma como que correcção, de que já citei outros casos; como o povo diz *coresma* e *corenta* em vez de *quaresma* e *quarenta*, nesta palavra inverteu a ordem dos phenomenos, e disse *quartina* em vez de *cortina*. O que tudo melhor se vê nesta tabella:

quaresma = *coresma*
quarenta = *corenta*
quartina = *cortina*

isto é: *qua-* = *co-*.

Quartinado, cortinado. — De *quartina* (vid. esta palavra).

Quê sabe! — Vid. *Syntaxe*, § 47.

Quental, quintal. — Vid. § 24.

Quinxoso, quinchoso, campo fechado por parede. Camillo Castello Branco emprega esta palavra (*quinchoso*) no seu romance intitulado *A Brasileira de Prazins*, pag. 129. — Em latim ha o participio *conclausus*, correspondente a *conclusus*¹; no latim vulgar aquella fôrma devia ter-se tornado **conclusus*², que se transformou em **conchoso* (cfr. *Rev. Lusit.*, II, 269), d'onde proveio *quinchoso* (= quinxoso), como de *congosta* proveio a fôrma vulg. *quingosta*³.

Rastolho, restolho. — A fôrma *rastolho* é tambem dada no *Dicionario* de Moraes; em hesp. diz-se *rastrojo*. — Em latim ha stipula, a que correspondia a fôrma vulg. *stupula*, justificada por varias fôrmas⁴; mas o portug. *restolho* só pôde explicar-se por uma fôrma tal como **re-stup'lu*-. Tanto em *rastolho*, como no hesp. *rastrojo*, houve decerto influencia de *rastrum*, i. é, *rastro* e *rasto*, do mesmo modo que o povo em *restolho* encontra analogia com *resto*. — Na Beira e em Tras-os-Montes diz-se *resteva*, de **re-stipa*, tendo-se attribuido á fôrma deminutiva *stipula* a fôrma positiva **stipa*.

Rato, pedaço, bocado. — Em Tras-os-Montes é mui vulgar dizer-se *um rato*, por «um momento», etc. Cfr. hesp. *rato*, «corto espacio de tiempo». — Do lat. *raptus*.

Ravalde, arrabalde. — De *a-rrabalde*, pela mudança de *b* intervocalico em *v*.

Rebêra, ribeira, rio. A *rebêra* é maior que o *rebêro*. — Do lat. *riparia* > **riperia* > *ribeira* > *rebeira* > *rebêra*.

Rebeiro, ribeiro. — Vid. *rebêra*.

Rebitar. — Quando, introduzindo na madeira um prégo, a extremidade d'este fôrma uma cabeça, diz-se que *rebita*⁵; e, quando cãe para o lado, diz-se que *remaxa*.

Redor (Ao). «Ao redor do Alandroal», nos arrabaldes do Alandroal. — A'cêrca de *redor*, vid. *Rev. Lusit.*, II, 396.

Remaço, remance, romance, xácara. — A fôrma portuguesa *romance* provém da lat. **romanice*, que veio a significar «lingua roma-

¹ Vid. *Dict. lat.-fr.*, de Benoist & Goelzer, s. v. *concludo*.

² Exs. analogos: *Clodianus*, *Clodius*, *clodo*, *clodus*, *clostrum*, fôrmas em que está *clo-* por *clau-*.

³ Pôde ao repente parecer que o lat. *conclausus* explicaria bem **conchoso*, e portanto *quinxoso*, através de **conchouso*, por isso que no Sul *ou dá ô* (§ 20-a); mas o facto de Camillo empregar *quinchoso*, mostra que a fôrma é conhecida no Minho, onde *ou* não dá *o*; portanto, se essa fôrma tem *o*, é que ella remonta ao lat. vulgar, isto é, a **conclusus*, cuja existencia se justifica perfeitamente, como vimos.

Tanto *quinchoso* como *quingosta* devem ter passado por **quenchoso* e **quengosta* (dissimilação). E' provavel que no Alandroal se diga tambem *quenxoso* (§ 24).

⁴ Vid. o *Latein.-Romanisches Wörterbuch*, de G. Körting, § 7779.

⁵ Na ling. commun temos *arrebitar*.

nica», como *latine* veio a significar «lingua latina»; depois *romance* teve outras significações, e entre ellas a de «xácara». A fôrma alandroalense, ou é alteração phonetica de *romance* (-ance > -aço), ou é analogia á ital. *romanzo*, que representa o latim *romancium. Tanto *romance* como *latim* pertencem á classe dos substantivos provindos de advérbios em -e, a que me referi no meu livro *O gralho depennado*, 3.^a ed., pag. 6.

Remaxar. — Vid. *rebitar*.

Resgar, rasgar. — Aquella fôrma, que vem do lat. re-secare, é a fôrma anterior de *rasgar*.

Resmano, rosmaninho. — O sr. Thomás Ribeiro, no seu poema *D. Jayne*, dá *rosmano* como da Beira; esta palavra explica, pois, *resmano*. A fôrma *rosmano* é um falso primitivo de *rosmaninho*; ha outros exemplos analogos. O étymo de *rosmaninho* é o lat. *rosmarinus*; a mudança de *r* em *n* não é muito clara: cfr. no emtanto o ital. e hisp. *rosmarino* e o catal. *romani*.

Retabulo, painel, geralmente de madeira, em que se figura um milagre, e que é deposto, como *ex-voto*, no templo do santo ou santa que fez o milagre. Na capella de S. Bento encontrei um do sec. XVIII, em que se lia mesmo: «se pegou com o Sr. S. Bento, se a milhorasse, de lhe dar um *retabdo* com este milagre»; hoje diz-se *retabulo* ou *retab'lo*; a fôrma *retabdo* não sei se representa pronúncia antiga, se êrro do pintor. — A fôrma *retábulo* ou *retab'lo*, no sentido indicado, é vulgar no pais.

Rexiada, sítio á roda do «monte», que se não cultiva e se destina apenas para herva, onde o gado *rexia* (i. é, pasta). — Quanto á fôrma, cfr. *richão* (Beira), de *re-planus. O étymo de *rexiada* será *re-planeata?

Rexiar, pastar na rexiada. — Vid. *rexiada*.

Ricárdio, Ricardo. — E' outro caso comparavel a *quartina* e *alborródias*; o povo como que corrigiu a fôrma paroxytonica *Ricardo* na proparoxytonica *Ricardio*, por isso que -io dá -o. (§ 31).

Rijo (de). «Fallar de rijo», fallar alto. Oppõe-se a «fallar de vagar», cochichar.

Rilhêro, porção de feixes de trigo, feno, etc. — De *rilheiro*, a que o *Dicc. da ling. port.* de Fonseca & Roquete dá esta significação: «mólho ou méda de trigo, etc.».

Ródo, roda (i. é, casa onde se recebem as crianças expostas). — Substantivo verbal de *rodar*, como *namôro*, etc.?

Rólha. — Tanto se dá este nome á rolha propriamente dita (de garrafas e frascos), como á tampa de cortiça que se põe nos cantaros. — Do lat. *rotula*, isto é, *rot'la; cfr. *velho*, de *vetulus*, isto é, *vet'lus*.

Rostro, rosto. — Do lat. *rostrum*.

Rudil, redil (onde se encerram as ovelhas).

Ruzéla, certa planta que se cria nos montes. Tambem se chama *sargaço*.

Sabastião, Sebastião. — Fôrma frequente no resto do país.

Sàcristôa, sacristã. — Também se chama *sàcristôa* à mulher do sacristão.

Salamantiga (paroxytono), salamandra. — Segundo a crença, a passagem d'este animal no corpo humano produz *côbro*¹ (qualquer inflamação). — Com a fôrma *salamantiga* cfr. *salamanticha*, que se usa no Norte; na Beira diz-se *salamântiga* (proparoxytono).

Salivre, saliva. «Salivre da boca».

Sãltonas, azeitonas que na ocasião do *avarêjo* vão cair longe da arvore. — Feminino de *saltão*, subst. verb. de *saltar*.

Sanja, valla com parede de pedra sôlta e o fundo feito de lage, para a agua correr. Ordinariamente aberta. — Cfr. hesp. *zanja* (por isso a melhor orthographia seria *çanja*).

Sanrada, agua que ferveu com cinza, e serve para lavar a loiça. — Do lat. **cinerata* (derivado de *cinis*, como *cinerarium*, *cinerosus*): > *cenrada* > *çanrada* (que seria a melhor orthographia); o *e* mudou-se em *a*, por influencia do *r* (§ 29-a).

Sarrão, mochila de pelle que se leva ás costas, e em que se guarda o pão da merenda. — De *surrão*, na fôrma ant. **surrom*, d'onde **serrom* (dissimilação) e *sarrão* (§ 29-a).

Scampar, alliviar (a chuva). «A chuva *scampô*». — De *descampar* (<> *decampar*).

Sebão (= sabão). Vid. *assabão*. — A fôrma *sebão* é vulgar noutras terras.

Sengelêro, homem que anda com uma junta de bois «governando a vida», a fazer fretes, etc. — Deriv. de *singelo*.

Sfoladía. — «Carne *sfoladía*», isto é, do animal susceptível de ser *esfolado*, como cabrito, carneiro. (A' carne de porco e de ave não se chama pois *sfoladía*).

Sim, si. — Vid. § 34-f.

Smoitar, arrancar mato á enxada. — De *desmoitar*.

Sôbaro (ou sôvaro), sôbro. Vid. § 25-c. — Ha differença entre *sôbaro*, *sobreiro* e *sobreira*; a *sobreira* é a arvore já mais desenvolvida que o *sobreiro*; o *sôbaro* é o typo, pois se diz: «herdade povoada de *sôbaros*», «madeira de *sôbaros*», «sementeira de *sôbaros*». A mesma differença existe entre *azinho* e *azinha*; *azinho* é o typo: «moita d'*azinho*».

Sóxa (ou socha). Vid. *Dial. alemtej.*, II, *Vocabul.*, s. v. — Nas já citadas *Posturas* de Terena, pag. 45, lê-se *sochas*.

Squila, esquila, campainha que se colloca ao pescoço dos animaes (mulas, etc.) — Do ant. alto allemão *skëlla*, em all. mod. *Schelle*. Conhecem-se representantes d'esta palavra em todas as linguas românicas: a fôrma portugueza é que ainda não estava conhecida (*squila* ou *esquila*). Sobre a etymologia vid. Körting, *Lateinisch-romanisches Wörterbuch*, § 7525.

Stanoia, distancia.

¹ Cfr. no Norte *cobrélla* e *coirão*.

Stanhêra, prateleira de madeira para ter os pratos. — Deriv. de *stanko* (substancia de que ás vezes são feitos os pratos). — Do lat. *stanneus*, e não de *stannum*.

Strapolar, arrancar mato miudo á mão, para limpar a terra. — De *trans-pullare?

Strapôlo, o acto de *strapolar*.

Surrubêca, certa lâ amarella: «ovelha *surrubeca*», «carneiro *surrubeco*».

Surroda, sorroda, sulco feito pela roda do carro. Também se usa na Estremadura. — De *so(b)-roda*.

Survêja, cerveja. — O *e* mudou-se em *u* por influencia de *sorver* (*surver*), mudança também facilitada pela vizinhança da labial *v*: cfr. *suvada* (= cevada). — De *cervisia*.

Suvada, cevada. — O *e* mudou-se em *u*, por influencia da labial *v*, como em *suvão*: cfr. § 29-d. — Do lat. *cibata*.

Suvão, porco engordado no chiqueiro, ao pé da casa, por opposição ao porco engordado no montado. Também se diz *cevão*. Nas já citadas *Posturas* lê-se, a fls. 17, *sovões*, e a fls. 32, *sevões* (por *cevões*, que é a melhor orthographia). — Subst. verbal de *cevar*, que vem do lat. *cibare*. — (A melhor orthographia seria *çuvão*).

Tampo, cobertura de cortiça que se colloca sobre os cortiços das abelhas. — Sobre a etymologia vid. Körting, *Lat.-rom. Wörterb.*, § 8038; e já também Diez, *Et. Wörterb.*, I, s. v. *tape*. A palavra é de origem germanica. A nasal desenvolveu-se muito antigamente, pois em provençal ha *tampir* e em francês *tampon*, que pertencem á mesma familia.

Tanganho, estilhaço de madeira, cavaco.

Tão e atão, antão, então. — Vid. § 37-a.

Tápa-cú, pedaço de pelle de ovelha ou de coiro destinado a cobrir as nadegas no vão deixado pelos çafões.

Tapilho (o mesmo que *caniço*), abobada de cannas e de esteira, que cobre o carro. — De subst. verb. de **tapilhar* (forma diminut. de *tapar*).

Tar, estar. — Muito frequente também na Estremadura.

Tarabécos, trastes de casa, moveis. — Na Beira diz-se *tarécos*, que talvez nada tenha com aquella palavra, quanto á origem (*tareco* é de origem arabe).

Tarro, vaso de cortiça (dos pastores). Vid. *Dial. alemtej.*, I, *Vocabul.*, s. v. — Dos pastores que estavam na cabana de Dalmido diz Reis Quita (*Obras*, I, Lisboa 1781, pag. 87):

«Concavos tarros uns formando estavam».

Tenlro, tenro. — Cfr. *Dial. estremenhos*, I, pag. 10.

Têrço (ao). Uma terra arrenda-se «ao terço», «ao quarto», «ao quinto»; $\frac{1}{3}$, $\frac{1}{4}$ ou $\frac{1}{5}$ da producção fica para o dono, e o resto para o arrendatario. — Na Beira diz-se: «arrendar de terça».

Tòtiqe e tòtiqa, toutiço. — A palavra *toutiço* deriva de *touta*. O étymo de *touta* é obscuro, apesar do sr. Cornu, no seu trabalho intitulado *Die port. Sprache*, § 35, deduzir essa palavra de capita, suppondo que o *c* inicial se mudou em *t*, como na linguagem infantil succede ao *c*. — *Touta* estará por *touto*, do lat. *tutulus*, através de **tultus*?

Trancoanholas, castanhetas. — Também no Alandroal se diz *castanholas*.

Trépa, ponto do ramo onde se faz a ramificação.

Trevisquêra e trovisquêra, trovisco, conjuncto de pés de trovisco.

Trevisco, ramo de *trevisquêra*. — Do lat. *turbiscus*, fôrma dada por S. Isidoro (vid. Diez, *Et. Wörterb.* II, s. v. *torvisco*); o hesp. *torvisco* representa a fôrma intermédia entre o lat. *turbiscus* e o port. litter. *trovisco*.

Trévoas, trévas, na expressão «quarta-feira de *trévoas*». — De *trévas* fez-se *trévoas*, em virtude da pseudo-correcção a que já me referi acima¹; assim como de *petroleo* se fez *petrolo*, fez-se inversamente *trévoas* de *trévas*; e também aqui não seria sem influencia a palavra *névoas*. — Do lat. *tenebras*: **tēbras* < *teebras* (arc.) > *tebras* > *trevas*.

Tronxar (tronchar), cortar rente os troncos das arvores. — Do lat. **trunc'lare* (deriv. de *trucus*).

Tronxo, participio contracto de *tronxar*; cfr. *côrto*, *vôlto*.

Tunante, patife. — Deriv. de *tuna*. — A palavra *tunante* entra no amphiguri dos «Duzentos gallegos — não fazem um homem», que publiquei no *Archivio per la tradizione popolari*, II, 582 seg.

Turneja (torneja), ferro que segura a roda no eixo do carro. — Subst. verbal de *tornejar* (deriv. de *tôrno*).

Uvar, uivar. «Está *uvando*». — *Uvar* vem de *uivar*, como *cudar* de *cuidar*. O étymo é o lat. *ululare* > **ulũare* > **ulvare*, tendo havido dissimilação de *l* — *l*, consonantisação de *u* na syllaba *ua*, e por fim dissolução de *l* ao contacto de consoante, factos estes de acôrdo com as leis da lingua. — E' provavel que também se diga *ôvár*.

Vacua (*vaccúa*), feminino de *vaccum*. — Nas citadas *Posturas* lê-se, a fls. 16: «toda a res *vacua*». Do lat. **vaccuna* (**vacunus* < > *vaccinus*; cfr. *cabrum* e *ovelhúm*).

Vara, rebanho de porcos que estão engordando, para matança.

Varêro, vareiro, o que guarda a *vara*. — Cfr. *cabrêro*, *ovelhêro*.

Verdugal, esteva que tem de 1 a 3 annos. — Do lat. **viriducalis*, deriv. de **viriducus* (a respeito de **viriducus*, cfr. *Körting*, *Lat.-Wb.*, § 8758).

Vima, emplastro ou escudete feito de pêz-louro, mel, aguardente, etc., estendido em estopa; applica-se contra certas dôres.

Vinhêro, vinheiro, guarda da vinha. — Cfr. *varêro*.

Virdado, vidrado. «Loiça *virdada*».

¹ Vid. *alboródias*, *Ricárdio*, *quartina*.

Vólto, -a, voltado, -a. «*Vólta* uma para a outra».

Vrêda, carreiro. — De *vereda*.

Vrido, vidro.

Xaparral, azinhal novo. — De *xaparro* (chaparro).

Xaparro, chaparro, azinheira nova. — Cfr. hesp. *chaparro*, que terá origem biscainha: Diez, *Et. Wb.*, II-b, s. v.

Xarabanista, charabanista, cocheiro. — De *char-à-banc*. Como esta palavra se pronuncia *charabã*, seguiu-se na derivação o typo dos nomes acabados em -ã e -ão, que primitivamente acabavam em -ana, -ano, -ane, e por isso conservão nos derivados o *n*: assim *charabanista* formou-se de *charabã*, como *canito*, de *cão* (lat. *canem*).

Xavenica, chavena de café. — Deminutivo de *xávèna* (chavena).

Xcalho, chocalho. — Através de **checalho*, com syncope de *e*, em virtude da tendencia do *x* para formar syllaba com o *c*; cfr. § 18-a. — De *choc-alho* (*choca*); quanto a *choca*, vid. Körtling, *Lat.-Rom. Wb.*, § 1544.

Xefre, chefe. — Fôrma bastante vulgar no país. — Do fr. *chef*.

Xeminé. — Vid. § 27-f, onde se citão outras fôrmas.

Xêxo, seixo. — Nos *Dial. alemtej.*, II, § 17, citando um texto em que se lia *Monte do Xêxo*, pus a seguinte nota: «O primeiro *x* é engano, ou representa realmente assimilação do *s* ao *x* seguinte? Creio ser engano de quem escreveu». — Ora, já depois que escrevi isto, tenho ouvido várias vezes a fôrma *xêxo*. Num ms. de 1581 (da Torre do Tombo) lê-se: «Maria *Chanches*¹»; e noutro, de 1690, lê-se: «Joseph *Chanches* Farinha, filho de Luis *Chanches* de Baena²»; em todas estas fôrmas se observa tambem assimilação do *s* ao *ch* seguinte (assimilação completa). Uma assimilação analogá (mas incompleta) se dá tambem na fôrma androalense *xujo* por *sujo*. Temos, pois:

xêxo = se(i)xo,
Chanches = Sanches,
xujo = sujo.

O que significa que o *s*, pela vizinhança do *x* (palatal), se palatizou.

Xicada, os borregos de um rebanho. — Deriv. de *chico*?

Xina, calhau rolado.

Xispo, chispe, parte inferior da perna do porco, sem pé. — Em Extremós diz-se *pernim*. Creio que é o mesmo que na Beira se chama *pernil*.

Xujo, sujo. — Assimilação comparavel á que se dá em *xêxo*, embora seja incompleta. — Vid. esta palavra.

Lisboa, 1895.

J. LEITE DE VASCONCELLOS.

¹ *Chancelaria de D. Filipe I*, Liv. II de Leg. e Doações, fls. 124.

² *Chancelaria de D. Pedro II*, Liv. LX de Doações, fls. 11.

Devo a indicação d'estes textos ao Sr. Pedro d'Azevedo.

MISCELLANEA

NOTE ALLA MATERIA CONTENUTA NELLA «REVISTA LUSITANA», VOL. I

I

Carolina Michaelis de Vasconcellos, *O Judeu errante em Portugal*, pag. 34-44. Io mi permetto di fare qualche aggiunta al pregevole articolo della Sig.^a Michaëlis de Vasconcellos. Anzitutto senza uscire dal Portogallo avrebbe potuto notare lo scritto del Prof. Theophilo Braga del titolo — *Lenda do Judeu errante*¹, pag. 77-87 del suo importante volume *Estudos da Edade Media*, Livraria internacional de Ernesto Chardron, Porto 1870, come pure lo studio critico di Theodor Venaleken, *Der ewige Jude*, pubblicato nella *Revista Oesterreichische Wochenschrift*, pag. 72, n.º 282, Tipografia della *Imperiale Gazzetta di Vienna*. Giuseppe Pitré, pag. CLXXXIII-VII della sua dotta *Introduzione alla raccolta delle proprie Fiabe, novelle e racconti popolari Siciliani*, Luigi Pedone Lauriel, anzitutto riferisce in nota la storia di *Buttadeu* (l'*Ebreo errante*) non avendola ricevuta in tempo per poterla inserire a suo luogo nel corpo dell'opera; in un'altra nota erudita ci presenta la bibliografia delle opere spettanti a questa leggenda; alla quale nota bibliografica rimando coloro che fossero vaghi di aver contezza de' vari libri, ne' quali viene studiando la detta leggenda. Cfr. pure *Italian popular Tales*, by Thomas Frederic Cræne, London, Macmillan, and Company, 1885; ivi a pag. 197-98, il Cræne riporta tradotta in inglese la predetta leggenda: nelle note poi a pag. 363 ci viene l'autore indicando varie alte opere che trattano della stessa leggenda. Il Prof. Felice Liebrecht nella sua opera *Zur Volkskunde*, Gebr. Henninger, 1879, a pag. 107-108, ci offre utili indicazioni su questo argomento². Aggiugni ancora: A. D'Ancona, *La leggenda dell'Ebreo errante*, Nuova Antologia, serie II, vol. XXXIII, 1880, pag. 425; G. Paris, *Romania*, vol. XII, *Encore le Juif errant en Italie*; A. D'Ancona sullo stesso argomento scrisse un'appendice al precedente suo lavoro nel *Giornale storico della letteratura Italiana*, di A. Graf e R. Renier, vol. III, pag. 231; vedi pure Dr. L. Neubaur, *Die Sage vom ewigen Juden*, Leipzig 1884; P. Cassel, *Die Sage vom ewigen Juden*, Berlin 1855.

Secondo Th. Braga, la leggenda dell'Ebreo Errante é d'origine

¹ Vedi il romanzo sociale *L'ebreo errante*, di Eugenio Sue.

² La citazione di questa opera é fatta dall'autrice solo a proposito del nome dell'Ebreo errante.

orientale, e antica come tutta la grande serie dei racconti derivati dall'*Hitopadesa* e dal *Punciatantra*, riprodotti nei *Gesta Romanorum*, nella *Disciplina clericalis* e nel *Decamerone*.

Nella Biblioteca Orientale dell'Herbelot s'incontra una tradizione, cui sembra che i cristiani d'Oriente abbiano attinto l'idea prima della leggenda, trapassata dopo in Europa nel secolo XII°. L'errante giudeo qui sarebbe Zerib, il figlio del profeta Elia, incontrato dal principe Arabo Fadhil. Il Pitre nelle osservazioni alla leggenda predetta nota che mentre il Giudeo Errante giva per il mondo, un altro Giudio, modificazione medioevale, ancora esso giva sotterra, aspettando come il suo consorte di pena il giorno del giudizio, egli è MARCO lo schiaffeggiatore di Cristo con un guanto di ferro. E' noto che questa leggenda offre la relazione più stretta con quella araba, in cui Marco prende il nome di *Dqueonar* e il luogo della pena é l'esecrato clauastro.

II

A. Thomas Pires, II, *Contos populares*, 1: *A Serêna d'Almares*, pag. 61-62; sulla conclusione della novella che trova riscontro in altre straniere, specialmente in una novellina popolare livornese (variante di quella del Perrault, *Le petit chaperon rouge*, salvo che nell'una é l'orco travestito da nonna e nell'altra il lupo) della mia collezione inedita intitolata: *La frittatina* vedi l'articolo mio rispettivo francese pubblicato nella *Tradition* di Parigi 1893, n.° 6, Mai, pag. 134: *À propos du petit chaperon rouge*, I et, n.° 9-11: Sept. — Nov. II, pag. 254.

Ecco intanto le principali versioni spettanti al tema suddetto oltre le due già citate; le francesi sono queste, una provenzale pubblicata da G. di M. nell' *Armena provençau* per il 1883, pag. 50-51, ripubblicata nella *Mélusine*, III, 271-72; due della *Nièvre* edita dal Signor Achille Millien nella stessa *Mélusine*, III, 352-54 e 428-32; una poi alto-brettone inserita da Paul Sébillot nella stessa *Mélusine*, pag. 397-98, III: *La petite fille et le renard* ed una seconda amalgamata col tema: *La mort du rat* nella sua *Littérature de la Haute Bretagne*, Paris, Maisonneuve, 1881, pag. 232-35: *Le rat et le ratesse*, ricordate testé dal Sébillot nella *Revue des traditions populaires*, IX, n.° 1 (Janvier, 1894), a pag. 38 del suo articolo ivi contenuto dal titolo: *Contes de la Haute-Bretagne qui présentent des ressemblances avec des contes imprimés*, I, *Contes de Perrault*; una variante gascona poi usci per cura di Jean François Bladé ne' suoi *Contes populaires de la Gascogne*, Paris, Maisonneuve, 1886, t. II, pag. 189-91 col titolo: *Le loup et l'enfant*; una variante italiana del Tirolo si legge in Christian Schneller, *Märchen und Sagen aus Wälschtirol*, Innsbruck, Wagner, 1867, pag. 9-10, n.° 6: *Das Rothhütchen* (El capellin rosso). Due varianti alemanne furono pubblicate una dai fratelli Grimm nella raccolta loro *Kinder- und Hausmärchen*, n.° 26, *Rothkäppchen*, e l'altra da Ludwig Bechstein nel suo *Märchenbuch*, Leipzig, Georg Wigand, pag. 51, con lo stesso titolo. La predetta conclusione della novellina

popolare portoghese si riconnette al racconto favoloso di Toser, principe dei giganti d'inverno involatore del martello di Donar, dio del tuono, martello nascosto ben otto leghe sotterra, ch'egli é disposto a restituire, quando possa ottenere in moglie Frouwa, la Venere germanica, le cui sembianze assume Donar per ingannarlo. Questo racconto favoloso della mitologia germanica spettante alla festa di primavera si legge in Colshorn, *Deutsche Mythologie*, pag. 130 e seg. e fu riprodotto nelle note al conto *Le petit chaperon rouge*, pag. 159-60 da Charles Deulin, *Les contes de ma mère l'Oye avant Perrault*, Paris, E. Dentu, 1879.

III

Carolina Michaelis de Vasconcellos, MATERIAES PARA UMA EDIÇÃO CRÍTICA DO REFRAINEIRO PORTUGUEZ, pag. 69-72.

N.º 3: QUAM LONGE DE OLHOS, TAM LONGE DE CORAÇÃO; la ragione di questo proverbio ce l'offre Ovidio allorché dice:

Si nescis oculi sunt in amore duces.

Infatti Orazio sentenza nella sua *Poetica*:

*Segnius irritant animos demissa per aurem
Quam quae sunt oculis subjecta fidelibus.*

Quindi anche gli altri due proverbi latini: «Qui non viderit, non cuperit»; «Ignoti nulla cupido», e i due italiani: «Occhio non vede, core non duole»; «Se l'occhio non mira, il cor non sospira».

La ragione di tali proverbi sta nel modo, col quale nasce l'amore; infatti Amerigo di Peguillano, trovatore provenzale dice: «Quello che piace agli occhi e che contenta il cuore, vuole squisito amore». E Gerardo Bornello altro trovatore dà questa definizione dell'amore: «Amore é una squisita benevolenza, che nasce in cuore improvvisamente, perché gli occhi lo fanno fiorire e il cuore lo fa granare». Il medesimo aggiugne ancora: «Gli occhi vanno a mirare quello che piace al cuore di ritenere, e quando sono concordi e tutti e tre fermamente affissati in un sembiante, allora il verace amore tosto rampolla da ciò che gli occhi fanno aggradire al cuore». Guido Guinicelli, poeta lirico bolognese notissimo, nella sua canzone: «A cor gentil ripara sempre amore», ne indica la stessa origine dello amore:

E' par che da vivace piacimento
Lo fino amor discenda
Guardando quel ch'al cor torni piacente.

E Dante, nel 1 del *Purgatorio*, v. 85-87, induce Catone a dire della sua Marzia:

Marzia piacque tanto agli occhi miei
Mentre ch'io fui di là.....
Che quante grazie volle da me fei.

Qui é chiarissimo che il Divino Poeta sotto l'idea *piacque agli occhi miei* adombrò l'altro: *Io l'ho amata*. Ecco perché lo stesso Dante nel c. xviii del *Purgatorio*, v. 19-27 dice a questo proposito:

L'animo ch'è creato ad amar presto
Ad ogni cosa è mobile che piace,
Tosto che dal piacere in atto è desto.
Vostra apprensiva da esser verace
Tragge intenzione e dentro a voi la spiega,
Sicché l'animo ad essa volger face.
E se rivolto inver di lei si piega
Quel piegar è amor, quello è natura,
Che per piacer di nuovo in voi si lega.

Donde si pare ancora la ragione del proverbio italiano: «In amor vince chi fugge». Il proverbio portoghese ha il suo riscontro nel proverbio francese: «Loing de l'oeil, loing du cœur» (la cui variante bearnese è: «Loenh de l'oeilh, loenh deu coo»); un altro proverbio bearnese ritmico affine dice:

Coo de canabère:
Qoand te bey, que t'aymi hère;
Qoand non-t bey,
*Non y pensi mey*¹

che significa:

Cose di canna;
Quando ti veggo t'amo di più:
Quando non ti veggo,
Non penso più a te.

In Italia Toscana e Marche diciamo: «Lontan dagli occhi, lontan dal core»; «La lontananza ogni gran piaga sana»; l'importanza dei due proverbi è dimostrata dall'illustrazione apposita che ne fece il Giusti. Riscontro i seguenti proverbi latini: «Qui procul est oculis, procul est a lumine cordis»; «Quantum oculis animo, tam procul abit

¹ Voir V. Lespy, *Proverbes du Pays du Bearn*, Montpellier 1876, pag. 42.
REV. LUSIT., VOL. IV, fasc. 1.

amor»; «Procul ex oculis, procul ex mente». Negli altri paesi d'Italia secondo il Pitrè, *Proverbi Siciliani*, Palermo, L. Pedone Lauriel, pag. 114-15, si dice: «Luntanu di l'occhi (o di vista) luntanu di lu cori» e «Fora l'occhi, fora lu cori» (Sicilia, marsala). «Ojos qui non si bident de pare s'ismetigant» (Sardegna). «Luntanu dall'occhi, luntanu da u core» (Corsica). «Lontan da-i oeuggi, lontan da-u coeu» (Genova). «Lontan da jócc lontan da e còr» (Roma). «Luntan dal oc', luntan dal cor» (Bologna). «Lontan da j'occ', lontan dal coeur» (Parma). «Lontan da j'occ, lontan dal còr» (Reggio). «Lontà de i oeucc, anca lontan de coeur» (Milano). «Lontà di òc, lontà dal còr» (Bergamo). «Lontan dai oci, lontan dal cuor» (Venezia). «Lontan de i occhi, lontan del cor» (Trieste). «Lontan da j'euì, lontan dal cheur» (Piemonte).

Il Pitrè tuttavia soggiunge: «Spesso però accade il contrario, cioè che la lontananza accenda vieppiù l'amore; questa cosa aggiungo io, é provato dal verso del Petrarca: *Per fama uom s'innamora* (Commiato della canzone: *Spirto gentil*, etc.) e dal fatto che il frutto proibito accenda più vivo di sé il desiderio, donde l'evoluzione psicologica nella voce latina *caritas da carestia, scarsezza*, poi *pregio a intenso desiderio e amore*, donde l'adagio siciliano: «Luntanu d'occhi, ciamma di cori» (*d'amuri*) e con più parole però meno efficaci: «N'è veru ca la lontananza abbannuna amuri, anzi crisci la ciamma di lu cori».

5. — QUEM LEVE VAR, LEVE VEM; QURM TOLO VAE A SANTAREM, TOLO VAE E TOLO VEM. Cfr. i proverbi latini: «Bos bos dicetur, terris ubicunque videtur»; «In quo nascetur asinus corio morietur»; «Coelum non animum mutant qui trans mare currunt»; gl'italiani: «Va il lupo a Roma e li vi lascia del suo pelo, ma non del suo costume»; «Andar vitello e tornar bue»; «Chi asin nasce, asin muore»; i francesi: «Lavez chien, peignez chien, toutefois n'est chien que chien»; «Qui chien s'en va à Rome, matin revient»; «Fou va à Rome, fou en revient»; gl'inglesi: «Send a goose to Dover, and a goose will come over»; «You may know the horse by his harness»; «Send a fool to market, and a fool he will return again»; i tedeschi: «Eine Gans flog über den Rhein, eine Gans kam wieder heim»; «Kommt ein Ochs in fremdes Land, wird er sogleich als Rind erkannt»; «Ein Esel bleibt ein Esel, und ging er auch nach Rom».

8. — GUARDADO É O QUE DEUS GUARDA; richiamo pure l'attro proverbio portoghese: «Deus ajuda aos que trabalham».

Nella Spagna si dice: «A quien se aventura, Dios ayuda»; «A quien madruga, Dios ayuda»; «A Dios rogando y con el mazo dando»; «Boca que no parla, Deu no la ou»; «Deu diu: Ajudat y t'ajudaré, a qui s'muda, Deu l'ajuda»; «A qui cou y s'alsa, Deu l'ajuda»; «Quien se guarda, Dios le guarda»; in Italia si dice: «Chi s'ajuta, Dio lajute»; «Dio dice: ajutati, ché t'ajuto»; «A tela ordita, Dio manda il filo»; «Zappa in terra e speranza in Dio». Cfr. questi altri proverbi analoghi: «Aide-toi, Dieu t'aidera»; «Dieu donne fil à toile our-

die»; «Selfhelp»; «Help yourself and God will help you»; «Get thy spindle and thy distaff ready and God will send thee flax»; «Hilf dir selbst, so hilft dir Gott»; «Auf Gott vertrau, arbeit nicht lau, und leb genau»; «Trage Holz und lass den lieben Gott kochen».

9. — QUAL RICOMEN, TAL VASSALO; QUAL CONSELHO TAL CAMPANA. Cfr. questi altri portoghesi citati pure dall'autrice: «A mau capellão, mau sacristão»; «A mau moço, mau amo»; «Qual é o cão, tal é o dono»; «Tal é o servo, como o senhor»; «Qual o rey, tal a ley» ou «tal a grey»; cfr. lo spagnuolo: «Qual o rei, tal a lei»; «Qual a lei, tal a grei»; vedi questi italiani: «Qual il padre, tal il figlio; qual la madre, tal la figlia»; «Qual è la signora, tal è la cagnola»; «Tal padrone, tal servitore». (Cfr. il proverbio politico: «Il popolo ha il governo che si merita»); «Tale abate, tali i monaci»; «Chi di gallina nasce convie che razzoli»; «Chi gatta nasce sorci piglia»; e ti latini: «Qualis rex, talis lex, qualis lex, talis rex»; «Ignavus servos rector facit esse proterros»; et i francesi: «Tel maitre, tel valet»; «Tel prêtre, tel peuple»; gl'inglesi: «Like master, like man»; «Like priest, like people»; et i tedeschi: «Wie der Herr, so der Knecht; wie der Hirt, so die Heerde».

10. — Cfr. l'italiano: «Chi troppo vuole nulla strigne»; «Chi troppo abbraccia o tiene niente ha», e nell'ordine intellettuale: «Pluribus intentus minor est ad singula sensus»; Quello che s'acquista in estensione, si perde in efficacia od intensità»; cfr. l'altro adagio latino: «Armenta sua nimium qui pandere sortis, aggreditur, semper, quo feriatur, habet».

Seneca, nella tragedia *Agamennone*:

*Corpora morbis
Majora patent
Et dum in pastus*

*Armenta vagos
Vilia currunt,
Placet in vulnus*

*Maxima cervix
Modicis rebus
Longius aevum est.*

Seneca stesso *De tranquillit.*: «Qui multa agit saepe fortunae potestatem sui facit, cogendae in arctum res sunt, ut tela in vanum cadant. Angustanda sunt patrimonia nostra ut minus ad injurias fortunae simus expositi. Magna armamenta pendentibus, multa ingruant necesse est.

Ovidio, *De arte amandi* I:

*Hoc unum moneo, si quid modo creditur arti
Aut nunquam tentes, aut perfice.*

Michele Montaigne nei suoi *Essais*, libro III, capo V, disse: «Le vice est de n'en pas sortir; non pas d'y entrer».

Ancora in Francia si dice:

Qui trop embrasse, peu étreint.

A tale proposito ho letto questa favoletta francese:

*L'araigne largement va ses filets estendre,
Mais voilà déchirés ses lacqs, au lieu de prendre.
Qui haut en ses desseins, ses rets trop a ouvert
En s'ouvrant au malheur, au lieu de gain il serd ¹.*

IV

A. Thomaz Pires, *Tradições populares alemtejanas*, II, *Conto popular*, 2 *O conto da raposa*, pag. 132-33 è una delle solite novelline coordinate all'esercizio della memoria de' fanciulli; si riconnette alla nostra toscana di Petuzzo, per i cui riscontri vedi le mie note comparative alla prima e seconda delle *Novelle popolari portoghesi*, del Coelho nella *Bibliografia italiana e straniera* della Rivista *Il Preludio*, d'Ancona, a. 1881 n.º 6, e quelle a una novellina popolare portoghese del Leite de Vasconcellos (*Tradizioni popolari del Portogallo*, pag. 172), come pure ai conti *Do macaco* e *da carouchinha*, e alla *Lenga-lenga da formiga* di Alvares Rodriguez de Azevedo (*Romanceiro do Archipelago da Madeira*) della mia recensione critica fattane nella *Romania* di Parigi, t. XII).

STANISLAO PRATO.

¹ *Alle de Werken van Jacob Cats uitgegeven door Mr. Feith twaolfde Deel* Amsterdam, Iohannes Allart, 1795, pag. 50-51.

BIBLIOGRAPHIA

I

LIVROS

Les travaux publics et les mines, dans les traditions et les superstitions,
par Paul Sébillot. Paris 1894 ¹

Em uma monographia de mais de seiscentas paginas em 8.º, acompanhadas de numerosas e interessantes gravuras e de reproduções de medalhas commemorativas da inauguração de importantes obras publicas, expõe methodicamente o antigo chefe do gabinete do pessoal no ministerio das obras publicas de França, tudo o que pôde colligir ácerca das lendas e superstições que, em todos os tempos e nos diferentes paises, se prendem ás obras publicas e aos trabalhos subterraneos.

PRIMEIRA PARTE

As obras publicas

A primeira parte, consagrada ás obras publicas, divide-se naturalmente nos capitulos correspondentes ás especialidades em que é uso grupá-las, ou scção estradas, pontes, caminhos de ferro, obras hydraulicas, trabalhos maritimos, portos, pharoes e balisas, apontando a proposito de cada uma os ritos da construcção, o maravilhoso de que fôrão objecto, as lendas, superstições e credices em que figurão, e as adivinhas e proverbios em que andão envolvidas.

Apezar de moderna, a telegraphia electrica, para não citar senão esta applicação da electricidade, tão intimamente ligada aos serviços de obras publicas, que não figura no quadro da obra, deveria fornecer um capitulo interessantissimo, porque nada haverá mais proprio para impressionar as pessoas simples e para desafiá-las a natural tendencia das povoações ruraes para o maravilhoso.

Não se trata, pois, de uma obra technica, mas exclusivamente de estudos ethnographicos; entretanto, já pelo seu objecto especial, já porque para muitos são estes devéras interessantes, pareceu-nos dever chamar para elles a attenção dos nossos collegas, principalmente dos ausentes, que não terão ensejo de vêr o volume que, por amavel offerta do seu auctor, se encontra na nossa livreria, fazendo d'elle um resumido summario.

Pela expressão *ritos*, que presidem ás construcções, entendem-se as ceremonias religiosas celebradas com o fim de tornar as divindades propicias ao melhoramento que se vae iniciar, ou para decidir, pelos presagios, se a obra seria ou não bem succedida, e se conviria, portanto, emprehendê-la ou desistir d'ella.

Vierão evidentemente d'aqui as nossas festas de inauguração, e seria extremamente curioso estabelecer a evolução por que teem passado todos os antigos usos com a transformação das religiões e das civilizações, sem se quebrar a tradição e a comunidade de ideias que mais ou menos facilmente se encontra no fundo de todas as coisas.

Voltando, porém, ao livro, e designadamente ás estradas, aponta o auctor as vias antigas ou maravilhosas, especializando as romanas, que fôrão sempre objecto de admiração pela sua largueza e solidez a toda a prova, referindo as lendas

¹ [Com a devida auctorização, transcreve-se aqui da *Revista de obras publicas e minas*, XXV, 253-261 e 399-411, esta noticia bibliographica, por ser importante, e poder interessar aos leitores da *Revista Lusitana*. — J. L. DE V.]

que a muitas d'ellas se prendião e a intervenção, por vezes, na sua construcção, o que se explica quando erão verdadeiramente difficeis, das divindades, de gigantes, de heroes e do proprio Satanaz. São mais ou menos conhecidas as historias de espiritos e de demonios que pairão nos caminhos, fazendo perder-se os caminhantes ainda nas estradas mais trilhadas e que mais familiares lhes são, principalmente de noite, cujas sombras tão propicias são a uma maior actividade da imaginação supersticiosa. Referem-se numerosos *enguigos* resultantes do encontro de certos animaes, principalmente dos mais tímidos e inoffensivos, dos quaes se tirão presagios para o resultado da jornada empreendida e do bom ou mau exito do seu objectivo, agouros por vezes tão funestos que obrigão a retroceder e a adia-la para mais propicia occasião. Apontão-se as estatuas e emblemas (de que os nossos nichos, cruzes e alminhas são talvez os successores) das divindades que protegião os viandantes contra os malfeitos que infestavão os caminhos. Refere-se como as encruzilhadas fôrão sempre os logares mais proprios para a invocação dos espiritos, para a celebração dos pactos com o diabo, em que figurava quasi sempre uma gallinha preta, e tambem para as reuniões das bruxas, fadas e feiticeiras, sendo além d'isso os logares mais azados para os exorcismos e para outras curas em que intervinha mesmo a cirurgia, citando, entre outros e por mais de uma vez, usos portugueses. Segue, fechando o capitulo, larga cópia de adivinhas e enigmas, cujo fecho é a palavra *estrada*, e de proverbios de varios paises, entre os quaes avulta a judiciosa sentença de *não deixar caminhos por atalhos*.

O capitulo relativo ás pontes é o mais desenvolvido da obra, o que não é de estranhar, porque, sobre serem estas obras mais ou menos toscas e rudimentares, conhecidas e praticadas desde a mais remota antiguidade, e não isentas de perigos, é sabido o importante papel que as aguas de qualquer natureza teem representado na vida e na evolução da humanidade, e o grande respeito, o verdadeiro culto, de que teem sido objecto.

Assim, independentemente das difficuldades materiaes que pudésse offerecer o seu lançamento, ninguém pensaria em transpôr com uma ponte um curso de aguas, sem a prévia acquiescencia da divindade que a elle presidia, sem o que a sua cólera não tardaria a manifestar-se pela destruição da obra de arte, por mais solida que parecesse, o que representava, pois, complexas e numerosas cerimonias religiosas, que subsistirão ainda além do paganismo, e a que não era estranha a immolação de victimas humanas, enterradas vivas nas fundações da obra, e que só o adoçamento dos costumes pela civilização permittiu substituir por animaes domesticos e até pela simples aspersão com sangue das primeiras pedras lançadas.

E' ainda tradição corrente na Bretanha que d'antes, na construcção de uma ponte, se misturava sal na argamassa empregada na alvenaria dos pilares, para exconjurar as bruxas e feiticeiras, que teem horror ao sal, e consideram-se como offerendas ao genio do rio, para o conjurar a não demolir a obra, as moedas de prata que é uso collocar debaixo do pilar.

Como prova citão-se dois factos recentes, que mostrão a repugnancia dos operarios para continuar a obra sem a realização d'aquelle deposito, a ponto de ter sido interrompida a cerimonia da inauguração da ponte de Conflans, sobre o Sena, a que presidia o ministro Ives Guyot, em 1890, a instancias dos pedreiros e outros assistentes, por terem esquecido e não se encontrarem entre os presentes as moedas de prata apropriadas pela era para o deposito.

O vinho, como symbolo de sangue, figura tambem não só nas fundações, como nos fechos das abobadas, e, entre outros casos comprovativos, refere o auctor que mr. Eiffel lhe contára que na inauguração da nossa ponte Maria Pia, antes de deitar o *Champagne* nos copos para brindar pela larga duração da obra, se derramára algum sobre o taboleiro.

São interessantes, ora poeticas, ora horriveis, ora ingenuas, as lendas que a tradição refere a varias pontes, e entre outras ás de Veneza.

Perdidos os processos scientificos dos engenheiros romanos, e retalhado o territorio da Europa em numerosos povos, quasi sem recursos e sem poder central, no primeiro periodo da idade média quasi se não constrem pontes. E' então que intervem a igreja como o unico poder bem organizado, promovendo, pelas associações semi-religiosas semi-profanas, pela colheita de subsidios e esmolas, pela in-

tervenção das comunidades e especialmente da dos irmãos *pontífices* ou *pontistas*, e ainda pelo auxilio e indulgencias concedidas pelos papas, como a verdadeiras obras meritorias, o lançamento de pontes importantes, a que se liga a produção de numerosos milagres, como os das pontes de Avignon e do Espírito Santo, sobre o Rhodano, da ponte do Tamega em Amarante, da qual foi constructor S. Gonçalo, etc.

Apesar de tudo isto, porém, na Europa christã da meia idade, o grande engenheiro de pontes, o verdadeiro *pontifex maximus* é... o *diabo*. São innumeradas as pontes cuja construcção, por mais arrojada, a tradição lhe attribue, quer o seu auxilio tenha sido invocado pelos constructores, em vista de difficuldades que os santos muitas vezes não tinham resolvido, apesar de tentados com boas promessas, quer pelos proprios a quem a obra aproveitava, quando o não era pelos santos, elles mesmos, como succedeu com S. Cado, com S. Miguel e com o nosso S. Gonçalo, não a proposito da ponte de Amarante, mas de uma outra tambem sobre o Tamega, a da Alliviada. Em todos os casos, porém, é sempre o mesmo diabo simplorio e lorpa que se deixa lograr, depois do trabalho feito; sempre o mesmo pacto, constante a ingenua lenda. Ao diabo pertenceria a primeira creatura que passasse pela ponte, e todos, santos e não santos, começavam logo a pensar no modo de illudir o contracto, e, em vez da appetecida alma humana, é quasi sempre com um gato, ás vezes para variar um pouco, com um gallo, uma gallinha, um cão, uma lebre, etc., que o *pobre diabo* tem de se contentar.

Como já vimos, em tempos ainda mais remotos, a inauguração dos trabalhos de uma ponte era acompanhada de sacrificios humanos, que mais tarde fôrão substituidos pela immolação de animaes ou simples effigies, e naturalmente os animaes que se fazião passar pela ponte após a sua conclusão e em virtude do pacto feito com o diabo são apenas a tradição, por assim dizer attenuada, o echo enfraquecido, da epocha em que os sacrificios se davão realmente.

Quando tambem os animaes deixáram de ser immolados, ficou comtudo a reminiscencia, mas enfraquecida a tal ponto que, não se percebendo já bem o que d'antes se passára, a um rito succedeu um lôgro, que faz parte da numerosa série das *boas partidas* pregadas ao inimigo do genero humano.

São numerosas as pontes phantasticas e mythicas citadas; surgindo quasi sempre pela acção de uma varinha de condão ou de qualquer poder magico e da mais ephemera duração, ou podendo fixar-se pela benção que, collocando-as sob a salvaguarda da religião, as tornava tão solidas e duradouras como as que tinham sido verdadeiramente construidas.

Nestas variadas lendas predomina quasi sempre o sentimento religioso, que por ellas explica a passagem mais ou menos difficil da terra para o céu ou para o inferno, ás vezes até sem dispensar o pagamento da portagem; envolve-se o arco iris e a via lactea, que em alguma das nossas provincias se chama ponte de Nossa Senhora das Silvas; mas as pontes phantasticas erão algumas vezes postas ao serviço de outros sentimentos, embora igualmente ternos, como as destinadas a facilitar as entrevistas de amantes habitando margens oppostas de rios difficeis de transpôr.

Entre as lendas de pontes phantasticas que figuram nas tradições portuguezas, aponta o livro, a que nos vimos referindo, duas, naturalmente colhidas nos trabalhos dos nossos eruditos investigadores Leite de Vasconcellos e Consiglieri Pedroso ¹, que por vezes cita na sua vasta bibliographia, que não resistimos ao desejo de transcrever.

Um ladrão de além Douro, perseguido pela justiça, embrenhou-se nas montanhas de Tras-os-Montes, mas encontrou diante de si uma impetuosa torrente, que não podia atravessar. Offerceu a alma ao diabo e logo appareceu uma ponte que foi destruida assim que o homem a transpôs. A' hora da morte confessou-se e o padre que o ouvira disfarçou-se, chamou o diabo e fez-lhe a mesma proposta. A ponte appareceu, o padre entrou nella, e quando chegou ao meio fez o signal da

¹ Consiglieri Pedroso — *O Diabo*. Porto 1882. — *Superstições*. Porto 1880-1882. — *Almas do outro mundo*. Porto 1883. — *As bruxas*. Porto 1880.

Leite de Vasconcellos — *Tradições populares de Portugal*. Porto 1882.

cruz e lançou sobre o taboleiro uma garrafa de agua benta. A ponte, que é de um só arco, ficou solida, e dura ainda.

A ponte de Domingos Terne sobre o Ave, uma legua para o norte da Senhora de Porto de Ave, foi levantada pelo diabo em favor de dois amantes que habitavam cada um em sua margem e era lançada todas as noites. Um padre que soube do caso, pôs-se á espreita, e, logo que o rapaz passou, exorcismou a ponte, em virtude do que o diabo não pôde mais retirá-la ¹.

Segue-se uma extensa narração de tradições, superstições, usos e credences ligadas a varias pontes, entre as quaes figurão as nossas da Barca, do Lima, de Alliviada, e fecha o capitulo uma collecção de adivinhas e proverbios.

São tão profundas as raizes da superstição, é tão difficil desarraigá-la os prejuizos nascidos da ignorancia e do receio do que não é facil de explicar, que em pleno seculo xix, volvidos tantos milhares de annos de cultura intellectual, ainda a vemos surgir, embora sob fórmas apparentemente novas, mas reproduzindo os mesmos sentimentos, e até nos países mais cultos, para se prender ás coisas que menos compatíveis com ellas se afigurarião pelas suas bases mathematicas e pela complexa e multipla collaboração que a sua realisação implica.

Só assim pôde explicar-se que os caminhos de ferro, que datão apenas do primeiro quartel do nosso seculo, séjão, na propria Europa e nos países mais civilizados, objecto de ideias extravagantes, de credences e de prejuizos, que apenas na fórma differem dos apurados nas eras remotas e nos povos barbaros em relação a tantas outras coisas, novas adaptações a objectos novos das superstições que remontam aos primeiros tempos da humanidade.

Força é, porém, confessar que um caminho de ferro, galgando enormes distancias, quasi vertiginosamente, sem se desviar do caminho que lhe foi traçado, arrastando pesos assombrosos, quasi sem direcção apparente, era bem de molde para impressionar a imaginação popular, e fazer reviver as reminiscencias dos monstros do mundo mythologico e das coisas infernaes, a cuja assimilação se prestava admiravelmente o pennacho de fumo das locomotivas, as incandescencias da fornalha, o ruido da marcha e o seu arfar ruidoso e largo, bem comparavel á respiração de um animal giganteo, cujo olho luzente seria supprido pelo pharol vermelho; e de facto são abundantissimas as imagens bordadas sobre este thema.

Independentemente da natural resistencia que uma grande innovação, que vem, por assim dizer, revolucionar os habitos, costumes e crenças, encontra sempre da parte dos espiritos demasiado conservadores e dos reacconarios, a opposição ao estabelecimento dos caminhos de ferro no seu inicio foi grande, não só por parte do povo, que nelle via a intervenção das potencias infernaes, mas por parte de sabios illustres que, como Arago, combateram o projecto de concessão de um caminho de ferro de Paris a Versailles, na sessão da camara dos deputados de 15 de Junho de 1836, allegando os inconvenientes e perigos da travessia do subterraneo de Saint-Cloud, por causa do fumo e das desigualdades de temperatura, e pondo em duvida, a proposito de outras linhas, a importancia strategica dos caminhos de ferro, que effeminarião as tropas e lhes farião perder a faculdade das grandes marchas.

São devéras curiosas as allegações produzidas contra os caminhos de ferro pelo collegio de medicina da Baviera; a proposito da discussão do caminho de ferro de Liverpool a Manchester; no parlamento belga, etc., etc.

E' certo, comtudo, que em todas as opposições a um grande melhoramento

¹ A ponte de Val-Telhas, segundo tradição da gente de Torre-de-Dona-Chama, foi feita numa noite pelo diabo. Alguem que por alli passava á meia noite viu o diabo a trabalhar e ouviu:

Gallo preto
Gallo branco
Anda ao canto.

Ao outro dia de madrugada o diabo dizia:

Gallo branco
Gallo pinto
Pare o bico.

(Leite do Vasconcellos — In *O Pantheon*, n.º 3, pag. 50).

material ha sempre um grande coeſiciente representando interesses creados e por elle feridos; mas, feito por isso o devido desconto, ainda fica muito de sincero, principalmente nas manifestações da alma popular.

De entre as numerosas superstições ligadas aos caminhos de ferro reproduzirei as seguintes:

Na Turquia europêa o povo explica assim a marcha do comboio. Apanhárase na Europa um diabo ainda novo e mettêra-se em uma grande caixa de fogo montada sobre rodas. Os soffrimentos horriſſimos que isto lhe causava fazião-n'o dar grandes pernadas, e d'aquí o movimento da machina; por compaixão e para suavisar um tanto a sua tortura, deita-se de vez em quando um pouco de agua fria na machina.

Em Madrid, em 1853, era corrente entre as mulheres do povo que para a boa marcha dos trens era sempre necessaria um pouco de gordura de criança, e esta crendice da immolação de crianças aos caminhos de ferro tem tambem curso nas Indias inglesas.

Em 1850, na Allemanha do Sul, era crença geral nas povoações ruraes que os caminhos de ferro desapparecerião em pouco tempo, devendo, como presente do diabo, ter uma ephemera duração. E no paiz de Baden acreditava-se que, sempre que o comboio parava numa estação importante, faltava um passageiro que o diabo tinha arrebatado como seu salario; e estas ideias tiverão tal voga na Alsacia, em 1854, que chegarão a ser combatidas pelos padres do alto do pulpito.

Deixando os numerosos preconceitos de character religioso relativos a este meio de transporte, e que o perigo sempre a elle inherente em grande parte justifica, e que são de todos os paizes, passemos ás obras hydraulicas.

As construcções destinadas a formar reservatorios artificiaes e vias de navegação, a conquistar terrenos ou a defender os campos ou as povoações da invasão das aguas, ou ao abastecimento de agua potavel, são, pelas circumstancias já apontadas a proposito das pontes, objecto de numerosas lendas e superstições, em grande parte analogas ás já referidas, com a variante de serem alguns canaes e aqueductos o resultado de concursos a que erão por vezes submettidos os pretendentes á mão de princezas tão formosas quanto insensiveis ás assiduidades dos grandes senhores.

E' frequente tambem a intervenção do diabo, mas sempre o mesmo, ingenuo e facil de lograr. Na Normandia o diabo furára uma montanha pela qual devia passar um canal destinado a impedir que as aguas das chuvas inundassem os campos; feita a obra, reclamava como paga a alma da filha mais velha de S. Quintino. O pae consentiu sob duas condições apenas, e que consistião em que o diabo havia préviamente de branquear uma pelle á escolha do santo e de encher uma vasilha que o santo tinha em seu poder. Aceito o ajuste, S. Quintino apresentou ao diabo uma pelle de porco e um crivo. . . Em Franche-Comté uma senhora que tinha ajustado com o diabo a excavação e abastecimento de uma lagôa, livra-se d'elle fazendo-lhe em cheio na chavelhuda testa o signal da cruz, no momento em que ia arrebatá-la.

E' raro que a destruição, por qualquer accidente, de uma obra d'esta natureza, não seja o resultado de um maleficio ou o castigo de impiedades ou profanações.

Em varios pontos da França é tradição assente, que parece provir do seculo xv, que muitos *aqueductos*, e neste caso estãvao os celebres aqueductos romanos, tinhão sido feitos para conduzir vinho quer para fornecimento de cidades, quer para communicação entre lagares e adegas.

E' devêras curioso o capitulo em que se trata da arte de descobrir as fontes pelo emprêgo de varinhas que, movendo-se na mão dos *védores*, indicavão os pontos onde se encontrarião aguas e certos metaes preciosos, processos largamente descriptos em obras illustradas do seculo xvii.

Pelo que respeita aos trabalhos maritimos, a sua grande importancia e maior difficuldade tornãvao para elles mais duradoura a lenda da necessidade, para o seu bom exito, da immolação de victimas humanas. Quando no meado do seculo se construiu o molhe do porto de Jahde, na Allemanha do norte, ficou a crença de que uma criança tinha sido enterrada nas fundações para que ficasse bem firme.

Em 1880 espalhou-se em Calcutá, na classe baixa, o boato de que o governo tinha de sacrificar um certo numero de homens para assegurar a solidez dos trabalhos do novo porto, e que a policia tiuha recebido ordem de os apanhar nas ruas, e esta ideia ganhou raizes por tal fórma, que muita gente não se atrevia a sahir de casa logo que anoitecia.

Uma lenda indiana parece mostrar que um aparelho analogo ao nosso escaphandro foi conhecido e empregado em epochas muito remotas.

Fecha a primeira parte da obra um capitulo sobre pharoes, mais sob o ponto de vista historico do que da fabula, e uma breve noticia sobre os signaes sonoros cuja invenção se attribue aos Etruscos.

SEGUNDA PARTE

As minas e os mineiros

Como era de esperar, estamos em pleno dominio da superstição e da lenda. E' sabido, que para os antigos, que a tudo attribuião deuses e genios, beneficos ou maleficos, a terra era uma das divindades mais sagradas, e antes de lhe revolver as entranhas, era indispensavel pedir-lhe, por meio de sacrificios, perdão da grande ouzadia e da como falta de respeito que se ia praticar; no seio da propria terra vivião *dií minores*, com attribuições especiaes, e entre estas a de sentinellas vigilantes dos seus preciosos thesouros, e era bem de crér que elles não vissem com bons olhos e que diligenciassem punir os temerarios que se aventurassem nos seus dominios, violando o solo sagrado, para arrebatat parte das riquezas confiadas á sua guarda.

Mas além d'este como animismo da terra, o modo mais ou menos occulto de jazida dos mineraes uteis, as surpresas e accidentes em que são tão ferteis os seus depositos, e mais ainda os perigos constantes que acompanhão a sua exploração, os desabamentos, as explosões, as inundações a que estão sujeitos os trabalhos subterraneos, as trévas da noite perpetua e o silencio relativo em que tudo se passa, são circumstancias bem de molde para impôr o receio do desconhecido, talvez mesmo um certo terror, por tudo que se liga á mina, á qual se não desce, pela primeira vez, sem uma tal ou qual preocupação.

As peores condições do trabalho, relativamente ao exercido ao ar livre, a atmosphaera mais ou menos viciada, o calor por vezes suffocante, a falta do ar livre e da benefica luz do sol não podem tambem deixar de exercer uma grande influencia no systema nervoso dos mineiros, tornando-os naturalmente mais tristes e propensos ás visões monstruosas e terrificas.

Assim se explica naturalmente que nunca, ou rarissimas vezes, lhes sorrião as graciosas fadas que demoram sobre a terra ou que habitam as aguas e os bosques, e que tão familiares são á gente dos campos, aos guardadores de gado, etc.

A origem das minas de que se occupa o primeiro capitulo da segunda parte do livro, era attribuida, segundo uma crença de que hoje só existem vestigios nos povos selvagens, á intervenção de divindades inferiores que praticavão, no mundo subterraneo, uma verdadeira alchimia sobrenatural. Assim, para os negros o diabo fabricava o oiro a uma grande profundidade e em cavernas, com o auxilio de escravos.

Para os habitantes das Célèbes, os gigantes da terra, de concerto com a lua e o sol, trabalhavão na producção dos metaes, e os tremores de terra erão apenas o signal e a consequencia de ter sido necessario empregar grande força em alguma d'estas operações.

Na Europa e ainda no seculo xiv não só entre o vulgo, mas ainda entre homens tidos por sabios, tinhão curso as mais extravagantes supposições ácerca da fórma por que a terra como que paria incessantemente os minerios; e algumas d'ellas ficirão mesmo consignadas em livros, especie de tratados de arte de minas destinados a servir de guia aos mineiros.

Um d'estes, o *Bergbüchlein*, já muito raro e quasi esquecido, mereceu ao sabio Daubrée as honras da traducção litteral de uma grande parte, que foi publicada no *Journal des savants*.

A genese dos mineraes e particularmente dos minerios metallicos era nelle

explicada por uma serie de raciocinios coordenados em systema e attribuida á acção do sol e dos planetas, exercendo-se até ás mais profundas e inacessiveis partes do globo, por fórma que a cada filão metallico correspondião effluvios indicadores especiaes.

Havia, pois, uma cooperação do céo e da terra na producção dos minerios metallicos nos filões.

Para a geração de um minerio metallico era, porém, necessario um genitor e uma coisa subnethida ou materia capaz de receber a acção geradora.

O genitor de todas as coisas que nascem é o firmamento com o seu movimento, a sua irradiação luminosa, e cuja influencia se multiplica pelo seu curso e pela rotação dos sete planetas, cada um dos quaes exerce uma acção propria sobre o metal, conforme o seu calor ou frio, humidade ou seccura. Assim, o oiro seria feito pelo sol, a prata pela lua, o estanho pertenceria a Jupiter, o cobre a Venus, o ferro a Marte, o chumbo a Saturno e o mercurio ao seu homonymo.

Para completar, porém, a especie de *simile* que se pretendia ainda estabelecer com a geração dos animaes superiores, faltava o receptaculo, o utero, que se encontrava nas fendas e falhas, cuja orientação ou posição em relação aos astros, tinha tambem uma grande importância e influencia sobre a especie do minerio ¹.

Outros, talvez mais dados a observações botanicas, procurão assimilar os mineraes aos vegetaes, e d'aqui a crença que as minas, como a terra, necessitão de ser deixadas em pousio e que muitas se renovão, deixando de as explorar durante algum tempo.

Plinio refere que as minas de galena da Hespania renasciam por si mesmas, tornando-se até mais productivas quando se deixavão descansar; igual propriedade se attribuia a outras, e entre estas ás da ilha de Elba, das quaes se dizia, que ao fim de cem annos os proprios entulhos se convertião em minerio ², o que se explicava pela germinação da *semente vegetativa* do metal.

Nesta crença, decerto, os indigenas de Manica, quando por acaso encontrão uma pepita de oiro (refere o auctor), enterrão-n'a cuidadosamente, para que se multiplique e possa ser o nucleo precioso de que provêem as palhetas que elles apá-nhão, tendo, porém, todo o cuidado de não levar a sua exploração a profundidade superior a metro e meio ³.

O segundo capitulo, sob a epigraphe «Descoberta das minas», é um dos mais interessantes e desenvolvidos da monographia, e refere numerosas lendas, segundo as quaes, a existencia dos jazigos de minerios era revelada ao homem por agentes sobrenaturaes ou pela influencia da vara magica, a mesma que servia para indicar a presença das toalhas aquiferas.

As lendas relativas ás minas de hulha, apesar de que estas erão ainda mal conhecidas no fim da idade média ⁴, ao passo que já erão numerosas as de minerios metallicos explorados, são as mais abundantes, mas todas tiradas de tradições apuradas na Belgica e no norte da França, porque o auctor não conhece nenhuma que tenha curso na Inglaterra, o país hulheiro por excellencia.

Um viajante grego, que no seculo xvi vizitou as minas dos arredores de Liège, conta, segundo uma lenda monacal, que a existencia e as propriedades de tão precioso combustivel fôrão reveladas por um anjo que se deixou vêr sob a figura de

¹ E' um facto que se observa em muitas regiões mineiras que todos os filões correndo em um dado rumo são sempre mais ricos na sua metallisação do que aquelles cuja direcção é differente.

² Esta lenda explica-se facilmente pelo facto de ficar minerio nos entulhos e escoriaes, por mal escolhido e lavado, e tambem porque processos metallurgicos mais perfectos permittem tratar minerios de baixo teor, inaproveitaveis para outros rudimentares e talvez tambem por se applicar a depositos de alluvião em via de formação.

Entre nós podem presumir-se duas epochas bastante distanciadas da lavra para a conhecida mina de S. Domingos, pela quantidade de cobre, accusando processos metallurgicos differentes, ainda existente nos depositos de escoriaes, entre os quaes se interpõem tractos de terra vegetal.

³ Informa-me o distincto engenheiro de minas, A. Freire de Andrade, que ultimamente exerceu o cargo de commissario geral de minas na provincia de Moçambique, de que estas crenças ou estão extinctas, ou pelo menos muito apagadas, ou restringidas para o interior, certamente pela observação da semcurtmonia com que as pepitas são apanhadas pelos brancos, em cujos trabalhos de exploração mineira se emprega frequentemente o preto. Entretanto, fr. João dos Santos, na sua *Ethiopia orientat*, refere e explica casos e práticas analogos.

⁴ Já era porém conhecida na China. A ella se refere, com bastantes pormenores, o veneziano Marco Polo nas suas relações de viagem (1272 a 1295).

um homem veneravel, dizendo, porém, uma narrativa mais moderna, que fôra o proprio Deus em pessoa, não faltando, contudo, outras em que tal papel incumba ao diabo ou a agentes seus. Reproduziremos as seguintes, que nos parecem interessantes :

Em Plennevaux vivia um ferreiro chamado Hulloz. Um dia, quando se dispunha a trabalhar, na sua officina, passou um homem de muita idade com um aspecto magestoso e uma barba que descia até á cintura.

— Bom dia e bom negocio, disse o velho ao ferreiro, que era um digno operario.

— Muito obrigado, disse Hulloz, pelo cumprimento e pelos bons desejos ; mas que resultado posso eu tirar se tenho de alimentar a minha forja com carvão de madeira, que todos os dias está encarecendo ?

— Conheço um sitio, disse o velho, onde se encontra alguma coisa que substituirá vantajosamente esse carvão. Ide ao monte do Monge, fazei um buraco na terra, apanhae uma pedra negra e deitae-a no fogo.

Ditas estas palavras, o velho segue o seu caminho, e Hulloz, fazendo tudo que lhe fôra indicado, reconheceu que effectivamente a tal pedra negra ardia ainda melhor do que o carvão.

Nesta lenda, muito conhecida na Belgica, o velho era o proprio Deus. Numa variante, porém, o velho seria um frade de um convento proximo que revelára o segredo ao mesmo ferreiro, como recompensa da boa vontade com que lhe dêra um copo de agua.

Ainda o mesmo ferreiro figura em uma outra lenda que constitue o assumpto de um interessantissimo conto flamengo, intitulado *Marmitta do diabo*, imaginosa synthese dos progressos materiaes em que a hulha tem o principal papel, e cuja summula é a seguinte :

Um ferreiro de nome Hulloz chega a uma cabana onde vê uma bella fogueira, feita com pedras negras, que ardião como se fossem ramos de colza ; interroga tres anões que se aquecião á roda d'ella, e todos respondem :

— Se se soubesse que lá por baixo ha thesouros mais preciosos do que o ouro e os diamantes, se se soubesse que um dia as entranhas da terra arderão ao sol, as carruagens andarão sem cavallos, os navios vogarão sem vélas e as lampadas brilharão sem oleo !..

O ferreiro desce por uma escada, vê galerias onde circúlão innumeras luzes, cada uma das quaes era um anão que, illuminado por linguas de fogo, se entregava a trabalhos analogos aos que praticão os nossos mineiros.

De volta á sua aldeia ninguém reconhece Hulloz, que tinha passado cem annos debaixo do chão, sem dar por isso. Prestes a ser queimado como feiticeiro, só consegue livrar-se do perigo imminente, conduzindo ao jazigo os aldeões de Auzin, que, excavando as entranhas da terra, põem a hulha a descoberto.

Segundo uma lenda popular das margens do Rheno, uma mina de hulha teria sido patenteada pelo diabo a um carvoeiro afflicto, porque chuvas torrencias lhe havião apagado as mēdas de carvão que estava preparando, em troca do serviço que lhe prestára extrahindo-lhe da aza direita uma lasca de uma cruz de madeira sobre a qual cahira ; mas o pobre carvoeiro não adiantou muito, porque ninguém lhe queria o carvão.

Não faltão tambem as fadas boas e más, revelando a existencia de jazigos metallicos.

As famosas minas de estanho do Cornwall fôrão descobertas no tempo dos phenicios por favor de Deus para com S. Péran, muito popular entre os mineiros da região, dos quaes é o patrono.

Estas mesmas minas, segundo outra tradição, terião sido descobertas por um gigante.

Como é sabido, é frequente entre nós e em Hespanha a denominação de Cova da Moura, dada a minas, em que naturalmente se encontrão vestigios de trabalhos antigos que o vulgo frequentemente attribue aos mouros, ligando-lhes por vezes historias de fadas e de encantamentos.

Deixando varias historias de minas descobertas em virtude de sonhos e por felizes acasos (e este cego é que é, no fim de contas, o grande descobridor de mi-

nas), passemos ás crendices que se ligão aos processos de reconhecer a sua existência, aos quaes não é estranho até o exercício de um apurado olfacto.

A vara mágica empregada até ao comêço do seculo xvii, e o modo de se servir d'ella, achão-se descriptos no *Testamentum novum* de Basilio Valentim, monge benedictino do seculo xv e grande alchimista, e no tratado *De re metallica* de Agricola.

A primeira coisa a ter em vista era a qualidade do metal que se pretendia descobrir, porque a cada um correspondia uma dada especie florestal; assim, para a prata devia a varinha ser cortada, sempre em fórma de forquilha, de um ramo de nogueira, de freixo para o cobre, de pinheiro para o chumbo. Para o oiro, porém, a forquilha (como um Y invertido) devia ser de ferro.

Para usar d'ella segura-se uma das hastes em cada mão, com o punho fechado e os pollegares, bem como a parte commum ás duas hastes, voltados para cima, e assim se vae caminhando pelos montes. Quando se põe o pé sobre um filão, a vara curva-se e agita-se, voltando a ficar immovel, se se retroceder.

E' a força do filão que faz mover a vara, e esta força é tal, que encurva mesmo os ramos das arvores que crescem nas suas proximidades. A vara nem deve ter-se muito mal segura, para não inclinar por si mesma, nem tão apertada que a força desenvolvida pela mão possa ser maior do que a de attracção do filão.

Para que se possa tirar resultado, são essenciaes cinco condições: não ser demasiado grossa, caso em que o metal não a attrahiria; ter bem a fórma de forquilha; regular bem a força da mão; saber servir-se d'ella; não ter propriedades occultas.

Por esta fórma, todo o insuccesso se explica facilmente, por impericia do operador ou por alguma coisa de pessoal, contraria á influencia do filão.

Para os allemães, entre os quaes esta crendice mais vulto chegou a ter, a vara devia ser cortada em certa e determinada estação do anno, a certa hora e sob um certo signo e planeta, e ainda depois de se terem observado certas ceremonias e pronunciado palavras consagradas. Tal era a vara de Jacob ou a vara adivinhadora ¹.

E esta crendice era, como disse, tão arreigada, que ainda no meado do seculo xviii Lehmann, conselheiro ² de minas do rei da Prussia, julgava necessario combatê-la, provando a sua futilidade, pela imprensa periodica.

Em tempos mais remotos, em que se consideravão as minas guardadas e defendidas por genios especiaes e espiritos malignos, procurava-se desarmar-lhes a colera e torna-los favoraveis por meio de offerendas, e esta no fim de contas é que é a lenda que, ora applicada aos deuses, ora aos genios ou aos proprios homens, a humanidade nunca destruiu e antes ganha cada dia mais fundas raizes. . .

A tradição dos perigos que corre quem descobre um thesouro escondido e tambem uma mina, encontra-se ainda em povos selvagens. Alguns d'esses perigos podião conjurar-se por sacrificios humanos ou immolação de animaes.

A' descoberta e ao tratamento ou lavagem das areias auríferas referem-se tambem variadas e curiosas lendas em que figurão forinigas do tamanho de cães e gryphos, monstros alados com corpo de leão e cabeça de aguia.

E' curioso este modo de vêr dos negros do Bambouc, referido por um viajante do seculo xvii; não ligando a minima importancia ou observação aos caracteres dos terrenos auríferos, estavam elles persuadidos de que o oiro era um espirito maligno que se comprazia em atormentar os que o cubicam. . . , mudando de domicilio; e assim, quando depois de passados pelas mãos alguns punhados de terra, não encontrão nada, dizem uns para os outros — foi-se embora — e lá vão procurar noutro ponto ³.

¹ Na *Anacephalosis*, de B. Pereira, lê-se: *A varinha de condão ou vara de Avellyra*, conforme se inclina ou torce para a parte onde ha oiro, assim mostra os thesouros escondidos nos montes e minas. No livro de S. Cypriano trata-se de uma vara de oliveira para desencantar thesouros. (Leite de Vasconcellos, *Tradições populares de Portugal*, §§ 355-c) e 379-c).

² Cargo correspondente ao dos nossos actuaes inspectores.

³ Ainda como curiosa manifestação do que erão naquelle tempo os conhecimentos geognosticos e mineralogicos, reproduzirei a seguinte passagem do capitulo xiii da *Ethiopia oriental*, intitulado «Das minas que ha nos reinos de Manamopata, e de como se tira oiro d'ellas»:

«Este oiro acha-se de muitas folções, a saber: . . . em lascas envoltas e misturadas com a terra,

A celebre fabula dos argonautas e do vellocino de ouro tem a seguinte curiosa explicação :

Na Macedonia descobria-se que uma pelle de carneiro não tosquiado se prestava excellentemente a recolher o ouro apurado pela lavagem das areias. Jasão e os seus argonautas, tendo naufragado no Ponto e chegado ao rio Phasis, onde os habitantes do país estavam separando ouro por este processo, bordarão sobre este facto a lenda das mais maravilhosas façanhas.

O uso do vello, que ainda é adoptado na Bohemia, foi tambem seguido em França, onde se praticava ainda no seculo passado, e a expressão *vello de ouro* era bem justificada mesmo pelo aspecto, quando bem carregado de palhetas.

Sobre as pedras preciosas, colligiu tambem Sébillot varias lendas, de entre as quaes reproduzimos em resumo a seguinte, devêras interessante, segundo uma narrativa de Marco Polo :

Entre as montanhas do reino de Mutifi (Asia central) havia grandes e profundos valles, onde não era possível descer, por inacessiveis e por inchados de serpentes, e onde havia muitos e grandes diamantes. Para os apanharem deitavam para o fundo do valle pedaços de carne bem magra, que as aguias brancas das montanhas lá vão buscar, trazendo-os para os rochedos, onde se propunhão saborear-los. A gente que está de atalaia, logo que a aguia chega, afugenta-a e vae apanhar-lhe a presa, que encontra cheia de diamantes que se cravão na carne. Como as aguias sempre vão engulindo alguma carne, não deixa de ser conveniente procurar tambem nos dejectos, e mesmo matar de vez em quando alguma, na certeza de lhe encontrar no aparelho digestivo pedras de boas dimensões e grande valor.

O capitulo 3.º, intitulado «Os genios das minas», é subdividido pelas seguintes epigraphes: *Crendices e superstições; Monges, espiritos e divindades; Almas do outro mundo.*

Nelle são desenvolidamente narradas as lendas relativas aos genios, espiritos, phantasmas, gnomos e demonicos, que povoão as minas, ás peças por elles pregadas aos mineiros, e ás varias fórmas de lhes captar a benevolencia, que em certos casos vae até ao ponto não só de indicar aos mineiros os meios ricos, mas tambem de os auxiliar nos proprios trabalhos de desmonte. Entretanto, a maioria d'esta população subterranea, geralmente anões (apparecem alguns gigantes, mas são relativamente raros e sempre com o sestro de torcer o pescoço a quem incorrer no seu desagrado), é de character lugubre e malevol, e é muito raro que uma graciosa fada se digne descer a estes logares de tréva permanente.

Os maleficios d'estes duendes consistem, é claro, em tudo que póde comprometter a segurança e vida dos mineiros, ou, quando menos, inutilizar-lhes os trabalhos e os esforços; assim comprazião-se em destruir os sustimentos das galerias para provocar desabamentos, em desarranjar e deslocar as escadas, cortar as cordas dosapparelhos de extracção, produzir inundações, fortes correntes de ar ou emanações suffocantes, atravessar grandes pedras nas vias de serviço para as obstruir, fazer desaparecer o metal ou troca-lo, apagar as luzes, etc., etc., rindo-se depois em ruidozas gargalhadas, que os mineiros ouvião distinctamente. Estes maleficios erão tão persistentes em algumas minas, que forçoso foi fechá-las, desistindo por completo da sua exploração.

Os menos ferozes humanizão-se com dadivas, depositando cada operario em cada dia, e em local certo da mina, uma pequena parte da sua refeição, e especialmente pela offerenda annual, que seria perigoso deixar de fazer, de um fato encarnado do feitio do dos mineiros, com capuz e avental, com tamanho apropriado para uma criança de tres annos, que tal é a estatura d'estes anões, ás vezes brincalhões e divertidos como palhaços, que tudo fingem fazer, mostrando-se muito afadigados, mas sem exercerem o minimo esforço nem produzir o minimo trabalho, mas fazendo sempre muito barulho.

Ao apparecimento na mina d'estes diabretes andava sempre ligado um pre-

e, sacudindo-lh'a, ou lavando-lh'a, fiação vãos por dentro, como favo de mel, ou como borra de ferro, que são da fornalha do ferreiro, cujos vãos e buracos estão cheios de terra vermelha, que ainda não está convertida em ouro, mas bem mostra na sua cor que tambem se ha de converter nelle».

sagio, que podia ser mau, annunciando desgraça ao operario, ou bom, promettendo o proximo apparecimento de um meio rico. Entretanto, o mineiro com quem o facto se dava, tinha sempre de se calar, porque, se o revelava, adoecia gravemente ou desapparecia as circumstancias favoraveis.

Quando lhes dá para protegerem o mineiro, avisão-n'o sempre que um perigo o ameaça, fazendo cahir sobre elle uma pouca de terra e pequenas pedras quando está imminente um desabamento, dando o signal de alarme, por meio de pancadas distinctas e precipitadas, nos pontos perigosos pelo apodrecimento ou fractura das entivações, chegando até a chamá-los pelos seus nomes e a dar em voz alta ordens terminantes para conjurar um perigo imminente; se se trata de revelar o seguimento de um filão perdido ou um meio rico, é por meio de golpes muito distinctos e a intervallos muito regulares da sua picareta de prata que o genio da mina, o anão bom, chama a attenção do mineiro ¹.

Para os mineiros christãos os anões maus erão as almas dos judeus que crucificárão Christo e que fôrão conduzidos a Roma para trabalharem nas minas como escravos.

O que fica referido applica-se pouco mais ou menos ás outras variadas fórmas que podem revestir as appareições.

Estas diversas lendas, em que, através das variações da fórma, peculiares a cada país ou região, apparece sempre o mesmo pensamento fundamental e que têmão grande curso no seculo XVII, persistião ainda no seculo passado, achando-se descriptas em numerosos documentos contemporaneos, e muitas d'ellas não estão ainda extinctas na França, na Allemanha e na Inglaterra, sobresahindo sempre a crença prestada aos presagios e ao apparecimento das almas dos operarios victimas de accidentes, pelo menos emquanto os seus cadaveres não tenham sido recolhidos por completo e depositados em logar sagrado.

Como era natural, attentas as condições especiaes a que já por vezes nos temos referido, são numerosissimos os preconceitos, as superstições e os enguiços que em todo o mundo preoccupão o mineiro, tendo sempre nelles grande parte o sentimento religioso, e fôrão estudados em capitulo especial.

Ha dias em que o mineiro se julga mais especialmente sujeito a perigos. Estão neste caso a sexta-feira, dia das feiticeiras, para o mineiro belga e em geral para o catholico, emquanto que para o protestante é o domingo, a contar rigorosamente da meia noite de sabbado, o dia em que se não deve trabalhar, sob pena de sobrevir desgraça certa. O dia de Natal, o de Anno Bom, o dos Santos Innocentes, o dia da Ascensão, são dias que se devem guardar em parte da Inglaterra, independentemente dos dias propriamente de festa para o mineiro.

Nalguns paizes o dia de finados é rigorosamente reservado para piedosa romaria ás sepulturas dos companheiros mortos por accidentes; sobre ellas se depositão corôas e ramos de chrysantemos e se accendem pequenos cirios.

E' raro que se atreva a descer á mina o operario que tenha recebido aviso de que o não deva fazer, e esse aviso, verdadeiro enguiço, póde consistir, em Charleroi, por exemplo, em que a mulher do mineiro tenha deixado, sem querer, é claro, a vassoura com o cabo para o chão, atraz da porta; em um sonho, mesmo até em vagos presentimentos, no canto do gallo antes da meia noite ou depois das cinco horas da manhã, etc. Mas é principalmente no tracto de casa para a mina que é necessario ter todo o cuidado com os encontros; assim, cruzar ou mesmo avistar uma mulher, póde ser funesto, não só para o operario, mas para todo o relêvo a que elle pertence; e no oeste da Inglaterra póde mesmo dar logar a interromper-se o trabalho. Na Belgica o enguiço da mulher desfaz-se se o mineiro, tendo-a avistado ao sahir de casa, espera no portal que um homem passe por diante d'elle. A falta de correspondencia á saudação de «boas noites», o mau olhar, etc., são objecto de graves preoccupações pelos desastres que podem acarretar.

Em geral, na Inglaterra, uma ferradura velha é um bom amuleto que deve

¹ Este ruido apurava-se ás vezes ser produzido pela quêda de pingas de agua sobre as pedras; escusado será accrescentar que explicações tão simples e naturaes se encoñtrão para os outros phenomenos a que apenas dava volto a imaginação, naturalmente supersticiosa e crendeira pela educação, pela tradição e pelas especiaes condições do meio.

conservar-se em alguma dependencia da mina, na casa das machinas de preferencia, visto que o diabo, caminhando sempre em circulo, tem forçosamente de retroceder quando chega a uma das extremidades da ferradura ¹.

São frequentes as preces, orações, invocações, etc., em harmonia com as diferentes religiões, á entrada para a mina e até á sahida, assim como o culto especial a divindades peculiares á mina ou a santos protectores, e a existencia no seu interior de pequenas capellas. Nos países catholicos os patronos dos mineiros são, como é sabido, Santa Barbara e S. Leonardo, tendo, comtudo, sempre um d'elles a preferencia, mas não o mesmo em toda a parte, e nem sempre em todas as regiões mineiras do mesmo paiz.

Para os nossos mineiros, como para a maior parte, é Santa Barbara a preferida; comtudo, não conheço nenhuma capella que lhe tenha sido votada no país, porque não foi além das paredes a que se lhe destinava no alto de Sobrido, junto ao rio Douro, na região antimonifera de Gondomar.

E' em geral o dia 4 de dezembro (Santa Barbara) o da grande festa dos mineiros, em que tudo fraterniza; chefes, ainda os mais graduados e operarios, em alegre convivio, assistem a determinadas ceremonias de caracter religioso e profano.

Como já dissemos, os constantes e imprevistos perigos de desabamentos, de invazão subita de aguas, de cuja existencia nem sequer se suspeitava, ou de gazes irrespiraveis, deletorios e inflammaveis de acção fulminante, a que está sujeito o mineiro no interior da mina, são sem duvida uma das causas que mais contribuem para as superstições e preconceitos d'esta classe, e assim se justifica que tudo o que, sob este ponto de vista, se refere aos accidentes das minas, dêsse materia para um capitulo que não é dos menos desenvolvidos. Nelle tem, como era natural, pela sua grande importancia, frequencia e persistencia, o primeiro lugar tudo o que se refere ao *grisou*, decerto o mais temivel inimigo do mineiro, e que por todas as razões tão bem justifica a origem diabolica que lhe attribuem ².

Apezar de que parece ter-se dado no seculo xv a primeira invazão de *grisou*, de que ha noticia, é provavel que as lendas e superstições a elle referentes, sejam relativamente modernas, não só porque apenas nos fins do seculo xvii se tornou intensiva a lavra das hulheiras, que erão desconhecidas dos antigos, mas tambem porque os trabalhos não erão então bastante profundos, e o arejamento fazia-se, portanto, com relativa facilidade.

Entretanto, as lendas referidas neste capitulo não são mais do que a reviviscencia, pela adaptação a novos objectos, das antigas lendas que a tradição oral havia conservado, e é sempre fundamental que o phenomeno, de origem infernal, representa uma desforra dos espiritos da terra contra os que lhe saquearão os thesouros e desvendarão os segredos. E' isto o que me parece dever inferir-se da leitura do capitulo 5.^o

O *grisou* anda, mais ou menos, confundido pelos mineiros com outras emanções gazosas improprias para a respiração e para a combustão das materias illuminantes, como o *mau ar*, o anhydrido carbonico, e assim se explica a especie de gradações e as diferentes designações que lhe attribuem os mineiros das diferentes bacias carboniferas.

Para este accidente, como para outros, ligão os mineiros grande importancia aos presagios, sendo corrente a crença, que é muito raro que uma explosão não tenha sido annunciada, com mais ou menos antecedencia, por algum signal precursor; o apparecimento de certos animaes (especialmente brancos) nas proximidades da mina, é dos que não fálhão.

Desde que começou a haver necessidade de tomar precauções contra esta

¹ A ferradura é um amuleto muito geral, não só no nosso país, como em muitos outros. Aqui mesmo em Lisboa encontra-se em algumas casas, por detrás da porta, e no Porto ha uma rua, nos limites da cidade, onde existe uma série de casas, cada uma das quaes tem uma ferradura collocada exteriormente. (Comunicação do Sr. Leite de Vasconcellos).

² O *grisou* não é, como geralmente se julga, exclusivo das minas de carvão; ha exemplos de explosões de gaz em minas de ferro, em Bouxwiller, na Alsacia, e em Exincourt, no Doubs, em Vauclose, etc., e em verdadeiros filões. Segundo theorias modernas, o *grisou*, formando-se independentemente da decomposição dos vegetaes, manifestar-se ha nos trabalhos, muito profundos e mal ventilados, em torronos permeaveis e desagregaveis.

invazão, recorria-se sob as mais phantasiosas explicações a processos que consistião em expulsar os gases por meio de correntes de ar, estabelecidas pela agitação de ramos de arvores.

Antes da invenção da lampada de segurança, o meio efficaz de prevenir a invazão do gaz consistia em decompô-lo por meio de pequenas explosões, antes que, pela sua leveza especifica, se accumulasse em grande quantidade na parte superior das galerias, e este arriscado serviço era desempenhado pelo *penitente*, assim chamado pela longa tunica de burel sem preparo que tinha virtudes especiaes, em que se envolvia, ou *fire man*, pela sua função.

O penitente, que tão bem justificava o nome, com uma mascara e um capuz na cabeça, ia de gatas, para podêr respirar nas camadas inferiores, cujo ar era menos impuro, e com o braço direito, tão levantado quanto possível, ia agitando um archote.

Quando o *grisou* se achava espalhado no ar, de modo a formar uma mistura detonante, a explosão produzia-se, geralmente sem ser funesta, e renovando muitas vezes esta operação, conseguia-se prevenir as catastrophes.

Alguas vezes, porém, o penitente era victima da operação; um outro o substituiu, designado pela sorte, e assim foi até á adopção da lampada de Davy.

O ultimo capitulo da monographia occupa-se dos costumes dos mineiros; nelle se friza a superioridade que elles se arrôgão sobre os trabalhadores dos campos, cuja sorte estão tão longe de invejar que, ao passo que grande numero de operarios agricolas deixa todos os annos o mundo que o sol alumia para descer á mina, é muito raro que um mineiro troque por outro o seu modo de vida.

O lado imaginativo é nelles pouco desenvolvido; os cantos e as canções relativos á mina são em toda a parte raros e destituídos de poesia, que tanto abunda na riquissima litteratura oral dos camponeses.

O interesse que encontrei na leitura da monographia do sr. Sébillot levou-me talvez a exceder os limites de uma simples noticia bibliographica, se não é que alguma vez invadi dominios de critica que devião ser vedados a quem, como eu, tão pouco conhecia sobre o *Folk-lore*.

Já agora, porém, seja-me ainda permittido dizer alguma coisa sobre a segunda parte do livro, relativamente ás nossas tradições populares, e acrescentar algumas notas que ultimamente obtive, sobre assumptos incluídos na primeira parte da monographia.

De entre as numerosissimas citações e referencias contidas na parte respectiva ás minas, nem uma só pude colhêr relativa ao nosso país, nem mesmo á nossa vizinha Hespanha.

Impressionado por este facto, procurei verificar se o auctor, que na primeira parte tantas vezes citára os nomes dos srs. Leite de Vasconcellos, Consiglieri Pedroso e Adolpho Coelho, não teria achado nos trabalhos d'estes eruditos investigadores alguma coisa que se relacionasse com o seu assumpto.

Não encontrei, é certo, lendas ou tradições referentes propriamente á mina ¹, e este facto parece-me de facil explicação, mas encontrei o que presumo ser o equivalente de muitas das lendas por elle referidas, provindo naturalmente as diferenças, apezar das quaes me parece encontrar-se sempre a mesma ideia dominante, das condições especiaes e ethnicas da Península.

São, como é sabido, numerosissimos os jazigos de substancias mineraes espalhados por todo o nosso país, e raros são aquelles em que se não tem encontrado vestigios, quando não provas evidentes, de haverem sido trabalhados em mui remotas eras, que, salvo casos especiaes, não tem sido possível precisar, attribuindo-se comtudo aos Phenícios, e de preferencia aos Romanos, a exploração dos jazigos metalliferos, exploração que em todo o caso nem teria sido nunca muito profunda, pela insufficiencia de processos de desagüe e extracção, nem muito seguida pelas interrupções a que naturalmente obrigavão as continuas guerras em que andavão empenhados. Viêrão depois os mouros, que continuarão porventura alguns

¹ Salva a referencia, já feita, á *vara de aleyra*.

d'esses trabalhos e iniciarão outros, dedicando-se especialmente á lavagem das areias auríferas a que se procedia por occasião da tomada de Lisboa e Almada, por D. Affonso I, na Adiça a oeste de Almada ¹.

Estes trabalhos fôrão continuados, com interrupções maiores ou menores, até ao reinado de D. João III, segundo se infere das successivas cartas de privilegios concedidos aos adiceiros e do regulamento sobre a escolha e venda do oiro.

Em varios reinados da primeira e segunda dynastia fôrão feitas concessões de minas e promulgadas providencias referentes a esta industria, o que prova que ella era mais ou menos exercida, tendo contudo afrouxado nos fins do reinado de D. João III e nos seguintes, restringindo-se, ao que póde presumir-se, á apanha do oiro e á lavra superficial das minas de estanho de Tras-os-Montes.

Assim parece ter permanecido até ao primeiro quartel do nosso seculo, em que se creou a intendencia geral das minas e metaes do reino, e se emprendeu a lavra dos nossos jazigos de ferro e de anthracite; entrárão depois em exploração os jazigos de chumbo e cobre, e por ultimo os de antimónio e quartzo aurífero.

Não é, pois, de estranhar que não haja no país, nem registadas, nem na tradição oral, lendas relativas ás minas, no genero das tão copiosamente referidas pelo sr. Sébillot. Ou não chegarão mesmo a formar-se ou não se radicárão, e para isso poderia ter contribuido o facto dos trabalhos emprendidos nem serem muito desenvolvidos nem profundos, o que lhes attenuava naturalmente o terror e o maravilhoso que podessem inspirar, ou, se as houve, perdêrão-se completamente pela quasi total paralysação dos trabalhos, ou por tal fórma chegarão apagadas, que já não impressionárão, e não poderão por isso reviver, os animos dos que, no presente seculo, se entregárão pela primeira vez aos trabalhos de mineração.

Comtudo, em quasi todos os trabalhos mineiros iniciados neste seculo tem havido o concurso de mineiros estrangeiros, especialmente allemães e inglezes, e estes poderião ter incutido nos nossos as suas lendas e superstições. Mas, naturalmente, a difficuldade de communicação pelo desconhecimento das linguas, e sobretudo o facto de o mineiro não existir entre nós como classe, porque é, em geral, o trabalhador rural que accidentalmente se emprega na mina, explicação que se não nacionalizassem, por assim dizer, as lendas que o estrangeiro para cá podêsse ter importado.

Entretanto, se não corre nas nossas tradições populares, que eu saiba, coisa alguma no genero das referidas pelo sr. Sébillot, ha no nosso país uma lenda geral de norte a sul, que é bem conhecida. E' a dos thesouros escondidos e confiados á guarda de mouras encantadas, que em determinadas condições perderão o encantamento e d'elles farão entrega ². Esta lenda, que se applica a uma infinidade de excavações, independentemente das suas relações com qualquer jazigo metallifero, e em especial aos monumentos prehistoricos, ajusta-se tambem, talvez por méra coincidência, aos extensos e accentuados vestigios de trabalhos antigos nos jazigos de stibina e quartzo aurifero da serra de Santa Justa, proximo a Vallongo, onde foi colhida pelo fallecido engenheiro de minas Neves Cabral, quando, em 1882, procedeu ao reconhecimento d'aquella região mineira, e que assim encontro consignada no respectivo relatorio: «encantada nas cavernas da serra existe uma formosa moura, guarda de preciosos thesouros, que entregará com a sua propria mão ao ousado que fôr devassar os medonhos aposentos que ella habita».

São numerosissimas no país as lendas relativas a thesouros, parecendo referir-se mais especialmente a oiro amoeado e pedras preciosas, espalhadas por todo o país e, na impossibilidade de as transcrever aqui, limitar-me-hei a citar os paragraphos do livro do sr. Leite de Vasconcellos, *Tradições populares de Portugal*, em que as encontro colligidas, e que são os n.ºs 180, 196, 210, 212, 354, 355 e 379.

O mesmo professor indica-me, como referente ás lendas e superstições relativas aos metaes, as seguintes passagens:

1.ª De Justino, *Historiarum Philipparum*, XLIV III: referindo-se o auctor á Lusitania e Gallaecia diz: «nos confins d'esta nação ha um monte santo; tem-se

¹ V. *Estatistica mineira* (anno de 1882), por José Augusto Cesar das Neves Cabral. Lisboa, imprensa nacional, 1886.

² Os mouros, entre nós, correspondem em grande parte aos anões da Europa central.

como sacrilegio violá-lo com instrumento de ferro; mas, se a terra fôr aberta pelo raio, o que é vulgar nesta região, é permitido recolher o oiro posto a descoberto, o qual se considera (então) como um presente do deus». Este deus era evidentemente o deus da montanha, *genius loci*. Ha pois uma relação entre o raio e o oiro da montanha.

2.ª Da *Historia general y natural de las Indias, islas y tierra firme del mar oceano*, de G. F. de Oviedo y Valdés, Madrid 1851, reproduzida com a propria orthographia do seculo xvi, em que foi escripta.

«... me parece que quadra con esto una notable religiosidad que los indios guardában en esta tierra, apartándose de sus mugeres, teniendo castidad algunos dias: no por respeto de bien vivir ni quitarse de su vicio é luxuria, sino para coger oro; en lo qual parece que en alguna manera querian imitar estos indios á la gente de Arabia, donde los que cogen el encienso (segund Plinio) ¹, no solamente se apartan de las mugeres, pero enteramente son castos é immaculados del coyto. El almirante don Chripstóbal Colom, primero descubridor destas partes, como cathólico capitán é buen gobernador, despues que tuvo noticia de las minas de Cibao, é vió que los indios cogian oro en el agua de los arroyos é rios sin lo cavar, con la çeremonia é religion que es dicho, no dexaba á los chripstianos ir á coger oro, sin que se confessassen é comulgassen. Y decia que pues los indios estaban veynte dias primero sin llegar á sus mugeres (ni otras) é apartados dellas, é ayunaban, é decian ellos que quando se vian con la muger, que no hallaban el oro; por tanto que, pues aquellos indios bestiaes hacian aquella solepnidad que mas razon era que los chripstianos se apartasen de pecar y confessassen sus culpas, y que estando en gracia de Dios, nuestro Señor, les daria mas complidamente los bienes temporales y espirituales.

.....
pero á los que se confessaban é comulgaban no les negaba la licença para ir á coger oro; mas á los otros no les consentia ir á las minas: antes los mandaba castigar, si yban sin expressa licença suya». (Pag. 135 e 136).

Pelo que respeita a rios e pontes encontra-se ainda no já citado livro do sr. Leite de Vasconcellos, interessantes lendas nos §§ n.ºs 170, 171, 172, 173, 175, 177, 211 e 381.

Ainda a respeito do nosso S. Gonçalo, teve o sr. Leite de Vasconcellos a bondade de me comunicar as seguintes lendas, que, por suppôr ainda inéditas, aqui reproduzo.

S. Gonçalo subiu a um monte do lado de Felgueiras para escolher local para o convento; tendo atirado com o bordão e não achando bom o sitio onde cahiu, tornou a atirá-lo, cahindo então no sitio definitivo, ao pé da ponte, em Amarante.

N. B. No país ha outras lendas de fundações de conventos, cujo local foi escolhido por meio de indicações sobrenaturaes.

Uma vez, S. Gonçalo encontrou o diabo, e disse-lhe que ia fazer a ponte de Amarante; o diabo, pela sua parte, disse-lhe que ia fazer outra na Alliviada. Cada um fez depois a sua ponte; S. Gonçalo convidou o diabo para vêr a d'elle, convidou a que o diabo respondeu pela mesma fórma. O santo foi, e vendo uma grandissima ponte, ergue o cajado e traçou com elle uma cruz no ar, em seguida ao que a ponte se desmoronou por completo.

S. Gonçalo, para fazer a ponte de Amarante, mandou pedir dinheiro a um usurario, que disse que não. O santo mandou-lhe um papel, dizendo que lhe mandasse ao menos o peso do papel em dinheiro. O usurario pôs o papel num prato da balança e começou a deitar dinheiro no outro, mas, por milagre, o papel pesava tanto que nem todo o dinheiro do usurario chegou ².

S. Gonçalo pediu a D. Loba que lhe emprestasse os bois para auxilio da edificação do seu mosteiro. D. Loba disse-lhe que os podia ir buscar ao Marão, mas que naturalmente não os podia trazer, porque érao muito bravos. S. Gonçalo trouxe-os com toda a facilidade, tendo-os prendido com um fio que tirára da roca em que D. Loba estava fiando.

¹ Plin., lib. xii, cap. xiv.

² Ha uma lenda semelhante, attribuida a Santo Antonio.

D. Loba, segundo a lenda, era uma rica proprietaria d'aquelles sitios. Perto de Amarante encontrão-se as ruínas de uma construcção antiga, conhecida pelo nome de castello ou torre de D. Loba.

Relativamente a caminhos de ferro, encontro num jornal de viagem do sr. Felix Régamey, intitulado *Vinte oito dias na China*, e recentemente publicado na *Revue Bleue*, a seguinte narrativa: «Conta-se que um chinês, por instigações de pessoas letradas, se prestou a deixar-se esmagar por uma locomotiva, com o fim unico de lançar o descredito sobre a invenção diabolica dos caminhos de ferro, e contribuir assim para a suppressão de um que, apesar de muitas difficuldades e opposições, se tinha chegado a construir perto de Shangai, e que não houve remedio senão abandonar por fim».

Concluindo, resta-me deixar aqui consignados, em nome da nossa associação¹, os devidos agradecimentos pela amavel offerta do livro do sr. Sébillot, que será lido com grande interesse pelo assumpto e pela forma por que está escripto.

Lisboa, Novembro de 1894.

SEVERIANO MONTEIRO.

II

PERIODICOS

O Archeologo português, collecção illustrada de materias e noticias publicadas pelo Museu Ethnographico Português. Lisboa, 1895. — Sahirão até o presente 7 numeros, que conteem muitas informações de archeologia portuguesa, e estampas de objectos archeologicos. Publica-se um numero cada mês.

Revista do Minho. Já por vezes temos fallado d'esta Revista, que continúa a inserir notas e materiaes de ethnographia portuguesa, no dominio do chamado *folk-lore*.

J. L. DE V.

III

VARIA QUAEDAM

— **Diabruras, santidades e prophecias**, por. A. C. Teixeira de Aragão, Lisboa, 1894. — Valiosa collecção de materiaes para o estudo das superstições populares portuguezas.

— **A patria portugueza**, por Theophilo Braga, Porto, 1894.

— **O grego em Portugal**, por A. J. Gonçalves Guimarães, lente da Faculdade de Philosophia na Universidade de Coimbra. Coimbra, Imprensa da Universidade, 1894, 38 pag. in-4.º — Opusculo muito interessante, e até escripto com elegancia litteraria. Depois de uma introdução em que se combatem uns artigos da *Coimbra Medica*, e o procedimento dos estudantes de Medicina que pedirão ao Governo dispensa do exame de grego, o A. divide o seu assumpto em duas partes: 1) phases que tem tido entre nós o estudo da lingua grega; 2) apreciação dos argumentos com que se tem pretendido combater a necessidade d'aquelle estudo, tanto como elemento de instrucção em geral, como debaixo do aspecto especial de preparação para os cursos medicos e philosophicos. Em ambas ellas mostra o A. o seu são criterio e erudição, pelo que se torna muito recommendavel a leitura do opusculo. O A. conclue pela necessidade do estudo do grego. — A Universidade de Coimbra deve ufanar-se de contar no seu seio professores da competencia do Sr. Dr. Gonçalves Guimarães, que, apesar de pertencer a uma Faculdade de Sciencias Naturaes, entra com tanto conhecimento de causa num assumpto propriamente philologico. Sirva isto ao menos de contrabalançar os motivos que levirão o A. a escrever o seu opusculo...

J. L. DE V.

¹ [«Associação dos engenheiros civis portuguezes», de que é órgão a *Revista de obras publicas e minas*, d'onde para aqui se transcreveu este artigo, como se diz acima, numa nota.—J. L. de V.].

LINGUAGEM E TRADIÇÕES POPULARES

DA VILLA DE SERPA

I

A RELAMBÓIA

A titulo de curiosidade, porque destôa, por completo, de tudo quanto conheço em poesia popular, e como valioso espécime da linguagem local, publico os versos seguintes, que o povo diz em Serpa.

A palavra que lhes serve de titulo — *relambóia* — não a encontrei em nenhum dictionario da nossa lingua, nem me consta que ella tenha já apparecido entre as numerosas colleções de vocabulos publicadas pelos philologos portuguezes. Conheço o adjectivo e substantivo *relamborio*, que significa «semsaborão, ocioso»; mas não parece que aquelle termo seja alteração d'este. *Relambóia* emprega-se aqui na acepção de *mentira*; «armar uma relambóia, pregar uma relambóia» equivale a — dizer uma mentira ¹.

Ha na *relambóia* periodos confusos e phrases sem nexo; todavia, lendo com alguma attenção todos esses versos rudes, como rude devia ser o cerebro que os gerou, percebe-se claramente que elles visam a descrever uma parte das manifestações amorosas da gente do povo.

A relambóia

Vô-me ² armára ³ 'ma relambóia

Das que andom agor' na moda

Ôu ⁴ que se segue na roda

Da váidade.

A fazéra pro ⁵ cruzidade

Ô ⁶ por uma enformação;

Ê na óvindo dirão

Si ⁷ éi verdade.

Trabutos á mocidade

Nenguê dêxa de pagára,

Ó nella dêxa de andára

Envólvido.

É ⁸ julgo-me, que tenho sido

O mesmo que ôtrê qualquéra,

¹ [*Relamborio* tambem significa «fraco, de má qualidade, sem graça». Talvez a aproximação que o Sr. Nunes faz entre *relamboria* e *relamboia* tenha fundamento; o *r* de *relamboria* podia ter-se syncopado por dissimilação, pois que ha dois *rr* na palavra. — J. L. DE V.]. ² = *vou-me*. ³ — Em geral accrescentam um *â*, na pronuncia ás palavras terminadas em *r* ou *l*. ⁴ = *ao*. ⁵ = *por*. Pronunciam assim sempre que a palavra seguinte começa por consoante; começando por vogal dizem — *por*. ⁶ = *ou*. ⁷ Pronunciam *si* se a palavra que se segue começa por vogal. ⁸ = *eu*.

Que seja homẽ ó mulhéra
 O mesmo éi.
 Pois tudo corre abentéi
 O sé' ¹ destino acabára;
 Mas isto de namorára,
 Nẽ tanto!
 Proque éi uma lida emquanto,
 Dura; si anda envolvido
 Que nã descansa o sentido
 Nẽ sosséga,
 Vendo sempre se si empréga
 Nesta ó naquella pessôa.
 E si uma lhi parece bôa,
 Outra melhóra.
 A uma e ôtra namóra
 Com umas palavras mansas,
 Dando-lhi boas esp'ranças
 Sempre.
 Antes que lhi ẽ casa entre,
 Nõ primêro óccasião,
 «É ² nã 'tô p'ra mangação»,
 Dizẽ ellas,
 «Quero-lhe pôr as quátelas ³»,
 (Que nã sê ⁴ se sarão fengidas)
 «Que eu entradas e sahidas
 Nã nas quero;
 Que vocei nã éi sencero
 A's ôtras mais que namóra,
 Menos me sará agora
 A mim».
 «Por este motivo, assim,
 Nã lhi dô óccasião».
 Respondẽ-lhi ellas antão:
 «Nada d'isso éi assi.
 «Éi verdade que por alli
 Passo ás vezes».
 «Mas isso éi de meses a meses,
 Éi lá uma vez nas eras;
 Era bom se nã sóberas
 Os excessos que faço».
 «E quando por alli passo,
 Que lhe chego a fallára,
 Tudo éi por espalhára
 Mágoa».

«Peço-lhi uma gotta d'agoa,
 Demoro-mo um pôcachinho,
 Mas vô ⁵ logo o mé caminho
 Seguindo».
 «Alguma que 'stá óvindo
 Vẽ-lhi logo a dezéra
 Qu'eu, que lá fui a bubéra
 A' de fulana».
 «Com isso se nã engana;
 Mas tola éi quẽ nã conhece
 Que, se fôra com entresse,
 Punha-lhe as quátelas».
 Respondẽ-lhi agora ellas:
 «As mesmas que aqui tẽ:
 Nã s'esconde de nenguẽ
 P'ra entrar».
 «E a gente em se fiára
 Nas suas palavras mansas,
 Éi que com as esp'ranças
 Vai vivendo».
 Dispêdem-si elles dezendo:
 «Adeus, 'té á ôtra vez,
 Pra cá virei a vera se tens
 Esfarçado».
 Vóltom-se p'r'ó ôtro lado,
 E, nisto, pégom-se a rira
 • É se chegando a encobríra
 Com ua esquina.
 Vã 'studando a pantomina
 Que a ôtrẽ hã-de ir armára,
 E assim pégom a andára
 Nesta gira.
 Aqui l'armom 'ma mentira
 Que nã na 'studom.
 Ellas cóitadinhas cudam
 Qu'isto assim éi verdade,
 E assim lhi tomom amezade
 E 'feiçãõ.
 Dizẽ-lhe óu depois antão:
 «Cá-me dizẽ que m'engana,
 Que vocei vai á de fulana
 Tamẽ».
 Dizẽ elles: «O que tẽ?
 E o que emporta qu'ẽ lá vá,

¹ Pronunciam é em vez de eu, se a palavra que vae adiante começa por consoante. ² = eu. ³ = cautelas. ⁴ = sei. ⁵ vou.

Si o mé' sentido em ti stá
Posto?»

«Tu bẽ sabes que o mé'gosto,
Mé bẽ, éide te lográra;
E p'r'ás mais éi um namorára
Fengido».

«És o 'spelho mais luzido
De todas ẽ que me vejo,
E bẽ sabes que nã desejo
A nenguẽ mais».

Com estas e ôtras taes,
Assim se vã defendendo,
E ellas ficom-lhe d zendo
Assim:

Vócei vẽ-me ver aqui,
E depois quando d'aqui sái
Para casa d'ôtrẽ vai
Passá-lo resto».

«Pois isto lhe manifesto,
Sigundo óu que me dizẽ,
Proque ha muntas que me avisẽ
De tudo».

«Mesmo assim pelo miudo
(Cumo ás vezes assucedẽ)
Aonde vocei agoa pede
P'ra entrára...»

«Antão que-lo duvidára?...
«Adonde os cigarros accende...»
«E veja lá se me entende
Adonde éi...»

«Comque é já sê abentéi
O tempo que se demora!
Que ainda ondeágra
M'o desserom...»

Da maçada que tenerom...
Nã ha nada que nã soe!»
E veja lá que tal foi
O serão!»

Respondẽ-lhi elles antão:
«Nã ha tála».

D'aqui pegom afinála
A compô lo sé papel
Que fica que nẽ annel
No dedo.

Pegom a ir ẽ segredo,

De dia e a toda a hora;
Andom p'ra dentro e p'ra fóra
Pro chalaça.

Ellas, achando-lhe graça,
Ë nos vendo assim fazéra,
Cudom que nã ha-de havéra
Nada á contra.

Elles vão p'ra casa d'ôtra,
E assim pegom a andára
Nesta gira.

Aqui l'ármom 'ma mentira,
Alẽ ármom uma pulha,
O diabo p'r uma agulha
Enfiom elles!

Mas, isto éi, são aquelles
Que tẽ algum taramenho,
Que por ôtras nã fazẽ empenho
Nenhum.

E antão que me dizes tu,
Ellas, ẽ indo lavára,
Que se cheguẽ a ajuntára
Duas, ó três!

Isso ei um entremês,
Mais raro que póde havéra,
Proque alli ha-de parcéra
Bonito e feio.

O bom, o mão, alli veio;
E uma diz, ôtra applica,
De manêra que nã fica
Nada atrás.

Cumo agora óvirás
As suas exquipações¹,
Proque, ẽ chegando a namorações,
Nã tẽ fim.

Proque diz uma d'aqui:
—«Já fulano tantos tẽ».—
Responde logo d'alẽ
Ôtra:

—«Pois beltrano nã se conta,
Que lhi daõ agor' fulana?»
«Pois ainda esta semana
Ovi dezéra».

Torna a ôtra a respondéra:
—«Pois o tal aonde se mette,
Que encontrámos ẽ tal parte?..

¹ = explicações.

Isso á ¹ que tẽ arte
 P'ra tudo! —
 Alli vẽ léstro ² e rudo,
 (Com a sôpa posta a enxugo)
 Que nã 'scapa saramugo
 P'la malha.
 Pois nã tẽ aquella canalha,
 Mais nada ẽ que si occupára
 Senão neste fallára
 Em todo o dia!
 E ha quantos na companhia,
 Que o mesmo estão conversando,
 E com isso se estão ralando!
 Mas antão!
 Não querẽ dar mostraçãõ,
 Nẽ dar sé braço a trocêra,
 Mas lá o hã-de téra
 P'ra si.
 Elles fazẽ-no assi:
 Ajuntom-se três ó quatro,
 — «Vamos aqui, que ẽi barato
 E bom». —
 Mesmo assim, a este som,
 Pégom a mandar vir vinho:
 — «Venha mais um córtilhinho,
 Até véra». —
 D'ahi pégom a dezéra:
 — «Vamo'-nos d'aqui embora,
 Proqu'esta ẽi a melhor hora
 De passeio». —
 Responde ôtro: — «Que grangeio
 Tiras tu de passeára?»
 «Queres ir a namorár alguma?»
 — «Nã quero namorar nenhuma,
 Mas, ẽ havendo ôccasião,
 Gósto por aonde ellas 'stão
 Passára». —
 — «Pois agora hé-de-te levára
 Aonde stão 'mas raparigas,
 Quero alli que me digas
 De quála góstas.» —
 Alli pégom com apostas,
 A vinho e nã a denheiro,
 A vér qual lhi entra primeiro
 Ẽ casa.

Cada um pro si faz vasa,
 (Cumo no tratado ³ vẽ)
 E esse que mais gira tẽ
 Vae adienti;
 Falla-lhe sincériamente,
 Com um papéla... que a bentéi
 Fica que nẽ mão d'alvanéi
 Na parede.
 Depois dizẽ: «E' nã hé-de
 Descobrir este segredo,
 Que por ora ainda ẽi cedo
 P'ra se sabêra;
 Proque ẽ se chegando a dezéra
 Péga-se logo a soára...»
 «E vócei deve-o górdára
 Tamẽ ẽ si».
 Ellas dizẽ-lhi que sim...
 Mas quẽ? se nã sã capazes,
 Sã peores que os rapazes
 Da rua!
 Nã encobrẽ coisa sua
 Que nã devẽ descobríra;
 Bórrum-se sẽ se sentira,
 Nã tẽ que véra.
 Emquanto nã vã dezéra,
 'Stã-lhe levando o diab'alma!
 Até se vêem com calma
 Afflictas,
 Emquanto as coisas nã sã ditas;
 Sempre 'staõ ẽ confusão
 Emquanto nã dizẽ que 'stão
 P'ra casára.
 Se lhi vão a préguntára,
 Dizẽ logo com quẽ ẽi:
 Si ẽi Antoino ó Joséi,
 O' Francisco.
 Mas cá lhi deito o visco
 Pro cima.
 Sempre o dizẽ a alguma prima
 O' a alguma sua amiga;
 Enque a ôtrẽ o nã diga,
 Dizẽ-no áquella.
 Ellas nã teẽ quátela,
 Elles ẽi que a hã-dẽ téra?!
 Fazẽ bẽ ẽ no fazéra

¹ Por é (cfr. *Rev. Lusit.*, iv, 49, § 51). ² = *intelligente*. ³ = *dictado*.

Assim.
 Éi o que ôvê aqui
 Irê-no contar alê.
 E esse éi que éi o bê
 Fêto.
 Nã quérê bahun no pêto,
 Nê na boca fichadura,
 E nê se pode ser dura
 Penha.
 Mas aqui o que si engenha
 Ei chamarê-lhi simões,
 Que esses sã os galardões
 Que ellas dã a muntos.
 Atéi lhi chamom defuntos,
 Innocentes, cóitadinhos...
 Mas éi proque lhe nã tocom os pã-
 zinhos
 O'u d'reito.
 Mas... por agora stã feito,
 Com isto a obra acabo
 Tomára-lhi eu óu rabo

Alguns que é cá sei,
 Que esses á ¹ que fazê bê:
 Que lh'armê as relambóias,
 Que as dêxom que nê 'mas joias
 Nos pêtos.
 Mas esses á ¹ que sã accêtos
 E que lhe mettê cubiça.
 Esse que nã tẽ maliza
 Teê-lhi zanga.
 Mas todo o que com ellas manga
 E com ellas se sabe havéra,
 Esse chega-os a trazéra
 O'ns pares.
 E tu sê nisto repairares
 E teveres de crusidade,
 Achará-lo pro verdade
 Assim.
 E do principio té óu fim
 Tudo aqui te explico,
 Qu'é por agora aqui fico
 Até véra.

II

O TERÇO DA AURORA

Esta cerimonia religiosa realiza-se por ocasião das festas em louvor da Senhora dos Remedios, Conceição, Prazeres, e tambem pela Paschoa e Quinta-feira d'Ascensão. Na madrugada do dia em que a festividade se celebra, os devotos que primeiro chegam á respectiva igreja, sahem em grupo, e vão de porta em porta a procurar os seus confrades retardatarios, cantando:

A adoração

— Os devotos que hã de vira — a rezára o sacrificemo rosairo — de Maria Aurora, — podê vira que éi tempo, — p'ra que esta sob'rana não diga — que nos entreguêmos — óu 'squécimento. — Pódê vira, que éi tempo. —

Depois de todos reunidos — todos os irmãos particularmente convidados para tomarem parte no terço —, percorrem as principaes ruas da villa entoando repetidas vezes, em côro, e num rhythmo extremamente arrastado e monotono, o padre-nosso, a ave-maria e a gloria-

¹ Por é. Vid. supra.

patri; tendo o cuidado de, sempre que se aproximam de qualquer igreja ou de qualquer *passo*, fazer um pouso e recitar o

Offerecimento

Sob'rana, divina Aurora,
Mãe do eterno Sola ¹,
Quem como vós pudéra
Soccorrer-nos melhóra!

Quando o sól é nado, recolhem á egreja d'onde sahiram, e ahi pronunciam em altas vozes:

(*Voz*). Glorie patri, é filho, é disprito santo ².

(*Côro*). Secundêre de principio, é de nunca é sempre, é de séclo séclôro. Amêi ³.

III

CANTIGAS POPULARES

Morrer e resuscitar,
Só Deus é que teve a dita;
Tu para mim já morreste:
Quem morre não resuscita!

Já fui cravo, já fui rosa,
Já 'stive num alegrete;
Agora 'stou no teu peito
Servindo de ramalhete.

D'aquella janella alta
Me atiraram co'um limão:
A casca deu-me no peito,
O sumo no coração.

Tanto chapéu, tanta fita,
Tantos brincos e aneis;
Tanta cabra pelo mundo...
E os queijinhos a dez réis!

O amor nasce dos olhos,
Mais da mão, quando se aperta;
Em chegando ao coração...
Não digo mais, et cactera.

Graças a Deus, que chegou
Quem eu descjava vêr;
A' palavra não faltou:
Assim é que ha de fazer!

Quatro coisas, neste mundo,
Eu desejava aprender:
Cantar bem, tocar viola,
Namorar e saber ler.

Altos ceus vae uma nuvem,
Todos dizem: «Bem a vi».
Todos fallam e murmuram,
Ninguem ólha para si.

Séque-se a palha da murta;
Reverdeça o marmelo!
Tenho-te tanta amizade
Como a cabra ao cutelo.

O alcerim é rei das plantas,
O ouro rei dos metaes;
Meu amor é rei dos homens,
Não desfazendo nos mais...

¹ = *sol*. ² Gloria Patri, et Filio, et Spiritui Sancto. ³ Sicut erat in principio, et nunc, et semper, et in saecula saeculorum. Amen.

Vá de roda! Cantem todas,
Cada qual sua cantiga,
Que eu também cantarei uma,
Que a mocidade me obriga.

Coração, não andes triste,
Anda alegre, se pudéres,
Que inda te ha de vir á mão
Rosa branca a quem tu queres.

Eu pensava que vivia
No mundo sem ter rival;
Agora é que eu vim saber
Que o meu amor me quer mal.

«Amores ao longe esquecem»
Me disseste tu a mim.
Só se tu de mim te esqueces,
Que eu não me esqueço de ti.

Se és gallo, levanta a crista,
Se és frango baixa a *pennuge*;
Se vens a cantar por fama,
Levanta as asas e *fuge*.

Cantigas são pataratas,
São vozes, leva-as o vento.
Quem se enleva em cantigas
Tem fraco entendimento.

Esta noite chovem pápas,
O' moças, tragam colhéres.
Quem quiser ouvir mentiras
Chegue-se ao pé das mulheres.

Esta casa está bem feita,
Muito bem emmadeirada.
Muito gósto eu de bailar
Em casa de gente honrada.

Se eu tivesse que dar, dava;
Não tenho que dar, acceito.
Acceito penas e dores,
Causadas por teu respeito.

Se eu fosse cobrinha d'agoa,
Andava de fonte em fonte:

Ia vêr o meu amor,
Que esta hora está no monte.

Não me lembrava Lisboa,
Nem que tal cidade havia;
Agora já me não 'squece,
Nem de noite, nem de dia.

Anda cá, que já és minha,
Já te não dou a ninguém;
Emprestada... isso sim,
Por pouco tempo, meu bem.

Olhos pretos, olhos brancos,
Olhos azues, olhos verdes:
D'estas quatro qualidades
Encontram-se poucas vezes.

Tu cuidas que eu não conheço
O limão, pela toada...
Faço-me eu desattendida,
Que a mim não m'escapa nada!

Olhos mais lindos que os teus
Não os vi, nem os conheço;
Depois que os teus olhos vi,
Todos os mais aborreço.

Saudades infinitas
Me mandaste tu a mim.
As minhas para contigo
Só á vista terão fim.

Tanto que eu zombei d'amar,
Tão castigada que sou!
E' bem que se ria agora
Quem nalgum tempo chorou.

Venha o copo, venha a pinga,
Venha mais meia canada.
Eu sem a pinga não canto,
Sem o copo não sou nada.

Já lá vae abril e maio,
Já lá vão estes dois meses;
Já lá vae a liberdade
Que eu tinha contigo ás vezes.

O coração mais os olhos
São dois amigos leaes:
Quando o coração 'stá triste,
Logo os olhos dão signaes.

Oh meu amor, meu amor,
Das duas ha de ser uma:
Ou hei de casar contigo,
Ou hei de correr fortuna!

Passei pela tua porta,
Pus a mão na fechadura.
Acorda, se estás dormindo,
Coração de pedra dura!

Eu não sei o que adivinho
Em te ter tanta amizade...
Adivinho que me pagas
Com alguma falsidade!

Qu'ria-te bem na verdade,
Amava-te certamente.
Assim que vi que eras falso,
Retirei-me airosamente.

Amor, não era p'ra mim
Tamanha ingratidão...
Sabendo que só a ti
Entreguei meu coração!

Fui dispôr num valle triste
Uma linda cabaccira.
Quem ama nunca se livra
D'um *cabaço*, inda que queira.

Semei amor perfeito,
Coisa que a terra não cria.
Amor perfeito só Deus,
Filho da Virgem Maria.

Uma setta fina, aguda,
Fere o peito a uma princeza.
Não se esconde nem se muda,
Quem no amor tem firmeza.

Minha laranjinha azeda,
Salpicadinha de doce.
O amor é como a vida:
Em se ausentando... adeus, foi-se.

Impossivel me parece,
Quando tu para mim olhas,
Namorares-te de mim,
Tendo tanto aonde escolhas.

Amor, não maltrates
O meu coração.
Se o maltratares
Morro de paixão.

Eu contigo sympathizo:
Toma amor o teu parecer.
'Stou dando fim ao meu riso,
Se tu, meu bem, não vens ser.

Eu defronte, vós á vista,
Não fallo, nem vós fallaes.
Dá-me um ar da tua graça,
Já que não pôde ser mais.

Se os meus olhos te cativam,
Vac pedi-los a meu pae.
Se elle te disser que não,
Assenta-te e dá um ai.

Saudades, saudades,
Saudades, meu amor!
Saudades tenho eu
Sejam ellas de quem for.

Não ha nada que eu mais goste,
Que é de ter muito rival,
P'ra meu bem se divertir
E eu ter onde pensar.

Eu tenho tanto rival,
Que em cada rua são tres.
O' amor, dá-lhe a mão 'squerda,
A direita não lh'a dês.

IV

FESTAS A SANTO ANTONIO

Em Serpa, como em todo o nosso país, o Santo Antonio de Lisboa é o mais querido e festejado de quantos santos e martyres o calendario reza.

Certamente, devido ao importante papel de casamenteiro, que a lenda popular lhe conferiu, as senhoras ainda novas professam pelo thaumaturgo português uma devoção tão viva, um culto tão entranhado, sincero e profundo, que sómente as abandona e desampara... quando lhes bate á porta o casamento.

*

São promovidos pelas raparigas do campo os principaes festejos, seculares e religiosos, que nesta villa se realizam em louvor do milagroso santo. Correspondentes ás igrejas denominadas de S. Salvador, Santa Maria, S. Paulo e S. Francisco, desde tempos remotos que existem aqui quatro irmandades — aliás constantemente renovadas nos seus elementos — compostas por grande número de raparigas solteiras, d'entre as quaes sahem quatro respectivamente a cada irmandade, para os cargos de *juiza*, *escrivôa*, *thesoureira* e *mordôma da cera*, — cargos que apenas duram um anno e se transmitem consoante a vontade e affeição pessoal das *eleitas*. E' a estas que compete angariar os fundos necessarios para occorrer a todas as despesas. Que afan e sollicitude e, ao mesmo tempo, que garbo e gentileza com que ellas, as formosas *eleitas*, sóem desempenhar-se de tão difficil e para ellas tão honrosa missão! Elegantemente vestidas com os seus graciosos trajos campestinos, as guapas moçoilas serpenses — riso bregeiro e olhar tentador — andam de casa em casa, em perfeita azáfama, pedindo — alguma coisa p'ra ajuda da festa do padre *Sant'Antonio*. Esta peregrinação começa no 1.º de junho e só termina no dia 12.

Em regra a colheita costuma ser bôa e está sempre na razão directa da belleza das pedintes.

A' quantia obtida pelo meio que acabámos de referir junta-se ainda o producto de diversos objectos, taes como: ovos, vellos de lã, queijos, cordeiros, pombos, cantaros de azeite, de leite e de mel, offercidos por mera devoção ou para pagamento de alguma promessa; porque o *glorioso santo*, além de patrôno das namoradas, tambem é advogado contra as tentações do demonio, e deparador das coisas perdidas.

Aos objectos em questão, assim como a todas as offerendas, dão indistinctamente o nome de *ramos*, os quaes, expostos no atrio da igreja sobre grosseiros bancos de pinho altos e compridos, são vendidos em almoeda no proprio dia da festividade.

E lá me esquecia de relatar mais duas fontes de receita : uma diz respeito aos peditórios, feitos em devido tempo e ocasião opportuna, pelos lagares de azeite, eiras, diversos moinhos do Guadiana, hortas, etc.; a outra, conhecida pelo nome de «rendimento da bacia», consta das esmolas de dinheiro que os fieis, ao visitarem as igrejas, depositam numa pequena bacia de arame, guardada por duas *irmãs*, e que se costuma collocar em cima de uma mesita á entrada dos templos. Que não falte este pormenor: tambem sobre a tal mesita, alumiado por duas velas, se exhibe um Santo Antonio em miniatura.

Em 31 de maio, dia antecedente ao inicio da trezena que é da praxe rezar, as quatro *eleitas*, acompanhadas pelas irmãs mais devotas, procedem á remoção do santo, da respectiva capella para o altarmór, e alli deixam ficar a imagem do adorado frade em meio de um bosque de cravos e rosas. No adro erguem um mastro vestido de verdura, tendo no topo o distico — Viva Santo Antonio. A' noite, á porta da egreja — dá-se a alvorada, que é executada pela irmandade com o concurso de numerosos rapazes. Esta cerimonia consiste apenas num simples descante; todavia não posso deixar de a proclamar interessante e deliciosa, attenta a belleza das canções entoadas num *rhythmo* suave, merencorio, arrebatador. Aqui dou todas as que tenho ouvido, sentindo que não seja possivel publicar neste mesmo lugar a musica que lhes é inherente.

O que fica descripto convem a todas e a cada uma das alludidas irmandades.

Canções

Ora viva, ora viva...

Viva o Sant'Antonio! e viva! (*bis*) ¹.

I

Sant'Antonio de Lisboa

Não quer que lhe chamem santo: (*bis*)

Quer que lhe chamem soldado,

General-mestre-do-campo. (*bis*)

II

Oh meu padre Sant'Antonio,

A vossa capella cheira...

Cheira a cravos, cheira a rosas,

Cheira a flôr de laranjeira ².

III

Do altar de Sant'Antonio

Até ao de S. Francisco

Tudo são cravos e rosas

Postas pela mão de Christo.

¹ Estribilho, que se repete no fim de cada canção.

² Em todas as quadras se repete o 2.º e 4.º versos.

IV

Sant'Antonio é bom filho,
Que livrou seu pae da morte.
Tambem nos ha-de livrar
D'esta batalha tão forte.

V

O' meu padre Sant'Antonio,
Companheiro do Senhor,
E's o palmito das moças
E do céu o resplendor.

VI

O' meu padre Sant'Antonio,
Eu peço com alegria,
Que me dê satisfação
P'ra festejar o seu dia.

VII

Sant'Antonio tem um menino,
Não porque seja casado:
Foi um menino que achou
Nas ondas do mar salgado.

VIII

O' meu padre Sant'Antonio!
O' meu santo milagroso!
Eu adoro Sant'Antonio,
Por ser bonito e formoso.

IX

Do altar de Sant'Antonio
Até ao de S. João
Tudo são cravos e rosas
Postas pela sua mão.

X

O' meu padre Sant'Antonio,
Vou-lhe pedir um milagre:
Que case as suas devotas...
Se é da sua vontade.

XI

No altar de Sant'Antonio
'Stá um ramo de açucenas,
Onde as namoradas vão
Dar allivio ás suas penas.

XII

No altar de Sant'Antonio
'Stá um lindo damasqueiro:
Dá damascos de milagre,
Não se vendem por dinheiro.

XIII

Sant'Antonio é meu pae,
S. Francisco é meu irmão,
Os anjos são meus parentes...
Ai! que linda geração!

XIV

Sant'Antonio 'stá chorando
Porque quer uns sapatinhos.
Cale-se ó meu Sant'Antonio,
Que lhes faltam os saltinhos.

XV

O meu padre Sant'Antonio
Faz milagres, que ventura!
Diz-me, santo, onde guardaste
Tua santa sepultura.

XVI

S. Pedro perdeu as chaves
(Não foi á falta de juizo);
Sant'Antonio lh'as depare,
Que são as do Paraíso.

XVII

Sant'Antonio do outeiro
Tem uma estrella na testa,
Que lhe fizeram os anjos
No dia da sua festa.

XVIII

No altar de Sant'Antonio
'Stá ùa linda cerejeira:
Pôde-se dar por ditoso
Quem lhe colher a primeira.

XIX

Indo eu p'ra Sant'Antonio,
Encontrei-o no caminho:
Numa mão levava a cruz
E na outra o seu menino.

XX

Eu hei-de ir a Sant'Antonio,
De joelhos pelo chão...
O' santinho da minh'alma,
Despachae-me a petição!

XXI

O' meu padre Sant'Antonio,
Casae as vossas vizinhas,
Que tambem estas penteiam
Vossas santas carapinhas.

XXII

A 13 do mês de junlio
Sant'Antonio se *demove*,
S. João a vinte e quatro,
E S. Pedro a vinte e nove.

XXIII

Onde estará Sant'Antonio,
Que não 'stá na sua igreja?
Anda de mastro em mastro
Para vêr quem o festeja.

XXIV

Sant'Antonio é bom santo,
Que livrou seu pae d'arganos;
Tambem nos ha-de livrar
Do poder dos castelhanos.

XXV

O meu padre Sant'Antonio
E' santo de capuchinho.
Eu quero ir para a gloria:
Santo, ensinae-me o caminho.

XXVI

O' meu padre Sant'Antonio!
Meu santo casamenteiro!
Casae as *eleitas* todas,
E a *juiza* primeiro.

XXVII

Sant'Antonio milagroso,
Santo de muitos milagres,
P'ra casar as moças todas,
Fazei isso que vós *sabes*.

XXVIII

O' meu padre Sant'Antonio,
Pedi á Virgem-Maria
Para guardar os devotos
Que lhe guardam o *seu* dia.

XXIX

Onde estará Sant'Antonio,
Que não 'stá na sua igreja?
— Anda fazendo milagres:
E' o que o santo deseja.

XXX

O' meu padre Sant'Antonio,
A' petição dae sentido:
Entregae-me o meu menino,
Que estava no mar perdido.

XXXI

Onde estará Sant'Antonio?
Onde estará? onde iria?
— Foi a pular as fogueiras
Que se accendem no seu dia.

XXXII

Oh meu padre Sant'Antonio
Que estaes com tanta alegria
Com os festeiros de roda
Dando vivas ao *seu* dia!

XXXIII

Sant'Antonio de Lisbôa
Não tem velas no altar.
Se eu me casar este anno,
Hei-de lh'as ir lá levar.

XXXIV

Sant'Antonio 'stá no ceu,
Na gloria do mesmo Deus;
Mesmo de lá stá rogando
Pelos que são servos seus.

•

No dia 12, vespera da festa, de tarde, ha o costume de ir ás hortas a comer fructa e fazer capellas destinadas ás creanças, capellas tecidas de mentrasto e adornadas com ameixas, ginjas, soromenhos, etc.; e á noite, ao vivo clarão das fogueiras de alecrim que crepitam pelas ruas, e ao som alegre e festivo dos sinos, visitam-se as igrejas, illuminadas com profusão de balões venezianos e inteiramente cobertas de verdura, — arcos de chorão matisados de rosas, rosas de herva de anjinho (artimisia), de cravos de defuncto (topasios), de valverdes, etc.

Ha tambem numerosos bailes populares, e os descantes pelas ruas duram até de manhã.

A fava frita e os tremoços são, nesta noite, gulodices indispensaveis em todas as casas.

Em 13, de manhã, verifica-se a festa religiosa e vendem-se os ramos; realizando-se, á noite, novos bailes e novos descantes populares.

Um facto curioso, para concluir: Algumas raparigas, quando julgam demorado o casamento, e no intuito de o apressarem, suspendem de uma corda a imagem de Santo Antonio que, de cabeça para baixo, mergulham num poço, prolongando o banho até que se effectue o milagre, isto é, o casamento ¹. Observam-se noutros pontos do país costumes semelhantes.

V

A CARNE DE GROU

A classe camponesa da geração que nos precedeu, attribuia á carne de grou a mirifica virtude de conservar por tempo infinito a

¹ A proposito, não me recordo agora de quê, já tenho ouvido aqui dizer:

Santo Antonio num poço,
Com agoa 'té ao pescoço.

vida humana. Era isto crença geral, devéras funda e arreigada, e da qual ainda hoje se notam restos persistentes na phrase popular e local — *parece que comeu carne de grou*, com que se exprime a longevidade e resistencia vital de qualquer individuo. A pessoa que alcançava a suprema ventura de saborear tão exquisito manjar, podia sim, — mercê dos effeitos inevitaveis de uma idade já avançada, ou victima de alguma doença cruel e ruinosa —, chegar ao estado deploravel da mais completa inacção e paralyisia, á perda mesmo de todos os sentidos corporaes. Mas, ainda assim, viveria eternamente, embora em miserero estado; porque a luz da existencia — acreditaram — essa, sómente abandonava o *engróado* quando almas caridosas e bemfazejas, condoídas de vêr penar, se resolviam, depois de muito sollicitadas, e não sem certo receio e terror, a deitar o pregão de morte. Consistia este no seguinte:

Depois da meia noite, em dia de sexta-feira, tres mulheres completamente embuçadas em amplos chailes negros, gritavam em voz alta, cada uma por sua vez, e successivamente, ás esquinas das ruas principaes:

- (1.^a m.) — F. de tal (o nome do paciente),
 Que comeu carne de grou, —
 (2.^a m.) — Quis passar e não passou. —
 (3.^a m.) — Passe!

Affiançam-me que era remedio santo — rapido, seguro e infallivel. E' impagavel a superstição popular!

Serpa.

M. DIAS NUNES.

RECEITAS DE MEDICINA POPULAR PORTUGUESA

DO SECULO XVII

Desde o seculo xvi até os fins do xviii desenvolveu-se consideravelmente em Portugal o uso de reunir em volumes cópias de peças litterarias, dispostas ao arbitrio ou gôsto dos colleccionadores. As difficuldades que punha a *censura* impedirão que estes trabalhos, muitos delles notaveis, fossem dados á estampa. Um livro formado deste modo, existente no Archivo da Torre do Tombo, intitulado *Rimas de*

Varios Autores, — *Diversas couzas coriosas*, pôde dar a idea cabal do que fica referido. As peças que contém dizem respeito, na maior parte, ao ultimo decennio do dominio castelhano, que é acerbamente criticado, e mostram o estado de excitação em que o país estava; factos que ainda hoje se repetem são attribuidos alli á administração superior castelhana com mais ou menos razão. A par da opposição ao estrangeiro, especialmente o hespanhol, nota-se-lhes a mesma má vontade contra o alto clero e contra o christão-novo. Para levar o leitor a' ideas menos tenebrosas juntárão-se-lhe algumas poesias galantes onde, como era de esperar, o frade occupa logar elevado. Não é possível encontrar-se o nome do colleccionador, mas d'um dos possuidores do livro temos uma indicação precisa, que transcrevemos:

«Este libro he de Frutozo (*Fructuoso*) da Silva, mordor (*morador*) na Porta de Souto, desta cidade de Braga, quem lhe acra (*achar*), lhe trone (*torne*) a dra (*dar*), se não os (*aos*) infernos va paga (*pagar aliás parar*), com todos os dianos (*dianhos*)».

Esta fórmula comminatoria é bastante conhecida; não o é porém tanto a alteração com que se apresentam as palavras aqui contidas. A' primeira vista parece termos em frente um trecho escripto numa especie de giria infantil, mas quem tenha lido documentos datados da primeira metade do seculo xvii não achará muito de extranho em tão repetidas metatheses. Qualquer que seja o motivo productur, durante a ultima parte do dominio dos *Fillipes*, do apparecimento deste uso linguistico, de sabor popular, e que por isso mesmo se não afasta muito do *genio* da lingua, apresentamos algumas fórmulas identicas, colhidas em documentos dessa epoca, e são ellas: *termo* (tremo), *braco* (barco), *Bretolameu* (Bertolameu, Bartholomeu), *froma* (forma), *preto* (perto) etc. O final da folha contém a declaração d'um certo João Pereira de Abreu, morador na Cruz da Pedra, em Braga, que não tem interesse para o nosso caso. Expostas estas circumstancias, resta determinar a epoca aproximada em que fôrão escriptos os documentos, importantes para o estudo das superstições populares, que estão lançados nas folhas de resguardo do livro com a adjuncção ainda d'um pequeno caderno, e que vão em seguida aqui impressos com exclusão d'algumas receitas, para o nosso caso inuteis. A fórmula da letra, neste ponto o melhor auxiliar, não passa além do final do seculo xvii. Ao percorrer esta pequena lista, nota-se no n.º xvii — *Remedio para estancar sangue, Oratio* —, *vea* a rimar com *pena*; não é raro encontrar rimas imperfeitas como esta, mas será mais plausivel vêr-se aqui uma traducção litteral do castelhano, não sabendo o traductor vencer nesta parte a difficuldade que se lhe apresentou.

No livro intitulado *Reprobaciõ de las superstições y hechizierias* etc., datado de 1541, e que tem por autor Pedro Ciruelo ¹, *capitulo sexto, Disputa contra la fantasia de los dias Aziagos*, fo. XLVIJ encontramos

¹ Para mais informações a respeito deste escriptor vid. Nicolau Antonio *Bibliotheca hispana-nova* etc.

as seguintes informações sobre os dias aziagos «Entre las otras y muchas negligencias d'los prelados de este nuestro tiempo: y asi de los otros tiempos passados: es una muy manifesta: que en los sanctos libros de la yglesia: breviarios: salterios y missales: permiten escrevir o impremir vnos versos que declaran en cada mes del calendario: quales dias y horas son infortunadas: desdichadas y peligrosas: y en que los hombres se deven guardar de hazer cosas de importancia: en que les va algo de bien o de mal: y por que esta opinion es vana de gentiles ydolatras etc.» No vol. I, 65 da *Rev. Arch. e Hist.*, publicou o Sr. F. Adolpho Coelho um artigo a respeito destes dias, e no III, 105, da mesma revista, o fallecido archeologo Borges de Figueiredo publicou outro artigo onde tambem apresenta alguns factos.

Utilizando aquelle trabalho, no que diz respeito ás *orações*, em castelhano *ensalmos* (tambem se emprega em Portugal este termo), fo. xxx, transcrevemos o seguinte: «... ay dos maneiras principales de ensalmos, unos dellos sos de solas palabras: que ningũa otra cosa poné al paciente: otros juntamente con las palabras ponem algunas otras cosas sobre la herida o llaga. Cada vna destas maneras tiene otras dos: y ansi será quatro maneras d'ensalmos. El ensalmo d'solas palabras es en dos maneras porque o las palabras del ensalmador sô buenas y verdaderas: o son malas y falsas. Tâbien las cosas que ponem juntamente cõ sus palabras son en dos maneras: que o sô medicinas naturales y buenas: o sô cosas vanas que ningua virtud natural tienen para sanar la dolencia». Servindo-nos ainda do capitulo dos ensalmos (*Parte tercera, capitulo tercero*), extrairemos a seguinte definição dos *benzedores*, correspondente pouco mais ou menos do castelhano *ensalmadores* «... ay algunos que presumen de sanar a los enfermos con solas palabras sin medicinas naturales: y estos son los ensalmadores: que en griego se llamã methodica: y son ciertas palabras que ellos en tâtos dias y a tales horas dicen sobre la herida o llaga: o apostema: y con aquellas dicen que sanará a qualquiera que los llamar: por muy grãde e peligrosa que se(a) la herida: o llaga».

As diversas superstições que vem debaixo do titulo B fôrão extrahidas do codice n.º 2206, tambem do Archivo da Torre do Tombo, que contém principalmente trabalhos em castelhano sobre poetica, vindo nelles muitas vezes com as suas produções o nosso Faria e Sousa (1590-1649). Por esta indicação se vê a epoca aproximada da formação do livro. Não o temos completo; as folhas do princípio fôrão arrancadas, e em logar dellas fôrão collocadas folhas do mesmo formato ou ainda pedaços de papel: é aqui que se encôntrão as informações que colhemos.

P. A. d'AZEVEDO.



I. — *Dias Azinhados* (sic) *de cada mes.* — Janeiro: 1 e 2.º, 3.º, 4.º, 6.º, 9, 13, 26. Febereiro: aos 15, 16, 19. Marso: aos 15, 16, 17, 19. Abril: aos 6, 15. Majo: aos 7, 9, 19. Junho: aos 2.º, 6. Julho: aos 2, 10, 20. Agosto: 1.º, 2, 18. Setembro: aos 16 e 18. Outubro: aos 6. Novembro: aos 15, 17. Dezembro: aos 1.º, 6, 7, 9.

II. — *Amendoada para Tirar febre. Porpriedades que tem.* — Tomem sumo de Alfices, contidade hũa escudela, e nesta contidade lanção se amendoas de. . . . : hũa onsa, e de leite de penides de cabasa: 3 onsas, e de penides de melam: 3 onsas, e de leite de linhasa: 3 onsas, e de bom asucar branco: 3 onsas, e de agoa Rosada: 6 onsas; tudo isto junto posto sobre as brasas, cosido brandamente, farão a amendoa da que tomara em tremo de 3 em 3 horas, quanto elle bem puder tomar, e isto so basta para se tirar a febre dos tutanos.

III. — *Remedio para estancar sange dos narises.* — Escreuendo na testa da paciente com seu sange: *Consumatum est.* E' muim prouado.

IV. — *Para não temer feitisos.* — Traga consigo a rais do argibo e não tema feitisos.

V. — *Para consertar lamprea.* — (Sem interesse).

VI. — *Para asada.* — (Idem).

VII. — *Para faser cousa que se paresa com ouro.* — Tomem os alhos pisados misturados com enxofre e com ourina¹ de home e fasan no feruer e metão dentro aquillo que quiserem que seia de ferro ou metal ficara cor de ouro.

VIII. — *Para o vinho não faser mal.* — Comendo primeiro betonica, ia mais sera vencido do vinho, ainda que beba grande contidade. Os figos emburilados nas folhas do barbasco femea nam so com reperam.

IX. — *Para não entrar em casa feitiso.* — Dependurem da hombreira da porta a cebola albaran e preseruara a casa desta pesonha e na fasenda.

X. — *Para os casados que não tem filhos saberem por qual delles uem esta falta.* — Ourinem ambos cada hum em hua malua ou alfase e dahi a 3 dias uam uer. A que estiuer seca ou murcha he que ha parte uem este impedimento e falta.

XI. — *Para queimadura de fogo.* — Tomar da segunda agoa de cortume de cordouão, sera pouca, e ajuntar lhe aseite, conuem pouco, e bater hua cousa com outra a se ir coalhando emcorporado athe se

¹ Em português ha certa parecença de sons entre *ouro* e *ourina*, sendo aliás os etymos muito differentes. Em alchimia, como nos prova aquelle negociante de Hamburgo (Brandt) que em 1669 descobriu o *phosphoro* na ourina, procurando o ouro, havia grande relação entre os dois corpos, provavelmentes uggerida pela côr.

fazer a modo de engoento e com elle untar com hũa pena a queimadura. He remedio excellente.

XII. — *Para os dentes.* — Moer hũa pequena de mostrada, bem pisada, emcorpora-la com vinagre ou agoa ardente, feito polme, e diser em quanto se emcorpora 3 uezes *Jesus me hosa* (?), emburlhando a polme num pano, po-lo por espazo de meia ora na fonte da parte donde doi. E' excellente Remedio.

XIII. — *Para dores de pernas.* — Encher as canas dos emguos, tirando-lhe o miolo primeiro, e cheas de minhocas e aseite rosado, tapadas e metidas em hum forno por huma hora e depois tirando-as e com o que tiuerem dentro untar a dor. He remedio que logo a tira.

XIV. — *Para malencolia.* — Iguoento de manjaricão bebida. As folhas de butonica bebidas. O Epitimo tomado em Christel.

XV. — *Remedio para Almoreimas.* — Tomaram meio quartilho de bom aseite em hũa certam, e dentro lamsarão 2 raus as mais uerdes que se acharem, e meia dusia de carochas uiuas e será fritas tanto athe que se torem, como ouos bem fritos, e depois coaram o aseite e lhe lamsaram meia onsa de cera e de uerde tanto como hũa auelam e tudo muito bem meixido, athe se fazer unguento, e podem ainda dar-lhe hũa fernura se quizerem e farão um bom unguento para os malenconicos e fleimaticos; e para os colericos e sanguinhos lansem com o aseite a metade de hum meio 4.º (*quartilho*) de uinho branco logo no principio e untarão se. Com este unguento sararão.

XVI. — *Remedio para os quebrados.* — Tomar minhocas que jazem aos pes das laranjeiras e as lamsarão em bom uinho e uinagre e as porão em hum pocarinho, ou vaso pequeno, com trementina, que as cubra e as porão ao sol, athe se desfaserem, e com este unguento untarão a uerilha quebrada e lansem lhe em sima poo de ensenso e por sima lhe porão funda ou brageiro, com que ande apretada, e deixem no andar, athe que a uima-se desfasa, e isto será 3 uezes, ou as que for necessario e aproveitada munto.

XVII. — *Remedio para estancar sange de qualquer ferida.* — Em nome do Padre e do filho e do Spirito Santo. Amen. ✠ *Oratio.* — Em nome da Santissima Trindade este sange se detenha.

Sange ten te
en ti
como Nosso Senhor Jesus Christo
se teue en si

Sange ten te
em tua vea
como Nosso Senhor Jesus Christo
se teue en sua pena.

Sange ten te
en tua lus
como Nosso Senhor Jesus Christo
se teue na cruz

Sange ten te
forte
como Nosso Senhor Jesus Christo
se teue na morte.

São Cosme e Damião ajudai me en nome da Santissima Trinda-

de, da potensia do padre, da sabedoria do filho, da prudensia do sprito santo. Amen. Jesus cusumatum est. (3 vezes).

Isto se diga sobre 3 dobras de panno feito em crus.

En nome do padre ✕ e do filho ✕ e do sprito santo ✕. Amen.

Rogo uos meu Sñor Jesus Christo, que asim como he uerdade, que leuando uos aquela santissima crus sobre uossos onbros sagrados hão aqueles falsos uituperando voso sacratissimo nome; e voso sacratissimo rosto trespassou todos os 3 panos, en que destes a Intender serem 3 pessoas e hum so deos verdadeiro. Rogo uos meu Sñor Jesus Christo que asim como voso sacratissimo Rosto trespassou todos os 3 panos; trespassa a grasa da Santissima Trindade este pano de 3 dobras que são 3 e he hum em Reverensia da Santissima Trindade. Amen. Jesu, Jesu, Jesu.

A que se sege se dis 3 uezes sobre a ferida.

Deos padre ✕. Deos filho ✕. Deos Sprito ✕ santo. Amen.

Nosso Sñor Jesus xpo nasceu, nosso sñor Jesus xpo moreo, nosso sñor Jesus xpo Resositou.

A virgem santa maria Pario meu sñor Jesus xpo sendo virgem antes do parto, no parto, depois do parto et Santa Isabel sam João.

Rogo uos meu sñor Jesus xpto pella vertude das palauras e pellos meresimentos dellas e pellos merecimentos da sacratissima pajxam que seia sam, este mal consumido, e acabado qualquer mau umor. Amen.

Sobre a ferida.

Per ipsum ✕ et cum ipso ✕ et in ipso ✕ est Tibi deo patri omnipotenti ✕ creatori cœli et terrae in omnitute spiritui Sancti omnis honor et gloria in secula seculorum. Amen.

Oremus.

Preceptis salutaribus moniti et diuina institussione formati oudemus dicere pater nostre et aue maria.

XVIII. — *Palabras para as lombrigas.*

JESUS MARIA

O Poder de deus padre, a sabedoria do filho, a prudensia do spirito santo libraj me a mim F. de todo o mal de lombrigas que me atribulão meu corpo, a honra de nosso sñor Jesus xpo e da virgem Maria, a honra de Santo Inofre, confessor, as quais me atromentão minhas carnes e se enformão contra mim, pella Encarnasão de noso sñor Jesus xpo se conuertão em agoa. Amen Jesus.

Escritas se lunsarão ao pescoso do que estiuier resando hum padre nosso e ave maria.

XIX. — *Receitas para se apertar hũa mulher.* — Alecrim, murta, folhas de oliveira, masans de asipreste, cascas de Romam, porgaminho feito en bocadinhos muito pequenos, agoa de pia de fereiros en que metem os ferros quentes; tudo isto feruido em vinho branco e

depois de tirado do fogo o coaram e gordaram e quando quiserem faser este Remedio etc.

XX. — *Outra para apertar a mulher.* — Murta, maçãs da cipreste, pinhas brauas, sargasinha do monte aquella que lansa folhinhas vermelhas, o musgo de oliveira, ouropimenta, hũa mão chea de sumagre atado em hum pano e feito cosimento de tudo em vinho branco etc.

XXI. — *Mesinha para o fastio.* — Thomar hũns pos de olhos de ortelam ou folhas e outro de losna, por outro nome asintro, e pizadas muito bem e com isto pisar tomem formento de trigo, contidade de meio ouo, e isto borifado com uinagre Rosado, em falta delle do outro, disto faser hum bolinho e quente ao Ar do lume se ha de por na boca do estamago. He cousa aprouada para o fastio.

B

I. — *Segredo para que o galo não cante.* — Se untarem a cabeça e o bico ao galo com Azeite não cantará.

II. — *Segredo para andar entre as feras sem perigo.* — Quem se untar com sebo de Leão, pode andar seguro entre as feras, porque fugirão delle.

III. — *Segredo para soldar vidro.* — A clara de ovo misturado cõ cal virgem solda o vidro.

IV. — *Segredo para o mesmo.* — O summo da Erva sanguinha ou corrijela fas o mesmo effeito.

V. — *Segredo para fazer dormir muito.* — Quem beber fel de Lebre em vinho dormira por muitas horas e não acordará facilmente sem lhe lavarem a boca e o nariz com vinagre.

VI. — *Segredo para que hum ferro penetre a carne sem dor.* — A espada, Lanceta, ou faca que for tocada cõ pedra de cevar branca, aquella parte que estiver tocada na pedra poderá cortar a carne sem dor.

VII. — *Segredo para que hũa pessoa não possa dormir.* — Se puserem na cama hũ olho de Andorinha, toda a pessoa que se deitar nella não dormirá sem que primeiro o tirem.

VIII. — *Pera as dores de Dentes.* — He admiravel remedio o fumo da ponta de veado tomado per hum funil na boca, dizem que tambem que no ouuido, o qual exprimentou a uizinha de Natalia Jozepha nas crueis dores de dentes que padeceu, tendo os todos podres, foi que fumando per cachimbo, como se fora tabaco de fumo, as raspadeiras ou pos da ponta de veado lhe aliuiaua logo as dores.

IX. — *Dentes.* — Pera as dores dos dentes he remedio certo meter no ouuido, da parte do dente que doe, hũa trocidinha retalhadinha ou bocadinho de unto sem sal e se for uelho dis que he melhor.

X. — *Outro prouado na uizinha de Natalia Jozepha em huas crues dores de dentes que padeceu.* — Tomar hua pinha braua, e ainda bem fichada he melhor, e pollo sobre as brazas em hum testo ou fugarei-

rinho a queimar, e tomar com hum funil o fumo, pello ouuido daquelle parte, abraunda-as grandemente; o modo he ser o funil sobre a pinha e a ponta do cano do funil no ouuido mais fora ou mais dentro, como for necessario, e receber o fumo que deita a pinha braua queimando sse.

XI. — *Pera o Fgado. Remedio exprimentado e admiravel.* — Tomaram de tinta extreme, antes da misturarem com o uinho branco para o fazerem tinto, tomaram quanto encha a casca de hum ovo ou hua chicarinha e deitar lhe ham dentro huma colher de asucar do melhor e posto a serenar o beberam pela menhan em jejum. E aduirtam que ha de ser a tinta extreme e nam uinho tinto per bem e melhor que seja.

XII. — *Pera Pedra. Pedinina (Epitima) admiravel Pera a Pedra, areas e supresoens.* — Aquele osso ou espada que tem o peixe spadarte no focinho cheo pelos lados de puas ardentes. Tomar hum dente ou mais, se for piqueno, e polo a torrar em hum testo, que nam fique queimado e entam pizado ou moe-lo en hum almofaris e depoes tomar do pó tanto quanto leue hum vintem ou o cubra e se for pessoa robusta mais e Bota-lo em huma clicara de caldo de galinha ou de uinho e bebe-lo e dentro em tres horas faz ourinar, faz deitar as areas e pedras, e nas colicas nephiticas ou de dor de pedra logo tira as dores, é de hum grande aliuiio interior. O Duque (do Cadaval?) tem hua espada destas bem grande.

XIII. — *Pera a Supresam da Ourina. He infalivel.* — Tomaram a casca de hum ovo goro que he dos que a galinha que esta de choco nam tira mas se goram, e tirando lhe a tris (?) ou pelicula de dentro pizaram muito bem a casca e beberam deste po em uinho ou agua quanto ho cubra tres uintens ou mais conforme a rubustez da pessoa.

XIV. — *Outro pera a pedra tambem.* — Tomaram os dentes ou puas, de (que) se guarnece pelas ilhargas aquele oso que tem o espadarte peixe na testa ou ponta do fucinho, este uem da Bahia e mais partes do Ultramar; e moidos estes dentes dado a beber o po quanto delle cubra tres uintens em agua uinho he notauel remedio e se nam obra a primeira uez repetesse segunda e terceira. (Segue uma figura representando a espada do espadarte).

XV. — *Pera as Eresipelas.* — Tomar hum molhinho ou hum pedaço da raiz que chamam *mordida do Diabo* e uem a uender a feira e pendurem ao pescoso em quanto a trouxerem ao pescoso pendurada, que toque a carne, nam han de ter Eresipela.

NOTÍCIAS PHILOLOGICAS

1. A expressão *cousas outras*

No *Compromisso da Misericórdia de Guimarães*, Lisboa 1516, fls. viii, lê-se: «quaesquer testamētos ou *cousas outras* que sobrevivem»; e a fls. x: «Dos capellaães e *cousas outras* que ha d' auer».

Hoje diz-se neste caso *outras cousas*; mas ha na lingua moderna exemplos de posposição de analogos pronomes aos respectivos substantivos, como: «F. não disse *cousa alguma*, não disse *cousa nenhuma*»; mas tambem se diz: «F. não disse *nenhuma cousa*»; e em afirmações: «F. disse *alguma cousa*»; em interrogações: «F. disse *alguma cousa?*», e: «F. não disse *cousa alguma?*», ou: «F. não disse *alguma cousa?*».

2. Manuscrito de João Pedro Ribeiro

Na Bibliotheca da Universidade de Coimbra ha um ms. in-folio, bastante volumoso, mas não paginado, com este titulo:

Extractos || p.^a servirem a ordenar-se || o Glosario || Latino-Lusitano || e || Archeologico Portuguez || contendo tão bem || Algũas noticias Historicās || Por João Pedro Ribeiro ||.

Tem no Catalogo dos mss. o n.º 636.

O A. explorou os seguintes cartorios e collecções, para organizar este vol.:

Pendorada; Cabido de Coimbra; Paço de Sousa; Arouca; varios cartorios particulares; Pombeiro; Alfandega do Porto; Camara de Setubal; Vayrão; Collegio da Graça de Coimbra; S. Bento da Ave-Maria do Porto; Arnova; Refoyos de Basto; S. Thirso; Inquirições de Aff. 3.º; Bostelo; Refoyos de Lima; Fazenda da Universidade; cartorio do Conde d'Obidos; Collegiada de S. Christovão de Coimbra; Collegiada de S. Pedro de Coimbra; Alcobaça; Collegiada de S. João d'Almedina de Coimbra; Collegiada do Salvador de Coimbra; Collegiada de S. Tiago de Coimbra; R. Collegiada de Guimarães; Mosteiro de Santa Cruz de Coimbra; cartorio dos Srs. de Mello; cartorio da casa de Villa Real; cartorio da confraria da Senhora do Funchal da Ameixoeira; cartorio dos condes da Cunha; cartorio da Collegiada de S. Pedro de Torres Vedras.

Comprehende doc. do sec. xi a xvi pelo menos. Uns, os mais antigos, estão marcados com *era*; outros, os mais modernos (sec. xvi ordinariamente, e às vezes sec. xv), com *anno*, d'onde concluo que *era* quer dizer de Cesar.

Este livro tem o caracter de simples apontamentos, dispostos sem

ordem: umas vezes ha só palavras archaicas avulsas, outras vezes pequenos textos exemplificativos, outras, finalmente, textos maiores, e textos mesmo grandes.

Como o titulo diz, os apontamentos não são só philologicos, são tambem historicos (datas, nomes, factos).

São em lat. e port. Datados sempre ou quasi sempre.

Tem 268 fls. escritas dos dois lados, mas não muito compactas, antes com grandes claros às vezes, e com duas margens largas. Além d'estas fls. ha uma de rosto, e uma branca no meio.

Neste vol. ha, entre outros documentos, o seguinte: *Extracto da versão da Regra de S. Bento feita pelo Abbade do Paço de Souza Fr. João Abz. antes do anno de 1467*, — que começa: Escuyta.. abaixa a orelha do teu coração.. preceptos | preceitos | .. recebe | recebe | .. amoestamento do piadoso padre pera o aficadamente conpires por tal que.. te possas tornar aaquelle senhor de que te departiste por desfallecimento de desobediencia porende minha palavra se enderença.. aty.. trabalhar cavaleirosamente.. com aficada oraçom lhe demandas.. em tal guisa.. [Etc.].

Exemplo dos apontamentos soltos:

«Cartorio de S. Bento d'Ave-Maria do Porto: *Ensembra* — juntamente; *duum* — d'hum; *en nosso couto* — no nosso couto; *en logo* — no lugar; *que dizem* — que se chama; *assi en comq* — assim na maneira; *agades* — ajades; *nouos e vedros* — novos e velhos; *per un* — por onde (sic)... [Etc.].

Outros exemplos (de textos):

«Bostello. *Palavras*»: «doze maons de linho. Er. 1414 Ag.º 6». «Desenpeço de sas almas — descarrego de suas almas = Er. 1344 Out. 13» § «renunciava todollos direitos, leis e grosas e ordenaçoes que elle poderia alegar.. mil rs. [= reaes] brancos d'esta corrente moeda de xxxb. libras o reall. An. 1444. Novbr.º 10».

«No Carvalho de sete pedras forall onde se fazem as audiencias do julgado de peña fiell. An. 1486. Abr. 27».

«renonciava todollos *dereitos* callonicos e civees elleixe *direitos* comuns e custumes e cartas de graça delrey. Er. 1455. Janr.º 9».

Etc.

Vê-se que João Pedro tencionava organizar um Glossario, para o qual reunia assim materiaes avulsos, collidos em diversos cartorios e collecções.

3. Phenomeno phonetico dialectal antigo

E' sabido que em alguns dialectos portuguezes, as consoantes palataes fazem em certos casos desenvolver ou conservar antes d'ellas um *i* (som tambem palatal), como se observa na Beira Alta em *coixo* (= coxo), no Porto em *téinho* (= tenho) e *léinha* (= lenha), em Guimarães em *fráija* (= franja), etc., etc. Ora, folheando alguns mss. dos sec. xvi-xviii, pude averiguar que este phenomeno se dava

já em epochas mais ou menos antigas no *dialecto interamnense* (Entre-Douro-e-Minho).

Um ms. do cartorio da Misericordia de Guimarães, com data de 1590, offereceu-me *frainjas* (= franjas), que se deve lêr *frãijjas*; o escrevente, neste, como noutros casos (pois o mesmo ms. tem também *inbentario*, *almario*, *emleito*, etc.), falseou a orthographia e revelou a pronúncia natural do seu dialecto.

Num ms. de 1761, pertencente a uma casa nobre do concelho de Baião, encontrei *tejnho* (= tenho) várias vezes, como no ex. «Rol de todos os campos e casas que *tejnho* pertencentes á fazenda de Paço»; o auctor do ms. escreveu aqui *j* por *i*, como em *frejg.*^a (= freiguesia), etc. Avoriguei que esse individuo era do Porto.

No *Foral da igreja de S. Thomé de Cubellas* (Baião), ms. de 1765, existente no cartorio parochial d'aquella abbadia, achei escrito *Botej-lho*, que se deve lêr *Boteilho*; o auctor do ms. escreveu também *j* por *i* em *Madurejra*, *feito*, etc. Esta pronúncia *-eilho* não se usa hoje em S. Thomé de Covellas, onde se diz *-elho*, que não podia ser posterior áquella; por isso concluo que quem escreveu o Foral não era do local, embora fosse d'outro ponto da provincia, onde a pronúncia *-eilho* se usa, por exemplo o Baixo-Minho.

4. Phrases-feitas

Ha na nossa lingua, como em todas, certo número de phrases-feitas:

a) Umás vezes é o sentido que as mantem, quando ellas traduzem uma ideia ou verdade geral, como se observa nos adagios, que podem ser ou não ser rimados;

b) Outras vezes as phrases offerecem apenas breve sentido, mantendo-as ligadas a rima, geralmente allitterante, que pôde ser numa só lettra, como «vae na vela», «adeus dinheiro», ou em mais de uma, como «ter mão na manta», «alma até Almeida»;

c) Outras vezes constituem meras rimas, destituídas de sentido, para satisfazerem o ouvido e ajudarem a memoria, quando juntas a outras, cuja significação se entenda, como é o caso de muitas fórmulas infantis, e das cantigas que indiquei na *Rev. Lusit.*, I, 150 segg.

5. Lingua portuguesa dos Judeus da Hollanda

«... acho razão aos Judeus da Hollanda e Leorne de falarem todos a lingua portuguesa, dizendo ser esta a sua nação e o seu reyno».

Rangel de Macedo, — *Nobiliario* (ms. do sec. xviii) existente na Bibl. Nac. de Lisboa, Codice pombalino, n.º 322.

6. Romanço e ladinho

No codice alcobacense, n.º 274, do sec. xv, existente na Bibliotheca Nacional de Lisboa, diz-se, tratando-se dos peccados:

«devemolos confessar geeralmente, e falando em *romanço* ou em *latim*» (fls. 131-r.).

E noutro lugar:

«*Crimaco* he lingua grega, e em na nossa *lingua ladinha* quer dizer como *escaada*» (fls. 4-r e v.).

D'onde se vê que no sec. xv se usavam indifferentemente as expressões *lingua ladinha* e *romanço*, como synonymas de «lingua neolatina» ou «romanica», e, no caso presente, de «lingua portuguesa».

A fls. 4-r. tambem se lê: «gregos e *ladinhos*», onde *ladinhos* significa *latinos*.

*

A fórma *romanço* pôde comparar-se com a ital. *romanzo*, do lat. *romancium.

Ladinho e *ladinha* vem de *latinus* e *latina*, através de **ladão* e **ladã*.

7. A lingua mirandesa no sec. xvii

No *Itinerario da jornada que fez o Sor. M.^{te} Severim d'Faria chantre e conego da see d'Evora a Miranda no anno d'1609*, manuscrito da Bibliotheca Nacional de Lisboa, lê-se o seguinte ácerca dos habitantes da cidade de Miranda-do-Douro:

«Falão mal, se os compararmos com a lingoagem de hoje politica, porque, além de usarem, de algũas palavras antigas, pronunciação os vocabulos com grande pressa, fazendo sómente asentos agudos e prolongos na primeira e ultima siliba (*sic*) da dicção...».

Pelo conjuncto do texto vê-se que o auctor se occupa precisamente da cidade de Miranda, e não da gente da Terra-de-Miranda.

Esta noticia, ainda que imperfeitamente redigida, refere-se sem dúvida nenhuma á *lingua mirandesa*, e é duplamente curiosa: em primeiro lugar, por datar do comêço do seculo xvii, e ser a mais antiga, que até agora tenho achado, d'aquella lingua; em segundo lugar, porque prova que a lingua mirandesa tambem foi fallada na cidade, onde hoje já não se falla. O ultimo facto tem tanto mais valor para mim, quanto é certo que eu, baseado em varios documentos que ha annos consulte nas repartições públicas de Miranda, havia chegado a concluir isso mesmo, quero dizer, que o mirandês tambem se fallára d'antes na cidade.

O auctor da noticia reconhece na lingua caracteres archaicos; a observação é exacta, se compararmos certas palavras mirandesas, como *la*, *solo*, *assi*, *ende*, *antre*, *mui*, *hai*, *chena*, *chano*, *todo*, *mi*, etc., com as portuguesas respectivas, *a*, *só*, *assim*, *ahi*, *entre*, *mui*, *ha*, *cheia*, *chão*, *tudo*, *mim*, ainda mesmo referindo-nos á lingua portuguesa do

sec. xvii. O que elle porém diz da accentuação e da velocidade da pronúncia não merece fé. Quasi sempre uma pessoa, que ouve fallar pela primeira vez uma lingua estranha, suppõe que as palavras se pronúncia muito depressa. Quanto aos accentos, é preciso ter muito bom ouvido, ou prestar muita attenção, para em certos casos perceber quaes são as syllabas accentuadas; tenho encontrado numerosos estudantes que, apesar de algum desenvolvimento intellectual, e adiantamento, não atinão facilmente com as syllabas tónicas das palavras portuguezas. Que admira, pois, que o auctor do *Itinerario*, numa rapida passagem por Miranda, e não se propondo a proceder a estudos philologicos, nos não deixasse uma informação rigorosa da phonetica mirandesa? Já não fez pouco, revelando a existencia da lingua!

8. A phrase *mundos e fundos*

E' bem conhecida a phrase «prometter mundos e fundos», que significa «prometter muito, de mais».

Tem de especial o ser rimada, *mundos e fundos*. E' a rima que a mantem ligada, fazendo-a por isso entrar numa das categorias que aponteí acima, § 4.

Em francês diz-se *promettre monts et merveilles*; em latim *maria et montes polliceri*. Nestas duas últimas linguas ha tambem rima, mas allitterante.

9. O suffixo *-iano*

E' vulgar escrever-se *camoneano* com *e*, e *Marianno* e *Marianna* com dois *nn*. Ambos estes modos de escrever são incorrectos.

*

Escreve-se *camoneano* com *e*, — e eu tambem inadvertidamente já assim escrevi algures —, por falsa analogia com outras palavras. Assim como em *capitanear*, *veranear*, *sanear*, entra o suffixo *-ear*, com *e* suffixo correspondente á terminação nasal *-ão* de *capitão*, *verão* e *são*, assim tambem se suppõe, embora sem fundamento, que á terminal, igualmente nasal, *-ões*, de *Camões*, devia corresponder um suffixo *-eano* com *e*. Mas o raciocinio não pôde vingar.

O modêlo do português, neste, como na quasi totalidade dos casos semelhantes, é o latim. Ora diz Madvig, na *Grammatica latina*¹, § 189: «Dos appellidos romanos formam-se adjectivos em *-ianus*, para designar o que é concernente á pessoa, e d'ella recebe o nome, v. g. *Ciceronianus*, *Caesarianus*». Portanto, se em latim se diz *-ianus*, e áquelles exemplos podêmos juntar muitos outros, como *Varronianus*, *Catonianus*, *Varianus*, etc. — está claro que em português se deve escrever *-iano*, e não *-eano*.

Em verdade, a palavra *Camões* tem tal terminação que não pôde

¹ Traducção do Sr. Epiphania Dias.

receber directamente um suffixo, e é preciso dar-lhe artificialmente feição latina, para que o possa receber. A feição latina artificial é CAMONIUS, que foi empregada por Viale:

*Lysiadum cecinit magni CAMONIUS oris
Vates (Quis nescit?) maxima facta virum*¹,

e que antes d'elle o havia já sido por outros auctores². O adjectivo regularmente derivado de CAMONIUS é *camonianus*, como de *Vergilius* é *vergilianus*, de *Horatius* é *horatianus*, de *Ovidius* é *ovidianus*; vid. acima outros exemplos.

Não ha, como se vê, motivo nenhum sério para que se escreva *camoneano* com *e*, antes a etymologia obriga a escrever *camoniano* com *i*. O escrever-se de um modo ou de outro, não é questão de opinião, é questão de facto. A fôrma *camoneano* nada a justifica; a unica boa é *camoniano*. Viale, que sabia perfeitamente latim, publicou em 1863 nma «*Selecta camoniana*», onde a nossa palavra se escreve com *i*; muitos outros auctores usão da mesma orthographia.

Se, pois, a par de quem escreve *camoneano*, com *e*, ha quem escreva *camoniano*, com *i*, e a razão, segundo mostrei, está do lado d'estes ultimos, para que se ha de persistir no êrro de escrever a palavra com *e*?

*

O escrever-se *Marianno*, com dois *nn*, depende tambem de errada apreciação. Quem assim escreve tem na mente, creio eu, a palavra *Marianna*, suppondo que esta se compõe de *Maria* e *Anna*.

Já no meu livro *As «Lições de linguagem» do sr. Candido de Figueiredo*, 2.^a ed., Porto, Magalhães & Moniz, 1893, § 29, me occupi d'esta palavra, mostrando que *Marianna* nada tem com *Anna*, e que, pelo contrario, é o feminino de *Mariano*, sendo esta palavra a mesma que a latina *Marianus*, derivada de *Marius*, por meio do suffixo *-ianus*, de que acabo de fallar.

Aqui tornei a referir-me ao assumpto, por vir a proposito, e nunca ser inutil combater os erros.

10. Emprêgo do agente da passiva com *se*

Ao passo que hoje se diz, por exemplo, «a terra foi lavrada pelo camponês», não se diz «a terra lavrou-se pelo camponês». Na lingua moderna não é de uso exprimir a passiva pelo pronome *se*, quando tiver de se indicar o agente; nesse caso exprime-se periphrasticamen-

¹ *A Lusíada de Luis de Camões*, de Fr. Francisco de Santo Agostinho Macedo, revista por A. J. Viale, Lisboa 1880. pag. xix.

² Vid. exs. em Barbosa Machado, *Bibliotheca Lusitana*, III, 72-73.

te, por meio do verbo *ser*¹. Só nalgum raro auctor se áchão exemplos do contrário.

No português antigo, porém, como ainda hoje em hespanhol, podia exprimir-se o agente da passiva nos casos em que esta se representava por *se*. Entre outros, eis aqui alguns exemplos de João de Barros (seculo xvi), que comprovão o que digo:

«.... achamos tambem que se descobrirão as ilhas, a que ora chamamos do Cabo Verde, *per hum* Antonio de Nolle, genoves de nação». *Decadas*, I, liv. II, c. 1.

«.... o qual lugar se chama *pelos* nossos Aldea das Duas Partes». *Ib. ib. ib.*, c. 2.

«.... se descobriu a Ilha Fermosa *per hum* Fernão do Pó». *Ib. ib. ib.*

11. Etymologias várias

1. AVECER.

Este verbo não figura nem no *Diccionario Contemporaneo* de Caldas Aulete & Santos Valente, nem no *Diccionario Manual Etymologico* de Adolpho Coelho. Usa-se em Arcos-de-Val-de-Vez, e devo o conhecimento d'elle ao Sr. dr. Alves Pereira, que me diz que tem a significação de «correr», nesta phrase «não lhe *avêce* (ou *abêce*) o trabalho». No infinitivo parece que sôa *avêcêr*, ou, segundo a phonetica local, pois é frequente a troca do *v* por *b* no Minho, *abêcêr*.

A ser aberto o *e* em *avêcêr*, a fôrma antiga da palavra seria **aveecer*, o que lhe faz attribuir como etymo o lat. *valescere*, com a frequente prosthesse de *a*. Ainda mesmo que o *e* já não seja aberto actualmente, podia tê-lo sido d'antes, o que justifica a existencia de **aveecer*.

De *valescere* passou-se para *a-vecêr* pela normal syncope de *l* intervocalico e redução de *ae* a *e*: cfr. *calescere* > *a-quêcer*. Entre *avecer* e *valescere*, de um lado, e *aquecer* e *calescere*, do outro, houve respectivamente as fôrmas intermedias **aveecer*, **uvaecer*, e *aqueecer* e *acaecer*.

Em resumo: *valescere* > **a-vaecer* > **aveecer* > *avecer*.

No *Latein.-roman. Wb.* de Körting deverá pois accrescentar-se *valescere*.

2. GENTIO.

Os nossos Diccionarios etymologicos dão por etymo a esta palavra o lat. *gentilis*; mas tal etymo é impossivel phoneticamente.

O etymo verdadeiro é o lat. *genetivus* (*genitivus*), que tem o sentido da nossa palavra. As seguintes palavras offerecem outros exemplos de syncope de *e* ou *i* protonicos, depois de lingual (a qual pôde fazer parte da syllaba precedente): *maldicto*, de *maledictus*;

¹ Cfr. Epiphanio Dias, *Grammatica portugueza elementar*, § 192-b.

bemdicto, de *benedictus*; *maldade*, de **malitate*(m)¹; *bondade*, de *bonitate*(m); *solteiro*, de *solitarius*. A terminação -*ivus* (-*iuus*) deu -*io*, como em *rio*, de *rivus*; *sádio*, por *saadio*, de **sanativus*²; *vádio*, por *vaadio*, de **vagativus*³.

A palavra *genetivus* prova-se directamente que existiu no latim vulgar da Hispania, pois o *Corpus Inscriptionum Latinarum*, II, n.º 1817, offerece o cognome GENETIVA, — e é conhecida na Betica a *Colonia Julia* GENETIVA.

3. NICLES.

A palavra *nicles* é apenas usada na linguagem familiar, e ainda assim em estylo chulo; emprega-se na accepção de «nada», «coisa nenhuma», e sempre interjectivamente, ora só, ora acompanhada de algum adverbio, como nestas phrases «ora nicles!», «então nicles!»

Comquanto, a julgar do que vou dizer, a palavra deva ter alguma antiguidade, creio que o primeiro Dicionario que dá noticia d'ella é o de Caulas Aulete & Santos Valente, Lisboa 1881; pelo menos não vem nos de Bluteau, Moraes, Domingos Vieira, Lacerda, e Faria. O *Dicc. Contempor.* explica-a pelo lat. *nihil*; a etymologia satisfaz, sem dúvida, mas torna-se necessario illustrá-la com algumas considerações.

No latim da Idade-média *nihil* escrevia-se *nichil*. D'isto temos muitos exemplos nos documentos, como pôde vêr-se a cada passo nos *Portugaliae monumenta historica*: «apud uos *nichil* remansit debitum»⁴, etc. Igualmente se encontra *michi* por *mihi*: «ideo placuit *michi*»⁵.

Em *nichil* (como em *michi*) o *ch* tinha o valor de guttural surda. Isto prova-se:

1.º — Pela orthographia, pois é sabido que em latim *ch* representa *c* (l, k) simples ou aspirado.

2.º — Pelo testemunho dos grammaticos: «estas palavras *mihi*, *nihil*, *nihilum*, *nihili* pronuncião-se na nossa região, e também na Italia. como se antes de *h* tivessem um *c*, as quaes duas letras juntas valem o mesmo que um *q* para a pronuncia. . . . E ainda que Calepino reprehende este modo de pronúnciar, devemos estar pelo uso dos doutos da região em que nos acharmos»⁶. Comquanto tal testemunho seja posterior á Idade-média, todavia indica qual era a tradição escholar; e esta vinha já de longe.

¹ * *Malitas* formou-se de *malus*, por analogia com *bonitas*, de *bonus*.

² De *sanare*; cfr. *sanatio*.

³ De *vagare*; cfr. *vagatio*.

⁴ *Diplomata et chartae*, doc. do sec. XI (vol. I, pag. 507).

⁵ *Ibid.*, doc. do sec. XI (vol. I, pag. 504).

⁶ P.º Bartholomeu Soares da Fonseca, *Lucerna grammatical*, Lisboa 1728, pag. 40.

Vid. a discussão d'este ponto em Antonio Alvares, *Orthografia da lingua latina*, Lisboa 1759, parte I, pag. 62, e parte II, pag. 402 sgg. [O exemplar que consultei está dividido em duas partes e dois volumes sem interrupção de paginação; mas ha outros exemplares sem esta divisão].

3.º — Pela palavra *aniquilar*, a que corresponde palavra de igual forma em hespanhol, e *annichilare* em italiano ¹, que presuppõem a existencia de *ad-nichilare, ou pelo menos *a-nichilare.

E' de nichil, e não immediatamente de nihil, que provém a palavra portuguesa *nicles*; cfr. ital. *nichilo*, de *nichilum*.

As formas intermédias entre nichil e *nicles* fôrão **nichel* e **nichle* (= *nicle*). A primeira nada tem de estranho, pois que, por exemplo, em todos os adjectivos paroxytonos, terminados em -il em (-il), essa terminação passou para -el, como *terribilem* > *terribil* > *terrizel*; os pluraes em -eis dos nomes acabados em -il atono, presuppõem ainda a existencia, real ou theorica, de * -eles. A forma * *nicle* justifica-se tambem plenamente: assim como o povo, ainda hoje, faz *sable*, de *sável* ou *sábel* (Porto), e *arrátte*, de *arrátel* (passim), assim tambem, outr'ora, fez * *nicle* (= * *nichle*), de * *nichel*. O s de *nicles* é o s paragogico de muitos adverbios romanicos, que podem vêr-se mencionados em Diez, *Gramm. des l. rom.*, II, 423, aos quaes juntarei o nosso adverbio popular *sô nentes*, muito commum no país, e todos os adverbios acabados em *mentes*, da Extremadura portuguesa ².

Mas a palavra *nicles* não é inteiramente popular, se não o grupo *cl* não se teria mantido, e ter-se-hia transformado, ou em *ch*, ou pelo menos em *cr*, que é a transformação mais moderna que experimenta na nossa lingua aquelle grupo ³. A permanencia do *cl* mostra que a palavra tem origem litteraria, embora depois passasse para o povo.

Outr'ora o latim não se considerava entre nós como lingua absolutamente morta, pois, além de ser nella que desde o sec. IX (pelo menos), até já depois de constituida a monarchia portuguesa, se escrevião os documentos officiaes e particulares ⁴, e de ella servir durante alguns seculos para a redacção de numerosas obras, já puramente litterarias ⁵, já scientificas ⁶, era frequentemente fallada sem difficuldade. Conta 'André de Resende que, no sec. XVI, durante as lições que o licenciado flamengo Nicolao Clenardo, mestre do infante D. Henrique, dava na corte portuguesa, todos os que assistião a ellas fallavão latim; e accrescenta que elle André de Resende preparou em tres dias para os primeiros ensaios o infante D. Duarte ⁷. Ainda no seculo XVIII Antonio Pereira de Figueiredo publicou uns *Exercicios* que constavão de saudações e dialogos em latim, com a traducção portugueza, destinados ás aulas ⁸; posto que, como se diz nas «Licenças do

¹ Cfr. Diez, *Gramm. des l. rom.*, I, 255.

² Cfr. *Dialectos extremenhos*, I, Morphologia.

³ Cfr. *Revista Lusitana*, II, pag. 371.

⁴ Vid. os *Portugaliae monumenta historica*.

⁵ No sec. XVIII, por exemplo, publicou-se, entre outras obras, o *Corpus illustrium poetarum lusitanorum qui latine scripserunt*.

⁶ Por ex., de medicina, historia, philosophia, jurisprudencia.

⁷ *Vida do infante D. Duarte*, pag. 39 e 40.

⁸ *Exercitationes linguae Latinae ac Lusitanae*, 1751.

Da mesma natureza, embora de character menos restricto, pois podião tam-

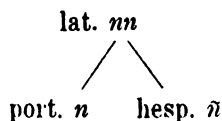
Santo Officio», que precedem a obra, o uso de os estudantes fallarem latim tinha afrouxado, nem por isso a prática da lingua latina era pequena. Pelo país havia numerosas cadeiras de latim; os conventos erão outros tantos focos de erudição latina, mais ou menos solida; a isto accrescentaremos a circumstancia de a missa se celebrar em latim, o que pelo menos mantinha a tradição da lingua, e habituava a ella o ouvido do geral das pessoas.

A introduccção de uma palavra latina, como *nichil*, na linguagem do povo constituía pois um facto muito natural ¹.

4. Port. *PENA*, hesp. *PEÑA*.

Ao lado de *pena*, que só se encontra hoje como nome de logar, por exemplo *PENAFIEL* (i. é, *PENA-Fiel*), *PENA-Cova*, e no derivado *penedo*, temos *penha*, não só como nome commum, simples e no derivado *penhasco*, mas tambem como nome de logar.

Penha é extremamente semelhante ao hesp. *peña*. A mais de um leitor estas duas palavras parecerão uma e a mesma. Pois não são! A's palavras que em hesp. offerecem *ñ* correspondem em português palavras com *n*, por exemplo: hesp. *año*, port. *ano* (= *anno*); hesp. *pañ*, port. *pano* (= *panno*); hesp. *caña*, port. *cana* (= *canna*). Taes palavras provêem de palavras latinas em que ha dois *nn*. Podêmos portanto deduzir esta lei: do lat. *nn* provém modernamente em português *n*, e em hesp. *ñ*:



Este quadro mostra que ao hesp. *peña* não deve em port. corresponder *penha*, mas sim *pena*, que poderia escrever-se *penna*. Assim como *pano* (*panno*) está para *pañ*, assim tambem para *peña* está *pena* (*penna*).

Os factos apontados fazem crêr que o port. *pena* e o hesp. *peña* provêem de uma palavra antiga, que, comquanto não-romana, devia ter na epocha romana a fôrma **penna*.

Ora no *Itinerario de Antonino* lê-se *PENNO-CRUCIUM*, expressão celtica, que, segundo o Sr. J. Loth, se decompõe em *penno* = *penn*, cabeça, e *crucion*, de *crucio*, monticulo ².

Como não sou celtista, e não desejo arriscar-me em terreno de

bem servir de auxilio nos exercicios escolares de composição, são as seguintes obras de A. P. de Figueiredo:

Collectio verborum familiarium, cum Lusitanorum, tum Latinorum;
Exercicios da lingua latina e portugueza ácerca de diversas cousas.

¹ Esta nota sobre *nicles*, comquanto só agora seja publicada, está esboçada, e em parte redigida, desde 1888.

² *Les mots latins dans les langues brittoniques*, Paris 1892.

cujo estulo me não occupo, ponho aqui ponto, e pergunto aos especialistas se no antigo celtico da Hispania se pôde admittir a existencia de *penna, correspondente á citada fôrma *penn*, pois, d'accôrdo com as leis phoneticas do hespanhol e do português, *penna explica perfeitamente, como vimos, *pena* e *peña*. Do sentido de *cabeça* facilmente se passava para o de *peña* e *pena* (*cabeça de rocha, alta rocha, crista de rochedos*, etc.).

*

De *pena* deriva, quanto a mim, o nome de terra *PENICHE*, na Extremadura portuguesa, nome que não pôde deduzir-se do lat. *peninsula*, como alguns escriptores teem querido.

Na *Rev. Lusit.*, II, 272, mostrei que o suffixo *-icha* vinha de *-isc'la* = *-iscula*; e na *Revue Hispanique*, II, 118, mostrei que ha no nosso onomastico várias palavras que podem explicar-se por antigos locativos, como *CIDADELHE*, de **civitaticulae*. Como de **penna* se formava facilmente **penniscula*, que admira que existisse o locativo **penuisculae* ou **pennisc'lae*, se esta fôrma, em harmonia com as leis da lingua, dava sem nenhuma difficuldade *Peniche*, isto é, *PENICHE*?

*

Quanto a *penha*, esta palavra não pôde deduzir-se immediatamente de **penna*, ou mesmo do port. *pena*. O seu etymo não é claro; talvez se deva pensar em **pénnia*.

De *penha* deriva *penhasco*, por meio do suffixo *-asco*, analogo ao suffixo *-isca*, que se encontra em **penn-isc-ula*.

12. O verbo *rer*

Este verbo significa «rapar o sal das marinhas». No *Diccionario Contemporaneo* de Caldas Aulete & Santos Valente e no *Diccionario Etymologico* de Adolpho Coelho não vem *rer*, mas *raer*; todavia ouvi empregar *rer* em Alcacer-do-Sal, e consta-me que tambem se emprega em Setubal e Aveiro. No *Thesouro da lingua portuguesa* de Fr. Domingos Vieira diz-se «*raer* ou *rer*».

Sem negar ou affirmar a existencia actual de *raer*, quero só notar que *rer* é fôrma viva, e muito usada.

Raer fica entre *rer* e o lat. *radere*; quer hoje exista, quer não, existiu pelo menos outr'ora. De *radere* passou-se para *raer*, como de *cadere* para o ant. port. *caer*; de *raer* para *rer*, como da fôrma antiga *caenda* para a pop. mod. *quenda*. O lat. *radere* deu em hesp. tambem *raer*.

Não sei se *rer* se emprega em todos os tempos; além do infinitivo, usa-se, porém, pelo menos, o participio *rendo* e *rido*; esta ultima fôrma encontrei-a, por exemplo, no n.º 2 d *O Alcacerense* (jornal de Alcacer-do-Sal).

13. Participios contrahidos, acabados em -e

Ha em português muitos participios, acabados em -o (-a), uns litterarios, outros populares, como *sólto*, *arrepeso*, *vólto*, *côrto*, *pago*, *gasto*, *ganho*, a alguns dos quaes já me referi na *Rev. Lusit.*, iv, 46, n.º 21; taes participios podem chamar-se *contrahidos*, ainda que o termo não é historicamente muito exacto, posto que dê ideia do phenomeno.

Ao lado d'estes participios contrahidos, e acabados em -o (-a), ha outros, tambem contrahidos, acabados em -e, como *acceite*, *entregue*, *assente*, cuja explicação me parece facil.

E' sabido quão grande influencia exerce na conjugação a analogia. Taes participios acabados em -e devem tambem a ella a sua existencia.

Como a muitos adjectivos, terminados em -e, por exemplo *firme*, *alegre*, *livre*, *presente*, e outros, correspondem os participios *firmado*, *alegrado*, *livrado*, *presentado* (*apresentado*), — estabeleceu-se no espirito de quem falla o seguinte parallelismo:

<i>acceite</i>	para <i>acceitado</i> ;	como:	
<i>assente</i>	para <i>assentado</i> ;	<i>firme</i>	para <i>firmado</i> ;
<i>entregue</i>	para <i>entregado</i> ;	<i>alegre</i>	para <i>alegrado</i> ;
<i>fixe</i>	para <i>fixado</i> ;	<i>livre</i>	para <i>livrado</i> ;
<i>encarregue</i>	para <i>encarregado</i> ;	<i>presente</i>	para <i>presentado</i> ;

e assim successivamente. Se se diz: «está *firme*» a par de «está *firmado*», que obstaría a que se dissesse igualmente «está *assente*» a par de «está *assentado*»? Se se diz «foi *livre*» a par de «foi *livrado*», que dúvida haveria em dizer tambem «foi *acceite*» a par de «foi *acceitado*»? Com o andar do tempo, a lista poderá ainda augmentar.

Alguns d'estes participios acabados em -e são já antigos, e usão-se hoje tanto na lingua litteraria como na popular; *acceite* passou relativamente ha pouco tempo para a lingua culta, e ha pessoas que o emprégão, e outras que não, e um mesmo escriptor ora o emprega ora deixa de o empregar; todavia, é bastante usado ¹; *fixe* (por *fixo* ou *fixado*) é exclusivamente, por ora, da linguagem popular; *encarregue* nunca o ouvi senão em Lisboa. Temos pois tres classes, quanto á data da introduccão e ao emprêgo:

1.ª—participios, empregados tanto na lingua culta, como na lingua popular, ao lado dos quaes não existem outros acabados em -o (-a): *entregue*, *assente* (não se diz *entrego*, nem *assento*; pelo menos não se diz hoje);

2.ª—participio que se emprega indifferentemente, em concorrência com a fórma acabada em -o (-a): *acceite* (a par de *acceito*, *acceita*);

¹ A respeito d'elle vid. os meus livros: *As «Lições de linguagem» do Sr. Candido de Figueiredo*, 2.ª ed., pag. 6-8; e *O gralho depennado*, 3.ª ed., pag. 4.

3.^a — participios exclusivamente de uso popular: *fixe, encarregue* (as fórmulas cultas são *fixo, -a, encarregado, -a*).

Para terminar, convém fazer ainda duas observações. Os participios acabados em *-e* são uniformes. Se temos *acceite* a par de *acceito (-a)*, não é forçoso admitir que todos os outros participios acabados em *-e* tivessem primeiro fórmulas acabadas em *-o (-a)*: assim não conheço *entrego* nem *encarrégo*; a força da analogia podia dar origem imediatamente às fórmulas terminadas em *-e*.

14. Tolher

O etymo de *tolher* é sem dúvida o lat. *tollere*, como já disse F. Diez, e depois d'elle repetirão outros philologos; mas o que não se explicou ainda, que eu saiba, foi o *lh*, pois *ll* latinos dão normalmente em português *l* naquellas condições; cfr. *ballaena* > *baleia*.

A explicação creio, porém, ser facil.

Como *tollere* passou da 3.^a conjug. para a 2.^a, isto é, como se tornou *tollere*, o presente do indicat. e o do conjunct. regularão-se pelos da 2.^a, isto é, por, *-eo* e *-ea(m)*, do que resultou **tolleo* e **tollea(m)*, condições bastantes para que uma consoante lingual se palatizasse; cfr. *valeo* > *valho*, *valea(m)* > *valha*.

Depois os presentes do indicat. e do conjunct. *tolho* e *tolha* influirão no presente do infinitivo, e fizerão que este se mudasse em *tolher*. A acção da analogia na conjugação é, como se sabe, muito poderosa; por isso nada tem de estranho aquella influencia.

J. LEITE DE VASCONCELLOS.

AS FESTAS DOS IMPERADORES

Segundo uma tradição mais ou menos erudita, a festa dos Imperadores do Espirito Santo foi instituida pela rainha D. Isabel (d'origem aragonesa, e esposa do rei D. Dinis, que governou em Portugal de 1279 a 1325) na villa d'Alemquer, a qual fazia parte do seu dote e se conservou bastantes seculos na posse das rainhas.

Utilizando os numerosos documentos regios que confirmão, na sua maioria, a numerosas povoações os usos que se tinham formado por occasião d'esta festividade, será um dia facil encontrar a origem d'ella, os nucleos de propagação, as suas transformações e as suas relações com outros grupos de festas.

Explorando apenas os registos da Chanc. de D. Manuel (1495 a

1521), encontrámos tres cartas de confirmação e uma só de nova instituição da festa; formando d'estas quatro, tres (Portalegre, Marvão, Nisa) um grupo bastante unido, proximo da fronteira, no actual districto de Portalegre. E' possivel que outras povoações tivessem sido contempladas, pelo menos com uma confirmação, neste reinado; mas nada se pôde afirmar, por quanto, segundo parece, alguns livros d'esta Chanc. passarão entre 1580 e 1640 para a Castella, onde ficarão.

Numa carta de Fr. Francisco de Oliveira ¹ ao P.^o D. Ignacio de Nossa Senhora da Boa Morte, datada de 23 de Maio de 1760, encontra-se a seguinte curiosa noticia, que transcrevemos por ter relação com o assumpto:

«O Espirito Santo de Alemquer se celebra da mesma sorte que o descreve o P.^o Luis Cardoso no *Diccionario* T. 1, pag. 251 sendo eu Theologo no meu Convento da Batalha em 1734, vi outra semilhante cerimonia de coroaçam de Emperador pela festa da Trindade, e sahindo a Procissam da Igreja, se encaminha a hum grande carvalho que está fóra da villa, e de sima delle lançam quantidade de pam ao povo com outras meudezas que deixo de relatar». (Cod. 1:101 bis).

Summariando os documentos, que transcrevemos, temos:

1.^o *Portalegre*. A carta primitiva é de D. Affonso v, e tem a data de Lisboa 19 Nov. 1454, referindo-se já *a que antigamente costumavam fazer na dita villa*. A confirmação de D. João II é de Santarem 8 Maio 1484. De D. Manuel ha duas cartas — Setubal, 10 Maio 1496 e Lisboa 4 Dez. 1499; provavelmente tendo-se extraviado a primeira, foi preciso tres annos depois passar-se segunda.

2.^o *Marvão*. A carta primitiva é de Lisboa, 20 Nov. 1459, sendo igual em tudo á carta de Portalegre, inclusivamente na referencia á antiguidade da festa. Quanto á data da confirmação por D. João II, foi ella omittida involuntariamente pelo escrivão. A confirmação de D. Manuel é de Lisboa 17 de Julho 1501. Nem na Chanc. de D. Aff. v nem na de D. João II vem registada esta carta; na de D. João III vem registada com o salto indicado e ainda com uma data alterada de grande importancia. A dar-se credito a esta, foi a carta passada no dia seguinte ao em que foi passada a Portalegre uma para o mesmo fim.

Tudo leva a acreditar que effectivamente a data verdadeira é 20 Nov. 1454. Como se transcreve a carta de Portalegre, é inutil publicar esta, que lhe é identica.

3.^o *Nisa*. A carta é de D. Manuel e datada de Lisboa, 21 Maio

¹ «... circa annum. 1740, de Pacis Juliae historia et inscriptionibus commentatus est Fr. Franciscus de Oliveira Dominicanus (*Epitome historico da cidade de Beja*); quod e Cardosi *Dicc. geogr.*, I, 141 tantum novi. Epistolae enim nonnullae eiusdem Oliveirae servatae in bibliotheca publica Olisiponensi (B², 34 f. 142-146) inscriptiones continent nullas». *Corpus Inscriptionum Latinarum*, vol. II, pag. 8. As cartas que se conservão na Torre do Tombo conteem algumas inscripções já conhecidas, e indicão a situação e o estado d'algumas d'ellas, bem como os esforços infructiferos para encontrar outras.

1514; refere-se apenas á existencia noutras localidades d'esta festa, e á boa vontade dos mancebos ¹ solteiros da villa.

4.º *Sintra (Cintra)*. O documento que publicamos não indica perfeitamente a existencia nesta villa da festa dos Imperadores, mas indubitavelmente a carta é uma consequencia da festa do Espirito Santo feita com esse accessorio. A carta de Estremoz, 3 Fev. 1497, confirma um alvará de D. João II. O alvará passado em Santarem a 27 Maio 1484 não indica o fim para que era cortada a lenha (madeira) nas matas reaes. Reportando-nos a um documento congenere de D. Aff. v, ainda inedito, podemos crêr que a madeira cortada além do seu emprego na cozinha, era empregada na construcção de mesas e bancos para um grande *bodo* ou *vodo*. O sentido d'esta palavra tem-se, como tantas outras, alterado; hoje significa «uma distribuição de pão e outros alimentos á porta duma egreja ou duma associação». Naquelles tempos o *vodo*, que é preciso distinguir de *gentar* ou *jantar*, consistia na reunião de muitos individuos que se congregavam para comer juntamente, sendo o que restava empregado em fins caritativos, que se tinham anteriormente annuciado.

A solemnidade dos *Imperadores* não é privativa do *Pentecoste*, e vamo-la encontrar numa festa remota, que continúa ainda hoje debaixo do dominio christão sob o nome de *S. João*. Uma povoação do Alto Alemtejo, a Amieira (villa), nos apresenta um exemplo. D. Aff. v, em documento datado de Souzel, 11 Jan. 1465, conformando-se com a festa que os mancebos solteiros *costumão fazer na dita villa*, houve por bem confirmar esse uso. D. João II e D. Manuel por documentos datados respectivamente de Santarem 8 Maio 1486, e Lisboa 9 Out. 1514 confirmarão-na tambem.

Seguem os documentos extrahidos todos de livros que se conservão na Torre do Tombo.

P. A. D'AZEVEDO.

I. — Dom manuell etc. Aquantos esta nossa Carta virẽ, fazemos saber, que por parte dos mancebos solteiros da villa de portalegre nos foy apresentada hũa carta del Rey, meu Señor, daqual o theor verbo a verbo he este que se ao diante segue:

Dom Joham, por graça de Deus, Rey de portugal e dos algarves daquẽ e dalem mãar em Africa. A quantos esta carta virẽ, fazemos saber, que os mancebos solteiros da nossa villa de portalegre Nos envyaram mostrar hũa carta del Rey, meu señor e padre da muy escrarecida memorja que deus aja, da qual o theor he este que se ao diante segue:

¹ Hoje dir-se-hia *rapazes*, mas naquella epoca chamar *rapaz* era uma injuria grave. *Rapaz* provém de *rapacem* pela fórma intermedia * *rapaze*.

Dom Afonso, per graça de deus Rey de portugal e do algarve, Señor de cepta. A quantos esta carta virẽ, fazemos saber, que nos querendo fazer graça e merce aos mancebos solteiros da nosa villa de portalegre por honra da festa de sancto espirito, a que antygamente costumarõ fazer na dita villa, temos por bem e queremos que daquy em diante, nos dias ẽ que a dita festa dura e a costumã fazer, os emperadores e officiães que pera ello forẽ ordenados, segundo seu costume, possã apremar e constringer quaaesquer mancebos solteiros da dita villa e termo que nõ quiserẽ acẽptar os officios e carrguos aa dita festa compridoiros e fazerẽ as outras cousas que lhes per os ditos emperadores e officiães forẽ mandados pera ella; E aos que asy nõ quiserẽ comprir seus mandados e forẽ desobedientes e posã poer penna a todos ou cada hũu delles que o contrario fezer ataa contija de cem reaes brancos e os posam por ello mamdar penhorar e vemder seus penhores ata a dita contija, a quall penna seja appropriada pera a confrarja da dita festa e nam pera outra algũa coussa. E queremos que acerca desto nem de seus Joguos a dita festa pertecemtes que os ditos emperadores e officiaes amtresy por honra della ordenarẽ o noso Corregedor da dita comarqua e Juizes da dita villa e homẽes boos e procurador della nã mandẽ o contrario nem lhe façã algũa toruaço; ante os deixẽ liurementemente vsar de seus Jogos e fazer sua festa como sempre fizeram nam fazendo elles outros excessos ou males por que sejam obrigados aa nosa Justiça. Outrosy queremos que o meirinho dos ditos emperadores e seus homẽes, que forẽ ordenados pera cõ elle andarẽ na dita festa, posam trazer suas armas, quaaes e quantas lhes prouuer, em duramdo ella. E o alcaide da dita villa nõ tenha com elle de uer e lhas leixe trazer sem embargo de qualquer nosa defesa e ordenaço em contrario feita; contanto que elles nõ faça(m) com ellas o que nom deũe e se o fizerẽ que as nosas Justiças proueja sobre ello como for direito. E, tanbẽ, queremos e Madamos que se os ditos emperadores ou seu Juiz mãdarẽ aa cadea sem outra penna de dinheiro algũus dos ditos homẽes solteiros ou casados que com elles entrarẽ na dita festa por nõ conprirẽ seus mãndados a ella pertecentes que o alcaide do castello da dita villa os mande ẽ elle Receber e os nõ solte nẽ mande soltar sem especial mandado dos ditos enperadores ou a seu Juiz que se entom forẽ e lhes nõ levẽ nẽ mandẽ leuar carcera-jem algũa somente aquello que lhe pertencer auer de malentradados. E ysso mesmo queremos que se algũ homẽ casado de qualquer condiço que seja que se meter nos ditos Jogoos e festas com os ditos mancebos solteiros que nã forẽ bẽ mandados e obediẽtes aa quelles que lhes per os ditos enperadores e seus officiaes for Mandado por honrra da dita festa que posam asy ser apremados e apenados como os ditos solteiros. E, porem, Mandamos a todollos nossos Corregedores, Juizes e Justiças e outros quaaesquer nosos officiaes e pesoas a que o conhecimento desto pertemçer a esta nosa Carta for mostrada que a cumpram e guardẽ e façã comprir e guardar daqui em deante em todo, asy e per a guisa que em elle he contheudo sem outro algũu ẽbarguo

que lhe sobre ello seja posto em algũa maneira que seja, por que asy he nosa merçee. dada em lixboa a xix dias de nouẽbro Ruy diaz a fez anno de noso Senhor Jhu x.º de mjl iiijºliiij anos.

Pedimdonos os ditos mancebos por mercee que lhe confirmassemos a dita carta. E visto per nos seu Requerimento e querendo lhe fazer graça e merçee temos por bem e lha cõfirmamos. E, porẽ, Mandamos a todollos nosos Corregedores, Juizes, e Justiças, officiaes e pessoas a que o conhecimento desto pertecer, per qual quer guisa que seja, que lha cumpram e guardẽ e façã ẽ todo bẽ comprir e guardar como ẽ ella he contheudo e lhe nõ vãao nẽ consintã hir contra ella ẽ algũa maneira por quanto asy he nosa merçee. dada em a vjlla de santarẽ aos oyto dias do mes de mayo. pero aluarez a fez anno de mjl iiijºlxxxiiij annos.

Pedimdonos, outrosy, os ditos mancebos por merçee que lhes confirmassemos a dita carta e visto per nos seu Requerimento e querendo lhes fazer graça e merçee temos por bẽ e lha cõfirmamos asy e pella guisa que ẽ elle he contheudo. E, porem, Mandamos a todollos nosos Corregedores, Juizes e Justiças, officiaes e pessoas a que o conhecimento desto pertecer per qual quer guisa que seja, que lha cumpram e guardẽ e façã muy inteiramente comprir e guardar como ẽ ella he contheudo por quanto he nosa mercee. dada em a villa de satuell a dez dias do mes de mayo. antã luis a fez anno de mjl iiijºlRbj annos.

(Chanc. de D. Manuel. Liv. 17, fl. 12).

II. — Dom manuell etc. Aquantos esta nosa carta for mostrada fazemos saber que por parte dos mãcebos solteiros da nosa villa de portalegre nos foy apresentado hũu privilegeo delRey dom Joham, meu Señor cuja alma deus aja, do quall o theor de verbo a berbo he este que se adyãte segue:

(*Vid. a carta de D. Affonso V e a sua confirmação por D. João II no doc. anterior*).

Pidimdonos por merce os ditos mancebos que lhe quise(ss)emos confirmar lhe a dita carta e visto por nos seu requirimẽto e querendo lhe fazer graça e merce Temos por bem e lha comfirmamos e avemos por comfirmada. E, porem, mamdamos a todolos sobreditos Corregedores, Justiças e officiaes e pessoas outros a que esta nosa carta for mostrada e o conhecimento dela pertencer que asy lha cumprã e guardẽ e façã muy inteiramente comprir e guardar como nela he comtheudo por que asy he nosa merce por honra da dita festa de samtesprito. Dada em a nosa cidade de lixboa a iiijº dias do mes de dezembro. lopo mixia a fez anno de mill iiijºlRix anno.

(Chanc. de D. Manuel. Liv. 16, fl. 138).

III. — Dom manuell etc. A quantos esta nosa carta virem, fazemos saber, que sabẽdo nos, como em algũs lugares de noso Reyno por homRa do sãto spirito os mãcebos solteiros deles, no seu dia e

nos outros em que por sua homrra fazem os emperadores, costumam fazer festa; e os ditos emperadores e pera com mylhor vontade o fazerem tem pryvylegios dos Reys pasados e comfymados per nos; e que os macebos da nosa villa de nysa tem muita vontade pera o asy fazerẽ, e eles, segundo a eformaça que temos, sam pesoas que o farom bem e sem onyõees nẽ bamdos daRoydos, por lhes fazermos graça e merçee, por homrra da dita festa, Temos por bẽ e queremos que daquy em diãte nos dias e que a dita festa durar e costumã fazer os eperadores e oficiais que pera ello sã ordenadas, segundo seu costume, posam apremaar e comstranger quais quer macebos solteiros da dita villa e termo que nã quiserẽ aceytar os officios da dita festa, e fazerem as outras cousas que lhe pelos ditos eparadores e oficiais forẽ mādados, e os que asy nã quizerẽ cõprir seus mādados, e forẽ desobydyemtes, lhes posã poer penas de cẽ rrs. e os posã por eles mādard penhorar e vemder seus penhores atee a dita cõtya a quall seja apropyada pera comfrarya da dita festa e nã pera outra cousa. Requeremos que acerqua desto nẽ de seus Jogos que a dita festa pertẽcerem e os ditos eperadores e oficiais atre sy por hõrra da dita festa hordenarẽ o nosso Corregedor da comarqua nẽ ouuidor do mestrado nem Juizes da dita villa nẽ outros nẽhũs officiais dela nã emtendam nyso nẽ mādẽ o contrairo nẽ lhes façã algũa torvaça e lyvremente os leixẽ vsar de seus Jogos e fazer a dita festa nam fazemdo eles outros eercitos (*sic*) e aRoydos per que sejã obrigados as nosas Justiças, outrosy queremos que o meirinho dos ditos emperadores e os homẽs que lhe forẽ ordenados pera com ele amdarẽ na dita festa posã trazer suas armas quaees e quantas lhe aprouver e duramdo ela E mādamos ao alcaide da dita villa que lhas leyxẽ trazer sã ebargo de quall quer defesa e ordenaçã que hy aja e contrairo e nã fazendo eles com elas o que nã devẽ por que se o fizerẽ mādamos as ditas nosas justiças que provejã sobre yso como for justiça. Outrosy queremos que se os ditos eperadores ou seu Juiz mādardẽ a cadea algũ dos ditos macebos solteiros ou casados que com eles na dita festa estrarẽ sã outra mais peea de dynheyro por nã comprirem seus mādados que a dita festa pertencerẽ o alcaide da dita villa o Recebera nella e estarã nela hũa noute ao mais tempo e pasada o soltarã sã lhes levarẽ carceragẽ soamente o que lhes pertẽcer de eentrada e se algũ homẽ casado cõ eles quiser estrar na dita festa ou meter nos ditos Jogos cayrã debayxo da mesma Juridicã dos ditos solteiros e porẽ mādamos ao dito ouuydor e Juizes e officiais da dita villa e a outros quaes quer a que pertencer e esta nosa carta for mostrada que lhe leixẽ asy todo fazer e conprir e cunprã esta nosa carta asy e como nela he conteudo sã lhe sobre yso ser posto duujda nẽ ebargo algũ por que asy o avemos por bẽ. dada e a nosa cidade de lixboa a xxix dias de mayo adre Roiz a fez auo do nacimiento de noso senhor Jesu xpo de mill bº xiiijº anos.

(Chanc. de D. Manuel. Liv. 11, fl. 35).

IV. — Dom Manuell etc. A quantos esta nossa carta virem fazemos sabêr, que por parte da villa de symtra nos foy apresentado hũu alvara del Rey dom Joham, meu senhor cuja alma deus aja, do quall o theor tall he:

Nos El Rey fazemos saber a vos nosso almoxarife da vila de symtra e a vos nosso monteiro da montaria della, que o comçelho e homeês bõos da dita villa nos emviaram dizer como em ella se faz hũa festa por dia de samtesprito, demtro nos nosos paços naquella parte delles homde chamam a salla dos Ifantes; e que pera ella se cortou senpre lenha nas matas per licemça delRej, meu senhor e padre que deus aja, asy como a cortam os moradores da dita villa pera suas casas. E que per vos monteiro agorra nouamente lhes foy Requerjdo que ouuesem nosso mandado pera talhareem a dita lenha por que se o nom ouuesem vos lha nom leixariees cortar. Pedindo-nos por merçe que lhe desemos lugar pera sse fazer a dita festa nos paços e pera se cortar a dita lenha pera ella, damdo lhe sobre ello nosso mandado pera vos e pera o nosso almoxarife per que ambos o cumprises asy. E visto per nos seu Requerimento a nos praz aa homra de samtesprito e por esmolla que os que a dita festa fizerem a posam fazer nos nosos paços na dita salla dos Ifantes como ataa gnora fizerem; e asy posam cortar ou mandar cortar aas matas aquella lenha que pera a dita festa for neçesaria. Porem, Mandamos a vos almoxarife que lhe leixes fazer a dita festa nos ditos paços na dita salla dos Ifantes como dito he; e a vos monteiro que lhe leixes cortar nas matas lenha que lhe pera a dita festa for neçesario; comtanto porem que quando tal lenha ouuerem de cortar o façom saber a vos dito monteiro pera lhe asynardes o lugar da dita mata onde a ajam de cortar. E que elles nom cortem a dita lenha pera outra parte com achaque que a cortem pera a dita festa; por que em tall caso nom avemos por bem que lho comsentaees; o que asy compry sem outra duuida feito em samtarem a xxbij de mayo. Diogo de lemos o fez anno de noso senhor Jesus christo de mjl iiij^olxxxiiij^o. E o monteiro moor vaa ver cortar a dita lenha ou mandalla hũu monteiro por que sejam paaos os que cortar que nam tragam dano as ditas matas.

Pedindonos a dita villa de simtra que lhe confirmasemos o dito aluara E visto per nos seu Requerimento E querendo lhe fazer graça e merçe Temos por bem e lho confirmamos em carta e asy mandamos que asy se cumpra e guarde jnteiramente sem outra duujda. dada em estremoz a tres dias de fevereiro. Vicente perez a fez anno do naçimento de nosso senhor Jesus christo de mjl e quatrocentos e nouemta e ssete annos.

(Chanc. de D. Manuel. Liv. 29, fl. 79 v.
e Liv. 2 da Estremadura, fl. 278).

V. — Dom manuell etc. A quantos esta nosa carta virẽ, fazemos saber que por parte dos mãçebos sollteyro da villa damyeira nos foy apreSENTada hũa carta dell Rey dom João, que deus aja, de que o teor

tall he: «dom joão, per graça de deus, Rey de portugual e dos al-
«garues daquê e dalê maar em africa, senhor de guinee, A quantos»
«esta nosa carta virê, fazemos saber que por parte dos mamçebos»
«solteiros da villa damyeyra nos foy apresentada hũa carta delRey,»
«meu senhor e padre que deus aja, de que o teor tall he»: dom afonso, por graça de deus, Rey de portugual e do allgarue, senhor de cepta e allçagere em africa, A quantos esta nosa carta virê fazemos saber que nos, querendo fazer graça e merçee aos mãcebos solteiros damyeyra por homRa e llouvor da festa do bẽ avêturado apostollo sam joam baptista que costumam fazer na dita villa, Temos por bem e queremos que daquy em diamte nos dias em que a dita festa se fazer, em quanto durar, os emperadores e oficiaes que pera ello forẽ ordenados, segundo seu custume, posam comstramger quaees quer mãcebos solteiros da dita villa e termo, que nã quyserem açoitár os ofícios e eçaReguos da dita festa compridoyra, a fazerem as outras cousas que lhes per os ditos emperadores e oficiaes forem mãdados pera ello; e os que asy nam fezerẽ seus mãdados e forem desobydiẽtes posam põer pena a todos ou cada hũ delles que o cõtraíro fezerẽ atee comtia de cem rs. bramcos e os posam por eles demãdar e penhorar e vemder seus penhores atee a dita comtya. A quall pena seja apropiada pera a despesa da dita festa e nã pera outra allgũa cousa E queremos que acerca de esto nẽ de seus Jogos a dita festa pertẽcẽtes que os ditos eperadores e oficiaes amtre sy por homRa della ordenarem o noso Corregedor da comarqua Juizes e ofeciaes e homes bõos da dita villa nã mãdẽ o contrario nẽ lhes façã allgũa torvaçã antes os leixẽ liuremente vsar de seus Jogos e fazer sua festa como senpre fezerom nã fazendo elles outros eyçesos ou malles per que sejam obrigados a nosa Justiça Outro sim queremos que o mejrjnho dos ditos eperadores e seus homẽes que forẽ ordenados pera com ele andar na dita festa posã trazer suas armas quaees e quantas lhe aprouver em quanto ella durar E que o allcayde da dita villa nã tenha com elles de ver e lhes leixe trazer sẽ eẽbarguo de quall quer nosa defesa e ordenaçã e cõtraíro feyta com tanto que nã façam com ellas o que nã devã se o fezerem que as nosas Justiças provejã sobre ello como for justiça e tãbẽ mãdamos que se os ditos eperadores ou seu Juiz mãdarẽ a cadea sẽ outra Pena de dinheiro allgũs dos ditos homẽes solteiros ou casados que com elles eẽtrarẽ na dita festa por nã comprirem seus mãdados a ella pertẽcẽtes que o alcayde do castello da dita villa os mãde e ela Receber e os nã soltẽ nẽ mãde soltar sẽ espciall mãdado dos ditos emperadores ou seu Juiz que dessẽ ãno forẽ e lhes nã levẽ nẽ mãdẽ levar carceragẽ allgũa soamente aquello que lhe pertencer de mall eẽtrada e Isso mesmo queremos que se allgũu homẽ casado de quall quer cõdiçã que seja que se meter nos ditos Jogos e festa com os ditos mãcebos solteiros e nã forem obydiẽtes e bẽ mãnados aaquello que por os ditos eperadores e seus oficyais for mãdado por homRa da dita festa que posã asy ser apenados como os ditos solteiros E porẽ mãdamos a todollos nossos Corregedores Juizes

e Justiças e a outros quaees quer que ho conhecimento destes pertēcer que a cumpram e guardē e façã comprir e guardar daquy ē diāte e ē todo asy per gysa que ē ella he conteudo sē outro nēhū ēbargo qve a ello lhe seja posto ē allgūa maneira por que asy he nosa merce. dada ē sousell a xj dias de Janeiro afonso garcees a fez de i e quatrocentos e sesēta e cinco anos. «Pedindonos os ditos m̃acebos» «solteiros por merce que lhe comfirmasemos a dita carta E visto per» «nos seu Requerimento e querendo lhe fazer graça e merce Temos» «por bem e confirmamos lha como nella he conteudo E m̃adamos» «aos sobreditos e a outros quaeis quer a que pertemçer que lha cum-» «pram e guardē e façã Imteiramente comprir e guardar como se nella» «comtē sē allgūa duujda nē ēbarguo que lhe a ello ponhã. dada ē» «sātārē a oyto dias do mes de mayo joam de feReyra a fez āno de» «mjll e quatroçētos e oytēta e seys». Pedindonos os ditos m̃acebos sollteiros que lhe cōfirmasemos a dita carta E visto per nos seu Requymento e querendo lhe fezer graça e merçe avemos por bem de lha comfirmar asy e na maneira que nella he conteudo salluo na parte bomde diz que m̃adando os ēperadores ou Juiz da m̃acebya a cada hū dos que com eles andarē a cadea que nã sera solto sē espiciall mandado dos ditos ēperadores ou do dito Juiz decramos que eles os poderã m̃adar premder e Porē nã estarã na cadea majs que hūa nou-te e ao outro dia seja sollto semdo presos per causa dos ditos Jogos e festas que amtre sy fezerē porē m̃adamos ao ouujdor do priollado e aos Juizes e officiais da dita villa que lhe cumpram e guardem e façã Imteiramente comprir esta nosa carta como nella he conteudo e lhe nã vōo contra ella ē parte nē ē todo. dada ē a nosa cidade de lixboa a ix dias do mes doutubro, amtonio paiz a fez ano de nosso senhor Jhsu xpo de i b̃^{xliij}° anos.

(Chanc. de D. Manuel. Liv. 11, fl. 67
e Liv. 7 de Guadiana, fl. 167).

P. A. D'AZEVEDO.

FRAGMENTOS DE UM CANCIONEIRO DO SÉCULO XVI

Na sua edição das obras de Christovão Falcão o dr. Theophilo Braga declara reproduzir ¹, como pertencendo àquelle poeta, o que no volume impresso por Birckman em Colonia em 1559 vem «desde folhas cxxxii v., até clxxxii v.» (pag. 31). O exemplar que d'esta obra

¹ «Apesar de reproduzirmos a edição de 1559...».

existe no Museo Britannico contém desde a folha 132 v., até a folha 153, a ecloga Chrisfal e a carta «Os prefos, etc.»; da folha 153, após a carta separada do que se segue pela palavra *Finis*, até a folha 171, a última do volume, certo numero de pequenas poesias — *cantigas* dizem as cabeças das folhas. São as cantigas da edição do dr. Theophilo Braga, menos as duas últimas (a saber: a sextina «Hontem pof-fe o fol, etc.» e a cantiga «Para mim nafceo cuidado», as quaes no exemplar de Londres vem, com outra cantiga, de folhas 130 a folhas 132, em seguimento das eclogas de Bernardim Ribeiro e attribuidas a este poeta ¹), e, demais, quatro cantigas, as quaes na presente edição tem os numeros XLIII—XLVI ².

A edição de Birckman não nomeia os autores d'estas pequenas poesias. Duas sabemos que pertencem a Francisco de Sá de Miranda (a ix e xi), e sete a Bernardim Ribeiro (a xxi, xxv, xlii—xlvi), segundo se vê das rubricas do *Cancioneiro* de Rêsende, onde também estão impressas; tres são de um poeta designado na edição de Colonia pelas iniciaes A. L. (as xxxii—xxxiv). Se das restantes composições alguma pertence a Christovão Falcão, não ha provas directas nem indirectas.

Na edição do dr. Theophilo Braga as cantigas estão transcritas com os mesmos desprimores que affeição a publicação da ecloga e da carta de Christovão Falcão. Satisfazendo aos desejos manifestados pela snr.^a D. Carolina Michaelis de Vasconcellos de ter as lições verdadeiras daquellas poesias da edição de Colonia e querendo demonstrar publicamente o meu reconhecimento pelo que de mim e da minha edição das obras de Christovão Falcão se dignou dizer tão illustrada e intelligente romanista no *Literaturblatt für germanische und romanische Philologie* (1894, n.º 8), tirei em Londres, em 27 de Julho proximo passado, cópia daquellas poesias, das quaes dou agora na *Revista Lusitana* uma edição crítica, notando sempre os lugares em que me desvio da lição do exemplar do Museo Britannico, as divergencias que ha entre o texto daquelle exemplar e o dado pelo dr. Theophilo Braga, e as variantes que apresenta o *Cancioneiro* de Rêsende nas poesias que também lá estão incluídas.

A edição de Colonia:

representa por *am* o ditongo *ão*, quer átono, quer tónico, menos em *mão* em xii 28 e xxiv 6, e no adjectivo *vão* escrito assim em xxvi 11 e *vaom* em xxiv 19;

escreve *ho*, *hos* (artigo e pronome) excepto, no singular, em viii 19; xii 6; xv 39, 45; xvi 3, 43, 44; xxii 6, 23, 26, 29, 47, 50; xxiii 5, 12, 14; xxvii 7; xxx 15; xxxi 12, 28; xlii 12; xlv 1; xlviii 5; no

¹ A folha 171 acaba, no recto, com a poesia «Mandais que leixe cuidados» (a antepenultima da edição do dr. Theophilo Braga), depois da qual está a palavra *Finis*, e no verso tem uma vinheta com a legenda Arnold Birckman.

² Na edição de Colonia as tres primeiras vem impressas como constituindo uma só cantiga.

plural em viii 42, 43; xii 27; xiv 8; xxii 42; xxxiv 2; xl 3; xlii 7 (o segundo); xlix 13 (os lugares onde a edição do dr. Theophilo Braga não reproduz esta graphia, não os notei);

cedilha o *c* antes de *e* e *i* e designa com *u* o som do *v* no interior das palavras;

quanto aos ditongos em que a segunda vogal é *i*, emprega *y* em *mayor* (excepto em iv 4; xix 2; xxi 6; xxii 7; xxxix 5), *desmayo*, *faya*, *saya* (substantivo), *oulhay*, *ays*, *ey* em xxvi 24; xlviii 1 e 16, *sey* em xxxix 13; xliv 10, *jurarey* em xxix 20, *foy* em xii 11 e 19; xxv 13; xli 21 e 37; xlv 9 e 18; xlviii 4; xlix 4, *fuy* em xliii 28; xlviii 5, *cuydar* (excepto em iv 7; xv 11; xvi 11; xx 2; xxxii 6; xxxiii 3, 5, 10; xli 2, xlviii 17), em *cuydado* (excepto em vi 8; viii 12, 38; xi 10; xvii 1, 9, 14, 21; xx 6; xxi 12; xxxiii 2, 9; xl 1; xli 25, 48; xlviii 2; xlix 21; l 1), *descuydar* (excepto em viii 11, xxxiii 4), *descuydo* e *muyto*; também escreve sempre *vaydade* e *soydade*;

emprega sempre a abreviatura *nhũm* = *nenhum*, e em alguns lugares (que não notei) põe, para poupar espaço, til por *m* ou *n* (*bẽ*, *quẽ*, *hũ*, *aõ*);

traz de ordinario dois pontos no fim do 4.º verso das estancias de 7 e de 8 versos, no fim do 5.º das de 9; raro traz ponto no fim das estancias (no fim da última poesia traz dois pontos); traz uma virgula depois de *vivo* em xiv 8;

não faz uso de apostropho nem de accentos, e junta as enclíticas immediatamente á palavra para que pertencem.

Para commodidade das referencias numeramos as poesias.

Siglas:

B = o exemplar da edição de Birckman do Museo Britannico;

R = *Cancioneiro* de Rêsende; T = edição do dr. Theophilo Braga.

EPIPHANIO DIAS.

I. CANTIGA

Vi o cabo no começo,
vejo o começo no cabo,
de feição que não conheço
fe começo nem fe acabo.

5. Quando meu mal comecei,
com muito bem começou,
mas o fim que lhe esperei
no começo fe acabou;
acabou-fe no começo,

1 T o (quasi sempre assim).

10. pois fe começa no cabo,
de modo que não conheço
fe começo nem fe acabo.

- No começo de meu mal
vi cabos de muito beem,
15. mas este beem fahio tal
que nenhum bom cabo teem;
faço no cabo começo
fendo no começo cabo,
de feição que não conheço
20. fe começo nem fe acabo.

II. OUTRA

- Nunca finto hum mal vir fô
nem fingelo, mas dobrado,
porque hum dô traz outro dô,
hum cuidado outro cuidado.
5. Quando vejo hum mal comiguo,
paffo pella pena d'elle
com outra mor de perigo
de muitos que veem com elle;
porque nunca veem hum só,
10. pera fer o mal dobrado,
mas hum dô traz outro dô,
hum cuidado outro cuidado.

14, 15 T bem. 15 T sahiu. 16 T tem. 17 B Faça. T Faço.

II. — 1, 9 B soo (sempre assim). T só. 3, 11 B doo. T dô (menos da primeira vez no v. 11). 3 B tras. T traz. 5 T commigo (sempre assim), 6 T pela. 7 T outro. 7 B moor. 8 T vêm. 9 T vem. 10 B para. 10 B feer.

14, 15, 16. Segundo já notei na edição de Chr. Falcão (pag. 94), *eem* em *beem*, *teem* é um modo de representar o ditongo nasal *ẽi*. O mesmo se ha-de dizer a respeito de *veem* em 11 8, 9.

II. — 1, 3. Segundo já notei na edição de Chr. Falcão (pag. 93), no tempo a que pertencem estas poesias, a duplicação da vogal em *soo*, *doo* era apenas maneira de indicar que a vogal é aberta.

6-8. = padeço o tormento que este mal causa, e o tormento, ainda maior, causado por vêr o perigo de virem muitos outros males na cola d'este.

7, 10. Em *moor* e *seer* (bem como em *feer*) a conservação da vogal dobrada sem duvida que já neste tempo era unicamente tradição orthographica.

III. ESPARÇA

- Deixai-me, cuidados vãos,
 deſiejos deſeſperados!
 Olhos mal aventurados,
 quanto me foreis mais fãos
5. ſe vos tivera quebrados!
 Trabalho por não ſer voſſo
 cada dia e cada hora,
 e então fico, ſenhora,
 contente, quando não poſſo.

IV. CANTIGA

- Que forte fortuna figuo,
 a que grande eſtremo vim,
 que já não vejo periguo
 pera mim maior que mim!
5. Tudo foubе arrecear
 qu'era bem que arreceaffe;
 quem avia de cuidar
 que de mim eu me guardaffe?
 Não me guardei como devo,
10. e vim ter ao que vim,
 que já não vejo periguo
 pera mim maior que mim.

IV. — 1 T ſigo. 3. B jaa (ſempre aſſim). 3, 11 T perigo. 4 B para.
 6 B quera. T quero. 6, 8 B arreceafe—guardaſe. T arreceaſſe—guardaſſe.
 10 T de vir. 10 B teer.

III. — 1, 5, 8. O dr. Th. Braga não põe virgula depois de «deixai-me»; depois de «quebrados» conserva os dois pontos de B, e não põe «ſenhora» entre virgulas.

1-5 é a ſegunda metade da ultima (em algumas edições) décima da 3.^a ecloga de B. Ribeiro. Cf. «Ho olhos porque quebrados | nam foſtes, ſe tal ſabyeys, | por d'oj'avante dobrados | nam verdes voſſos cuidados...!». *Canc. de Rêſende* II 165, 14-17; cf. tambem adiante VI 5.

9. *quando não poſſo* = quando ſão baldados os eſforços que faço para não ſer voſſo.

IV. — 1. *forte* = má; cf. «chegou em ora tam forte» *Canc. de Rêſende* I 460, 10.

3. Sobre a duplicação da vogal em *jaa*, *tee* etc., v. a minha edição de Chr. Falcão pag. 92, 93.

6. *era bem* = era de razão.

8. *guardaſſe* = devia guardar.

V. OUTRA

Senhora, pois por vos ver,
affi me desconheci,
não me queirais vós fazer
o que por vós fiz a mi.

5. Todo este tempo tẽ-gora
em que me a mim bem não lha,
não me matava, fenhora,
fenhão porque vos não via;
agora vindo-vos ver
10. desconhecerdes-me affi,
acabo já de faber
que não ha bem pera mi.

VI. OUTRA

Quem me vos levou, fenhora,
tão longas terras morar?
Olhos que vos virom hir
nunqua vos verão tornar.

5. Milhor me foreis quebrados,
olhos, que nesta partida
verdes-me tirar a vida
e ficarem-me os cuidados!
Coitados olhos, coitados,
10. nascidos pera chorar,

V. — 4 B mim. 5 B tee gora. T tee agora. 9. B veer. 10 T assim. 12 B para. 12 B mim.

VI. — 3 T viram. 4 T nunca. 4 B veram. T verão. 7 B verdefme. T vêdes-me. 10 B. para.

V. — 7. O dr. Th. Braga não põe «senhora» entre virgulas.

VI. — 2. *longas* = longinquas.

3. Nos preteritos a forma *-rom* occorre tambem em Chr. Falcão nas estancias 37 e 38 da ecloga; v. tambem VIII 3, 5.

3-4. Cf. «olhos, que me vyram hyr | nunca me veram tornar». *Canc. de Rêsende* I 366, 17-18.

5-8. Cf. a nota a III 1-5.

6. *que* é evidentemente particula comparativa e não o pronome relativo, como cuidou o dr. Th. Braga, que mudou *verdes-me* para *vêdes-me*.

10. Segundo já notei na minha edição de Chr. Falcão (pag. 95 e 96), *nascidos* (etc.) pronunciava-se como se estivesse *nacido*.

olhos já fonte tornados
em que me hei-de alagar!

- Concertou-fe esta mudança
com a pouca ventura minha;
15. esperança até-qui tinha,
agora perco esperança.
Perde-fe o que se alcança.
Louvado seja o pefar,
que até na defesperança
20. me quis fazer fingular!

VII. CANTIGA

Esta só razão me ajuda
pera ter grão sofrimento,
fazer certo que se muda
a fortuna como o vento.

5. Tenho já certo sabido
— nisto não ha deferença —,
que o homem bem sofrido
nunca pode ser vencido,
nem ha coufa que não vença.
10. Quem do mal quer vencimento,
com paciencia se escuda,
porque tão presto se muda
a fortuna como o vento.

- Nunca ninguém desfespere
15. emquanto lhe a vida dura;

11 T fontes. 13 B Consertou. T Concertou. 15 B atee (sempre assim) qui.
T atee que. 17 B Perdesse. T Perde-se. 18 T pezar. 20 T quiz.

VII. — T Outra. 2 B para. 2 B teer. 2 B sufrimento. T sofrimento.
7 B sufrido. 8 B feer.

11. Cf. «meus olhos tornados fontes» B. Ribeiro, ecloga v; «os meus olhos
com'a fontes | vam chorando» *Canc. de Rêsende* II 202, 1-2; «por ver tornados
fuentes | mis ojos» *ibid.* I 325, 26-27; «Mis ojos tornados fuentes» *Canc. gen. de An-*
vers de 1577, fol. 169.

VII. — 8-13. O dr. Th. Braga põe dois pontos no fim do 8.º verso, e depois
só ponto final no fim da estancia. A edição de Colonia não tem nesta estancia
pontuação nenhuma.

10-11. Heitor Pinto, que tinha muita leitura d'este livro, lembrava-se de
certo d'este passo, quando escreveu: «A paciencia he hum firme arnês onde segun-
tamente se recebem os duros golpes da aduerfidade».

- na memoria fe tempere,
 que o mal que então o fere
 por tempo pode ter cura;
 finja algum contentamento,
 20. deſmaio de ſi ſacuda,
 porque tão preſto ſe muda
 a fortuna como o vento.

VIII. OUTRA

Não poſſo dormir as noites,
 amor, não as poſſo dormir.

- Deſque meus olhos olharom
 em vós ſeu mal e ſeu bem,
 5. fe algum tempo repouſarom,
 já nenhum repouſo tem:
 dias vão e noutes vem
 ſem vos ver nem vos ouvir;
 como as poderei dormir?
10. Meu penſamento occupado
 na cauſa de ſeu penſar
 acorda ſempre o cuidado
 pera nunca deſcuidar:
 as noites do repouſar
 15. dias fãõ, ao meu ſentir,
 — noutes de meu não dormir.
- Todo o bem he já paſſado
 — e paſſado em mal preſente —,
 o ſentido deſvelado,
 20. o coração deſcontente:
 o juizo, que iſto ſente
 como ſe deve ſentir,
 pouco leixará dormir.

18 B teer. T ter.

VIII. — 1 T noutes. 3 T olharam. 5 T repousaram. 7 T noites. 10 T occupado. 11 T do. 13 B para. T pera. 16 T do. 16, 30 T não. 21 B yſto. 23 T deixará.

VIII. — 7. Cf. «entrão noites, entrão dias» *Chriaſal* 59, 5.

18. *paſſado* neste verſo quer dizer «convertido». E' mais um exemplo dos trocadilhos de que fallei na nota ao *Chriaſal* 10.

REV. LUSIT., VOL. IV, fasc. 2.

- Como não vi o que vejo
 25. cos olhos do coração,
 não me deito fem deffejo
 nem me erguo fem paixão:
 os dias fem vos ver vão,
 as noites fem vos ouvir;
 30. eu as não posso dormir.

- Buscarei remedio algum;
 mas onde o hirei buscar?
 que ahi não avia mais que hum,
 que me levou o pefar.
 35. Tudo me forão levar;
 ficou-me fô o fentir
 pera não poder dormir.

- Os meus cuidados crecêrão,
 as esperanças minguarão;
 40. prazeres adormecêrão,
 os peiares acordârão;
 ao bem os olhos cegârão,
 ao mal os forão abrir;
 nunca mais pude dormir.

IX. OUTRA

Coitado, quem me dará
 novas de mim, onde estou?
 pois dizeis que não fou lá,
 e qua comiguo não vou.

5. Todo este tempo, fenhora,
 fempre por vós perguntei;

26 T nam deito. 33 T havia. 39 T mingaram. 41 B pezares.

IX. — 1 B daraa. T dará. 2 R hond'estou. 3 R fom. 3, 9 B laa. T lá
 4 T que. R caa. 5 R Tod'este. 6 R perguntei.

31. E' corrente no português antigo o emprego de «algum» em frases afirmativas.

32. O dr. Th. Braga põe virgula depois de «buscar».

IX. — Esta composição é do dr. Francisco de Sá (de Miranda), como se vê da rubrica do *Camc.* de Rêsende, onde ella vem (II 323).

1-2. Em *dará novas de mim onde estou* ha a mesma attracção que no lugar de Terencio *fac me, ut sciam*; v. *Madvig Gram*, § 439 obs. 1. (O dr. Th. Braga põe virgula depois de «estou»).

mas que farei? que já agora
de vós nem de mim não fei.

10. Olhe voffa mercê lá,
fe me tem, fe me matou,
porque eu vos juro que qua
morto nem vivo não vou.

X. CANTIGA

Senhora, pois não deixais
a minha vida viver,
já agora não peço mais
que deixarde-la morrer.

5. Porque moura cada hora,
não m'acabais de matar,
e, por me mais magoar,
quando me matais, fenhora,
não dais á morte lugar;
10. a vida vós a matais,
pois a não deixais viver;
affi que não peço mais
que deixarde-la morrer.

XI. CANTIGA

Comiguo me defavim,
vejo-me em grande periguo:
não posso viver comiguo,
nem posso fugir de mim.

5. Antes que este mal tiveffe,

7 T já. (R ja aguora). 9 B vofa. T R vossa. 11 R porqu'eu. 11 R caa.
X. — T Outra. 4 B deixar de la. T deixar de laa. 6 B ma cabais. 7 T
magoar. 8 T mataes. 13 B deixardela. T deixar de lá.
XI. — T Outra. 2 R vejo m'em. 2 T perigo. 4 R fogir. 5 R qu este.
5 B tivefe. R teueffe.

7. O dr. Th. Braga não põe pontuação nenhuma depois de «farei».
X. — 7. Cf. «por me mais não magoar» Chrisfal xv 5; «e por mais me ma-
goar» adiante xv 7.
XI. — Esta composição também pertence ao dr. Francisco de Sá de Miranda
segundo o *Canc.* de Resende (II 320-321).

- da outra gente fugia;
 agora já fugiria
 de mim, se de mim pudeffe.
 Que gloria espero ou que fim
 10. d'este cuidado que figuo?
 pois trago a mim comiguo,
 tamanho imiguo de mim.

XII. OUTRA

- Partido fiz com meus olhos,
 que vos não quisessem vêr;
 não m'o poderão manter.
- Com elles me concertei,
 5. a vos não ver se obrigárão;
 o que com elles fiquei,
 por certo mal o guardárão:
 feito o partido cegárão,
 não vos vendo por vos ver;
 10. não m'o poderão manter.
- Como a vista foi vedada,
 vi mil mortes contra a vida,
 porque a coufa defendida
 he loguo mais deffejada;
 15. fui-os tomar na cilada,
 e acabei de conhecer
 que morrerão por vos ver.
- Confintirão no partido,
 mas foi tudo vaidade,
 20. que depois de prometido
 mudárão loguo a vontade.

7 R aguora. 8 B pudeffe. R. podeffe. 9. B gloria. R. cabo. 10 T sigo.
 11 R traguio. 12 B ymiguo. T ymigo.

XII. — 2 B quisessem. T. quizessem. 4 B confertei. T concertei. 9, 17,
 24 B veer. 10 T puderam. 14 T logo. 16 T não traz este verso. 18-24 T
 não traz esta estancia.

10. Cf. «neste cuydado que syguo» *Canc. de Rêsende* II 8, 7.

XII. — 6. *fiquei* = ajustei.

8, 9. Nestes versos o dr. Th. Braga só põe virgula depois de «vendo»; para
 mim o sentido é: por (= para) vos ver não vos vendo.

19. *vaidade*, no sentido do latim *vanitas* = falsidade.

Já fei d'elles a verdade,
que nunca m'ão-de manter
partido de vos não ver.

25. Pul-los em outro lugar
pera mudar a tenção,
mas eu logo os fui tomar
com este furto na mão.
Confentio o coração
30. que vos não quizeffem ver;
não o puderão manter.

XIII. CANTIGA

Ventura fempre no mal
e no bem tão pouco dura,
que não fe chame ventura.

- Mudei terra e natureza
5. esperando mudar mais;
então crecêrão meus ais
cheos de tanta aspereza.
Nunca se vio, bem olhado,
estremo tão defigual:
10. em pefares estremado,
ventura fempre no mal.
- Busquei por terras estranhas
lugares de soidade
por defviar a vontade
15. de fuas dores tamanhas.
Nada podem valer manhas
a quem no mal tem ventura
e no bem tão pouco dura.
- Nunca me defenganei
20. na mudança dos lugares
fenão agora, que achei

25 T Pul-os. 26 B para. 29 T Consentiu. 30 T quizessem. 31 T poderam.

XIII. — T Outra. 7 T cheios. 8 T viu. 9 T extremo. 10, 22 T pezares. 12 T extranhas.

XIII. — 4. *natureza* = patria.

- que não mudei os peiares,
antes crecem a milhares,
e o bem de tão pouca dura,
25. que não fe chama ventura.

XIV.

- Nada quero, tudo engeito,
o maior bem m'aborrece,
o prazer me entristece,
e o viver, porque he fogeito
5. a quem d'elle affi fe esquece;
fe mouro, acaba o mal,
[fim não queria ver]
fe vivo, o padecer
d'esta dor he tão mortal,
10. que me não posso valer.

XV. OUTRA

Cafada fem piadade
vosso amor me ha-de matar.

- Nunca cessa a fantesia
nem afrouxa o pensamento;
5. fe espero algum bom dia,
então crece meu tormento,

XIV. — 2 B hem. T bem. 3 T prazer que me. 7 falta em T. 10 T não.

XV. — 1 T piedade. 2, 10, 18, 23, 26, 34, 42 B vosso. T vosso. 3 T fantesia.

XIV. — Na edição de Colonia esta estancia é a ultima da XIII composição. A sr.^a D. Carolina Michaelis observou na *Literaturblatt f. germ. u. rom. Philol.* (1894, n.º 8), que é uma composição á parte.

4. e o viver sc. me entristece.

7. Este verso, a que falta uma syllaba (a forma original era por ventura «tal fim» etc.) parece-me interpolado, sendo que enfraquece a antithese interposto entre os dois membros «se vivo — se mouro». Sem elle, a disposição das rimas dos quatro ultimos versos seria como a dos quatro ultimos da composição x. Não é muito facil porém explicar como viria metter-se aqui este verso, a não ser que fosse nota marginal humoristica que posteriormente se inserisse no texto.

XV — Cf. no *Canc.* de Rêsende III pag. 308 sgg. a composição «De Diogo de Melo, vindo d'Azamor, achando sua dama cafada»; ali vem o estribilho «cafada fem piadade | vosso amor m'aa-de matar». As composições XIV-XVIII referem-se todas ao mesmo assumpto e estão ligadas tão intimamente, que devem ser todas de um mesmo autor.

- e por mais me magoar
não credes minha vontade;
cafada sem piadade
10. voffo amor me ha-de matar.
- Quando cuido que acabais,
finto, no que vejo em mim,
que de novo começaes
huns cabos que não tem fim;
15. eu o não tenho em amar
sem vida e sem liberdade;
cafada sem piadade
voffo amor me ha-de matar.
- Se vos eu vira cafada
20. com quem vos bem conhecêra,
já em vos ver defcançada
algum defcanço tivera;
mas o voffo máo cafar
dobra minha fadade;
25. cafada sem piadade
voffo amor me ha-de matar.
- Como vos tão mal cafastes,
logo eu com mal andei;
como tão mal acertastes,
30. com nenhum bem acertei,
e por tão mal acertar
perdi vida e liberdade;
cafada sem piadade
voffo amor me ha-de matar.
35. Pera fempre vos cafastes,
pera fempre o fentirei;
e, pois no cafar errastes,
dai-me parte do que errei;
não vos engane o cafar,
40. pois não tolhe liberdade;
cafada sem piadade
voffo amor me ha-de matar.
- Se me ás vezes respondeis,
voffo «não posso» he «não quero»;

7 T magoar. 21 B defcançada. 22 B defcanço. 23 B máo. T máo. 27
T cazastes. 34 B me matar. T me hade matar. 35 B Para. 36 B para. 38
T dae. 40 T a liberdade. 44 T vosso: «nam posso e nam quero».

45. o que quero, não quereis;
affi que já defefpero,
defefpero d'alcançar
o que quer minha vontade;
caçada fem piadade
50. voffo amor me ha-de matar.

XVI. ESPARÇA

- Solteira foreis, fenhora,
vira-vos viver contente,
ainda que o eu não fôra,
fôra eu só o defcontente;
5. mas ver-vos mal empregada!
trifte de vós e de mi!
de vós, por ferdes caçada,
e de mim, porque vos vi.

RESPONDE ELLA

- O' enganofo cafar!
10. O' cafar cheo de enganoso!
Se eu tal pudera cuidar,
solteira fôra mil annos;
mas fui, triste, enganada,
com enganoso me perdi.
15. Inda m'eu veja vingada
de quem se vingou de mi.

D'OUTREM

- Se á do mundo cafareis,
já que o não fois á voffa,
eu penára e vós penáreis,
20. fôra igual a minha e voffa;
mas o voffo máo cafar
roubou minha liberdade;

50 B a. T ha.

XVI. — 2 B viramos. T vira-vos. 4 T só. 6, 16 B mim. 9 T Oh. 10
T oh. 15 B ynda. 18 T nossa. 20 B yqual. 20 T e a vossa.

46, 47. Cf. «fem vista tanto aborrece, | aborrece a quem padece» *Chrisfal*
xix 2-3.

XVI. — 1-2. *foreis* — *vira-vos* = se foreis — se vos vira.

20. *a minha e voffa* sc. pena.

fe não ufais piedade,
voffo amor me ha-de matar.

25. Pera quem tão malcontente
está de tal cafamento,
não era ao mundo nem á gente
em tirar-me de tormento.
Não me queirais maltratar,
30. pois fois certa de vontade,
que fe ufais crueldade,
voffo amor me ha-de matar.

DE HUA PESSOA A OUTRA

- Se vós viveis em trizteza,
eu vivo vida penada;
35. se chorais fer mal caçada,
eu choro voffa crueza.
Olhai minha fé em amar,
tratai-me com piedade,
que fe ufais crueldade,
40. voffo amor me ha-de matar.

- Bafte o mal que me fazeis
em vos ver tão descontente;
o voffo minha alma o fente,
o meu nem ver o quereis.
45. Não me queirais acabar,
pois vos dei a liberdade,
que fe fois sem piedade,
voffo amor me ha-de matar.

XVII.

Quero tanto a meu cuidado,
estimo tanto feu danno,

23, 31, 39 B ufais. T usais. 23, 38 T piadade. 24, 32, 40, 48 B a. T ha.
25 B Para. 26 B estaa. T está. 33 B en. T em. 37 B fee. 42, 44 B veer.
XVII. — T Outra.

27, 28. «em tirar-me de tormento» ha-de considerar-se fazendo as vezes de
sujeito de «era» (*era ao* = pertencia ao); cf. xvii 11 e a nota, e também uma ora-
ção de participio fazendo as vezes de sujeito no *Chrisfal* xxvi e xxvii.

30. Parece-me que deve ler-se «da (sc. minha) vontade».

45-48. Cf. «auey ora piadade, | pois que minha liberdade | estaa em voffo po-
der». *Canc. de Rêsende* iii 346, 25 sg.

que quero fer enganado
e não quero defengano.

5. Quero feguir afeição,
com que engane o deſſejo;
não quero já ver rezão,
— fe a quero, não na vejo —.
Affi quero a meu cuidado,
10. quero-o com feu engano,
porque em fer defenganado
o terei por mor engano.

- Antes do mal fer mortal
bem queria a meu cuidado;
15. jágora quero-lhe mal
por me ter em tal eſtado.
'Tem-m'o mal em tal eſtado,
que de não fentir meu danno
folguo com fer enganado
20. e não quero defengano.

XVIII.

- Se meus cuidados perdeſſe,
meus tormentos perderia;
fe já d'elles m'eſqueceſſe,
de mim lembrança teria.
5. O' quem d'elles fe eſquecêra
ou eſquecer eſperára!
Ditoſo quem os perdêra,
pois perdendo-os fe cobrára!

5 T a feiçam. 7 B veer. T ver. 9 B am eu. T a meu. 10 B quero ho.
T quero-o. 13, 19 B feer. T ser. 15 T já agora. 15 B quero olhe. T quero-
lhe. 17 falta em T. 17 B Temo mal. 18 T dano. 19 T folgo.

XVIII. — 1 B perdeſe. T perdesse. 3 B eſqueceſe. T eſquecesse. 5 T Oh.
8 B perdendo hos. T perdendo-os.

XVII. — 5. *afeição* contrapõe-se a *razão* (v. 7), e significa «voz do coração»; com esta significação occorre varias vezes no *Canc. de Rêsende*.

11. *em fer deſenganado* (= o ser desenganado) é representado novamente junto de *terei* pelo pronome *o*.

XVIII. — Foi a sr.^a D. Carolina Michaelis quem, na Revista allemã acima citada, notou ser esta uma composição á parte.

XIX. CANTIGA

Em desconto do meu mal
 não queria maior bem
 que não m'o faber ninguém.

- Do mal, que meu mal me deffe,
 5. menos pena fentiria,
 quando seguro estiveffe
 que meu mal ninguém sabia;
 consolação me feria,
 pera mal feria bem
 10. o não m'o faber ninguém.

XX. OUTRA

Espalhei a fantesia
 pera não poder cuidar;
 não a ouso de ajuntar
 pello mal que me fazia.

5. Via-me tão enleado
 de cuidados cada dia,
 que vi bem que me compria
 pôr em mim melhor recado.
 Por lho poder atalhar
 10. espalhei a fantesia;
 não a ouso de ajuntar
 pollo mal que me fazia.

XXI. OUTRA

Antre mim mesmo e'mim
 não fei que se alevantou,
 que tão meu imiguo fou.

XIX. — T Outra. 6 B estivefe. T estivese. 9 B para. 10 T nam no.

XX. — 1, 10 T fantezia. 4 T pelo. 7 T cumpria. 11 B ha. T a.

XXI. — 1 B em mim. R T e mim (R mym). 2 R faleuontou. 3, 7 B R ymiguo. T ynimigo.

XXI. — Esta composição é de B. Ribeiro; vem no *Canc. de Resende* III 541 sg.

- Huns tempos com grande engano
5. vivi eu meímo comiguo;
aguora no mor periguo
fe me defcobrio mor dano.
Caro custa hum defengano,
e, pois me este matou,
10. affaz caro me cuítou.

- De mim fou feito alheo,
antre cuidado e cuidado
está hum mal derramado,
que por meu grão mal me veo;
15. nova dor, novo arreceo
foi este que me tomou,
que tão meu imiguo fou.

XXII. CANTIGA

Pois tudo tão pouco dura
como o paffado prazer,
iffo me dá ter ventura
como deixá-la de ter.

5. Acaba-fe com a vida
juntamente o mal e o bem,
e quem maior dita tem
tem mais penada partida;
e pois he coufa fegura
10. que tudo fim ha-d'aver,
iffo me dá ter ventura
como deixá-la de ter.

- Nunca vi contentamento
durar em nenhum estado,
15. e vi dar muito tormento

4 R grand'engano. 5 B comigo. 6 R agora. 6 B maior. 6 T perigo.
T descobriu. R defcobre (descobre o?). 7 B moor. 8 B custou. R T custa.
8 T um. 8 R defenguano. 9 R poys m'este nam matou. 10 B afaz. T as-
saz. 10 R quam caro que me e. 11 B fou feito. R me fou feyto. 13 R B estaa.
14 R por mal grande me. 15 B door. T dor. 15 R rreçeo. 16 B matou. R to-
mou. 17 R affy me tem, affy estou.

XXII. — T Outra. 3, 11, 19, 27, 35, 43, 51 B yfo. T yssso. 3, 11, 19, 27,
35, 43, 51 B daa. 3, 11 T dá. 3, 4, 12, 20, 28, 36, 44, 52 B teer. 52 T ter. 8 T
pena da. 10 B a d auer. T hade haver.

- lembrança do bem passado;
pois magôa e pouco dura
a refega do prazer,
iffo me dá ter ventura
20. como deixá-la de ter.

- He tão breve em fi a vida,
que tudo lhe corresponde;
o prazer se nos esconde
ou tem breve despedida;
25. e pois são de pouca dura
a vida e o prazer;
iffo me dá ter ventura
como deixá-la de ter.

- A tristeza e o tormento
30. sempre vi em mim sobrejo,
e não vi contentamento
que não viesse a dessejo;
como a vida não he segura,
e dura pouco o prazer,
35. iffo me dá ter ventura
como deixá-la de ter.

- Toda a descrição confisite
em saber homem com cedo
que nenhum prazer faz ledo,
40. pois o ser da vida he triste;
se a vida não he segura
e os gostos não teem ser,
iffo me dá ter ventura
como deixá-la de ter.

45. Estilo da natureza
he, prazer vir de passada
e o pefar e a tristeza
fazer connosco morada;
e pois tão pouco segura
50. he a vida e o prazer,

21 T tão. 31 T não. 40, 42 B feer. 42 T ser. 45 T Estillo. 47 B pe-
zar. T prazer.

XXII. — 16. Este verso vem no *Chrisfal*, est. xx.

38. No português antigo é frequente «homem» com o valor do francês *on*.

40. *o ser da vida* = a vida na sua essência.

iffo me dá ter ventura
como deixá-la de ter.

XXIII. ESPARÇA

- Pellos prazeres paffados
desconfio dos presentes,
porque nunca vi contentes
fênão os desconfiados;
5. o que por menos fégura
tem a vida e o prazer,
tem o tempo e a ventura
fogeitos a feu querer.
- Nunca pus minha firmeza
em nenhum prazer mundano,
porque a propria natureza
dá de fi o defengano,
e quem por menos fégura
tem a vida e o prazer,
10. tem mais fogeita a ventura
pera tudo o que quifer.
- 15.

XXIV. CANTIGA

- Se m'as dais pera contar
de meus males algum ponto,
não fe pode conta dar
de contas que não tem conto.
5. As contas que fão de bem,
que de voffa mão vierão,
eftas conto e cabo tem;
as do mal nunca o tiverão;
nem eu prefumo contar
10. taes contas que não tem conto,
porque fe não pode achar
nellas cabo nem deconto.

XXIII. — 1 T Pelos. 9 T puz. 12 B daa. 16 B para. 16 T quizer.

XXIV. — T Outra. 1 B para. 3 T contas. 6 B mão. T mam. 10 B taes. T taes.

XXIV. — Parece que o presente de um «rosario» ou «contas» foi o que deu ocasião a esta poesia.

- Eu conto, mas nunca acabo
as contas de meu tromento
15. † pollas que tem cabo
fem fim no merecimento;
e pois não posso contar
nas voíllas o menor ponto,
muy vaom ferá conta dar
20. das minhas que não tem conto.

XXV. OUTRA

- Senhora, neffe amarelo
que trazeis, me certefica,
que he voffo fô o trazel-lo,
e meu o que íenefica;
5. que a dor do defesperar
he tanto mal de soffrer,
que não he pera paíllar,
quanto mais pera trazer!
- Mas ifto vai d'aquella arte
10. quando fe antre montes brada,
o toom he em hũa parte
e em outra he a pancada,
affi foi que a minha dor
moítrou em vós o final,

14 T do. 14 T tormento. 15 T teem. 19 T vão.

XXV. — 1 B Sêhora. T Señora. 2 T certifica. 3 T traze-lo. 1, 4 R Te
quy me pud'enganar, | mas agora que podeys | trazê-la cor do pefar, | pera mym
loo a trazeys. 5, 13 B door. T R dor. 5 T de. 6 T soffrer. 7, 8 B para. 9
B R yfto. 9 R d'aquel'arte. 10 R f'antre. 11 R thom. 12 B e em outra. R
em outro. 13 R qu'a.

15, 16. No verso 15 faltão duas syllabas. Será difficil sobremaneira descobrir
para o texto emenda segura; entretanto lembra-me ler: Pois aquellas que tem
cabo, | tem fim no merecimento.

19. Segundo já notei na edição de Christovão Falcão (pag. 93) *aom* é um
modo de representar o ditongo *ão*, assim como *oom* representa o som de *ão*.

XXV. — Esta poesia vem no *Canc.* de Rêsende (III 539) com a rubrica «De
Bernardim Ribeiro a hũa senhora que se viftio d'amarello». Sobre o sentido geral
da composição fallei a paginas 11 e 12 da minha edição de Christovão Falcão.

1-4. Parece-me inteiramente preferivel a variante da edição de Colonia.

2. *me certefica* = faz-se-me certo.

9-12. D'este simile aproveitou-se Heitor Pinto no *Dialogo da verdadeira ami-
zade* (cap. v), onde escreveu: «Affi como no eco, quando se bate antre montes, o
tom he em hũa parte, e em outra a pancada: affi nas adulações do lisongeyro o
tom he em vossos louvores, mas a pancada em seus intereffes».

15. porque ao menos na cor
vos lembráffeis do meu mal.

XXVI. CANTIGA

Enganofas esperanças,
pois fem rezão vos tomei,
com ella vos deixarei.

5. Tomei-vos por hum engano
d'algũa cor ajudado;
trouxestes-me affi enganado
hum anno após outro anno.
Tudo foi pera mais dano,
pois não vi o que esperei
10. e vejo o que arreceei.

- Quando vos tomei em vão
com errado penfamento,
falfas ereis e de vento;
não vos conheci então.
15. Pois vos tomei fem razão
com ella vos deixarei;
já nunca esperarei.

XXVII. CANTIGA

Quem vos viſſe e não cegaſſe,
affaz de cego feria;
quem perdido não ficaffe,
quão perdido ficaria!

5. Pera poder eſcapar
d'eſte cegar ou perder,
o remedio he não vos ver
ou não vos faber oulhar.

15 R porqu'ao. 16 R lembráſeys.

XXVI. — T Outra. 2 T resam. 3 T ellas. 6 B afim. T assi. 8 B para.
11 B vão T vam. 13 B falfos. T falsas. 16 B ellas.

XXVII. — T Outra. 1, 11 B viſe. T viſſe. 1, 11 B cegaſe. 2 B afaz de.
T aſſaz. 3 B ficaffe. 5 B Para. 8 B faber. T poder.

XXVII. — 2. «aſſaz de» ainda antes de adjectivos ou adverbios é corrente
no portuguez antigo, cf. «affaz de bem» *Canc. de Rêsende* II 19, 8.

10. Mas quem affi efcapaffe,
quão perdido ficaria!
quem vos viffe e não cegaffe,
fenhora, quão mal veria!

XXVIII. OUTRA

Mal empregada, fenhora,
sejaes vós em quem vos tem!
A minha alma por vós pena,
e a voffa não fei por quem.

5. Se vos eu vira empregada
como rezão requeria,
minha alma fe contentara,
padecera a pena minha.
Frol das frores escolhida,
10. esperança de meu bem,
a minha alma por vós pena,
e a voffa não fei por quem.

- Deixastes-me triste, fó,
no lugar d'onde vos vi,
15. de que ouvêreis d'aver dó,
já que o não tinheis de mim.
A minha alma fe confola
de perder tamanho bem;
tão mal empregada agora,
20. quão bem no he quem vos tem!

XXIX. OUTRA

Não paffeis vós, cavaleiro
tantas vezes por aqui,
que abaixarei meus olhos,
jurarei que vos não vi.

9 B efcapafe.

XXVIII. — 1 T empregado. 2 T sejaes. 4, 12 B vofa. T vossa. 4, 12 B nam. 4 T não. 14 T logar. 15 T do que houvêreis de aver. 15 B doo. 16 B tinheis. T tinheis.

XXIX. — 1 T cavalleiro.

9. Corresponde, quanto ao sentido, aos versos 2 e 12.
REV. LUSIT., VOL. IV, fasc. 2.

5. Se me quereis de verdade,
 não no deis a entender;
 folgai muito de me ver
 dentro na voffa vontade,
 merecei-me em soïdade;
 10. mas, fe paffais por aqui,
 pois não tenho liberdade,
 jurarei que vos não vi.

- Quem tanto mal por vós fente,
 não lhe deveis caufar mais,
 15. e, pois em minha alma eïtaes,
 não deis que falar á gente.
 Inda que estejais aufente,
 femp're vos vejo em mim;
 mas, fe mais vos vir prefente,
 20. jurarei que vos não vi.

XXX. CANTIGA

Não vive quem vos não vio,
 nem creio que pode fer
 ver-vos e poder viver.

- Quem na vida confentio
 5. sabendo ferdes nascida,
 não crea que teve vida,
 fe na vida vos não vio;
 e porê'm quem descobrio,
 fenhora, poder-vos ver,
 10. não ferá pera morrer.

6 B mo. 12 B jurarei. T jurarei. 15 T estais. 17 B ynda. 17 B este-
 jais. T nam estejaes.

XXX. — 7 T Outra. 1, 7, 20, 21 T viu. 2, 13 T creio. 4 T consentiu.
 8 T descobriu. 10 T seraa.

XXIX. — 5. de verdade = de veras.

6. Era ás mais pessoas que a dama não queria que elle desse a conhecer o
 seu amor (cf. o verso 16); não duvidei pois escrever no texto «nos». (A fórma do
 pronome é a mesma que em xxviii 20).

XXX. — Cf. «Que a vida, fsem vos ver, | nam he vida nem viver, | nem se
 deve chamar vida, | nem, fsem vós nam pode ffer, | que leixe de ffer perdida». *Canc.*
 de Rêsende, III 343.

1. Parece-me que a lição originaria era «viveo»; cf. vv. 18, 19.

4. na vida *confentiu* = consentiu em viver.

- E fabeis como ifto sei?
 porque despois que vos vi,
 eu creio que não vivi
 nem aguora vivirei;
 15. ora sei o que gånhei,
 que avia de morrer
 e ficava fẽm vos ver.

- Quem nesta vida viveo
 fẽm vos ver, não teve vida;
 20. quem vos vio, tem-na perdida;
 quem vos não vio, mais perdeo;
 mas o que fe atreveo
 ver-vos pera fe perder,
 não ouvera de morrer.

XXXI. CANTIGA

Ifabel e mais Francisca
 ambas vão lavar ao mar;
 fe bem lavão, melhor torcem;
 namorou-me o feu lavar.

5. Lavão com grande foffego
 fẽm fazer nenhum rogado;
 inda que o mar he crecido,
 fazião-no andar quedo;
 ambas postas num penedo
 10. lavão com doce cantar;
 fe bem lavão, melhor torcem;
 namorou-me o feu lavar.

- Vão-fe ao longo da praia
 afastadas do lugar;
 15. deitão a roupã enxugar

11 B yfto. 14 T agora. 15 B hora. T ora. 18 T viveu. 21 T perdeu.
 22 T atreveu. 23 B para. 24 T houvera.
 XXXI. — T Outra. 1, 17 B Yfabel. 3, 11, 19, 27, 35 B fellas. 3, 11, 19,
 27 T se. 3, 11, 19, 27, 35 T melhor. 5 B focego. 7 B ynda. 8 B fazianno.
 T faziam-n'õ. 9 B postas em um. T em hum. 14 T logar.

11. O dr. Th. Braga põe virgula no fim do verso.

XXXI. — 9. A graphia da edição de Colonia «um» em vez de «hum» é indicio, por si só, de não ser «em um» a lição originaria.

15. *roupã enxugar* é contracção de «roupa a enxugar»; de igual modo no v.

- á fombra de hũa faia;
 Ifabel encolhe a saia,
 Francisca deixà molhar;
 fe bem lavão, melhor torcem;
 20. namorou-me o feu lavar.

- Eu me achei no presente
 onde estavam escondidas
 e no penedo metidas
 lavando secretamente;
 25. mais quizera fer ausente
 que presente me achar;
 se bem lavão, melhor torcem;
 namorou-me o feu lavar.

- Lavão com lagrimas vivas
 todas as vãs esperanças,
 batem em desconfianças;
 ahi vos torcem as vidas,
 inda d'iffo mal servidas
 piores de contentar;
 35. fe bem lavão, melhor torcem;
 namorou-me o feu lavar.

XXXII. A. L.

Olhos, que vem o que veem,
 queria que mais não viffem,
 e com iffo me fogiffem
 pera mais não ver ninguém.

5. E d'aqui fe vão, fenhora,
 mais longe do que cuidais,

16 T huma. 25 T quizera. 25 B feer.

XXXII. — T A L. 1 T que vam ou que vem. 3 B yffo. T isso. 3 T fugissem. 4, 12 B para.

18 *deixà molhar* = deixa-a molhar. Outros exemplos d'esta orthographia phonetica vem a pag. 103 da minha edição de Christovão Falcão. O dr. Th. Braga escreve «roupa enxugar» e «deixa molhar».

21. *no presente* = ao presente, naquelle momento.

XXXII. — Como podendo estar representados pelas iniciais A. L., lembra a sr.^a D. Carolina Michaelis, na revista já citada, os nomes dos tres lyricos Antonio Lemos, Antonio Leitão, Alvaro de Lencastre.

1. *vem* e *veem* são duas graphias da mesma pessoa do verbo «ver». Quanto á maneira de dizer, cf. iv 10.

- onde já não verão mais
pello que virão agora.
Pois virão tamanho bem,
10. queria que mais não vifsem,
queria que me fogifsem
pera mais não ver ninguém.

XXXIII. OUTRA DO DITO

- Acabai, acabai já
meus cuidados, onde estais!
Pera que he cuidardes mais?
- Descuidar he a verdade,
5. pois cuidar não aproveita;
mas a vontade fogueita
não tem effa liberdade.
Desviando a vontade,
cuidados, fe em vós estais,
10. deixareis o que cuidais.

XXXIV. OUTRA DO MESMO

- Como ahi ouve bõos olhos,
ouve-os mãos pera mim
pera me ferem affim.
- He o mal dos bõos melhor
5. que dos mãos o maior bem.
Os bõos dão-me deffavor,
porque muito favor teem;
os mãos a mim não m'o dem,
que dos bõos que vos eu vi,
10. o mal quero pera mi.

7 B veram. T verão.

XXXIII. — T Outra. 3 B para. 4 T é.

XXXIV. — T Do mesmo. 1, 2 T houve. 2 B manos. T maus. 3, 10 B para. 5 B maõs. T maos.

XXXIII. — 4. a verdade = o verdadeiro, o que é de razão.

9. O dr. Th. Braga não põe pontuação nem antes nem depois de «cuidados».

XXXV. OUTRA

Não fabe quão bem parece,
o que he um grande bem
pera aquelles que a veem.

- Se de tamanha verdade
5. já tiveffe o defengano,
não vos veria no anno
hũa vez por piadade;
que feria crueldade
pera aquelles que a vem,
10. pois que não tem outro bem.

XXXVI. A HÛA SENHORA A QUEM DIXE HÛA VERDADE
QUE ELLA NÃO QUISERA

A verdade me matou;
o mentir me dera a vida,
fe já não fôra perdida.

- Hum contrairo outro cura;
5. eu com elle me curara;
pode fer que me matara,
mas tudo fôra ventura.
Ora o que fe me afigura
que me pode dar a vida,
10. minha alma não no duvida.

- A verdade embuçada
não oufa já parecer;
do risco que pode teer,
garde Deos noffa poufada;
15. não aproveita já nada,

XXXV. — 3, 9 B para. 5 B tivefe. T tivesse. 9 B vem. T veem.

XXXVI. — T huma. T quizera. 1 B maton. T matou. 2 T dera vida.
6 B feer. T ser. 11 T embuscada. 14 B deus. T Deos. 14 B nofa. T nossa.

XXXV. — E' provavel que esta composição tivesse originariamente uma epi-
graphie como «A hũa senhora».

1. *quão bem parece* = quão formosa é.

XXXVI. — 12. *parece parecer* = apparecer (que talvez fosse a lição origina-
ria, escrita a palavra com um só p).

antes faz perder a vida;
affi a tenho perdida.

XXXVII. OUTRA

Perdi a vista no mar
hindo meus olhos tras ella;
correo mais o deffejar
que a não que vai á vela

5. Affi que d'ella perdido
fico tal que a não vejo;
agora tenho sabido
que corre mais o deffejo.
Desque a perdi no mar,
10. cego na terra por ella;
defesperado de vel-la,
que posso já esperar?

XXXVIII. CANTIGA

Não me fei desesperar,
e, inda que tenha razão,
não m'o quer o coração.

- Não poderia viver
5. hũa ora sem esperança;
está muita confiança
veem de muito merecer;
não a queria perder,
que faria ao coração
10. muito grande femrazão.

XXXIX. OUTRA

Menina, pois fois fermosa,
não sejais despiadosa,

XXXVII. — 2 T indo. 2 T traz. 3 T correu. 4 T nau. 4 T vella. 11 T vella.

XXXVIII. — T Outra. 2 T rezam. 9 T fazia.

XXXIX. — 2, 7 T despiadosa.

XXXIX. — Cf. *Canc.* de Rêsende III 12-24, onde vem o 2.º verso.

- Que não parece razão,
tendo tanta perfeição,
5. que tenhais a condição
tão esquivada e desdenhada;
não fejaes despiadada.

- Por vós de mim esquecido
ando tão triste e perdido,
10. que tomara por partido
não vos ver fer tão fermosa,
vira-vos mais piadada

- Não sei já como vos veja,
que para meu mal não feja;
15. se rides, mataes d'enveja;
se por caso estais irada,
fois muito mais perigosa.

XL. OUTRA

Cuidados, se descuidais,
fazeis bem,
que aqui tendes quem os tem.

- Isto fô me falecia
5. a cabo de todo ter;
para me poder valer
grão cuidado me compria;
hum descuido d'um fô dia,

3 T Quem. 9 B triste perdido. 11 B veer. 14 B para. 15 B dem veja.
T d'enveja. 16 T acaso. 16 B yrofa. T irosa.

XL. — 1 T descuidados. 4 B Ysto. 5 B teer. 6 B para.

3. *Que* = porquanto; liga-se ao mote precedente; por isso não pus ponto final no cabo do 2.º verso. Cf. o principio da carta de Cicero a Lucio Valerio em *ad fam.*, I, 10.

12. *vira-vos* = se vos vira.

15. Que o copista, ou o compositor, pouco atilado, viu em *denuja* dois verbos *dem* e *veja*, mostra-o a letra *m* por *n*, e *v* por *u*. É um caso parecido com o de *de ledino* por *d'ele dino* no *Christal*, est. XLII; cf. também a composição XVII 15, 17, e XLIX 12.

XL. — 5. *tudo* = tudo.

8-10. O modo de dizer é inteiramente corrente e regular. Não resta, pois, quanto á metificação, senão suppor que o poeta contrahiu a primeira vogal do verso 9.º com a ultima do verso 8.º Não será caso sem exemplo na nossa poesia archaica.

- a que fe os meus cuidados dem,
10. ficarão sem quem os teem.

XLI. OUTRA

- A cabo de tantos annos,
quando cuidei descançar,
em galardão de meus danos
querem-me defenganar.
5. Pude com meu mal té qui,
de meu engano ajudado;
agora, triste de mi,
que farei defenganado?

- Se lembranças me deixarão,
10. pudera eu meu mal deixar;
fe coufas se não mudarão,
descanço fôra cuidar.
Pois tudo se muda affi,
e eu não fei fer fô mudado,
15. camanha perda perdi
em perder-se-me o cuidado!

- Todo o bem dura hum momento,
o mal he de todo anno;
por breve contentamento
20. grande tempo grande engano.
Foi-s'o engano e deixou
o mal da vida que figuo;
affi que quem me matou
trago eu sempre comiguo.

9 B a que feos meus cuydados dem. T que a seus meus cuydados dem. 10 B ficaram. T ficarão. 10 T tem.

XLI. — 2 B descançar. 5 B a te. T até. 7 B mim. 9 B lembranças. T lembranças. 12 B descanço. 13 B affim. 17 T Todo bem. 21 B Foy do engano. 22 T sigo. 24 T commigo.

XLI. — E' uma glosa da cantiga de Dom Rodrigo Lobo, que vem no *Canc. de Resende* III 360, senão que tem tres versos differentes. A cantiga é: «Querem-me defenguanar: | que farey defenguanado? | descanço fora cuydar, | f'y nam ouuera cuidado. | Grande tempo grande engano | trouxe eu mesmo comiguo, | leuou-m'o hum defengano, | fiquey eu ffoo no periguo. | Todo o tempo de folguar | para mym he escufado, | cançado ffo de cuidar | da parte de meu cuidado.

9. *deixarão* = tivessem deixado.

21. Cf. XLIII 20, que justifica a correcção que fiz no texto evidentemente errado.

25. Hum cuidado que eu prantei
de que agora colho o dano!
tudo o que tinha empreguei,
e levou-m'o hum defengano;
e, porque do meu tormento
30. mais que de mim fui amigo,
por salvar hum pensamento
fiquei eu fô no periguo.

- Fico affi esperando a fim
que meu mal me quifer dar,
35. que paffou já pera mim
todo o tempo de folgar.
Mas, pois affi foi servida
quem m'o fô pode ter dado,
esperar mais nesta vida
40. pera mim he escufado.

- Minhas juftas esperanças
derramou-m'as hum pesar;
eu não cuido nas mudanças,
canfado estou de cuidar
45. Neste mal tão sem conforto
d'isto fô fou confolado,
que muito ha que fou morto
da parte de meu cuidado.

XLII. CANTIGA

Antre tamanhas mudanças
que coufa terei fegura?
duvidofas esperanças
tam certa defaventura!

5. Venhão efes defenganos
do meu longo engano e vão,
que já os tempos e os annos
outros cuidados me dão;

27 B empreguei. T empreguei. 28 T levou-me. 30 T amigo. 32 T peri-
go. 34 T quizer. 35, 50 B para. 38 T que. 38 B teer. T ter.
XLII. — T Outra. 1 T camanhas. 5 R defenguanos. 6 R enguano.

46. *d'isto* (a que se liga como apposto explicativo «que muito ha que —») =
com isto.

XLII. — E' de B. Ribeiro; vem no *Canc.* de Rêsende III 540.

10. já não fãõ pera mudanças;
mais quero hũa dor segura;
vã crer as vãas esperanças
quem não fabe o que aventura.

XLIII. OUTRA

Com quantas coufas perdi,
ainda me confolára
fe me a esperança ficara;

5. Mas parece que fabia
defaventura ou mudança,
fe me ficaffe esperança,
o bem que me ficaria.
Tornou-fe-me em noute o dia;
quem tanto bem me outorgara
10. que ao menos me enganara!

- Tudo me defemparou;
defemparado de mim,
cuidado que não tem fim,
este fô me não deixou.
15. De mim nada me ficou,
e a vida me não leixara,
fe m'ella affi não ficara.

- Fui tanto tempo enganado,
quanto compria a meus dannos;
20. agora vão-fe os enganões
que comprião a meu cuidado.
Tudo do que era he mudado;
fe me tambem eu mudara,
quantas mágoas qu'atalhara!

9 R T fou. 9 B para. T pera. 10 T mais que huma. 10 B door. T dor. 11 B vaa. T vá. R crellas. 11 T vans. 12 B que em aventura. T que aventura.

XLIII. — Não vem em T. 3 R m'esperanca fiquara. 6 R fyquaí'esperança. 7 R fyquaria. 8 R noyte. 9 B que. 9 B me otorgara. R m'outroguara. 10 enguanara. 14 R leyxou. 15 R fiquou. 16 R a vid'aynda me leyxara. 17 B melle. R m'ela. 17 R fiquara. 18 R enguanado. 19 R comprio. 19 R dannos. 20 R enguanos. 21 R compria a meu cuidado. B compriam a meus cuydados. 22 R qu'era. 23 R m'eu tambem fôo mudara.

XLIII. — E' de B. Ribeiro; vem no *Canc. de Rêsende* III 542.

XLIV.

- De esperança em esperança
 pouco a pouco me levou
 grande engano ou confiança,
 que me tão longe deixou.
5. Se me isto tomara outrora,
 cuidara de ver-lhe fim;
 mas que ei-de cuidar jágora
 sem esperança e sem mim?

XLV.

- Chegou a tanto o meu mal,
 que não sei estar sem elle
 e fujo donde á hi al,
 como se fugisse d'elle.
5. Mas vendo-me em tal estado,
 que me vou claro matar,
 não quero mais que o cuidar,
 por ver f'enfado hum cuidado
 que me não pode enfadar.

XLVI. OUTRA

Cuidados do meu cuidado,
 quando me aveis de deixar
 pera tanto não cuidar?

XLIV. — Não vem em T. 1 R D'esperança. 3 R grand'engano. 4 R leyzou. 5 m'isto. 5 B outra hora. 7 R qu'ey. 7 B jaagora. R jagora.

XLV. — Não vem em T. 1 R tanto meu. 2, 4 R ele. 3 R fugo. 3 B donde ay. R dond'a hy. 6 R craro. 7 R que cuidar. 8 B ver de perder cuydado. R. ver f'emfado hum cuydado. 9 R pod'emfadar.

XLVI. — Não vem em T. 1 B Cuydados dos meus cuidados. R Cuidado, tam mal cuidado. 2 R m'aveys de leyxar. 3 B para tanto mal. R pera tanto nam.

XLIV. — Na edição de Birkman a composição XLIV e a XLV são continuação da composição XLIII; o *Canc.* de Rêsende, porém, (III 541) trá-las como poesias á parte, de B. Ribeiro, tendo cada uma d'ellas por epigraphe: «Outra esparça sua».

XLVI. — E' de B. Ribeiro; vem no *Canc.* de Rêsende III 543, 544. 1. Cf. XLVIII 8. A' lição do *Canc.* de Rêsende serve de commentario o verso 16.

- Com meu mal vos fofreria,
 5. fe, antes d'a vida perder,
 cuidaffe ainda de ver
 algũa hora em hum só dia;
 mas tudo o que eu mais queria
 já se foi pera lugar
 10. donde o não deixão tornar.

- Forão bemaventurados,
 não conhecêrão mudança,
 os que na mór esperança
 forão da vida levados;
 15. não tiverão os cuidados
 que se não podem cuidar
 e muito menos leixar.

- Eftá a vida, que foi minha,
 tal, que vel-la he crueldade;
 20. hum modo de piedade
 feria matar-me afinha.
 De quanta esperança eu tinha
 não pude hũa só falvar,
 e vivo e ei-de cuidar!

XLVII. ESPARÇA

- Tudo feu tempo ha-de ter;
 que vos pefe do meu dano
 não pode deixar de fer
 pello tempo e pello anno.
 5. Senhora, oulhai se me engano.
 Camanho engano feria,
 pois vos quero de maneira
 que não pode vir este dia.

5 R f'antes. 6 B cuydaffe. R cuydays. 6 B ainda veer. R aynda de ver.
 7 B hora em hum foo. R ora d'um. 8 qu'eu. 9 B para lugar. R pera hum lu-
 gar. 10 B ho nam deixam. R nam pode. 13 B moor. 18 B Esta. R Esta a.
 21 B matarme azinha. R matarm'afynha. 22 R quant'esperança.

XLVII. — Em T não traz epigraphe, mas está separada do antecedente por
 um traço. 1 B feu. T em. 1 B teer. 2 T de. 3 T não. 5 B oulhay. T olhay.

XLVII. — O dr. Th. Braga, que muda no primeiro verso «feu» para «em»,
 não põe pontuação depois de «teer», mas sim virgula depois de «dano». Eu consi-
 dero o segundo verso sujeito de «não póde deixar de ser».

- tão cedo como eu queria,
10. nem tão tarde que o não queira!

XLVIII. OUTRA

Doude ei meu mal de pôr?
Cuidados, que eu fui tomar,
querei-me ora deixar.

- Tudo foi, parece, engano,
5. e eu fui o enganado;
acabado he este dano
noutro maior começado.
Cuidados de outro cuidado,
fe vindes a me acabar,
10. cedo avereis de tornar.

- Por hūas vāas esperanças,
em que eu já tanto esperei,
vi depois tantas mudanças,
que a meu mal conta não sei.
15. Cuidados que eu não cuidei,
dizei-me fe ei-de cuidar
que aveis tambem d'acabar.

XLIX. OUTRA

Cuidados, affi vos quero
que sejais defesperados,
quero-vos pera cuidados.

- Tempo foi, que nunca fôra,
5. quando com outra esperança
toda minha confiança

10 B nã. T não.

XLVIII. — 10 T havereis. 11 B hūa. T humas. 14 T conto. 15 T nam
o cuydei. 16 B ey de cuidar. T heyde cuydar. 17 T haveis. 17 B da cabar.
T de acabar.

XLIX. — 3, 10, 24 B para.

XLVIII. — 1. O dr. Th. Braga põe virgula no fim do verso.

4. O dr. Th. Braga pontua "Tudo foy, parece engano,".

XLIX. — 4. Já fallei d'este verso na minha edição de Chr. Falcão em nota
à estancia 19.

- pus em vós fô por hũa hora.
Muito mais vos quero agora,
porque fois defesperados,
10. quero-vos pera cuidados.

- Não vos quero por vãa gloria
de ter-vos; ainda que a tenho,
comiguo qua fô vos tenho,
de mi a mim fô faço historia;
15. pus-vos na minha memoria,
donde nunca outros cuidados
forão tão defesperados.

- Cuidados, affi vos quero;
o que tenho dou a vós fós;
20. defesperados foes vós,
eu fou o que defespero;
vinde, que affi vos espero;
quanto mais defesperados
quero-vos pera cuidados.

L. OUTRA

Mandais que leixe cuidados,
senhora; mas, fe os tomei
por vós, como os deixarei?

- Sobre mim, desque vos vi
5. nunca me ficou mais poder;
fe mandais, tornai-me a mi
e verei fe pode fer;
ainda que, fe em meu querer
ha-de ficar, eu não fei
10. de vós pera onde me hirei.

7, 15 T puz. 7, 13, 14 T só. 7 T huma. 11 T vã. 12 B deteruos. T
deter vos. 13 T commigo. 13 B os. 14 B de mim. 19 B fcos. T só. 20 T
sois de vós.

L. — 7 B virei. T verei. 7 B per. 10 B para. 10 T onde hirei.

7. *fô per hũa hora*. Cf. «Mal quero per hum soo dia | a todo outro dia e tem-
po». B. Ribeiro, sextina a fol. 150 da edição de Colonia.

13. A lição *os* (note-se que não está escrito *hos*) é evidentemente errada, pois
que o poeta falla directamente com os cuidados.

19. O poeta ou contrahiu *dou a* em uma só syllaba, ou fez uma só syllaba
metrica da ultima syllaba do verso 18 e da primeira do verso 19.

TRADIÇÕES POPULARES DIVERSAS

I

OS SANTOS ADVOGADOS

a) Mez de Janeiro :

- Dia 1 Santo Alfredo, — advogado contra a cólica e contra a dôr de pedra.
- 3 S. Genoveva, — adv. contra a lepra.
 - 6 Ss. Gaspar, Belchior e Balthasar, — adv. contra os accidentes epilepticos e contra os perigos de caminhos.
 - 7 S. Tillon, — adv. contra as febres.
 - 10 S. Gonçalo de Amarante, — adv. contra as dôres das pernas; casamenteiro das velhas, e patrono dos tosadores.
 - 15 S. Amaro, — adv. contra os achaques de pernas e braços.
 - 17 S. Antão, — adv. contra a erysipela, e patrono dos almocreves, atafoneiros e cordoeiros.
 - 18 S. Margarida de Hungria, — adv. contra os males da garganta.
 - 20 S. Sebastião, — adv. contra a peste, fome e guerra, e patrono dos marceneiros.
 - 22 S. Vicente, — adv. contra as bexigas, e padroeiro de Lisboa e do Algarve; S. Anastacio, — adv. contra as doenças de qualquer genero.
 - 23 S. Raymundo de Peñafort, — adv. contra as febres.

b) Mez de Fevereiro :

- Dia 1 S. Ignacio, — adv. contra os males de coração.
- 2 N. Senhora das Candeias, — patrona dos alfaiates.
 - 3 S. Braz, — adv. contra as doenças de garganta.
 - 5 S. Agueda, — adv. contra as dôres nos peitos e contra os incendios; o Beato Jacobo de Sales, — adv. contra a asthma.
 - 9 S. Apollonia, — adv. contra as dôres de dentes.
 - 11 S. Lazaro, — adv. contra a lepra.

c) Mez de Março :

- Dia 8 S. João de Deus, — adv. contra a lagarta.
- 10 S. Job, — adv. contra a lepra.

- Dia 12 S. Gregorio, — adv. contra as dôres de estomago e de garganta.
- 19 S. José, — protector da Egreja e adv. para alcançar de Deus boa morte; patrono dos carpinteiros e dos pedreiros.
 - 21 S. Bento, — adv. contra as mordeduras de insectos venenosos.

d) **Mez de Abril:**

- Dia 2 S. Francisco de Paula, — adv. da successão masculina e de agua nos logares sêccos.
- 5 S. Vicente Ferrer, — adv. contra as dôres de cabeça.
 - 14 S. Pedro Gonçalves Telmo, — adv. contra os perigos do mar.
 - 23 S. Jorge, — defensor do Reino, e patrono dos barbeiros e armeiros.
 - 29 S. Pedro, martyr, — adv. contra a pedra que destroe as sementeiras.

e) **Mez de Maio:**

- Dia 1 S. Segismundo, — adv. contra as dôres quartãs.
- 2 S. Flaminia, — adv. contra as doenças d'olhos.
 - 6 S. João *ante portam latinam*, — patrono dos livreiros.
 - 16 S. João Nepomuceno, — adv. da boa fama; S. Ubaldo, — adv. dos energumenos.
 - 18 S. Venancio, — adv. contra as quedas.
 - 22 S. Quiteria, — adv. contra as mordeduras de cães damnados.
 - 25 N. Senhora da Encarnação, — patrona dos esparteiros.
 - 26 S. Filippe Nery, — adv. contra o mal dos olhos e dos ouvidos.

f) **Mez de Junho:**

- Dia 3 S. Ovidio, — adv. contra o mal de ouvidos.
- 8 S. Syria, — adv. contra as febres.
 - 11 S. Onofre, — adv. contra as febres.
 - 12 S. João de S. Facundio, — adv. contra as discordias domesticas.
 - 13 S. Antonio, — deparador das cousas perdidas, e casamenteiro.
 - 15 S. Abrahão, — adv. contra o demasiado chôrro das creanças.
 - 17 S. Manoel e seus Irmãos, — adv. da paciencia.
 - 18 S. Calogero, — adv. contra o mal das hernias e tentações do demonio.
 - 24 S. João Baptista, — adv. contra as dôres de cabeça, e casamenteiro.
 - 25 S. Tude, — adv. contra a tosse.
 - 29 S. Pedro, — patrono dos curtidores.
 - 30 S. Marçal, — adv. contra os incendios.

g) Mez de Julho :

- Dia 5 O Bemaventurado Miguel dos Santos, — adv. contra os can-
cros e tumores.
- 22 S. Platão, — adv. e libertador de captivos.
 - 23 S. Apollinario, — adv. contra as quebraduras; S. Liborio, —
adv. contra a dôr de pedra.
 - 25 S. Christovão, — adv. contra o fastio; S. Tiago, — adv. con-
tra os perigos da guerra.
 - 28 S. Anna, — adv. contra a esterilidade dos casados.
 - 29 S. Martha, — adv. contra a lagarta e pulgão das vinhas.
 - 31 S. Ignacio de Loyola, — adv. contra os partos perigosos.

h) Mez de Agosto :

- Dia 4 S. Domingos, — adv. contra as febres.
- 7 Alberto, — adv. contra as sezões.
 - 9 S. Romão, — adv. contra as mordeduras de cães damnados.
 - 10 S. Lourenço, — patrono dos navegantes, e adv. contra os in-
cendios.
 - 16 S. Roque, — adv. contra a peste.
 - 17 S. Mamede, — adv. contra a falta de leite nas mulheres que
criam.
 - 24 S. Bartholomeu, — adv. contra o medo.
 - 30 S. Fiacrio, — adv. contra os cancores.

i) Mez de Setembro :

- Dia 8 A Virgem Nossa Senhora, — patrona dos cereeiros; S. Adrião,
— adv. contra a peste e quebraduras.
- 10 S. Nicolau Tolentino, — adv. contra as sezões terças.
 - 12 S. Justa, — patrona dos oleiros.
 - 24 N. Senhora das Mercês, — patrona dos pasteleiros.
 - 29 S. Miguel Archanjo, — patrono dos boticarios e sombreireiros.
 - 30 S. Jeronymo, — adv. contra os raios.

j) Mez de Outubro :

- Dia 8 S. Brigida, — adv. contra as dôres de cabeça.
- 10 S. Francisco de Borja, — adv. contra os terramotos, e padroeiro
do Reino e Conquistas.
 - 13 S. Eduardo, — adv. contra a gotta coral e desmaios.
 - 19 S. Pedro d'Alcantara, — adv. universal para conseguir o que
lhe pedirem.
 - 20 S. João Cancio, — adv. contra as febres.
 - 24 S. Raphael Archanjo, — adv. dos enfermos e caminhantes.

Dia 25 S. Crispim e S. Crispiniano, — primitivos padroeiros de Lisboa, e patrono dos sapateiros.

- » 31 S. Quintino, — adv. contra a surdez e mal de ouvidos.

k) Mez de Novembro:

Dia 3 S. Clemente, — adv. contra os naufragios.

- » 4 S. Carlos Borromeu, — adv. contra a peste.
- » 10 S. André Avelino, — adv. contra a apoplexia.
- » 11 S. Martinho, — patrono dos bebedos.
- » 24 S. Romão, presbytero, — adv. contra os perigos d'agua.

l) Mez de Dezembro:

Dia 4 S. Barbara, — adv. contra trovões e raios, e patrona dos artelheiros.

- » 6 S. Nicolau, — adv. das donzellas pobres e desamparadas.
- » 8 N. Senhora da Conceição, — Padroeira do Reino e Conquistas, e patrona dos correios.
- » 13 S. Luzia, — adv. contra as doenças de olhos.
- » 23 S. Servulo, — adv. contra a paralytia.
- » 27 S. João, apostolo e evangelista, — adv. contra o veneno, e patrono dos typographos.
- » 31 S. Silvestre, — adv. contra os perigos de caminhos.

II

AMULETOS

1. Pedra (sic) do coração do touro

«A pedra que se acha no coração do touro velho, e silvestre, trazida ao pescosso, he boa para dor de figado». — (Dr. Francisco da Fonseca Henriques. — *Ancora Medicinal*, edição de 1731, pag. 61).

2. Ponta da cabra

«A mesma ponta (da cabra) posta de baixo do travesseiro, do que não póde dormir, deitando-se sobre elle, lhe causa sono, se he certo o que diz Aldrovando». — (Ibidem, pag. 97).

3. Pelle, pé e mão do veado

«A sua pelle, a o pé, e mão direitos (do veado), pregados na porta de qualquer casa, prohibem que per ella entre algum animal venenoso, se he certo o que por lição de Galeno escreve Aldrovando. ». — (Ibidem, pag. 104).

4. Pés de lebre, cabeça da melra

«Os pés da lebre, e a cabeça da melra trazida no braço esquerdo fazem os homens audazes, atrevidos, e capazes de tratarem grandes negocios, se he certo o que diz Aldrovando. 1». — (Ibidem, pag. 108).

5. Coração de cotovia

«O coração da cotovia tirado estando viva, engastado em alguma cousa, e atado na perna esquerda, he remedio de que usavão os de Thracia para dores de colica, segundo refere Alexandre Tralliano». — (Ibidem, pag. 137).

6. «Pedra» da cabeça do solho

«A pedra que se acha na sua cabeça (do solho) tem virtude para as dores de cabeça, trazida ao pescosso, e para os achaques de pedra, e arêas, tomando-a em pó». — (Ibidem, pag. 147).

7. Dentes de lampreia

«Os seus dentes (da lamprea) dependurados ao pescoço dos meninos lactantes, preservão-nos do trabalho da dentição, porque lhes sahem os dentes sem tantas dores». — (Ibidem, pag. 152).

8. «Pedra» da cabeça de corvina

«As pedras que se achão na sua cabeça (da corvina), são excellentes para as dores de colica; e em França, diz Ballonio, que se vendião engastadas em ouro, e que lhe chamavão *Pierre de colique*; porque trazidas ao pescoço não só curavão as dores de colica, mas preservavão de que já mais repetissem». — (Ibidem, pag. 158).

9. Dentes de sargo

«Os dentes deste peixe (do sargo) trazidos ao pescoço preservão os dentes de dores, e corrupção; se he certo o que diz Kiranide. 1». — (Ibidem, pag. 170).

10. «Pedra» da cabeça do mugem

«A pedra que se acha na sua cabeça (do mugem), tem virtude para os achaques de pedra, e areas, assim como todas as pedras, que se achão nas cabeças dos maes peixes». — (Ibidem, pag. 173).

11. Olhos do caranguejo

«Os olhos do caranguejo trazidos ao pescoço curão os olhos lipitudinosos». — (Ibidem, pag. 183).

12. Cabeça do caracol

«A cabeça de hum caracol cortada, depois de haver pastado o rocio da manhã, trazida ao pescoço, dentro de qualquer cousa, cura as dores de cabeça; se he certo o que escreve Marcello Emyrico». — (Ibidem, pag. 189).

13. Pernas de tartaruga

«As suas pernas (da tartaruga) metidas em huns saccos de pelle de cabrito, preservão de gotta arthetica (sic), trazendo-as nas partes em que costuma repetir». — (Ibidem, pag. 190).

III

O ALMOCREVE E O CÁGADO

(CONTO)

D' uum' áccâasiã' viinh' uum álmocréev' e incontrô uum cáagado nuuma riibêera sêcca, e diisse p'r'ó cáagado: — Que desfal'ciid' estáas! E o cáagad' dêetô a pōontiinha da cabêeq' ó de fôora. E êel', cōondoiide, mōontô-o eim riiba dâa cáarga. Chiigãand' â ôotra riibêera dêetô' â água. E o cáagado diisse p'r'ó álmocréevi: — S' alguu- ma vêes te viir's affliiete nâa passáage déesta riibêera, bráada p'lo rêe dos cáagades, que sōo êeu. Passáado tēempo vêe' o álmocréevi passáa a riibêer' e â água luuvôo e êel bráadô p'l'o iêe dos cáagados. E o rêe dos cáagados diisse-l': — Ágáarra-t' a miim. E êel' subii' p'r'âa ciima da cōoncha. Diisse-l'o álmocréev': — Antã' nã me lêevas a bōordo? E êel diiss': — Iispéer', dêexe vêer o que diizem os máas alimáaes. Iindo p'lo cēentre da riibêer' ôolhô o cáagad' e vii' uum câvâall'. Diisse-le: — Caváall', com que se páag' uum beim? — Com uum máal', arrespoondê' o caváal', porquêe, câand'êe éera nōov' o mê dōon' estiimávã-m' âliimpávã-m' e dâava-me bōoas reçoões, e agóora, que jáa sōo véeilh', dêetōom' â mñarziia. Depōos o cáagade câamiinhô p'r'âa diáant' e incōontrô uum bōoi e diisse-le: — O' bōoi, com que se páag' uum beim? — Com uum máali, porqu' o mê dōone, câand' êe éera bōom bōoi, 'stimávã-me, dâava-me bōom pēenso, e depōos prãantô-m' a ingoordári, p'r'âa quêe? p'r'â iir a morrêeri. Depōos diiss' o cáagado: — Vêes o que diiz êeste tãamēen? E tuurnô câaminhãande riibêer' âbáaxo. Máas adiãant' incontrô 'mã rapōosa. Depōos prêeguntô âa rapōosa: — Rapōosa, com que se páag' uum beim? E a ra-

pôosa diisse-le: — Nãa te precêebo, chêega-te cáa máas p'r'óo péi. Depôos tuurnô-l' â préeguntári: — Com que se páag' uum beim? Tuurnô-l' a respoondeer' â rapôosa: — Nãa te precêebo c'o baruulhe d' áágua, chêega-te cáa máas p'r'óo péi. A pñontos que chiigô o cáagad' áa bêera da riibêer' e o álmocréevi puulôo p'r'áa téerra. E depôos fãaz o sê cáalc'l' e mãarchô. Nãa 'stráad' incontrô 'mã rapôosa móort' e diisse: — Cñotáada! aquíi â matáaron os cáaçadôor's. Depôos tuurnô â cáamiinháari. Máas adiãant' incontrô ôotra rapôosa tãamêen móorta nãa 'stráada. Aquíi fêez o enduviidu' o sê cáac'l' e disse: — Hóome! numa lá ábáax', ôotra cá â ciima! êe vô â 'sfoláal-as, porqu' o diinhêer' dâas péell's séerve-me p'r'â m' áliimêentáari. Nãa! Vóolt' átráaz a buuscár' â péell' daquéella que vii priimêero, ó depôos tuurnarêe a viir buuscáar' a péell' d'êesta. O' têempo que chiigô â priimêera, prãantô-a ãin pñontos d'â 'sfoláari. O' têempo qu' ii' â mettêer' o biique da s'â naváalha nãa péell' da péerna dâ diitta rapôosa, éella dêel-l' uum sáalt' e diisse-le: — Jáa vóocêe se nã lêembra de q' acãa-bêe d' o sáalváar, sêe ingrãato?!

Sêeje Dês lôovãado, stãa o mê cñont' acabãado.

(Recolhido em Villa-Boim, concelho d'Elvas).

IV

SEMELHANÇA DOS DICTADOS TOPICOS

Se verdadeiramente nos surprehende a similaridade dos proverbios nas diferentes nações do mundo, — a ponto de Vico interpretar esse facto como consequencia de um estado social primitivo, de que os proverbios são a ultima sobrevivencia, — muito mais de estranhar é que os apodos locais, e os dictados topicos, tenham a mesma similaridade e universalidade, como vamos fazer conhecer com alguns exemplos.

1) Os naturaes da cidade de Elvas são apodados de *haverem semeado sardinhas na costa de Villa-Fria* (abas da cidade); — e os naturaes de Flourance (em França) são apodados de *haverem semeado aiguilles* (*agulhas*, peixe do mar), na esperanza de que se multiplicariam como o trigo. Eis o apodo gascão reduzido a dictado:

Gens de Flourenço saumayres d'agulhos.

(Apud M. JEAN-FRANÇOIS BLADÉ — *Contes et Proverbes populaires recueillis en Armagnac*. Paris, 1881).

2) Um dictado topico referente a Villa Boim (concelho d'Elvas)

Villa Boim,
Terra bôa e gente ruim.

Cfr. em França:

Sempesèrro ¹
Machantos gens e bouno térro.
(Ibidem).

3) Dictado topico referente aos habitantes da aldeia de Santa Eulalia de Tenões (concelho de Braga):

Santa Eulalia de Tenões,
São 29 fregueses,
E com o abbade .
São 30 cabrões ².

Cfr. em França:

- a) Landeboulou ³
Autant d'maisons que de coucous.
b) Le Plessis-Balisson ⁴
Où 'y a p'us d' cocus que d'maisons.

(Apud PAUL SÉBILLOT — *Littérature orale de la Haute-Bretagne*. Paris, 1881).

A. THOMAZ PIRES.

¹ *Sampessere, commune de l'arrondissement de Lectoure (Gers) canton de Miradoux.*

² [Indo eu uma vez de Guimarães para Braga, ouvi um dictado semelhante:

S. Martinho de Leitões
Vinte e nove fregueses
E trinta ladrões...

que é mais conciso que o primeiro, e por isso mais mordaz. — J. L. DE V.J.]

³ *Village des environs de Dinan.*

⁴ *Commune du canton de Plancoët.*

MISCELLANEA

I

LINGUAGEM POPULAR DE LIGARES

Esta aldeia fica no concelho de Freixo-de-Espada-à-Cinta. Entre muitas particularidades que a gente d'esta aldeia usa quando falla, notarei as seguintes, como amostra da linguagem local.

PHONETICA. — O *e* é aberto em: *percébo*, *conhéço*, etc. O *o* é aberto em *mórto* e *óbo* (ovo), etc. Diz-se: *Piães* = Poiães; *xustro* = susto; *Intónho* = Antonio; *Ingelca* = Ângelica; *afête*, enfeite; *mũ* = mui, ex. «*mũ* guapo»; *drento* = dentro; *Vences* = Wenceslau; *manhé* = manhã; *álvia* = alva; *crelgo* = clérigo; *Saviél* = Xavier; *ó* = ao, ex. «fui *ó* Doiro». O *ch* tem o valor de palatal surda explosiva (quasi *tx*): *chapeu*, *chefe*. O ditongo *eu* condensa-se em *é* nestas expressões: *mé* pai, *tê* filho, *sé* tio, *é* percebo. O ditongo *ei* condensa-se em *ê*: *azête*, *amê-te*.

MORFOLOGIA. — A segunda pessoa do singular acaba em *-s*, no preterito perfeito do indicativo, por analogia com os outros tempos: tu *ralhastes*, tu *deixástes*, tu *vistes*, etc. — Os verbos *fazer* e *trazer* fazem na 3.^a pess. sing. do pres. indic.: *fai*, *trai*. — Os verbos *vir*, *ter* e *pôr* fazem no plur. (3.^a pess. do pres. indic.): *venem*, *tenem*, *ponem*. — *Ê* já fez, *ê* já estêve; *andeve*, *andivestes*, *andiveram* (preter. perf.); *ê* mido (meço), *ê* pido (peço); elle *quijo* (quis), elle *dixo* (disse).

Em vez de *lhe*, diz-se *le*: *canta-le*, *trá-le*.

A fórmula familiar *senhor* substitue-se vulgarmente por *tio* ou *ti*: *ti Intónho*, *ti Zé*.

Diz-se muito *àgora* por *não* (em emphase). Ex.: «Fostes *ó* Doiro?» — «*Àgora!*»

VOCABULARIO:

Alecráia, escorpião.

Argonar, apanhar hortaliças no campo.

Carava, companhia, ajuntamento, reunião.

Edra, hera.

Milgrada, romã.

Pexêgo, pêssego.

Sandimento, descimento.

Como Ligares está proximo da Hespanha, não só muitos dos Ligareses fallam correntemente castelhano, mas mesmo tem no seu vocabulario commum vários termos vindos d'além da fronteira, como *hermano* (irmão), *piára* (rebanho), *aricar* (lavar a terra para os trigos), *almendruco* (amendoazinha), *carava*, etc.

P. JOSÉ AUGUSTO TAVARES.

II

ROMANCE POPULAR DE D. CARLOS

I

1. — Deixe-me, ó Senhor D. Carlos,
Que me quero ir lavar:
Naquelle tanque de agua
Me quero desenganar.
5. — Eu não a deixo, menina,
Eu não a hei de deixar:
Pomba que eu tenho na mão
Não a deito a avoar.

*

- Florido, que estás vendo,
10. A el-rei não vás contar:
Darei-te uma tença
P'ra cada dia gastar;
Darei-te uma donzella
Para com ella casar.

II

15. O ladrão do Florido
Não se quis accommodar,
Foi a contar-le a el-rei
D'onde andava a passear.
- Deus vos guarde, ó Majestade,
20. Não vos valeu o passear,
Vi andar Claralinda
Com D. Carlos a brincar.
- Se m'ó dissesses em casa,
Tenças lh'havia de dar:
25. Assim m'ó dizes no campo,
A vida lh'ha de custar.

III

- Por quem se tocam os sinos,
Por quem se estão a dobrar?
— E' pelo triste D. Carlos
30. Que vão a enforcar,
Por brincar com Claralinda,
Filha de sangue real.

IV

- Dá-me cá essa viola,
Que lhe quero pôr a mão,
35. Quero tocar a signaes,
Da raiz do coração.

- Olha que mãe tão ingrata,
Tão cheia de ingratidão!
Vê o seu filho á morte,
40. Stá-lhe tocando paixão!

— O' meu filho, foste muito
Atrevido e libaral:
A brincar com Claralinda,
Filha de sangue real...

V

45. — Por quem se tocam os sinos,
Por quem se estão a dobrar?
— Pelo triste D. Carlos,
Que estão a enforcar.

- Anda cá, ó minha aia,
50. De pressa, não de vagar:
Toma lá as minhas chaves,
Vae-o a desencarcerar.

VI

- Deus te salve, Claralinda,
Mais linda que o mesmo sol!
55. Que [me] vieste tirar
Da escuridão maor!

Esta versão é de Adeganha, ao pé de Alfandega-da-Fé (Tras-os-Montes). Foi escrita por pessoa do povo, e por mim copiada do proprio manuscrito.

Verso 8.º Neste logar o ms. estava muito riscado, não se percebia o texto, mas parece ser o que marco com letra italica.

Verso 11.º Está falho de uma syllaba. Quanto á fôrma cf. o verso 13.º

Verso 15.º O povo provavelmente diz *Felorido*, o que acerta o verso.

Verso 21.º Provavelmente o povo diz *Kelalarindu*.

Verso 23.º-26.º Se Florido dissesse isto ao rei em casa, seria em segredo, e el-rei recompensa-lo-hia pela confidencia; mas, como lh'o disse no campo, em público, correspondeu a uma diffamação, que el-rei

castigou. — O povo muitas vezes nas conversações confunde o discurso directo com o indirecto; por isso aqui se lê: *lh'havia* e *lh'ha de* em vez de *t'havia* e *t'ha de*: cfr. a lição do *Romanc. geral* de Th. B., p. 80. O pronome *lhe* tambem poderia referir-se a D. Carlos; mas prefiro a interpretação que acabo de dar.

Verso 27.º Quem faz a pergunta é Claralinda.

Verso 30.º Errado. Póde subentender-se *já*, ou *agora*, ou *além*.

Verso 33.º Falla a mãe D. Carlos.

Verso 34.º Neste verso e nos seguintes que acabam em *-ão*, não ha propriamente mudança de rima: esta continúa a ser toante, — accento no *a* de *-ão*.

Verso 42.º *Liberal* quer aqui dizer: *que usa de liberdades, ousado*.

Verso 47.º Está errado. Deverá ser: *Pelo triste do D. Carlos*.

Verso 48.º Ficou tambem errado. — Dos versos seguintes vê-se que D. Carlos não estava ainda na forca, mas na prisão; por isso este verso deve ser: *Que estão para enforcar*, o que coordena o sentido e satisfaz melhor ao rythmo.

E' possível que tambem depois do verso 48.º, como depois do 30.º, se seguissem os versos

Por brincar com Claralinda,
Filha de sangue real.

Tanto aqui, como nos vv. 27-32, o dialogo póde ser apenas mental, ou póde ser verdadeiro, aqui fallando a mãe, alli fallando a princeza.

Verso 54.º Houve mudança de rimas, por ser no fim do romance, que parece acabar aqui, comquanto pudesse continuar.

As duas primeiras partes d'este romance são variante do principio da versão do romance de «D. Carlos de Montealbar», publicado por Th. Braga no *Romanceiro geral*, pag. 79. O resto da versão de Th. Braga afasta-se da minha. Nesta é a princeza quem salva D. Carlos, abrindo-lhe a prisão; na de Th. Braga é D. Carlos quem, vestido de frade, salva a princeza, que vae a queimar. — Cf. tambem nos *Cantos do archipelago açoreano*, d'aquelle auctor, os romances «Claralinda», pag. 243, e «D. Carlos de Montealvar», pag. 246, que differem da minha versão.

Em Duran, *Romancero general*, tomo 1, n.º 362, lê-se uma desenvolvida versão d'este romance. Aqui, como na minha versão, é a princeza quem salva o amante. A princeza chama-se *Claraniña*, o amante chama-se *Claros*, *señor de Montalvan*. A Carlos corresponde, pois, em hespanhol *Claros*. Em alguns romances portuguezes tenho tambem ouvido dizer *Montalvão*, que melhor do que *Montealvar* corresponde a *Montalvan*. A relação entre *Claraniña* e *Claralinda* não soffre duvida.

O nosso romance é do genero cavalleiresco, e pertence ao cyclo carolingeo. — Vid., a respeito d'este romance, as eruditas notas da snr.ª D. Carolina Michaëlis na *Revista Lusitana*, II, 199.

J. L. DE V.

BIBLIOGRAPHIA

I

LIVROS

Bíblia sagrada ia Testamento Iakare na Ipsa, e Katekismo ia Doktrina Rakristao.

Recebi em tempo da Imprensa Nacional de Lisboa dois livros, obra do zeloso missionario húngaro na Zambesia, o Padre Estêvão Czimermann, primorosamente impressos naquele estabelecimento, que honra o nosso país. Intitulam-se *Bíblia Sagrada ia Testamento Iakare na Ipsa*, e *Katekismo ia Doktrina Rakristao*, compostos na lingua cafrial ali falada. Consta o primeiro de excertos do Novo e do Velho Testamento. O autor, que antecede os seus valiosos trabalhos com breves linhas modestísimas, escritas em muito bom português, adoptou nos opúsculos indicados a nossa escrita, com excepção do emprêgo do *k* em vez de *c* e *qu*, pouco mais ou menos conforme o sistema ortográfico do snr. H. Chatelain; sem acentos marcados porém, provavelmente porque naquele dialecto a acentuação paroxitónica é a dominante. Louvando o autor, como merece, pela escolha que fez da ortografia portuguesa, apenas lhe faremos por agora uma ligeira observação, e é que no seu caso preferiríamos africanizar de todo os nomes proprios, e muitos substantivos comuns e adjectivos que nos textos figuram com a forma completamente portuguesa, ou pelo menos dar-lhes já a ortografia jeral que elejeu; assim escreveríamos, por exemplo, *Paskua*, *Moise*, e não *Paschoa*, *Moyse*, em harmonia com outras alterações que ali vemos adoptadas, como *Kristo*, e não *Christo*.

Nada nos informando o douto missionario com respeito àquelle dialecto, presumimos que o simbolo *ch*, que usa, representa a africata transmontana equivalente cuási a *tx*, e nesta suposição não podemos deixar de aplaudi-lo pela grafia que empregou. A ser assim, parece que a fricativa palatal *x*[adrez] não existe no dialecto. E tanta mais razão temos de supor que assim seja, quanto vemos pelos opúsculos citados que as africatas são nele frequentes: efectivamente topa-se a cada momento, ao percorrer qualquer dos dois volumitos, com os grupos *ts*, *ds*, *dj*, e em harmonia com este último estará o *ch* referido. No caso contrario, isto é, se tal compendio de letras representa a fricativa, melhor fôra de certo empregar o *x*, simbolo cuja adopção para tal som foi por orientalista eclesiástico proposta para este effeito em 1889, no congresso de Estocolmo.

Concuanto a ortografia, como disse, seja a portuguesa (*nh* para a nasal palatal, *i*, *u* para as semivogais) é possível também que o *s* represente a fricativa palatal *x*, á moda húngara, visto o autor ter esta nacionalidade. Bom fôra que Czimermann (já morto) nos houvesse dado sobre este objecto algumas informações, ou melhor ainda, que nos ministrasse um trabalho gramatical, resumido que fôsse, e um vocabulario daquelle dialecto cafrial, trabalhos para os cuais lhe sobraria competencia. E' pois mais um escritor estrangeiro, que não desdenhou de ser considerado como português, e que assim, confirma a nossa importancia capital como nação civilizadora por excelencia em Africa.

A. R. GONÇALVES VIANNA.

Ensaio | de | Dicionario | Kimbundu-portuguez | coordenado | por | J. D. Cordeiro da Matta | Lisboa | Typographia e Stereotypia Moderna | da casa editora Antonio Maria Pereira | 1893.

O autor é já conhecido vantajosamente, do restrito público que na metrópole dêste objecto se occupa, pelo seu interessante opúsculo intitulado *Jisábu, Jihéng'êle, Ifika, ni Jinóngonongo*, etc., publicado pela mesma casa editora em 1891, e que contém precioso material de adajios, proverbios, adivinhas e anexins na lingua de Angola. Assim, o dicionario quimbundo-português é mais uma contribuição com que o estudioso e diligente africano veio concorrer para a difusão do conhecimento da sua lingua materna.

São dois já os livros ¹ de merecimento que para o estudo da principal entre as linguas cafríais, faladas em dominios portuguezes, modernamente se oferecem, escritos em português, aos que por necessidade ou por afeição a queiram estudar: a excelente gramática do conhecido africanista suiço, o snr. Héli Chatelain, e o dicionario, ou melhor vocabulario, de que vamos dar mui sucinta idéa aos leitores desta *Revista*, principiando já por dizer que, na sua execução, o trabalho do nosso compatriota é inferior ao do abalisado estrangeiro. Não se ofenderá de certo o autor do dicionario com esta afirmativa, pois que é a título de ensaio, como confessa, que o deu á publicidade; no que fez indubitavelmente um bom serviço, se se tiver em consideração que estava sendo urgente um vocabulario qualquer, visto como o de Caneattim, além de deficientissimo e anticuado, pôde dizer-se cuási esgotado, e que o copioso vocabulario dos exemplos com que termina a gramática de Chatelain é insufficiente; havendo ainda a notar nesta a falta dos termos portuguezes correspondentes, que nele deveriam substituir a numeração das páginas, perfeitamente superflua, que vem apontada em seguida a cada um dos 150 vocabulos ali colijidos.

O dicionario do snr. Matta consta de 170 páginas, a duas columnas cada uma, incluindo-se as do suplemento, fora quatro de nomes proprios, que poderiam estar fundidos no dicionario, sem confusão possível se nele se houvessem adoptado as iniciaes minúsculas para todas as dições que não fossem nomes proprios.

E' intuitivo que em tam escasso número de fôlhas não ficou exaurido o léxico dessa lingua, a qual, como as suas conjéneres, é riquíssima, sobretudo em elementos de derivação. Se descontarmos ainda as extensas citações de varios escritores a respeito da Africa portuguesa, que foram subordinadas a muitos dos vocábulos, as mais delas, apesar do interêsse de algumas, inteiramente descabidas em obras da natureza desta, somos levados á conclusão que o nome de dicionario lhe não é apropriado, por demasiado ambicioso. Entre tais citações excedem toda a medida razoavel as que se seguem aos vocábulos *Kalumbu, Kambâmbi, Liamba, Mákula, Masánganu, Mbaka, Mundêle, Muxiluanda, Muxima, Pungua-a-Ndongo*.

Vemos também que no dicionario figuram duas vezes os verbos, a primeira no imperativo, que seria a única fórma que conviria adoptar, e a segunda no infinito; assim: *tala* «olha», *talenu* «olhai» e *kutala* «olhar»; ás vezes duplicado ainda o imperativo, como vemos no exemplo citado.

O dicionario é precedido de uma página de regras de pronuncia, na qual o autor infelizmente nos não dá a chave do imoderado uso que fez de acentos agudos e circumflexos em toda a obra, e cujo valor, qualquer que seja a diligencia de quem o consulte, não poderá apurar-se; sendo, porém, manifesto que muitos deles são escusados, outros evidentemente falsos, tais como: *húeri*, aliás *hutri*; *tami*, aliás *iámi*; *iuana*, aliás *iuána*; *maíari*, aliás *maidári*; *mariúanu*, aliás *mariúánu*; outros ainda uma perfeita adivinhação: *kifundête*, *kikêse*, *kikônda*, *mápôla*, etc. E' muito de sentir que o autor se não ativesse á sinjeleza e sobriedade de acentuação gráfica, de que achava exemplo na gramática de Chatelain, e também na de Henrique de Carvalho sobre o dialecto da Lunda.

¹ Se acrescentarmos a tradução de dois Evangelhos, feita por Chatelain, e a recente obra do mesmo autor *Folk-tales of Angola*, são quatro os livros de estudo que pode utilizar o português que queira estudar o quimbundo.

Avolumam o livro, sem proveito, dois especímenes de dialectos crioulos da Guiné, um deles extremamente piegas, e um prefacio, em que, a par de algumas considerações cordatas, vemos ainda mais citações sem valor, entre as cuais a que se segue, e que pela sua extravagancia deveria ter sido repelida de uma obra seria, como a que o snr. Matta empreendeu; pois é certo que, á parte os pequenos senões apontados e que poderão fácilmente ser removidos em segunda edição, o seu trabalho é merecedor de elojio. A extraordinaria citação a que nos referimos é esta:

«Sobre este ponto (o da lingua de Angola) ha ainda muito para ser feito por quem melhor do que eu emprehender fazê-lo, pois que na lingua nbunda encontram-se raizes de idiomas muito diferentes. Eu encontrei algumas da lingua grega, outras do arabe, e o meu illustre patricio, o snr. Francisco Pereira Dutra, encontrou muitas das linguas indigenas da America do Sul».

Já é fortuna e esperteza o ir desencantar raizes gregas e americanas numa lingua da Africa! Semelhante citação deslustra o trabalho consciencioso do snr. Matta, e é de necessidade que a expunja da proxima edição, a qual deverá ser acompanhada do vocabulario português-quimbundo, para que o trabalho seja completo e de verdadeira utilidade.

A. R. GONÇALVES VIANNA.

II

VARIA QUAEDAM

Kaiserliche Academie der Wissenschaften in Wien. Jahrg. 1890, nr. xvii—xviii.

A' sessão da classe filosófico-histórica da Academia Imperial das Ciencias de Viena, de 9 de julho de 1890, foi presente uma memoria do dr. Hugo Schuchardt, a nona, contendo estudos crioulos. Refere-se esta ao malaio-português de Batavia e de Túgu.

No respectivo boletim lê-se o seguinte: «O autor para o malaio-português de Java, que hoje em dia apenas se fala em um logarejo do sertão denominado Túgu, aproveitou-se de riquissimos materiais, que respeitam aos tres últimos séculos, reservando, porém, para ulterior publicação uma collecção de cuadras dos fins do 17.º século. O crioulo de Batavia, como era falado no 18.º século, está representado na referida memoria por textos breves, acompanhados de um vocabulario, principalmente relativo a historia natural.

Como exemplar do actual crioulo de Túgu obteve o autor, por intermedio da sociedade batava de Arte e Ciencia, vocabularios, diálogos, narrações descritivas, fragmentos de cantares, rimas infantis, etc.

Mais decisivo do que este nenhum exemplo se póde apresentar da mistura de dois idiomas inteiramente diversos, isto é, do português e do malaio de Java, sobretudo a fase mais moderna deste crioulo. Além da adopção de muitos termos malaios, e até de prefixos e sufixos formativos, apparecem nele alterações de tipo inteiramente malaio, tanto na significação dos vocábulos como na sua ligação e collocação oracional».

E' pois este mais um valioso subsidio, que o douto glotólogo vem adicionar aos seus já numerosos escritos sobre os crioulos portuguezes, e que formam uma preciosissima collecção, abranjendo os de Africa e Asia: com tanto maior ansiedade aguardam a prometida publicação de ultiores trabalhos nas memorias da academia vienense os que por tais estudos se interessam.

Vê-se da nota, que traduzi, que o novo trabalho do douto lente da Universidade de Graz é também uma contribuição para a defesa da tese importante que de há muito pretende demonstrar, em opposição com a doutrina sustentada por outro crioulista notável, o dr. Fr. Adolpho Coelho, isto é, que as linguas vernáculas contribuíram e contribuem *essencialmente* para a produção de cada crioulo, transmitindo-lhe feições suas peculiares, tese subordinada a outra de maior importancia ainda — a possibilidade de mutua penetração de dois idiomas entre si muito dife-

rentes em tipo, problema que o afamado glotólogo tratou, com tanta lucidez e tamanha copia de factos de muito interesse, no seu valioso escrito «Slavo-Deutsches und Slavo-Italienisches».

Qualquer que seja a resolução definitiva de tão arduo e complicado problema, é preciso confessar bem alto que ninguém talvez, hoje, esteja, mais do que o dr. Hugo Schuchardt, nas circunstancias de contribuir com estudos parciais, de apreciar os alheios e de colhêr de todos eles a síntese geral que encaminhe a essa resolução; pois que, a par do método rigoroso que todos os seus trabalhos glotológicos testificam, é sabido que pôde, falando ou escrevendo, expressar o seu pensamento em varios idiomas, de constituições diversísimas.

Cabe aqui um reparo. Em um opúsculo, dado à estampa em Berlim, no ano de 1888, pelo douto professor, intitulado «A propósito do Volapük» (Auf Anlass des Volapüke), depois de lisonjeiras referencias ao sr. Leite de Vasconcellos e a mim, estranha o nosso bom amigo e anabilissimo critico que nós dois nos revoltamos contra o volapük e o reputemos uma tentativa pouco seria, indigna portanto de que homens de ciencia dela se occupem (V. Rev. vol. 1, p. 85). O illustre glotólogo parece considerá-la, ao contrario, como meritória, o que a mim me causa estranheza igual, e tamanha cuanta a que motiva o ver que um livro recente de grande valor e interesse como o do sr. Oscar Kausch, «Onomástico das terras e cidades do Imperio alemão» (Namenkunde der Länder und Städte des deutschen Reiches), seja dedicado com tanta intimativa ao autor da celebrada lingua universal, Martinho Schleyer, lingua que, concuanto haja sido imposta como dogma, já conta seus dissidentes e herejes.

Não irei agora defender a opinião expressa por L. de Vasconcellos e por mim sobre o que nos parece extravagancia e inutilidade em tal fábrica; e digo inutilidade, porque de maior simplicidade e já feita e pronta cá tínhamos a lingua inglesa, cujo apprendizado para mutua intelligibilidade entre individuos de linguas diferentes cuási que só consiste na aquisição de vocabulario. Responderei sómente ao que a páj. 5 a 7 do seu curioso opúsculo diz o meu bom e douto amigo, traduzindo e repreendendo a minha galhofeira alegação, quando eu disse que «muito gostaria de ouvir um chinês, um húngaro, um francês e um inglês a conversar nessa jiria, sem poderem de modo algum entender-se».

Já depois de ter escrito estas palavras que o scandalizaram, assisti em Paris com o Prof. Vasconcellos Abreu e o Prof. J. Storm de Cristiania a uma sessão de volapük, pouco numerosa, em verdade. Conversou-se em varias linguas, em francês principalmente; cuási nada porém se disse em volapük ou de volapük, e o mais do tempo foi consumido em beber cerveja. Ficou-me de memoria a sessão, e só tenho pena de não ser eu o sr. Ramalho Ortigão, para a descrever mais por meudo, com a graça com que o nosso mordaz e conceituoso critico o sabe fazer.

Direi ainda que me não parece exacta a comparação do volapük com o português corrufo falado ha três seculos na Asia por chineses, malaio, tamuis e hindus. Esse português, não é, não foi nunca uma lingua toda inventada de propósito, como o volapük o é. Foi-se formando pouco a pouco, à porporção das necessidades que lhe deram orijem. Esse, como os demais crioulos, tem vida propria, organismo particular evolutivo; o volapük é um manequim, movido por cordéis e molas.

Os crioulos obedecem na sua formação espontanea a leis de evolução natural, condicionadas, ou não, em leis proprias do idioma de que procedem, independentes porém de vontade individual e consciente por parte de quem neles se expressa ou procura expressar; a direcção dada a esses expedientes de intelligibilidade não é nunca intencionalmente metódica, como a das linguas inventadas, e o volapük não

¹ Temos posteriormente á invenção do volapük a da lingua *Esperanto*, do Dr. Luis Samenhof, que tem sobre a volapük a vantagem de muito mais simples gramática, e de vocabulario cuási todo romântico.

E já que de crioulos e de malaio estamos tratando, direi ainda que o malaio dos Estreitos, e em geral do sul da Asia, seria, pela sua extrema simplicidade gramatical, a verdadeira lingua universal, sem dúvida muito melhor escolhida que todas as que artificialmente se toem fabricado e se posam no futuro enjenhar, e até preferivel ao inglês, que pelas suas difficuldades orthográficas é de tam ardua a aquisição.

Com effeito, o malaio escrito em caracteres romanos, tem simplicíssima orthografia, sendo a pronuncia dele facilissima em virtude da sua pobreza fonética.

é o primeiro, nem será de certo o último desses idiomas de encomenda ¹. Os crioulos são produtos naturais, e não artificiais como o volapük; resultaram, resultam sempre, como, por exemplo, as linguas románicas com relação ao latim, de um idioma primitivo, interrompido na sua evolução, no seu desenvolvimento natural e consecutivo, pela interferencia, entre outras causas jeraes, de outro idioma, dirigida, sem propósito fixo e deliberado, no sentido da maior intelligibilidade. Assim, não creio que «os portugueses que aportaram á India fossem como que volapükistas», nem que fossem eles quem desfez as formas flexivas de expressão nas linguagens verbais *fardá, verá, trardá, fez, viu, trouxe*, substituindo-as por *logo fazer, logo ver, logo trazer, já fazer, já ver, já trazer*. O que eu creio é que *já* e *logo* foram empregados respectivamente com as fórmulas do pretérito e do futuro, e que o infinito foi com essas particulas empregado pelos indijenas, jeneralizando-se depois. Efectivamente, hoje que o futuro enunciativo é em português expresso cuási sempre pelo presente, *faz, vê, traz*, é frequente o emprêgo de *logo* para denotar futuro próximo e determinado; semelhantemente, *já fez, já viu, já trouxe* expressam pretérito perfeito, correspondente aos pretéritos perifrásticos alemães *er hat getan, er hat gesehen, er hat gebracht*, franceses *il a fait, il a vu, il a apporté*, castelhanos *ha hecho, ha visto, ha traido*, italianos *ha fatto, ha veduto, ha portato*; porque o pretérito simples é o que corresponde aos aoristos *er tat, il fit, hizo, fece*, e o pretérito composto em português (*tenho feito*) é iterativo, denota acção repetida umas poucas de vezes até o presente.

A. R. GONÇALVES VIANNA.

Trabalhos publicados lá fóra a respeito de Portugal:

— **Das Liederbuch des Königs Denis von Portugal**, publicado, com introdução historico-litteraria, notas críticas e glossario, por Henrique R. Lang, Halle A. S. 1894.

— Na *Zeitschrift für roman. Philologie*, xix, publicou a Sr.^a D. Carolina Michaëlis dois artigos:

a) **Zum Liederbuch des Königs Denis von Portugal**, em que tomou para base a edição de Lang;

b) noticia critico-bibliographica do referido livro de Lang.

— No **Roman. Jahresbericht** de Vollmöller, i, inseriu a mesma Senhora uma desenvolvida noticia de trabalhos publicados em Portugal em 1890, sobre bibliographia, linguas preromanas, lexicographia, grammatica, litteratura popular, textos e monographias.

— **Sull'antica metrica portoghese**, osservazioni di Adolfo Mussafia. Viena de Austria 1895 (separata das Actas das Sessões da Academia das Sc. de Viena, cxxxiii).

— Na *Zeitschrift des Vereins für Volkskunde*, Berlim 1895, fasciculo 2.^o, pag. 212-213, vem um artigo de L. Fränkel com algumas superstições portuguezas, resumidas da *Kölnische Volkszeitung* (lavar as crianças nas aguas do dia de Santo Antonio, S. João e S. Pedro, queimar alcachofras, vaticinios do casamento); juntão-se algumas notas.

— O Sr. R. F. Delbosc publica em Paris a **Revue hispanique**, consagrada ao estudo das linguas, litteraturas e historia de Hespanha e Portugal: 1895-1896.

Além de várias noticias a respeito de Portugal, sahiram nesta revista os seguintes artigos especiaes que se referem ao nosso país: *Les langues littéraires de l'Espagne et du Portugal* por G. Vianna; *Remarques sur quelques vestiges des cas latins en portugais* por J. L. de V.

— **Revista critica de historia y literatura españolas**, Madrid 1895. Consagrada tambem ao estudo da historia e litteratura portugueza. N.^o 1 a 6. Como o titulo não era sufficientemente generico, pois não podião subordinar-se á denominação de *historia y literatura españolas* as cousas de Portugal, que é país differente da Hespanha, este periodico foi refundido e recebeu o seguinte titulo, que corresponde perfeitamente ao assumpto: **Revista critica de historia y literatura españolas, portuguezas e hispano-americanas**. Até á data presente estão publicados 3 numeros: Dezembro de 1895 a Fevereiro de 1896.

J. L. DE V.

SUPERSTIÇÕES PORTUGUESAS NO SEC. XV

(DOCUMENTOS)

E' datado de 1385 o mais antigo documento que se conhece de prohibição das superstições populares portuguezas. Esse documento, emanado duma corporação local, tem ainda a singularidade de ter sido elaborado nas suppostas vesperas dum acontecimento tão notavel como foi a batalha d'Aljubarrota, onde se provou mais uma vez o antagonismo dos povos do occidente e do oriente da península hispanica. Faz recordar a leitura das causas que influirão na publicação do *assento* municipal, o character interesseiro dos israelitas que para obter a protecção de Jahvé, não hesitavão em exterminar os adoradores dos deuses rivaes da velha divindade, local talvez, do Monte Sinai. Qualquer acontecimento desgraçado por consequencia era attribuido á complacencia com os impulsos hereticos ou peccaminosos. Este conceito é geral em todos os povos; mas em Portugal, entre os povos modernos, toma uma forma predominante. Como exemplo dessa preocupação publicamos parte do capitulo apresentado nas côrtes de Lisboa de 1439: «Senhor, perteece a cada hũu Rex ssempre sse trabalhar e fazer taes cousas por que seja muito amado de sseu poboo E em espicial e esquiar e arredar algũas cousas sse em sseus Regnos sse fazem porque os pecados ssom acrecentados e as uertudes sujudadas por quanto Senhor a principal cousa que em uosos Regnos acrecentam os pecados assy som as pousentadorias por aazo e acasiom das quaes muytos bõos e honrrados ssom desonrrados em estes Regnos E muytas uirgẽes e horfãas e viuuas ssom llançadas em perdiçom E outros criam os filhos alheos por seus e ficam herdeiros em seus bẽes. Tanto Sñor he o mal que desto sse segue publicamente em uossa terra contrario os mandamentos e seruico de deus E em quebrantamento da nossa santa fe que soamente os pecados e por este aazo sse fazem ssom abastantes pera ssempre auermos pestenencias na terra e fame e pouca vitoria com os Jmijos ¹. E impossivel seria poder sse dizer quanto mal desto auem e por quanto Senhor, nossa terra hem (*é em*) tal ponto que com a graça e ajuda do Sñor deus lhe muito mester e theudo ssooes buscar maneira como taes pecados e malles ssejam euitados e nõ ssejam majs continuados. Etc. ²».

Até 1500 encontramos a seguinte legislação:

¹ Referencia ao desastre do cerco de Tanger e á morte do rei D. Duarte, no anno anterior, de peste.

² Chancellaria de D. Affonso v; xx, 87 v. Todas as chancellarias se conservão no Arch. Nacional.

a. Assento do concelho de Lisboa em 14 de agosto de 1385, depois do *comer*, sobre as superstições e festas (Joseph Soares da Silva: *Coll. dos doc. com que se authorizam as memorias para a vida del Rey D. João I*, 1734, Tomo IV, fl. 359; E. F. d'Oliveira. *El. para a hist. do mun. de Lisboa*, I, 264, 307).

b. Lei de D. João I datada de Santarem, 19 de março de 1403 incluída nas Ord. Affonsinas, Livro V, Titulo 42.

c. Constituições do arcebispado de Lisboa, decretadas por D. João Esteves d'Azambuja (1402-1414), titulos 24, 25, 27, 28 (in *Rev. Arch. e Hist.*, vol. I, pag. 94 e 95).

d. Ordenações Affonsinas, Livro V, Titulo 42.

e. Visitação á igreja de S. João de Mocharro d'Obidos, por D. Jorge da Costa, em 14 de fev. de 1467 (in *Rev. Arch. e Hist.*, vol. I, pag. 139).

f. «Ordenaçam dos feiticeiros e da pena que averá quem fizer feitiços» 22 de março de 1499. (Remessa de Santarem n.º 16, fl. 83).

Lei aproveitada na organização das Ordenações Manuelinas.

Segundo os antigos auctores, ecclesiasticos e seculares, as superstições populares conhecidas vulgarmente no nosso paiz com o nome de *feitizaria* tinham uma origem demoniaca, origem que de resto attribuião a tudo o que lhes fosse desagradavel ou vago. Não é para admirar que fosse grande o odio dos eruditos a este genero de tradições sendo ellas, depois da extincção dos templos pagãos e do seu clero, os representantes dos antigos cultos naturalistas, tendo elementos ainda bastante fortes para dispensar a moderna organização religiosa, a qual não teve outro remedio por fim senão acceitar e incluir em si, debaixo d'outros nomes e d'outras explicações, muitos usos e festas dum largo passado.

Nos primeiros tempos da lingua portuguesa dentro das expressões *chave feitiça*, *milagre feitiço*, *arruido feitiço* ¹, *feitiço* envolvia a idea de falsidade e de imitação; e essa mesma palavra significava em *pau feitiço*, *pedra feitiça* ² que estas substancias tinham recebido uma forma ou feitiço especial, mas sem character magico. Como e por que modo se formou a idea de que as imagens representando objectos animados (*i. é* dotados de movimentos, proprios ou não, apparentes ou reaes e capazes de produzirem o bom e o mau relativos) podião fazer passar os originaes pelos mesmos estados de soffrimento ou de gozo em que ellas se achavão, com o que se acreditava influir em certos corpos para obtenção d'um determinado fim, não tem explicação na historia das nossas tradições. Tendo *feitiço* a significação de *imitação*, era perfeitamente razoavel o emprego d'aquelle termo para designar tal qualidade, por ex.: *lua feitiça = imagem da lua ³. Transformado em *Fétiche* tem uso universal.

¹ Dicc. de Moraes Silva v. feitiço, adj.

² Não se encontra no indicado Dicionario.

³ *Corpo feitiço* igual a *imagem do corpo* equivalente ao proprio *corpo*.

Deve-se porém suppor que já no latim popular se daria tal emprego. Quando lemos alguns dos documentos adiante publicados em que se tracta de *imagens* recordamo-nos involuntariamente do que hoje se pratica com as imagens dos santos, principalmente de S. Antonio, superstição que antigamente tinha maior desenvolvimento como nos indicão as *Ordenações*. A mesma denominação de *feitico* se dava a substancias destinadas a serem ingeridas no organismo, quando ellas ou pela sua qualidade ou pela affecção a combater tinham alguma coisa de extraordinario que escapasse ao alcance da medicina tanto antiga como moderna. A correspondencia entre os corpos curativos e modificadores das paixões e as qualidades das doenças e affectos obedecia a regras fixas e invariaveis. Os corpos empregados pertencião na maior parte ao reino animal.

Os processos inquisitoriaes são desde os fins do sec. xvi as fontes principaes para o estudo da *feiticaria*; anteriormente a esta epoca, só tínhamos á nossa disposição a legislação civil e ecclesiastica; a investigação das chancellarias reaes vem dar, porem, uma serie de documentos, que se não tem o desenvolvimento dos papeis do Santo Officio, possuem o merecimento de exemplificarem os casos mencionados na legislação. A' parte em pequeno numero de cartas de privilegios a certos individuos permittindo-lhes o emprego da medicina por meio de orações (*medicina religiosa*), as quaes certamente não influirão na marcha da doença apezar da mercê divina que lhes era attribuida, a maioria dos documentos que publicamos pertencem á classe de *cartas de perdões* nas quaes erão relevadas certas transgressões das Ordenações quando nessas pretendidas faltas havia attenuantes. A maior parte destas cartas referem-se a individuos habitando no sul do paiz, especialmente em Santarem. Sendo a residencia usual da corte na metade meridional do reino, não é difficil comprehender que fosse ahi onde se exercesse com maior intensidade o rigor da justiça, tanto mais que o caracter um pouco independente do povo do norte sempre teve reluctancia em aceitar incondicionalmente imposições doutras regiões. Os registos das chancellarias reaes neste periodo compreendem toda a vida social do povo de Portugal. Mais tarde outras series de documentos que tinham aqui cabimento formarão corpos especiaes. Só em D. Duarte (1433 a 1438) começamos a achar regularmente nos registos cartas de perdão de interesse mais particular, porque só desta epocha encontramos os livros originaes; anteriormente a este periodo á morte d'um rei revia-se o registo geral, copiava-se em boa letra o que parecia mais importante, e os originaes erão desprezados. Com a publicação destes documentos tornar-se-hia preciso estabelecer as relações das superstições nelles contidos com outras já conhecidas e existentes nas camadas populares, se o conhecimento dos periodos anteriores em que se formou Portugal não exigisse a determinação segura das festas, pagamentos de fóros, isolamento ou convivencia dos povos, podendo tudo isto dar uma base mais segura do que qualquer outra para a classificação da bagagem tradicional da nossa nacionalidade que

como todas as outras representa os esforços dum pequeno numero de homens para reunir debaixo de si as energias dispersas duma dada região.

Damos agora uma ligeira synopse dos documentos publicados.

I e II. Sonhos. Base natural da concepção animista.

III a VI. Objectos trazendo a felicidade aos seus possuidores ou servindo para adivinhar. A rainha de Castella mencionada no doc. III era a esposa de Henrique IV e mãe da *Excellente Senhora*.

VII a X (a). Individuos de virtude ou benzedores (*bons feiticeiros*). Pedro Eannes, doc. VII, deve ser o mesmo Pedro Eannes de que nos fala o rei D. Duarte no *Leal Conselheiro* (apud. Th. Braga, *O Povo Portuguez* vol. II, pag. 112), a cura da hydrophobia e a vedoria das aguas andavão ligadas por um traço que facilmente se encontra.

XI a XVI. Feiticeiros e adivinhadores.

XVII a XXXI. Feitiçaria geralmente amorosa.

XXXII a LXVI. Cartas mencionando *feiticeiras-alcoviteiras*, dispostas por ordem chronologica de 1435 a 1491.

P. A. D'AZEVEDO.

I. — Dom Afonso, etc. pela graça de deus, etc. A todos os Juizes e Justiças dos nossos reynos, a que esta carta for mostrada, saude. Sabede que Gil Eanes, natural da ujlá de Santarém, nos Enjuou dizer, que poderia auer dous anos, e que, dormindo elle hũa noute, veera a elle hũu finado, e o acordara, e lhe disera que chegase a hũu seu sogro, e lhe disese que lhe mãdase dizer certas misas, e lhe fose andar algũas rromarias, e que sairia dalgũa pena em que andava; e que elle chegara ao dito seu sogro, e lhe contara todo, e lhe disera que lhe prazia de o saber, porém, que lhe rogava que elle dito Gil Eanes tomase encargo de lhe fazer dizer as misas, o mais ssecretariamente que podese, para nõ seer sabido por quẽ se deziã, e lhe ajudase a conprir as rromarias; e que elle por fazer bem tomara cargo de mãdar dizer as misas, e fora com ell algũas rromarias, e que veerã a ssanta Maria da Graça, a cidade de Lixboa, e hũu outro homẽ em sua companhia, a conprir a derradeira rromaria que se auja de conprir, e como foram dentro no moesteiro, em fazendo oraçom, começaram cayr mujtas pedras dentro no moesteiro, e lauantara se de hũu toregido que pareçera que queria cayr o dito mosteiro, pela quall rrazom foram todos tres presos, e que costrangerõ a elle que disese quẽ lançava as ditas pedras, e fora leuado a prisom que perante nos anda, e que lleuado hũu homẽ nosso a verter agua disera ao dito homẽ, que lhe fosse por vinho pera ambos beberem etc. (*Fugiu, alcançando mais tarde perdão da fuga, e que do resto se livrasse segundo di-*

reito). Dante a çidade de Lixboa xbij dias de Juuho.... de mjl e iiij^oRiiij^o anos.

(Chancellaria de D. Affonso v; xxiv, 75).

II. — Dom Afonso, etc. a todollos Juizes, Justiças etc. saude. Sabede que Joham Martinz, morador na Alhãdra, serujdor do marques de Valença meu bẽ amado primo, nos enujou dizer, que poderia ora auer hũu mes e meio pouco mais ou menos, que hũu moço fora morto antre Vila Frãca e Poboos, o qual moço diziã que o matarã os Judeuos, e que hũu homẽ do dito logo da Alhãdra disera que sonhara cõ elle, e lhe vijnha ẽ visom dando sijnaaes e dizendo dhonde era, e que tijinha parêtes ẽ esta nosa çidade de Lixboa, e que elle por bẽ fazer estando ẽ a dita çidade dera quatro Reaaes a hũu pregoeiro que apregoase que se avia ẽ a dita çidade algũu diujdo do dito morto, que asi matarã, que fose a Alhãdra a hũu homẽ que venja ẽ o dito lugar, e que lhe daria rrecado que o uja e sonhaua cõ elle e lhe dizia mujtas cousas; e que por elle esto asi mãdar apregoar o quiseram prender por a quall rrezã se amorara cõ temor de seer preso e andaua ora ajnda amorado etc. Dada ẽ a dita çidade xxiiij^o dias de Julho... de mjl iiij^olix.

(Chancellaria de D. Affonso v; xxxvi, 210 v.^o).

III. — Dom Afonso, etc. A todollos Juizes e Justiças etc. que Briatijz Eanes, molher de Afonso Esteuez, morador em Tomar, nos enujou dizer que pellos Juizes da dita villa fora tirada hũa Inqueriçõ deuassa Jeerall, em a quall deuassa algũas pessoas que lhe bem nõ queriam, a culparom em ella, dizendo que era feitiçeira e tijinha hũa cabeça de finado em cassa e que polla asy teer punha algũas pessoas em concordya; e que alcouetara hũa moça per nome Jsabell Afonso, a seleira, morador em a dita villa, por a quall rrezõ ella fora pressa e por hi nõ auer partees se posera o feito contra polla Justiça e fora Julgada por solta e apellado para nos.... e julgado per os nossos desenbargadores que fosse metida a tormento e sabemdo ella desto parte se socorrera a Nos pollo da Raynha de Castella lhe rreleuassemos a dita pea e Nos per contempelaçom da dita Raynha lhe rreleuamos os ditos açontes per hũu nosso aluara e fora lenada a Castello da Vyde e os ditos desenbargadores.... e estamdo o dito feito neste termo ella fogira da dita cadea, ella e outros pressos sse lançaram per lençoees e cordas açima e furarõ o telhado e se deçerom do muro ao fundo per lençoees e cordas e sse lançara dentro no conuẽto homde ora estaua e britara hũus ferros que tijinha e os mandara ao castello ao carcereiro etc. (*Foi perdoada da fuga e daquillo por que estava presa*). Dada em Auys, xij dias do mes de mayo... de mjl iiij^olxbj.

(Chancellaria de D. Affonso v; xiv, 71).

IV. — Dom Afonso, etc. A todollos Juizes e Justiças etc. que Gomes Eanes, çapateiro, morador ẽ a nossa ujlla de Santarem, nos

enujou dizer, que poderia ora auer hũu mes pouco majs ou menos, que ẽ a dita villa foram ẽforçados dous homẽs castellãaos por furtos e outros malefícios -que feito tijnham, e despojs de sserem ẽforçados e mortos, e leuãdo os ao moesteiro de Santo Agostinho pera os ẽ elle sobpultarem, elle moujdo de maaõ conselho e com deshordenada cobijça, por se dizer que quem teuesse parte ou pedaço de baraço dalgũ ẽforçado, que faria vantagem e venderia mujto mjllhor suas mercadorias que teuesse, elle cortara hũu pedaço do baraço de hũu dos ditos ẽforçados ẽ vista e presença de todollos que presentes erom, e o gardara, e que ora lhe fora dito que os Juizes da dita villa tomarom e filharom sobre ello inquiriçom etc. Dada ẽ a ujlla de Tentugell a xj dias do mes dagosto. . . . de mjl iiij^olxxij.

(Chancellaria de D. Affonso v; xxix, 70 v.^o).

V. — Dom Afonso, etc. Saude. Sabede que Briatiz Fernandez, morador em Pracaes (?), termo da Pampilhossa, nos enuiuõ dizer que algumas pessoas, que lhe bem nõ quieram, testemunharõ em hũua deuassa, que em a dita villa fora tirada, dizendo que alcouvetara hũua Gujomar, moça ssolteira, filha de Pero Gonçalluez, morador em Pescam sseco, termo da dita villa da Panpilhossa; e mais que allcouuetara hũua Costança, tambem moça ssolteira que aquelle tempo era, a quall nõ tinha pay nẽ may e era prima de hũu Lujs, filho de Gomez Afonso do Pescam sseco, pera ao quall Lujs assy allcouuetara; e que outro sy dera lugar ao dito Lujs e a hũu Diogo Martinz que comessẽ ẽ ssua cassa hũu carneiro que fora furtado a hũu Joham Nunez, morador na Loussaa, e que em sseendo presso o dito Lujs, sseu sobrinho, sse disera contra ella que como feitiçeira fiara hũua camisa e a teçera e ffezera todo ẽ hũua noute; por rrazõ das quaees culpas que lhe assy nas ditas Inquiriçõs deuassas dauõ, ella sse anorara e andaua amorada cõ temor das nossas Justiças etc. Dada ẽ Torres Novas bj dias de maio. . . . de mjll iiij^olxxxj.

(Chancellaria de D. Affonso v; xxvi, 104).

VI. — Dom Afonso, etc. A todollos Juizes e Justiças dos nõssos Reynos a que esta carta for mostrada saude. Sabede que Lianor Dominguez, molher de Bartollameu Roiz, escudeiro, nosso vassallo, morador ẽ Campo Mayor, Nos enuiuõ dizer que ella fora presa e accusada per hũu ouujdor do Corregedor desta comarca, dizendo sse contra ella que ẽ leuando preso da dita villa pera a prissom da dita correiçom hũu Mafamede, mouro ferro, que ella e outras molheres lhe lançarom pucaros dagueoa e farinha e lhe derom Ramos dolieiras e que erom feitiços e que fora tanto de feito contra ella que fora Julgada por solta e que per os nossos desenbargadores ẽ rrellaçom fora Julgado que fosse degradada da dita villa e termo por tres meses com hũu pregam na audiência e que por assy seer molher de vassallo e honrrada e da mjllhor Jeeraçom dos do dito lugar e tijnhã grande fazenda e muito gasalhado de filhos e netos e o dito sseu marido tijnhã

grande laurãça e que todo sse perderia manteendo ella tall degredo Nos pedia por merçee que aa honrra da morte e paixã de nosso Senhor Jhu x.º lha ouuessemos por rrelleuada do dito degredo etc. Dada é a cidade dEuora xb dias do mes dabrill... de mjl iiij^{el} bj. (Chancellaria de D. Affonso v; xiii, 151).

VII. — Dom Afonso, pella graça etc. A quantos esta carta vi-rem, fazemos saber que a Nos disseram que Pedre Anes, nosso meestre das auguas, morador em a nossa villa de Beja, se finou abintestado, sem fazendo testamento nem teendo molher nem filhos nem outro nhũ herdeiro que de dereito deua dherdar seus bẽes, per a qual Razam, se asy he, per bem da hordenacam e Ley, seus bẽes moueis e de rrais pertencem a nos e os podemos de direito dar, e ora querendo Nos fazer graça e merçe ao Ifante dom Pedro, meu tyo, se asy he como nos disseram, e que por esto os ditos bẽes pertencem a Nos, Teemos por bem e fazemos lhe delles pura Inrreuogauel doaça antre os viuos valledoiras deste dia pera todo sempre pera elle e pera todos seus herdeiros etc. Dada é a cidade de Lixboa xij dias dabrill... Era de mjl e iiij^o e xxxix anos.

(Chancellaria de D. Affonso v; xviii, 76).

VIII. — Nos El Rej fazemos saber a uos Nuno Martiz, coudell por nos em a villa de Moura, e a outros quaesquer coudees que depoz veerẽ e este nosso aluara for mostrado, que pella parte do Concelho e homẽes bõos da dita villa, Nos foy feito Recontamento, que é ella moraua hũu Johã Esteuez Gurgulho que tijnha bertude, que lhe nosso Senhor deus dera, da dor dos gaados e que muytas vezes lhe benzia os ditos gaados e outras coussas que da dita door eram tocados; e que ora vos ho cõstramgees que ouuesse de teer caualllo, pidindonos o dito comcelho por merçee, que ouuessemos dello por Releuado; e visto sseu Requerimento, a nos praz dello. Porem vos mandamos que daqui en diãte nõ costringaas nẽ mãdes costringer o dito Johã Esteuez que aja de teer o dito caualllo nẽ parecer cõ elle é alardo; e esto lhe fazemos é quanto elle morar é a dita villa e husar da dita bertude. feito é a billa darrayollos xj dias dagosto. Lopo Fernandez o fez anno de nosso Senhor Jhu xº de mjl iiij^{el}lxiiij (1463, está errada a data, deve ser 1452).

(Chancellaria de D. Affonso v; iv, 15).

Em carta datada de Salvaterra, 26 d'abril de 1454, e registada no Livro X, 30 encontra-se uma concessão de privilegios a João Estevez Gurgulho. São elles isenção de todo e qualquer imposto (em dinheiro ou em trabalho) lançado pelo concelho, não ser obrigado a acompanhar presos nem a conduzir dinheiros, não poder ser curador nem tutor de nenhuma pessoa salvo sendo parente, libertamento absoluto do serviço militar ou como bêteiro ou como cavalleiro, posto que possa receber conthia, prohibição completa de apousamento (que se conserva apenas hoje nas ur-

gencias militares com o nome de aboletamento) e consequente uso das adegas, roupas de cama e alfaías de casa, e finalmente poder para não servir qualquer encargo do concelho.

IX. — Dom Affonso, etc. A quantos esta carta virem, fazemos saber que Nos querendo fazer graça e merçee a Gonçalo Roiz, morador em Seda, por que he homẽ que he occupado mujtas vezes de beenzer os homẽs que ssom feridos da door dos caaes e gaados e outras animalias, de que lhe deus deu uertude, Teemos por bem, e queremos, e mādamos que daqui en diante seja escussado de teer cauallo rasso ẽ que he aconthiado nẽ lhe seer lançada algũa outra conthia, e esso mesmo que nõ seia costringido pera nehũs ofícios nẽ encarregos do concelho; e Porem mādamos aos Juizes do dito lugar e aos nossos coudees e a outros quaees quer nossos ofiçiaaes e perssoas, que esto ouuerem de veer, que o nom cõstrangam nẽm mandem costringer que sirua com o dito cauallo nẽ sirua nos ditos encarregos e ofícios por que nos praz de lhe assy seer feito sem outro nehũu embargo que a ello ponhaaes. Unde al nom. Dante ẽ a çidade dEuora xbj dias de Janeiro. Aluaro Vieira a fez. Ano de nosso Senhor Jhu Xpo de mjl iiij^o L.

(Chancellaria de D. Affonso v; xxxiv, 3).

Em carta datada de Estremoz, a 29 de setembro de 1446, Chanc. de D. Affonso V; V, 64 v.º, e mandada passar pelo Infante D. Pedro, Regente do Reino, já fora concedido ao mesmo Gonçalo Rodriguez o privilegio acima referido. Como a carta emanava de auctoridade que tinha sido supprimida violentamente, aquelle como muitos dos agraciados no anterior regimen, antepondo os seus interesses a quaesquer outras conveniencias que porventura existissem, procurou e alcançou, devido á sua influencia, não uma confirmação, mas sim uma nova carta para maior segurança.

X. — Dom Joham, etc. saude. Sabede que Joham Afonso, morador na Borralha, Nos enujou dizer que algũas persoas, que lhe bem nam queriam, ho cullparam, dizendo que elle era benzedeiro e benzya quebrãto e ho ventre em terra e outras doenças com barãos, e que enujara hũu paao a hũu carneyro de hũu Gonçallo Lourenço, e que lhe quebrara hũua perna de que viera a morrer; e por ello diz que fora presso em a prissan do concelho de Recardães etc. Dada em a nossa çidade dEuora a xxiiij dias do mes de mayo... de mjl e iiij^o LR (1490) annos.

(Chancellaria de D. João II; XIII, 38 v.º).

X (a). — Dom Joham, saude. Sabede que Aluaro Vaz, criado de Manuell Paçanha, morador em a villa dElluas, Nos enuiou dizer que hũu Pero Chauejro, filho do Saludador, morador em a villa dArromches, querella delle, dizemdo que viuera com elle sopricamte per es-

paço de dias, e se fora delle sem sua licença, e depois se tornara pera elle, e que antes de se elle para elle tornar, elle fora a casa de Joham da Corda, que he parede meas com elle sopricante, buscar lumy etc. Dada em a nosa çidade dEuora a ix dias do mes dabrill... mill iiij^olR.

(Chancellaria de D. João II; XII, 103 v.^o).

XI. — Dom Afonso, etc. a uos Juizes do Julgado do Outeiro e a todos os outros Juizes e Justiças dos nosos Reinos, a que esta carta for mostrada, saude. Sabede que Joham Negreiro, laurador, morador é Argoselo do dito Julgado, nos enjou dizer que el fora preso per mado de Bastiam Anes, Corregedor em a correição de Tras os Montes, por quanto era dito contra elle que era feitiçeiro e aduynhador, que uinha as estradas fazendo é ellas feitiços e husado deles como feitiçeiro publico que era; e que Indo preso dese logo pera cadeia do dito Corregedor e chegando aldea de Parada, os que o leuaua preso, ho arretará a hua amoreira per hua corda etc. Dada é a çidade de Cojnbra, dous dias de setembro... de mjl iiij^oRb.

(Chancellaria de D. Afonso V; XXV, 37 v.^o).

XII. — Dom Afonso etc. a todos os Juizes e Justiças dos nossos Regnos, a que esta carta for mostrada, saude. Sabede que Johã Dominguez, morador em Paaço do Monte Carualhaes termo do castello dOuteiro de Miranda nos enjou dizer que poderya ora aver dous anos pouco mais ou menos que ell e outros foram costringidos per hũ Afonso de Bornes que aaquell tempo era Juys no dito logo dOuteiro que leuasse hũ presso que chamaua Johã Negreiro em Alguessello aa cadeia da Correição da comarca de Trallos Montes o quall fora presso por feitiçeiro... leuando o dito Juiz o dito Johã Negreiro presso em seu poder per hua corda sem outra nehua prissom... e em se estando asy rrefertando o dito Juiz prendera o dito presso a hua amoreira per a dita corda da quall se saltara e fogira e se lançara é hua Igreja sem lhe ell poer mao nem lhe dando nehua ajuda pera elle fogir sem o dito Juys mais curar do dito presso e que o dito presso ouuera de nos carta de perdom da dita fogida e que se linhasse per direito do por que era presso o qual ouuera carta de segurança e andando o feito perante os Juizes do dito lugar dOuteiro se ueera a finir etc. Dante é Santa é xiiij dias de maio... de mjl e iiij^o e Rbj. (1446).

(Chancellaria de D. Afonso V; V, 43 v.^o).

XIII. — Dom Joham, etc. saude. Sabede que Mafamede Abanteiro, mouro forro, morador é a nossa çidade de Lixboa, nos emviou dizer que algumas pessoas, que lhe ben nom queriom, o culpado é hua enquerição devasas geraes, que sse em a dita çidade tirarom, dizendo em seus testemunhos que ele era aduynhador, e que lançaua Juizes per Irmança, e que lançara Juizo sobre hua taça que fora furta-

da a hūu Ruy da Costa, almoxarife do almazem ē a dita çidade, e asy lançaua outros Juizos dos quaaes nenhuas partes nem pesoas Receberon perda nē dapno algūu; polla qual Rezom sse ele amorara e andana oje em dia amorado, com temor das nossas Justiças de o polla dita rrezom prenderem, enviando Nos ele sopricante pidir por merçee que lhe perdoasemos a nossa Justiça, se nos a ela por rrazom dos ditos Juizos e feitiçaria em algũa gissa era theudo etc. Dada em a nossa villa de Santarem, cimquo dias do mes dagosto... de mjll iiij^o 1R hūu.

(Chancellaria de D. João II; XI, 10).

XIV. — Dom Joham, etc. saude. Sabede que Bryatiz Eanes, molher solteyra, morador na Ilha da Madeyra, nos emujou dizer que algūas pesoas, que lhe bem nō queriam, a culparam em hūas emqueryções deusasas Jeraees, dizendo em sseus testemunhos que ella era feyticeyra e que fazia feytiços em lançar sortes com çera em auga, e que via por ella ho que lhe rrequeryam que vise, e que adeuinhoua outras cousas, e que posto, que o ella asy fizesse algūas vezes, non sse segira dello perda nem dapno algūu a nem hūas pesoas; e yso mesmo ella esteuera por manceba theuda e mantheuda com hū Johan Gonçallvez, crerjguo de mysa, em a dita ylha morador, e comsyrando como estaua cō elle em pecado mortall se apartara delle e veuja onestamente; e nō embargante que já dos malefícios ella era arredada se temja das nosas Justiças de a por Rezam do dito pecado e feytyçaria prenderem etc. Dada em a nosa villa de Santarem xj dias do mes dagosto... de mjll iiij^o 1Rj anos.

(Chancellaria de D. João II; XI, 14 v.^o).

XV. — Dom Affonso, per graça de deus, Rey de Portugal e dos Algarues, daaquem e daallē mar em Africa, A todollos Jujzees e Justiças dos nossos Regnos, a que esta nossa carta for mostrada, saude. Sabede que Ines Vaaz, molher dAfomso Eanes, nosso vassallo, morador em Vyana a par d'Alujto, Nos enviou dizer que algūnas pessoas, que lhe bem nō queriã, defamarã della em hūua Inquiriçom devassa geerall, que em a dita villa se tirara, dizendo em sseus ditos que por hūu cauallo e hūua gallinha, que lhe fora ffurtado, ella lançara ssobre ello hūua Jueira por ssaber e adeujnhar quem lhe o furto fezera; e que por ello ho Corregedor desta comarqua, estando ora em a dita villa per correiçã, a prendera etc. Dada em a nōssa çidade dEuora dous dias do mes de dezembro... de mjl iiij^o l xxij.

(Chancellaria de D. Affonso V; XXI, 245 v.^o).

XVI. — Dom Affonso, etc. A todollos Juizes e Justiças dos nossos Regnos, a que esta nossa carta for mostrada, saude. Sabede que Gil Lourenço, morador nos Carnicaees, termo de Moos, nos enuiou dizer que per bem de hūua Inquiriçam geeral, que em o dito lugar sse tirara per hūu Juiz, sseu Inmjgo, sobre elle, preguntando em ella

as testemunhas que ssentia que a elle eram oudiossas testemunhando contra elle em a dita Inquiriçam, pella quoall rrazam elle ouuera carta de segurança, e sse posera o direito na terra; e que por hi nom auer partes sse posera feito contra elle por parte de Justiça, dizendo contra elle que sseendo casado cõ hũa Caterina Pirez, teendo com sigo hũa sua enteada, filha da dita sua mulher, per nome Maria Gonçallvez, que elle dormja com a mym (*sic*) filha parindo e enprehendo a dita sua enteada delle; e que outro ssy era feiticeiro e sse hia aas estradas e nas Imcruzilhadas fazia çircos; e que era daninho publico com seus gaados etc. (*Foi degredado para Monforte de Rio Livre por um anno, tendo sido antes açoutado publicamente, conseguiu, porem, perdendo pela honrra da morte e paixom de nosso Senhor Jhu xpo, perdão do degredo contanto que pagasse mil reaes brancos para a chancellaria*). Dante em no Sardoall xiiij dias de nouembro... anno de nosso Senhor Jhu xº de mjl iiij. liij (1453).

(Chancellaria de D. Affonso v; iv, 60).

XVII. — Dom Joham, etc. saude. Sabede que Lianor Afomso, Manhoza, morador em Portalegre, nos enujou dizer, que hũu Francisque Vaaz, barbeiro, querellara della as nosas Justiças, dizemdo que ella era feitiçeira, e que ella ho conuidara que elle lhe desse çeitis, e lhe faria feitiços contra hũu seu cunhado, e que lhe mandasse catar ahudes, e que lhe faria que hũu anno nom viesse o dito seu cunhado a dita villa morar, e que elle lhe nom dera nenhũa coussa nem ella lhe nom fizera coussa algũa; polla quall defamaçam se ella amorrara etc. Dada em a nossa çidade de Lixboa quatro dias do mes da-guosto... de mjll iiijº lxxxbiijº annos.

(Chancellaria de D. João II; xv, 115 v.º).

XVIII. — Dom Afomso, etc. A todollos Juizes etc. saude. Sabede que Eluira do Ribeiro, morador na freguesia de Sam Pero Darcos, termo da nossa villa de Ponte de Lima, Nos enujou dizer, que andando ella segura e a direito perante os Juizes do Julgado de Jaraz de Riba de Lima, per rrezom de querella e denunciaçom que lhe fora dito que della dera as nossas Justiças hũu Martim dAldea, morador em Lanheses, dizendo que com feitiços o legara, por que nom quisera cassar cõ Maria do Ribeiro, sua filha, e que ho mandara acutelar per hũu seu filho, e que procedendo se pello dito feito em diante, se aconteçera adoeçer em a dita fregesia de Sam Pedro Darcos hũu Gonçallo Abade, laurador, morador na dita freguesia naldea de Paredes, e sentindo pouco os preçeitos da ley, contra defessa e escomunhã posta per seu abade, mandara por hũa feitiçeira a Galiza, a quall, sentindo como molher maa sejes que husaua de tall ofício, disera que ella Er-uira do Ribeiro lhe fezera feitiços, e jsso mesmo a hũa Lianor Pirez, ja finada, molher que fora de Fernam Estez de Penteiros e Estenam Martinz, ja finado, e a Joaham Gonçallvez de Carcaueira, ja finado, e outros muytos, em tall gissa que a dita maa molher feitiçeira lan-

çara tall fama em aquella terra, espiçialmente em a dita freguesia de sam Pedro darcos homde ella era morador, que procedendosse asi em o dito feito, aa sua notiçia veera que querellarom della aas ditas nossas Justiças o dito Gonçallo Abade per Rezom dos ditos feitiços e o dito Fernam Desteuez e Maria Estevez, molher do dito Esteuam Martinz, e a molher do dito Joham Gonçaluez da Carcaueira. Os quaaes todos e cadahũu per sy e outros muytos todos querelarom e denunciarom della aas ditas nossas Justiças, dizendo que com feitiços fezera muyto mall na terra, e que lhes furtara pam nos moynhos e das eiras, e que husaua da dita maa arte de feiticaria e doutros muytos crymes, fazendo lhe os sobre ditos todo esto maliciosamente polla lançarẽ em prisoes e destroirẽ de hũa pouca fazenda que tijnha etc. *(Foi perdoadada dos maleficios e fuga com previo pagamento de dois mil reaes brancos para as obras da Santa Maria das Virtudes, quantia que pagou effectivamente ao Vice-Chancellor Dr. Pero Lobato)*. Dada ẽ a nossa muy nobre e senpre leall çidade de Lixboa xxj dias do mes de Julho... de mjlj^oLxij.

(Chancellaria de D. Affonso v; i, 99 v.^o).

XIX.— Dom Joham, etc. saude. Sabede que Maria Afonso, molher de Gomez Annes, Barba lleda, morador em almoçageme, termo da nilla de Sintra, nos enuiou djzer que algũas pessoas, que lhe mall queriã, a culparã, poderia ora auer sete ou oyto annos, dizendo que ella dera hũu pichell de vinho a oferta na Igreja de Santo Andre, que era no dito loguo, em o quall fora achado hũu bolsso e dentro nelle barbas e cabellos domẽ e fios de sayo e lãa meyrinha e hũus alua-raaes que diziã Gomes Janes em tres em dous barro barreyro *(sic)*, dizendo que erã feitiços, os quaes tinha feitos pera o dito seu marido, por que auya muytos annos que a leixara desẽparada, e que posto que ella dese o dito picheel de vinho a oferta, ella se podera bem liurar do dito casso de feitiços, em que a culparã, se ella teuera por homde se poher hi dereito, mas que era tanto pobre que ho nõ podia fazer, e se temia de a por ello prendeirẽ etc. Dada em Santarem a xxix dias do mes dagosto... de mjll e iiij^olxxxbij.

(Chancellaria de D. João ii; xx, 199 v.^o).

XX.— Dom Joham, etc. Sabede que Lianor Pirez, molher de Pero Nunez, morador em Tores Vedras, Nos emujou dizer que ella ouuera outra nosa carta de perdam, por sse dizer contra ella que cõ hũa Judia hordenara feitiços ao dito seu marjdo. scilicet. hũu bollo pera lhe dar a comer e lhe elle querer bem e outras cousas, nã declaramdo que cousas eram, e que por ello as nosas Justiças lhe nã quiriam guardar o dito perdam, pollo quall ella declaraua as ditas cousas em esta gisa. scilicet. que a dita Judia per nome Aviziboa tomava chunbo derretijdo com terra e lamçauoo em aguoã e fazia hũa fegura de homem e outra de molher de barro e que lhes daua com hũu cordell e dizia ssobreсто suas horaçoes e pallauras e que per esta

via o dito seu marido lhe querrya grãde bem e não faria, salluo o que ella ssopricamte quisesse, ssegundo que nas ditas culpas majs compridamente sse continha etc. Dada em Lixboa a x dias do mes de mayo.... de mjll e iiij^olRij.

(Chancellaria de D. João II; v, 34 v.^o).

XXI.—Dom Joham, etc. saude. Sabede que Isabell Aluez, molher de Ruy llopez, morador em a nossa villa de Santarem, nos emuiou dizer que ella fora pressa, por sse dizer que ella sopricante era feiteceyra e que tinha feityços no llar pera sseu marjdo; e forra por ello degradada por hūu anno fora da dita villa de Santarem e seu termo etc. Dada a nossa çidade de Lixboa aos xxbj djas do mes dabrill... de mjll iiij^olRij annos.

(Chancellaria de D. João II; v, 21).

XXII.—Dom Joham etc. saude. Sabede que Briatiz Roiz, molher de Pedro Gonçalluez, escudeiro do conde de Vjlla Real, morador em a nossa çidade dEvora, Nos jnujou dizer que alguuas pessoas, que lhe mall queriam, testemunharom contra ella em deuassas ou deuassa Jeerall, que na dita çidade tirada fora, dizendo que ella sopricante fezera feytiços aa molher de hūu Ruy Gonçaluez pera a ser bem aujnda cō seu marjdo; e que jsso mesmo dera a cauallgar ē sua cassa della requerente hūua molher que se chama a Solteira a hūu Manuell Fernandez, capateiro, que era molher solteira e dormja cō quē lhe prazia; e por ello ella sopricante se amoorara com temor das nossas Justiças etc. Dada em Santarē xxbij dias do mes de feunereiro.... de lxxxbj.

(Chancellaria de D. João II; I, 42).

XXIII.—Dom Joham, pella graça de deus, Rey de Portugall, etc. A todollos Juizes etc. saude. Sabede que Isabell Martinz, molher de Aluare Anes, morador no Açumar, Nos emuyou dizer, que ella fora pressa em a dita ujlja, polla culparē em hūua Imquiriçã deuassa que ella fezera feitiços Afomso Camgeiro e a hūu Pero Martinz, por quererē bem a suas molheres e por nã terem mãcebas; e os feitiços erã: que fezera hūua Imagē de çera, e lhe punhã debaixo da cama onde dormja, dos quaees diz, que elles erã ssao e seu aleixã nē doença que nhūu ouuesse nē teuesse; e em semdo por esta pressa diz que fora entrege a hūu frade cacereiro etc. Dada em a nossa çidade de Lixboa a ij dias do mes de Junho... de mjll iiij^olxxxbij annos.

(Chancellaria de D. João II; xv, 33).

XXIV.—Dom Joham, etc. A todollos Juizes e Justiças etc. Sabede que Catallina Esteuez, morador em a ujlja de Euora Mōte, Nos emviou dizer que a ella era dito que hūua Maria Annes, morador na dita villa d'Evora Mōte, defamara della aas nossas Justiças, dizendo que ella era feeteçeira publica, e que fizera feetiços a seu marido em

tall maneira que o fezera vijr fazer vida com ella domde ella estaua com hũa mançeba, e jssso mesmo lhe era dito que hũu Fernan Rammalho, outrosy morador na dita ujl̃la, defamara e testemunhara della dizendo que ella sopricante era alcoueteira publica, e que allcouetara hũa molher de Fernan Gonçalluez per nome Ines Afomso e adera a hũu omẽ que com ella dormira, segundo que nas ditas deuassas mais compridamente fazia mençam etc. Dada em a nossa ujl̃la de Santa-rem a ix dias do mes de feureiro... de mjl̃liij^olxxxbij̃ anos.

(Chancellaria de D. João II; XIX, 29).

XXV. — Dom Joham, etc. saude. Sabede que Isabell Pirez, molher solteira, morador ẽ esta çidade, nos ẽviou dizer que allgũas pessoas, que lhe bem nõ queriam, a culparõ em as emquircõees devasas geraaees, que se em esta çidade tirarom, dizemdo em seus testemunhos que ella era publica feitiçeira, e que fazia feitiços aos homẽs por lhe quererẽ bẽ, asy como fezera a hũu Joham Fernandez, ferrador, e a hũu Ruy Gomez, bacharell, procurador em a casa do çiuell, moradores ẽ esta çidade, aos quaaes ella dera a comer e a beber feitiços .scilicet, çogidades de seu corpo e outras mujtas peçonhas, e esto em o tempo que os ella seruia fazemdo lhes estes feitiços e outros semelhantes per outros modos e maneiras a fim de lhe quererem bem pella qual Rezam se ella amorara etc. Dada ẽ a cidade de Lisbõoa axb dias do mes de Julho... de mill e iiij^o lxxxbj̃.

(Chancellaria de D. João II; IV, 92).

XXVI. — Dom Afomso, etc. A todollos Jujzes e Justiças dos nosos Regnos a que esta carta ffor mostrada, saude. Sabede que Maria Anes Valdounja nos enuyou dizer que podia auer dez ou doze anos que ella andaua amoorada ẽ os Regnos de Castella per Razõ da que-rella e denuçiaçõ que della dera Ljonor Afomso, molher de Gonçalo Martinz Queixada, morador na cidade dEuora djzendo que dormya cõ o dito sseu marido e lho tijinha emfeitiçado e que era alcouneta e feitiçeira. pella qual Razom ella fora presa e fogira da prisom, e andaua ora ajnda asy omjziada etc. Dada ẽ Leirea iiij^o dias do mez de Julho... Era iiij^oR^{ta}ij̃ anos.

(Chancellaria de D. Affonso V; XXIII, 71 v.^o).

XXVII. — Dom Johã, etc. a todollos Juizes e Justiças de nosos Reinos, a que esta nosa carta for mostrada, saude. Sabede que Ana Roiz, molher que foy de Pero Alurez, pedreyro, morador em a nosa villa de Santarẽ, nos ẽuyou dizer que ella teuera em sua cassa hũa Maria Alurez, molher solteira, a quall Maria Alurez fezera hũu bollo, ẽ que fezera feitiços, e o dera a comer a hũu homem seu amjgo, o quall lhe nõ fezera nẽ hũu empidimento, o quall bollo lhe ella lmsynara a fazer, por a quall cousa sse tirara hũa deuasa em a dita vjl̃la, em a quall a culpauã, e que de dia e de noute entrauã em sua cassa, nõ estando hy seu marjdo, homẽs, os quaaes nõ sabyã sse erõ

pera a dita Maria Alurez sse pera ella ssopricante etc. Dada em forma em a çidade dEuora a x dias do mes dabrjll... de mjll e iiij^olR annos.

(Chancellaria de D. João II; XII, 115).

XXVIII. — Dom Joham, etc. saude. Sabede que Briatiz Nunez, molher de Gomçalle Eannes, morador em Souto Maior, termo da villa de Trancosso, nos enuiu dizer que hũu Joane Annes e Costança Annes, sua molher, e Margarida, sua filha, moradores no dito lloguo, querellaram, e deuassaram della, dizemdo que ella allconitara a dita Margarida, sua filha, pera hũu Joham Fernandez, homem cassado, com que ella dormya, do quall ella eprenhara e parira hũua filha, e que ella sopricante enfeitaua a dita Margarida por parecer bem ao dito Joham Fernandez, e a çarua dentro em sua cassa, e que fazia feitiços e efetiçaua o dito Joham Fernandez por querer bem aa dita Margarida e maall a sua molher delle Joham Fernandez, dizemdo que fora buscar atraz dos gafos pera fazer os ditos feitiços; segumdo mais comprimadamente nas ditas querellas e devassas era comtheudo etc. Dada na nosa cidade de Lixboa dezasete dias do mes de nouembro... de mjll iiij^o lR dous annos.

(Chancellaria de D. João II; VII, 101).

XXIX. — Dom Joham, etc. saude. Sabede que Mecya Peyxota, morador na çidade de Braga, Nos emviou dizer, que algũas pesoas que lhe bem nom queriam, testemunharam contra ella, em hũa devasa, que ella matara hũ asno de hũ Lujs Anes, crerigo, morador na dita cydade, pera fazer com elle feytiços, polla quall Rezã ella fora presa no Aljube do arçebispo, e jazendo presa em hũa camara sobradada tyrara hũa tauoa do sobrado e se deçera a hũa logia e casa terea, donde fogira por hũa Janella com hũs feros que trazia nos pees etc. Dada a nosa cydade dEuora a vinte e dous dias do mes de Janeiro... de mjll iiij^o e nouēta e hũ anos.

(Chancellaria de D. João II; IX, 19).

XXX. — Dom Joam, etc. saude. Sabede que Margarjda Afomso, mulher veuua, morador naldea de Vall Verde, termo da vyla dAguiar da Beyra, nos emuyou dizer que algũas pesoas, por lhe terem maa vontade e quererem mall, a poseram em deuasas dizendo que ella alcuetara hũua Ines, moça ssolteira, fjlha de hũa Catalina Afomso, morador na dita aldeia, e que a leuara a hũu Pero Esteuez dos Carnicaees, termo da vylla de Trancosso, pera dormir com ella, e que asy denunciarõ e diseram em as ditas devassas que ella fezera feitiços a hũu Lopo Fernandez, morador na dita alldea, dizendo que tomara a terra donde elle poynha os pees, e que asj era braua desonesta etc. Dada em a villa de Viana da paar dAlujto aos xxij dias do mes de oytubro... de mjl e iiij^o lR anos.

(Chancellaria de D. João II; XVI, 94).

XXXI. — Dom Affonso, etc. a todollos Juizes e Justiças dos nosos Regnos a que esta carta for mostrada saude. Sabede que Briatiz de Sousa, molher solteira, nos enujou dizer que ella fora presa em a prisam da vjlla de Santarē, por se dizer contra ella que hera feityçeira e alcoueteira publica, que alcouetana as molheres casadas e por casar e que, quando as nō podia trazer a sua maa proposeto, lhe fazia feitiços, com que as fazia vjir hu queria, e fora por ello metida a tormēto daçoutes duas vezes, por as quaees nō confeso por nom saber dello parte; e visto o dito per os ounydores da nossa corte derom ē ell sentença que a solltassē; e que seendo dada asj sentença, sem o ella saber hūa noyte fugiram os presos que em a dita prisam Jaziam etc. (*Consequiu fugir tambem e foi-lhe perdoada a fuga*). Dada em Santarē xxiiijº dias de nouembro... ano de mjl e iiijº Rj (1441). (Chancellaria de D. Affonso v; II, 49).

XXXII. — Dom Eduarte, etc. A todollos Juizes etc. saude. Sabede que Maria Seca e Catallina, sua Irmaa, filhas de Pero Seco, moradores em essa villa de Leirea, Nos enuiarō dizer que dellas querellarō e denunciarō hūa Isabelle Anes e Eytor Gonçalluez, seu genrro, e outras pessoas da dita villa, que lhes bē nō queriã, defamarō dizendo que ellas, como molheres que nō temjã deus, usauã mall de ssy husando de sseer feiticeiras e alcoueteiras, e que dormjã cō os hōmēes casados e ssolteiros e cō os clerigos e frades, como maas molheres, pella quall Razō diz que forō presas em a prisom e castello da dita billa de Leirea etc. Dada em a çidade dEuora xbiijº dias de março... de mjl e iiiijº e xxxb annos. (Chancellaria de D. Duarte; III, 38).

XXXIII. — Dom Eduarte etc. A todollos Juizes etc. saude. Sabede que Leanor Uaaz, molher que foy de Johane Anes, çapateiro, morador em Santarem, Nos enbiou dizer que ella fora presa ē a prisom da dita billa e acusada, por sseer dito cōtra ella que era feiticeira, e que fora tanto de feito cōtra ella, que bisto todo pellos Juizes da dita billa a degradarã della e de sseu termo por dous annos etc. Dada em ARuda xxbij dias de Julho... de mjl e iiijº xxxb annos. (Chancellaria de D. Duarte; III, 90).

XXXIV. — It. Carta de perdam de fugida de Aldonça Bugalho, morador no Julgado de Fillgueiras, fora presa por querella que della dera hūa madrasta dAiras Gomez da Sillua, pella nom querer seruir disera ao dito Airas Gomez, que a dita Aldonça Bugalho usaua de sy mal e que (*era*) gram feitiçeira, pella quall Razam fora presa em hūa Aljube e lhe nom queriã fazer audiência, e ella veendo se asy deseparada e como podeçia de seu ventre e por nō Jazer em prisam perlongada veera a fogir do dito aljube queymãdo hūa tauos da porta dalçapã donde asy Jazia e se saira sē leuando nē britamdo nhūa cadea pello quall andaua amoorada etc. Teemos por bem e perdoamos

lhe a nossa Justiça e comtanto que ella se liure per seu direito etc. Dada em a çidade de Lixboa xbij dias dabrill... Era de mjl iiij^o e xxxix annos.

(Chancellaria de D. Affonso v; xviii, 70 v.^o).

XXXV. — Dom Affonso, etc. saude. Sabede que Lionor Affonso, morador em Santarem, Nos enuyou dizer que ella ffora presa na prisom da nossa corte, por seer dito contra ella por parte da Justiça, que era feitiçeira e alcouyteira, e que fora metida ha tormêto e nom confessara cousa algũa, e que ssem embargo dello fora degredada por hũu ano da dita villa de Santarem etc. Dada em Lixboa, quatro dias do mes dabrill... era de mjl iiij^o R.

(Chancellaria de D. Affonso v; xx, 62 v.^o).

XXXVI. — Dom Affonso, etc. a todollos Juizes e Justiças, etc. saude. Sabede que Beatriz Gomez, morador ẽ Couro, Nos enuyou dizer que ella fora presa, em a prisom da dita villa, por hũa inquiriçõ deuasa que hi fora tirada, em a qual lhe era dito que algũas pessoas que lhe bem nõ queriã, a culparõ, dizẽdo que era feitiçeira e alcouujteira e lladra, ssem se queixãdo della nẽhũa pessoa etc. (*Foi comprehendida na perdoança geeral que ora fezemos*). Dada ẽ Lixboa dij dias dabrill... Era mil iiij^o R.

(Chancellaria de D. Affonso v; xx, 120 v.^o).

XXXVII. — Dom Afonso, etc. A todollos Juizes e Justiças e officiaes e pessoas de nossos Regnos a que esto perteeçer e esta carta for mostrada saude. Sabede que Eluira Gonçalluez Queymada morador em a nosa çidade do Porto nos enujou dizer que os officiaes da camara e homẽes bõos da dita çidade a mãdaram prender por lhe seer dito della que era feitiçeira e alcoueteira e que levando a presa dous barbeiros per mãdado dos sobre ditos lhe escapara das mãos e poder ẽ hũa Rua etc. Dada ẽ a dita çidade, trinta dias do mes dagosto... de iiij^o Rij.

(Chancellaria de D. Affonso v; xxiii, 39 v.^o).

XXXVIII. — Dom Afonso, etc. A quantos esta carta virem, fazemos ssaber que a Nos diserõ que hũu Gonçallo Afonso, morador ẽ a cidade de Lixboa a Sam Christovã, alugou çertas cassas ssuas a hũa Catarina Uasquez e a hũa Catarina Pirez Bacora ẽ a dita çidade, que ssam mulheres que husã mal de sy ẽ dormirẽ pubrecamente com os homẽs e seerẽ feitiçeiras e alcoueteiras, e que hi a hũa nossa hordenaçõ, que quall quer pessoa que ssuas casas alugar a semelhantes mulheres sejam perdidas pera a nossa camara cõ dez soldos douro, pella quall rrezõ, se asy he, que per bem da dita hordenaçõ as ditas casas que lhe asy o dito Gonçallo Afonso alugon e os ditos dez soldos perteeçẽ a nos, e podemos todo de direito dar... a Pero Godinho, escudeiro, criado do Doutor Ruy Gomez dAluarenga

do nosso dessenbargo e petições etc. Dada ẽ a cidade dEuora **xxb** dias de março... de mjl **iiij^oRiiij** anos.

(Chancellaria de D. Affonso v; **xxiv**, 85 v.^o).

XXXIX. — Dom Affonso etc. A todollos Jujzes, Justiças dos nossos Reinos, a que esta carta for mostrada, saude. Sabede que Maria Gonçalluez, morador em Coujlhãa, nos disse que ella fora pressa na prissom da dita villa por seer dito contra ello per alguaas perssoas que lhe bem nom quiriõ, que era feiteçeira, e braua e que ẽ Jazendo assy pressa, que hũu Affonso Andre que della defamara per ẽforma-çom nõ uerdadeira que della dera a Lourenço Anes, ouujdor do Ifante dom Anrriquy, meu muyto prezado e amado tio, a mandaua leuar a prisom que perante ell amdaua etc. Dante em Lixboa **xxiiij^o** dias dabrill... de mjl **iiij^oRiiij**.

(Chancellaria de D. Affonso v; **xxvii**, 76 v.^o).

XL. — Dom Affonso, etc. A todollos Juizes e Justiças de nossos Regnos, e a quaeesquer outros, a que desto ho conhecimento perteençer per qualquer guissa que seja, e esta nossa carta for mostrada, saude. Sabede que Margarida Affonso Ferreira, morador na Bouça, couto do mosteiro de Poonbeiro. Nos enuiuou dizer que Aluaro da Lousa e ssua molher e Joham de Chaues e Tareija Afomso, mançeba de frey Joham, e Ines Lourenço da Bouça e Gonçallo Dominguez, morador em Sam Lourenço de Caluos, e ssua filha Maria Gonçallues, morador em Guimaraaes, e outras pessoas que lhe bem nõ queriam, que-rellarõ e denunciãrõ della e derõ mujtos capitollos famosos (= *difamados*), em forma de mal dizer, aas nossas Justiças e a Esteue Anes de Ponte, que em o dito tempo era corregedor por Nos em aquella comarca dAntre Doiro e Mjnho, dizendo cõtra ella que era cassada cõ Afomso, fereiro, e que lhe pecara na ley do cassamento e que em sseendo elle viuo, que ella ho leuara de noyte a beyra de hũu Ryo, cõ homẽs que com ella hiam e que lhe derom mujtas paancadas; e que sso- bre segurãça ella dera cõ hũua pedra hũua pedrada a Ines dAbações; e que alcouuetara Maria Gonçalluez, filha de Gonçallo Dominguez, e a dera a foder a Lopo do Rego dentro ẽ hũua cassa e lhe fechara a porta de fora poendo lhe o dito Lopo do Rego hũu punhall nos pei- tos; e que ella matara hũua vaca a Johã Uicente, frade de Poonbei- ro; e que alcouuetara Tareija Afomso, filha dAfomso Martjnz, que tij- nha espossada cõ Joham Uasquez e a dera a foder a frey Joham de Poonbeyro; e que fezera dar aa dita Tareija Afomso, mujtos couçes e mujtas paancadas e a arrastraram pellos cabellos sseendo parida doyto dias; e que fezera dar a Afomso Anes do Tendal e a Bras e a Johane sseus filhos mujtas paancadas; e que fezerõ (*sic*) dar de noyte Aluaro da Lousa e a Margarida Gonçalluez, ssua molher, e a Bras, seu filho, mujtas paancadas e lhe fezera mujto mall e mujta desshon- rra; e que fezera dar mujtas paancadas a Joham de Chaues e que lhe matara hũua vaca cõ caaes e com hũu paaõ; e que saira ao camjnho

a Briatiz Afomso, molher que foy de Joham Uicente, e a esguedelha-ra e arranhara; e que possera fogo de noyte a hũa ujnha de Ines de Bouça, com a quall lhe queimara hũa ssebe que tijnha por tapijgo; que esso meesmo lhe quebrara de noyte hũas portas de hũa cassa aa dita Ines da Bouça e lhe furtara galinhas e que lhe matara mais hũu porco e hũu cam e que lhe furtara hũa capa e lha ssobterrara de soo hũa lata; e que correra em pos a dita Ines Anes da Bouça cõ paaos e cõ pedras e lhe fezera mujta dessonrra e que mais ssobre segurança lhe dera mujtas paancadas pellas partes do corpo negras e Inchadas e abertas e sanguentas; e que era publica alcoueteira de molheres cassadas e moças uirgees e viuuas; e que era feiteceira publica; e que ueuja cõ Steue Lourenço, homẽ cassado, que era ssua baregam, ssendo lhe defesso pella Justiça nossa que nõ uiuesse cõ elle, e que ssem embargo da dita defessa, que ella morava cõ elle; que era barregaa publica dhomẽs cassados e ssolteiros e frades e clerigos; e husana mall de sy, por cuja rrezõ erom muitas cassas estragadas e homens aujam maas creenças cõ ssuas molheres, que lhes dauã mujtas pancadas per ssua culpa della e aazo; e que era deshonnrador de homens cassados e molheres cassadas; e que furtava galjnhas e patos e cabritos e frãgaaos e carneiros e leitooes e maraas; e que furtara hũa saya a Maria Anes, molher de Joham de Chaues, fazendo ella estes malles e sem rrezões aas ssobreditas pessoas em vendita e revẽdita e ssobre seguranças etc. (*Foi mandada prender pelo Corregedor, conseguiu, porem, fugir da cadea e andando amorada foi perdoada da fuga simplesmente; e do mais, que se livrasse segundo direito*). Dante em a nossa çidade de Coimbra bij dias de mayo... de mjl iiij^oRb.

(Chancellaria de D. Affonso v; xxv, 63 v.^o).

(*Continua*).

DIALECTOS ALEMTEJANOS

(Contribuições para o estudo de Dialectologia Portuguesa)

IX

LINGUAGEM POPULAR DO CONCELHO DE AVIS

A convite do meu amigo Dr. Manoel de Matos Silva estive no concelho de Avis sete dias em Setembro de 1892, e quatro dias em Agosto de 1893, com o fim de assistir á exploração de algumas antas.

Durante o trabalho da exploração, e fóra d'elle, offereceu-se-me

ensejo de fallar muitas vezes com gente do povo, e por esse motivo tomei differentes notas á cêrca da linguagem vulgar da localidade, as quaes vou aqui publicar.

As pessoas, cuja linguagem constitue o material d'este estudo, erão principalmente das freguesias de Maranhão e Benavilla.

A) Phonologia

1. Não observei nada importante sobre as vogaes oraes. Não existe *ü*, que existe noutros pontos do Alemtejo.

2. As vogaes nasaes são semi-abertas, como no Alandroal ¹: assim *pēnti*, *pēna*, *cōmo*, etc., cujas vogaes tónicas se differençaõ pois das de *pēra* e *cōdia*. — As vogaes nasaes não são gutturalizadas.

3. As vogaes, antes de consoantes nasaes (*m*, *n*, *nh*), são nasalizadas ²: *āmo*, *cāma*, *lānha* (lenha), *mānha*, *pēna*, *mīnha*, *vīnha*, *sōnho*, *sōno* (somno), *ũnha*. As vogaes *ā*, *ē* e *ō* são, como se disse no § 2, um tanto abertas.

4. Tambem aqui se nota a nasalidade emphatica do Alandroal e de outras localidades do Sul ³: -ĩ... etc.

5. O *x* e o *j* teem o mesmo valor do Alandroal ⁴.

6. O *s* (*ç*) e o *z* (*s*) experimentão modificações analogas ás dos *s* e *z* de Lisboa, em todas as condições (iniciaes, finaes, etc.): *lux*, *xtá*, *doix*, *sácox*, *jnocar*, etc.; só, em virtude da regra antecedente, o *x* e o *j* se differençaõ dos respectivos sons lisbonenses. — Em Vallongo, porém, observei o *s* (*ç*) e *z* (*s*) do Porto, quando iniciaes de syllabas.

6. a) Ao suff. litterario *-elho* (*-elha*) corresponde *-êlho* (*-êlha*): *urêlha*, *uvêlha*, *casquêlho*, *abêlha*.

b) A terminação *-ejo* (*-eja*) da lingua litteraria sôa *-êjo* (*-êja*): *igrêja*, *nêja*, *sêja*.

c) Antes de *x* não se desenvolve *i*: *báxo*, *buguêxo*, *quêxo*.

d) Parece que *-enha* se pronuncia *-ānha*: *lānha*. Isto está de acôrdo com o § 10-a.

7. VOGAES ORAES ÁTONAS INICIAES.

a) O *o* inicial ora sôa *u*, ora *ô* ou *ò*: *urêlha*, *uvêlha*, *ulhér* (olhar), *ôlhárão* (subst.), *ôlvera*, *ôrvalhado*, *ôvir*. — Tudo isto observei. E' provavel que estas diversas pronuncias dependam da emphase ou de condições individuaes; pois a tendencia do Sul é dizer-se *ô* ⁵ ou *ò*.

Diz-se porém *ôcasido* e *acuasião*. A primeira fôrma é vulgar noutro ponto do reino; a segunda já tambem a tenho ouvido fôra de Avis. O

¹ *Dial. alemtej.*, VIII, 8.

² *Ibid. ibid.*, VIII, 7.

³ *Ibid. ibid.*, VIII, 9.

⁴ *Ibid. ibid.*, VIII, 12-3.^a

⁵ *Ibid. ibid.*, VIII, 22-b.

u em *acuasião* desenvolveu-se como em *cuaso* (caso), também usado em Avis: cfr. *Dial. alentej.*, VIII, 20-e.

b) A mesma variedade que observei no *o*, a observei no *e*, pois ouvi: *êrmitôa*, *êrmão*, a par de *itada* (=êtada)¹. A syllaba *es-* é diferentemente transformada: ora dá *is-*, ora *s-*, como *stá* (xtá), *ispalho* (ixpalho); este diferente tratamento deve depender da emphase ou da negligencia: na emphase deve ser *is-* (-ix), na pronunciação negligente *s-* (-x).

8. SYLLABA ÁTONA INICIAL COM **I** ORAL.

Ha tendencia para mudar o *i* em *e*: *vetória* (=victoria), *teção* (=tição), *venégre* (=vinagre), *spretél* (=sprital, hospital), *gueterra* (guitarra).

9. **E** ORAL ÁTONO FINAL:

A tendencia é mudá-lo em *-i*: *fonti*.

10. **E** NASAL.

a) *ẽ* tonico medial (e inicial) parece que dá *ã*: *vanto*, *tampo*, *sam-pre*, *vande*, *dante*, *dantro*, *troçando* (vento, tempo, sempre, vende, dente, dentro, torcendo). Todavia, a par de *vanto*, não será difficil ouvir *vento* (isto é, *vênto*: § 2); e ouve-se *tẽ medo*, etc., onde *e* fica realmente medial (cfr. § 10-e).

b) No principio, em syllaba átona, ora temos *ĩ*, ora *ẽ*: *inrado*, *inganar*, *intinder*, *ẽntar*, *ẽndurinha*. Provavelmente, o mais commum será *ĩ* (cfr. § 11).

c) No fim das palavras, os verbos offerecem mais geralmente *-im* do que *-em*: *pódim*, *intendim*.

d) A' cêrca de *ẽ* átono medial, vid. o § 11.

e) *ẽ* tonico final soa *-ẽi* (i. é, o ditongo *ei* nasal): *bẽi*, *tẽi* (bem, tem), que não rimão pois com *mãi*. Todavia, se as vogaes ficarem cobertas, soão *ẽ*: *tẽm medo*, *bẽm bom*.

11. Tanto *õ* como *ẽ*, quando átonos, transformão-se respectivamente em *ũ* e *ĩ*:

<i>tumbar</i>	<i>vinder</i>
<i>cumprar</i>	<i>stinder</i>
<i>cuntar</i>	<i>intinder</i>
<i>apuntar</i>	<i>pindurar</i>
<i>cuntrario</i>	<i>tinder</i>
<i>redundinho</i>	<i>rinder</i> .

Igualmente se diz «*nim* a terra», «*sim* ti», «*quim* me namóra»; isto é, *nem*, *sem*, *quem*, quando proclíticos, seguem a regra.

A pessoas de Móra ouvi também dizer *cunvencer*.

12. Um dos factos mais interessantes da linguagem d'estes sitios

¹ *Dial. alentej.*, VIII, 22-a.

é a mudança de *á* tónico em *é*, em certos casos. Aqui cito muitos exemplos que colhi em flagrante: *inxéda* (enxada), *pinhél* (pinhel), *busqué* (buscar), *padrésto* (padrasto), *spretél* (= sprital, hospital), *preciséva* (precisava), *asnéréda* (asneirada), *cruzédo* (cruzado), *furéda* (furada), *tirér* (atirar), *invergunhér* (envergonhar), *derrubéssemos* (derrubassemos), *crivér* (crivar) *usévim* (usavão), *sepultér* (sepultar), *détér* (deitar), *pindurédo* (pendurado), *turniédo* (torneado), *triéga* (theriaga), *descurticér* (descortiçar), *madruguéda* (madrugada), *suér* (suar), *venégre* (vinagre), *néda* (nada), *antrésse* (entrasse), *luguér* (logar), *quintél* (quintal), *cadiédo* (cadeado), *guetér* (guitarra), *cristél* (crystal), *furédo* (furado), *buréco* (buraco), *inzétamente* (exactamente; de *inzéta*), *alimél* (animal), *qualidéde* (qualidade), *iscumélho* (escumalho).

Ainda mesmo naquelles casos em que *a* é semi-aberto (§ 2), se muda em *é*: *fuléno* (fulano), *chéma* (chama), *torregéna* (torrejana).

Não observei o phenomeno nem em *a* inicial (*arte*, *arma*), nem em *a* final (*cá*, *já*, *vá*, *acolá*), nem em *a* propriamente nasal (*campo*, *tanto*); mas neste ultimo caso talvez a mudança se observe.

Resta ainda tambem saber se quando a mudança se dá em syllaba tónica final (*spretél*, *quintel*, *suér*), esta syllaba pôde ficar descoberta, ou tem de estar coberta; em alguns dos exemplos collidos a syllaba ficava coberta, pois as phrases que eu ouvi fôrão: «*spretél* d'Avis», «*busqué* pedras».

O *e* em que o *a* se muda é um perfeito *é*: assim *quintél* rima com *anél*, *tirér* com *colhér*; *cristél* (de *crystal*) confunde-se com *cristel* (de *chystér*), etc.

Este phenomeno da mudança de *á* tónico em *é* observa-se tambem em Ponte-de-Sôr (onde ouvi *puxér*, *busquéva*), e em várias localidades da Beira: vid. *Dialectos beirões*, III.

Nota. A's vezes acontece o inverso: *é* muda-se em *á*, em *cemitário* (cemiterio) e *sásta* (de *sésta*). São muito vulgares na vida da linguagem contradicções (apparentes) d'esta especie.

13. O ditongo *ou* condensa-se em *ô*, segundo os habitos da phonetica do Sul: *môco*, *pôco*. Em um cruzeiro que está defronte da igreja de Vallongo (do anno de 1782) lê-se: «Esta crus mando f.^a», isto é, *mandô fazer*. Em *tôrinho* (tourinho) o *o* é aberto. Quando o ditongo fica descoberto, ou antes de palavra que comece por vogal, é difficil dizer-se se dá condensação, ou se o *u* se conserva, embora attenuado (*ũ*); nos meus apontamentos encontro «*é voũ*, *andoũ*, *vôô* (com *é* prolongado), *sôô* (idem), a par de «*ê vô*», «*ê vô alli*», *matô-a*.

Diz-se *bôa* (não *boã*), *vôa* (não *voã*), *oitro* (*outro*; mal talvez tambem se diga *ôtro*).

14. O ditongo *ei* experimenta a mesma modificação que noutros fallares do Sul, isto é, muda-se em *é* antes de consoante, excepto *s* final: *cadêra*, *molétas*, *enfêto*, *êra*, *ganadêro*, *pêto*, *dê-le*, *andê trabalhando*. Antes de vogal ouve-se *i* reduzido: *vêio*, *mêta*, *cêta*, *xêto* (cheio). No fim das palavras, e antes de *s* final, tambem: *andêi*, *sêix*, *trêix*, *sêix*; como *s* final vale *x*, o *x*, que é palatal, fez conservar o *i*. Rigo-

rosamente o *ɣ*, quando se conserva, não se une á vogal antecedente para constituir ditongo, mas constitue syllaba, ou isolado, ou unido ao phonema seguinte: *andê-i*, *xê-io*, *trê-ix*. Cfr. *Dial. alemtej.*, VIII, 20-d.

15. O ditongo *eu* experimenta destino analogo ao do ditongo *ei*. Antes de consoante condensa-se em *ê*: *mê carro*, *sê filho*, *ê digo*, *metê-se*; «*adês igreja de S. Maria*». Sendo final, mantem-se: *metêu*, «bem pudéras tu ser *mêu*». Antes de vogal pelo menos ouvi *mêu amor* e *mê amor*. Cfr. *Dial. alemtej.*, VIII, 20-b.

16. O ditongo *iu* condensa-se em *i*, pelo menos colhi um exemplo: «*êle vi'-s'affito*». Cfr. *Dial. alemtej.*, VIII, 20-c.

17. O ditongo *ão*, quando átono ou proclítico, tem tendencia para se reduzir a *â*: «*stâ cinco*», *patrâzinho*, «*nâ senhor*», «*tâ raro*», *mâzinha*, «*tâ lindo*». Cfr. *Dial. alemtej.*, VIII, 20-g. — Em linguagem rapida e descurada, o adverbio *nâ* póde desnasalar-se: «*na vais*».

18. Em *travallho*, de *trabalho*, o *b* intervocalico acha-se mudado em *v*. E' curioso que numa inscripção romana que está na igreja de Entre-Aguas (Benavilla) se leia *Lobesa* e *Lovesi*, que, sendo fórmulas da mesma palavra, tenham, uma *b*, e outra *v*: cfr. *O Archeologo Português*, I, 224.

19. ESDRUXULOS.

O *i* postonico muda-se em *e* nestas palavras: *prátega* (= *prátiga* = *prática*) e *décema* (= *décima*), o que é o primeiro passo para a redução das palavras esdruxulas a graves. Em *famila*, de *familia*, a redução deu-se. Todavia, por contradicção phonetica, a que já me referi no § 12, diz-se *bóstia* por *bôsta*.

20. Dá-se interessante assimilação nestas palavras: «ninguéim *ne* chega»; «*ê* meti-nas». A primeira expressão está por «ninguém *le* chega»; a segunda está por «meti-las ¹ todas». Em qualquer dos casos o *l* foi assimilado á nasal antecedente, e por isso mudado em *n*; o mesmo succedeu outr'ora na lingua geral em *dão-no* = *dão-lo*, *em no* = *em lo*, etc.

21. Dá-se dissimilação em *Jorze* (que achei numa cocographia) e em *nadrilho* = *ladrilho*.

22. O hiato evita-se, como noutros fallares, com a intercalação de um *i*, nestes casos: «*váis á-i-agua*», «*a-i-arma*», «*há-i-agua*», «*p'ra-i-êra*», «*cá-i-hê-de tornar*».

Dá-se epenthése de *a* (suarabacti) em *marafim*. Intercala-se *r*, entre dental e vogal, em: *batatra*, *setra*, *penedro* (*batata*, *setta*, *penedo*).

23. Dá-se paragoge de *e* ou *i* (cfr. § 9) em *paúle* (*paul*), *é-i* (*é*), *pindurári* (*pendurar*), *cáli* (*cal*), *rumperi* (*romper*), *pé-i* (*pé*), *pé-is* (*pés*). Num ex-voto na igreja da Senhora de Entre-Aguas (Benavilla) encontrei *mercei* (= *mercê*).

24. Ha syncope de vogaes em: *alm'çar* (= *almoçar*), *dréta* (= *de-*

¹ *meti* = *metti*. Vid. *Morphologia*, § 31-a.

reita = direita), *chm'né* (= *cheminé*), *olvêra* (= olveira = lat. *olive-
ria <> olivaria), *lapx* (= lápis). Sobre *olvêra* e *chem'né* vid. *Dial.*
alemtej., VIII, 27-e-f. O *e* de *dereito* é justificado pelo hesp. *derecho*.

25. Notão-se metatheses em *drumo* (de *dromir* = dormir), *vrido*
(= vidro), *bolra* (= borla), *Calros* (= Carlos), *trocer* (= torcer). Mais
interessante é *mádpéulra* (= *madreperola*, através de **madepéulra* =
**madrepeulra*), onde houve ao mesmo tempo dissimilação de *r*.

Diz-se *merlo* por *melro*. Creio que *merlo* é metathese de *melro*, e
não a fôrma primitiva correspondente a **merulus*; de facto seria es-
tranho que em *rl* se não desse a assimilação normal de *r* a *l*: cfr.
MELLO = **merulus*; *pelo* = *pello* = *perlo*, etc. *Mérrula* deve também
estar por *mélroa* (*mélrrua*).

26. A entonação geral é a mesma que no Alandroal e noutros
pontos do Alemtejo.

B) Morphologia

27. O feminino de *ermitão* é *ermitôa*.

28. O adjectivo *feliz* não muda no plural: «sâmos *felix*» (= so-
mos felizes). A razão é phonetica: *feliz(e)s*. E' a mesma que se obser-
va a respeito de *alferes*, *ourives*, *pires*: vid. o meu livro *O gralho de-*
pennado, 3.^a ed., pag. 94-96.

Os nomes acabados em *-al*, *-el*, *-il*, *-ol*, *-ul* fazem o plural respec-
tivamente em *-ales*, *-eles*, *-iles*, *-oles*, *-ules*: *quintal*, *quintales*; *azul*,
azules, etc. Este phenomeno pôde explicar-se ou pelo facto de o sin-
gular acabar realmente em *-ale*, *-ele*, etc. (§ 23), ou por analogia com
os nomes acabados em *-ar*, *-er*, etc. (*pomar*, *pomares*; *colhér*, *colhéres*);
em todo o caso vê-se que ha tendencia para regularizar o plural. —
Cfr. *Dialectos açorianos*, I, § 38.

No emtanto o plural de *val* é *váis*, como noutros pontos do Sul.

29. NUMERAES.

Diz-se *sêix* (§ 13), *ôito*, *dezasêix*, *dezoito*, *vint'a trêx*, *vint'ôito*, *trint'e*
ôito.

E' perfeitamente regular o dizer-se *dezoito* e *vint'ôito* com *ô*, a
par de *ôito* e *trint'e ôito* com *ó*: vid. *Dial. alemtej.*, VIII, 36.

30. PRONOMES.

a) Usa-se o tratamento de *mano* como no Alandroal ¹.

b) Diz-se *embarduas* por *ambas de duas*. A fôrma anterior deve
ter sido *ambas (de) duas*, tendo-se mudado o *s* em *r*, phenomeno muito
vulgar no Sul.

c) Diz-se *nã uma* (= nem uma, nenhuma).

d) E' muito interessante o uso de *êlo*, isto é, *ello*, nesta phrase
«qu'ê d'ello», com referencia a um homem. Noutros casos diz-se *elle*:

¹ *Dial. alemtej.*, VIII, 34-d.

com *elle*, etc. — E' a fôrma portuguesa archaica *ello* = **illu* — por *illud*; todavia parece estranho que, sendo neutra, correspondente a *isso*, *aquillo*, se applique em *Avis* como masculina.

31. VERBOS.

Os phenomenos mais importantes que offerece a conjugação consistem na nasalalação da primeira pessoa singular do preterito perfeito do indicativo da 2.^a e 3.^a conjug., e na terminação *-im* (átone) da 3.^a pessoa do plural de todos os tempos.

a) *Preterito perfeito em -im*, etc.

Diz-se: *vim* (vi), *corrim* (corri), *comim* (comi), *ovim* (ouvi), *oivim* (id.), *fugim* (fugi), *metim* (metti). Vê-se que, quando o preterito acaba em *i*, se nasala. O mesmo phenomeno se dá em gallego ¹.

A nasalalação estende-se ainda a verbos fortes, que não terminam em *-i* tónico: *fui* (fui), *sumbe* (sube, soube), *punde* (pude), *finx* (fiz). Em gallego diz-se igualmente: *fun*, *souben*, *puiden* e *fixen* ². — Todavia também ouvi *truve* (eu trouxe), a par de *tronce*.

Vid. outros exs. adiante. A regra geral parece ser: que a 1.^a pessoa sing. de todos os preteritos, excepto quando acaba em *-ê* (1.^a conj.), se nasala.

b) *Plural em -im*.

Eis aqui muitos exemplos que ouvi: *viérim* (vierão), *matárim* (matarão), *fartim-se* (fartão-se), *forim* (fôrao), *axárim* (acharão), *andim* (andão), *viérim* (vierão), *vinhim* (vinhão), *fújim* (fujão), *desinfidrim-se* (desenfiação-se), *intendim* (intendem), *usévim* (usavão), *cuidim* (cuidão), *fossim* (fossem), *dêxérim* (deixarão), *trabálhim* (trabálhão), *hájim* (hajão), *pódim* (podem), *logrim* (lógrão), *cavárim* (cavarão), *procurim* (procurão), *dávim* (davão), *cômprim* (comprão), *fiquim* (ficação).

Todavia, a par d'estas fôrmas em *-im*, também se ouvem fôrmas em *-om* (e *-um*), correspondentes a *-ão*: *fôrom*, *trôcérom*, *curévom*, *andérum*; e fôrmas em *-ê*, correspondentes a *-em*: *matê*, *handê-se prantar* (*handem-se*, por *hã de*), *crivêrê* (*crivarem*).

Respectivamente entre *-im* — *-om*, e entre *-im* — *-em* ha esta differença: *-om* e *-em* tem-se como mais polidas do que *-im*. Um homem do povo, se se lhe notarem as fôrmas em *-im* por *-ão*, emenda-las-ha em *-om*.

As fôrmas em *-im* devem explicar-se pela lei da analogia. Como, em virtude dos §§ 10-b, 10-c e 11, a vogal *ê* átona tende para se mudar em *ĩ*, quando uma fôrma verbal acabar naturalmente em *-em*, este *-em* mudar-se-ha em *-im*. Por isso:

1.^a CONJUG. $\left\{ \begin{array}{l} andem > \text{ãndim} \\ andassem > \text{andússim} \\ andarem > \text{andárim} \end{array} \right.$

¹ Saco Arce, *Gramatica gallega*, Lugo 1868, pag. 75.

² Id., *ibidem*, pag. 87, 94 e 107.

2.^a CONJUG. $\left\{ \begin{array}{l} \text{devem} > \text{dévim} \\ \text{deverem} > \text{devêrim} \\ \text{devessem} > \text{devêrim} \end{array} \right.$

3.^a CONJUG. $\left\{ \begin{array}{l} \text{unem} > \text{únim} \\ \text{unirem} > \text{unírim} \\ \text{unissem} > \text{uníssim.} \end{array} \right.$

A terminação *-im*, que nestas formas era natural, por estar de accôrdo com a lei phonetica do dialecto, generalizou-se depois a todas as outras formas, pois sabe-se quanta acção exerce nos verbos a analogia.

A terminação *-om* é meramente archaica. A terminação *-um* é attenuação d'esta (§ 11).

c) A 1.^a pessoa plur. do pret. perfeito.

A 1.^a pessoa plural do preterito perfeito do indicativo acaba em *-rmos*: «*nós já almoçarmos*» ou *almocêrmos* (almoçámos), *formos* (fomos), *andêrmos* (andámos). Sem duvida taes formas provêem do emprêgo da 1.^a pessoa plural do mais-que-perfeito, pois já em varios pontos do país tenho ouvido *andarâmos*, *fôramos*, etc., exactamente no sentido de *andámos*, *fomos*, etc. — Cfr. *Dial. açoreanos*, I, § 45. — Em *andêrmos* e *almocêrmos* ha influencia da lei do § 12.

d) *Fôrmas avulsas.*

Ser. — *Samos* (somos) ou *semos*; *fûi*, *fostes*, *foi*, *formos*, *fórom* ou *fórim*; *sêjamos* (sejamos). As fôrmas *samos* e *semos* são vulgares no país; por analogia com *stamos* e *temos*. De *fûi*, *fôrmos*, *fôrom* e *fôrim* já fallei; *sêjamos*, muito vulgar no país, provém de analogia com o singular (*sêja*, *sêjas*, etc.).

Estar. — *Stom* (por *estão*), *stinve* (por *estive*: § 31 a).

Luzir. — *Lóz* (por *luz*). — Cfr. *Dial. alemtej.*, VIII, § 38-b.

Dizer. — *Dessêsse* (por *dissesse*). Cfr. § 8.

Haver. — *Havêra* (por *houvera*), *havisto* (por *havido*), *handem* (por *hão-de*). Fôrmas frequentes no país. As duas primeiras explicão-se por analogia (*havêra* com *haver*; *havisto* com *visto* e pop. *ouvisto*). Na ultima deu-se-lhe a terminação nasal do plural, pois que a nasal interna não foi reconhecida como plural, pelo facto de o verbo acabar em *-de*.

Olhar. — *Ôlha* (por *ólha*). Nas Galveias tambem ouvi dizer *ôlhe* (por *ólhe*).

Trazer. — *Tronce*, *trôceste*, *trôce*, *trôvêmos*, *trôcérom* ou *trôcerim*.

Ter. — *Tinve*, *tiveste* ou *teveste*, *teve*, *tivermos* ou *tevermos*, *tíverim* ou *teverim*. A fôrma *tereste* é arc. (lat. *te(n)uisti*); todavia pôde aqui ter-se exercido a lei do § 8, e *teveste*, com os derivados, vir de *tiveste*.

Pôr. — *Punde*, *pudeste*, *pôde*, *pudêmos*, *puderim*, *pudimos* (*pudîmos*) = podiamos.

Saber. — *Sumbe* (§ 31-a), *sába* (por *saiba*. Cfr. *Dial. alemtej.*, VIII, § 38-b).

Caber. — *Cumbe* — *côbe*, *cabermos* — *cabérim*. A fôrma *cabermos*, no preter., é analogica com *caber*.

Vir. — *Vim* — *vêio*, *viemos*, *viérim*.

e) Em *debôto* e *debôta* por *debotado* e *debotada* (*desbotado*, *desbotada*), temos um particípio contracto como os que referi nos *Dial. alemtej.*, VIII, § 38-b.

32. PARTICULAS.

Diz-se: *nim* (§ 11), *munto* (que rima perfeitamente com *junto*) e *mum*, *pertxinho* (= *pertichinho*), *nêja* (= *nenja* = *nem já*; ou de *nája* = *nam já*); *dénesd'onte* (desde hontem), *pojém* (pois bem), *nã* (em proclise), *ontàgora* (ainda agora), *inté* (= até), *sim* (sem), *má-lo* (mais o).

33. FORMAÇÃO DE PALAVRAS.

a) Com o suffixo *-axo* (-acho) fôrma-se *Pègaxo*, «habitante do *Pégo*» (povo ao pé de Abrantes); com o suffixo *-ixo* (-icho) fôrma-se *pequenixa* (de *pequena*), *contixa* (de *conta*, isto é, «pequena conta»); com o suff. composto *-ixinho* (ichinho) fôrma-se *pecanexinho* (= *pequen-ich-inho*) e *grandexinha* (= *grand-ich-inha*); com o suff. *-uxo* (-ucho) fôrma-se *facuxo* (de *faca*; isto é, «faca pequena», «um *facuxo*»). — Da origem d'estes suffixos fallei na *Revista Lusitana*, II, 271-272.

b) Com o suffixo composto *-arruço* (-arr-uço) fôrma-se *cacarruço* (de *caco*; «cacarruço» significa qualquer vaso velho, como *panella*, *quarta*); com o suffixo composto *-alhão* (-alh-ão), e, no augmentativo, *-alhãozão*, fôrma-se *pedralhão* (pedra grande) e *pedralhãozão* (pedra muito grande). Estas formações são *parasyntheticas*, pois não se diz, creio eu, *cacarro* nem *pedralho*. O suff. *-arruço* tem significação pejorativa.

34. ETYMOLOGIA POPULAR.

Diz-se *Vai-longo* (em vez de *Val-longo*, aldeia). Diz-se *spicular* (por *explicar*), isto é, *especular*. Diz-se *figda* em vez de *figa*, por influencia de *figdo* (i. é, *figado*).

Tambem se diz *brêjeira* ou «mosca *brêjeira*», em vez de *varejeira*, por influencia do adj. *brêjeiro*.

Vid. no Vocabulario *impesemia*.

O) Syntaxe

35. Nesta secção tenho muito pouco que notar, já porque em geral a syntaxe dialectal pouco differe da da lingua usual, já porque não estive no concelho de Avis o tempo sufficiente para poder fazer muitas observações.

a) Ao verbo *usar* faz-se seguir a preposição *a* nesta phrase: «usavim a fazer isto» (usavam, etc.);

b) «pôr de galga» significa «pôr a pino». *Galga* é a pedra do la-

gar para moer a azeitona; gyra a pino. — Noutras terras, por exemplo no Cadaval, *galga* é uma pedra que se atira por um monte abaixo: «ahi vai uma *galga*!»;

c) *gerecer* conjuga-se reflexamente: *gerêce-se* (por *gera-se*);

d) *nunca* exerce as funcções de *não*, nos mesmos casos indicados nos *Dial. alemtej.*, viii, § 48;

e) o colectivo *gente* leva o verbo ao plural: «a *gente* q'remos sempre». Isto é também vulgar na Estremadura, mesmo em Lisboa.

D) Textos

1) *Sáias* ¹:

Tanho uma casa antre nuves,
O' desimparo do vento;
Quanto stô mal co'o mē bēi,
Vô p'ra lá passar o tempo.

Amanhã me vô imbora
P'r'a terra das endorinhas:
Méte cartas no corrêio,
Se quer's saber novas minhas.

Que lindo botão de rosas
Aquêla rosêra tēi;
Debaxo ninguēi ne ² chega,
A cima nã vai ninguēi.

Antoninho, maçã verde,
Criado no ramo novo;
Bē pudéras tu ser meu,
Sim dares motim ³ ó povo.

Córto pau, ispalho rama,
Levo a vetória ganhada:
Morr' ò home, fique fama,
Ajuda-m', ò camarada.

Nace ⁴ o sol, e põe-s'a lua,
Vai-s'a lua, fica o vento;
Vai-s'um amor, fiquim dois ⁵,
Vai-s'assim passando o tempo.

O' rapaz da carapuça,
Põi o xapeu, qui é melhor:
Essa carinha de neve
Nã póde andar ao sol.

Delicado é o fumo,
Que pass'à tēlha dobrada:
Delicados são tēs olhos,
Que namórim de pancada.

Si o meu amor me morresse
Depois da palavra dada,
Nim a terra me comia,
Nim ôtro amor me lograva.

O meu amor é tã lindo
Comò ôro sim ter scuma:
Aqui stã quim me namora
Sim falsidade nim uma.

Estas cantigas ouvi-as a raparigas, num *balho*, na herdade da Goiã. — A linguagem popular varia bastante, mesmo numa só localidade, conforme o grau de educação ou de intelligencia de quem falla;

¹ Cantigas de *balho* (baile).

² = *le* (lhe). Vid. § 20.

³ Parece estar por *motivo* (i. é, «motivo de se fallar»).

⁴ Não nasce.

⁵ Variante: *fica oitro*.

por isso no texto transcrito, se apparecem muitos dos caracteres que apontei nos cap. da Phonologia e Morphologia, não apparecem outros. Ainda assim, ha de entender-se que as vogaes nasaes se pronunciação semi-abertas (*āntre, vēnto, tēmpo*); que as vogaes antes de consoante nasal são nasaladas (*fūmo, carinha*); que o *s* tem o valor de *x, j*, etc., segundo os casos. Como desejei ser fiel ao que ouvi, e dar ideia verdadeira do que realmente se passa na falla popular, não pus de acôrdo o texto com as leis que deduzi no estudo grammatical que o precede. Estas leis mostram sobretudo *tendencias geraes*; não são observadas rigorosamente por todos, por causa da influencia que a linguaagem culta exerce, ainda mesmo nas camadas inferiores da população.

As observações que acabo de fazer quanto ao texto transcrito estendem-se a outros. Não só, em virtude das condições inherentes na pessoa que falla, mas das circumstancias de emphase, de negligencia, de brevidade, etc., as palavras e as phrases offerecem numerosas variantes. Na localidade a que me estou referindo, se uns pronunciação *buréco* (§ 12), *vānto* (§ 10-a), *xtrêla* (§ 7-b), *āndim* (§ 31-b), outros pronunciação, e mesmo frequentemente, *buráco, vēnto, ixtrêla* e *āndom* ou *āndum*. Todavia a regularidade das leis philologicas não fica por isso infirmada; fica-o apenas a *generalidade*.

2) *Cantiga á Senhora de Entre-Aguas:*

O' Senhora d'Antri-Aguas,	O' Senhora d'Antri-Aguas,
Stá antremêio d'dois rios ¹ :	Stais im cima da ladêra,
S'hê de casar p'ra desgostos,	Para me ver mal casada,
Dês me dê alguns desvios ² .	Mais me vale star soltêra.

3) *Cantiga de Benavilla:*

O' villa de Benávila,
P'ra mim nã stás squécida,
Ond'ê tenho os mês amores...
Inda nã stô desvanecida.

A igreja da Senhora d'Entre-Aguas fica num alto, nos arredores de Benavilla. A cantiga mesmo diz «Stais em cima da ladêra». Outra cantiga, de que me não souberão dizer o resto, começa tambem:

O' Senhora d'Antri-Aguas,
Que lá stá naquel'oitêro...

onde ha uma incongruencia syntactica vulgar nas poesias do povo em

¹ O rio Sêda e Sarrazóla, affluente d'aquelle.

² As raparigas costumão ir, em qualquer dia, rezar á Senhora, para encontrarem marido.

taes casos, pois se tomou a invocação (vocativo) como titulo (nominativo): em latim tambem se podia juntar, embora raramente, um apostro em nominativo a um vocativo; e podia empregar-se o nominativo em lugar do vocativo ¹.

Estive nesta igreja, onde fiz algumas investigações ethnographicas, que publicarei noutro lugar. Na parede li uma inscripção romana a que já me referi acima, e que publiquei n-*O Archeologo Português*, I, 224.

4) *Cantigas a S. Marcos e á Senhora dos Prazeres:*

Adês, igreja de S. Marcos,
Má-lo santo que stá dentro!
No cimo tês um tórinho,
Só le falta o guarda-vento.

Adês, ó senhor S. Marcos,
Que tês uma strêla na têsta,
Que te prantárim nos anjos
No dia da tua festa.

Hê-d'ir ó senhor S. Marcos,
Hê-de lá ir, nã prometo:
Trago o mê amor nas sortes,
Nã sê s'andarê de preto.

Adês, Senhora dos Prazeres,
Que lá stá nos azinhaes;
O' cimo stá o senhor S. Marcos,
Lá no mêio dos matagaes ².

A igreja de S. Marcos fica tambem num alto, e é objecto de muita devoção popular. Noutra occasião publicarei as lendas que lá ouvi, e descreverei os costumes que se observão na festividade do santo.

A igreja da Senhora dos Prazeres, onde tambem estive, não fica muito distante da de S. Marcos.

5) *Cacographia:*

Na igreja da Senhora de Entre-Aguas vi um ex-voto, que supponho ser do seculo passado, em que se lê o seguinte, que foi escrito por pessoa de pouca instrucção, e que nos erros de orthographia deixou transparecer a pronúncia vulgar (sublinho as fórmulas dialectaes):

«*Mercei* ³ que fes noça Senhora de entre as agoas a francisco gorze ⁴ da uila de benauila que estando mizarauel mente ⁵ em prigo ⁶ de uida comhumal malina emprigo ⁶ de nam ⁷ escapar epor entersão ⁸ da-mesma senhora se axa *milhor* ⁹ epara memoria mando ¹⁰ fazer este Painel».

¹ Vid. Madvig, *Grammat. lat.*, trad. de Epiphanyo Dias, § 299-b, obs. 1 e 2.

² Esta quadra está estropeada.

³ Vid. § 23.

⁴ = *Jorze*. Vid. § 21. — O A. escreveu *g* por *j*.

⁵ = *miseravelmente*. O *e* antes de *r* muda-se frequentemente em *a* na linguagem popular de todo o país.

⁶ = perigo. Cfr. § 24.

⁷ Cfr. § 17.

⁸ = inter(ce)ssão. Esta fórmula encontra-se noutras localidades tambem.

⁹ = melhor. Vulgarissimo, ou mesmo geral no país.

¹⁰ = mandô = mandou. Vid. § 13.

E) Vocabulario

Abatrúz, m., abutre. — Para a etymologia vid. *Dial. alemlej.*, VIII, *Vocabulario*.

Abéspra, vespa. — Do lat. *vespa*. A prothese de *a* é muito vulgar na linguagem do Alemtejo. A epenthese de *r* será devida á influencia de *vespera*, que se pronuncia *vespra*. A mudança de *v* em *b* é rara no Sul (cfr. § 18); todavia tambem se diz *avespra*.

Acarro, sésta das ovelhas: «as ovelhas stão no *acarro*». — Subst. verbal de *acarrar*.

Albufêra ou **almufêra**, açude. — Transformação phonetica e ideologica do subst. commum *albufeira*. A troca da labial *b* pela labial *m* não é phenomeno insolito.

Alimél, animal. — Sobre o *é* vid. § 12. A fórma *alimal* é frequente no país. Do lat. **an(i)male*, por dissimil. de *n-m*; cfr. *alma* < *anima*.

Almeçar ou **alm'çar**, almoçar. — O sr. Ad. Coelho, no *Dicc. etym.*, admite como étymo de *almoço* o lat. *admorsus*, sem explicar como é que o grupo *rs*, que devia dar em português *ss*, deu *ç*. Em hesp. ha *almuerzo*; em portug. arch. (vid. D. N. do Leão, *Orig. da ling. portug.*, cap. VII) ha *almorço*.

Almezio. — «Gado d'*almezio*», gado que anda sôlto, em liberdade.

Almufeira. Vid. *albufeira*.

Alumiada, palheiro.

Alvézes, às vezes. — Primitivamente devia ter-se dito *alvêz*, de *a-la-vez*, onde o *l* do artigo se conservou, por se ter syncopado o *a* seguinte. Depois a palavra *alvêz* foi considerada como simples, e por isso recebeu a terminação normal do plural *-es*, d'onde *alvézes*. Factos d'estes são muito vulgares na vida da linguagem.

Amintar, pôr em lembrança. — De *amentar* (§ 11). A fórma ital. *ammentare* leva a crêr que *amentar* não se formou de *a + mente*, mas sim do lat. **admentare*: cfr. Körting, *Lat.-rom. Wört.*, s. v.

Amintolia, almotolia. — Dissimilação de *l* — *l*, d'onde *amotolia*, e, por dissimil. de *o* — *o*, *ametolia* (fórmus usadas, por ex., na Beira); depois o *m* nasalou o *e* (cfr. *mensagem*, do fr. *message*), d'onde *ĩ* (§ 11). Em resumo: *almotolia* > *amotoliaa* > *ametolia* > **amentolia* > *amintolia*.

Anáco, chibarro de um a dois annos. — Palavra que tambem existe na lingua commum: *annaco*, — de *ann-aco*. O suffixo *-aco* supõe a fórma primitiva *-accu*: cfr. tambem Meyer-Lübke, *Gramm. der Roman. Sprachen*, II, § 499, obs.

Antes que, ainda que. — Geral no país todo.

Apilhar, pilhar. — De *a-pilhar*. O prefixo *a-* é frequente no Sul (cfr. *abespra*). O verbo *ilhar* não vem do lat. *pilare* (esta palavra deu *pelar* por infl. de *pêlo*); vem de **piliare* (cfr. Körting, *Lat.-rom. Wört.*, s. v.).

Apraiar, alagar. «Este rio *apraia* tudo». Decompõe-se em *apraiar*, de $\sqrt{\text{praia}}$, cfr. *espraiar*. O étymo de *praia* não é o lat. *plaga*, pois que *g* naquellas condições não podia dar *i*. *Praia* parece vir de **plagia*: cfr. Körting, *Lat.-rom. Wb.*, s. v.

Asélha, articulação escápulo-humeral. «Asélha do hombro». De-minut. de *asa*, lat. *ansa*, com o suff. *-élha*, lat. *-ic'la*. A etymologia mostra que se deve escrever *asa* com *s* e não com *z*, como vem em alguns dictionarios.

Assênte, assento, cadeira. — Parece ser confusão com o adj. *assente*.

Auguas, aguas. — Assim vi escrito várias vezes em ex-votos da igreja da Senhora de Entre-Aguas; não sei se é fôrma corrente em Avis, comquanto seja archaica.

Avêspra. Vid. *abêspra*.

Avesprêro, vespeiro. — De *avêspra*.

Balho, baile. — Cfr. *Dial. alemtej.*, VIII, *Vocabulario*.

Barroquêro, pedra pequena. — Deriv. de *barroco*. As hypotheses que se teem proposto para explicar *barroco* são contestaveis: vid. Körting, *Lat.-rom. Wb.*, §§ 6961 e 8650.

Batatra, batata. — Vid. § 22. Sobre a etymologia de *batata* vid. Diez, *Et. Wb.*, 4.^a ed., pag. 475, s. v. *patata*. Esta ultima fôrma também se usa em algumas localidades do nosso país.

Benzilhão, o que benze ou talha doenças. — Decompõe-se em *benz-ilh-ão* (formação parasynthetic).

Bescoço, pescoço. — Cfr. *Dial. alemtej.*, VIII, *Vocabulario*, s. v. *bscoço*.

Biturnairo, veterinario. — De *veterinarius* (fôrma de origem litteraria). Ouvi esta palavra sómente a um individuo.

Borre (ou *borro*?), chibo destinado á padreação.

Brabado, barbado. — Vid. § 25.

Brêjeira, varejeira. — Vid. § 34.

Buêr, beber. — De *bubér* (vid. *Dial. alemtej.*, VIII, *Vocabul.*), por dissimilação de *bu-b*.

Buguêxo, pedra pequena (syn. de *barroquêro*).

Burnardo, Bernardo. — Cfr. *Dial. alemtej.*, VIII, § 29 d.

Cacarruço, vaso velho. — Vid. supra, § 33-b.

Cadiêdo, brinco das orelhas. — De *cadeado* (§ 12).

Caivêra, caveira. — Vid. *Dial. alemtej.*, II, *Vocab.*, s. v.

Caquêro, caco. — De *caqueiro*, $\sqrt{\text{caco}}$. — *Caco* não vem do lat. *cacabus*, pois que *c* intervocalico daria *g*, mas de *caccabus*, através de **cáccao* > *cacco*.

Carvalhéro, carvalho. — De *carvalh-eiro*; cfr. *carvalheira*.

Casquêlho, caco. — Da $\sqrt{\text{casca}}$ como suff. *-êlho*. Cfr. Körting, *Lat.-rom. Wb.*, § 6549.

Catrálo. Tem a mesma significação que *buguêxo*.

Cevão, porco cevado. — $\sqrt{\text{cevar}}$.

Olamentina, Clementina (nome de mulher). Vi esta forma num ex-voto da Senhora de Entre-Aguas.

Olassia, classe. — Cfr. *véstia* (de *veste*).

Comedia, comedoria. — Quanto á formação cfr. *tomadia*, de *tomar*, e *moradia*, de *morar*.

Comidade, commodidade. — Dissimilação de *d-dade*.

Companha, companhia. — Vid. *Dial. alemtej.*, VIII, *Vocab.*, s. v.

Conho, calhau rolado. (Ouvi este termo em Ponta-de-Sôr, mas é provavel que tambem se use em Avis). — O termo existe na lingua commum, com significação um pouco diversa.

Convinhente, conveniente. — Parece ser antes infl. de *convinha*, do que palatização de *ni*.

Cuáso, caso. — Sobre o *u* cfr. *Dial. alemtej.*, VIII, § 20-d.

Cucégas, cócegas. — *Cucéga* ou *cocéga* suppõe o verbo **cocegar*, do lat. **cocticare* (pronunciado **coccicare*), sobre **coctiare*, que deu *coçar*. Cfr. Körting, *Lat.-rom. Wb.*, § 8207.

Cudar, cuidar. — Vid. *Dial. alemtej.*, VIII, *Vocab.*, s. v.

Dênesde (esdruzulo), desde. Tambem se usa na Extremadura. — Do lat. *de + in + de + ex + de*, isto é, **dénde(c)sde* > *dênesde*, com assimilação do *d* á nasal precedente, o que tambem se observa em *ind-gora* = inda agora, e em *tanaajinha* = tâ d'ajinha. — Ha outras palavras formadas como *dênesde*, por ex.: hesp. *denante* = *de + in + ante*; prov. *dedins* = *de + de + intus*; portug. *desde* = *de + ex + de*; ital. *davanti* = *de + al + ante*, etc. — Como explicação de *dênesde* não se pôde admittir simplesmente *de + in + ex + de*, pois *n* inter-vocalico syncopar-se-hia.

Desplicar, explicar. — De *de + explicar*.

Dia. «Coisas d'algum dia», i. é, antigas. — Expressão vulgar noutras localidades. — A palavra *dia* não deve explicar-se pelo lat. *dies*, mas por **dia*, que devia ter existido no lat. vulg., em virtude do parallelismo que se estabeleceu entre os nomes da 1.^a declinação, e os da 5.^a terminados em *-ies*; cfr. tambem *materia* <> *materies*.

Dignidade, valor, importancia, merecimento. «Isto tem alguma dignidade».

Êlo (ello). — Vid. § 30-d.

Emprezador (ou *imprezador*?), irmão da «irmandade de S. Marcos». — De *emprazador*.

Enxôgar (ou *inxôgar*?), enxaguar. — De *enzaguar*, através de *enzaugar* (que é como se diz na Beira). Conjugua-se pois *enxôgo*, *-as*, *-a*, etc.

Êto. — Vid. *itada*.

Figda, figa. — Vid. § 34.

Frade, figura de tijolo que se assenta na parede junto ao lar. Noutros pontos chama-se *boneca* e *sempre-noiva*: cfr. *Rev. Lusit.*, III, 227.

Frontaria, frente. «Fica na frontaria».

Gadlinho, gadelho, gadelhinho. «Num gadlinho de lâ».

Galga. Vid. § 35-b.

Galilão. «Pato galilão», galeirão.

Ganadéro, pastor de gado. — Cf. *Dial. alemtej.*, II, *Vocab.*, s. v.

Gerecer-se, gerar-se. — Do lat. **generescere*. A fôrma intermédia deve ter sido *gèrecer*.

Hi, ahi. «Por hi». — Vulgar no país. Não do lat. *ibi*, mas de *hi(c)*.

Home, homem. — Vulgar no país.

Impesemía ou **imp'zemía**, epidemia. — O povo diz frequentemente no país *impedemia*; d'aqui fez-se *impesemia*, por influencia de *peso* ou *pesar*.

Inoaxo, encaixe. — Subst. verbal de *encaixar*.

Indurinha ou **endurinha**, andorinha. — Esta fôrma apoia o que eu disse nos *Dial. alemtej.*, VIII, 37-a, not. 2, á cêrca da etymologia de *andorinha*.

Ingríme e **ingrimado**, ingreme. — A fôrma *ingríme* é tambem corrente na Extremadura. — O étymo não foi ainda descoberto; terá alguma relação com o allemão *grimmig* (*ingrimmig*)?

Inté, até. — Fôrma vulgarissima no país. Troca da preposição *a-* por *in-* (*em-*).

Isburrondar, esbarrondar.

Iscumélho, escumelho ou escumalha.

Itada e **êto**, linha de terra, trabalhada por um homem, *√actus*. Cfr. D. Carolina Michaëlis, *Stud. z. hisp. Wört.*, § 17.

Jacaréu, jacaré. — Substituição da terminação *-é* por *-éu*, que se encontra nestas palavras: *vasaréu* (vid. infra), *mastaréu*, etc. São raros em português polyssyllabos acabados em *-é* (*José* muda-se em *Zé*, que é monosyllabo; *maré* é termo de emprêgo limitado, etc.). Tambem no Alandroal a palavra fr. *porte-monnaie*, que devia dar *porte-moné* (como se diz vulgarmente), deu *porta-boinél*, tendo sido a terminação *-é* substituida por outra.

Justiça do Maranhão. — Dá-se este nome, por graça, aos abutres, que costumão fazer ninho numa fraga chamada *Maranhão*, na serra do mesmo nome (concelho de Avis).

Letebó e **litebó**, noitibó. — O português *noitibó* creio ter vindo de **noctivölus*, através de **noitiboo*. A fôrma d'Avis é-me difficil de explicar.

Léu, m., occasião. «Quando eu tiver leu». Do lat. *leve(m)*, d'on-de, por extensão de sentido, «allívio, descanso, vagar, occasião». Cfr. a phrase «andar ao léu», ou «estar ao leu». Julio Moreira, na *Revisita Lusit.*, I, 180, compara justamente a formação de *leu* (*levem*) com a de *nau* (*navem*).

Longas, lombrigas. (Esta fôrma ouvi-a nas Galveias, concelho de Ponte-de-Sôr, mas é provavel que tambem se use no vizinho concelho de Avis). — Tomou-se a qualidade pelo objecto (*synedoché*).

Mãdpéulra, madreperola. — Vid. § 25.

Malhada, conjuncto de *silhas*. — Decerto é, quanto ao étymo, a mesma palavra (embora noutra accepção), que foi mencionada nos *Dial. alemtej.*, II, *Vocab.*, s. v.

Manilha. «F. é um *manilha* para essas coisas», i. é, um barra, um menino muito apto para isso.

Marafim, marfim. — Vid. § 22.

Maranhêro, marinheiro. — De *marinheiro* através de **marenhêro*; o *e* mudou-se em *a* (cfr. *misaravelmente*).

Marnéco, marréco. «Pato *marneco*».

Mêda, meda. — Noto aqui esta palavra, comquanto nada tenha de dialectal, porque nuns pontos do país pronuncia-na com *é*, e noutros com *ê*.

Menza, mesa. — O *m* inicial nasalou o *e*, como em *mãe*, de *múi*. O *n* não representa o do lat. *mensa*, pois esta palavra, no lat. vulg., era *mesa*.

Merlo e mérrula, melro e melroa. — Vid. § 25.

Milharada, milho, quando se cólhe para ir para a eira. — De *milh-ar-ada*.

Misaravelmente, miseravelmente. — Vid. *Textos*, n.º 5, nota.

Munto e mum, muito e mui. — A fôrma *num* assenta em *mun(to)*, e esta em *muito*, i. é, *mũito*, tendo-se desfeito o ditongo *ũi* como em *cudar*, de *cuidar*, *cutello*, de *cuitello*, etc.

Nadrilhos, ladrilhos. — O *l* mudou-se em *n* por dissimilação: *l-l*. *Ladrilho* não vem de *laterculus*, como diz Körting, *Lat.-rom. Wb.*, s. v., mas como nota o sr. Ad. Coelho, no *Dicc. etym.* (supplemento), de *latriculus* (i. é, **latriculus*). O suffixo lat. *-iculus* ora offerece *ī*, ora *ī*, conforme no radical ha *i* ou não; assim *clavīcula*, a par de *annīculus*¹. Todavia, nas linguas romanicas estabeleceu-se muitas vezes confusão entre *-īculus* e *-īculus*: é por isso que em português temos *vencilho* a par de *vencelho* (lat. **vinciculum*), pois *ī* dá *i*, e *ī* dá *ē*.

Nobrezia (pronúncia *nubrezia*). «E' um grande rebanho; só cabras é uma *nobrezia*!» (i. é, muitas). — De *nobreza*, ao que parece.

Norça ou norsa, articulação. «A norça dos dedos» (nós dos dedos), «a norça do pulso».

Nossiço, massiço. — Assenta em *mossiço*, que se usa noutras localidades.

Ólharão e ólhêrao, olho de agua. — De $\sqrt{\text{olho}}$, com o suff. *-eir-ão*.

Ólvêra, oliveira. — Vid. § 24.

Ontágóra, ainda agora. — Vid. *Dial. alemtej.*, VIII, *Vocabulário*, s. v.

Panões, pannos que se collocão debaixo das oliveiras, para se apanharem as azeitonas na occasião da vareja. — De *pann-ão*.

Pedralhão. — Vid. § 33-b.

Penédro, penedo. — Vid. § 22.

Pinhêra, pinheiro manso. «Uma *pinhêra*». — Cfr. *carvalheira* a par de *carvalheiro*.

¹ Vid. Meyer-Lübke, *Gram. der Rom. Sprachen*, II, 422.

Plal, poial, banco de pedra pôsto ao lado da porta, da banda de fóra. A's vezes ha um de cada lado da porta. Póde mesmo dar-se o caso de o *pial* rodear a casa toda. — Cfr. *Dial. alemtej.*, viii, *Vocab.*, s. v.

Ponto, verso. — «A décema tẽ dez pontos».

Porco. Eis os seus nomes: *lêvão* (emquanto *mamma*); *bacro* (depois de desmammado); *farrôpo* (de anno e meio); *porco* (nome generico).

Prátega, prática.

Prigo, perigo. Tambem se chama assim ao raio. «Cahiu um prigo». — Vulgar noutros pontos do Alemtejo; tenho mesmo ouvido dar este nome aos instrumentos prehistoricos de pedra, que o povo considera como *raios*.

Pruvir, prohibir.

Purso, pulso.

Remólgo, -a, preguiçoso, -a. — De **remullicus* ($\sqrt{mollis}$)?

Reposta, resposta.

Restelêra. E' a azeitona que vae cahindo antes do varejo. Tambem se lhe chama *restêlo*. — Do lat. $\sqrt{restillare}$?

Restêlo. Vid. *restelêra*.

Retábalo, retabulo, quadro que se offerece como ex-voto. Assim vi escrito num, e tambem *ritablo*.

Ritáblo. Vid. *retábalo*.

Sáias, cantigas que acompanhão a dança.

Salgados, terrenos da beira do Tejo (de Salvaterra para baixo), aonde chega a agua salgada.

Sarúga, pragana.

Scualho, chocalho. — De *ch'calho*. Quanto ao *u* vid. *cuaso*. Tambem podia escrever-se *Xcualho*.

Sculto, occulto. «Naquelle *sculto*» (subst.). — De *occulto*, por infl. de *escuso*, na phrase «sitio *escuso*».

Sibana, taipal feito de esteva ou de outro mato alto e rijo, em cima do carro, para levar palha; segura-se por meio de umas travesas ligadas aos fueiros; adiante ou atrás põem-se pannos ou rêdes. — Em logar da *sibana* póde usar-se uma simples rêde.

Silha, poial de pedra em que assentão os cortiços das abelhas.

Snucar. «Este quêxo *snucava* quantas cõdias le fossim á bõca». — De *deslocar*? No Entre-Douro-e-Minho tenho ouvido muitas vezes *desnucar* (desnocar) por *deslocar*.

Spicular, especular. — Vid. § 34.

Spretél, hospital. — No país é vulgar dizer-se *sprital* (infl. de *sprito* = espirito?). Quanto ao *é*, vid. § 12; quanto ao *e* inicial, vid. § 8.

Squila e **squilôa**, chocalho. — Quanto á etymologia de *squla*, vid. *Dial. alemtej.*, viii, *Vocab.*, s. v. A fôrma feminina *squlôa* suppõe a existencia da fôrma mascul. *squlão*.

Suisse, suissa (barba).

Teção, tição. Vid. § 8. — Do lat. *titione(m)*.

Testão, tostão. — A fôrma popular é anterior á litteraria: cfr. o fr. *teston*.

Trambulhar, tombar. — Cfr. *trambolho*.

Travejar (?).

Ugal, igual. — Conheço esta fôrma noutras localidades. Cfr. ital. *uguale*.

Valente, grande. «Uma pedra muito *valente*».

Vasaréu, caco. — Decompõe-se em *vas-ar-éu*, de $\sqrt{\text{vaso}}$, como *mast-ar-éu*, de $\sqrt{\text{mastô}}$, fôrma arc. de *mastro*. Derivações parasintéticas.

Xambão, osso grande. — Na lingua commum existe *chambão*, que parece ligar-se com o fr. *jambon*; mas como se explica o *ch*?

Xibarro, nome generico do bode. Até á idade de um anno chama-se *xibo*; de nm a dois annos *anáco*; de mais de dois annos *xibato*. *Xibarro* e *xibato*, i. é, *chibarro* e *chibato*, decompõem-se em *chib-arro* e *chib-ato*.

Xibato. Vid. *xibarro*.

Xuvinhar, chover pouco. — De *chuv-inh-ar*,

Zango, zângão. — A terminação *-ão* átona foi simplificada em *-o*, como na fôrma popular *órfo*, de *órphão*, e *Estévo*, de *Estêvão*.

No mappa dialectologico do continente português, que organizei para ser publicado na *Chorographia de Portugal* do prof. Ferreira Deusdado, onde o foi a pag. 16 (Paris, Aillaud & C.^{as}, 1893), vê-se que as fallas de Avis e Ponte-de-Sôr constituem uma variedade na linguagem do Alemtejo. Com effeito, se não todos, pelo menos algum dos mais característicos phenomenos que observei em Avis, observam-se em Ponte-de-Sôr.

Do estudo feito, conclue-se que na linguagem de Avis falta o *ü* e *ö* característicos de Castello-de-Vide e Portalegre ¹, pelo que ella se distingue d'essa zona; pelo *um* e *im* átonos (§ 11), pelo *á > é* (§ 12), pela nasalção da 1.^a pess. sing. do preterito (§ 31-a), pelo plur. em *-im* dos verbos (§ 31-b), distingue-se da linguagem de outras zonas alemtejanas (Alandreal, Evora, Beja, etc.), mas liga-se-lhe por vários phenomenos phoneticos, taes como *ou > ô*, *ei > ê*, *eu > é*, valor do *x* e *j*, e outros morphologicos e syntacticos, e ainda pela entonação e pelo *-om* dos verbos, que existe a par de *-im* (§ 31-b).

O phenomeno de *á > é* (§ 12) é, como já notei, commum a várias localidades da Beira, por exemplo, ao Fundão, onde porém existe o *ü* e o *ö* que faltão em Avis, — o que mostra que nunca aos dialectos se podem marcar com rigor limites geographicos, pois, se duas zonas

¹ *Dial. alemtej.*, vi-1, vii-1.

offerecem ás vezes phenomenos iguaes, offerecem outros diversos, e mesmo oppostos. A nasalidade do preterito dos verbos (§ 31-a) observei-a tambem em fallares do concelho de Abrantes, onde me dizem que igualmente se usa a terminação *-im*, como *andárim*, *cantárim*, *dixérim* (andarão, cantarão, disserão). Abrantes, comquanto esteja separada da região em que está Avis pelo rio Tejo, não fica muito longe, e por isso não admira que a linguagem dos dois concelhos apresente factos iguaes. Não obstante o que disse acima a respeito da distribuição de certos phenomenos dialectologicos, não se pôde negar a grande relação em que esta se acha com as condições geographicas: zonas vizinhas offerecem a cada passo phenomenos semelhantes.

X

NOTAS DIVERSAS

1. PONTE-DE-SÔR:

Como já referi, a linguagem de Ponte-de-Sôr, se é que não concorda absolutamente com a de Avis, apresenta contudo muitos phenomenos iguaes. Em Ponte-de-Sôr observei, por exemplo: *sábĩ...* (= sabe), com *-i* nasalado emphaticamente ¹; *puxér* (= puxar ²); *busquérom* (=buscãrão ³).

2. SOUSEL:

A um homem da Casa-Branca, concelho de Sousel (que fica perto de Avis), ouvi dizer:

a) *Más* (mas), forma usada noutros pontos do país.

b) *Arrinquér* (arrancar). O *é* por *á* está de accôrdo com o que se passa na linguagem de Avis ⁴. *Arrinquér* assenta immediatamente em *arrincar*, que se usa em várias regiões do país. O étymo de *arrancar*, a que se liga *arrincar*, não pôde ser o lat. *radicari*, pois esta palavra, ou antes, **ar-radicare* ⁵, deu *arraigar* e *arrigar*, e fica sem explicação a nasal que se nota em *arrancar*. A' cêrca de *arrancar*, vid. Diez, *Et. Wt.*, I, s. v. *ranco*; Todd, in *Modern. lang. notes*, I, 236; e Körting, *Lat.-rom. Wb.*, s. v. **ar-ranco*: o étymo é germanico. Em gallego ha tambem *arrincar*. Comquanto esta palavra se relacione etymologicamente, como disse, com *arrancar*, é provavel que cada uma provenha de seu dialecto germanico; pelo menos a distincção entre ellas é muito antiga.

c) *Asquelles* (aquelles). Esta forma creio que deve explicar-se as-

¹ *Dial. alemtej*, VIII-9; IX-9.

² *Ibid.*, IX, 12.

³ *Ibid.*, IX, 12 e 31-b.

⁴ *Ibid.*, IX, 12.

⁵ Vid. Körting, *Lat.-rom. Wb.*, s. v.

sim: do singular *aquella*, em que o *a* foi tomado como artigo, fez-se *as-quellas*, dando-se ao *a* a desinencia do plural; depois, por analogia com *asquellas*, disse-se *asquelles*.

3. MÓRA.

A um homem do concelho de Móra ouvi dizer: *cunvencer* (= convencer) e *Muntalvo* (= Mont' Alvo ¹); *ponti* (= ponte ²); «é-i-o caso ³»; «á do mê cumpadre ⁴»; «a sua mania d'elle ⁵». Tudo isto está de acôrdo com a linguagem de outros pontos da provincia. O *um* < *om* encontra-se, como vimos, em Avis.

4. ATALAIA.

A um homem de Atalaia, concelho de Gavião, distr. de Portalegre, com quem fallei casualmente num comboio, ouvi o seguinte: *métio*, *lúa*, *pũco*. O *e* de *colher* tinha uma particularidade de que me não lembro bem ⁶. O *a* tónico e o *u* erão longos. Tudo isto com a entonação dava á pronúncia do homem caracter bastante especial, em comparação com o da linguagem do resto da provincia: de facto, a existencia do *u* e do *õ* mostra que a falla de Gavião pertence á zona occidental de entre o Zêzere e o Cãia.

5. REDONDO.

Já estive por duas vezes no Redondo, uma, nas férias do Entrudo de 1890, outra, nas da Paschoa do mesmo anno, mas com tão pouco tempo, e tão occupado noutro assumpto que eu ia estudar, que pouco pude observar na linguagem. Esta, no emtanto, não me pareceu nada differente da do Alandroal; assim ouvi: *notĩx*, *cruzádox*, *ox*, *sacox*, *tambẽ* ou *tambẽi*, *tornẽio*. O valor do *s*, *z*, *x* e o das nasaes, o modo de tratar os ditongos, certas expressões syntacticas, como «as suas milhoras d'ella», o vocabulario, tudo, nas rapidas horas que fallei com gente do Redondo, se me afigurou igual ao que com vagar eu tinha observado no Alandroal. Por isso no meu mappa dialectologico, publicado em 1893, notei com a mesma côr as zonas alandroalense e redondense.

6. ESTREMÔS.

Nas mesmas férias em que estive em Villa-Viçosa (*Dial. alemtej.*, x), estive tambem uma noite, e parte de um dia, em Estremôs. Mas, como o tempo de que eu dispunha para trabalhar, o occupei quasi todo na visita ás antiguidades locaes, poucos factos recolhi da lin-

¹ *Dial. alemtej.*, ix, 11.

² *Ibid.*, ix, 9.

³ *Ibid.*, ix, 22.

⁴ *Ibid.*, viii, 44-h.

⁵ *Ibid.*, viii, 53.

⁶ Cfr. *Dial. alemtej.*, vi, 7.

guagem, que porém me pareceu não differir da de Villa-Viçosa, Alandroal, Redondo e Juromenha.

O nome da villa é pronunciado pelo povo *Stremôres*, i. é, *Xtremôres* ou *Xtremôrix*. A palavra *Estremôs* parece ser um diminutivo plural de *extremo*; neste caso *Stremôres*, por *Extremôres*, seria um caso de etymologia popular, devido á influencia de *tremores*.

Ouvi *mejmo*, *pocto*, *carrox*, com o valor do *s* e *x* do Alandroal; *nã sé*, *tã frio*, *antigamenti*, *carrũ*... *tudũ*... *nhôrã*... (senhor), *cãçã*... (nasalidade emphatica), *hai* (ha), *vêrê* (viver), — o que tudo está de accôrdo com o que notei nos capitulos da linguagem do Alandroal e dos concelhos vizinhos.

7. TERENA.

Estive em Terena (concelho do Alandroal) em 1890, por duas vezes, mas com pouca demora e com pouco descanso para estudar a linguagem.

Ao pé de Terena está o celebre santuario da Senhora da Boa-Nova, em que ha duas inscripções do deus Endovellico. Eis duas cantigas a respeito da Virgem:

Sinhora da Boa-Nova
Stá na vila de Trena:
Mal empregada Sinhora
Numa vila tã piquena!

Sinhora da Boa-Nova
Tê a cruj numa barrêra,
A-i-êgrêja numa cova,
Mais a báxo é a ribêra ¹.

Sinhora da Boa-Nova
Quero-lhe pedir com tempo,
Que no dia da sua festa
Nê xova, nê faça vento.

Como noutras igrejas em que predomina o culto popular, ha nesta muitos *retábulos* com *milagres*. Nos *Dial. alemtej.*, II, 17, notei algumas cacographias que encontrei nestes *retábulos*, e que teem importancia phonetica.

Factos avulsos que observei na linguagem oral: *ẽ* (= em), *sólĩ*... (= sol), *avẽ*... (= ave), *partĩ*... (= parte), *parch* (= partes), factos analogos aos que se observão no Alandroal.

Ouvi dar ao *s* inicial e ao *z* os mesmos valores que se dão no Porto. O sibillo do *s* e *z* do Porto impressionão logo o observador. No fim de palavras *-s* vale *-x*. O *x* e o *j* não teem o mesmo valor do Alandroal, são pronunciados um pouco mais atrás ²; approximão-se dos de Lisboa. Representando *s* e *z* por *š* e *ž*, temos pois: *duax šalas*, *lejma*, *mejmo*, *duaš xaves*, *duaž jarras*. A' cêrca d'estes dois ultimos factos

¹ A ribeira do *Luç ifece*.

² Cfr. *Dial. alemtej.*, VIII, § 12-3.*

cfr. *Dial. alemtej.*, II, 1-a. — Estes phenomenos, pelo menos, observei-os na falla de várias pessoas.

As nasaes são como no Alandroal; ha tambem a nasalidade emphatica final, como se notou em alguns dos exemplos citados, e se nota nestes versos:

Mê bēi, ó villa de Trēna,
O amor é gōstū...
O dêxar é pēnã...

A' cêrca da linguagem das Hortinhas, logar vizinho, vid. *Dial. alemtej.*, VIII, introd.

Apesar do que fica indicado, a linguagem de Terena é extremamente semelhante á do Alandroal.

8. BENCATEL.

Bencatel é uma aldeia, perto do Alandroal, notavel por ter sido estação romana, e ahí ter apparecido a célebre ara do deus *Fontanus* e da deusa *Fontana*. Nas fêrias do Entrudo de 1892 fui lá com o fim de estudar alguns restos romanos, e por essa occasião observei os seguintes factos linguisticos: «naquella *bàtecóva*» (= no fundo d'aquella cova), *fontaneca* (= fonte pequena ¹), *é fui, hai* (= ha), *dubaxo* (= debaixo), *lágix* (= lages), *acēnha* (= azenha), *carapentéro* (= carpinteiro), *invitar* (ou *ēnvitar*?), *andérō* (= andarão ²). — Todos estes phenomenos se observão no Alandroal, excepto *andérō*, que se usa só nos campos.

9. MONTES-JUNTOS.

Aldeola no concelho do Alandroal, na raia. — Como já disse nos *Dial. alemtej.*, VIII, introd., attribuem-se aos seus habitantes certas particularidades linguisticas. Ainda não pude lá ir; todavia, ouvi citar alguns factos, como estes: *inha* (por *ia*); *andive*, *andiveste*, *andeve*, *andivemos*, *andiverom*; *vãia* (por *vã* ³); *fazesse* (por *fizesse*). A fôrma *inha* é por analogia com *vinha*; *andive* (por *andei*), etc., é por analogia com *estive* e *tive*, e usa-se em varios pontos da raia transmontana; *vãia* corresponde ao hesp. *vaya*; *fazesse* é por analogia com *fazer*, pois, assim como de *cozer* se fez *cozer* (que é infinit. e fut. conj.), tambem de *fazer* se faz *fazesse*; é pelo mesmo effeito da analogia que no Alandroal se diz *dárão* (= *dêrão*), fôrma que está para *dar*, como *amãrão* para *amar*.

¹ Cfr. *Dial. alemtej.*, VIII, s. v,

² Afirmarão-me que tambem se diz (e assim deve ser, embora eu não ouvisse): tu *andêstes* e nós *andêmos*.

³ No Alandroal tambem se diz «*vaia lá!*».

10. S. BRÁS.

Em S. Brás, concelho do Alandroal, diz-se *nós 'vemos d'ir* ou simplesmente *'vemos d'ir* (sem adjuncção de *nós*), com apherese de *a* (por *hавemos*); e diz-se *handũ d'ir* por *hã de ir*, com duplo plural, pelo facto de se suppôr que *de* fazia parte do verbo (cfr. pop. *ha des* = *has de*).

XI

LINGUAGEM POPULAR DE VILLA-VIÇOSA

Nas férias do Entrudo de 1890 fiquei uma noite em Villa-Viçosa, e por essa ocasião observei os factos que constituem este artigo.

A) Phonologia

1. O valor das vogaes é como no Alandroal; o valor do *s* (e *z*) e do *x* (e *j*), também ¹: *Lijboa*, *mejmo*, *cáxa*, *báxo*, *crux*, *páx*, *duax*, *sálxa*, *cáxpa* (caspá), *bexôço*, *raxpa* (raspá).

2. O ditongo *ou* condensa-se normalmente em *ô*: *môco*, *pôco*, *lô-var*, *rôpa*, *andô*, *vô*; mesmo antes de vogal: *vô ali*, *sô alto*, *andô hoje* ². — O ditongo *ei* condensa-se em *ê*: *axê* (achei), *pêto*, *andê*, *azête*; é provavel que antes de vogal se ouça um leve *i* ³; todavia, nos meus apontamentos tenho *cêa*, *dê-a*. — Ouvi também *ê sô* (eu sou), *mê pai*, *tê pai*, *vendê tudo* (vendeu tudo ⁴), com *ê* por *eu* em proclise. — O ditongo *ão* condensa-se em *ã*: *nã quero*, *nã stã cá*, onde *nã* e *stã* são proclíticos.

3. PALATAES. Diz-se *-élho*, *-êlha*: *ôvêlha*, *ôvêlha*. Diz-se *caxa*, *baxo*, *bêjo*, *hôji* (não *hoije*), *rrelôjo* (não *reloijo*), *rôxo* (não *roixo*). Diz-se *-ênho*, *-ênha*: *tênho*, *lênha*, *acênha* ⁵.

4. Diz-se: *ventêi* (vintem), *lempar* (limpar), *pentar* (pintar), *nenguêi* (ninguem), com o mesmo *en* (*em*) que em *vender*, *stender*, *lembrar*. Analogamente: *fondura*, *jontar*, *ontar*, com o mesmo *on* que em *contar*, *romper* ⁶. — Todavia, o adverbio *sim* pôde simplificar-se em *si*, como na phrase: *si sinhor*. A' cêrca das nasaes vid. ainda o n.º 10.

5. O *e* final descoberto ou antes de *s* (= *x*) dá *i*: *sáli* (por *sale* = *sal*), *formi*, *nomi*, *tremi*, *tremix*, *fontix*, *êlix* (= *elles*), *sálix*, *quali* (por *quale* = *qual* ⁷).

6. Dá-se paragon de *i* em *rê-i*, *Jzé-i* (= *José*), *vê-i* ⁸. — Propria-

¹ *Dial. alemteji*, VIII, 1 e 12.

² *Ibid.*, 20-a.

³ *Ibid.*, 20-d.

⁴ *Ibid.*, 20-b.

⁵ *Ibid.*, 21.

⁶ *Ibid.*, 24.

⁷ *Ibid.*, 23 l.

⁸ *Ibid.*, 26.

mente, como se vê, o *i* não fôrma ditongo com a vogal antecedente, mas constitue por si uma syllaba. Tambem se ouve: *dé-ix* (dez), *ré-ix* (réis).

7. A syllaba inicial *es-* reduz-se à *s-* (*-x*): *scaldar*, *stréla*, *star*. O verbo *star*, como tem muito uso, pôde reduzir-se a *tar*, factio muito corrente no Sul, mesmo em Lisboa e na gente culta.

8. Diz-se *gentro*, â *que d'enlei, tenlrinho* ¹.

B) Morphologia

9. A respeito de *sim* vid. § 4. — O adverbio *muito* toma a fôrma *munto*. — A preposição *para* toma a fôrma *pa* em linguagem descuidada. — Diz-se *amanhê* (âmanhã).

10. Diz-se *samos* (somos), por analogia com *stamos*. Na 3.^a pess. pl. temos: *quérê*, *andô*, *trabálhō*, onde *-ê* e *-ō* (desnasalados) estão por *-êm* e *-ôm*. No Alandroal diz-se *mâtêm*, *mâtôm* ². Naquellas fôrmas nota-se o mesmo desnasalamento que em *si* por *sim*. Tambem ouvi *écarñado* por *encarnado*. Efeitos da linguagem descuidada; na emphase é provavel que se mantenhão as nasaes.

11. O artigo *uma* pôde perder o *u* inicial (vid. *Textos*, 12-*b*).

C) Textos e vocabulario

12. TEXTOS.

- | | |
|-----------------------------|--|
| a) Viva quẽ foi ó palacio | O' de <i>zux</i> , <i>trux</i> , <i>trux</i> , |
| A ganhar vinte mél ré-ix: | O' de <i>záx</i> , <i>tráx</i> , <i>tráx</i> ; |
| Todos lá queriō ir, | Ora xêga, ora xêga, |
| Mâj nenhum lá pôz ox pé-ix. | Ora arréda lá pa tráx. |
| | A'rri, burriquito, |
| b) Indo eu... indo eu... | Vamos a Bilêi: |
| Pá cidade de Visêu, | Amanhê é Páscoa |
| Encontrê 'ma marrafa, | E hoji tamêi. |
| 'Ma marrafa era eu... | |

13. VOCABULARIO.

Almiára, palheiro ao ar livre, no campo.

Arrojar, deitar, arrastar. «Arroje-me para aqui isso».

Banefício, beneficio. — Influencia da labial *b* no *e*.

Bescoço, pescoço. — Cfr. *Dial. alemtej.*, VIII, vocabul.

Bradar, chamar. «O sr. podia bradar por nós». Cfr. *Dial. alemtej.*, VIII, vocabul.

¹ *Ibid.*, 25-a.

² Com *ê* e *ô* denoto um som comprehendido respectivamente entre *é* e *ê*, e entre *ó* e *ô*.

Bruel, burel. — Através de **buruel*; cfr. hesp. *buriel*.

Deoração, declaração. — Encontrei esta palavra num doc. ms. de 1640, no *Livro dos acordos da camara de Villa Viçosa*. Se não ha êrro, está por *decraração*, com dissimilação.

Envimar, pôr uma vima. — Cfr. *Dial. alemtej.*, VIII, vocabul.

Jzê-i, José.

Tarefa, meio-pote, para agua, azeite, etc.

Tarela, tarefa (não *tarefa* no sentido mencionado no artigo precedente, mas no sentido usual, — trabalho fixo, empreitada). «*Tarefa da azeitona*».

Vima, emplasto. — Vid. *Dial. alemtej.*, VIII, vocabul.

Villa-Viçosa fica perto do Alandroal. Creio que entre as fallas das duas villas não ha differença nenhuma. Posto que eu não podêsse fazer á cêrca de Villa-Viçosa um estudo tão circunstanciado como fiz á cêrca do Alandroal, os factos apontados bastão para mostrar a íntima relação de uma falla com a outra.

XII

LINGUAGEM POPULAR DO ALANDROAL

(3.º artigo)

Este artigo serve de additamento ao 1.º e 2.º, publicados nos *Dialectos alemtejanos*, II e VIII.

A) Grammatica

1. DITONGAÇÃO.

Dá-se um curioso phenomeno de ditongação de *é* e *é* tonicos em *iê* e *ié* depois das consoantes gutturaes:

quiêjo (= quêjo, queijo)

quiênte (= quente)

piquiêno (= pequeno)

quiêdo (= quêdo)

porquiêro (= porquêro, porqueiro).

Reguiêngos (= Reguengos)

guiêrra (= guerra)

quiêrix (= queres).

Temos pois novos ditongos, — e ditongos crescentes —, que juntar á lista publicada nos *Dial. alemtej.*, VIII, 11. — Este phenomeno não se dá nem com outras vogaes (*gomma*, *cóida* = côdea, *cólla*), nem ao pé de outras consoantes (*tempo*, *dêdo*).

Phenomeno semelhante se observa no sub-dialecto baixo-minhoto, mas com menos generalidade ¹. Não o conheço noutros pontos do país.

2. DEMINUTIVOS.

Das palavras acabadas em -o formão-se deminutivos com a terminação -ezinho, por ex.: *novo-novezinho*, *branco-branquezinho*, *copo-copezinho*. Também no concelho de Alcobaça ouvi dizer *copezinho*. Resta saber se estas palavras se hão de explicar por **novozinho*, **brancozinho* e **copozinho*, tendo-se mudado o -o em -e por influencia do i tonico seguinte ², ou se hão de explicar-se por um suffixo -ezinho, proveniente de -izinho, por dissimilação de i — í, como em *vezinho*, de *viziinho*; na última hypothese, o suffixo -izinho estaria por *-ic-ínus, e seria comparavel, quanto á formação, a -ic-ínus, apontado pelo sr. Meyer-Lübke na sua *Grammat. der rom. Sprachen*, II, § 454. A segunda hypothese é a que me parece preferivel, pelo facto de um suffixo com z só usualmente se juntar a radicaes acabadas em vogal oral tónica (*pézinho*), consoante (*mulhérzinha*, a par de *mulherinha*), ou syllaba nasal (*homenzinho*, *manhanzinha*, *cãozinho*, *òrgãozinho*).

3. Diz-se *dárão*, por *dérão*. Já expliquei esta fôrma num dos precedentes artigos ³.

B) Textos

A criada cozinheira
Cozinhava nabox,
Dêxô a cozinha
Foi falar ój Diabox.

O paxtor, qui a viu,
Logo d'ela si agradô,
Enlevad-ó lindo gêto
Com que você m'êuganô.

C) Vocabulario

Acupado, occupado. — Cfr. *acasião*.

Alguirêra, argueireira. «Pedra *alguirêra*» (amuleto).

Almário, almario.

Almatêgado. Diz-se de um prato muito cheio de qualquer comida.

Alpregátas, alpercatas. Através de *alprecatas*.

Amassaria, casa de amassar o pão.

Amontijar, vid. *montijar*.

Arrastrar, arrastar. — De *rastro*, fôrma arch. de *rasto*.

Arrenocar, arrancar. — De *arrincar*: cfr. *Dial. alentej.*, VIII, 24.

Arrepresentar, representar.

Arrojar, arrostar com. «Quer a fôrça para arrojar pêso».

¹ Cfr. *Dial. interamnenses*, IX, 10.

² *Dial. alentej.*, VIII, *Vocab.*, s. v.

³ *Dial. alentej.*, X, 9.

Assinar, marcar os bodes e borregos, para se poderem conhecer. Ha varios meios de *assinar*: os borregos *derrabão-se* (i. é, es-ponta-se-lhes a cauda); os cabritos *trunchão-se* (i. é, rachão-se-lhes as orelhas). Costuma fazer-se tal operação na primeira sexta-feira de Março. — O verbo *assinar* = *a-sinar* (a-sinar) vem de *signum*. Lá diz Vergílio: «Aut pecori *signum*. impressit», *Georg.*, I, 263; mas nos Romanos a operação praticava-se com um ferro em brasa, cfr. *inurunt* em Verg., *Georg.*, III, 158.

Atoçar, açular. «Atoçar os cães».

Atóço, toicinho. — *Atoço* = *a-toço* foi tirado de *toicinho*, por se ter considerado esta palavra como formada com o suff. *-inho*: *toic-inho*, — facto analogo a *rosmano*, tirado de *rosmaninho*. Quanto a *toicinho* (ou *toucinho*), esta palavra parece vir do lat. *tuccetum*, com troca da terminação *-etum* por *-inum*, cfr. catal. *tocin*, hesp. *tocino*¹; o *i* de *toicinho* ter-se-ha desenvolvido do primeiro *c* por estar antes de *c*, e o grupo valer *cc*. A par de *toicinho* diz-se tambem em português *toucinho*, pela sabida equivalencia de *oi* a *ou*. O *a* de *atoço* não offerece difficuldade, porque é muito frequente no Alemtejo a epenthése de *a*: *assabão*, *agarrafa*, etc.

Avéssas. Diz-se: *xtá d'avéssas* (= está d'as vessas).

Báique, quéda. — De *baque*. A palavra parece ter-se formado como *troite*², ou esta se formasse de **troitar*, ou de *troti* (como *quaise*).

Balhestra, armadilha de apanhar passaros. — Do hesp. *balles-ta*; quanto ao *r*, cfr. ital. *balestra*. Corresponde ao port. *bêsta*, mas ao passo que *bêsta* vem do lat. *balista* (só com um *l*), o hesp. *ballesta* vem do lat. *ballista* (com *ll*). E' este mais um caso da differença do latim vulgar da Lusitania do de outros pontos da Peninsula.

Balsa, cacifo em que se leva o furão para a caça.

Barroquêro, pedra. «Levar c'um *barroquêro*», ou uma *barro-quêrada* (i. é, uma *pedrada*). — Cfr. *Dial. alemtej.*, IX, *Vocab.*, s. v. (noutra significação).

Baticóva. Vid. *Dial. alemtej.*, x-8.

Bonêca, figura de tijolos, que se põe na parede da chaminé, junto ao lar, para impedir que o fogo moleste a parede. — Noutros pontos do Alemtejo chama-se-lhe *frade*; no Algarve *sempre-noiva* e *so-bre-noiva*.

Buer, beber. — Através da forma vulg. *buber* (dissimilação: *b—b*).

Cãigar. Vid. *Dial. alemtej.*, II, *Vocab.*, s. v. — O *i* é etymológico: lat. *coniugare* > **coingar*. Quanto ao *a* da syllaba inicial, cfr. *camboio* < *comboio*. A forma *cãigar* é comparavel a *sãigue*, onde o *i* é tambem etymologico, pois essa palavra vem do lat. *sangui(n)e(m)*. No mesmo caso estará *cãibra*, por **caambia* e **calambria*, cfr. hesp. *calambre*; sobre o étymo germanico vid. Körtling, *Lat.-rom. Wb.*, § 4542.

¹ Cfr. Körtling, *Lat.-rom. Wb.*, s. v.

² *Dial. alemtej.*, II, *Vocab.*, s. v.

Casarão, casa arruinada. — Cfr. *Dial. alemtej.*, VIII, 40-i.

Centêro, cinto. — De **cinteiro*: cfr. *Dial. alemtej.*, VIII, 24.

Cóima, coima.

Cópa, conjuncto do vestuário.

Crêto, crédito. — De *cred'to*.

Crioso, curioso.

Curralêjo, curral pequeno. — Cfr. *Dial. alemtej.*, VIII, 40-f.

Desmoitar (pron. *dijmoitar*). — O mesmo que *strapolar*: vid. esta palavra nos *Dial. alemtej.*, VIII, *Vocab.*, s. v.

Destemperar, arrefecer a água quente, pela adjuncção de água fria. «Destemperar a água».

Drêto, direito. — No Minho *dreito*.

Êcalito, eucalypto. — O *eu* tornou-se *ê* (*Dial. alemtej.*, VIII, 20-b), e o grupo *pt* tornou-se normalmente *t*.

Emburricalhado, zangado. «Já *xtá emburricalhado*». — Parece decompôr-se em *em-burr-ic-alh-ado*, do radical de *burro*, com o prefixo *em-* e o suffixo composto *-icalho*.

Empudôra, *madêro* pequeno, para amparar o lume. Também se dá este nome á base das cargas da lenha. — A' cêrca de *madêro* vid. *Dial. alemtej.*, VIII, *Vocab.*, s. v.

Filemes e flemes, ferramenta do operário. «F. pegô *dox filemes*, e foi-se».

Fôfaro, phosphoro.

Fontéca, fonte pequena. (A par de *fontaneca*). — Cfr. *Dial. alemtej.*, VIII, 40-a.

Frimeza, firmeza.

Frumento, fermento. — O *e* mudou-se em *a*, por influencia das labiaes.

Galhófêro, galhofeiro.

G'lhêrmina, Guilhermina.

Lavalha, navalha.

Limpante, rodilho de limpar.

Maminho, dedo mínimo. «Dedo *maminho*».

Manancolia, melancolia. — Dissimil. de *l...l*.

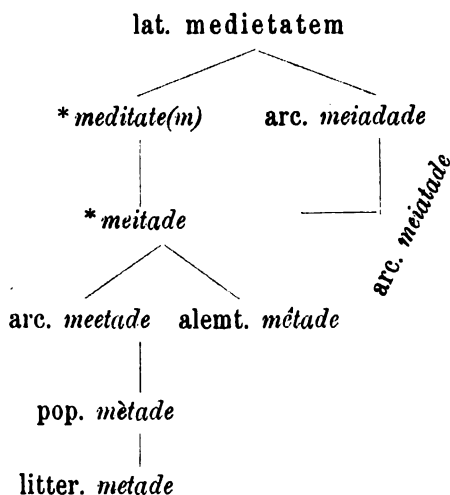
Mél réis, mil réis. — Fôrma vulgar no país todo.

Menos. — Ouvi dizer *más e a menos*, por «pouco mais ou menos». Será muito usual?

Métade, metade. — Suppõe uma fôrma anterior **meitade*, do lat. *me(d)i(e)tatem*; cfr. port. arch. *meetade*, catal. *meytat*, prov. *meitatz*, ital. ant. *meitá*. Em port. ant. ha também *meyadade*¹, que assenta, letra por letra, em *me(d)ietate(m)*; essa fôrma e a *parallelameitade*² perdêrão-se. O *t* em **meitade* manteve-se intacto por causa do ditongo. Teremos pois:

¹ Viterbo, *Elucidario*, s. v.

² *Ib.*, *ib.* A fôrma *meitade* pôde resultar de influencia de **mei'ade* em *meiadeade*.



Montijar e amontijar, fazer montijos.

Montijo, montículo de terra, que se faz nas vinhas ao cavá-las; fica em volta da cêpa, para podêr conservar-se a humidade; posteriormente rasa-se, e fica plana a vinha.

Munto, muito.

Murtioar, dar uma dentada em pão, fructa, etc., e tirar um pedaço. «Este pão está *murticado*» = está mordicado. — A palavra parece ter vindo de *mordicar*, por assimilação de *d* á consoante surda seguinte: **mord'car* > **mort'car* > *morticar* = *murdicar*. √ *morder*. O facto de o *i* cahir e depois se introduzir, não deve fazer embaraço, pois o facto dá-se em *olvēra*: *Rev. Lusit.*, II, 372. A assimilação que supponho ter-se dado em *murticar*, ter-se-ha também dado em *T'fesinha*, de *D'fesinha* ¹.

Múseca, musica.

Negalho, nagalho. — Fôrma comprehendida entre **ligaculum* e *nagalho*.

Ontro dia, outro dia. — Também se usa em Lisboa (a par de *ontre dia*). Mas não se diz *ontro* noutros casos. — A nasalidade creio ter resultado de *nôtro dia* (= noutro dia): *nontro dia*; o *n* nasalou o *o* como em *nonjo* (= nojo); como *outro dia* equivale a *noutro dia*, também a *nontro dia* se fez equivaler *ontro dia*, que prevaleceu.

Palanco, balanco (aveia brava).

Padréco, padreca. — Em Lisboa também se diz *padréco*. Como

¹ Nos *Dial. alemteij.*, VIII, *Vocab.*, s. v. *defesa*, expliquei da *T'fesinha* por dissimil. de *d*...*D* em «da *D'ferinha*»; todavia, como occorreu ao sr. Gonçalves Viana, e como também me havia a mim occorrido antes de publicar aquelle artigo, a mudança do *d* em *t* explica-se talvez melhor por assimilação da sonora á surda, do que por dissimilação das duas sonoras *d-D*.

padréca termina em *a*, que é a terminação mais vulgar dos femininos, o povo entendeu mudar *a* em *o*, para a phrase ficar *mais masculina*.

Paláia (f.), paio. Vid. *peça*.

Patifa, feminino de *patife*. Cfr. *parenta*, *infanta*, etc.

Peça, paio.

Penaroso, cheio de *pena*. — De *penar* (substantivado); cfr. *pe-saroso*, de *pesar*.

Pèràhi! espera ahi! (interjeccionalmente). — De *spera ahi*, com apherese do *s*, como em *tá*, de *stá*. As palavras de uso frequente, e por assim dizer de sentido banal, estão muito sujeitas a mudanças. Diz G. Paris: «C'est parce qu'ils sont [les mots], dans un grand nombre de cas, prononcés avec une négligence et une mollesse particulières qu'ils s'altèrent plus vite que les autres, et cette négligence tient à ce qu'on sait qu'il n'est pas nécessaire de les prononcer pleinement pour que l'auditeur les comprenne». Isto acontece principalmente com as fórmulas de allocação, — provençal *en*, *na*, hesp. *usted*, etc. São simples «allusões verbaes». Vid. *Romania*, xxiv, 458. E' por tal motivo que em português temos *Vòmecé*, *M'cé*, *Vòcé*, *Vossencia*, *Vossoria*, etc., a par de *Vossemeccé*, *Vossa Excellencia*, etc.

Pir d'abáxo, por ahi abaixo. — Assenta em *prid'abaxo*; cfr. *prid'acima* nos *Dial. interamn.*, viii, *Vocab.*, s. v.

Prametido, prometido. — Através de * *premetido*.

Pruguntar, perguntar. — Através de *purguntar*. Influencia da labial inicial.

Rabanho, rebanho. — O *e* mudou-se em *a* por influencia do *r*.

Raxa, cavaco para queimar. — Em Foscôa diz-se *arráxa*.

Regatão, negociante que anda de terra em terra comprando galinhas, ovos, etc., para revender. — Substantivo verbal de *regatar* < lat. *recaptare*, étymo já dado por Diez, *Et. Wb.*, i, s. v. *accatare*.

Rengir, ranger. — De *ringir* (cfr. *Dial. alemtej.*, viii, 24), que se usa em Lisboa, etc. — Do lat. * *ringere*. O *a* da fôrma *ranger* resulta da influencia do *r* inicial.

Salamão, Salomão. — Fôrma vulgar no país, e também arch.

Santêio, centeio.

Scontra, contra. — Do lat. *ex-contrà*.

Secrano, sicrano. Na phrase «fulano e *secrano* e beltrano». — Do lat. * *securanus*, como já Diez indicou.

Sítula, raridade. «Uma *sítula*!»

Soalhêra, soalheira. Os contos populares chamão-se «continhos da velha á *soalhêra*». — E' costume nas aldeias juntarem-se as mulheres nas tardes de inverno em qualquer sitio soalheiro, geralmente detrás de uma parede, e ahi trabalharem ¹. Fazem assim de tarde o que á noite fazem ao *serão*. Nestas reuniões familiares contão-se historias; e como as velhas são naturalmente quem sabe mais, a phrase usada no Alandroal tem facil explicação. — A fôrma *soalhar*, a que

¹ Observei isto muitas vezes na Beira-Alta.

se liga *soalheiro*, ainda não foi bem explicada. Talvez *soalhar* deva explicar-se por **solaleare*, derivado de **solalis*. O primeiro *l* syn-copava-se por ser intervocalico; *lea* dava normalmente *lh*, cfr. *palha*, de *palea*. A unica dúvida é a existencia do adjectivo **solalis*, visto haver em lat. *solaris*, e ser de regra que, quando no radical ha já *l*, o suffixo *-alis* se torna *-aris* por dissimilação (como se vê em *singularis*, de *singuli*, e em *formalis*, de *forma*); todavia, a regra soffre excepções, não só já em latim, mas nas linguas romanicas: em Quintiliano lê-se *legalis*, d'onde o port. fez *leal*, o fr. *loyal*; em Tertuliano lê-se *localis*, d'onde sahiram as fórm. litterarias *locale* (ital.), *local* (port. e fr.); nas linguas modernas ha *celestial*, *colonial*. Além d'isso, um suffixo pôde trocar-se por outro; assim o port. e hesp. *lugar* vem, não de *localis*, mas de **locaris* ou **lucaris* (que aliás está de accôrdo com a regra geral); o port. *pomar* vem, não de **pomalis*, mas de **pomaris* (e neste caso a regra pedia, não *-aris*, mas *-alis*, por não haver *l* na palavra). Por isso tudo, em vez de *solaris*, é perfeitamente admissivel **solalis*, correspondente a *localis*, que está em vez de **locaris*. — A palavra *soalho* (chão, pavimento) formou-se de modo muito parecido, pois vem, quanto a mim, de um deriv. do adj. **solalis* (de *solum*): **solaliu* -> *soalho*; cfr. *almalho*.

Sôtro dia, outro dia. — De (*e*)ss'outro dia. A fórmula *sôtro* só se usa nesta expressão. — Cfr. mirandês *soutro*.

Strono, estrondo. — A palavra *strono*, isto é, *estrono*, pôde explicar-se por *estrondo*, com assimilação de *d* á nasal antecedente, como em *tanajinha*, de *tã d'aginha*, e em *inàgora*, de *indàgora*. Não me parece que o *n* seja o do lat. *tonare*, apesar de haver em hesp. *trono* e em port. ant. *trom*, pois não vejo razão plausivel pela qual se explique a sua manutenção. — Quanto a *estrondo*, esta palavra explica-se por *ex-tonitrus*, i. é, **extronitus*, com metathese de *r*.

Suguinhão ou **seguinhão**, susto. «Ter um *suguinhão*».

Tarefa, pote grande de barro, para depósito da agua que se gasta diariamente. — Cfr. *Dial. alentej.*, xi, *Vocab.*, onde, porém, *tarefa* significa meio-pote (se não houve engano na informação que me dêrão).

Tarrincar, ranger. «*Tarrincar* os dentes».

Tercegadela e **tercegão**, excoiação da pelle.

Tirão e **tirãozinho**, estirão. «Um *tirão* de caminho». Aphérese de *s*; cfr. 'tar, 'spéràhi.

Trapalhage, trapalhada. — De *a-trapalhar* com o suffi. *-age(m)*.

Troncoérão e **tronquérão** (oxytonos), tronco de arvore. *Troncoérão* suppõe a fórmula anterior **troncoeira* (de **truncão*). *Tronquérão* está por *tranqu-eir-ão*, com o suffi. composto *-eir-ão*, que se vê em *cha-peirão*.

Virtudes, conjuncto de amuletos que as crianças trazem á cinta. O mesmo que *arrelíquias*.

Xambelaria, conjuncto de gado de boa e má qualidade, tudo misturado.

J. LEITE DE VASCONCELLOS.

SOBRE A SIGNIFICAÇÃO DA PALAVRA «MANCIPIUM»

Herculano, *Hist. de Port.*, III, 2.^a ed., pag. 255, referindo-se ao Código visigothico, diz o seguinte:

«Esta ultima designação (*rustico*), que se encontra com maior frequência, mostra que esses escravos inferiores eram os operarios ruraes. A elles parece ter-se applicado com preferencia a denominação de *mancipii*, palavra assás vaga, a qual, em nosso entender, não importava tanto a ideia geral de servidão, como o estado de qualquer individuo de mais baixa esphera, e talvez sem familia, reduzido ao ultimo grão de abjecção humana, quer fosse de origem servil, quer livre, ou para melhor dizer, de nascimento desconhecido». E, em nota, depois de lembrar a opinião de Masdeu, que logo examinaremos, observa que o vocabulo *mancipium* é applicado com frequência aos escravos dos servos fiscaes e aos dos judeus; e que na lei 12, tit. 3.^o, liv. XII, a phrase «*nullo judaeorum licebit christianum habere mancipium, non ingenuum, non etiam servum*», auctorisa a interpretação, que elle Herculano dá a essa palavra.

Nos *Opusculos*, III, pag. 269, insiste ainda em que «a palavra *mancipium*, entre os godos, sem deixar de se tomar ás vezes na significação lata de servo, significava de ordinario o servo infimo, o escravo, o individuo reduzido á ultima degradação; significava antes uma situação de aviltamento do que uma condição originaria». São notaveis, a este proposito (continúa Herculano) dois logares do código visigothico, a lei que trata dos *escravos dos servos fiscaes*, e a que trata dos *mancipia* dos judeus, quer *ingenuos*, quer servos. Antes de mim, já Masdeu tinha feito com pouca differença a mesma observação. Entre os romanos *mancipium* era synonymo de *servus*, mas a origem dos vocabulos era diversa: «*servus* de *servire*; *mancipium* de *manu captum*, do homem apprehendido, do prisioneiro reduzido a escravidão».

E n'essa significação, que julga ser a mais usual, da palavra *mancipium* assenta, em parte, a sua argumentação a favor de doutrina que estabelece sobre o estado das classes servas na Península, desde o VIII até o XII seculo.

Masdeu, *Hist. critica de España*, XI, pag. 42, entende que ao servo, que não o era por nascimento mas por culpa sua ou por outro motivo, se dava o nome de *mancipio*, para o differencar do servo originario; e funda-se em que as leis os distinguem expressamente, mandando que por *mancipio roubado* se restitua um só, e por servo se entreguem quatro.

Mas d'essas leis (Cod. visig., VII, 3, 1 e 2) nunca se poderia deduzir tal distincção, porque tratam de crimes differentes. A primeira

refere-se ao ingenuo ou servo que *usurpaverit* mancipio alheio; a segunda ao ingenuo que *plagiaverit* servo alheio.

Plagiare, segundo o Gloss. de Du Cange, vb. *Plagium*, 2, suppõe, além do facto de subtrahir o servo ao senhor, o facto de o vender.

Do mesmo modo se designava o attentado, quando era pessoa livre a sequestrada e vendida. (Cod. visig., vii, 3, 3, 5 e 6. A lei 3 faz presumir que o *plagiare* envolvia o facto de transportar para longe a pessoa sequestrada).

A Lei Salica, tit. 41, § 2.º (citada por Du Cange, vb. *Plagium*, 2, e tambem no Gloss. junto ao Cod. visig., ed. da Acad. Hesp.), diz assim: «Si quis servum alienum plagiaverit, id est, per circumventionem de servitio domini sui abstraxerit, et trans mare, sive in quamlibet regionem ipsum duxerit», etc.; e no § 3.º: «Si quis hominem ingenuum plagiaverit, vel vendiderit, et postea in patriam reversus fuerit», etc. Os textos citados pertencem á *Lex emendata*.

Mas para nos convencermos de que não tem fundamento a distincção estabelecida por Masdeu, basta ler no Cod. visig. as leis 3 e 5, tit. 1, liv. ix. Aquella estatue que quem não levar á presença da auctoridade o *servum* fugitivo que se lhe apresentar, «duos eiusdem meriti servos domino cogatur exsolvere. Nam si apud eum *mancipium quod susceperat*, subcelatum invenitur, *alterum* cum eo dare domino non moretur». E a lei 5 determina que aquelle que instigar *mancipium* alheio a que fuja, terá de apresentar ao dono do fugitivo, ou este e mais «duos paris meriti servos», ou, não apresentando o fugitivo, «tres servos eiusdem meriti».

E' obvio que *servus* e *mancipium* são strictamente synonymos n'essas duas leis. Logo adduziremos outras em que se dá a mesma synonymia.

Muñoz y Romero (*Del estado de las personas*, 2.ª ed., pag. 61) diz que os servos rusticos eram de peor condição que todos os mais no tempo dos godos, e designavam-se com o nome de *mancipia* (não cita nenhum texto), o qual conservaram depois da invasão dos arabes, posto que se applicou a outros de distincta classe n'aquella epocha em que tudo se foi alterando e confundindo.

Vejamos agora nos textos, principalmente no Cod. visig. e nos concilios da Peninsula, se elles auctorizam a admittir alguma differença entre *servum* e *mancipium*.

O vocabulo *mancipium* acha-se empregado muitas vezes como termo generico, designando tanto o servo como a serva.

«Pro causa adulterii etiam in domini dominaeve capite, *servi vel ancillae* torquendi sunt» (Cod. visig., iii, 4, 10). Uns e outros, servos e servas, comprehende logo a lei immediata sob a denominação de *mancipium*. «Si quis pro occultanda veritate *mancipium* manumittat, ne possit pro adulterii probatione torqueri, libertas data non valeat» (Ibid., iii, 4, 11).

«Quod si tali ordine reparata lite, qui pulsantur, ingenuos se esse docuerint, tunc ille, a quo ingenuitas iniuste fuerat appetita, tot

mancipia his, quos ad servitutem vocabat, eius aetatis *et sexus* dare cogatur». (*Lex Rom. Visig.*, Cod. Theod., iv, 8, 1, Interpret.).

Do mesmo modo que no Código dos visigodos, na Lei dos burgúndios encontra-se *mancipium* designando também o servo e a serva: «Quicumque servum suum aut ancillam de regione nostra in sortem alienam vendiderit, more patriae *mancipium venditum* ad propria redierit, ut libertus sit, ordinamus; ea tamen ratione, ut non alterius patrocinium nisi domini illius, qui eum vendiderit, habiturum esse cognoscat». *Constitutiones extravagantes*, xxi, 3 (*Mon. Germ. Hist., Leges Burgundionum*, edidit Salis, pag. 120).

O concílio de Orléans, iv, de 541, can. 24, estabelece: «Quaecumque mancipia sub specie conjugii ad Ecclesiae atria confugerint, ut per hoc credant posse fieri conjugium, minime eis licentia tribuatur».

Um dos agravos da Igreja Dumiense contra as liberalidades do falecido bispo Recimiro (638-653), apresentados ao concílio x de Toledo (656, último decreto), foi que «*amplius quam quinquaginta reperitur utriusque sexus* dedisse mancipia» (*Esp. Sagr.*, xviii, pag. 41 e 305).

Os exemplos no Código dos visigodos não só apparecem com frequência, senão que demonstram claramente a identidade de condição das pessoas, que ora se designam por *mancipia*, ora por *servi*.

«Quia ergo multotiens inter ingenuos reperitur exorta caedes, et nullus adesse ingenuus, qui caedis ipsius patefaciat evidenter scelus; adeo (*em Lind. ideo*) si nullus ingenuorum adfuerit, credi *servis* omnimodo oportebit. . . Sed et de *mancipiis* credendum est eis, quare contingit ea vel ab aliis occupari, vel indebite retineri, aut etiam a dominorum iure illicite evagare» (ii, 4, 9).

«Si servus *servum* plagiaverit alienum. . . qui plagiatus est domino reformetur. . . Ita tamen, ut si fortasse qui plagiatus est, tarde reperiat, plagiatoris dominus a iudice districtus *alium* eiusdem meriti *mancipium*, aut etiam eundem plagiorem ei, cuius *servus* aut *ancilla* plagiata est, dare compellatur: tamdiu sibi servitutum, quamdiu suus *servus* aut *ancilla* ei restituatur, et ille ita postmodum domino suo reformetur» (vii, 3, 4).

«De *mancipiorum* agnationibus dividendis, atque eorum peculii partiendis et decernendis», diz a lei 17 (x, 1) na epigraphe. O texto não usa da palavra *mancipium*, mas trata de servos e de servas.

A lei 7 (x, 2) é posterior a Reccesvintus, porque não se encontra na compilação d'este rei. Não vem na edição de Lindenbrog, mas acha-se na de Madrid, e n'esta os codices attribuem-na a Egica, á excepção do Toledano Gothico, que a attribue a Wamba. Estabelece para os servos fiscaes a prescrição de cincoenta annos e a de trinta, estatuidas nas leis 2 e 3 do mesmo titulo para todos os outros servos, aos quaes essas duas leis (com a nota de antigas na compilação de Reccesvintus) dão o nome de *mancipia*. A lei 7 revoga as disposições em contrario da lei 4 do mesmo titulo, e a razão que dá é «ut in perquisitione *mancipiorum fiscalium* una eademque lex principis

teneat, quae et in populorum similibus vocibus dignoscitur constituta».

E' no tit. 7 do liv. v que o Codigo trata das manumissões.

Lei 1. «Si quis moriens per scripturam, aut praesentibus testibus, manumiserit *mancipia sua*, voluntas eius habeat firmitatem», etc.

Lei 2. «Si quis *alienum servum*, vel *commune mancipium* manumiserit in fraudem domini sui, libertas data non valeat. Ille vero, qui manumiserit *alienum mancipium*, alterum praeter illum domino dare cogatur. Si vero dominus adqueverit ut ille liber sit, duos *vicarios servos* pro manumisso *servo* percipiat, et libertas data habeat firmitatem. Haec eadem et de ancillis praecipimus custodiri». Etc.

Lei 3. «De his qui se liberos proclamaverint esse». Não falla senão em *mancipia*.

Lei 6. «Qui suo testimonio coram iudice quemlibet liberum esse dixerit, et postmodum eum ad servitium inclinare voluerit; aliud illi *mancipium* e contrario reddat, et quem opprimere nitebatur, in libertate permaneat».

Lei 14. «Qui *mancipium* suum per scripturam *liberum* faciens, constituerit fortasse non licere ei de peculio suo aliquid iudicare; si quid exinde *libertus libertave* distraxerit vel donaverit, modis omnibus invalidum erit»: etc.

Não é menos evidente a synonymia entre *mancipium* e *servum* nas leis 3, 5 e 21 do tit. 1, liv. ix.

Emfim, as leis 11 e 13, tit. 2, liv. xii, inscrevem-se do seguinte modo: lei 11, «Ne iudaeus christianum *mancipium* circumcidat»; e no texto tambem se prohibe ao judeu comprar, ou receber em doação, *christianum mancipium*: lei 13, «De *mancipii* christianis quae a iudaeis, aut vendita aut libertati tradita esse noscuntur».

Em parte, essas leis correspondem na *Lex Romana Visig.* á const. 5, tit. 1, liv. iii do Cod. Theod., e const. 1 e 2, tit. 4, liv. xvi do mesmo Cod. Const.: 5: «Ne quis omnino Iudaeorum Christianum compareret *servum* neve ex Christiano Iudaicis sacramentis attaminet». Etc.

«Interpretatio. Convenit ante omnia observari, ut nulli Iudaeo *servum* Christianum habere liceat, certe nullatenus audeat, ut Christianum, si habuerint, ad suam legem transferre praesumat». Etc.

Const. 1: «Si quis Iudaeorum Christianum *mancipium* vel cuiuslibet alterius sectae mercatus circumciderit, minime in servitute retineat circumcisum». Etc.

«Interpretatio. Si quis Iudaeorum *servum* Christianum vel cuiuslibet alterius sectae emerit et circumciderit, a Iudaei ipsius potestate sublatus in libertate permaneat».

Const. 2: «Iudaeus *servum* Christianum nec comparare debet, nec largitatis titulo consequi». Etc.

Esta constituição não tem *Interpretatio*, nem declaração de que não precisa de a ter. Haenel suppõe-na estranha á *Lex Romana*.

E' manifesto que o *mancipium* das citadas leis do Cod. visig. é o *servus* da *Lex Romana* nos logares indicados; do mesmo modo

que *mancipia* e *servi* são synonymos em constituições do Cod. Theod. que não passaram para a *Lex Romana*, como por exemplo, ix, 42, 7; x, 8, 4; x, 9, 2; xii, 1, 6.

Tambem a palavra *mancipia*, só por si, não designava nenhum grau de inferioridade na condição servil. Se a vemos applicada no Cod. visig. aos servos dos servos (v, 4, 13; v, 7, 16; ix, 2, 9), encontra-mol-a ali tambem designando até os servos fiscaes (x, 2, 4 e 7) ¹. Se o codigo denomina *mancipia* os servos dos judeus (xii, tit. 2 e 3, *passim*), tambem lhes chama servos (xii, 2, 9; xii, 3, 6); e até em duas leis usa d'este ultimo termo para indicar os servos dos judeus que professam a religião hebraica, e do termo *mancipia* para indicar os que professam a religião christã (xii, 3, 16 e 18).

A lei 12, 3, xii, revogando a faculdade que outra lei dava ao judeu de manumittir o servo christão, expressa-se d'este modo: «excepto hoc uno, quod lex ipsa eis permittit, ut christianum *mancipium* iudaeus audeat manumittere». Em duas leis se dava aos judeus essa faculdade: 13 e 14 do tit. 2, liv. xii. Mas aquella a que se refere em especial a lei 12, 3, xii, é evidentemente, como attesta o seu contexto, a lei 14, 2, xii, a qual diz: «Liberare vero *servum* christianum iudaeus si maluerit», etc., chamando *servum* á mesma entidade que a lei posterior designa por *mancipium*. A lei 13, 2, xii, usa tambem, como a lei 12, 3, xii, do vocabulo *mancipia*: «Si qua vero *mancipia*... quolibet titulo... conquisita sunt, aut vendere aut libertare, prout maluerit... licentiam illis tribuimus».

O canon 66 do concilio iv de Toledo (anno de 633), que se inscreve «Ne Iudaei quodcumque *mancipium* Christianum quocumque titulo habeant», estabelece «ut Iudaeis non liceat Christianos *servos* habere, nec Christiana *mancipia* emere, nec cuiusquam consequi largitate... Quod si deinceps *servos* Christianos, vel *ancillas* Iudaei habere praesumpserint, sublatis ab eorum dominatu libertatem a Principe consequantur».

Acaso as palavras *servos* e *mancipia* indicarão n'esse canon uma condição differente? A epigraphe responde claramente com a negativa, e o texto não offerece duvida plausivel, quanto a nós, sobre a sua conformidade com a epigraphe; o que mais se evidencia comparando-o, na *Lex Rom. Visig.*, com a const. 2, tit. 4, liv. xvi do Cod. Theod., a qual diz, como vimos ha pouco: «Iudaeus *servum* Christianum nec *comparare* debet, nec largitatis titulo consequi», inscrevendo-se esse

¹ Guérard, *Polypt. d'Irminon, Prolég.*, pag. 308, referindo-se á idade média em geral, observa que os servos dos servos são designados do mesmo modo que os das pessoas livres.

Nos capitulares dos reis francos tambem se dá o nome de *mancipia* a servos fiscaes. Por exemplo, capitular de 821, art. 2.º: «De rebus *sive mancipiis*, quae dicuntur a fisco nostro esse occupata, volumus ut missi nostri inquisitionem faciant... et quicquid de hac causa verius ac certius investigare potuerint ad nostram faciant pervenire notitiam». E logo no art. 3.º chama *servi* aos servos da Igreja ou de quaequer pessoas livres (*Boretius*, Capit. 1, pag. 300).

tit. 4 «Ne Christianum *mancipium* Iudaeus habeat». Na *Lex Romana* o *servum Christianum comparare* corresponde indubitavelmente ao *Christiana mancipia emere* do canon.

Já notou Amaral (*Mem. de Litt. Port.*, vi, pag. 216, nota) que os padres do concilio iv de Toledo tiveram em vista no canon 66 aquella constituição do Cod. Theod., a qual, no corpo do código em separado da *Lex Romana*, é a 4.^a do tit. 9, liv. xvi (ed. de Haenel, col. 1609).

O canon 9 do concilio xii de Toledo, 681 («De confirmatione legum, quae in Iudaeorum nequitiam promulgatae sunt»), referindo-se aos servos christãos dos judeus, usa varias vezes do vocabulo *mancipia*, e referindo-se aos servos não christãos dos judeus chama-lhes *servi*.

O canon 8 do concilio toledano xvii, 694 («De Iudaeorum damnatione»), diz: «Sic tamen decernimus, ut secundum electionem Principis nostri, aliqui ex *servis* Christianis eorumdem Iudaeorum eligantur, qui» etc. E depois: «Et quidquid functionis in rationem publicam ipsi Iudaei visi sunt hactenus persolverisse, praedicti illorum servi... debeant... persolvere».

Até aqui temos visto applicarem-se as palavras *servus* e *mancipium* indistinctamente aos servos dos servos, aos dos judeus, aos dos particulares, e ainda aos mais graduados de todos, aos fiscaes. Vejamos agora se o caso se dava tambem com os servos da Igreja.

Já notámos n'outro logar que no Codigo dos visigodos não se encontram leis especiaes que tratem expressamente dos servos da Igreja. Mas os concilios da Peninsula occupam-se d'elles, e alguns canones chamam-lhes *mancipia*: por exemplo, conc. de Sevilha de 590, can. 1 e 2; conc. iv de Toledo, 633 (em que interveiu o auctor dos Livros das Etymologias e das Diferenças das palavras), can. 68.

No código dos antigos canones da Igreja de Hespanha, publicado por Cenni e por outros, lê-se: «Ut nullus pro suis *mancipiis* quae ad Ecclesiam confungunt, occupet *mancipia* clericorum» (Lib. v, tit. 18).

Emfim, como já observámos a respeito dos servos fiscaes, os capitulares chamam tambem *mancipia* a servos da Igreja: «... in libro Capitulorum avi et patris nostri conjuncte ponitur ut res et *mancipia Ecclesiarum* eo modo contineantur sicut res ad fiscum dominicum pe tinentes contineri solent, juste et rationabiliter de rebus et *mancipiis* quae in regia et in ecclesiastica vestitura fuerunt, uniformiter et uno modo tenendum est» (Capit. de 873, art. 8, em Baluze, II, col. 231; em Krause, «Capitularia», pag. 345).

Do conjuncto dos textos que ficam transcriptos ou apenas citados resulta, cremos que sem deixar duvida, que a palavra *mancipium* se applicava indistinctamente a quaesquer servos, e no uso mais geral não envolvia por si mesma nenhuma diferença de origem ou de condição, sendo portanto erroneas, tanto a opinião de Masdeu (logar já citado), para quem o *mancipium* era o servo não originario, como a de Herculano (tambem já citado), segundo o qual o vocabulo *manci-*

pium significava mais o infimo grau de abjecção humana do que o estado de servidão, e se empregava com preferencia para designar (e esta é igualmente a opinião de Muñoz) os servos da infima condição. Logo mostraremos que nos dois unicos casos em que o vocabulo não tem no Cod. visig. a mesma significação que *servus* (xii, 2, 14; xii, 3, 12), o que elle indica é um estado que pôde até ser superior ao de servo.

Tambem não conhecemos no Codigo dos visigodos um trecho, uma palavra sequer, de que se possa inferir, com alguma probabilidade, que para designar o captivo ou o prisioneiro de guerra se empregava o termo *mancipium* com preferencia a *servus*.

Se exceptuarmos os servos fiscaes, a unica desigualdade na condição das pessoas da classe propriamente servil, ou os textos lhes chamasse *servi* ou *mancipia*, que as leis visigothicas auctorizam a admitir, é a de *idoneus servus, rusticus aut vilissimus servus* (iii, 3, 9; vi, 4, 7. Nas formulas visigothicas presuppõe-se a existencia de «*mancipiis rusticis et urbanis*»: «*mancipiis cum uxore et filiis*». Formulae, ed. de Zeumer, pag. 586, form. 21, e pag. 579, form. 8) ¹.

Para se determinar a reparação do damno feito ao senhor, cujo servo foi posto a tormento injustamente, o que a lei manda considerar é a idade e a utilidade do servo (vi, 1, 4).

Os textos, que temos estudado até aqui, demonstram a paridade de sentido entre os vocabulos *mancipium* e *servus*. Cumpre-nos agora analysar aquellas leis dos visigodos em que essa paridade, comquanto na nossa opinião exista do mesmo modo, não é tão incontestavel. Reduzem-se a duas; iv, 4, 3, e v, 1, 5.

O Cod. visig., iv, 4, 3, estabelece a seguinte disposição: «Si quis a parentibus infantulum acceperit nutriendum, usque ad decem annos, per singulos annos, singulos solidos pretii pro nutrito infante percipiat. Si vero decimum annum aetatis excesserit, nihil postea mercedis addatur: quia ipse, qui nutritus est, mercedem suam suo potest iam compensare servitio. Quod si hanc summam, qui repetit infantem, dara voluerit, *mancipium* in nutrientis potestata permaneat».

O ultimo periodo da lei presta-se a duas interpretações. Ou havemos de tomar o vocabulo *mancipium* como sujeito de *permaneat*, e n'este caso equivale ao *infans*, não se lhe podendo portanto ligar ahi, por si só, a idéa de servidão; ou havemos de subentender *infans* como sujeito de *permaneat*, e considerar *mancipium* como attributo. E' esta a interpretação que reputámos verdadeira, não só porque para ad-

¹ O Cod. visig. tambem chama *famulos* aos servos, mas só nos recordâmos de um exemplo, x, 1, 17.

N'uma formula visigothica encontra-se a phrase «*rusticos famulos*» (Form., ed. de Zeumer, pag. 584, form. 20).

Guérard, referindo-se á *Charta Bosonis de Monasterio Dervensi*, anno 876, entende que a phrase «*mancipia inter majores et minores C*» indica, entre esses cem servos, uma differença de idade e não de condição (Polypt. cit., Prolég., pag. 284, nota 44).

mittir a outra teríamos de dar á palavra *mancipium* um sentido, que lhe não tornaríamos a descobrir senão em documentos de alguns seculos mais tarde, mas tambem porque a lei se illustra com as da *Lex Rom. Visig.*, Cod. Theod., v, tit. 7 e 8 e Interpret., onde se reconhece o dominio da pessoa do infante áquelle que o creou. Ahi, nas leis, chamam ao infante *servum, mancipium*; na *Interpretatio*, *servum* no tit. 7, *mancipium* no tit. 8.

Na versão castelhana do seculo xiii, o periodo final da lei 3, 4, iv, diz assim: «E si tanto non quisiere dar, finque este ninno por siervo daquel quel crió».

A lei 5, 1, v, encerra um trecho que tem sido entendido com alguma variedade. O trecho é este: «ecclesia, quae decem habuerit *mancia*, super se habeat sacerdotem; quae vero minus decem *mancia* habuerit, aliis coniungatur ecclesiis».

A lei é tirada do canon 5.º do concilio toledano xvi, 693, e só se encontra no codice Vigilano. A traducção castelhana do seculo xiii tambem não a contém.

Em relação ao ponto que nos interessa agora, o canon só differe da lei em dizer «Ecclesia, quae *usque ad decem* habuerit» etc.: no mais a lei repete-o litteralmente.

No *tomus*, que o rei Egico apresentou áquelle concilio, um dos objectos para que elle chamou a attenção dos sacerdotes, foi o seguinte: «Deinde quia comperimus, quod multae Dei basilicae *in dispersis locis* vestrarum parochiarum constitutae, dum ad unius respiciunt ordinationem Presbyteri, nec assidua in eis Sacrificia Domino delibantur, et destitutae remanent, atque sine tectis, vel semirutae fore noscuntur, specialiter in Canonibus adnotetis, unaquaeque Ecclesia, *quamvis pauperrima, quae vel decem mancia habere potest*, sui debeat cura gubernari cultoris: caeterum si minus habuerit, ad alterius Ecclesiae Presbyterum pertinebit».

A doutrina do canon 5.º passou, com as mesmas palavras, para o decreto de Graciano (Causa x, quest. iii, can. iii).

Durand de Maillane (*Dict. de droit canon.*, vb. *Paroisse*) e com elle André (*Cours de droit canon.*, eod. vb.) interpretam *decem mancia* por dez pessoas ou dez familias. Héféle (*Hist. des conc.*, trad. franc., 1.ª ed., iv, pag. 233) traduz as mesmas palavras por dez fogos, e diz em nota que Du Cange, Gloss., entende por *mancia*, no canon citado, os predios dos escravos das igrejas e de suas familias. Mas o que se lê no Gloss., vb. *Mancipium* 1, não é bem isso: «Villa, mansus, tenementum», e depois: «Strictiori notione, nempe pro Familia, domus, usurpatur in Conc. Tolet. xvi, ann. 693».

A interpretação que nós damos ao texto que transcrevemos da lei, é a seguinte, que deduzimos da proposta feita pelo rei ao concilio. O soberano começa por notar o abandono e ruina das igrejas do campo («*in dispersis locis*»), que se acham commettidas a um só presbytero. E para que seja ahi mais assiduo o serviço do culto, e para que o estado de ruina das igrejas não se torne motivo de escarneo para

os judeus, aos quaes tinham sido prohibidas e destruidas as synagogas¹, exhorta o concilio a que proveja a esse respeito.

Em nosso entender, o vocabulo *mancipia* tem na lei a mesma significação que se lhe dá quasi sempre em todo o codigo, a de servos. Do que se trata é de fixar o rendimento minimo que obrigará a que a igreja tenha pastor proprio; e o rendimento minimo estabelece-se para determinar até que ponto a pobreza da igreja pôde justificar o facto de estar unida a outra. Assim, a phrase da proposta do rei «unaquaeque Ecclesia, quamvis pauperrima, quae vel decem mancipia habere potest» refere-se ao dote da igreja, e não ás pessoas que se podem aproveitar dos officios divinos, e equivale a dizer — a igreja, ainda que muito pobre, que pôde ter, pelo menos, dez servos, isto é, que tem terras para serem cultivadas por dez servos, ou que pôde sustentar dez servos—. A doutrina do canon 19 do concilio de Merida de 666, onde se tratou das igrejas que, por serem muito pobres («aut paucum aut nihil de rebus videntur habere»), existiam unidas e estavam confiadas a um pastor unico, dá força á nossa interpretação.

Florez (*Esp. Sagr.*, vi, pag. 229) parece ter entendido como nós o canon 5.º do concilio de 693, porque o traduz assim: «Que la Iglesia que tuviere diez Esclavos, goce de Sacerdote proprio: la que no, se agregue á outra».

Vamos agora procurar descobrir nos dois unicos logares do Cod. visig. onde *mancipium* se não confunde com *servus* (xii, 2, 14; xii, 3, 12), a significação que a palavra *mancipium* ahi tem, e portanto se elles abonam a interpretação que Herculano dá ao vocabulo.

Na latinidade classica o termo *mancipium* exclue por si mesmo a idéa da liberdade, porque envolve sempre a noção de que aquillo a que elle se applica, pessoa ou cousa, é propriedade de alguém (Freund, *Dict. de la langue latine*, trad. por Theil, 1862, vb. *Mancipium*; Forcellini, *Lexicon*, ed. de De-Vit, 1868, eod. vb.). Não se segue d'ahi que no latim medieval o sentido da palavra não haja mudado; todavia é innegavel que ella não se tinha afastado inteiramente da sua antiga significação a respeito das pessoas, porque a cada passo se encontra ainda nos textos com essa evidente interpretação. O que nenhuma luz nos pôde ministrar sobre a significação da palavra *mancipium* na idade média, e a etymologia que se lhe tem attribuido, tanta é a sua incerteza.

Santo Isidoro define do seguinte modo os vocabulos *famuli*, *servi*, *mancipium*: «Famuli sunt ex propria servorum familia orti. Servi autem vocabulum inde traxerunt, quod hi qui jure belli possent occidi a vi-

¹ «Nam dum ex omnibus plurimae basilicae, ut praemisimus, unius solitudine rediguntur, solum est, quia et viduae persistunt, et difficile sacris cultibus ordo debitus exhibetur. Quod non tantum Sacerdotibus Dei in culpa est, verum etiam infidelibus Iudaeis ridiculum affert: qui dicunt nihil praestitisse, interdictas sibi, ac destructas fuisse synagogas, cum cernant peiores Christianorum effectas esse basilicas».

ctoribus, conservabantur, et servi fiebant, a servando, scilicet, servi appellati. Mancipium est quidquid manu capi subdique potest, ut homo, equus, ovis. Haec enim animalia statim, ut nata sunt, mancipium esse putantur; nam et ea quae in bestiarum numero sunt, tunc videntur mancipium esse, quando capi sive domari coeperint» (Etymologiarum lib. ix, cap. iv, n. 43 e 45). E nas *Diferenças* diz: «Servi sunt in bello capti, quasi servati; sicut mancipium ab hostibus, quasi manu captum» (Lib. i, n. 525).

Guérard (*Polypt. d'Irminon, Prolég.*, pag. 283) observa que o termo *mancipia*, posto que usado as mais das vezes na acceção de *servi* e designando a mesma especie de pessoas, parece ter em absoluto uma significação mais ampla, e applicar-se não só aos servos propriamente ditos, mas ainda aos colonos, aos *lides*, em summa, a todas as pessoas de condição mais ou menos dependente, mais ou menos maculada de servidão. E accrescenta, por fim, que a palavra *servi*, a dar-se credito aos etymologistas da antiguidade, viria do verbo *servare*, porque em vez de matarem os prisioneiros de guerra, os conservavam para os venderem. «*Servi ex eo appellati sunt*», diz Florentinus (*Digest.*, i, 5, 4, § 2), «*quod imperatores captivos vendere, ac per hoc servare, nec occidere solent*». Donat (continúa ainda Guérard), Festus, Santo Agostinho, Isidoro de Sevilha, adoptaram esta etymologia, sem a tornarem mais certa.

Accarias, *Précis de droit romain*, i, 4.^a ed., pag. 89, nota 3, diz: «A etymologia de *mancipium* é sem duvida *manu capere*; todavia se os escravos se chamam *mancipia*, não é por allusão aos prisioneiros de guerra, mas antes porque são *res mancipi* e se alienam pela solemnidade da mancipação ou *mancipium* (citando aqui a Cicero, *Paradoxo v*, § 1.^o). E' até provavel que no principio *mancipium* não se applicasse senão aos escravos adquiridos por compra ou de outro modo, em opposição a *verna*, escravo nascido em casa».

Nos trechos, que vamos analysar, das leis 14 (2, xii) e 12 (3, xii) ha duas questões a responder. Primeira: se *mancipium* e *servus* designam ahi duas condições diferentes; segunda: admittida essa differença, em que consistia ella.

A resposta ao primeiro quesito é facil. Para a achar, basta ler os trechos, que adeante havemos de transcrever, onde *mancipium* e *servus* indicam evidentemente duas situações diversas. A resposta ao segundo não está no mesmo caso, e exige um exame detido.

A lei 12, tit. 3, liv. xii contém o seguinte preceito: «*nulli iudaeorum licebit christianum habere mancipium, non ingenuum, non etiam servum*»¹.

¹ A edição de Lindenberg differe um pouco, mas a variante não tem importancia: «*nulli iudaeorum licebit mancipium christianum habere, non ingenuum, non etiam servum*». Das leis do tit. 3, liv. xii, nenhuma se encontra no código promulgado pelo rei Reccevisvinto (*Leges Visigothorum antiquiores* edidit Karolus Zeuner, 1894).

Essa lei confirma em grande parte a lei 14, 2, XII, revogando-a apenas em duas das suas disposições; na imposição da pena de morte, e na faculdade, dada ao judeu, de emancipar o servo christão, faculdade que, segundo já vimos, lhe era conferida também na lei 13 do mesmo tit. 2.

Para o estudo do problema que nos occupa, importa transcrever mais as seguintes palavras da lei 12 (3, XII): «Nullus ex iudaeis mancipium christianum habere praesumat, nec quidquam contra eiusdem legis monita agere audeat, excepto hoc uno, quod lex ipsa eis permittit, ut christianum mancipium iudaeus audeat manumittere»¹.

A lei 14 (2, XII) expressa-se assim: «nulli hebraeorum² ab anno regni nostri feliciter proximo³ christianum liberum, vel servum mancipium in patrocínio vel servitio suo habere liceat»⁴.

As condições do mancipio christão (*mancia christiana* são os termos de que usa esta lei na epigrapha), ás quaes a lei 14 se refere ali, são duas, a de liberto e a de servo, porque são essas as que se acham indicadas nas palavras «in patrocínio vel servitio». Assim a leitura da phrase *christianum liberum, vel servum mancipium*, postas as palavras na sua ordem natural, é, quanto a nós, *mancipium christianum, liberum vel servum*; e é a esta ordem que corresponde a do texto da lei 12, 3, XII, acima transcripto: «christianum habere mancipium, non ingenuum, non etiam servum».

Liberum, na lei 14, significa necessariamente o christão livre por manumissão, o liberto, porque se tomarmos *liberum* por *ingenuum*, no sentido mais restricto d'esta palavra, a lei deixa de comprehender ali o liberto; o que está em contradicção não só com a lei toda⁵, mas ainda com o vocabulo *patrocínio*, que se contém no trecho.

Outras provas existem, porém, no Código dos visigodos a favor d'essa interpretação. A mesma lei 14 (2, XII) usa, mais adeante, do termo *liberum* no sentido obvio de liberto: «servus vero huius calliditatis detector *liberum* se gaudeat profuturum»; e com igual sentido se encontra o vocabulo *liber* n'outros logares, applicado, de mais, a libertos que não gosavam de manumissão tão completa como era a do liberto de judeu, porque a alforria d'este eximia-o de qualquer sujeição para com o antigo senhor (XII, 2, 13 e 14). Apresentaremos alguns exemplos:

«Ille vero, qui manumiserit alienum mancipium, alter praeter illum domino dare cogatur. Si vero dominus adquireverit ut ille *liber sit*», etc. (v, 7, 2).

¹ Em Lindenbrog, depois de *agere*, lê-se: «praesumat, excepto hoc uno, cum eisdem Iudaeis penitus non licebit, secundum quod lex ipsa permittit, ut» etc.

² Em Lind. e Zeumer, *Hebraeo*.

³ Em Lind. e outros, *primo*, que é também a lição de Zeumer.

⁴ Em Zeumer omittit-se *liceat*.

⁵ «In hoc enim orthodoxa gloriatur fidei regula, quum nullam in christianis habuerit potestatem hebraeorum execranda perfidia», diz a lei.

«De his, qui se *liberos* proclamaverint esse. Si mancipia se in libertatem proclamaverint», etc. (v, 7, 3).

«Qui servo suo vel ancillae libertatem donaverit. . . atque ita per eandem libertatis scripturam definierit, ut ex tempore conditae scripturae *liber* ipse qui est manumissus permaneat», etc. (v, 7, 9).

«Qui mancipium suum per scripturam *liberum* faciens» etc. (v, 7, 14).

A lei 14 (2, xii) estabelece o preceito geral de que os judeus não terão poder em christãos; e regulando este preceito, trata em especial dos christãos que são *mancipia*. («Vt nullis modis iudaeis mancipia adhaereant christiana, et ne in sectam eorum modo quocumque ducantur»). O *mercenarium*, que o código (xi, 3, 4) nos diz que podia ser um servo alheio, também a lei 14 não quer que, sendo christão, esteja ao serviço de judeu. Mas era só das duas classes, libertos e servos, que a lei 14 se occupava em especial; e tanto assim que, sendo confirmado e ampliado na lei 12 (3, xii) aquelle preceito absoluto por outras disposições legislativas (xii, 3, 17 e 19), entendeu-se necessario prohibir que os judeus exercessem sobre christãos em geral qualquer especie de auctoridade, salvo com permissão do rei.

Approximemos agora os dois textos citados das duas leis, 14 do tit. 2, e 12 do tit. 3 (livro xii), não esquecendo que esta veio legislar, como ella propria declara, sobre o mesmo assumpto da lei 14, e dominada por igual ou ainda maior animo de perseguição contra os judeus. A lei 12 não pôde, portanto, deixar de se occupar, pelo menos, d'aquellas mesmas condições do christão, das quaes se occupou a lei 14. Todavia, esta suppõe que o mancipio christão pôde ser *liberto* ou *servo*, ao passo que a lei 12 o considera *ingenuum* ou *servum*. Não haverá, pois, differença na condição do mancipio indicada nas duas leis?

No seu sentido proprio e restricto, a palavra *ingenuus* designava o individuo que era livre por nascimento, em opposição a *libertus*, que designava o que era livre por manumissão: «Ingenui dicti, qui in genere habent libertatem, non in facto, sicut liberti» (Santo Isidoro, *Etym.*, lib. ix, cap. iv, n.º 46).

Entendido o vocabulo *ingenuus* n'esse sentido, é forçoso não ver comprehendido na lei o servo christão, que antes d'ella fôra manumittido por judeu; e dizemos *antes*, porque taes manumissões ficaram prohibidas por esta lei 12: ella mesma, porém, repelle manifestamente semelhante interpretação. Não ha, pois, outra solução admissivel senão attribuir ahi a *ingenuus* a mesma significação que julgámos ter demonstrado caber ao *liberum* do trecho da lei 14, a significação de liberto; e é essa, com effeito, a intelligencia que se dá á palavra em outros logares do Cod. visig. A lei 4, 1, vi, que se inscreve: «Pro quantis rebus, et qualiter servus, aut libertus tormenta portabunt», diz: «. . . Si vero (*servus*) innocens in tormentis mortuus, vel debilitatus fuerit, duos aequalis meriti servos cum eodem domino reddere non moretur: et ille, qui debilitatus est, *ingenuus* in patrocinio domini sui per-

maneat... Id tamen servandum est, ut nec *ingenuum* quisque, nec servum subdere prius quaestioni praesumat, nisi coram iudice» etc.

A lei 13, 2, XII, tendo em vista annullar os contractos com que se haja querido illudir uma lei anterior, que desligára do dominio (*iure*) dos judeus os *mancipia christiana*, manda que aquelles que ao tempo d'essa lei se encontravam *in iure* de judeus, quer tenham depois sido emancipados, quer sejam ainda servos («sen sint libertati tradita, seu forte ad libertatem non fuissent perducta»), todos elles ficarão gosando de manumissão plena («ad civium romanorum privilegia iuxta nostrae legis huius edictum transire debeant»). E logo em seguida accrescenta: «Nam etsi aliqua illicito ausu de *eisdem mancipiis*, quae per constitutionem regiam fuerant absoluta, in iure cuiuslibet per quamcumque scripturam transegisse visa sunt; rescissa tali conligatione *ad statum ingenuitatis*, recepto iuxta leges pretio a venditoribus revertantur: et praenotati in polipticis publicis, atque secundum eorum *peculium* iustissima adaeratione censiti, vitam in propriis laboribus in *ingenuitate* transigere valeant».

Mas não é só no Codigo dos visigodos que se acham os exemplos. Póde affirmar-se que na média e infima latinidade uma das significações do vocabulo *ingenuus* era a de *libertus*. (Du Cange, Gloss. vbb. *Ingenui, Ingenuitas*; Guérard, *Polypt. d'Irminon, Prolég.*, pag. 213, *in fine*, e 214; Fustel de Coulanges, *Nouvelles Recherches*, pag. 374, nota 3).

Resumindo o que temos exposto, entendemos que nos trechos citados das leis 14, tit. 2, e 12, tit. 3, do liv. XII, *mancipium* significa o individuo que por laço servil está adstricto á sujeição de alguém, quer a adstricção provenha da qualidade de liberto (*liber, ingenuus*), quer da qualidade de servo. E as duas leis prohibem que os judeus possam ter sob a sua sujeição, por qualquer d'esses modos, as pessoas christãs. O vocabulo conservava sempre alguma cousa da sua primitiva significação; ainda não se applicava a pessoa absolutamente livre; quando, por excepção e não vulgar, deixava de ter o mesmo sentido que *servus*, designava um estado, ainda que superior, maculado sempre mais ou menos de servidão, como já vimos que se expressa Guérard (*Polypt. cit., Prolég.*, pag. 283 e nota 37).

Nos escriptores da Península, desde o seculo VII até o XII, raras vezes se encontra a palavra *mancipium*. Ou seja nas *Historias de Isidoro de Sevilla*, nas *Vidas dos Padres Emeritenses* de Paulo Diacono, de Merida (*Esp. Sagr.*, XIII), nas *Sentenças de Tájus* (Ibid., XXXI), e em outros escriptos de menor tomo, em todos esses monumentos litterarios do seculo VII o uso do vocabulo ou é rarissimo, ou não se encontra de todo. Quando apparece é no sentido de servo (Paulo Diacono, *Vita P. P. Emerit.*, cap. XVIII, na *Esp. Sagr.*, XIII, pag. 380: «... ob hoc itaque decernimus, ut ipse Vacrila cum uxore, filiis, et omni patrimonio suo perpetim sacratissimae Virgini Eulaliae servus deserviat: nam et hoc praesenti decreto sancimus, ut sicut ultimi pueri ante equum dominorum suorum absque aliquo vehiculi iuvamine

ambulare soliti sunt; ita ante caballum Domini, qui praeest cellae Sanctae Eulaliae, ambulare debeat, et omne servitium, quod infimum consuevit peragere *mancipium*, coram eo deposito cothurno, vel fastu, cum omni humilitate exhibeat»).

Para designar o individuo reduzido á condição servil, os termos vulgares nos escriptores da Peninsula até o seculo XII são: *servi*, *ancillae*, *famuli*; e para designar os prisioneiros de guerra usam geralmente das expressões *captivi*, *captivitas*, *captivatio*.

Sampiro (seculo XI), referindo-se a captivos, diz, uma vez, *mancipia* (*Esp. Sagr.*, XIV, pag. 447 no fim) e tres vezes *captivos* (*Ibid.*, pag. 452, 454, 455). O Silense (seculo XII) diz sempre *captivos*, excepto na parte que copia de Sampiro, no trecho onde este usou do termo *mancipia* (*Ibid.*, XVII, pag. 300). Emprega a phrase *in servitute humiliavit*, a pag. 318; e alludindo a actos praticados pelos sarracenos, diz «praedas et mancipiorum extemplo agentes», a pag. 322. A Historia Compostellana (seculo XII) usa da palavra *mancipia* nos dois seguintes logares tão sómente «... dumque in eadem civitate pedites et mancipia reficerent, ea quae in itinere debilitata fuerant, et viatica necessaria praepararent» (trata-se do exercito que marchava contra Astorga): «... dilectionis tuae mancipio ne timeas» (*Esp. Sagr.*, XX, pag. 128 e 280). Na vida de S. Rosendo (o santo viveu no seculo X, e os seus dois agiographos escreveram no seculo XII, *Esp. Sagr.*, XVIII, pag. 91, 106 e 107) lê-se: «Parentes ob reverentiam natiuitatis ejus (*Rudesindi*) magnas eleemosynas distribuerunt pauperibus, libertatem *servis* dederunt... Cum vero boves traherent fontem lapideum, plaustrum pondere confractum est, dumque *servi* novum plaustrum praeparant, fons baptismalis intra Ecclesiam... inventus est» (*Esp. Sagr.*, XVIII, pag. 379 e 380; *Port. Mon. Hist., Script.*, I, pag. 34 e 35, ms. de Cellanova). A Chronica de Affonso VII (seculo XII) diz uma unica vez *mancipia*, e nas seguintes palavras que attribue a um chefe mussulmano: «Imprimis praecipio tibi, fili, subverte gladio Toletum, deinde ceteras urbes ejus et castella usque ad flumen Dorii.... sed viros bellatores christianorum, et *mancipia* et pueros et mulieres honestas et puellas quascumque ceperis, mitte trans mare». (*Esp. Sagr.*, XXI, pag. 359, n.º 44). Póde entender-se que *mancipia* se toma aqui no sentido opposto ao de *viros bellatores*, porque, a tomar-se no sentido generico de *captivos*, seria applicavel, sem distincção, a todas as pessoas a quem o trecho se refere. Quanto aos escravos sarracenos que fossem encontrados entre os christãos, não parece comprehendel-os, porque não é crível que o mussulmano os mandasse tambem transportar para Africa. Os *mosarabes* é que ha exemplo de terem esse destino, para ahi combaterem como soldados (*Ibid.*, pag. 373, n.º 64).

Nos documentos o emprego do vocabulo *mancipium*, significando *servus*, é menos raro do que nos escriptores; e *servus* designa tanto o christão como o agareno (Conc. de Leon de 1020, art. 22, nas Córtes de Leon y Castilla, I, pag. 6). Mas applicadas *designadamente* a

captivos, ou sejam sarracenos ou sejam christãos, ambas as palavras, *mancipium* e *servus*, são pouco frequentes também nos documentos, porque o termo mais geralmente usado para as designar é *captivi*. Conhecemos os seguintes exemplos. Piniolo Ximenes e sua mulher, fazendo doação em 1044 ao mosteiro de Corias que tinham fundado, expressam-se assim: «*Damus autem servos istos de Tribu Ismaelitarum*», e em seguida vêm muitos nomes, que na sua maior parte não parecem proprios de sarracenos. Mas se não se trata de mussulmanos, como todavia se poderia suppor das palavras «*de tribu ismaelitarum*», então o documento evidentemente se refere a *mosarabes* aprisionados em terra de sarracenos; e note-se que elle usa varias vezes, e parece que indistinctamente, dos vocabulos *mancipia*, *servi*, *ancillae*, e uma vez emprega a palavra *creatone* (*creatione*).

Affonso III, confirmando em 897 a sé de Lugo as concessões feitas pelos outros reis, e accrescentando novas doações, diz: «*Mancipia, quae ex Hismaelitarum terra captiva duximus quinquaginta*» (*Esp. Sagr.*, XL, Ap. 19, pag. 385 in fine).

N'uma carta de dote e doação, que fez em 1029 o conde D. Rodrigo a sua mulher, lê-se: «*mancipios et mancipiellas, quos fuerunt exgentes mahelitarum et agareni*» (Muñoz, *Del estado de las personas*, 2.^a ed., pag. 17, nota). Na Nota III diremos a interpretação que damos a esse trecho.

Não se pôde, portanto, acceitar a significação restricta que Herculano attribue á palavra *mancipium*. E era tal n'este ponto a preocupação do illustre escriptor (memento de que pôde, com muito maior probabilidade, acontecer-nos o mesmo ou peor) que na sua controversia com Muñoz (*Opusculos*, III, pag. 278) nota como singular a expressão *pueros*, referida a servos, na carta de dote de 887 citada e transcrita, em parte, por Muñoz, *Del estado de las personas*, 2.^a ed., pag. 15 e nota 3; expressão que se encontra no Cod. visig., III, 1, 6 (em Lind. 5) e nas fórmulas visigothicas, fórm. 20, como logo observaremos.

Paulo Diacono Emeritense (seculo VII), na vida de Masonas, bispo de Merida, diz: «*Post aliquantos autem dies accidit, ut Sanctus Masona Episcopus puerulis, qui ei fidele exhibuerunt servitium, libertatis cartulas conscriberet, et pro confirmandis eorum libertatibus aliquam particulam pecuniolae tribueret, aut certe exiguas possessiunculas conferret*» (*Vita P. P. Emerit.*, cap. XX, na *Esp. Sagr.*, XIII, pag. 382 in fine). Em uma doação de 917 feita por um bispo de Leão a certo altar da igreja da sé, lê-se: «*Similiter concedo vobis alias iij. villas. . . et in ipsas villas duos pueros, qui custodiebant vacas c. et oves c: nomina de ipsos pueros Sarracinus, et Daude, et Hecale*» (*sic*) (*Esp. Sagr.*, XXIV, pag. 446. Comquanto se diga que os *pueri* eram dois, os nomes são tres).

Nos seculos X e XI parece-nos descobrir em alguns documentos o uso da palavra *mancipium* também no mesmo sentido vago, em que entendemos que ella se emprega em duas leis do Cod. visig., XII, tit. 2, lei 14, e tit. 3, lei 12, isto é, para designar um individuo de condição mais ou menos servil.

Em 986 quatro irmãos vendem a «troitesindo osoderiz» e a sua mulher «unisco» o terço de um predio d'elles, que herdaram do avô e do pae; por inteiro um quintal, junto á casa dos vendedores; e parte de outros predios, um dos quaes parece tel-o adquirido por doação o pae. Recebem elles o preço da venda, mas no contracto intervem Gelvira Nuniz, a quem, a titulo de confirmar o acto, os vendedores, *seus mancipios*, offerecem alguns presentes: «... vendimus ereditatem nostra probia que auemus de anios nostros rando et pater nostro arias (?)... damus aque concedimus de ipsa hereditate... iii.^a integra... et damus illa cortina integra... con suas cidrieiras et con suas mazanarias... iusta nostram domum». Referem-se ainda outros predios, e a respeito de um diz-se: «comodo iace concluso per suo nallo que derunt a meo patre in ed (*faltam aqui letras*) acionem pro kasament (*faltam tambem letras*)... et ego geluira ploris nuniz accepi de uos in ofretionem pro ac carta confirmando de ipsa ereditate de ipsos nostros mancipios nominibus comodo de sursum resona 1.^o lenzo de (*lacuna*) foles zomaques» (*Port. Mon. Hist.*, Dipl. et Ch., doc. 151). Eram, muito provavelmente, descendentes de liberto, e por isso *mancipios* pelo vinculo da manumissão. No documento seguinte cremos que se trata de filhos de uma liberta.

Um certo Donazano foi casado durante muitos annos, «per dotalis ordinis», com Leodesinda, da qual teve um filho e uma filha. Fallecida a mulher, o viuvo fez testamento de todos os seus bens, parte herdados e parte comprados, a favor dos filhos, exceptuando os bens que já tinha transmittido a Gundisalvo Moneonis, e exceptuando tambem o quinto que applica por alma d'elle testador. Declara que os seus filhos são, pelo lado materno, *mancipios* de Osoredo Tructesendizi: «et sunt ipsos meos filios *mancipius proprius* de osoredo tructesendizi de parte de ipsa mea mulier leodesinda» (*Ibid.*, doc. 185 de 1001). Nem consta do documento qual era a condição do testador, nem intervem no acto o individuo de quem os filhos eram *mancipios*.

Sem ter perdido aquelle mesmo sentido vago, opposto ao de liberdade absoluta, começa já a empregar-se no seculo xi o termo *mancipium* para tambem significar em especial, mas conservando o mesmo valor, o individuo de pouca idade, como synonymo de *puer*. Temos d'isso um exemplo frisante. O Cod. visig., III, 1, 6 (em Lind., 5), limitando a importancia do dote, facultava que se comprehendessem n'elle «*decem pueros decemque puellas, et caballos xx*», etc.; e as fórmulas visigothicas reproduzem esse direito, n'uma carta de dote, nas seguintes palavras: «*Ecce decem inprimis pueros totidemque puellas tradimus*», etc. (*Form. visig.*, ed. de Zeumer, form. 20). Em 887 Sisenando, dotando a D. Eldoncia, diz ainda: «*Donamus atque concedimus dulcidini tue in dotis titulum decem pueros: iste sunt...* Similiter *puellas decem; iste sunt*», etc. (Muñoz, *Del estado de las personas*, 2.^a ed., pag. 15, nota 3). Mas n'uma carta de dote de 1029 as expressões *pueros* e *puellas* estão já substituidas por *mancipios* e *mancipiellas*

(Ibid., pag. 17, nota). A este documento teremos ainda de voltar na Nota XII.

No meado do seculo xi já se encontra, porém, o vocabulo *mancipium*, degenerado em *manzepe*, no mesmo sentido da expressão moderna *mancebo*, em que se usa vulgarmente no seculo xii como logo veremos: «Et pre tale hactio fecerunt ipsos infanzones inter se amicitate, et saccarunt illas *manzepas* de ferros». Os *manzepas* eram Arias Oduariz, de cuja pessoa se apoderára Menindus Gundesalvus que fôra por elle roubado, e Pelagio Gunçalviz (neto de Menindus), a quem conseguira deitar a mão o pae de Arias. Doc. de 1044, publicado no *Boletín de la Real Acad. de la Hist.*, tomo xxii, cuaderno ii, febrero, 1893, pag. 173.

No seculo xii a palavra *mancipium*, que não deixa de ser ainda applicada ao servo (Carta de manumissão de 1187, na Coll. dos doc. para a hist. port., doc. 246), e já usual não só no sentido de homem de condição inferior, mas livre, que, ou trabalha por conta alheia, empregado no serviço domestico ou no do campo, ou trabalha por conta propria, mas também no sentido moderno da palavra *mancebo*. *Mancipia*, envolvendo também a idéa de liberdade, designa algumas vezes a fôrma feminina da palavra, correspondendo então a *donzella*. Citarémos alguns exemplos.

«et *mancipium*, qui armas non portare, fossatum non faciet, neque pectet fossatera» (Fóros de Leon e Carrion, confirmação e addições em 1109. *Esp. Sagr.*, xxxv, pag. 416). Muñoz, *Fueros Municip.*, pag. 96, transcrevendo este diploma, diz em nota: «*Mancipium*, joven. Esta palavra latina não significa sempre nos documentos da idade média escravo, como se deduz do que inserimos. O termo *mancipium* corrompeu-se primeiro em *mancepo* e depois em *mancebo*, como dizemos hoje».

«Homo aut *mancipium* qui habuerit mulier aut filia aliena et uenerit cum iracundia ante iii diem pectet illo rauxo. Si iii diem transierit non pectet ibi quicquam» (Foral de Ferreira d'Aves, 1114-1128. *Port. Mon. Hist.*, Leg. et Const., i, pag. 368). Aqui é já adolescente, porque se lhe attribue o rapto de mulher ou filha alheias. Não é servo, porque se lhe reconhece representação pessoal em juizo.

O foral de Cernancelhe (1124) usa da palavra *mancipium*, no sentido de serviçal, nos seguintes trechos: «Et si homo fuerit a palleario alieno aut mulier aut *mancipium* aut almuina aut uinea aut palos derotos pectet pro uno viiii et i bragal» etc.: «Homo qui leuauerit alium iumentum aut equum aut alium ganatum et si homo de domum aut mulier aut *mancipium* exierit et ad tollendum uenerit pectet i bragal» etc. (Este trecho acha-se também no foral de Sabadelhe, 1220, *Port. Mon. Hist.*, Leg. et Const., i, pag. 584, e ali diz-se *mancipium*). Usa também da palavra *mancipo*; mas n'esse logar o vocabulo parece indicar genericamente o individuo de condição inferior á do homem bom: «Qui apprehenderit equum alienum aut bouem iungerit si fuerit bonus homo accipiat xx fagellas... Si fuerit *mancipo* x fagellas simi-

liter» (no foral de Sabadelhe, acima citado, diz-se *mancipium*). *Port. Mon. Hist.*, Leg. et Const., i, pag. 364.

«Et si mancipio qui stat ad soldata mataverit homine et quando steterit cum suo amo demandarent illi faciat directo, et postea que exierit de suo amo non rendat» (Foral de Calatayud, dado por D. Affonso i em 1131. *Esp. Sagr.*, xlix, Ap. 20, pag. 354. Já tinha sido publicado por Muñoz, *Fueros Municip.*, pag. 457 e seg., com algumas variantes; mas estas no trecho citado (em Muñoz acha-se a pag. 465) não alteram em nada o sentido).

«Mulier aut mancipia que non faciant nullo uirto super illas non pedones non caualeiros non descola nisi pro suo grato. Et si culpam fecerit ueniat ad concilium».

Mancipio qui solteiro fuerit aut uineam aut hereditatem habuerit cum rege det iugada et sedeat cui uoluerit» (Foral de Seia, 1136, *Port. Mon. Hist.*, Leg. et Const., i, pag. 371 e 372).

«Si mulier leixauerit suum uirum pectet xxx morabitos... Et qui eam amparauerit a suo uiro pectet x solidos cotidie... Et si fuerit mancipia in capillo aut cum touca... saluet se cum xii».

«Mancipia (*puella* no foral de Urros, 1182) qui fuerit pedida rogado et altero se trameter et leuauerit per sua uoluntate non colliant suos parentes sine prazer de suo sposo. Et si collerent pectet c c c solidos... et exeant inimicos» (Foral de Freixo, 1152. *Ibid.*, pag. 379, 380 e 426).

«Mancipium qui mactauerit hominem foras uille et fugerit, suus amo pro eo non pectet homicidium» (Foral da Covilhã, 1186. *Ibid.*, pag. 457). A mesma disposição nos foraes de Centocellas (1194), S. Vicente da Beira (1195), Belmonte (1199), Benavente (1200), e em outros mais modernos.

«Et si de casa alicuius uestrum filius aut parentes aut mancipum (na variante *mancipium*) aut aliquis extraneus exierit et aliquam calumpniam fecerit et ad domum unde exierit reversus non fuerit ille de cuius casa exierit nichil pectet pro illo» (Foral de Vizeu, 1187. *Ibid.*, pag. 460, *in fine*).

No seculo XIII a significação de *mancipium* correspondia á de mancebo, quer no sentido de individuo que servia por soldada, quer no sentido de adolescente: «Item abegom moretur per totum annum pro quinque morabitis... Et alius *mancipius* melior de lanoyra moretur per annum pro tribus libris... Item maiori mancipio de vacis dent pro soldada quinque morabitos... Et alii mancipii tam de ouibus quam de porcis habeant suas soldadas etc.» (Lei de 26 de dezembro de 1253 nos *Port. Mon. Hist.*, Leg. et Const., i, pag. 193 e 194).

«Outro sy he custume, que se o mancebo fezer perda, que a corregua pela soldada a seu amo» (Ord. Aff., iv, tit. 33, attribuindo este *Costume* ao reinado de Affonso III).

«Todo orphaho que non ouuer xv anos non preste o seu dado nen uendudo. E se dixer — xv annos ouuesti quando comigo esto fezisti

— firme o. e se lho non firmar iure o *mancebo* ou quem el herdar se morto for o *mancebo* que non auia quinze anos» (Costumes da Guarda, nos *Port. Mon. Hist., Leg. et Const.* II, pag. 4; *Ined. de hist. port.*, V, pag. 409. Veja-se também o Gloss. de Du Cange, ed. de Favre, vbb. *Mancipium* (4 e 5) e *Mancipius*.

No texto castelhano (cuja lettra se diz ser do seculo XIII) do concilio ou côrtes mixtas de Leon de 1020, usa-se das palavras *mancebo forero* para significar a condição de homens que de certo não eram *escravos*, porque é por ellas que se traduz o termo *junior* que se emprega no texto latino. No artigo 9 diz *mancebo forero*; no art. 11 traduz por *omne* (homem) *forero*; no art. 20 por *forero* simplesmente (Côrtes de Leon y de Castilla, I, pag. 11, nota 3, e pag. 13, 14 e 16).

D'essas diferenças de significação do vocabulo *mancipium* resulta que na versão castelhana do Cod. visig., a qual porém raras vezes se conforma rigorosamente ao texto original, a palavra, comquanto se traduza quasi sempre por *siervo*, também n'alguns casos se traduz por *mancebo*; e ha exemplos de ser este o termo que na versão corresponde ao latim *puer*.

No texto castelhano da lei 14, 2, XII, *siervo* é o *mancipium* do texto latino, com uma unica excepção; e esta dá-se na phrase *christianum liberum vel servum mancipium*, a qual se verteu assim: «ningum cristiano libre, nin siervo, nim mancebo». A passagem da lei 12, 3, XII, *nulli iudaeorum licebit christianum habere mancipium, non ingenuum, non etiam servum*, interpretou-se d'este modo: «nengun judio non tenga siervo cristiano, nin franqueado, nin sierva». A lei 2, 1, III, a lei 7, 2, III, e outras traduzem *puella* por manceba, e a lei 6, 1, III, *pueros* por mancebos.

VI, 5, 8: «Quemcumque discipulum, vel in patrocínio ant in servitio constitutum, a magistro, patrono vel domino competenti et discreta disciplina percussum fortasse mori de flagello contingat», etc. Versão castelhana: Si el maestro que castiga su diciplo locamientre, si por ventura muere daquellas feridas; ó el padron mata á aquel que ajuda por ocasion, ó el sennor mata el *mancebo* que lo sirve», etc.

VIII, 1, 1: «Omnis ingenuus, atque etiam libertus aut servus» etc. Texto castelhano: «ningun mancebo libre ó franqueado, ó siervo» etc.

Quando muito ao seculo XII poderá attribuir-se um trecho assaz incorrecto, tirado dos codices de Santo Isidro de Leon e Escorialense 2.º, que a edição da Acad. Hesp. inseriu em nota no fim do tit. 2, XII, do texto latino do Cod. visig. (pag. 147, col. 2.ª), «lo qual», dizem os editores, «mendoso como se halla se pone á la letra». Esse trecho trata, entre outras cousas, de formalidades relativas á prova da agua quente, e n'elle se lêem as seguintes palavras: «*Mancipium dum quindecim annos habuerit mittat manum in calda: usque in XVII annum ipsa (ou ipse) est pueritia*».

H. DA GAMA BARROS.

QUESTÕES ETYMOLOGICAS

I

Chué-chué

No primeiro volume do supplemento ao Vocabulario de Bluteau encontra-se esta expressão, que o auctor dá como chula e que define do seguinte modo: «A' ligeira. Coisa breve, pequena e ligeira». Nos dictionarios que se tem publicado depois d'aquelle, occorre apenas a forma singela *chué*. E' possivel que tenha desaparecido da bocca do povo a forma duplicada *chué-chué* (que Bluteau escreve *chué*, *chûê*, e *chueé*, *chueé*), e por essa razão os dictionarios a omittão. Ella serve com-tudo para confirmar a etymologia dada por Dozy e aproveitada já pelo sr. Adolpho Coelho no seu *Diccionario manual etymologico*, segundo a qual esta palavra corresponde ao arabe *chuiéh*, porquanto a forma duplicada *chuié-chuié*, com variantes de pronuncia, segundo os dialectos, mas todas mais ou menos aproximadas d'aquella, é ainda hoje frequente no arabe familiar com a significação de *um pouco, algum tanto e ainda devagar, lentamente*, etc. (vid. por exemplo *Dictionnaire français-arabe des dialectes vulgaires* de J. J. Marcel, nos vocabulos *peu e lentement*). Segundo Dozy, os arabes de Hispanha devião pronunciar aproximadamente *chuei* ou *chué*, e a alguns arabes tenho eu ouvido uma pronúncia pouco differente d'aquella.

A forma duplicada, recolhida por Bluteau, e cuja origem arabe me parece incontestavel, vem explicar não só o etymon, mas ainda as significações da forma singela *chué*. Creio que a forma empregada primitivamente deveria ser *chué-chué*, com significação analogá á que já teria em arabe e com valor pejorativo (compare-se a expressão *assim assim* em phrases como: *um jantar assim assim*, i. é, quasi *um jantar mediocre*), e que depois se passou a empregar a forma simples *chué*, por se haver oblitterado a importancia especial d'aquella, attribuindo-se-lhe a mesma significação, aquella que os nossos dictionarios consignão: *mediocre, ordinario, reles, mal preparado, mal vestido*, etc., v. g.: *jantar chué*, *luminarias chués*, elle anda muito *chué*. «Commissario nenhum... embora me pusesse a tratos de polé, me faria achar bom poema tão *chué*». (Castilho, citado no Dicc. contemporaneo).

II

Esquineta

No romance de Camillo Castello Branco *Brasileira de Prazins*,

pag. 304, lê-se: «Arranchava com vadios nas noitadas das tavernas onde se jogava *esquineta* e monte». A palavra *esquineta* não ocorre nos dicionários, foi provavelmente recolhida por Camillo da linguagem popular como tantas outras. Não sei que jogo designa, talvez seja o mesmo que *lansquenet* (do all. *landsknecht*). A palavra *esquina* pôde ter concorrido para que *lansquenet* se transformasse em *esquineta* em virtude de uma falsa analogia.

III

Falacha

Nas provincias da Beira e Tras-os-Montes é muito conhecida esta palavra, que designa um bolo feito de farinha de castanha. Esses bolos são cobertos de folhas de castanheiro e esta circumstancia suggeriu-me o etymon *folium*, se bem que pareça um pouco difficil a demonstração.

A fórma portugueza *fulacha* assentaria em um derivado latino como **foliascula*¹ que daria *folhacha*, e por dissimilação de palataes *folacha*. Dar-se-hia tambem a passagem de *o* para *a* como em *navalha* de *novacula*, e em *cangar* de *conjugare*. A influencia da palavra *fallar* poderia talvez concorrer para que em logar de *folacha* passasse a dizer-se *fulacha*. Talvez pudesse admittir-se ainda o derivado *foliacea*, de que resultaria *folhaça*, dando-se depois uma deslocação ou metathese de palatalisação, que daria *folacha*, *falacha*.

IV

Fustão

O *Diccionario manual etymologico* do sr. Adolpho Coelho não menciona a etymologia da palavra *fustão*, que designa uma especie de tecido. O *Diccionario contemporaneo* dá-lhe por etymon a palavra *Fostat*, nome de um burgo no Cairo, sem indicar por que modo se teria feito a derivação, que, pela leitura d'aquelle passo do referido dictionario, pareceria ter-se dado dentro da lingua portugueza, o que não é exacto.

No arabe havia já o vocabulo *fustan*, formado provavelmente de *Fostat*, d'onde aquelle tecido era originario, e esse vocabulo ainda hoje se usa. Os arabes da Syria² empregão esta palavra para designar um vestido de mulher, passando assim o nome do tecido a significar a obra feita com elle. Do arabe *fustan* resultarão as differentes fórmas

¹ Sobre o suffixo *-acho* cfr. o que diz o sr. Leite de Vasconcellos, *Rev. Lusit.*, vol. II, pag. 272.

² Vid. Carlo Landberg, *Proverbes et dictons de la province de Syrie. Section de Saïdâ*, pag. xx.

das linguas romanicas: o português *fustão*, o hispanhol *fustan*, o catalão *fustani*, o francês *futaine*, e o italiano *fustagno* e *frustagno*.

V

Geira

A etymologia que o snr. Cornu deu para esta palavra, que designa uma medida agraria, o terreno que uma junta de bois lavra em um dia, derivando-a do latim *diaria* (cfr. o seu bello trabalho *Die portugiesche Sprache*, §§ 3, 2 e 111), é confirmada pelo emprego que tem ainda hoje o vocabulo *geira* em alguns logares de Trás-os-Montes, por exemplo em Fornos de Pinhal, perto de Valpaços. Diz-se alli: *ir á geira*, *ir ganhar a geira*, i. é, ir para o trabalho, ir ganhar o salario do dia, o jornal, a *diaria*, como se diz no Porto.

Ouvi expressões como aquellas a duas mulheres do referido logar, que me disserão ser esse emprego da palavra *geira* usual ainda em outras terras proximas da sua aldeia.

VI

Magote

Esta palavra significa pequeno agrupamento de pessoas ou coisas, bando, rancho, etc. O hispanhol tem o vocabulo *mogote*, que designa um pequeno monte isolado. A' palavra hispanhola deu-se como etymon o basco *muga*, que significa *limite*, *marco*, e que segundo Diez, *Etym. Wörterb.*, 11^a s. v., póde tambem ser a origem do português *mogo* = marco divisorio, marco que serve de indicar os limites de terras confinantes. De *mogo* poderia derivar-se dentro do português *mogote*, como *rapazote* de *rapaz*, *caixote* de *caixa* etc. Depois o primeiro o passaria para *a* por dissimilação. Mas é possivel que a palavra *magote* nos viesse directamente do hispanhol e represente o *mogote* d'aquella lingua. Quanto á mudança de sentido comparem-se as expressões *magote de gente*, *magote de coisas*, com as expressões, tambem frequentes, *um MONTÃO (ou MONTE) de gente*, *um MONTÃO (ou MONTE) de pedras*, etc.

VII

Nora

Fr. João de Sousa havia já attribuido a esta palavra origem arabe. O snr. Adolpho Coelho relaciona-a, e bem, com o hispanhol *noria*. Dozy omittiu-a no seu Glossario, provavelmente por esquecimento, porque me parece não offerecer grande duvida a etymologia

proposta e que Littré e Devic ¹ sustentão também para o francês *noria* e hispanhol *noria*.

O arabe tem, *nā'ora*, segundo a transcrição de Devic, de que ficão proximas a fôrma do hispanhol antigo *nora*, citada por elle e o português *nora*. O verbo *nā'ar* significa deixar jorrar o sangue aos borbotões, fallando-se das veias, o que, no dizer d'aquelle orientalista, pôde bem applicar-se ás noras, formadas de uma serie de alcatruzes que se enchem no fundo do reservatorio e veem esvasiar-se um após outro no exterior. De *nā'ora* pouco dista o português *nora*.

Ainda hoje dão os arabes áquella machina hydraulica aproximadamente o mesmo nome. No *Dictionnaire francais-arabe des dialectes vulgaires*, de J. J. Marcel, a expressão *machine à élever l'eau* é traduzida por *nā'ourah dé-l-mâ* (transcrição do auctor). A uma mulher da Syria ouvi eu pronunciar também *na'dura*. Esta fôrma daria *naura*. E' sabido que as palavras arabes foram tratadas em geral como as latinas na passagem para o português, o diphthongo *au*, porém foi tratado com mais liberdade. O mesmo diphthongo latino só excepcionalmente deu *ó*, poisque em regra é representado por *oi* ou *ou*, também pronunciado *ó*, v. g. *aurum* = *oiro*, *ouro* ou *ôro*, segundo as localidades. Em poucas palavras é elle representado por *ó*, como *pobre* ² de *pauper*. *Naura* dar-nos-hia muito bem *nora*; cfr. J. Cornu, *Die portugiesische Sprache*, § 39. Assim, a palavra portuguesa *nora* vir-nos-hia directamente do arabe, em logar de a recebermos por intermedio do hispanhol, o que seria pouco natural. Dêntro d'esta ultima lingua a fôrma *noria* seria um desenvolvimento posterior de *nora*.

Parece-me, portanto, que nos dictionarios etymologicos deve fazer-se menção da origem arabe que tem o vocabulo português *nora*, que designa um aparelho hydraulico muito conhecido em todo o país por aquelle nome.

VIII

Outro que tal

E' frequente ouvirem-se estas expressões: *outro que tal*, *outra que tal*, *outros que taes* e *outras que taes*, para designarem individuos com as mesmas qualidades de outros que forão mencionados ou aos quaes se allude: *Este e outro que tal* quer dizer *este e outro das mesmas qualidades, tão bom como elle*; — *ella é outra que tal*, isto é, *ella é outra com as mesmas qualidades, do mesmo jaez*, etc.

Citaremos o seguinte exemplo de Bocage, vol. III, pag. 241 da edição da Imprensa portuguesa, Porto:

¹ Vid. *Dictionnaire étymologique des mots d'origine orientale* no fim do supplemento ao Dictionario da lingua franceza de Littré.

² O sr. dr. Leite de Vasconcellos crê que este *o* já vinha do latim vulgar e lembra-me *clodius* e *oricius*.

Um mono, vendo-se um dia
Entre brutal multidão,
Dizem lhe deu na cabeça
Fazer uma prêgação.

Teve mil vivas, mil palmas,
Proferindo á boca cheia
Sentenças de quinze arrobas,
Palavras de legoa e meia.

Creio que seria o thema
Indigno de se tratar;
Mas isso pouco importava,
Porque o ponto era gritar.

Isto acontece ao poeta,
Orador e outros que taes:
Nescios o que entendem menos
E' o que celebrão mais.

A explicação que até agora se tem dado para taes expressões consiste em considerar a palavra *que* como um pronome relativo, que introduz uma oração elliptica (*que tal, que taes*). Assim as phrases *elles e outros que taes*, — *estas são outras que taes*, completando-se a supposta oração elliptica equivalerão respectivamente a *elles e outros que são taes* (isto é, taes como elles, eguaes a elles) — *estas são outras que são taes* (isto é, taes como ellas, eguaes a ellas). Mas attentando-se bem nos desenvolvimentos d'essas phrases, reconhecer-se-ha que é pouco natural esse modo de analysá-las, como se diz em linguagem grammatical. Accresce ainda a circumstancia de não occorrer jámais a oração plena em lugar da elliptica no emprego de phrases como aquellas. Parece, portanto, pouco satisfactoria tal explicação. Ainda menos o é a que tenho ouvido a alguns que pretendem vêr na palavra *que* uma conjuncção comparativa, de fôrma que a expressão *este é outro que tal* é por elles interpretada como *este é outro como tal*. O disparatado de tal interpretação resalta sobretudo em phrases como esta: *ella e outras que taes*, que, explicada como fica dito, equivaleria a *esta e outras como taes*, onde não seria facil determinar a quem se referiria a palavra *taes*. Demais a conjuncção *que* não se emprega em português para introduzir o segundo termo de uma comparação de egualdade. Para isso usa-se a conjuncção *como*. Este segundo modo de explicar as expressões *outro que tal, outros que taes*, etc., é, pois, absolutamente insustentavel e nem sequer mereceria commentarios.

Para contrapôr áquellas interpretações tenho outra que se me afigura ser a unica accetavel. Parece-me que nas locuções como *outro que tal*, etc., o *que* representa o adverbio latino *aeque*, que se ligou procliticamente a *talis*; *aeque talis* significaria *igualmente tal*, isto é, *exactamente igual*. A junção do adverbio *aeque* a adjectivos e adverbios, bem como a verbos, era já frequente no latim litterario, quer empregando-se *aeque* de um modo absoluto, quer seguido de uma oração comparativa. Encontrão-se muitas expressões como: *duae trabes aeque longae*, — *aeque notus*, — *aeque latus*, — *aeque bene*, — *aeque libenter*, — *aeque pauperibus prodest, locupletibus aeque* (Horacio), — *tibi sunt aeque noti ac mihi* (Cicero), — *eosdem labores non esse aeque graves imperatori ac militi* (Cicero), etc.

A primeira syllaba de *aeque talis*, que passára a ser atona em virtude da proclise, caiu, como em *Gil*, de *Aegidius*, bispo, de *episco-*

pus ¹. Em *aeque talis* a apherese explica-se facilmente pela influencia da etymologia popular ou falsa analogia, que bem cedo faria confundir (*ae*)*que* com o relativo ou conjuncção *que*, depois de se haver perdido a consciencia do valor que essa palavra tinha naquella locução. A circumstancia de se haver tornado inicial a syllaba *que* e ainda a confusão com o relativo ou conjuncção derão logar a que permanecesse o *q*, deixando de abrandar em *g*, como deveria succeder, se ficasse intervocalico; e essa mesma confusão obstou ainda ao abrandamento do *t* em *d*.

A expressão *aeque talis* deixou vestigios tambem em outras linguas romanicas. No antigo hispanhol havia *atal*, no antigo catalão *aytal*, em francês antigo *aintel*, *intel*, *itel*, rumeno *acatare* e *cutare*, no antigo italiano *aitale* e no italiano moderno *cotale*. Todas estas fórmassentão no latim *aeque talis*. Igualmente de *aeque tantus* se formou o italiano *cotanto*. Como *aeque talis* e *aeque tantus*, tambem *aeque sic* parece ter representantes nas linguas romanicas ². Scheler sustenta que a etymologia dada por Diez para o francês *ainsi*, provençal *acsi*, *aissi*, italiano *così*, siciliano *accussi*, a qual era aquella expressão latina *aeque sic*, é mais racional do que as que fôrão propostas por Ménage, Littré e Brachet ³. H. Stappers no seu *Dictionnaire synoptique d'étymologie française* dá tambem, sem hesitação, para o francês *ainsi* o etymon *aeque sic*.

As phrases *outro que tal*, *outros que taes*, etc., nas quaes o *que*, segundo a minha hypothese, representaria o adverbio *aeque* e por consequencia modificaria a palavra *tal*, reforçando-a, seriam, pois, expressões emphaticas, locuções mais energicas, correspondentes ás simples *outro tal*, *outros taes*, que occorrem tambem; um adagio português, por exemplo, diz: *Quem faz mal, espere outro tal*.

Em hispanhol diz-se tambem *otro que tal*, expressão correspondente á portuguesa *outro que tal* e que deve assentar igualmente no latim *alt(e)ru(m) aeque tale(m)*.

JULIO MOREIRA.

¹ Vid. mais exemplos de apherese em *Studien zur romanischen Wortschöpfung* pela sr.^a D. Carolina Michaëlis, pag. 74 e segg., e nas *Questões da lingua portuguesa*, do sr. dr. Adolpho Coelho, pag. 123.

² Cfr. Diez: *Etym. Wörterb. d. Rom. Spr.*, s. vv. *cotale*, *cotanto* e *così*, e Körting: *Lateinisch-romanisches Wörterbuch*, n.^{os} 271 e 272.

³ Scheler: *Dictionnaire d'étymologie française*, s. v. *ainsi*.

NOTÍCIAS PHILOLOGICAS

1. Dei = dê na lingua do Sul no sec. XVI

Num documento de 1560, datado de Lisboa, lê-se: «e que pessoa de qualquer calidade que seja a não *dey* nem receba». (Codice da Bibliotheca de Evora ^{CXVIII}₁₋₃, fls. 26).

2. Etymologias

a) SORTELHA.

Sortelha, anel magico (antigo). Do lat. *sorticula*, deriv. de *sors*; cfr. o provençal *sortilhier*, do b. lat. *sorticularius*. Assim *sortelha* relaciona-se com *sortes*, *feiticaria*, etc.; cfr. fr. *sorcier*, do lat. **sortiarius*. Viterbo, no *Elucidario*, tem «*sortela* das vertudes», onde porém creio que se deve emendar *l* em *lh*.

Os nossos lexicos tambem offerecem *sortilha*, que nem póde explicar *sortelha*, nem explicar-se por esta, mas que ou veio de alguma forma hesp. antiga (em hespanhol moderno diz-se *sortija*), ou está com *sortelha* na mesma relação que *vencillo* com *vencello*: cfr. *Rev. Lusit.*, IV, 231, s. v. *nadrilhos*.

b) ABUTRE.

O etymo d'esta palavra não offerece difficuldade (lat. *vultur*), e elle já tem sido indicado; mas não forão ainda bem expostas as formas intermedias.

De *vulture(m)* proveiu **vulture* pela syncope normal do *u* protonico; de **vulture* porveiu a forma archaica *a-buitre*, pela dissolução do *l* (cf. *muito*, de *multo*), mudança de *v* em *b* (cf. *bodo*, de *votum*), e prothese frequente de *a*; da forma archaica *abuitre* proveiu *abutre*, pela redução de *ui* a *u* (cf. *chuva*, de *chuiva*; *fruto*, de *fruito*; *luto*, de *luito*).

Em resumo: *vulturem* > **vulture* > *a-buitre* > *abutre*.

Incidentemente notarei que *fruto* (de *fructus*) e *luto* (de *luctus*) se devem escrever sem *c*, pois que, na evolução d'essas formas, o *c* latino dissolveu-se em *i*, que depois desapareceu.

c) CANGOSTA.

Várias etymologias se tem proposto d'esta palavra. Entre ellas ha *callis angusta*, isto é, *callangusta*, que Meyer-Lübke, *Gramm. des langues romanes*, I, 545, cita até como exemplo de syncope de dois *ll* protonicos. Escusamos porém de recorrer a tal violencia, pois pode-

mos admittir como etymo *canalis angusta*, isto é, *canalangusta*, que explica perfeitamente *cangosta*, porque a syncope de *n* e *l* intervocalicos é normal em português. A palavra *canalis* tanto é masculina, como feminina; na fôrma portuguesa prevaleceu o genero feminino, que se nota tambem na palavra avulsa *cal*, como synonyma de «leito de rio»: no Douro diz-se mesmo «a *cal* do rio».

Em resumo: *canalangusta* > **cāalangusta* > **caangosta* > *cangosta*.

Esta palavra tem no Norte duas variantes phoneticas: *congosta* e *quingosta* (vid. *Dial. interamnenses*, VIII, 12-13, onde tambem acceitei erradamente como etymo *callis angusta*, erro que deixo rectificado).

d) CONQUISTA.

Substantivo verbal de *conquistar*. O verbo *conquistar* vem de **conquis(i)tare* (formado de *conquisitum*).

e) BASTO.

O appellido BASTO tem, como outros, origem num nome de terra, — BASTO, no Minho. BASTO provém, me parece, do latim *vastu(m)*, isto é, do adjectivo *vastus*, -a, -um, no sentido de «deserto»; Tito Livio tem no liv. XXI, cap. 42, a seguinte phrase «in vastis Lusitaniae... montibus». O *v* inicial mudou-se em *b*, como em *votu(m)*, que deu *bodo*, e *vultur*, que, como vimos ha pouco, deu *abutre*.

f) Port. PENA, hesp. PEÑA.

N-O *Instituto*, XLIII, 407-411, dá o sr. dr. Gonçalves Guimarães uma desenvolvida noticia do vol. IV-2 da *Revista Lusitana*. A proposito da etymologia que de *Peña* e *Pena* propus nesta *Revista*, pag. 131, apresenta, porém, algumas ideias com que me não conformo.

Talvez no meu artigo eu não me exprimisse com muita precisão; todavia o que, das considerações que fiz e dos exemplos que apresentei, resulta é que eu queria dizer que a *nn* originarios corresponde em hespanhol *ñ* e em português *n*, ou por outra, que, quando em português temos *n*, proveniente de *nn*, em hespanhol temos *ñ*. De eu me não ter exprimido com esta precisão, concluiu o sr. dr. Guimarães que eu quis estabelecer como principio que a *ñ* hesp. corresponde sempre em portug. *n*, — o que não é verdade —, e ministra, pois, varios exemplos para provar que o mais geral é ao *ñ* hesp. corresponder em portug. *nh*, d'onde elle tira a conclusão que ao hesp. PEÑA corresponde em portug. não PENA, como eu disse, mas PENHA. Sem dúvida, a *ñ* hesp. corresponde em portug. muitas vezes *nh*, como se vê em *señor* = *senhor*, *castaña* = *castanha*, etc., etc., mas em nenhum d'estes, e de outros exemplos, o caso é o que eu propus, isto é, *ñ* proveniente de *nn*.

Eis aqui alguns exemplos da correspondencia de *n* port. e *ñ* hesp. a *nn* lat.:

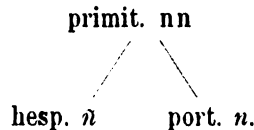
lat. pinna: hesp. ant. *peña*, port. *pena* (penna);
 lat. annubulare: hesp. *añublar*, port. *anuviar*;
 lat. vulg. gannare: hesp. *engañar*, port. *enganar*;
 lat. gannire: hesp. *gañir*, port. *ganir*;
 lat. cabanna: hesp. *cabaña*, port. *cabana*;
 lat. annus: hesp. *año*, port. *ano* (anno);
 lat. pannus: hesp. *pañó*, port. *pano* (panno);
 lat. canna: hesp. *caña*, port. *cana* (canna); e cfr. também hesp. *caño* <> port. *cano*.

Ainda mesmo naquelles casos em que a geminação *nn* não é primitiva, mas provém de assimilação, a mesma correspondencia se dá, por exemplo:

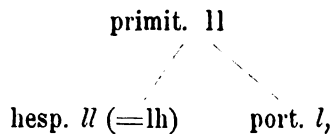
lat. damnum > **danno*: hesp. *daño*, port. *dano* (damno);
 lat. somnus > **sonno*: hesp. *sueño*, port. *sono* (somno);
 lat. scamnum > **scanno*: hesp. *escaño*, port. *escano*;
 lat. autumnus > **outonno*: hesp. *outoño*, port. *outono*;
 lat. dom'nus > **donno*: hesp. *dueño*, port. *dono*.

Citarei também *añadir*, a par das fórmulas portuguesas antigas *enader* e *enadir*; o étymo poderá ser *ad + in + addere* > **adnader* > **annadere*.

Estes exemplos são suficientes para d'elles deduzir rigorosamente a lei enunciada, isto é:



A presente lei é analoga a est'outra:



como o provão, por exemplo:

lat. caballus > hesp. *caballo* > port. *cavalo* (cavallo);
 lat. gallus > hesp. *gallo* > port. *galo* (gallo);
 lat. gallina > hesp. *gallina* > port. *galinha* (gallinha);
 lat. ballaena > hesp. *ballena* > port. *baleia*.

Portanto póde concluir-se com toda a segurança, penso eu, que a *Peña* hesp. corresponde a nossa *PENA*, mas não a nossa *penha*, pois sendo **penna* o étymo d'aquellas, como mostrei in *Rev. Lusit.*, iv, 131, *nn* originarios não podião dar em port. *nh*, e só podião dar *n*.

O sr. dr. Gonçalves Guimarães cita-me o hesp. *Peñon* a par de *Pe-*

NHÃO port.; mas o onomastico português também offerece PENÃO. O facto de em hesp. haver *peñasco* e seus derivados, e em port. haver igualmente *penhasco* não destroe a lei, pois que em português ha *penha*, e o suffixo é neste caso um elemento indifferente; todavia o nosso onomastico tem PENASCAES, fôrma que, se não é alteração phonetica de *panascaes* (de *panasco*, planta), suppõe a existencia antiga de *penasco*.

A difficuldade não está, pois, em explicar PENA, que sem dúvida corresponde ao hesp. PEÑA; está, porém, em explicar o *nh* de PENHA: cfr. *Rev. Lusit.*, iv, 132. Não se pôde crêr que PENHA viesse do hesp. PEÑA, porque a fôrma é muito vulgar, e está muito enraizada, para que tal importação se tivesse dado ¹.

g) CAIGEIRA.

Segundo me informa o sr. dr. Alves Pereira, o nevoeiro tem na linguagem popular dos Arcos-de-Val-de-Vez o nome de *caigeira*.

Esta palavra pôde explicar-se por um derivado do lat. *caligo*, isto é, por *caliginaria; cfr. *caliginosus* e *caligineus*.

A evolução phonetica seria: *caliginaria > *caigieira > > *caigieira > caigeira.

A syncope de *l* e *n* intervocalicos é phenomeno tão sabido que não vale a pena dar d'elle aqui exemplos.

h) Nosso, vosso.

As fôrmas latinas d'estas palavras são: *noster* e *voster*, ou melhor, *nostru-* e *vostru-*.

Parece á primeira vista difficil de explicar a passagem de *str* para *ss*, mas devemos-nos lembrar que estas fôrmas se empregão a maior parte das vezes procliticamente, isto é, subordinadas ao accento tonico de palavras seguintes, e que por isso estão sujeitas a grandes alterações phoneticas, tendentes a resumi-las: cfr. Meyer-Lübke, *Gramm. das ling. romanicas*, II, § 92.

Assim como de *para*, que é igualmente fôrma proclitica, se fez *p'ra*, por exemplo, *p'ra ti*, *p'ra mim*, e em linguagem mais descuidada, e em mirandês, se reduz essa palavra simplesmente a *pa*, por exemplo, *pa que queres isso*, e em mirandês *pa ti*, tendo cahido o *r* entre consoante e vogal, o que só em condições especialissimas succede: assim também de *nostru-* e *vostru-* se fez **notso* e **votso*. Depois o processo da simplificação na proclise continuou, e o *t* foi assimilado ao *s*, talvez na fôrma **notso* e **votso*, — d'onde *nosso* e *vosso*.

¹ No mesmo artigo, em que o sr. dr. Guimarães se refere a PEÑA e PENA, refere-se também a *camoniano*, dizendo que, comquanto prefira este modo de escrever a *camoneano*, lhe não parece errado escrever a palavra com *e*, pois que existe o suffixo *-eano* em *Laureano* (de *laureus*), *Coreano* (de *Corea*), *Linneano* (de *Linneus*), etc.; mas é evidente que nestas palavras o suffixo é *-ano*, e não *-eano*, pertencendo o *e* ao radical: *Laure-ano*, *Core-ano*. Se a fôrma alatinada de *Camões* é, como mostrei na *Rev. Lusit.*, iv, 127, *Camonius*, que outro adjectivo poderemos ter para ella em português senão *camoniano*, com *i*? Logo *camoneano*, com *e*, é erro.

O sr. Meyer-Lübke, *loc. laud.*, cita outras formas romanicas analogas a estas, como hesp. ant. *nueso* e *vueso*, francês ant. *noz*, e em varios dialectos *nos*, etc.; posso accrescentar os pronomes mirandeses *nosso*, *bosso*.

i) ABISMO.

Esta palavra vem, não de *abyssus*, mas do lat. vulgar **abis-mus*¹. A fôrma **abismus* está por **abissimus*, superlativo de *abyssus*². Ha outros substantivos latinos que recebêrão suffixo de superlativo: como *oculus*, de que Plauto fez o adjectivo *oculissimus*; e o baixo-lat. *dominus*, de que se fez *dominissimus*. Em português temos *coisissima*, de *coisa*, na expressão popular «*coisissima nenhuma*». Com o superlativo **abissimus* notava-se a maior profundez. Diez, *loc. laud.*, suppõe que o superlativo seria propriamente *abyssissimus*, d'onde, por contracção, sahiria *abyssimus* ou *abissimus*. Talvez não seja necessario recorrer a esta contracção, pelo facto de a palavra acabar em *-yssus* = *-issus*, o que facilitava a adjuncção da simples terminação *-inus*, em vez de *-issimus*, por isso que o suffixo do superlativo é *-issimus* = *-iss-inus*.

A fôrma **abismus* é justificadâ não só pela fôrma port. *abismo*, mas pela hesp. *abismo*, prov. *abismes*, fr. ant. *abisme* (mod. *abîme*) e sarda *abismu*: vid. Diez, *loc. laud.*, e Körting, *Latein.-rom. Wb.*, § 34.

3. A palavra *Junot*, como insultuosa

Num edital (impresso) da Junta de segurança e administração pública da comarca de Moncorvo, de 29 de Julho de 1808, lê-se o seguinte:

«Qualquer habitante, que... ousar doestar alguma pessoa de qualquer estado e condição que seja com o detestavel nome de *Junot*, ou outro semelhante, será prêso... (etc.).

A' palavra *Junot* accrescentou-se esta nota:

«Termo adoptado nesta provincia (Tras-os-Montes), para injuriar qualquer pessoa de opiniões e costumes franceses³».

O povo vingava-se das prepotencias do general francês, incluindo-lhe o nome no vocabulario dos doestos. Sobre assumpto analogo vid. *Revista Lusitana*, II, 68 sqq. Tenho ideia de ter ouvido em criança, na Beira, empregar *jinó* tambem como palavra de escarneo; *jinó* está para *Junot*, como *titor* para tutor: as fôrmas intermédias fôrão respectivamente **jenó* e **tetor* (dissimilação de u... o).

¹ Vid. Gröber in *Archiv für latein. Lexikogr.*, I, 233.

² Vid. Diez *Etym. Wörterbuch*, I, s. v. *abisso*.

³ Este documento existe na Bibliotheca Nacional de Lisboa. No *Inventario da secção de Historia* está subordinado ao titulo *Collecção de decretos, editaes, etc.*, n.º 15:065.

4. Linguagem çaloia

Aos *Çaloios* ou *Saloios* me referi na *Revista Lusitana*, III, 221. Num jornal satyrico, publicado em Lisboa, de 1889 em diante, intitulado *O mal amanhado* (e depois intitulado *O malcreado*), era frequente vir uma chronica escrita em lingua popular. No n.º 1 diz o auctor das chronicas: «*Apesar de ser saloio, êde saber protar-me sempre c'a onradez qu'ê propria do mê carâtel*»; d'onde se vê que elle quis imitar a linguagem çaloia. Todavia a linguagem d'esses artigos é muito misturada; o auctor não attendeu sempre à pronúncia popular, escrevendo por exemplo *louvado* em vez de *lôvado*, etc.

A redacção do mesmo jornal publicou um almanach com este titulo: «*Almanach do MAL AMANHADO, para 1890, escrito em linguagem saloia*».

Já no meu opusculo *Dialectos interamnenses*, IX (extracto da *Revista das sciencias naturaes e sociaes*, vol. II, n.ºs 5 e 6), fallei do costume de se adoptar a linguagem do povo em certas composições litterarias, com o fim de lhes dar certo tom e cunho locaes. Este costume provém da antiguidade, e tem tido muita voga.

5. Pronúncia do português no sec. XVII

Na *Arte das linguas franceza & portugueza*, de Claudio Debruillart Coursan, Lisboa 1700, diz-se o seguinte, a pag. 2:

«*Ch* antes de hũa vogal se pronuncia como se houvera *tsch*, v. g. *chamo* = *tschamo*»;

«*Le ç* se prononce comme les *ss*, v. g. *çapato* = *soulier*».

A pag. 3:

«*X* se prononce *ch*. Exemple: *embaixador* se dit *embaichador*, — & *ch* se prononce avec beaucoup de force».

Como as licenças da impressão da obra são de 1698, segue-se que temos aqui uma noticia da pronúncia culta do sec. XVII:

ç como o *ss*;
ch como explosiva, diversa de *x*;
x como *ch* francês ¹.

De certo é a pronúncia da côrte.

O auctor offerece a grammatica ao conde da Ericeira, «comme

¹ O auctor diz, como vimos: «*ch* se prononce avec beaucoup de force» ao ensinar que *embaixador* se pronuncia *embaichador* (com *ch* francês, não *tsch*); com a expressão «beaucoup de force» deve entender-se *tsch*, como antes nota, isto é, a consoante palatal explosiva surda.

au plus illustre sçavant du siècle». Isto concorda com o que se sabe acerca da influencia das letras francesas em Portugal nos sec. xvii-xviii, e do papel dos Ericeiras nesta influencia. O nome com que o auctor da grammatica subscrive a dedicatória é: *C. A. du Bruillar Coursan*, que differe um tanto do que vem no rosto da obra. Na dedicatória diz elle tambem: «Il falloit une grammaire portugoise & françoise puisque a present il n'en avoit point paru».

A grammatica limita-se a algumas regras de pronúncia e orthographia, a uns pouco factos de morphologia, a umas breves notas de syntaxe, e a um pequeno vocabulario. Divide-se em duas partes diversas, para cada uma das linguas. Encerra pouco valor; só tem o merecimento de ser a primeira, se é.

6. Um caso de etymologia popular

Num documento ms. dos principios do sec. xiii, existente na Bibliotheca Nacional de Lisboa, onde m'o mostrou o meu collega sr. Gabriel Pereira, lê-se: «in loco qui dicitur ABENDAFEIR» (ao pé de Condeixa).

No verso do doc. ha uma nota, em letra do sec. xvii, que diz BEM DA FÉ.

Temos, pois: no sec. xiii BENDAFEIR, e no sec. xvii, por etymologia popular, BEM DA FÉ.

J. LEITE DE VASCONCELLOS.

· PARECERES

acerca das candidaturas dos srs. drs. Hugo Schuchardt, Henrique Lang e Julio Cornu a socios da Academia Real das Sciencias de Lisboa

I. Dr. Hugo Schuchardt

Entre os vultos salientes que actualmente cultivam a Philologia figura sem dúvida alguma, como um dos maiores, o dr. Hugo Schuchardt, professor da Universidade de Graz, na Austria. Attraem-no sobretudo as questões difficeis ou transcendentis. E' no ataque dos arduos problemas philologicos que elle se acha mais á vontade. Por isso na longa lista dos trabalhos litterarios de Schuchardt figurão as-

sumptos como estes, — *Romano-baskisches, Romano-magyarisches, Slavo-deutsches und Slavo-italienisches*, em que elle estuda as relações mutuas de certas linguas que não pertencem à mesma familia. Possuidor de vastos conhecimentos scientificos, e entre elles o dos mais diversos idiomas e litteraturas, dotado, em alto grau, de espirito analytico e perspicaz, o dr. Hugo Schuchardt derrama luz abundante por todos os campos philologicos onde entra.

Muitos dos seus estudos, que, antes de apparecerem em edições separadas, são primeiro publicados em revistas ou collecções, como a *Romania*, a *Literaturblatt f. Germ. u. rom. Philolog.*, a *Zs. f. rom. Philolog.*, as *Actas* e *Memorias* da Academia de Vienna, consistem em simples artigos bibliographicos; mas os artigos bibliographicos de homens, como Schuchardt, que escrevem com amor e interesse scientifico, e não com o fim de lisongear a vaidade de compadres que só aspirão a elogios e cumprimentos, contém sempre doutrina substancial, e não raro a resolução ou esclarecimento de importantes questões. Ainda para escrever esses artigos busca elle as obras que mais intimamente se relacionão com a glottologia geral e os intrincados assumptos da philosophia linguistica.

Obedecendo a taes disposições do seu espirito, foi levado a emprehender o estudo dos dialectos creoulos, isto é, das modificações que as linguas cultas da Europa experimentarão, em paises extra-europeus, na bôca de povos de civilização inferior, postas em contacto com linguas radicalmente diversas.

A lingua portuguesa, em virtude da sua expansão por tantas e tão dilatadas paragens, como são aquellas em que, desde a época do Renascimento, os nossos navegadores e guerreiros a implantarão, offerecia evidentemente a Hugo Schuchardt riquissimo manancial que elle não podia deixar de utilizar.

De facto, em duas séries de escritos, intituladas respectivamente *Kreolische Studien* e *Beiträge zur Kenntniss des kreolischen Romanisch*, tem elle examinado, com mais ou menos desenvolvimento, consoante as circumstancias, muitos creoulos portugueses, por ex. os de S. Thomé, Ilha do Principe, Senegambia, Cochim, Diu, Mangalor, Anno Bom e outros. — Quem começou a estudar com methodo a dialectologia ultramarina portuguesa foi um italiano, o professor Emilio Teza, num pequeno opusculo intitulado *Indoportuguese*, dado a lume ha annos. Depois o sr. Adolpho Coelho, em artigos insertos no *Bolet. da Soc. de Geogr. de Lisboa*, continuou esse estudo, publicando varias notas, e propondo juntamente uma theoria para explicar as formações creoulas. Em seguida, — e não desejo citar senão os principaes investigadores —, o professor Schuchardt retomou o assumpto com ardor, não se poupando a pesquisas de toda a ordem; e, ao mesmo tempo que discutiu certas asserções do professor Coelho, alargou o campo dos dialectos portugueses, e tornou-se extremamente crêdor do nosso affecto e veneração.

Além das duas mencionadas séries de artigos sobre os creoulos,

Hugo Schuchardt tem tido mais vezes occasião de se occupar de Portugal, ora escrevendo analyses criticas de trabalhos apparecidos cá, ora tratando de alguns pontos da historia da nossa lingua. No intervallo de estudos de maior ponderação, escreveu tambem uma pequena nota sobre a lingua de Benguela.

Vê-se do que fica exposto que o dr. Hugo Schuchardt, tanto pelos seus meritos geraes, como pelos serviços prestados em especial ao nosso país, merece, muito bem merecido, o titulo de socio correspondente da Academia Real das Sciencias de Lisboa.

(Assignados) *João Pedro da Costa Basto*. — *Antonio Candido R. da Costa*. — *José Leite de Vasconcellos*, relator.

II. Dr. Henrique Lang

O sr. dr. Henrique Lang, suíço de nação, e actualmente professor na Yale University, em Connecticut (Estados-Unidos da America), tem-se dedicado com enthusiasmo ao estudo das cousas portuguezas no campo da philologia. Elle conhece muito bem a lingua portuguesa, não só nas suas phases archaicas, mas tambem nas suas phases modernas, e falla-a e escreve-a com facilidade e correcção. Esteve ha annos em Portugal a proceder a estudos litterarios, e por essa occasião aperfeçoou-se no conhecimento que já tinha d'ella. Além d'este conhecimento práctico, que não basta para dar a quem o possui o titulo de philologo, o sr. Lang possui igualmente o conhecimento theorico, havendo de mais a mais frequentado em Estrasburgo, com o notavel professor Gustavo Gröber, um curso de philologia romanica, e acompanhado sempre conscienciosamente o movimento moderno nesta ordem de estudos.

O interesse que lhe merecem os assumptos portuguezes tem-no o sr. Lang manifestado nas seguintes publicações:

1) varios artigos sobre o fallar de New-Bedford, e as tradições populares e a linguagem dos Açores, nos vols. I e II da *Revista Lusitana*;

2) artigos criticos de lexicographia portuguesa, e uma dissertação a respeito da antiga lyrica portuguesa, nos vols. III e X da revista americana *Modern language notes*;

3) notas de philologia portuguesa, e novo artigo sobre as tradições populares açoreanas, no vol. XIII da revista allemã *Zeitschrift für romanische Philologie*;

4) uma edição critica do Cancioneiro de D. Dinis, intitulada *Das Liederbuch des Königs Denis von Portugal*, Halle 1894.

Todos estes trabalhos revelão sciencia e applicação, e ao mesmo tempo muita sympathia pelo nosso país. O último trabalho, sobre tudo, ao qual quem lê este Parecer já aqui se referiu em sessão de 29 de Novembro de 1894, merece em especial os nossos applausos, porque, sejam quaes forem as criticas miudas, susceptiveis de se lhe fazerem, ministra, a par do texto critico, que ainda não tinhamos, das

canções do nosso rei-trovador, valiosos elementos para o conhecimento da litteratura portugueza da Idade-média.

Não se tem o sr. Lang limitado a servir com a penna o nosso país. Numa festa que em 1890 se realizou em New-Bedford, para commemorar a feliz Revolução de 1640, fez elle uma conferencia em que leu e commentou, entre outros trechos, o canto iv dos *Lusiadas*, por ser nesse canto que se celebra a victoria de Aljubarrota.

Os factos apontados bastão, nos parece, para que a Academia R. das Sciencias de Lisboa confira ao sr. dr. Henrique R. Lang o diploma de socio correspondente, com o que ella muito se nobilitará, por prestar assim um tributo de justiça a um cultor da sciencia, e a um benemerito das lettras portuguezas.

(Assignados) *João Pedro da Costa Basto*. — *Antonio Candido R. da Costa*. — *José Leite de Vasconcellos*, relator.

III. Julio Cornu

Com a publicação da *Grammatica das linguas romanicas* de Frederico Diez, 1836-1842, inaugurou-se no estudo d'essas linguas nova era, não só em consequencia do grande número de factos, que logo, em toda a parte, fôrão descobertos e estudados, mas, e principalmente, por causa do methodo rigoroso que se applicou a taes investigações.

Em todas as sciencias o methodo é sempre instrumento fundamental; sem elle nem se agrupão bem os phenomenos, nem se lhes vê o encadeamento logico. No estudo da philologia tem muitas vezes difficuldade o público em o acceitar, porque, como a linguagem é phenomeno nosso, e sujeito, até certo ponto, á influencia individual, imagina elle que na evolução dos sons, na efflorescencia das fórmãs e na connexão das phrases, não ha norma, e que cada um falla como lhe apraz. Mas isto, assim em absoluto, é falsissimo. Se em certas circumstancias a influencia individual se manifesta realmente na falla e na escrita, por exemplo, na preferencia dada a certos termos, na estrutura mais ou menos rigorosa ou apurada de certas expressões, na emphase maior ou menor com que se pronuncião certos vocabulos, nem por isso a base da linguagem deixa de ser natural, e intimamente dependente da constituição anatomo-histologica e dos habitos physio-psychologicos dos individuos que a empregão: por isso deve obedecer a leis, e de facto obedece. O Caloio, que diz *mê pai* e *dênes d'ônti*, o Lisboeta, que diz *ficô incarregue* e *handâi d'ir*, o Braguês *aur-deia*, o Portuense *minha irmão* e *meu irmôu*, o Açoreano *amúr*, *pôco*, *rúa* e *vintem*, o Beirão *a-i-auga* e *num sâi*, o Trasmontano *ũa beç*, *q'ê d'ulo* e *achôu*, o Algarvio *botanito* e *andí*, finalmente, o Alemtejano, que diz *ôlvêra*, *pôde que xova* e *desembalagar*, — todos fallão bem, neste sentido, que todos se exprimem segundo regras geraes; e só, em virtude de menos respeito aos actos da vida do homem, ou de me-

nos conhecimento dos progressos da sciencia moderna, é que semelhantes modos de fallar poderão merecer a zombaria do publico. Sem dúvida, existe dintincção, se não absoluta, ao menos prática, entre a linguagem culta e a popular; no emtanto esta, além de ministrar á linguagem culta um *humus* rico e fecundante, não é desprezível, porque, constituindo ella sempre o orgão de expressão da maioria da população de cada pais, offerece aos investigadores largo campo em que elles vêem desenvolver-se, segundo principios rigorosos, muitos dos mais curiosos phenomenos da physio-psychologia. Esta noção da linguagem levou tempo a radicar-se, e ainda hoje o geral das pessoas a não tem, porque ella só póde adquirir-se por prática escholar intensa, que as nossas aulas não permitem ainda, ou por meio de observações multiplas e aturadas, que nem todos estão dispostos a fazer.

Comtudo é nella que se funda a glottologia, ou sciencia da linguagem; e em relação aos idiomas derivados do latim foi, como notei ha pouco, Frederico Diez quem, applicando-lhes o methodo proprio, já antes d'elle applicado a outros grupos idiomaticos, provocou e impulsionou o actual movimento. Na Italia, na França, na Austria, na Suíça, nos Países Escandinavos, nos Estados-Unidos da America, e sobretudo na Allemanha, a philologia romanica vive ampla e desafoçada vida, pois professa-se nos cursos de instrucção superior, occupa lugar especial nas academias, tem como meios de propaganda, e de conquista de novos factos, bastantes jornaes, e, servindo de materia a numerosos livros, opusculos e dissertações, forma já enorme bibliotheca. A Hespanha é, d'entre os paises romanicos, o mais atrasado. Portugal, conforme asseverão alguns philologos estrangeiros auctorizados, não faz má figura neste concurso da sciencia. O methodo de Frederico Diez foi implantado no nosso pais pelo sr. prof. Adolpho Coelho.

Além dos investigadores propriamente portuguezes que responderão ao appello que lá fóra lhes fazia Diez, e cá dentro o referido professor, outros ha, extrangeiros, que se tem dedicado com ardor ao estudo das leis da nossa lingua. Já numa das sessões transactas se lêrão aqui os relatorios em que, pelos serviços prestados á philologia nacional, se justificavão as candidaturas de dois illustres philologos, um austriaco, outro suíço, a socios da Academia Portuguesa. Hoje cumpre-nos fallar do sr. Julio Cornu, professor de philologia romanica na Universidade allemã de Praga, na Bohemia (Austria), ao qual a lingua portuguesa deve muitos e relevantes serviços.

Na *Revista Lusitana*, vol. II, pag. 359-364, publicou-se uma noticia circumstanciada de todos os trabalhos do sr. Cornu a respeito de Portugal; por isso agora não se repetirá esse artigo, e será muito summario o que vae dizer-se.

Os estudos do sr. Cornu vérsão principalmente sobre phonetica historica da lingua portuguesa, para o que tem explorado a nossa antiga litteratura, não só a impressa, mas ainda a inedita. Em 1878, 1880 e 1891 esteve em Portugal, e procedeu, com esse fim, a muitas

investigações na Bibliotheca Nacional e na Torre do Tombo, pois é nesses estabelecimentos que se conserva a maior parte da *Livraria de mão* dos velhos monges de Alcobaça, da qual o sr. Cornu desejava fazer extractos, e publicar, como publicou, alguns textos que utilisassem juntamente a lingua e a litteratura medieval. Ao mesmo tempo que estudava a lingua nos textos, aprendia-a tambem no uso vivo, e isto facilitava-lhe immenso as investigações litterarias. Além do referido, publicou em francês, na revista philologica intitulada *Romania*, muitas notas e artigos a respeito da nossa lingua (etymologias, observações morphologicas, phonologica syntactica, etc.); todavia o trabalho em que, ao mesmo tempo que condensa os estudos feitos anteriormente, melhor mostra o seu saber e aptidão philologica, é o que se denomina *A lingua portuguesa*, publicado em allemão, numa collecção de trabalhos dirigida pelo sabio professor Gustavo Gröber, de Estrasburgo. Ahi se inquire a evolução historica da nossa lingua, embora só na phonologia e na morphologia, e, ainda assim, não de modo completo. Este trabalho revela no sr. Cornu uma qualidade indispensavel ao philologo, e sem a qual os estudos philologicos serão como que apagados e frios: é o sentimento intimo da vida da lingua-gem, um tacto fino e delicado no discriminar e no apreciar os phenomenos, mesmo os que, ao primeiro exame, pareçam mais subteis, estranhos ou contradictorios. O referido opusculo *A lingua portuguesa*, em que muitos factos importantes são pela primeira vez apresentados a público, e se organiza uma historia geral da nossa phonetica, representa só por si um marco saliente no circulo dos estudos da philologia portuguesa.

Por todos esses escritos, e ainda por outros, sobre linguas diversas, dados á estampa pelo sr. Cornu, entendemos que elle merece, e se lhe deve conceder sem a menor hesitação, o titulo de academico.

Um dos trabalhos que melhor compete a uma Academia é o estudo da lingua nacional: dictionario geral e documentado, grammatica historica, publicação de textos. Já que na Academia Real das Sciencias não ha secção especial de philologia, compensemos a falta, aggregando a nós todos aquelles que pela sua competencia, seriedade e erudição, nos possam trazer luz e conselho. Honramo-los a elles, honramo-nos a nós, e, mais que tudo, honramos a Sciencia.

(Assignados) *Antonio Candido R. da Costa*. — *Augusto Carlos Teixeira de Aragão*. — *José Leite de Vasconcellos*, relator.

O DEUS BRACARENSE «TONGOENABIAGVS»

Na *Revista Lusitana*, III, 307 sgg., publiquei um artigo (de que se fez edição á parte), com o titulo de *O deus bracarense Pongoenabiagus*, em que estudei uma divindade aquatica da epocha luso-romana. Para este estudo baseei-me numa inscripção que existe em Braga. Como a linha correspondente á primeira parte do nome do deus está mutilada, a lettra inicial parece differente d'aquillo que realmente é: alguns observadores tinham-na tomado por R; eu em Janeiro de 1894 estive em Braga, e, tendo visto o monumento, suppus que essa lettra seria P, por causa de uns sulcos que ha na pedra; o Sr. Albano Belino, nas suas *Inscripções romanas de Braga ineditas*, Braga 1895, publicou um desenho do monumento, mas não adiantou nada ao que estava dito.

Havia a questão chegado a estes termos, quando surgiram novas dúvidas na leitura da inscripção, o que me obrigou a ir outra vez a Braga nos principios de 1896. As novas dúvidas versavão sobre o seguinte ponto: se no fim do nome do deus existiria um I ou não.

Do exame a que então procedi, por várias vezes, e com o maior cuidado que pude, resultou para mim a convicção de que no fim do nome do deus ha um I apocrypho, e de que a lettra inicial é um T a que falta a primeira metade da haste horizontal. Portanto, a inscripção é

T O N G O E

N A B I A G O

(em dativo), o que dá em nominativo TONGOENABIAGVS.

Faço aqui a rectificação, por ter sahido na *Revista Lusitana* o artigo em que attribui á primeira lettra o valor de P; mas n-*O Archeologo Português* publicarei um estudo mais desenvolvido, e acompanhado de uma estampa.

J. LEITE DE VASCONCELLOS.

MISCELLANEA

I

UM DERIVADO DE *cornus*, -i PELO SUFFIXO -aria

Nos nossos pomares é hoje completamente desconhecida a *cornus* dos latinos (*Cornus mascula* de Linn.), — arvore fructifera de pequeno porte, cuja madeira teve na antiguidade grande reputação de dureza, segundo uma das referencias de Vergilio:

..... et bona bello
cornus.....¹

Não mais conhecida foi ella com certeza dos lexicographos portuguezes, tal tem sido a sua divergencia na traducção da palavra latina; traduzem-na uns em *corniso*, outros em *sanguinho*, outros em *pilriteiro*, julgando alguns que era uma *especie d'abrunheiro*, senão tambem de *cerejeira brava*. Este desvairamento d'opiniões numa cousa tão simples indica absoluto desconhecimento da arvore; e comtudo ella foi cultivada entre nós, e teve um nome privativamente seu, com uso tão prolongado, que se fixou em denominações locaes.

O documento n.º 263 (an. 1027) dos *Dipl. et Chartae*, collecção dos *Port. Mon. Hist.*, dá-nos uma informação decisiva a este respeito na seguinte passagem — *uilla Cornaria subtus castro uermudi discurrente rribolum aue*.

Comecemos pelo exame da denominação da «villa».

Sendo corrente², que no periodo romano se designaram localidades e predios rusticos com nomes derivados de vegetaes por meio de varios suffixos, entre elles -*arius* -*aria*, logo á primeira vista a palavra *cornaria* se nos apresenta composta de *cornus* + -*aria*, justamente como do mesmo modo se compuseram os nomes de quasi todas as arvoredos; sem a menor hesitação podemos, portanto, considerar a *cornaria*, que se lê no diploma, equivalente á *cornus* do latim classico.

Vejamus agora se aquella entrou na linguagem popular, vertendo-se -*aria* em -*eira*.

Felizmente o texto contém as indicações bastantes para ser possível uma investigação de localidade. Este predio devia ser pouco extenso, porque não produziu uma freguesia rural; mas deixou, comtu-

¹ G., II, v. 447-8.

² Jubainville; *Rech. s. l'or. de la pr. fonc.*, c. XVI.

do, memoria na toponímia. Aproximadamente a 4 kilometros do Castro de Vermui, em baixo, ao sul, nos limites de Landim, S. Miguel e S. Paio de Seide (V. N. de Famalicão), ha um terreno, comprehendendo campos e bouças, chamado hoje o lugar de *Corneira* ou *Corneiras*; d'aqui ao Ave ha quasi a mesma distancia. A situação da villa não deixa a menor duvida; onde esteve a *Cornaria* do diploma está a *Corneira* actual.

Uma parte da freguesia de Tagilde (Guimarães) chama-se tambem ainda hoje *Villa-Corneira*, que suppõe uma *Cornaria*, como muito bem entende o seu distincto parochio, o sr. Oliveira Guimarães ¹.

Em face, pois, dos nomes topónimos que acabamos de citar, fica demonstrado que a *cornus* deu origem a *Cornaria* e *Corneira*, e que, portanto, esta ultima deve ser a traducção da primeira palavra.

Todavia, o nome nunca teria existido sem a arvore, por isso dissemos que foi cultivada entre nós; mas, tendo sido abandonada a sua cultura, elle perdeu-se para a linguagem commum, ficando apenas gravado no onomastico local, e por tal motivo passou desapercibido aos eruditos.

Quanto á denominação do fructo (*cornum*, -i) — *lapidosaque corna*, diz Vergilio ² —, não encontramos vestigios que nos elucidem sobre a fôrma portugueza, que indubitavelmente existiu.

ALBERTO SAMPAIO.

II

SEREIAS

O nosso povo considera propriamente as sereias como *mulheres marinhas*, de voz arrebatadora, e só a minoria lhes dá a configuração classica; esta ideia é, com certeza, de origem erudita. A palavra *sereia* data, no nosso vocabulario, e quasi com a mesma fôrma que hoje, dos primeiros tempos da nossa monarchia. Nessa epoca tinha a mesma significação que tem hoje o francês *sirène*, como prova a nota que adiante se transcreve, tirada d'um documento registado nos Livros da Chanc. de D. Affonso III (na Torre do Tombo).

Esta nota é interessante, porque revela a frequencia do apparecimento nas nossas costas dos grandes habitantes do mar, havendo até uma — coca — que não apparece no *Dicc.* de Moraes. Este dictionarista pretende, até certo ponto, explicar, no artigo — Serea — a formação da fabula das sereias pela existencia d'um peixe (sic) com rosto e modos de homem; evidentemente refere-se ás phocas. No sec. xv parece que já se não empregava a palavra *sereia* nesta acepção, pois

¹ Tagilde, *Mem. Hist.-descrip.*

² *Aeneid*, III, v. 649.

que os nossos navegadores chamávão ás phocas que encontrão nas costas d'Africa e na Ilha da Madeira — lobos-marinhos.

Eis a noticia que se encontra no documento que tem por rubrica (titulo): *Carta compositionis inter domni Alfonsi Rex Port. et Algarvi. . . . et inter domnũ Petrum Petri* (Pedro Pires ou Pero Pirez) *Magistru Milicie sancti Jacobi*:

«E se per vêtura algũa Balea ou Baleato ou *serea* ou coca ou Roaz (roas) ou Musaranha (musarana) ou outro pescado grãde que semelhe (semele) algũu destes morrer em (en) Sesimbra ou em (en) Silves ou em (nos) outros lugares da Ordin que ElRey aia ende seu de-reito (dereyto) etc. — *Liv. 3 de Doações, fl. 4 v.*

As palavras entre parenthesis são as variantes que se encontrão noutro registo do mesmo documento a fl. 156 do Liv. 1 de doações de D. Affonso III. O documento é datado da era de 1312 (A. de C. 1274). O registo do Liv. 3 é o que mais se aproxima da nossa orthographia.

P. D'AZEVEDO.

III

CANTIGAS POPULARES

Vou-me imhora, vou-me imhora
P'ra a terra das indorinhas:
Mette cartas ao correio,
Se quer's saber novas minhas.

Mandastes-me aqui vir ter
A' sombra da rosa aberta:
Eu vim, vós não vieste,
Não tendes palavra certa.

Se passardes pelo adro,
Tirae o chapéu á cruz:
O meu amor é mordomo
Das bandeiras de Jesus.

Eu, se me vou, e te levo,
Levo a morte comigo;
Eu, se me vou, e te deixo,
Atrás me fica o sentido.

Cantigas são meninices,
Cantigas leva-as o vento:
Quem em cantigas repara
E' falto de intendimento.

Milho alto, milho alto,
Milho alto, folha larga:
A' sombra do milho alto
Namorei uma fidalga.

Milho alto, milho alto,
Milho alto, folha estreita:
A' sombra do milho alto,
Namorei uma sujeita.

Quando disse adeus ao Porto
Das janellas do navio,
Eram as lagrimas tantas. .
Sem chover, crescia o rio!

Em qualquer charco de agua
Canta o peixe, nada a cobra: .
Inda espero de chamar
A' sua mãe minha sogra.

(Colhidas em Tras-os-Montes).

A. DE C. E O.

IV

EXEMPLO CURIOSO DA INFLUENCIA EXERCIDA PELA ETYMOLOGIA POPULAR ¹ NA FORMAÇÃO DO VOCABULARIO

Com a palavra *sesqui* ² (resultante de *semis-qui*) formárão-se em latim varios compostos, um dos quaes é o adjectivo numeral *sesquialter* (*-altera*, *-alterum*), que designa que uma coisa equivale a outra e mais metade d'ella, contém a outra vez e meia, isto é, está para ella na relação de 3 para 2 ou de 6 para 4, etc. A palavra *sesquialtera* foi introduzida na lingua portugueza, como substantivo, e designa, na musica, certos grupos de figuras, que valem $\frac{3}{2}$ de outros grupos, i. é, tanto como estes grupos e mais metade d'elles, mas que devem executar-se no mesmo tempo que estes: —series, que, constando de tres ou seis figuras, correspondem, quanto ao tempo, respectivamente a duas ou quatro figuras iguaes.

A etymologia popular ou falsa analogia fez vêr na primeira syllaba da palavra *sesquialteras*, quando designava grupos de seis figu-

¹ Sobre a etymologia popular cfr. *Revista Lusitana*, vol. 1, pags. 56, 133, 222, 267 e 277.

² A mesma palavra *sesqui* é tambem usada como prefixo de alguns termos scientificos portugueses, v. g. *sesquioxido*.

ras, o numeral *seis*, em virtude da semelhança de som entre aquella syllaba e a palavra *seis*, e pela circumstancia de serem *seis* as figuras d'aquelles grupos, passando muita gente a pronunciar, e escrevendo-se até em tratados de musica, *seisquialteras*. Depois, como ás series de seis figuras chamavão *seisquialteras*, passarão a dar aos grupos de tres o nome de *tresquialteras*.

Mas não parão ainda aqui as consequencias de se haver considerado o vocabulo *sesquialteras* como um composto da palavra *seis*.

Vendo-se em *sesquialteras* ou *seisquialteras* e *tresquialteras* palavras compostas, em que os primeiros elementos erão os numeraes *seis* e *tres*, o espirito era naturalmente levado a considerar a parte restante d'aquellas palavras como o segundo elemento da composição, e assim é que se chegou ao emprego do termo *quialteras*, como designação generica tanto para as figuras que constituem os grupos chamados *sesquialteras*, como para aquelles que formão os denominados *tresquialteras*.

O vocabulo *quialtera* não occorre nos dictionarios; é, porém, de uso frequente e apparece até em compendios de musica.

Vê-se, pois, que a etymologia popular não só fez alterar na pronuncia e na escrita a palavra *sesquialteras*, que passou a pronunciar-se e a escrever-se tambem *seisquialteras*, mas deu ainda logar á formação de duas palavras novas *tresquialteras* e *quialteras*.

O caso que acabamos de estudar põe bem em evidencia quanto a etymologia popular influe no desenvolvimento da linguagem.

JULIO MOREIRA.

V

POESIAS POPULARES DIVERSAS

1. A folia

Mas então viva a folia,
Haja festa e companhia,
Mál'a Maria, que eu canto,
Trá là ri,
Trá là ró.

Mas então viva a folia,
Haja festa e companhia,
Mal'a Maria, que eu canto,
Trá là ri,
Trá là ró,
Sim.

O' Maria Antunes
Do meu coração,
Vae buscar la ¹ capa,
Vamos ao sermão.

(Minho — Geres).

2. Formulas relativas a animaes

a) *Grillo*:

Grillinho, sáe, sáe,
A' portinha de teu pae.
Teu pae está á porta
E as cabrinhas na horta
C'uma faca de *lotão* (latão)
Que t'a pode espetar,
E *vasar* o coração.

b) *Joanninha*:

Joanninha, abôa, abôa,
Que teu pae foi a Lisboa,
Buscar um carrinho de pão
Para ti, para João.

c) *Borboleta*:

Barboretinha, apousa, apousa,
Barboretinha, apousa, apousa,
Barboretinha, apousa, apousa.

d) *Lagarta*:

Oh! que lagarta,
Oh! que lagartão,
Isto é impossivel
Ser feito por um sardão.

(Braga — No Bom Jesus do Monte).

3. Formulas e apodos pelos nomes e apellidos

- | | |
|---|--|
| a) Zé,
Carramé,
Leva os gatos á maré, | Enfiados no algodão;
Sempre vão a <i>debombar</i>
E a quebrar o algodão. |
|---|--|

¹ [Ou *buscá-la?* — J. L. de V.].

- | | |
|--|---|
| b) Francisco,
Melhor tu comêras pão,
Do que comêras trovisco. | Bateste na tua mulher
C'um rabinho de sardinha,
P'ra matar la ¹ cachorrinha. |
| c) João,
Capitão,
Leva os porcos ao barrão,
Enfiados numa linha,
P'ra tocar a campainha.
Telim, telim, telim. | e) Engracia querida,
Sempre desejada,
Nunca apparecida. |
| d) Manoel,
Do c... do pichel, | f) João Moço
Da Consolação,
Rompe os joelhos
A fazer oração. |

(Braga — No Bom Jesus do Monte).

4. Orações

a) *Saudação ao sol:*

Deus te crie, luz divina,
E a mais quem te cria,
E a SS.^{ma} Trindade,
Padre Nosso, Ave Maria ².

b) *Contra as trovoadas:*

S. Jeronymo, Santa Barbara Virgem, Chagas <i>abês</i> (abertas?) Côr <i>sem friche</i> (?), Sangue derramando	Semente <i>antrão</i> (?) Periga nós, Corpo e sangue, Já me dão Para os que eu tenho.
---	---

c) ?

Minha roquinha De pau de oliveira, Diz minha mãe Que eu sou fiandeira,	Barro-l'a casa, Levo-l'os porcos O' meio da <i>bôça</i> ³ .
---	--

(Braga — Bom Jesus do Monte).

A. THOMAZ PIRES.

¹ [Ou *matá-la*? — J. L. de V.]

² [E' provavelmente oração que se reza pela manhã ao levantar da cama.
— J. L. de V.]

³ [Deve ser *bouça*. — J. L. de V.]

BIBLIOGRAPHIA

VARIA QUAEDAM

— O Sr. Dr. Gama Barros, socio effectivo da Academia Real das Sciencias de Lisboa, está imprimindo o vol. 2.^o da sua importantissima *Historia da administração pública em Portugal nos seculos XII a XV*. Como o volume só sãe do prélo depois de distribuido o presente fasciculo da *Revista Lusitana*, o Sr. Dr. Gama Barros teve a amabilidade de permittir que se publicasse a cima, pag. 247 sqq. a *Nota sobre MUNICIPIUM*, extrahida do referido volume. Os leitores terão assim occasião de conhecer antecipadamente um fragmento de um dos productos mais sérios e mais notaveis da historiographia portugueza contemporanea.

— O Sr. Prof. Julio Cornu occupa-se da lingua portuguesa este anno no seu curso de philologia romanica na Universidade de Praga (Bohemia).

— O Sr. Dr. Henrique Lang, professor da Yale University (New Haven, — Estados Unidos da America), tenciona publicar brevemente alguns estudos sobre a versificação dos cancioneros portugueses da Idade-Média.

— Na *Zeitschrift für romanische Philologie*, 11-2, começou a publicar a Sr.^a Doutora D. Carolina Michaëlis de Vasconcellos umas eruditissimas *Notas marginaes ao antigo Cancioneiro português* (em allemão).

— A mesma illustre romanista está fazendo uma edição critica do Cancioneiro da Ajuda. Já estão impressas muitas folhas. Trabalho organizado com aquelle primor, segurança e saber que caracterizão todas as producções da Sr.^a D. Carolina Michaëlis.

— O Sr. Pedro Fernandes Thomás, que tem colligido com todo o cuidado e dedicação muitas poesias populares na Beira, está publicando um Cancioneiro lyrico.

J. L. DE V.

CANCIONEIRO POPULAR DAS ILHAS DOS AÇORES

I. S. Jorge

(Vid. *Revista Lusitana*, II, 1-14)

214

Ventae, vós, ventinho norte,
Que de vós não tenho medo,
Se me lewares a coifa
Bem sei andar em cabelo.

215

Dois corações que se amam
Unidos fazem um só.
Ambos elles são feridos,
De qual d'elles terei dó?

216

No dia do teu embarque
Heide fugir para o campo,
Para não ouvir as vozes
Do teu delicado pranto.

217

Laranjeira ao pé da serra
Que laranjas pôde dar?
Sou filho de gente pobre,
Que amores posso tomar?

218

Tendes o peixe na linha,
Que fazeis que não alais?
Tendes o amor á porta,
Que fazeis que não amais?

219

Quem me ouve assim cantar
Cuidará que estou contente;
Quanto mais o triste canta
Quanto maior pena sente.

REV. LUSIT., VOL. IV, fasc. 4.

220

Já não canto, já não balho,
Já não tenho alegria;
Já não morre por amores
Quem por amores morria.

221

As telhas do teu telhado
São de barro, tem virtude,
Passei por lá doente,
Fiquei logo de saúde.

222

Debaixo do mar é verde,
Por cima do verde é peixe;
O amor que não é firme
Nunca trabalhos o deixem.

223

Cantiguinhas são chacotas
Cantadas ao som do vento;
Quem por ellas se despica
Tem fraco entendimento.

224

Tanta laranja da China,
Tanto limão pelo chão;
Tanto sangue derramado
Do meu terno coração.

225

A pena do meu martyrio
Mais cruel não pôde ser:
Ter bocca, não te fallar,
Ter olhos e não te vêr.

226

Se eu chegar a S. João
Bem sei o que heide fazer:
Heide amar amores novos,
Os velhos me hãode esquecer.

227

Não penses por me deixares
Que me heide vestir de dó;
Os navios n'esses mares
Não têm uma amarra só.

228

Silva verde pica, pica,
Ainda a sêca pica mais;
Quem toma amores criança
A sua vida é dar ais.

229

Quem tem amores não dorme
Senão com os olhos abertos,
Eu durmo com os meus fechados
Que os meus amores são certos.

230

Não choro por que te dei
Toda a minha liberdade,
Choro só porque achei
No teu peito falsidade.

231

Cantando choro o meu mal
Como quem não tem ventura;
Saudades encobertas
São um calix d'amargura.

232

Aqui tens meu coração
Todo insanguentado:
Ingrato, pelos teus erros,
E' que elle anda maltratado.

233

Deixa estar, minha menina,
Tua mãe hade sabê-lo,
Quem te deu essa fitinha
Que trazes no teu cabelo.

234

A fita do meu cabelo
Quem m'a deu foi minha mãe;
Eu inda não sou pessoa
Que acceite prenda a ninguém.

235

Eu á teima, vós á teima,
Qual de nós é mais teimoso?
Eu teimo como pimenta,
Vós como alho raivoso.

236

Se tu estás arrependida,
D'algun bem que me fizeste,
Dá-me um beijo que te dei,
Dar-te-hei tres que me deste.

237

De qualquer sorte que existas,
E's a mesma divindade:
Ventura, quando te vejo;
Se te não vejo, Saudade.

238

Oh meu bem, tu não me prendas
Em cadêas apertadas;
Basta para meu castigo
Ausencias tão dilatadas.

239

Quem tiver um coração
E d'elle queira fazer dois,
Veja bem como o reparte,
Não se arrependa ao depois.

240

Dá cá, querido amor,
Essa tua mão direita,
Para que façamos ambos
Uma cadêa bem feita.

241

Minha prima não me falla,
Eu não lhe fiz mal algum;
Fallae-me, prima, fallae-me,
Que o sangue todo é um.

242

Carta, vae onde te mando,
Olha não erres a porta;
Antes que gastes um anno,
Não venhas só sem resposta.

243

Cuida que vae para o céu
Quem se vae arreceber;
Vae buscar dois mil trabalhos
Para emquanto viver.

244

Quero-to muito, oh rosa,
E's a imagem do meu bem,
Tens espinhos, tens meiguices,
Tens tudo quanto ella tem.

245

Heide subir a um outeiro
Onde a tera fôr mais dura,
Para enterrar os meus olhos,
Olhos de pouca ventura.

246

Quem me dera ter poder
De na crôa da lua pôr-te;
Tu és a cara mais linda
Que hoje se topa na côrte.

247

As pedras da nossa rua
Sem chover estão molhadas;
As fallas da minha bocca,
Para ti 'stão acabadas.

248

As beiras do teu telhado,
As pedras do teu balcão,
Ellas te podem dizer
Se te quero bem ou não.

249

Lindos olhos tem Maria,
Quem me dera assim os meus,
Que os queria ir lavar
Onde ella lava os seus!

250

Oh que triste noute escura,
Não posso romper com ella;
Menina, por caridade
Ponha-me a luz á janella.

251

Ainda o sol não era fóra,
Já na serra referia;
Vós não sondes tão bonita
Como vossa mãe dizia.

252

Oh minha bella menina,
Pelo sol já é meio dia;
Já me vae querendo bem
Quem tanto mal me queria.

253

Jogae com meu pae, ganhae-me,
Tirae-me do seu poder;
Até no lavar do rosto
Minha mãe tem que dizer.

254

Eu pedi a santo Antonio
Por alma de sua tia,
Que me leve a alma ao céu
Só por vêr o que lá ia.

255

Deus do céu, descei cá abaixo,
Vinde vêr o que cá vae,
Tanta mulher sem marido,
Tanta filhinha sem pae.

256

O pico da branca neve
Ainda se não derreteu;
O amor que em ti pus
Ainda me não esqueceu.

257

Bem pudera Deus dar uvas
A' vinha sem ser podada,
Assim como Deus dá filhos
A' mulher sem ser casada.

258

Se eu fôra rapaz solteiro,
Nunca me havia casar,
P'r'a mulher me não pedir
Certã, panella, alguidar.

259

Quem se casa criancinha
Tem os trabalhos aos mólhos;
Desde a hõra em que se casa
Nunca mais enxuga olhos.

260

Quando eu tomar amores
Não sei quando, nem com quem,
Hade ser com quem não use
Amores com mais ninguém.

261

Alumeia-me, candêa,
O' sol, dá-me claridade,
Que eu perdi o meu amor
Na flôr da minha idade.

262

Coração que a dois ama,
Com elle não tenho fé,
Eu não quero amor partido
Que o meu bem inteiro é.

263

O sol, quando é meio dia
Tanto sobe como desce;
Senhora, sirva aquelle homem,
Coitado de quem padece!

264

Oh sol, oh lua, oh estrellas,
Dae-me do céu claridade,
Dae-me luz com que me logre
D'esta minha mocidade.

265

Já que me chamaste estrella,
Dae-me céu onde me eu ponha;
Que as estrellas n'este mundo
Padecem muita vergonha.

266

Sam Gonçalo já é velho,
E' velho, é maganão;
Quando passa pelas moças
Arrefia, aperta a mão.

267

Rôla, rôla, Sam Gonçalo,
Por esse mundo além;
Vamos procurar ventura
Que nenhum de nós a tem.

268

Prometti a Sam Gonçalo
De lhe dar uma jaqueta;
Haja quem lhe dê o forro,
Que eu lhe darei a baeta.

269

Rôla, rôla, Sam Gonçalo,
Por esse mundo abaixo,
Que eu perdi o meu amor,
Eu vou-me a vêr se o acho.

270

Sam Gonçalo me chamou
Pela porta da cozinha,
Que fosse jantar com elle
Recheado de gallinha.

271

Sam Gonçalo me chamou
De cima do seu balcão,
Que fosse eu comer com elle
Recheado de leitão.

272

As freiras de Sam Gonçalo
Tocam e bailam no côro;
A culpa é da abbadega
Que lhes não faz ter miolo.

273

Santo Antonio que livraste
Da forca a vosso pae,
De quem perdeu a vergonha
Neste mundo nos livrae.

274

Se Sam João soubera
Quando era o seu dia,
Descêra do céu à terra,
Quantos milagres faria!

275

Senhora Santa Catharina,
Santa dos cabellos louros,
Mal empregada santinha
Morar na terra dos mouros!

276

Santo Antonio morreu hontem,
Hoje se lhe faz o pranto,
Em cima da sepultura
Nasceu um craveiro branco.

277

Menina, vinde-o vêr
Com um cravo branco aberto,
Com as raizes no ermo
As folhinhas no deserto.

278

Villa da Ribeira grande
Não comem senão farellos,
Quem vae pr'a Ribeira grande
Não topa senão adellos.

279

Villa franca, Villa franca,
Cinco bicas a correr;
Quem não vae a Villa franca
Não sabe que hade morrer.

280

Naquella serra do Pico
Não ha senão feiticeiras;
Encontrei um rancho d'ellas
Todas meninas solteiras.

281

Oh Pico, rocha tão alta,
Retiro dos passarinhos;
Tão retirado que eu ando,
Menina, dos teus carinhos.

282

Quem me dera ser da Praia,
Ou na Praia ter alguém,
Que tivesse o privilegio
Que a gente da Praia tem.

283

Se o Fayal tivera ruas
Como tem embarcações,
O Brasil não lhe ganhava
Com todos os seus milhões.

284

Guinarrães é boa terra,
Dá de comer a quem passa;
Tem a fonte n'um retiro,
Santa Maria na praça.

285

Eu já vi Lisboa arder,
As pedras a estourar;
Eu já vi nascer o sol
Fóra do seu natural.

286

Brava gente brasileira
Papadores de chibé;
Deixastes as cinco chagas
Por um ramo de café.

287

Lá vem um barco do Pico
Com a gente de Fayal;
Por amor d'um cesto d'uvas
Passam as ondas do mar.

288

O Junot quando embarcou
Embarcou no Caes da Pedra,
Com a lagrima no olho,
Pela condessa da Ega.

289

Oh Junot, oh general,
Quem te mandou cá metter?
Desprezas as cinco chagas,
Junot, quem te hade valer?

290

A condessa chora, chora,
Chora sem consolação;
Que o seu Junot arribou
Da Quinta do Hortelão.

291

Você ri-se, está contente
Por me vêr chorar uma hora;
Tome amores, viva ausente,
Verá quantas vezes chora...

292

Chego á borda do rio,
Silva verde é meu encosto;
Não me dá que o mundo falle
Se o amor é do meu gosto.

293

A maçaroca é da cana,
A cana é da maçaroca;
A falla é para todos,
O amor para quem toca.

294

Nas partes que o sol descobre,
Nas que o sol não chega a vêr,
Por toda a parte do mundo
Heide amar-te até morrer.

295

Maria, flôr das Marias,
Eu não sei qual d'ellas é,
Manda dizer não sei quem
Que vades não sei onde é.

296

Meu amor, se tu te fôres,
Diz-me onde eu heide ficar.
No escaninho da caixa,
Já não ha de quem fiar.

297

Penteae-vos, anastrae-vos
A' sombra do castanheiro,
Os cabellos que tirardes
Vendei-m'os por bom dinheiro.

298

Não corteis o trigo verde,
Não façaes eira no campo;
Vejo-te tão pequenina,
Não posso esperar tanto.

299

Vós chamaes-me pequenina,
Faço roda de mulher;
Ou pequenina, ou grande,
O amor assim me quer.

300

Ausente do meu amor,
O cantar não me convém;
A má nova corre ao longe,
Póde-lh'-o dizer alguem.

301

O' meu amor, tu não contes
O teu segredo a ninguem,
Conta-lo a uma amiga,
A tua amiga outra tem.

302

Como póde uma candeia
Alumiar duas salas?
Como póde um coração
Querer bem a duas almas?

303

Eu dei-te o meu coração,
Eu não t'o dei por libello,
Eu dei-te amor por amor,
Amor te dei, amor quero.

304

Menina não beba vinho,
Que é dado em cépa torta:
A uns faz perder o tino,
A outros errar a porta.

305

O sol anda e desanda,
Dá voltas para se pôr;
Eu não ando, nem desando,
Estou firme c'o meu amor.

306

Vossa bocca é tinteiro,
A lingua penna aparada,
Os dentes letra miuda,
Os beijos carta cerrada.

307

Vosso cabelo é ouro,
E' peccado pôr-lhe o pente;
Vosso corpo gallardia,
Vossos olhos matam gente.

308

O' meu amor, não te anojas
Em t'eu chamar *ladrãozinho*,
Ladrão que rouba meu peito
Não é ladrão *pequenino*.

309

Paixão d'amor é um lume,
Segundo o que estou sentindo;
Não arde, nem deita chamma,
Aplaca, vae consumindo.

310

Ao pé da vossa janella
Bem lagrimas eu semeiei;
Fui lá vêr se ellas nasciam,
Dobradas penas achei.

311

O' Manoel, ó magano,
Filho d'uma sapateira,
Quem te fez juiz do povo,
Almotacé da ribeira?

312

Chega-te a essa janella,
Castiçal de bella prata,
Não tragas candeia accêsa,
Que a luz dos teus olhos basta.

313

O limão é fructa azeda,
Que se traz na mão por brio;
Quem me déra ser limão,
Que te tirára o fastio!

314

Estrella, brilhante estrella,
Raios do sol quando nasce,
Chegue a menina á janella,
Dê-me uma falla, e vá-se.

315

Vossos cabellos são laços,
São laços, qu'eu bem o sei;
Todos passam e não cahem,
Só eu no laço fiquei.

316

Para que quero cabellos,
Creados á reveria,
Se me não servem de laços
Para prender quem queria?

317

Estas meninas d'agora
Cuidam que é só casar,
Põem a pucarinha ao lume,
Deitam-lhe cinza por sal.

318

Estes meninos d'agora
Não andam senão aos dois:
Quem lhes déra palha crua
D'aquella que dão aos bois!

319

No meio do mar estão rosas
Que eu bem lhes vejo botões;
Tambem vejo caras lindas
Mas não vejo corações.

II. S. Miguel

CANTIGAS

- 320
Passei pela tua porta
Fui espreitar ao ferrolho:
Veiu de lá tua mãe,
Metteu-me um pao por um olho.
(Ponta Delgada).
- 321
Quando eu vim da minha terra,
Deitei bacalhao de mólho,
Raparigas á janella,
Rapazes a fechar o olho.
(Idem).
- 322
Tenho fama de perdido
Por esse mundo além;
Corra a fama por mim só,
Não corra por mais ninguém.
(Idem).
- 323
Lá te vae o meu pézinho,
Qual o dá o papagaio;
Ao tirar do teu pézinho,
Faço que tremo e não caio.
(Idem).
- 324
Ahi vem a chama Rita
Embrulhada n'um capacho,
Vamos todos a correr
Deita-la da doca abaixo.
(Idem).
- 325
Lá fóra naquelle mar
'Stá uma parreira d'uvas,
Não ha barco que lhe chegue...
Lá se perdem de maduras.
(Povoação).
- 326
Olha como ficam bem
Na minha mão cinco dedos,
- Para jogar bofetadas
A quem andar com enredos.
(Idem).
- 327
Ternas aves, que me escutam,
Chorosas me vem contar,
Não ha mortaes que não chorem
Depois de me vêr chorar.
(Idem).
- 328
Quem me dera em Lisboa
Detrás das varandas verdes,
Para vêr cravos e rosas,
Alecrim pelas paredes!
(Idem).
- 329
Eu heide ir para a cidade
Para viver a meu gosto,
Para vêr as *cidadeiras*
Com que agua lavam o rosto.
(Idem).
- 330
Eu perguntei se podia
Amar a tua lindeza,
Responderam-me que só o sol
Podia amar tal firmeza.
(Idem).
- 331
Minha mãe, p'ra me casar,
Brindou-me com tres ovelhas:
Uma era cega, outra manca,
A outra não tinha orelhas.
(Ponta Delgada).
- 332
Menina da saia branca,
Colete da mesma côr,
Diz a teu pae que te case,
Que eu serei o teu amor.
(Idem).

333
Vossa filha Mariquinhas
Deus la fade p'ra bum fim
Eu cá peço p'ra santinha,
Eu cá não peço p'ra mim.

Quem te come fica farto,
Quem te bebe passa o dia.
(Pico da Pedra).

334
Não te namoro o vestido,
Nem os brincos das orelhas,
Namoro esses teus olhos
Abaixo das sobranceiras.

(Idem). 341
Lá no meio d'aquelle mar
Estão espadas a luzir:
O meu amor está na guerra,
Não lhe posso acudir.
(Capellas).

335
Oh arvoredado sombrio,
Não digas que eu que o vi,
Não quero que o meu bem saiba
Parte nem novas de mim.

(Povoação). 342
Meu calção de ganga fina
Já 'stá todo estragado,
Por causa da rapariga
Oh! muito tenho passado,
tenho soffrido,
tenho gemido,
tenho chorado,
e suspirado.

336
'Stou mal com o meu amor
Quem hade fazer as pazes?
Hade ser o tempo norte
Mais as nossas saudades.

(Idem).
De noute pelas esquinas
No meu capote embuçado
Chegou a ronda prendeu-me
Oh! muito tenho passado
tenho soffrido, etc.

337
Quem me dera um amor
Neja p'ra mim que eu já tenho,
E' p'ra uma amiga minha
Que me pediu com empenho.
(Ribeira Grande).

343
Caí pelo monte abaixo,
Fiquei todo esfarrapado,
Por causa da rapariga
Oh! muito tenho passado
tenho soffrido, etc.
(Ribeira Grande).

338
Desenrola o teu cabelo,
Não o tragas enrolado;
Desengana o teu amor
Não o tragas enganado.

(Idem). 343
Escrevi na branca areia
Quatro lettras á cachucha:
Não é bem que a terra coma
Os olhos á pequerrucha.
(Villa Franca do Campo).

339
Eu não sei q'ouvi agora,
Fiquei suspenso no ar,
Uma voz terna tão pura
Que me fez atormentar.

(Idem). 344
Oh! quantas vezes, oh! quantas
Chego á janella e digo:
Claro sol, divina neve,
Quem me dera ir contigo!
(Idem).

340
Vem cá meu copinho d'agua,
Talhada de melancia;

345

Lá detrás d'aquella serra
Está uma macaquinha morta,
Que morreu arreventada
D'um couce da cafanhota.

(Ponta Delgada).

346

Senhor mestre da viola,
Diga-me se quer ou não
Que eu lhe cante uma cantiga
Ao tocar da sua mão.

(Villa Franca do Campo).

347

Uma certa mulatinha
Comigo estava zombando;
Coitadinha, não sabia
O sentido em que eu ando.

(Nordeste).

348

Tua face luminosa,
Teu rosto encantador
Tudo faz com que te eu tenha
Tanto lei, tanto amor.

(Villa das Furnas).

349

Oh! tyranna saudade,
Chega a mim tira-me a vida,
Que a prenda que eu mais amava
De mim está despedida.

(Ribeira Grande).

350

Lindas fontes de Coimbra,
Claras aguas do Mondego,
Isto quem tem amores
Nem de noute tem sossêgo!

(Idem).

351

Ponha ali o seu pézinho
Neste raminho pendente;
Cantar, chorar a veios,
Assim faz quem está ausente.

(Capellas).

352

Passei pela mangerona,
Botei a mão á semente;
Por olhar para os teus olhos
Fiquei preso para sempre.

(Idem).

353

Tem a belleza d'anjos
A doce melancolia,
Tem escripto na minha alma
A sincera sympathia.

(Idem).

354

Esses vossos olhos, menina,
São dois grãos de trigo na eira,
Semeados ao domingo,
Nados á segunda-feira.

(Idem).

355

Os olhos requerem olhos,
Os corações corações;
Tambem as boas palavras
Requerem boas acções.

(Villa Franca do Campo).

356

As meninas das Calhetas
São bonitas, *bailham* bem,
Por riba tudo são fitas,
Por baixo nem fralda tem.

(Pico da Pedra).

357

São José, Matriz, São Pedro,
São Roque e Livramento,
Dae saude ao meu amor
Que está na cama doente.

358

Quando eu tomar amores
Hade ser c'um rapaz da moda,
Que não tenha pae nem mãe,
Não quero sogro nem sogra.

359

Olhos pretos solitarios,
Filhos d'um contractador,
Não contractes com ninguém,
Que hasde ser o meu amor.

360

Meu coração veste *lutro*
Sem o dizer a ninguém,
Passa penas encobertas
Causadas por ti, meu bem.

361

Para que quero eu olhos,
Senhora Santa Luzia,
Se eu não vejo o meu amor
Todas as horas do dia!

362

Para que quero cabellos,
Creados á revelia,
Se me não servem de laços
P'ra prender quem eu queria!

363

Eu 'stava p'ra te escrever,
Mas não tinha papel branco,
O tinteiro não tinha tinta,
O amor já não é tanto.

364

Eu quizera-te escrever
Não tenho papel *bum*,
As saudades são poucas,
O amor não é nenhum.

365

Altos picos, rochas fundas,
Quem a mim estiver ouvindo,
O ladrão do meu amor
Quem o 'stará possuindo?

366

— Tua bocca cheira a beijos,
Tu hoje beijaste alguém?
— Eu beijei o meu amor,
Beijei-o, fiz muito bem!

367

Já ameí o teu retrato,
Eu já vi a tua côr;
E's falso por natureza,
Teu coração é traidor.

368

Eu heide ir p'ra um deserto
Amor procurar nas feras,
Já que para amor não servem
Os meninos d'estas eras.

369

Eu hei'-te atirar ao peito,
Ao coração c'uma bala;
D'esta sorte se castiga
A quem a seu amor não falla.

370

Oh meu amor, vae-te embora,
Vae-te c'os teus camaradas,
Que as meninas dos meus olhos
Para ti ficam guardadas.

371

O meu amor é barbeiro,
Barbeia o senhor juiz,
Leva toalha de cassa
Com rendinha que lh'eu fiz.

372

A folha do alamo branco
De noute luz que nem prata;
O tomar amores não custa,
Apartação é que mata.

373

Não conservas em memoria
Aquella tarde no jardim,
Quando ao lado me prendeste
O verde ramo d'alecrim?

374

Alecrim verde, viçoso,
Nado na pedra redonda,
Não quero nada de ti,
Nem passar por tua sombra.

375

Se tu estás arrependido
D'algum bem que me fizeste,
Dá-me um beijo que t'eu dei,
Dou-te dous que tu me déste.

376

Eu já te tive na mão
Pelo pé, como a perdiz,
Não digas que me não queres,
Que eu fui a que te não quis.

377

Bem sei que t'andas gabando
Pelas ruas da cidade,
De que o meu coração é teu,
Quem te deu a liberdade?

378

Aqui neste canto canto,
Aqui neste recantinho,
Aqui bate a pomba as asas,
Aqui faz seu *linheirinho*.

379

Dize-me aonde estiveste
Olhos meus, coração d'outra;
Aonde estiveste o dia
Vae tambem passar a noute.

380

Já no matto não ha lenha
Senão alecrim aos molhos;
Viva quem hade lograr
Cara com tão lindos olhos!

381

A folha da fava triste
De noute mette pavor;
Quem me quis bem nalgum tempo
Ainda m'hade ter amor.

382

Os meus olhos choram agua,
Que os passarinhos a bebem,
Clara como a da fonte,
Fria que nem a propria neve.

383

Tu, Larindo, és tão bello,
Tu não és filho d'Adão,
Se tens culpas neste mundo
Vem ferir meu coração.

384

Quisera rasgar meu peito,
Mas não tenho canivete,
Para metter dentro d'elle
Quem dentro d'alma me mette.

385

Cravo branco, não me prendas,
Que eu não tenho quem me solte!
Tu não sejas, cravo branco,
A causa da minha morte.

386

O cravo branco faz roda,
O vermelho faz fachada;
Essa tua branquidão
Para mim é engraçada.

387

Passei pela tua porta
Pus a mão na fechadura,
Não me vieste fallar
Coração de pedra dura.

388

Meu annel de sete pedras
Feito em trinta pedaços,
Se tu és o meu amor
Vem-te cá para os meus braços.

389

Fui á fonte beber agua,
Bebi agua que nem terra,
De cima d'uma fortaleza
Atiraram-me c'uma pedra.

390

A pedra era de vidro,
Cahiu no chão, fez-se em flôres;
Não digas a minha mãe
Que eu bebi agua d'amores.

391

Braços de verga de prata,
Nadando não vão ao fundo;
Nós podemos ser amantes
Sem dar que fallar ao mundo.

392

Braços de verga de prata
Com suas veias azues,
Eu acho bem empregada
A grande lei que em ti pus.

393

Se algum dia me achares morta
Co'uma carabina ao peito,
Saiba Deus e todo o mundo
Que eu morri por teu respeito.

394

Suspiros já *enflorecidos*
Numa bandeja de prata;
Juro e certifico
Que a tua ausencia me mata.

395

Pedra de diamante
Deita cá uma faísca,
Os teus olhos me prenderam
Desde a primeira vista.

396

Abre-te janella d'ouro,
Apparece resplendor;
Veste-te e anda commigo,
Meu delicado amor.

397

As estrellas tem seu brilho,
Eu tambem quero brilhar;
Ellas brilham no céu todo,
Eu brilho no meu lugar.

398

Com pena peguei na penna,
Para penas escrever;
Com pena deixei a penna,
Com pena de te não vêr.

399

Oh José, oh Josézinho,
Cara de leite coalhado,
Se tu não fôras meu primo,
Já te tinha namorado.

400

Se ouvires dizer que eu morro
Ou que vou a enterrar,
Deita galas de suspiros
Que morro por te fallar.

401

Põe os olhos em meu peito
Verás meu coração morto,
Olha as tuas saudades
Em que estado me tem posto.

402

Tua cara é alva de neve
Dos cabellos pendem flôres,
Tua boca é de rubim
Esmeraltada d'amores.

403

Já vieste e já cá estás,
Girasol do meu regalo,
Já vieste, já me alegre,
Já não choro, já me calo.

404

Meu galho d'alecrim verde,
D'elle te pedi um ramo,
'Té aqui estive á espera
Dá-me agora o desengano.

405

Com pena peguei na penna,
Para com pena escrever;
A penna cahiu no chão,
Com penas a fui erguer.

406

Escrevi na branca areia
Ao som d'agua que corria;
Respondeu-me o mar undoso:
Por aqui passou Maria.

407

Quando ôlho para o mar
Peço a Deus paciência,
Que me dê agua nos olhos
P'ra chorar a tua ausencia.

408

Entre pedras e pedrinhas
Nascem folhinhas de salsa;
Mais vale uma feia e firme
Do que uma bonita e falsa.

409

Olhos pretos côr d'amora,
Nessa cara d'alegria,
Bocca pequena, bem feita,
Amor por quem eu morria.

410

Mangerona co'os seus galhos,
Alecrim co'os seus enleios,
Quando em ti pus o sentido
Logo foi com meus receios.

411

Oh José, oh Josésinho,
Cintura, minha cintura,
Tu não dês palavra a outra,
Já sabes que eu sou tua.

412

Oh José, jarro de prata,
Deita agua nos craveiros,
Trata de mim que eu sou tua,
Deixa os amores alheios.

413

Trago José retratado
Na roda do meu vestido,
Quando me lembra José
Trago o retrato commigo.

414

Eu fui ao fundo do mar,
Lá me cortei, fiz um golpe,
Sinto mais a tua ausencia
Do que tu a minha morte.

415

Se os meus olhos te namoram
A meu pae os vae pedir,
Se elle te disser que não,
Volta amor, quero fugir.

416

Eu passei, e bem te vi,
'Stavas á janella lendo
As cartinhas do amor...
Tu a chorar, e eu vendo!

417

Se eu tivesse penna d'ouro,
Folha de papel de prata,
Co'o sangue das minhas veias
Escrevia a quem me mata.

418

Já que me ensinaste a amar
Ensina-me agora a lêr,
Pois quero vêr no papel
Quanto custa um bem querer.

419

Dei um ai entre dois picos
Rebentaram dois penedos:
Se tu fôras amor firme
Contava-te os meus segredos.

Dei um ai entre dois picos

Ouviram-me dois penedos:
Se tu me não fôras falsa,
Contava-te os meus segredos.

420

Como póde um candeeiro
Alumiar duas salas?
Como póde um amor firme
Querer bem a duas almas?

421

Escrevi na branca areia
O retrato do meu bem;
Escrevi, andei depressa
Antes que viesse alguém.

422

Ternos ais, ternos suspiros
Que do centro d'alma vem,
Não são ais nem são suspiros
São ausencias do meu bem.

423

Eu plantei *bolíama*
Ao canto da bella-luz,
Tu que queres—amor—que eu faça
A' grande lei que te pus?

424

Você diz que nunca vi
Mangericão no inverno;
Eu já hoje vi um galho
No peito de quem venero.

425

Pus-me a clamar saudades
Ao pé d'uma verde canna,
As folhas me responderam:
—Triste vida tem quem ama!

426

Pus o pé na sepultura
Onde estava o corpo humano;
Ouvi uma voz que disse:
—Não me pises, oh tyranno.

427

A sepultura se abra,
A vida me caía dentro,
Se eu tenho outros amores
Senão tu no pensamento!

428

No principio do meu mundo,
Na flôr da minha idade,
Levantaste-me um aleive
Com tamanha falsidade.

429

Olhos meus, para que olhaste
Para quem não pretendias?
Inda não era de noute,
Não eras cego, bem vias.

430

Tenho um sacco de cantigas
Para cantar em janeiro,
Tenho mais um taleguinho
Para dar ao dizimeiro.

431

Não te lembras, oh Dionisio,
Quando em camisa
Me vinhas fallar?
Dá-me um sorriso,
Dá-me um soccorro
Senão eu morro.
Tão lindo modo,
Tão lindo pensar,
Tão linda falla
Que faz cativar.

432

Se tu fôres ao Mar Vermelho,
Não bebas, que é salgado,
Tudo são lagrimas minhas
Que por ti tenho chorado.

433

Muito bem fica o azul
Nesse corpo de delicia,
Quando vás para a egreja
Comtigo não ouço missa.

434

Amor não sejas ingrato,
Que os ingratos tem mao fim;
Olha que do céu caiu
Um ingrato serafim.

435

Os amores, quando se encontram,
Mette susto e dá gosto,
Sobresalta os corações,
Sobem as chammass ao rosto.

436

Andaes vestido de branco
A' moda de gente rica,
Diz-me onde o branco se vende,
Que o branco tão bem te fica.

437

Adeus, oh patria querida,
Vou-me embora, cá te deixo,
Adeus, minha querida amada,
Adeus, que já te não vejo.

438

Manoel por vêr Marília
Fez uma fonte de prata,
Marília não vae a ella,
Manoel todo se mata.

439

Oh lua que vaes tão clara,
Não venhas cá ao serão,
Que isto de quem tem amores
Quer escuro, lua não.

440

Da garganta fiz tinteiro,
Da lingua penna aparada,
Dos dentes letra miuda,
Dos beijos carta cerrada.

441

Ao serio, meu bem, ao serio,
Ao serio, devagarinho;
Quem brinca commigo ao serio
Para o céu vae direitinho.

442

Para amar todos se offerecem,
Para firmeza ninguém,
Para lisonja já basta,
Não falta quem queira bem.

443

Já fui mar, já fui navio,
Já fui ao Brasil e vim,
Já fui amado d'um anjo,
Agora d'um serafim.

444

Se eu fôra ao teu coração,
Veria o teu interior;
Assim, como lá não vou,
Não sei se me tens amor.

445

Se soubera que uma sandade
Me ferira o coração,
Desprezára o teu amor,
Não lhe entregára a paixão.

446

Quem suspira o impossivel
Que esperança pôde ter?
E' amar sem conseguir,
E' penar até morrer.

447

Ha silvas que dão amoras,
Ha outras que não as dão,
Ha amores que são firmes,
Ha outros que o não são.

448

Uma silva me prendeu,
Uma silva pequenina:
Não ha cousa que mais prenda
Que os olhos d'uma menina!

449

Oh meu mangericão verde,
Já meu peito foi teu vaso,
Já lá tens outros amores,
Já de mim não fazes caso.

450

Cabellos de ouro fino
Penteados á inglesa,
Beijos de rubim vermelho,
Cara de tanta lindeza.

451

Quatro flôres em meu peito
Fizeram sociedade,
Junquillo, amor perfeito,
Rosa branca, saudade.

452

Quem ama duas a par
Deve ter grande talento
Para poder arranjar
Tanta mentira a um tempo!

453

Estas meninas não cantam,
Estas meninas vem vêr;
Cantae, meninas, cantae,
Que isto não é p'ra vender.

454

Meu pae chama-se D. Coco,
Minha mãe Coca-Maria;
Eu sou filho de dous cocos,
Tudo em mim é cocaria.

455

Vá de roda, vá de roda,
Vá de roda com primor,
Que aqui nesta roda anda
Quem hade ser meu amor.

456

O meu amor é um anjo
Que eu a Deus o agradeço,
Já m'o quizeram comprar,
Anjos do céu não tem preço.

457

Venho aqui de tão longe
Em risco de me perder,
Rompendo serras e montes,
Meu amor só p'ra te vêr.

458

Esta rua é mui comprida
E no meio tem um compasso:
Deixar andar as meninas,
Que hãode cahir no laço!

459

Eu venho da Ribeira Grande,
D'onde a cabra toca o guiso;
Já achava que era tempo
Da menina ter juiso.

460

O meu amor e o dinheiro
Não póde andar encoberto;
O dinheiro é chocalheiro
E o amor desinquieta.

461

A'manhã parte o navio,
A'manhã é que eu vou;
As saudades que eu levo
E' da mãe que me creou.

462

Hei-te mandar escrever
Numa folha de marmello,
Que é p'ra tu ficares sabendo
O muito bem que te eu quero.

463

Volta minha chama-Rita
Oh! vida *la ró* giesta;
Pega-te á filha que é boa,
Deixa a mãe que já não presta.

464

Volta minha chama-Rita
Oh! vida *la ró* heide ir
Em traje de uma pomba branca
A' tua cama dormir.

465

Volta minha chama-Rita
Oh! vida *la ró* 'stou indo,
Estou indo para os teus braços,
Nos teus braços 'stou cahindo.

466

A carta que me mandaste
Eu bem entendi a letra,
Beijei-a e abracei-a,
Metti-a n'uma gaveta.

467

Dos filhos que meu pae teve,
Eu fui o mais desgraçado;
Toda a vida na cadeia,
Agora vou degredado.

468

Lindos cabellos que tendes,
Que vos dão pela cintura:
De noute, servem de cama,
De dia, de formosura.

469

Meu amor que estás tão triste,
Alegra-te, vem-me vêr;
As cartas são escusadas
Para mim que eu não sei lêr.

470

O tocador da viola
Chama-se — cerca, tem mão —;
Cerca as moças no terreiro
Sem lhe tocar co'a mão.

471

Lindo luar 'stá fazendo
Para comer pão com queijo;
Lindos olhos de menina
Para matar um desejo.

472

Como pôde uma só luz
Lumiar dous corredores?
Como pôde um coração
Ser fiel a dous amores?

473

O tocador da viola
Tem as mãos feitas á faca;
Quem me dera ser ourives,
Que as fizera de prata.

474

A viola tem um S
Abaixo do cavalete;
O tocador que a toca
E' um grande ramalhete.

475

Minha mãe é uma tola,
Cuida que o vento me leva,
Amarrou-me a uma fita
A' pedrinha da janella.

476

Oh! minha bella menina,
O meu nome é José;
Dizei-me, minha menina,
A vossa cama onde é.

477

Rua abaixo, rua acima,
Sempre co'o chapéo na mão,
Namorando as casadas,
Que as solteiras minhas são.

478

Fui por uma rua abaixo,
Escorreguei numa poça;
Assaltei numa janella,
Dei um beijo numa moça.

479

Se tu souberas, amor,
Como está meu coração,
Está como a propria noute,
Cercado de escuridão.

480

Quem te disse, meu amor,
Que eu que por ti suspirava?
Quem t'o disse não mentia,
Que eu algum suspiro dava.

481

Quem diz que o amor que enfada,
Por certo que nunca amou;
Eu amei e fui amado,
Nunca o amor me enfadou.

482

O' noute que vens crescendo,
Tão cheia de escuridão:
Tu és a flôr mais bella
Dentro do meu coração.

483

Atirei com verde verde,
Com verde atirei ao chão;
Atirei co'os meus sentidos
Dentro do teu coração.

484

Eu tinha quatro amores,
Dous de manhã, dous de tarde;
Agora tenho só um,
Ando á minha vontade.

485

Foste-te gabar ao adro
Que me destes um cruzado;
Tambem eu te dei um lenço
Da minha mão arrochado:

486

Num ponto tinha a lua,
Noutro o sol retratado,
No meio tinha cinco letras
Do nosso tempo passado.

487

Lembra-me o tempo passado,
Aquelle que já passou;
Lembra-me que já fui tua,
Agora que o não sou.

488

Chales de meia-moeda
Ninguém os tem como eu;
Para m'andar regalando
A' custa de quem m'os deu.

489

O' rapaz, que vaes ao leme,
Vê o que levas na mão;
Por um pequeno descuido
Se perde uma embarcação.

490

Toda esta noute sonhei
Que te estava dando beijos;
Acordei-me, achei-me só,
Pus-me a matar persevejos.

491

Entre pedras e pedrinhas
Nascem pêras carvalhaes;
Entre todos os amores,
Só a José quero mais.

492

No fundo do mar undoso,
Na pedra mais elegante,
Escreveu a natureza
O nome da minha amante.

493

Vem cá meu amor, não chores,
Qu'eu ainda estou contigo;
Chorarás quando m'eu fôr
N'esses mares sem um abrigo.

494

— Minha mãe, quero-me casar.
— Oh! filha, diz-me com quem.
— Oh! mãe, é co'um sapateiro.
— Oh! filha, não casas bem.
— Oh! mãe, elle faz botas e sapa-
tos tambem.

III. Ilha Terceira

495

Senhora, prenda o seu melro,
Que elle é muito confiado,
Anda a fazer gaifonas
A' roda do meu telhado.

496

Todo o homem que é casado
E tem mulher pequenina,
Puxa-lhe pelas orelhas,
— Anda cá, ó macaquinha!

497

— Papagaio, penna verde,
Empresta-me o teu vestido!
— O meu vestido é pennas...
— Penas trago eu comigo.

498

Cupido vae pela serra
Descalço, pisando flôres;
Vae dizendo em voz alta:
— Viva quem tem seus amores!

IV. Ilha do Fayal

499

Virgem Santa Filomena,
Que anda a bom girar,
Nem sequer me deixam
Estas contas rezar.

500

Quando eu nasci, chorci,
Que d'isso estou bem lembrado;
Logo minha mãe me disse:
— Cal'-te, filho desgraçado.

501

Os homens são ingratos,
Incapazes de amar;
Uma paixão verdadeira
Não a sabem apreciar.

V. Ilha do Pico

502

Quatro flôres em meu peito
Fizeram sociedade:
Alecrim, amor perfeito,
Perpetua, saudade.

505

Cantas bem, não cantas mal,
Garganta d'um caçador;
Oh! que lindo peito d' aço
Para dispôr uma flôr.

503

Lisboa tem sete esquinas,
Todas viradas ao oeste;
Esta cidade está cheia
Da fama que me puseste.

506

O senhor, se quer que eu cante,
Dê-me um copinho de vinho,
Que o vinho é cousa santa,
Faz o cantar delgadinho.

504

O' Pico, Pico das cannas,
O' Fayal, Fayal das fayas,
O' Pico, tu não me logras,
O' Fayal, tu não me enganas.

507

Eu cá sei e tu lá sabes
Tudo isto d'onde vem;
Vae da venda, vae p'ra o jogo,
Vae vender o que não tem.

508

Eu cá sei e tu lá sabes
Tudo isto d'onde vem;
Vem da fonte do Cupido,
Chafariz do meu bem.

VI. Ilha de Santa Maria

509

No jardim das bellas flôres
'Stá um serafim cantando;
Quem namora ás escondidas
Deita os olhos, vae andando.

VII. Graciosa

510

Na rocha se apanham cannas,
No mar se apanham tainhas;
Dá-me os teus olhos inteiros,
Não m'os dês ás migalhinhas.

511

Lá no meio d'aquelle mar
Estão pedras, não vão ao fundo;
Já andei por cima d'ellas,
Já sei as voltas do mundo.

512

Debaixo da tua garganta
Estão duas garrafinhas,
Deixa-me metter a mão
Para vêr se tem asinhas.

Esse teu peito, menina,
E' um pombal de pombinhas,
Deixae-me lá ir com a mão
Apalpar se tem asinhas.

513

Quem vae ao mar sempre apanha
Ou carapau ou peixinhos;
Quem anda sempre alcança
Ou abraços ou beijinhos.

514

Passarinho passa o rio,
Passa o rio mas não bebe;

Assim fui eu esta noute,
Minha carinha de neve.

515

Oh! minha menina,
Cobri-me com um véo,
Comvosco na cama
Direito p'r'o céu.

516

Esta noute á meia noute
Ouvi cantar um Jacintho;
Levantei-me para ir vêr:
Era um rapaz com um brinco.

517

Esta noute á meia noute,
Ao canto da codorniz,
Deitei-me, dormi um somno,
Nos braços de quem eu quiz.

518

Vós chamaes-me trigueirinha,
Trigueirinha engraçada;
Assim mesmo trigueirinha
.....

519

Quem te disse, meu amor,
Que eu te *havera* de largar;
Não te deixo, nem deixarei,
Só se a morte me matar.

VIII. Ilha de S. Miguel

Nas cartas de namoro e nos lenços da cabeça

Nota. — As duas quadras que se seguem acabam uma carta de namoro, e são copiadas textualmente do original:

A carta que me mandaste
Sarrada vinha fallando;
Deus me dera nos teus braços
Quando a estavas notando!

Logo da primeira vista
Eu de ti me agradei:
Foi a primeira *dagada*
Que eu no meu coração dei.

Num lenço

MOTE

Sempre do destino os dons
Afortunam almas vis,
Eu por ter uma alma pura
Em te amar sou infeliz.

GLOSA

Com suspiros acompanho
Dos grillhões d'amor os tons,
Estes são a meu respeito
Sempre do destino os dons.

Vós mágoas, soluços, prantos,
Meu peito leal seguis,
Quando bens, que não merecem,
Afortunam almas vis.

Meigo amor, fazemos ambos
Ludibrio da desventura,
Tu por seres uma infeliz,
Eu por ter uma alma pura.

Ah! não sei que Deus injusto
Contra mim vingar se quis,
Em te vêr eu fui culpado,
Em te amar sou infeliz ¹.

Um entrudo na Bretanha

(1840)

«Pelo tempo do Entrudo ocorreu a uma mulher natural e moradora na Bretanha, vir correndo a freguesia afim de arranjar algum dinheiro, e isto atrás de dous jumentos, em que tinha collocado dous bonecos (ambos de palha e vestidos segundo o uso da terra), a que chamava o Entrudo e a Mulher. A exhibição das duas figuras era acompanhada pelas seguintes quadras, em que ella *cortava na casaca* dos patricios que não acceitaram de boa vontade aquelle *modus vivendi*, na verdade bem original. Esta mulher viveu uma vida sempre alegre e dirigindo improvisos a tudo e a todos.

¹ [Estas quadras, — mote e glosa —, são evidentemente de origem erudita. — J. L. de V.].

Eis o do Entrudo:

Entrudo sáe hoje com a sua dona	Elle hade ir lá cima á egreja
e ella é Martha de Sousa,	E hade andar com diligencia,
e leva sentidos	Que inda hade ir visitar
de trazer alguma cousa.	Manoel da Paciencia.

Que não alcançam elles hoje	Heide dizer á mulher
De casa de gente rica,	Que o deite num capacho,
Quando o Amoreira, sendo tão pobre,	Não tome medo do Entrudo
Já lhe deu uma burrica!	Que cáia da cama abaixo.

Elle ia mais asseado,	A' Anninhas do Fernandes
De casaca ou fardeta,	<i>Hei-lhe</i> mandar um aviso,
Mas outros mais apotentados	Para ella não cuidar
Vão á missa de jaqueta.	Que é o dia do juizo ¹ .

Elle não a queria vestir,	A senhora Lucrecia
Diz que era muito velha;	Não é menina de berço,
O inverno foi muito frio,	<i>Ha-lhe</i> dar o que quiser
Eu tambem me prezei d'ella.	Que elle não lhe põe o preço.

THEOPHILO BRAGA.

SUPERSTIÇÕES PORTUGUESAS NO SEC. XV

(DOCUMENTOS)

(Conclusão)

XLI. — Dom Afonso, etc. a todos os Juyzes e Justicas dos nosos Regnos, a que esta nossa carta for mostrada, ssaude. Sabede que Martim Gonçalluez dAtayde, fidalgo da nossa cassa, nos disy que hũa Catelina Pirez Bacora fora degradada pera Cepta ata nossa merçee, por contra ella ser dito que era feyticeyra e allcoueteyra e que ella se fora da dita çidade, na quall estava mantendo o dito degedo; e que nos pedia por merçee que lhe leuantasemos o dito

¹ Provocou esta quadra a tal Anninhas chegando á janella, afim de vêr o que significava a bulha que a improvisadora ia fazendo, e grita-lhe: — «Cuidei que era o dia do juizo!»

degredo etc. Dante é Lixboa xbij dias de dezenbro.... de mjl e iiij^oRix.

(Chancellaria de D. Affonso v; xv, 163 v.^o).

XLII. — Dom Afonso, etc. a todollos Juizes e Justiças dos nosos Regnos etc. saude. Sabede que Gonçalo Anes (*alias* Annes), morador é Mósanto, nos evyou dizer que, Sedondo (*alias* seendo) el carcereiro da dita vila, lhe fora entregue presa hũa Marinha per os Juizes da dita vila, molher de hũ Pere Anes, outrosy é de dita vila morador, por ser dito contra ela, que era alcouujteira e feitiçeira, e que tendo a el asy presa, Jazêdo el hũa noute em sua cama, que vierom gentes que el nō conheçia e meterom páaos de fora a todallas portas da uizinhãça, é tal gisa que de dentro se nō podiam abrir, e tâto, que o asy fezerom, lhe forã as portas da prisam, honde el asy a dita Marinha Anes tijnha presa, e cō palâcas as lâçara fora do couce, chamâdo el da nosa parte que lhe acoresem e que lhe tirauã e to-mauã a dita presa, e que nhũ lhe nō acorera por bem das portas que asy per toda uizinhãça çararõ de fora, e que uêdo el como lhe nō acoria, se lâçara fora é camisa, atras aqueles que asy a dita presa leuavã, os quaees ho quiseram matar e que ao depoos aos brados que ele asy daua, lhe acudirom gentes.... e o dito Juiz o prendera etc. Dâte é Obidos xb dias doutubro.... de mjl iiij^olij.

(Chancellaria de D. Affonso v; xii, 114 v.^o).

XLIII. — Dom Afonso, etc. A todollos Juiizes e Justiças dos nosos Regnos a que esta carta for mostrada ssaude. Sabede que Lianor Eanes, molher de Steuom Nunez, porteiro, morador do Ifante Dom Joham cuja alma dens aja, nos enviou dizer que hũu Rodrigo Afonso, escripuã, querellara della, dizendo que era publica husseira e vezeira de doestar muytos homẽs e molheres, e que muytas vezes fora Ja por ello demandada e condenada, e que mereçia auja por ellõ sseer degradada, e que chamaua aos homẽes tornadiços e aas molheres aleiuos-sas, e que nō tijnha vizinho que lhe fallasse, e que depenara a hũa molher os cabellos de sseu corpo, e que por asy sseer braua doestara sseu marido chamando lhe bebedo, velhaco, rroyrn, dando lhe muytas punhadas e bofetadas, lançando fora da cassa e acolhendo em ella homẽes cō que dormya e tijnha delles filhos e que por encobrir sseus maaos feitos lhes chamaua cõpadres, ameçando cõ elles os vezinhos, chamando a sua madre puta, bebeda, velhaca, feitiçeira, dando em ella muytas vezes, e que dera em hũa ssua filha ante a ssua porta, e que doestara ssua molher de muytas e maas palauras, quebrando estormentos de penas que tijnha cõ algũas pessoas, e que tolhia os penhores aos porteiros e meirinhos, e que tomava armas cõ as quaes os queria matar, e que fazia onyam e ajuntamentos e que dizia que os fazia ssua molher; polla quall rrazom o logar da Poboia, honde viuja, estaua em ponto de sse despoborar, e que dormira cõ hũu sseu cõpadre e que ouuera delle filhos, e que matara hũu sseu marido cõ

que ante fora cassada, polla quall querella ella fora pressa em Aldea Galega, da quáll prissam ella fogira sem quebrar nem leuar ferros, etc. Dada em a cidade dEuora xiiij dias de dezembro . . . de mjl iiij^olij (1452).

(Chancellaria de D. Affonso v; xii, 126 v.^o).

XLIV. — Dom Afonso, per graça de deus, Rey de Portugal e do Algarue, Senhor de Ceyta e dAlcáçere e Afrjca, a todollos Juizes e Justiças dos nosos Reynos a que esta nosa carta for mostrada saude. Sabede que Fauolla e Fotros e Moreima, mours forras, moradores em esta nosa villa de Santarê, nos éviarõ dizer que ellas fora dito que algúas persoas, que lhe bem nom queriã, as culparã e húa equirichõ deuasa, que e se a dita villa tirou, dizêdo que erã molheres que husauã de feiteçerja e faziã feitiços, segundo lhes fora dito que todo esto e majs compridamente se e a dita equirichã deuasa continha, e por que ellas de semelhante cousa fosẽ Inocentes e sem culpa e asy o farjã çerto se sobre ello se posesẽ a dereito que nõ husauã de fazer cõ Reçeo da gram despesa que sobre ello podjã fazer por serẽ molheres mujto pobres e nõ teer per onde segujr a demanda etc. (*Alcançãrão perdão, i. é, prohibição ás auctoridades de as perseguir pelos suppostos maleficios*). Dada em a dita nosa villa de Santarem xxbj dias do mes de feunheiro de mjl iiij^olbj anos.

(Chancellaria de D. Affonso v; xiv, 87 v.^o).

XLV. — Dom Afonso, etc. a todollos Juizes e Justiças dos nosos Regnos a que esta nosa carta for mostrada saude. Sabede que Gyomar Gonçalluez, morador em Loulle, Nos emuyou dizer que Fernam da Banha, Juiz que foy o anno passado em a dita villa, a prendera, dizemdo que ella era barragãa de homem casado e feiteçeira e alcoueteira, pella quall rrazam fora leuada aa cadea da correichom do Algarue, a Justiça proçedera contra ella e fora tanto comtra ella de feito que fora pello dito corregedor julgada por liure e a Justiça apellara e ella esso meesmo por lhe nom serem Julgadas custas emenda e corregimento pellos bẽes do dito Juiz que aprendera sseendo sseu Jmigo e em esto o dito Corregedor a dera sobre fiança e fora solta; e andamdo assy ssolta Meem Roiz, Juiz e o dito loguo, por ser primo do dito Joham de Banha aprendera dizendo que ella tijnha e ssua casa hũa Lianor Aluarez, cozinheira que fora dos frades do moesteiro de ssam Francisco da dita villa, e que mandaram chamar hũu frade do dito moesteiro per nome frey Gonçalo e que tanto que fora e ssua casa aa noyte o tomarã e desvestiram e lhe tiraram per ssua natura e colhões e ho lançarã nuu pella porta fora de noyte, pella quall rrazã fora outra vez leuada pressa, etc. (*Fugiu da cadeia uespera de ssã nhoane com os outros presos de cuja fuga alcançou perdão*). Dada e Lixboa xbij dias do mes de Julho . . . de mjl iiij^olbj. (1456).

(Chancellaria de D. Affonso v; xiii, 53 v.^o).

XLVI. — Dom Afonso, etc. a todollos Juizes e Justiças dos nossos Regnos a que esta nossa carta for mostrada saude. Sabede que Catelina Pirez, molher de Gonçalo Eanes, nosso beesteiro da camara, morador é Curuche, e Catelina Gonçalluez, sua madre, nos eujaram dizer que os Juizes da dita villa de Curuche as prenderam, por certos excessos é que as culpara hũu Afonso Eanes é a dita villa morador, e foram por ello acusadas por parte da Justiça, dizendo contra ellas que eram feitiçadeiras e alcouneteiras e que fora tanto do feito que fora dada Sentença pellos ditos Juizes e apellado, etc. (*Alcançárão perdão da fuga pois pelo que estavam presas tinham ficado livres*). Dada é Lixboa, derradeiro dia d'agosto... de mil iiij^ol^obj. (1456). (Chancellaria de D. Affonso v; xiii, 21).

XLVII. — Dom Afonso, etc. a todollos Juizes e Justiças dos nossos Reinos, a que esta nossa carta for mostrada (*sic*) que Maria Afonso, morador em a nosa vila de Sātarem, nos enviou dizer, que poderya ora auer dez anos pouco mais ou menos que ella fora acusada per feitiçeira e alcouneteira, polla quall Rezom adara a feito e foram cōtra ella dadas oyteenta e oito testemunhas e nõ lhe prouarõ nehua cousa etc. Dada em nosa cydade de Lixboa seis dias do mes de junho... de j iiij^olix anos.

(Chancellaria de D. Affonso v; xxxvi, 112).

XLVIII. — Dom Afonso etc. A todollos Juizes e Justiças dos nossos rregnos, a que esta nossa carta for mostrada, saude. Sabeede que Margarida Anes, morador em a nossa villa de Leirea, nos enujou dizer que em a dita villa fora tirada hũa Inquiriçom deunassa sobre ella a rrequerimento dalgũas pessoas que lhe bem nõ queryam, dizendo sse contra ella que era feitiçeira e alcounyteira e que alcounetara hũa molher de Joham Preto, morador na dita villa, e outras a que ella nõ sabya o nome, e que fezera feitiços ao dito Joham Preto, e asy a outros, e que dormya com os homẽes cassados e solteiros, e consemtya em ssua cassa sse fazerem almeitygadas, e por ssua caussa sse aleuãtauom arroydos; per aquall rrazam ella fora pressa em a prissam da dita villa etc. (*Fugiu da cadeia, na qual esteve nove meses perecẽdo a fame, com dois outros presos, sendo-lhe perdoada apenas a fuga sem prejuizo do crime por que estava detida*). Dada em Santarem xxbij dabil, El Rey o mandou per os doutores Lopo Vaaz de Serpa e Lopo Gonçalvez etc. Pero Aluarez a fez anno de nosso Senhor Jhu xpo de mjll e iiij^olxij (1462).

(Chancellaria de D. Affonso v; i, 13).

XLIX. — Dom Afonso etc. A todollos Juizes e Justiças dos nossos Regnos, a que esta nossa carta for mostrada, saude. Sabede que Maria Afonso, molher viuua e Madanella, sua filha, moradores é Santarẽ nos enujarom dizer que hũu Pero Vaaz, marido da dita sua filha e hũu Fernã Gill outrosi moradores é a dita villa querelarom dellas

aas nosas Justiças dizemdo que ellas foram ã aazo e consêtimêto e per seu conselho e mãdado lhes darẽ a elles muytas pancadas e feridas abertas e sanguoentas per partes de seus corpos e que esto ellas lho mãdarom fazer em vendita e Reuẽdita e de preposito e sobre segurança e avendoas Ja dantes ameaçados e que os ouuerom de matar por seu aazo dellas sse nõ foram gentes que lhes acorrerom e que outrosi eram alcouuyteiras e feiticeiras segundo se todo esto e outras muytas cousas majs compridamente conthinhã ã a dita querella etc. (*Forão presas na prisão de Santarem, da qual conseguirão fugir, alcançando perdão da fuga, comtanto que pagassem duzentos reaes brancos para corregimento da cadeia*). Dada ã a nosa çidade de Lixboa xiiij^o dias do mes de Julho... ano de noso Senhor Jhu x^o de mjl iij^o lxiij anos (1462).

(Chancellaria de D. Affonso v; i, 98).

L. — Dom Afonso etc. a todollos Juizes e Justiças etc. que Ines Esteuez, molher solteira, morador em Setnual, nos emujou dizer que em a dita villa foram tiradas Inquirições deuasas, ã as quaes lhe fora dito que algũas pessoas, que lhe bem nõ queriã, testemunharom cõtra ella, dizendo ã seus ditos, que era feiticeira e alcoujeteira de homẽs casados e solteiros e Isso meesmo de molheres casadas e solteiras, pella qual Razom fora presa em a prisom da dita villa, e tendo a o carcereiro ã a dita prisom, viera Fernã Gil, alcaide da dita villa, como homẽ que tijnha posto o carcereiro de sua mãao e tijnha poder de soltar e prender os presos da dita prisom, a leuara pera sua casa com hũs ferros nos pees e estamdo ela asi ã seu poder hũu dia aa noute de pois que lho dito Fernam Gil, alcaide, tirara os ferros e se lançara ã sua cama dormjr, ella, por se temer de Jazer ã prisom perlonguada, viera a tirar hũu fecho que a porta da casa do dito alcaide tijnha aa de dentro e abrira a porta e fugira sem leuar ferros etc. (*Perdoada da fuga comtanto que dentro em 15 dias alcançasse carta de segurança*). Dada ã Lisboa xxbiiij^o dias de Julho... de mjl e iij^o lxiij.

(Chancellaria de D. Affonso v; ix, 109).

LI. — Dom Afonso, etc. A todollos Juizes e Justiças dos nossos Regnos, a que esta nossa carta for mostrada, saude. Sabede que Maria Roiz, morador na vila da Azãbuja, nos uiou (= *enviou*) dizer que per ho ouujdor de Fernã de Moura, Senhor da dita villa, fora tirada hũua Imquiriçom deuassa, em a quall algũas pesoas, que lhe bem nom queriam, a culparom que era feiticeira e alcoueteira, per Rezam da quall fama e culpa que lhe asi derom, ella fora presa na prisam da dita villa etc. Dada em a nossa cidade de Lixboa xxx dias do mes deutubro... de mjl iij^o lxxj.

(Chancellaria de D. Affonso v; xxii, 117).

LII. — Dom Afonso, etc. a todolos Juyzes e Justiças de nosos Reynos, a que esta nosa carta for mostrada, saude. Sabede que Brea-

tiz Estez (*Estevez*), molher veuva, morador em Tauyla, Nos enuyou dizer, que poderya auer hũ ano pouco mays ou menos, que ella tynha hũ menjno, seu filho, muyto doente, e lhe fezera hũ suadoyro cõ mezinhas o mjlhor que soubera, o qual seu filho fora e era sãao, e que o dito suadoyro lançara no mar; e por ello diz que Anrrique Lopez, Juyz que entam era por nos ẽ a dita vila, a mandara prender, dizendo que aquelo erõ feytiços, e como quer que nhũa pesoa delo nom regebese nojo algũ, elle procedera tanto contra ella que julgara, per sua sentença, que fose degredada por hũu ano pera Maruom etc. Dada ẽ Uyana dapar dAluyto xxiiij dias dabrill... de mjl iiij^o e oytenta anos. (Chancellaria de D. Affonso v; xxxii, 16).

LIII. — Dom Afonso, etc. saude. Sabede que Maria Aluarez, molher uiuua, morador ẽ a çidade de Cojnbra, Nos enuyou dizer que ella fora presa no castello da dita çidade, per bem de hũa querella que della dera hũu Joham Roiz, da Sartaa, alcaide que fora ẽ essa meesma, dizendo que ella era feitiçeira e alcoueteira, segundo diz que lhe fora dito, que todo esto e outras cousas mjlhor e mais conpridamente ẽ a dita querella que della fora dada era contheudo; e que em Jazendo assy presa per Razom da dita querella, sem trazendo nẽ hũus ferros nos pees, ella fugira, e sse saira do dito castello per hũa freesta delle, sem quebrar ferros nẽ os leuar nẽ furar paredes nẽ muro nẽ britar portas nẽ saltar per çima de castello de menagem, soomente sse saira pella dita freesta per lenções e mantees que Ronpera e atara hũus com os outros, e se lançara per elles abaixo ssen fazer outra algũa cousa, e sse posera em saluo etc. Dada em a nossa villa dEstremoz xb dias do mes de Julho... de mjl iiij^olxxx.

(Chancellaria de D. Affonso v; xxxii, 167).

LIV. — Dom Joham, etc. saude. Sabede que Joham Louremço, allcaide pequeno em a vjlã dAlamquer, nos enujou dizer, que elle tinha presa em seu poder como caçereiro hũa Ines Fernãdez, molher de Amtam Esteuez, caçereiro, em a dita vjlã morador, e era presa, por que a culpārõ em deuassa que era feitiçeira e alcoujeteira, e que alcoujgara a molher de Johã Frenandez, Malageta, pera Amrrique Djaz, e que daa em sua casa lguar a elle Amrrique Djaz e a mulher do dito Joham Fernandez, Mallagueta, que dormisẽ anbos, e que furtara trigo e azeite a Afonso Alvez, Mollam, e a sua molher; e que tendo a elle asy presa lhe fugira etc. Dada em Santarem iiij^o dias do mes de setembro... do iiij^olxxxij.

(Chancellaria de D. João ii; xx, 202 v.^o).

LV. — Dom Joham, etc. A todollos Juyzes e Justiças de nossos Regnos, a que esta nossa carta for mostrada, saude. Sabede que Bra-tijz Fernandez, morador ẽ a nossa villa de Sātarem, nos enujou dizer, que poderja ora auer hũus dous ou tres anos pouco majs ou menos, que ẽ a dita vjlã se tirara hũa enquiriçã deuassa, ẽ a quall algũas

peessoas, que lhe bẽ nõ querjam, testemunharã contra ella que era alcoueteira e que fazia feitiços e outros maleficios, e que uiuja mall; per Rezam das quaees culpas, que lhe assy derã, ella fora presa na prisam da dita villa etc. (*Foi condenada em um anno de degredo fora da villa, o qual á data do pedido de perdão ia já em metade do cumprimento, dizia ella que era molher proue e lhe era desonesto andar per casas alheas*). Dada em Evora xij dias de setembro... de mjl e iiij^olxxxij.

(Chancellaria de D. João II; III, 50).

LVI. — Dom Johã, etc. saude. Sabede que Fernã Gill, carpinteiro, morador em esta nossa villa de Santarem, Nos enviou dizer, que poderja ora auer tres annos, pouco mais ou menos, que Briatiz Fernandez, sua molher, jazia presa na prisã da dita vjlja, por sse dizer contra ella, que era alcoueteira e feiteiceira, e que jazendo asy presa, diz que era jsso meesmo presa hũa Ljanor Fernandez, molher de hũu Fernã Chamorro, por lhe seer posto que fora culpada na morte de hũu Pero Gonçalvez, que ẽ a dita vjlja foy morto, que sseu (*sic*) matou a hũu seu filho, e que estando elle hũu serãao em sua casa, diz que chegara a elle o dito João Fernandez, filho da dita Ljanor Fernandez, presa, e lhe disera como tijna hordenado de aquella noyte tirar da dita cadea a Lianor Fernandez... e tambem fora tirado da dita prisã hũu mãcebo Ratinho, chamiceiro, que era preso a rrequerimento de hũu Pero de Castro, escudeiro, morador em a dita vjlja, dizendo que lhe fogira e lhe nõ manteuera o tempo que era obriguado a o seruir por sua soldada, o quall Pero de Castro já era finado da vjda deste mundo etc. Dada em Santarem a biiij de mayo... de mjl e iiij^olxxxij.

(Chancellaria de D. João II; xxiv, 89).

LVII. — Dom Joham, per graça de deus, Rey etc. saude. Sabede que Ines Correa, morador ẽ a nosa cidade dEvora, nos enujou dizer que allgũas peessoas, que lhe nã queriã bem, testemunharã contra ella ẽ allgũas enquiriçomes deuassas, dizendo que ella era allcouiteira e que daua muitas molheres a homẽes que dormissem com hellas, e que desto hera huseyra e vyzeyra, sem as ditas testemunhas, que asy contra ella testemunharem, dizerem que ella allcouetarra; e por a quall rrezam ella adava amorada etc. Dada em Sãtarem a xb de maio... de mjll iiij^olxxxbj anos.

(Chancellaria de D. João II; IV, 15 v.º).

LVIII. — Dom Joham etc. saude. Sabede que Catelina Gomez, molher solteira, morador na Ilha da Madeira, Nos Inuiou djzer que ella fora pressa ẽ a prissam da dita Ilha, por lhe ser posto que ella era allcoujteira e feytiçeira e bullrroa, e se proçedera tanto a bem de feito, contra ella por parte da Justiça, que fora degradada fora da

dita Ilha e seu termo per Bras Afomso, ouujdor, por hũu anno etc. Dada em Lixboa a xxij dias dagosto... de mjll e iiij^olxxxbj.
(Chancellaria de D. João II; VIII, 23 v.^o).

LIX. — Dom Afomso (*sic*) etc. a todollos Juizes e Justiças etc. Sabede que Ines Gonçalluez, molher viuua, morador em a nossa villa dAlcaçer do Sall, Nos emviou dizer que ella fora pressa na prissam della, por se dizer que era mãceba de clerigo, o que ella confessaua seer verdade mas que era no tempo que el Rey meu Senhor e padre que deus tem dera llicemça aos clerigos que lliuremente podessem teer mãcebas em xij anos, e que fora condenada que pagase a pena contheuda em a nossa hordenaçam, e poendo lhe majs o Juiz que a prendera que era allcoueteira, feitiçeira e dera sentença contra ella que fosse açoutada e degradada; e que estamdo asy na dita prissam pressa vieram a fogijr outros pressos della e ella fogira com elles etc. Dada em a nossa çidade de Lixboa a xxj dias do mes de Janeiro... de mjll iiij^olxxxbj.

(Chancellaria de D. João II; XIX, 24 v.^o).

LX. — Dom Joham, etc. saude. Sabede que Martim Anes, morador no Beco, termo de Sintra, nos emuyou dizer que elle com outro fora costringido pollo Juiz da dita ujlla que fosse guardar os pressos da prissam della, e semdo asy guarda delles diz que em a dita prissam era pressa hũua Maria Martjnz, molher de hũu Gonçallo Lourenço, morador no Penedo, por lhe seer posto que era feitiçeira e alcoujeira, e semdo asy pressa, diz, que por fauor que ella tjnha ja damtes, hia dormjr e estar em outra casa homde aas uezes dormja e comja, e que quando elle fora a guardar os ditos pressos ella nõ estaua com os ditos pressos, em tall maneira que a dita pressa pollo fauor que asy tinha fogira e se lamçara na Igreja etc. Dada em a nossa ujlla de Santarem a xxij dias do mes de mayo... de mjll iiij^olxxxbj.

(Chancellaria de D. João II; XX, 80).

LXI. — Dom Joã etc. saude. Sabede que Ines Vaaz, morador na villa da Atonguja, nos emviou dezer que ella fora presa na cadea e prisã da nossa correiçã dEstremadura, e de hij leuada ao castello dAlãquer, por ser culpada ã deusasas, que hera feitiçeira, e que casara cõ Aluaro do Rego, primo ssegundo cõ Irmão de hũu Martinhanes, crelygo de misa, e beneficiado na Igreja da dita villa, cuja serujdor ella fora mujtos anos, etc. Dada em Santarem a xxij de Julho... de mjll e iiij^olxxxbj.

(Chancellaria de D. João II; XX, 129).

LXII. — Dom Joham, etc. saude. Sabede que Fernam Gonçallvez Negram, morador em a nossa ujlla de Portalegre, nos emuiou dizer que a elle fora entregue pressa como a fiador caçereiro hũua Isabell Martinz, a quall era presa por se dizer em hũua devasa que era fei-

ticeira etc. Dada em a villa de Setuall aos xb dias do mes doitu-
bro... de mjl iiij^olxxxbiij annos.

(Chancellaria de D. João II; XIV, 36).

LXIII. — Dom Joham, etc. saude. Sabede que Margarjda Fernandez, morador em a nossa cidade de Lixboa, Nos omviou dizer que ela fora pressa no tronquo da dita cidade por qrellas e queixumes que della deram hũu Joham de Palmeira, scripuã, e hua Isabell Mendez de ladra e feiticeira e alcoueteira e doutras muytas coussas, ssegundo mais conpridamente se contynha em suas crellas e queixumes, e que estando ella ssopricante no dito tronquo ssem ferros e estando de noutj no sobrado com o tronqueiro e com sua molher e sem ferros sse lançara por hũa ganella fora soo, que estaua aberta, por sser baixa sem quebrar ferros nem outra coussa; per Rezom da quall fugida ela sopricante andava amorada etc. Dada em a nosa cidade de Lixboa aos xiiij dias do mes dezembro... de mjll iiij^olR hũu.

(Chancellaria de D. João II; XI, 124 v.^o).

LXIV. — Dom Joham, etc. saude. Sabede que Isabell Vaaz, morador em a villa de Tores Vedras, nos emuiou dizer que ella fora degredada da dita villa e seu termo por hũu anno, per sentença desta nosa corte, por se dizer contra ella que fizera feytiços etc. segundo mays conpridamente poderíamos ver pella sentença do dito llyvramento, a quall peramte nos foy aprezentada etc. Dada em a nosa cidade de llixbõa aos quatro dias do mes doutubro... de mjll iiij^olRij annos.

(Chancellaria de D. João II; VII, 67).

LXV. — Dom Afomso etc. A uos Jujzes da uilla de Portalegre e a todollos outros Jujzes e Justiças dos nossos Regnos, a que esta carta for mostrada, ssaude. Sabede que Elena Gonçallvez, morador ẽ essa villa, nos ẽviou dizer que Johã Afomso, morador ẽ a dita villa de Portalegre, querelera della, dizendo que per sen aazo e consssentimento lhe forã dados feitiços, o quall fora ẽ ponto de morte, e fora tolheito das pernas e braços hũu tempo; polla quall razom ella fora pressa no castello da dita villa e estando asy pressa viera a fogir da dita prissã etc. Dada ẽ Euora xbj dias dabrill... de mjl iiij^o L.^{ta}

(Chancellaria de D. Affonso V; XXXIV, 41. — *Documento deslocado*).

LXVI. — Dom Joham, etc. saude. Sabede que Ynes alurez, molher de Johã da Cunha, morador em Pouoas, Nos emviou dizer que hũua amigua lhe ensinara hũua mizinha pera o rostro pera tirar o pano delle, a quall ela fezera de certas coussas que, aviõ de ser medidas em massa e cosidas no fornno, a qual massa com as ditas coussas, maneira de pastel ou empada, ela leuara a hũu fornno, e Jazendo dentro no forno, a massa rebentara e ssaira de dentro dele alguma grosura das cousas que dentro estauam, e algumas pesoas. que lhe

bem nom queriam, acusaram, dizendo que aqueelo eram feytyços, e despoys em a devasa, que se na dita villa tirou, testemunharam comtra ella, que ella fizera feytyços, dizendo que ho que estana dentro na dita masa, era pera fazer feytyços, e outros disseram que era hũ sapo ou outro peçonha, nom decraramdo pera que eram os ditos feytyços ou peçonha, e por que hy nom ha parte que Recebese de taaes feytyços ou peçonha dapno nem perda nem escandallo pera lhe ser neçesario seu perdam etc. Dada em a nossa villa de Santarem xiiij dias do mes de Julho... de mjl iiiijº nouenta hũ anos.
(Chancellaria de D. João II; x, 159).

DIALECTOS ALGARVIOS

(Contribuições para o estudo da Dialectologia Portuguesa)

«Os plebeus do Algarve...., dos quaes huns trocão, diminuem, ou accrescentão as letras dos vocabulos portugueses, e outros inventão vozes indigenas, que só para elles podem ser significantes».

FR. LUIS DO MONTE CARMELO, — *Compendio de Orthographia*, Lisboa 1767, pag. 421-422.

I-II

Em 1884 escrevi, com o titulo que me serve de epigraphe, um pequeno opusculo, que foi publicado em 1886 na Povoia de Varzim, em limitadissima edição. Consta do seguinte:

INTRODUÇÃO.

I. LINGUAGEM POPULAR DE LAGOA;

II. EXCAVAÇÕES.

Não merece a pena reproduzir o opusculo; mas, afim de não interromper a ordem dos artigos, considerarei os estudos subsequentes como continuação dos primeiros, e numera-los-hei como taes.

III

LINGUAGEM POPULAR DAS CABANAS DA CONCEIÇÃO

A aldeia das Cabanas da Conceição pertence ao concelho de Tavira, e não dista muito d'esta cidade. Fica na zona geographica de-

nominada *Sotavento*, pois o Baixo-Algarve divide-se em duas zonas: *Sotavento*, desde Faro até Villa-Real; e *Barlavento*, desde Faro até o Cabo de S. Vicente.

O nome de *Cabanas* provém de que as habitações antigamente eram constituídas por cabanas, de que ainda hoje restão muitas. Na feitura das cabanas não entra metal, pois telhado e parede são fabricados de junco sêcco, varas e cannas; em vez de pregos, usa-se de cordeis. Nellas vivem os pescadores, que assim se parecem com os homens dos tempos prehistoricos.

Estive nas Cabanas em janeiro de 1894, afim de fazer transportar para Lisboa parte da collecção archeologica, comprada pelo govêrno, para o Museu Ethnographico Português, aos herdeiros de Estacio da Veiga, que alli a tinha organizado numa sua casa. Por essa occasião fallei com muita gente, e recolhi os factos que constituem o assumpto d'este capitulo.

A) Phonologia

1. VALOR E DESTINO DE *s* E *z*.

a) O *s* (*ss*, *c*, *ç*) e *z* iniciaes e intervocalicos teem o mesmo valor que em Lisboa: *sapo*, *nosso*, *certo*, *cima*, *graça*, *tecer*; *rosa*, *azedo*.

b) Antes de *x* e *j* o *s* ou *z* finaes absorvem-se naquellas consoantes: *doi' xapeus* (= dois chapêus); *tre' jarros* (= tres jarros).

c) Antes de consoantes que não sejam *x* e *j*, e no fim das palavras, o valor de *s* e *z* varia: a umas pessoas ouvi pronunciar o *s* e o *z* como *x* e *j*, segundo os casos, isto é, *x* em fim de palavra, e antes de consoante surda, e *j* antes de consoante sonora, — á maneira de Lisboa; a outras pessoas ouvi pronunciar o *s* e o *z* como *š* e *ž*¹, isto é, *š* em fim de palavra, e antes de consoante surda, e *ž* antes de consoante sonora, — á maneira do que succede em algumas regiões do norte de Portugal. Portanto:

1.º caso — *cruz*, *trez*, *paxta*, *mejmo*, *ax sacax*;

2.º caso — *cruš*, *treš*, *păsta*, *mežmo*, *aš sacaš*.

Tive mesmo o cuidado de comparar a pronúncia dos que seguião a primeira regra com a dos que seguião a segunda, para o que reuni pessoas que fallavão cada uma de seu modo. Agora o que não posso dizer é qual é a pronúncia predominante; provavelmente é a do primeiro caso.

2. Não existe o som de *ch* (explosiva surda); é substituido pelo de *x*. O valor de *x* e *j* é o mesmo que o que estas letras representam na pronúncia de Lisboa.

3. DITONGOS.

a) O ditongo *ei*, antes de consoante, condensa-se em *ê*, como ge-

¹ Por *š* e *ž* denoto o *s* e *z* reversos, que se ouvem no Minho, etc.

ralmente succede no sul: *boiêro*, *azête*. Antes de vogal ouvi ora *ê*, ora *ẽ*: *arêa* (a-rê-a), *cêa* (cê-a), *mêa* (mê-a), e *chêo*.

b) O ditongo *eu* condensa-se em *ê*, pelo menos quando está seguido de consoante: *ê quero*, *mê pai*, *tê filho*, *Dês quêra*. Este phenomeno é corrente no sul.

c) Existe o ditongo *iu* em *fugiu* e em fórmulas analogas; mas em proclise pôde reduzir-se a *i*: *fugi'logo*. Cfr. *Dial. alemteij.*, VIII, 20-c.

d) O ditongo *ou* é diversamente tratado. Antes de consoante, reduz-se sempre a *ô*: *pôco*, *môco*, *ôvir*. Antes de vogal ouvi também *ô*: *sô o mesmo*. No fim de palavra, umas pessoas reduzem-no também a *ô*: *andô*, *vô*, *ficô*, palavras que rimão com *avô*; outras pessoas fazem ouvir levemente o *u*: *andôũ*, *vôũ*, *ficôũ*, *cantôũ*, palavras que não rimão com *avô*. Não só ouvi claramente dizer *-ôũ* na falla corrente, mas no canto; e no canto, onde os sons são pronunciados com muita emphase, e muito distinctamente, não podia haver dúvida. D'estes factos concluo que *-ôũ* é pronúncia antiquada, que vae a modernizar-se em *-ô*. Em Lisboa já hoje no fim se não pronuncia geralmente *ou*, dizendo-se *vô*, *andô*; todavia, algumas pessoas de inteira fé asseverão-me que ha uma dezena de annos se pronunciava ainda o ditongo. — Diz-se *bôa*, *tôa* (e não *boua*, *toua*, como no norte).

e) O ditongo *ão*, quando proclítico, pôde reduzir-se a *ã*: «*sã*' d'aqui», «*da*' volta», «quando *vã*' dois», «*nã*' quero»; e mesmo antes de vogal: «*nã*' era». — Cfr. *Dial. alemteij.*, VIII, 20-g.

4. NASAES.

a) Todas as vogaes átonas ou tónicas, collocadas antes de consoante nasal, são nasaladas: *ĩnha*, *ĩnhada*, *pẽna*, *ĩnha*, *sõno* (somno), *cãma*. João de Deus, que era algarvio, notou no seu *Diccionario Proso-dico* também este facto. — Cfr. *Dial. alemteij.*, VIII, 7.

b) As vogaes nasaes não são gutturalizadas. — Cfr. *Dial. alemteij.*, VIII, 6.

c) Temos as mesmas tres series de nasaes que notei no Alandroal, *Dial. alemteij.*, VIII, 7:

campo, *manhã*, *mãinha*.

d) Quando á vogal nasal tónica se segue consoante labial, lingual ou guttural, ouve-se entre ella e a nasal um *m*, um *n* ou um π (*n* guttural), como notei nos *Dial. alemteij.*, VIII, 16:

cã-mpo, *bõ-mbo*, *cã-nto*, *quã-ndo*, *mã- π co*, *gã- π ga*.

Antes de palatal não ha intercalação de nenhuma consoante: *ãjo* (anjo), *gãxo* (gancho).

e) Na falla do Alandroal, *Dial. alemteij.*, VIII, 8, notei que *a*, *e*, *o* nasaes e nasalados são semi-abertos, isto é, *ãm*, *ẽm*, *õm*. Os factos que

observei na linguagem das Cabanas são a este respeito bastante contradictorios, pois, se ouvi *sôm*, *avôndo*, *brêncar*, *vênto*, *têmpo*, *fazêm*, ouvi também *bébém*, *cômêm*, *virgêm*, *fizérôm*. Pelo menos *e* e *o* nasaes ou nasalados ouvi-os muitas vezes semi-abertos: *vôm*, *lênha*, *quênte*, *pênte* (cujo *e* fica entre o de *pêra* e o de *pé*). O que não ouvi foi *a* aberto (nasal ou nasalado); só ouvi *â*: *câmpo*, *câma*.

f) Ha tendencia para mudar em *ẽ* a syllaba *ã* inicial: *entigamente*, *endar*.

g) Não existe *ĩ* átono; é substituído por *ẽ*, pronunciado aberto ou fechado, conforme o § 4-e: *entarrado*, *ensenando*, *entêro*, *embora*, *emparar*, *brencar*, *prencipo*, *pentar* (pintar), *brencar*, *ventêi*, *nenguẽi*. Cfr. §§ 4-h e 5-b; e os *Dial. alemtej.*, VIII, 24.

h) A *-em* átono da lingua litteraria corresponde *ẽ*, nas mesmas condições do § 4-g: *virgẽ*, *bébẽ*, *comẽ*. Todavia, às vezes ha desanalameto: *homẽ*; e desanalameto com mudança do *-e* em *-a*: *ômaja* (= imagem).

i) A *-em* tónico da lingua litteraria corresponde *ẽ* e *ẽi*, conforme fica descoberto ou coberto por outra palavra: *trẽi*, *nenguẽi*, *ventêi*, *tês* (tens), *vês* (vens), *ẽ tu vindo*. Cfr. *Dial. alemtej.*, VIII, 24.

j) O *m* nasala as vogaes que se lhe seguem, — em *menza* (= mesa) e *mim-reis* (= *mi-reis = mil reis, onde o *l* se absorveu no *r*).

5. No principio e meio de palavras substitue-se por *ê* e *e* o *i* átono que se ouve na lingua litteraria:

a) *êgreja*, *êrmão*, *êrmã*.

b) *fecava*, *terava*, *cortecêro*, *amezade*, *precesar*, *besavó*, *advenhação*, *cedade*, *venagre*, *Semão*, *queser*, *tevesse*, *Lesboa*, *gretar* (gritar), *derão* (dirão), *pesar* (pisar), *resada* (risada), *fecar*, *fezer*, *bàtezado*, *stemação*, *alemais* (animaes), *feneza*. Mesmo ao pé de palatal ouvi *e* e não *i*: *telhado*, *xegar*, *senhor*. A's vezes o *e* syncopa-se: *vrô* (= verô, virou), *susprar* (= susperar, suspirar). — Cfr. § 4-g. — Em verdade *tevesse*, *queser* e *fezer* podião considerar-se como fórmãs antigas que mantiverão o *e* etymologico; todavia, talvez assentem nas fórmãs modernas *tivesse*, *quisesse*, *fizer*.

6. No fim de palavra, se se diz *case* (= quasi), diz-se também: *fontĩ*, *montĩ*, *arrvĩ* (= arvore). No canto o *-ĩ* ouve-se até muito distintamente.

7. ESDRUXULOS.

Ha tendencia para fazer desaparecer certos esdruxulos, o que se obtem por dois meios:

a) por syncope: *prencipo*, *fema* (femea), *notiça*, *delegença*;

b) por metathese, quando a vogal átona poder formar ditongo com a vogal tónica: *dúiza* (duzia), *Antóino*, *Domóino*.

Tambem se diz *nóda*, que creio vem de *nódoa* < l. notula, e não do l. nota.

Cfr. *Dial. alemtej.*, VIII, 31.

Sem embargo, diz-se *româncio* (= romance), *arrúdia* (arruda).

8. INFLUENCIA DE CONSOANTES EM VOGAES.

a) Antes de *r* a vogal *e* átona tem tendencia para se mudar em *a*, facto muito vulgar no país todo: *entarrado*, *Farnandes*, *cozarão* (= cozerão), *podará* (= poderá), *apartado* (= apertado).

b) Antes de palatal não se desenvolve ou conserva o *i*, que se ouve noutros pontos do país: *joélho*, *ôrelha*, *lênha*, *serrênho*, *vêjo*, *quêjo*, *caxa*, *baxa*.

c) Uma labial póde fazer que o vizinho *e* átono se mude em *u*.

9. SUPPRESSÕES E ACCRESCENTAMENTOS.

a) Já fallei de casos de syncope nos §§ 5 e 7. Dá-se outra syncope em *xcalho* (= chocalho); aphérese de *e* na syllaba inicial *es-*: *stemação*.

b) Dá-se prothese em *azagal* (zagal), e *arraia* (raia); epenthese em *marafim* (marfim); paragoge em *pé-i* (pl. *pé-is*), *ré-i* (pl. *ré-is*). Todos estes phenomenos se observão no Alemtejo.

10. DISSIMILAÇÃO.

Diz-se *xemar* (= chamar), *velado* (= vallado), *reção* (= razão); temos, pois, *a...á* > *e...é*. E: *álvorêdo*, *árvi* (*arve* = arvore).

B) Morphologia

11. PRONOMES E ARTIGOS.

a) Em virtude do § 3-b, os pronomes *eu*, *meu*, *teu*, *seu* podem tomar as fórmas *ê*, *mê*, *tê*, *sê*, em proclise.

b) A par de *nós*, também se usa, como fórmula emphatica, *nós ôtros*.

c) Diz-se *cômigo* ou *cômigo*.

d) *Alguma*, em proclise, toma a fórmula *al'ma*: *al'ma coisa*. Este phenomeno observa-se noutros pontos do país.

e) Diz-se *todòdia* (todo o dia). Como se explica a abertura do *ò*? Será por analogia com *todà noite*? Mas em Fernão de Oliveira (sec. xvi), *Grammatica*, 2.^a ed., pag. 42, lê-se *todou dia*.

f) O pronome composto *você* mantém a fórmula antiga *vôcê*. O pronome composto *vossemecê*, quando está em pausa e é emphatico, sôa às vezes *vossemecêa*. A par de *vossemecê* usa-se *vòmecê*. A's pessoas de respeito dá-se o tratamento de *tio* e *tia*, que tomão a fórmula *ti'* antes de consoante (proclise): *ti' Luis*; mas *tiânica* (Tia Annica; *à* = *a* + *a*). A par do tratamento de *mano*, que se usa nas mesmas condições que no Alandroal ¹, usa-se o tratamento de *compadre* (ainda mesmo que não se seja compadre).

g) Diz-se *ũa* (uma), posto que se não diga *lũa* nem *bõa*.

12. Diz-se *ôito* (não *ôito*) e *dezóito* (= dez + *a* + *ôito*).

13. O plural de *novo* é *nôvos* (não *nóvos*).

¹ *Dial. alemtejo*, VIII, 34-d.

14. Os deminutivos dos nomes acabados em *-ão* acabão em *-anito*: *caldêranito* (caldeirão), *oraçanita* (oração), *reçanita* (reção = ração), *panito* (pão). Mantem-se, como se vê, o *n* originário. Cfr. *Dial. algarvios*, I, 14; e *Dial. alemtej.*, VIII, 40-d.

15. Diz-se «o Gamas» (= o Gama). E' um phenomeno analogo ao que em varios pontos do país se observa em *Leites* (*Leite*, appellido), *Metildes* (= Mathilde). O povo junta assim a appellidos diversos o *s*, que se ouve em *Fernandes*, *Dias*, onde elle é legitimo, pois vem de *-z* < *-ici*: *Ferdinandici*, *Didaci*. Cfr. *Dial. estremenh.*, I, VI, nota.

16. Por etymologia popular diz-se *sino-saimanco* (= sino-saimão).

17. VERBOS.

a) A phonetica imprime a certos verbos fórmās especiaes: *fugi* de pressa (§ 3-c); *vã logo* (§ 3-e). Cfr. tambem § 5-b.

b) A terminação lat. *-unt* dá *-om*: *fazérom* (l. *fecerunt*), *fôrom* (l. **furunt* < *fuerunt*). Todas as 3.^{as} pessoas do plural, que hoje acabão em *-ão* átono, na lingua litteraria, acabão na lingua das Cabanas, como na do Alandroal ¹, em *om*: *avalêom*, *úsom*, *cábom* (caibão). Em português archaico dizia-se tambem *moravom*, *honrárom*, *castigavom*, *jajũarom*, *chamom* (em textos, até o sec. XIV e XV). No preter. a terminação *-om* é etymologica, pois vem do lat. *-unt* > *-on(t)*; no presente e no imperfeito deve ter-se seguido a analogia do preterito; ainda assim ha textos antigos em que as fórmās em *-ã* alternão com as fórmās em *-om*.

c) Na 1.^a conjug. o presente do indic. acaba em *-êmos* e o preter. em *-ámos*: *questumêmos* (costumamos), *questumámos* (costumámos); *andêmos* (andamos), *andámos* (andámos).

d) A 1.^a pessoa singul. do preter. perf. do indic. acaba em *-i* (como succede no Alemtejo, e já na Estremadura), por analogia com as outras conjugações: *andí* (andei), *mostri* (mostrei), *crii* (criei), *almoci* (almocei), *provi* (provei).

e) A par de *sô*, *vô*, *dô*, *tô* (e *stô*), ou *sôũ*, *vôũ*, *dôũ*, *tôũ* (e *stôũ*), —segundo o § 3-d—, ouve-se nas Cabanas *sôm*, *rôm*, *dôm*, *tôm* (e *stôm*). As fórmās nasaes parece que teem mais voga na gente velha, que na nova; pelo menos ouvi-as constantemente a um ancião de 77 annos, mas tambem as ouvi a pessoas de meia idade. *Stom*, *vom* e *dom* formárão-se por analogia com *som*, que é a primitiva, e archaica na litteratura (ainda no sec. XVI se usava).

f) Verbos vários:

1.^o **Avaloar.**—Toma as fórmās do verbo *avaliar*: *avalêa*, *avalêom*.

2.^o **Oaber.**—Diz-se *cábom* (caibão).

¹ *Dial. alemt.*, VIII, 38-a.

3.º **Estar.** — No § 17-*e* mencionei já 'stom e tom. Outras fôrmas: 'tá a par de stà; stemos e 'temos (§ 17-*c*). A fôrma stá explica-se pelo § 9-*a*, e a fôrma tá pelo que se disse nos *Dial. alemteij.*, xii, *Vocabul.*, s. v. *pèrâhi*.

4.º **Fazer.** — Diz-se *fazér* (fut. conj.) e *fazesse*. Cfr. *Dial. alemteij.*, x-9. — Mas também *fezérom* (§ 5-*b*).

5.º **Haver.** — No pres. impessoal *hai* (= ha + hi). No m. q. p. *havéra*; no partic. *havisto*. Sobre *havéra* vid. *Dial. alemteij.*, ix, 38-16.º *Havisto* é fôrma analogica com *ouvisto* (pop.) e *visto*.

6.º **Ir.** — Sobre *vom* vid. § 17-*e*. No conjunctivo *vâia* (vá) e *vâiom* (vão); cfr. hesp. *vaya*, *vayan*.

7.º **Parir.** — No conj. *pára* (<> *paira*¹).

8.º **Ser.** — Na 1.ª pess. pl. do pres. *sâmos*, por analogia com *stâmos*.

9.º **Trazer.** — No preter. perf. *trôsse*.

10.º **Ver.** — Ouvi dizer «elles *vêa*...» (por «elles *vêem*»). Cfr. § 4-*h*.

18. PARTICULAS.

a) De *nã*, fallei no § 3-*e*. Mesmo antes de vogal, como lá noto, ouvi *nã*: «*nã é, nã é nada*».

b) Diz-se *de pé* (por *d'ao pé*); «*são d'aqui de pé*».

c) *Pôs* (pois).

d) Ouvi esta phrase «*sô o mejmo d'ôm dexpoix*» (= d'ha pouco); *d'ôm dexpoix* está por *d'ó despois* (= d'ao despois), mas qual o motivo do nasalamento do *ó*?

e) Diz-se *p'râcá* (para cá). Aquella fôrma está em vez de *para acá*, sendo *á* = *a* + *a*, e *acá* uma fôrma antiga, ainda hoje usada noutros fallares portuguezes e em hespanhol, do lat. (e)cc'ha(c). Todavia, o adverbio *acá* só entra naquella phrase; no uso corrente diz-se *cá*. Ha na lingua muitos exemplos de palavras que entram em phrases, que se considerão como estereotypadas, não obedecerem ás mesmas leis a que obedecem quando soltas: é assim que o *l* do antigo artigo se manteve em *alvez*, pois a phrase *a-la-vez* foi considerada como unidade phonetica; igualmente se manteve em *el-rei*, por **elo-rei*, uma fôrma ainda mais antiga do artigo; na phrase *em cas'de o a de casa* perdeu-se, ao passo que se conservou na palavra avulsa *casa*, porque aquella phrase representa para o espirito de quem a emprega o sentido de preposição. Os exemplos são infinitos, mas não devo citar aqui mais.

f) Diz-se *munto* (muito).

¹ Como o verbo vem do lat. *parere*, cujo pres. do indic. e do conj. é respectivamente *pario* e *pariam*, em português litterario devia dizer-se *pairio* e *paira*. Se vulgarmente se diz *páro* e *pára* é por analogia com o infinitivo *parir*, onde não ha o dit. *ai*.

O) Syntaxe

19. Emprega-se *velha* no mesmo sentido que no Alandroal ¹: «*a velha Benta*».

20. Também se emprega *nunca* com as funções que se observão na lingua do Alandroal ²: «*F. nunca axô carvão*» (i. é, *não*); «*fui lá, e nunca mercarão*»; «*elle nunca quix*».

21. Como no geral do Alemtejo, diz-se no Algarve: «*lá á do Bento*» (i. é, em casa do Bento); «*quer ir á do Bento*» (i. é, a casa do B.). Cfr. *Dial. alemtej.*, viii, 44-h.

22. O colectivo *gente*, quando faz as vezes de *nós*, leva o verbo ao plural: «*a gente temos*», «*a gente queremos ir*». Cfr. *Dial. estreme-nhos*, i, Syntaxe, §-c. — A palavra *gente* torna-se ainda mais impessoal nesta phrase: «*não é senhor a gente nem d'abri-la bôca!*», onde *gente* vale por *se*, e *senhor* fica no masc. sing.: = *não se é senhor*...

23. Diz-se «*muita das vezes*» (por *muitas vezes*); e igualmente «*ôtra das vezes*» (por *outras vezes*).

24. Nas phrases «*por isso á que fizeram*», «*tres á que elles são*», «*alli á que cávom*», a expressão *á que* corresponde á litteraria *é que*. Como já lembrei nos *Dial. alemtej.*, xiii, 51, o *á* poderá explicar-se pela interjeição *ah*: «*por isso ah! é que fizeram*».

25. Na conjugação periphrastica, constituida pelo verbo *haver*, pôde dispensar-se o *de*: «*havia ter*», «*havia fazer menos*». Cfr. o meu opusculo *As «Lições de linguagem» do Sr. Candido de Figueiredo*, 2.^a ed., pags. 41-42. Vid. também Meyer-Lübke, *Gramm. das ling. roman.*, ii, 112.

26. PHRASES DIVERSAS:

a) *algum dia* (por *outr'ora*), como também se diz no Cadaval. Igualmente: *nalgum tempo*.

b) *já vê...*, phrase usualissima intercalada na conversação.

c) *Em ê cá...*, o adv. *cá* reforça o pronome. Cfr. em latim *egomet*.

d) *Mais que menos* (pouco mais ou menos). «*Esta hora mais que menos*».

e) E' muito frequente *olhe lá!*

f) Phrase de saudação: *Dês o salve!* Phrase de despedida: *até sempre!*

¹ *Dial. alemtej.*, viii, 46.

² *Ib.*, *ib.*, 48.

D) Textos populares

a) CANTIGAS:

Êmpossível me parece,
Quando tu para mim ôlhas ¹,
Fazeres caso de mim,
Tendo tanto adonde scolhas!

E's bonita, mas nã dizes
(A)dond'êmprêga-lo tê rosto:
A fertuna me desvia
D'onde quer qu'ê faço gôsto.

Ê bêm sê a quêm dessestes
Que me nã q'rias amar;
Vá o gôsto a mê favor,
Q'ê em ti m'hêde vengar.

Cuidas q'ê que nã conheço
A arrúdia pela toada;
Faço-me desêntêndida,
Q'á mim nã me scapa nada.

As moças da Serra dizem:
«Minha horta! minha horta!»
E' uma cêrca velha
C'um tanganho á porta.

Sô da Serra, sô serrenho,
Mas nã nego a gêração:
Não sô como vomecê,
Que nega a sua criação.

Setestrêlo, sol e lua,
Tudo no mar êmbarcôu:
Eras tã lial p'ra mim,
Dize lá quêm te vòltôu? ²

Jà te podia ter dado,
Acuasão ténho tido;
Tênhô stado consed'rando
Com'hêde vever comtigo.

As moças da Serra
Todas sã Marias:
Umas calhandras,
Ôtras cotevias.

As estrellas ³ do ceu dizem,
No mesmo assino eu,
Quêm dá côres no sê rosto,
Despreza as que Dês le deu.

Ôlivêra ⁴ xacotada ⁵
Sêmpre parece olivêra:
A mulher-casada alêgre
Sêmpre parece sultêra.

Nã se mi ⁶ dava morrer,
Tenho a salvação certa,
Sabêndo q'havia ter
No tê pêto a cova aberta.

Notarei aqui uma especialidade. Quando se cântão as cantigas, repetem-se certos versos, de modo que se transforma a quadra em oitava. Supponhamos que são abcb os quatro versos da quadra; a repetição faz-se assim: baab; portanto, a oitava é: *abcbbaab*.

¹ Cfr. *Dial. alemteij.*, VIII, 38-a.

² A pessoa que me cantou esta cantiga pronunciava -ôu no canto, mas -ô na linguagem corrente.

³ Como se pronuncia esta palavra? (strela, êstrela, istrela?).

⁴ No canto *ôlivêra*; na pronúncia descuidada *olivêra*.

⁵ O mesmo que *corta* (cortada).

⁶ *Mi* emphatico no canto. Nos outros casos *me*.

Exemplos:

Êmpossivel me parece,
Quando tu para mim ôlhas,
Fazeres caso de mim,
Tendo tanto adonde scolhas!
Tendo tanto adonde scolhas,
Êmpossivel me parece...
Êmpossivel me parece...
Quando tu para mim ôlhas!

Setestrêlo, sol e lua,
Tudo no mar êmbarcou:
Eras tâ lial p'ra mim,
Dize lá quêm te voltou?
Dize lá quêm te voltou?
Setestrêlo, sol e lua,
Setestrêlo, sol e lua,
Tudo no mar êmbarcou.

E' facil comprehender que com este mecanismo não se altera o sentido da quadra, seja qual fôr a ordem das ideias expressas em cada verso: pois o primeiro verso da quadra supplemtar é o ultimo da quadra primitiva, e portanto, com esta repetição do verso, não ha mais que a repetição successiva de uma phrase, o que se faz a cada passo na linguagem ordinaria; o segundo e terceiro verso estão no mesmo caso, pois que são meras repetições do primeiro da quadra primitiva, o qual, por ser primeiro, fôrma sentido; o quarto verso é o segundo da quadra primitiva, e por isso segue-se naturalmente aos antecedentes, que, como vimos, são o primeiro repetido. Para que o sentido não se altere concorre tambem o facto de os versos populares formarem geralmente sentido em cada quadra; o povo, nas suas expressões poeticas, não fôrça a sequencia das ideias; o que diz em verso podia dizê-lo quasi sempre pelo mesmo modo em prosa.

b) AD'VENHAÇÕES:

1. *O sal.*

Que é aquilo,
Que nêo é samiado, nêo pôsto,
Nêo canta, nêo balha,
E êo tudo dá gôsto?

2. *A azêtona.*

Verde foi mê nacemento,
Q'ê de roxo me vesti:
Di ¹ tormentos ó mê gôsto
Para te dar gôsto a ti.

c) PARA EMBALAR OS MENINOS:

Druma, mê menino, druma,
Q'a sua mãi logo vêi;
Foi lavar uns cueirinhos
A'horta do Alcacêi ².

d) CANTIGA:

Papagaio lôiro,
Sê bico dôrado,

Leva-me esta carta
Ó mê namorado.

¹ = Dei. Cfr. § 17-d.

² Quinta para os lados de Cacella. Uma variante d'este verso noutros pontos do país é: *A' fontinha ne Belem*. O povo applica frequentemente a fôrma tradicional de uma cantiga a várias ideias.

Ele nã é frade,
Nêm homēm casado:
E' rapáz soltêro,
Lindo como um cravo,

Lindo comà rosa.
Toma lá cervêja,
Dêxa-m'a gazosa.

E) Vocabulario

Neste Vocabulario não incluo aquelles termos que, segundo as leis geraes estudadas no artigo da Phonetica, se deduzem facilmente: por ex. *prêncipo*, com *ên* (§ 4-g) e syncope de *i* (§ 7-a); *cortecêro*, com *e* por *i* (§ 5-b), e *é* por *ei* (§ 3-a). Incluo só aquelles que não poderião com tanta facilidade deduzir-se theoricamente.

Abugão, o que faz os instrumentos de lavoura, — arados, carros, etc. — De *abegão*, que porém tem outro sentido na lingua commum; o *e* átono mudou-se em *u* (§ 8-c). O radical de *abegão* e *abegoaria* deve ser a-**pecudonem*.

Acariar, conduzir. Diz-se do gado: «*acariar o gado*». — De *ca-rear*, com prothese de *a* (§ 9-b).

Acasião e acuasião, occasião.

Afartar, fartar. «Logo s'afarta de vêr alvorêdo». De *fartar*, com prothese de *a* (§ 9-b).

Alemaal, animal. — Quanto ao *l*, cfr. *alma*; quanto ao *e*, vid. § 5-b.

Algravio, algarvio. — Através de *algaravio* (cfr. § 9-b).

Alvorêdo, arvoredado. — Dissimil. de *r-r*. No sul diz-se *ârvoredado* (como *ârchivo*, etc.) com *a* aberto; no norte diz-se *ârvoredado* (*ârchivo*, etc.).

Amentolia, amotolia. — De *ametolia* com nasalamento (§ 4-j).

Amorudo, suave. — «Noite amoruda». Tambem se diz no mesmo sentido *amoroso*.

Arraia, raia. — Prothese de *a* (§ 9-b).

Arreliques, conjuncto de amuletos. — Noutros pontos (Alem-tejo, Estremadura) diz-se *arrelíquias*. — Supponho que a palavra *arreliques* é masculina.

Arrudia, arruda.

Árvi, arvore. — De *arvre* (§ 7), *arve* (§ 10). Cfr. § 6.

Avaloar, avaliar.

Avezamento, costume. — De *avezar*.

Avondo, bastante. «Talvez dê *avondo*». — De **abundo*, por *abunde*.

Azagal, zagal. — Prothese de *a* (§ 9-b).

Bâlhar, bailar.

Bâtizo, bâtezado, baptizado.

Bescoço, pescoço.

Bradar, chamar.

Calros, Carlos.

- Camiseta**, camisola. — Suffixo *-êta* em vez de *-ola*.
Carapentêro, carpinteiro. — Epenthese de *a*: cfr. § 9-b.
Carrinha. O mesmo que o *carro alemtejo*.
Coicêção, Conceição. — No norte, se bem me lembro, tenho ouvido dizer *Couceição*.
Companha, companhia.
Consumiço, sumiço. — Influencia de *consumir*.
Corna, vaso de chifre.
Côrto, cortado. — Vid. *Dial. alemtej.*, VIII, *Vocabul.*, s. v.
Cotevia, cotovia. — Através de *quetovia*, que se usa noutros pontos do país. Dissimil. *o — o > e — o*.
Quátela, cautela. — Vid. *Dial. alemtej.*, VIII, § 20-c.
Empár, direcção. «Neste *empár*». — De *em par* $\diamond$ ao *par*.
Emparar, amparar.
Entigamente, antigamente. — Noutros pontos do país diz-se *intigamente* (§ 4-f).
Enxaquêta, enxaqueca. — Troca do apparente suffixo *-eca* por *-eta*.
Feitria, feitiço. — De *feitoria*.
Fogo, lume. «Ter água ao fogo».
Gentio, gente. «Munto gentio».
Jentar, jantar. — Ou do lat. *jentare*, ou de *jantar* (cfr. § 4-f).
No norte diz-se também *jentar*, que creio assentar directamente no latim *jentare*.
Jesefina, Josefina.
Laivoso, que tem *laiva* (i. é. *lábia*).
Lezença. «A' *lezença* do sul», à luz do sol. — De *luzença*.
Longuiça ou **longuriça**, chouriça.
Marafim, marfim. — Vid. § 9-b.
Menza, mesa. — Vid. § 4-j.
Mim-reis, mil reis. — Vid. § 4-j.
Molêta, mó pequena. — Demin. de *mola*. Quanto ao *l*, cfr. § 14.
Molineta. Se não é o mesmo que *moleta*, é também outra mó. Cfr. hesp. *molinete*.
Mörgado, herdade. — A aplicação de *mörgado* ao sentido de *herdade* resulta de metonymia. — A palavra *mörgado* não vem de **majoratus*, como diz erradamente o sr. Adolpho Coelho no *Diccionario etymologico*, pois fica sem explicação o *g*; vem de **majoricatus*. Cfr. os nomes geographicos *Maiorca*, *Maiorga* e *Minorca*, de **majórica* e **minórica*.
Nuvrado, nublado. «Ce u nুবrado». — De *nubrado*.
Ôf'ciênte, sufficiente. — Houve dissimil. de *s — c*, e talvez também influencia de *officio*.
Ôlvêra, oliveira. — Em pronúncia mais culta diz-se *ôlivêra*.
Ômaja, imagem. — Vid. § 4-h. No norte diz-se *umaije*. O *u* re-

sultou do *i* por influencia da labial vizinha; no sul o *u* inicial átono muda-se facilmente em *ó* e *ê*.

Órive, ourives. — A palavra *ourives*, i. é, *ôrives*, foi considerada como plural, pelo facto de acabar em *-s*; e deu-se-lhe por isso o singular *ôrive*.

Pangáio, alpendre. Diz-se, por exemplo, do alpendre onde trabalha o ferrador. — Na lingua commun ha *pangaio*, noutro sentido.

Pantasma, phantasma. — A palavra pôde ser antiga, se notarmos que no lat. phantasma o *ph* não valia *f*, mas *p* aspirado; mas também pôde ser moderna, e de origem litteraria; resultante de má pronúncia do *ph*. — Em todo o caso cfr. o ital. *spera* e o port. ant. *espera*, do lat. *sphaera*.

Parcer, apparecer.

Patlar, pisar. «Olha que me patiaste». — De *pata*. Cfr. *pateada*.

Pázinho, pausinho. — Vid. *Dial. alemtej.*, viii, s. v.

Pelar, descascar. «Pelar as batatas». — De *pelle*.

Piar, banco de pedra, pegado á parede externa da casa, ao pé da porta. — Vid. *Dial. alemtej.*, viii, s. v.

Prestar, emprestar.

Repairar, reparar. — De **reparear*.

Réxa. «Dôr de *réxa*», dôr de cabeça.

Romancio, romance, xácar.

Scarafunxar, escarafunchar. — O radical d'esta palavra é o mesmo que o de *escarvar*. Como *escarvar* vem de *scariphare*¹, devemos admittir **scar(i)phunc'lare* como étymo de *escarafunchar*; a junção do suffixo *-unc'l-are* não offerece nenhuma difficuldade morphologica. De **scar'phunc'lare* fez-se **escarfunchar*, onde se intercalou *a*, como em *marafim* (§ 9-b).

Sêfões, safões. — Cfr. *Dial. alemtej.*, iv, *Vocab.*, s. v.

Selão, terra onde entrou agua salgada, e que por isso não produz. Também se diz «terra asseloadá». — De *sal*?

Serrenho, serrano. Uma cantiga popular diz:

Sô da Serra, sô *serrênho*.

— De *serr-enho*.

Sino-saimanco, sino-saimão. Vid. § 16.

Smanxar, desmanchar. — Ha muitas palavras populares em que a *des-* corresponde *es-* ou *s-*, como *espedir* ou *spedir*, *spois*, etc. Ou houve assimil. de *d* a *s*, ou troca do prefixo *des* pelo prefixo *es*.

Sobre-noiva e **sempre-noiva**. — Vid. *Dial. alemtej.*, xii, *Vocab.*, s. v. *boneca*.

Squila, esquila. — Vid. *Dial. alemtej.*, viii, *Vocab.*, s. v.

Susprar, suspirar. — Vid. § 5-b.

¹ Gonçalves Vianna, in *Rev. Lusit.*, i, 218, not. 2.

Tanganho, lenha sêcca.

Velado, vallado. — Vid. § 10.

Vôcê, você. — Já me referi a esta fôrma no *Dial. brasileiro*, § 18.

Vrar, virar. — Vid. § 5-b.

Xaxar, sachar. — Vid. *xaxo*.

Xaxo, sacho. — Assimil. de *s* a *x* (*ch*), como em *xêxo*.

Xcalho, chocalho. — Vid. § 9-a.

Xemar, chamar. — Vid. § 10.

Xêxo, seixo. — Vid. *Dial. alemtejo.*, VIII, Vocab., s. v.

Do estudo feito resulta que ha extrema semelhança entre a linguagem de Sotavento e a do centro e parte do sul do Alemtejo. Nada se nota que offereça differenças fundamentaes entre uma e outra. Nas Cabanas não observei a nasalidade emphatica que observei em Estremôs, Alandroal, etc., mas isto não tem grande importancia; pelo contrário encontrei nas Cabanas a entonação alandroalense. No Algarve existe uma ou outra fôrma, como *vom*, *stom*, *dom*, *som* (§ 17-e), uma ou outra phrase, como *muita das vezes* (§ 23), um ou outro vocabulo, como *sobre-noiva*, *min-reis*, *mòrgado*, *pangáio*, que ainda não ouvi no Alemtejo, e que talvez lá não existão; comtudo, além do que esta affirmação tem de duvidoso, não se podem só por isso estabelecer distincções absolutas.

Em Barlavento é que se encôntrão particularidades que não se observão no centro do Alemtejo (pelo menos no Alandroal, Estremôs, Redondo, Evora), nem nas Cabanas, e provavelmente nas regiões vizinhas. Ao passo que em Barlavento se ouve *û*, *ê* (*e* hespanhol) e *æ*, em Cabanas não se ouvem: aqui o *u* tonico é sempre *u*, os verbos da 2.^a conjugação terminam em *-êr*¹, o *e* tonico é sempre *ê*.

*

O meu fim, publicando este e analogos estudos, é archivar e localizar factos que possam servir para a organização definitiva da nossa Dialectologia, considerada como parte integrante da Historia da Lingua Portuguesa. Quando digo que em tal terra existe tal pronúncia, ou tal vocabulo, não quero significar que isso se dê só ahi, mas que foi lá que fiz a observação. D'aqui a poucos annos espero ter pronto o inventario dos phenomenos mais geraes da linguagem popular de todo o país, pois já poucas regiões de Portugal me falta conhecer; só então estarei no caso de dizer o que pertence como proprio a cada localidade.

Ao mesmo tempo que dou a lume as minhas notas, vou cha-

¹ Apenas em canto ouvi uma vez dizer *têr* com *e* hesp.; mas na lingua corrente ouvi sempre *-êr*.

mando a attenção do público para estes assumptos que lhe são por ora um pouco estranhos; vou facilitando o meu trabalho futuro; e vou mostrando como a linguagem popular, que vulgarmente se suppõe errada, desconnexa e absurda, não só obedece a leis, mas também serve a cada passo para explicar muitos phenomenos da linguagem culta; finalmente, vou depositando no Thesouro ou Lexico da lingua infinitos vocabulos e expressões, que constituem riqueza idiomática que andava perdida, ou pelo menos ignorada, na bôca dos aldeãos.

Se não publico tantos artigos quantos eu desejára, é que, quando são para estudos dialectologicos, o que ordinariamente só posso fazer em occasião de férias, como também já me acontecia nos tempos de estudante, gasto bôa parte do tempo com estudos ethnographicos e archeologicos, de que igualmente necessito para, com os estudos linguisticos, levar a cabo as obras que ha muito planeei á cêrca das origens e caracteres do povo português, e das quaes por ora só tenho dado amostras; ainda assim, conservo já nas minhas pastas e gavetas abundante cópia de materiaes dialectologicos: unicamente me falta vagar para os pôr em estado de irem para o prelo.

Lisboa, 20 de Março de 1896.

J. LEITE DE VASCONCELLOS.

CONTOS POPULARES PORTUGUESES

Colhidos na tradição oral

..... oh ! contos lindos,
Que ás longas noites do comprido hynverno
Nossos avós felizes entertineis
Ao pé do amigo lar.....

GARNETT — *D. Branca*, III

I

A RAINHA ORGULHOSA

Havia uma rainha muito orgulhosa, e voltando-se para as suas aias, dizia: «haverá cara mais linda do que a minha?» As aias respondiam-lhe que não; e fazendo a mesma pergunta ás criadas, ellas diziam o mesmo. Um dia voltou-se também para o seu camarista e

perguntou-lhe: «haverá cara mais linda do que a minha?» O camarista respondeu: — Saiba Vossa Real Magestade, que ha. — A rainha ouvindo isto quis saber quem era, e o camarista disse-lhe que era a filha. A rainha immediatamente mandou aprontar uma carruagem, e metter a princeza dentro, ordenando aos criados que a levassem fóra da cidade a um campo muito longe e que ahi a degolassem e lhe trouxessem a lingua. Partiram os criados conforme a rainha tinha determinado, e quando chegaram ao dito campo voltaram-se para a princeza e disseram: «Vossa alteza não sabe os fins para que aqui a trouxemos? mas não lhe havemos de fazer mal». Viram uma cadelinha, mataram-n'a e cortaram-lhe a lingua, dizendo á princeza que era para levar a sua Magestade, pois lhes tinha ordenado que a degolassem a ella, e lhe levassem a lingua. Pediram depois á princeza, que se fosse embora para muito longe, e nunca mais apparecesse na cidade para os não comprometter. A menina retirou-se e foi caminhando por uns mattos fóra, até que avistou ao longe um pequeno casal, e approximando-se não viu senão rastos de porcos e nada mais. Foi andando, e ao entrar na primeira casa, não viu mais do que uma caixa de pinho muito velha; na segunda viu uma cama com uma enxerga muito velha; e na terceira uma chaminé e uma mesa. Dirigiu-se á mesa, abriu a gaveta e achou algum comer, que foi pôr ao lume. Pôs a mesa, e quando principiava a comer sentiu entrar um homem. A menina, muito assustada, foi esconder-se debaixo da mesa, mas o homem viu-a e chamou-a. Disse-lhe que não tivesse vergonha; depois foram comer juntos, e quando chegou a noite também cearam. No fim da ceia o homem disse á princeza se ella queria ficar por sua mulher ou por sua filha. A princeza respondeu que queria ficar por sua filha. Então o homem foi-lhe arranjar uma caminha á parte e depois cada um se foi deitar. Viviam assim ambos muito satisfeitos. Um dia disse o homem para a menina, que fosse por alli dar um passeio para se distrahir. A menina respondeu, que o fato que trazia vestido já estava muito velho, mas o homem, abrindo um armario, mostrou-lhe um fato completo *á campina*. A menina vestiu-se com elle e foi passear. Quando andava passeando, viu que um cavalleiro se approximava d'ella. A menina immediatamente se escondeu em casa com muito medo. A' noite o homem quando voltou, perguntou-lhe se tinha gostado do passeio. A menina disse que sim, mas com um modo muito exquisito. No dia seguinte tornou o homem a mandá-la passear. A menina foi, tornou a vêr o mesmo cavalleiro a dirigir-se para ella, e tornou muito assustada a vir esconder-se em casa. Quando o homem veio á noite e lhe perguntou se ella tinha gostado do passeio, a menina disse que não, porque tinha visto um homem, que vinha para lhe fallar, e então que nunca mais queria tornar a sahir. O homem não lhe disse nada. O cavalleiro era um principe, e voltando ao mesmo sitio duas vezes e não tornando a vêr a menina, adoeceu de paixão. Vieram os melhores medicos e declararam qual era a doença do principe. A rainha immediatamente mandou publicar um bando, que a aldeã, que tinha visto

o cavalleiro, fosse a palacio que havia de ser recompensada e de casar com o principe. A menina como não sahia de casa, não soube nada do bando. A rainha vendo que ninguem se apresentava em palacio, mandou um guarda àquelle sitio. O guarda foi e bateu á porta dizendo para a menina que Sua Magestade a mandava chamar a palacio e que havia de ser muito bem recompensada. A menina disse para o guarda que no outro dia fosse receber a resposta. Quando á noite veio o homem a menina contou-lhe o que se tinha passado. Elle disse-lhe que quando o guarda fosse saber a resposta lhe dissesse, que viesse a rainha a casa d'ella, porque ella não ia lá. Veio o guarda ao outro dia saber a resposta, e a menina disse-lhe que se não atrevia a dar-lh'a. O guarda disse que dissesse ella tudo tal e qual, que elle o diria á rainha. Então a menina contou-lhe o que o homem lhe tinha respondido. Chegando o guarda ao palacio, tambem se não atrevia a dar a resposta; mas a rainha obrigou-o. O guarda então contou tudo o que a menina lhe dissera. A rainha ficou muito encolerizada, mas naquelle momento deu ao principe uma convulsão muito grande, e a rainha com medo que elle morresse, sempre se resolveu a ir. Mandou apromptar a carruagem e foi lá ter com a menina, mas quando se ia approximando da casa, ella tornou-se num rico palacio, o homem que recolhêra a menina num imperador muito poderoso, os porcos em duques, a menina numa linda princeza e tudo o mais em riqueza. A rainha, ao vêr tudo isto, ficou attonita e pediu desculpa de ter mandado chamar a menina a palacio. Disse á menina que visto o principe, seu filho, ter tanta paixão por ella, lhe pedia se fosse do seu agrado para se fazer o casamento, senão o principe morria com toda a certeza. A menina disse que sim, fez-se o casamento com muita pompa, e viveram todos muito felizes.

(Lisboa).

II

A MENINA E A PRETA

Era uma vez uma menina, que estava presa numa torre. Gostava muito de um principe, e elle todas as tardes lhe ia fallar. A menina deitava-lhe os cabellos da torre abaixo, e o principe subia por elles acima e ia-lhe fallar. Um dia andava por alli uma bruxa e viu o principe subir. Que ha de ella fazer? Ao outro dia foi mais cêdo um pouco do que o principe costumava ir, fingiu a falla como o principe e chamou a menina. Ella deitou os cabellos da torre abaixo e a bruxa subiu. Depois começou a dizer á menina, que não gostasse do principe, que o deixasse, a dar-lhe maus conselhos enfim; e assim que viu que eram horas d'elle chegar, foi-se embora e desceu pelos cabellos outra vez. A menina assim que veio o principe, contou-lhe tudo quanto a bruxa lhe dissera e como ella a enganára para subir. O principe, quando soube isto, mandou logo arranjar uma carruagem

para fugir com a menina. A menina antes de sahir despediu-se de tudo quanto tinha em casa, mas esqueceu-se de se despedir do pau e da vassoura. Levou um copo com agua, um saquinho com pedras, e outro com areia, e depois fugiu. D'ahi por um bocado veio outra vez a bruxa e começou a chamar a menina, como na vespera. Responderam-lhe da torre a mesa e as cadeiras: «A menina está doente!» Mas o pau e a vassoura, que tinham ficado zangados por a menina não se ter despedido d'elles, chegaram á janella e disseram: «isso não é verdade, a menina fugiu com o principe!» A bruxa assim que soube isto, começou a correr para a apanhar. A menina, que ia desconfiada, deitou a cabeça fóra da carruagem, e assim que viu a bruxa, atirou fóra a areia que levava comsigo no saquinho, e formou-se logo um grande areal. A bruxa custou-lhe muito a passar, mas sempre passou, e continuou a correr atrás da carruagem. A menina, assim que viu que a bruxa a ia quasi a apanhar, deitou fóra as pedras que levava no outro saquinho, e immediatamente se formou um grande muro. A bruxa custou-lhe muito a passar, mas sempre passou, e continuou a correr atrás da carruagem. A menina, assim que viu que a bruxa tinha passado o muro, e que ia quasi a apanhá-la, deitou fóra a agua que levava no copo, e immediatamente se formou um grande rio. D'esta vez a bruxa não pôde passar.

Quando o principe chegou ás portas da cidade, disse para a menina: «agora haveis de aqui ficar em cima d'esta arvore, enquanto eu vou buscar a minha côrte, porque não posso sahir as portas da cidade sem ella», e deu a sua palavra á menina que a vinha buscar. A menina ficou na arvore, por cima de uma fonte. D'ahi por um bocado veio uma preta buscar agua com um cantaro, viu na agua a sombra da menina e cuidou que era a d'ella. E disse: «ai! preta tão bonita, quebra a cantarinha». Bateu com o cantaro na fonte e quebrou-o. Depois foi-se embora e voltou com outro cantaro. Olhou para a agua e vendo a sombra da menina, disse outra vez: «ai! preta tão bonita, quebra a cantarinha», e tornou outra vez a quebrar o cantaro. Foi-se a preta embora, e á terceira vez trouxe um cantaro de folha. Olhou para a agua, e tornando a vêr a sombra da menina, disse: «ai! preta tão bonita, quebra a cantarinha». Mas, como o cantaro era de lata, por mais que batesse com elle na fonte, não o podia partir. A preta, já muito zangada, disse: «ai! que preta é esta tão bonita, que não quebra a cantarinha!» Olhou para cima da arvore e viu a menina, e começou a dizer-lhe: «ai! a menina está ahi sózinha! não quer que a acompanhe?» E subiu tambem para cima da arvore. Indagou da menina o que estava alli a fazer, e depois disse-lhe: «ai! que cabellos tão bonitos que a menina tem! quer que a penteie?» E espetou-lhe um alfinete na cabeça. A menina transformou-se numa pomba e foi a voar. O principe, quando veio, ficou admirado e disse: «que tens, menina, que eras tão bonita e estás agora tão preta?» — «Que quereis, respondeu a preta, deixastes-me aqui ao sol e eu cres-tei-me». — O principe bem lhe quis parecer que aquella não era a me-

nina que alli tinha deixado, mas, como tinha dado a sua palavra, levou-a para palacio e casou com ella.

Todos os dias ia ao jardim uma pomba muito linda, e dizia: «Hortelão, hortelaria! como passa o rei com a sua preta Maria?» Respondia-lhe o hortelão: «passa bem, passaria». — O hortelão, quando o principe veio ao jardim, contou-lhe o que lhe succedêra. O principe disse que quando a pombinha viesse ao outro dia, que lhe armasse um laço de fita. No outro dia tornou a pomba outra vez: «hortelão, hortelaria! como passa o rei com a preta Maria?» O hortelão deitou-lhe o laço de fita e a pomba respondeu: «ah! ah! ah! laços de fita não são para mim!» Quando o principe veio ao outro dia saber o que tinha acontecido, o hortelão contou-lhe o que a pomba dissera. Então o principe disse: «deita-lhe amanhã um laço de prata». A pomba veio outra vez e disse: «ah! ah! ah! laços de prata não são para mim!» e fugiu. O principe quando soube d'isto mandou que no outro dia se deitasse um laço de ouro. A pombinha nesse dia cahiu no laço. O hortelão foi entregá-la ao principe. A preta, assim que viu a pomba, começou a dizer ao principe que a matasse. O principe não quis, porque já gostava muito da pombinha, e cada vez a estimava mais. Um dia foi-lhe fazer festas na cabeça e encontrou um alfinete. Tirou-lh'o, e a pomba immediatamente se transformou na menina. Contou tudo ao principe, e elle disse-lhe que casava com ella. Depois perguntou á menina o que queria que elle fizesse da preta. A menina disse-lhe que a matasse e que dos ossos fizesse uma escada para ella subir para a cama, e da pelle um tambor.

(Lisboa).

III

AS TRES CIDRAS DO AMOR

Era uma vez um rei, e este rei tinha um filho, que era muito amigo da caça. Um dia, quando andava nuns campos, encontrou uma velhinha muito afflicta com muita fome. O principe não levava dinheiro, mas trazia de comer para enquanto andasse por fóra. Chamou os criados e mandou dar de tudo á velhinha. Ella comeu, bebeu, e, depois de estar farta, agradeceu muito ao principe, dizendo-lhe: «não vos posso mostrar a minha gratidão de outra maneira, porque nada tenho; mas aqui tendes estas tres cidras, em signal do meu reconhecimento». E recommendou-lhe que nunca as abrisse senão ao pé de uma fonte, e que quando as abrisse que fosse sempre ao comprido e nunca ao través. O principe guardou as cidras, despediu-se da velha, e continuou o seu caminho.

Quando já tinha andado bastante, lembrou-se de abrir uma das cidras, mas esqueceu-se de a abrir ao pé de uma fonte, como a velha lhe tinha recommendado. Immediatamente sahiu de dentro uma formosa menina, que lhe disse: «dá-me agua, senão morro!» O principe

lembrou-se então do que lhe dissera a velha, e a menina, como elle não lhe dêsse de beber, morreu. O principe ficou com muita pena, mas como tinha ainda duas cidras, estava mais consolado, e foi andando o seu caminho. Mais adiante abriu outra cidra, mas tornou a esquecer-se que havia de ser ao pé de uma fonte. No mesmo instante lhe appareceu uma linda menina, que disse como a primeira: «dá-me agua, senão morro!» Como alli não havia agua, a menina morreu. O principe estava cada vez mais triste, e não se atrevia a abrir a terceira cidra com mêdo que lhe acontecesse o mesmo. Mas estava com tantos desejos de vêr o que ella tinha, que foi procurar uma fonte e alli a abriu. No mesmo instante sahio-lhe de dentro uma formosa menina, mais linda do que nenhuma das outras, que disse tambem para elle: «dá-me agua, senão morro!» O principe, que trazia uma concha, tirou agua da fonte e deu de beber á menina. A menina restabeleceu-se, mas, como era muito delicada e estava muito fraca, o principe teve mêdo de a levar até ao palacio, que era ainda muito longe. Disse-lhe então que subisse para uma arvore que alli estava, enquanto elle ia buscar uma carruagem para ella ir. A menina assim o fez, e o principe foi-se embora. D'ahi a um pouco de tempo appareceu uma preta muito feia, que vinha buscar agua á fonte, para o seu senhor. A preta começou a olhar para a agua, e, como estava muito clara, via a cara da menina. A preta, julgando então que era a cara d'ella, começou a dizer-se: «preta, preta tão bonita; vir buscar agua á fonte!... quebra, quebra, cantarinho». E dava uma pancada com o cantaro; mas como elle era de cobre, não se partia. A preta olhava outra vez para a agua e, vendo a cara da menina, tornava a repetir: «preta, preta tão bonita, vir buscar agua á fonte!... quebra, quebra, cantarinho». E dava outra pancada com o cantaro. A menina dava-lhe muita vontade de rir, mas não se queria rir com mêdo que a preta a visse. Até que á terceira vez a menina não se pôde conter e soltou uma grande gargalhada. A preta começou a olhar para todos os lados sem vêr ninguem, até que por fim olhou para cima e viu a menina em cima da arvore. Começou a fazer-lhe muita festa e a pedir-lhe que descesse. A menina não queria, porque dizia que estava á espera do principe. A preta, como era bruxa, começou a fazer ainda mais festas á menina e a dizer-lhe: «anda cá, minha menina, deixa-me ao menos catar-te a cabecinha!» Tanto fez, tanto fez, que a menina desceu. A preta assim que apanhou a menina, principiou a fingir que a catava e a fazer-lhe muitas perguntas a respeito do principe, a que a menina respondia com toda a verdade. A preta, assim que soube tudo, tirou um grande alfinete que tinha pregado em si e espetou-o na cabeça da menina. Immediatamente a menina se transformou numa pomba e desapareceu. A preta subiu para a arvore em logar da menina e pôs-se a esperar pelo principe, que chegou d'ahi por um bocado. Olhou para cima da arvore e ficou muito admirado de ter deixado uma menina tão bonita e de achar uma preta tão feia. Principiou a zangar-se muito, mas a preta começou a chorar e a dizer que era um triste fado

que a perseguia, e que tão depressa estava bonita como uma preta muito feia. O príncipe acreditou e teve dó d'ella, e mandou-a descer da arvore, levando-a para palacio. No outro dia pela manhã levantou-se muito cedo e foi para o jardim passear. D'ahi a um bocado viu vir uma pomba muito bonita chegar ao pé do jardineiro e dizer: «hortelão da minha horta, como passa o príncipe com a sua preta, negra, cachorra e torta?» Acabando de dizer isto, fugiu. O hortelão não lhe respondeu nada; mas foi ter com o príncipe e disse-lhe: «o que quer vossa alteza que eu responda áquella pomba?» — «Dize-lhe que passo bem e que levo boa vida», disse o príncipe. No outro dia voltou a pomba e tornou a dizer: «hortelão da minha horta, como passa o príncipe com a sua preta, negra, cachorra e torta?» O hortelão respondeu-lhe: «Passa bem e leva boa vida». A pomba então disse: «coitadinha de mim! que ando aqui perdida». O hortelão foi dizer ao príncipe o que a pomba tinha respondido. O príncipe mandou-lhe armar um laço de fita para vêr se a apanhava, porque gostava muito d'ella. No outro dia a pomba voltou, e disse o mesmo. O hortelão respondeu a mesma coisa, e a pomba, quando olhou para o lado, deu uma gargalhada e disse: «ah! ah! ah! laço de fita não é para meu pé!» E foi-se embora. O hortelão foi dizer ao príncipe, e elle disse-lhe que armasse no outro dia um laço de prata. A pomba veio, disse as mesmas palavras, e no fim, olhando para o laço, disse a rir: «ah! ah! ah! laço de prata não é para meu pé». E foi-se. O hortelão foi outra vez dizer ao príncipe. O príncipe ordenou que lhe pusessem um laço de ouro. A pomba veio ao outro dia, disse as mesmas palavras, e, olhando para o laço, disse a rir: «ah! ah! ah! laço de ouro não é para meu pé». E foi-se outra vez embora. O hortelão foi dizer ao príncipe, e elle muito zangado já, ordenou ao hortelão que lhe armasse um laço de brilhantes. A pomba ao outro dia, apenas veio, saltou para o laço e disse: «este sim! é que é para o meu pé». E deixou-se apanhar. A preta, assim que viu que tinha apanhado a pombinha, começou a dizer que estava muito doente, e que queria um caldo d'ella. O príncipe, com muita pena, começou a dizer que não se havia de matar, e principiou a fazer-lhe muitas festas. Quando estava a passar-lhe a mão pela cabeça, encontrou um alfinete que estava enterrado e tirou-lh'o. Immediatamente, no mesmo instante, a pomba se transformou numa linda menina, a mesma que o príncipe tinha deixado em cima da arvore. O príncipe ficou muito admirado de a vêr, e a menina contou tudo o que a preta lhe tinha feito. O príncipe mandou matar a preta, e da pelle fazer um tambor e dos ossos uma escada para a menina subir para a cama. Depois, casou com a menina, e foram muito felizes.

(Lisboa).

IV

A FILHA DA BRUXA

Era uma vez uma bruxa, e tinha uma filha, que se chamava Guiomar, que gostava muito de um príncipe. A mãe não queria que ella casasse com elle; mas ella disse ao príncipe, que se vestisse de pobre, e que viesse pedir esmola um dia que a mãe não estivesse em casa, porque ella abria-lhe a porta. O príncipe assim fez. A menina mettu-o atrás da porta e ensinou-lhe que, quando a mãe viesse, lhe dissesse que era um pobre, e que lhe pedisse que o recolhesse por aquella noite. A bruxa, quando entrou em casa, disse: «cheira-me aqui a sangue real». «Não, minha mãe, disse a menina, é um pobre que anda pedindo esmola, e que quer ser recolhido, porque não tem onde ficar». — «Pois que fique, respondeu a bruxa, mas amanhã ha de apresentar-me uma bilha cheia de mijo de passarinho». O príncipe pela manhã foi a chorar ter com a menina, para que lhe dissesse como havia de arranjar a bilha de mijo de passarinho. A menina, que sabia tambem alguma coisa de bruxaria, respondeu-lhe: «não te afflijas, que eu te ensino como has de fazer isso». Depois disse-lhe que fosse pôr uma bilha ao pé de um muro, que ella lhe ensinou, que á noite o fosse buscar, que o encontraria cheio de mijo de passarinho. Mas recomendou-lhe muito que não dissesse nada á mãe, que ella é que o tinha ensinado. O príncipe assim fez. Foi pôr a bilha no tal muro, e á noite encontrou-a cheia de mijo de passarinho, e foi entregá-la á mãe. A bruxa quando viu a bilha respondeu: «ah! ah! ah! mãos de Guiomar andaram por aqui!» O príncipe disse que não. A bruxa então disse-lhe: «amanhã has de ir dispôr ¹ cêpas, e á noite has de me trazer um cesto de uvas d'ellas». O príncipe foi outra vez a chorar ter com a menina, e contou-lhe o que a mãe lhe tinha mandado fazer. Ella disse-lhe que não se affligisse, que fosse plantar as cêpas, e que á noite fosse lá, que acharia as uvas. O príncipe assim fez: foi dispôr as cêpas, e á noite tornou lá, achou as uvas e foi levá-las á mãe. A bruxa quando as viu, disse: «ah! ah! ah! mãos de Guiomar andaram por aqui!» O príncipe disse que não, e foi ter muito contente com a menina. Depois combinaram fugir ao outro dia, quando a mãe sahisse. No outro dia, quando apanharam a mãe fóra de casa, arranjaram tudo para se irem embora. A menina á sahida da porta cuspiu tres vezes, e depois fugiram os dois. Quando a bruxa bateu á porta, respondeu-lhe um dos cuspos: «quem é?» A bruxa disse: «abre, Guiomar». — Respondeu-lhe o outro cuspo: «Guiomar fugiu». A bruxa perguntou: «com quem?» — Respondeu-lhe o terceiro cuspo: «com um rapaz». A bruxa disse para o pae da menina, que fosse a correr, que

¹ Plantar.

ainda os apanhava. O pae foi a correr. A menina, quando chegou ao meio do caminho, olhou para trás e viu o pae. Disse então para o principe: «ahi vem o meu pae, que hei de fazer?» O principe, muito assustado, disse: «e agora?!...» A menina respondeu que ella arranjava tudo, e disse: «o meu menino se faça numa estrada, e eu num velho com o sacco ás costas!» E assim foi. Veio depois o pae e viu aquelle velho e perguntou-lhe: «oh! tiozinho, viu por aqui passar uma rapariga com um rapaz?» O velho respondeu:

Vendo nozes, compro alhos;
 Compro alhos, vendo nozes.
 Vendo nozes, compro alhos;
 Compro alhos, vendo nozes.

O pae aborreceu-se com a resposta e voltou para trás. A bruxa, apenas o viu, perguntou-lhe: «então encontraste Guiomar?» Elle respondeu: — «não; encontrei um velho com um sacco ás costas e perguntei-lhe se tinha visto por alli passar uma rapariga com um rapaz, e elle respondeu-me:

Vendo nozes, compro alhos;
 etc., etc.,

e aborreci-me com a resposta e vim-me embora». A bruxa disse: «apanhasses, que era Guiomar!» E mandou-o outra vez, e disse-lhe que se encontrasse o velho com o sacco ás costas, que o apanhasse, que era Guiomar. O pae voltou outra vez, e a menina viu-o e disse para o principe: «o meu menino se faça numa ermida e eu num ermitão!» O pae quando chegou perguntou: «oh! tiozinho, viu por aqui passar uma rapariga com um rapaz?» O ermitão respondeu:

«Tim, tim, tim,
 Toca á missa,
 Vae o padre para o altar.
 Tim, tim, tim,
 Toca á missa,
 Vae o padre para o altar».

«Não lhe pergunto por isso, disse o pae, mas se vossemecê viu passar por aqui uma rapariga e mais um rapaz?» O ermitão tornou a responder:

— Tim, tim, tim,
 Toca á missa,
 etc., etc.

O pae aborreceu-se e voltou para trás. Quando chegou a casa, contou á bruxa o que lhe acontecera. Ella disse-lhe: «apanhasses, que

era Guiomar! e já que não tens habilidade, vou agora lá eu». Quando a menina ia quasi no fim do caminho, olhou para trás e disse muito assustada: «ai! que lá vem a minha mãe! Do meu pae me tenho eu librado, mas agora de minha mãe é que eu não sei como hei de fazer!...» Depois disse: «o meu menino se faça num rio e eu numa enguia!» Quando a mãe veio, conheceu-a logo; chegou-se ao pé do rio e disse tres vezes: «Guiomar, vem para casa!» A enguia respondeu-lhe todas as vezes com o rabo, que não. A bruxa disse então: «a praga que eu te rogo, é que o principe, logo que chegue a palacio, a primeira pessoa que lhe dê um beijo, elle logo se esqueça de ti». E foi-se embora. Os dois tornaram á mesma em que estavam antes e continuaram a andar. A menina disse ao principe: «toma cuidado alguem não te dê um beijo, porque as pragas que minha mãe roga são muito certas!» O principe entrou no palacio com muito cuidado, para que nem a mãe nem as irmãs o beijassem. Como vinha muito cansado, deitou-se a dormir. Uma irmã, que passou pelo quarto, vendo-o a dormir sossegado, deu-lhe um beijo. O principe, quando acordou e a menina lhe fallava, elle não a conhecia. A menina, logo que viu isto, lembrou-se da praga da mãe e foi morar para uma casa, que estava defronte do palacio, e todos os dias se vestia e preparava muito bem, e punha-se á janella. Um dia estavam tres camaristas á janella do palacio e disseram uns para os outros: «quem será aquella menina, que está alli defronte?» — «Vou saber e perguntar-lhe se ella me póde fallar». — Passou por baixo da janella e perguntou á menina se lhe podia dar uma falla. A menina respondeu que sim, que viesse ás quatro horas da tarde. Quando o camarista veio, sentou-se a conversar. Ia já anoitecendo, e a menina disse: «já é quasi noite e a minha criada não vem para me accender a luz!» O camarista disse que a ia accender. Começou a querer fazer lume com o fuzil e a pederneira, mas, por mais que fizesse, não podia accender a isca, e ficou com os dedos a escorrer em sangue. Saliu desesperado pela porta fóra e foi para o palacio. A menina fazia isto por bruxaria, para o principe ir fallar com ella. O camarista contou o que lhe tinha succedido, e um dos outros dois disse: «aposto em como eu lá vou amanhã, e ella não me faz isso!» No outro dia passou por baixo da janella, perguntou á menina se lhe podia fallar, e ella disse-lhe que sim, quando quisesse. O camarista entrou, e começou a conversar com a menina. Quando estavam a conversar ha bocado, ella disse: «tenho tanta sêde e a minha criada não vem para me dar agua!» O camarista disse que lh'a ia dar. Pegou num copo e numa bilha que estava em cima de uma mesa, e começou a deitar agua. Mas a agua em lugar de ir para o copo, ia para cima d'elle, de maneira que ficou todo encharcado. Saliu desesperado e foi para o palacio. Contou o que lhe tinha succedido, e então o terceiro camarista disse: «Aposto em como eu lá vou e ella não me faz isso a mim!» No outro dia passou por baixo da janella, perguntou-lhe se podia ir fallar com ella, e a menina disse-lhe que sim. Quando estavam a conversar, começou a levantar-se muito vento.

A menina disse: «ai! faz tanto vento, e a minha criada não vem para me fechar a janella!» O camarista disse que a ia fechar. A janella começou então a abrir-se e a bater-lhe no peito, e quanto mais elle a queria fechar, mais ella lhe batia, a ponto de elle estar a deitar sangue pela bocca. Sahi pela porta fóra todo desesperado e foi para o palacio.

O principe encontrou-os todos tres a queixarem-se, e perguntou o que era. Elles contaram-lhe o que lhes succedêra. O principe, com muita curiosidade, disse então: «vou eu lá tambem para vêr se me acontece isso!» Passou por baixo da janella, e perguntou á menina, quando lhe podia fallar. «Já, respondeu a menina, e quanto mais depressa, melhor!» O principe entrou e a menina fez por bruxaria, para elle se lembrar, o que lhes succedêra na estrada, quando tinham fugido de casa da mãe. O principe subiu a escada, empurrou uma porta e encontrou uma estrada e um velho com um sacco ás costas. Perguntou o principe se elle lhe sabia dizer por onde se ia para a camara da rainha, e o velho respondeu-lhe:

Vendo nozes, compro alhos;
 Compro alhos, vendo nozes.
 Vendo nozes, compro alhos;
 Compro alhos, vendo nozes.

O principe foi andando mais para diante. Encontrou outra porta, empurrou-a, e viu uma ermida e um ermitão. Perguntou-lhe onde era a camara da rainha, e o ermitão respondeu-lhe:

Tim, tim, tim,
 Toca á missa,
 Vae o padre para o altar!
 Tim, tim, tim,
 Toca á missa,
 Vae o padre para o altar!

O principe começou então a lembrar-se, que já tinha ouvido aquillo uma vez. Foi andando e mais adiante encontrou outra porta e viu o rio e a enguia. Ahi lembrou-se de tudo, ajoelhou e pediu perdão. A menina transformou-se outra vez no seu natural, casou com o principe e viveram muito felizes.

(Lisboa).

V

SUMIDO SEJAS TU COMO O VENTO!...

Era uma vez um rei, que tinha uma filha, de quem gostava muito. A princeza penteava-se todos os dias, preparava-se, e ia ao jardim

apanhar uma flôr para pôr na cabeça. Mas, quando lá chegava, ouvia sempre uma voz dizer: «qual queres tu, passares os trabalhos em nova ou em velha?» Aconteceu isto umas poucas de vezes, e a princeza já com muita curiosidade e farta de ouvir sempre a mesma pergunta, foi um dia para o palacio e disse á aia: «Não sabes o que me acontece ha uns poucos de dias? Ouço sempre uma voz dizer quando eu vou ao jardim apanhar uma flôr: — «qual queres tu, passares os trabalhos em nova ou em velha?» A aia respondeu-lhe: «olhe, real senhora, eu cá dizia que antes queria passar os trabalhos em nova; depois de velha tomára eu poder com a velhice!» A princeza ao outro dia penteou-se, arranjou-se e foi ao jardim. Ouviu a mesma voz que ouvia sempre, e quando ella lhe perguntou o costumado, a princeza disse que antes queria passar os trabalhos em nova do que em velha. «Então, disse a voz, despede-te nesse sitio de tudo quanto é teu». A princeza despediu-se do palacio, do pae, da mãe e dos criados. Depois, aquella voz levou-a pelos ares e foi pô-la em cima de um moinho. O homem do moinho disse que lhe faltava a farinha e começou a atirar com pedras á princeza. No outro dia a voz foi buscá-la á mesma hora da vespera, e levou-a outra vez pelos ares. Foi pô-la ao pé de um rio, onde estavam umas lavadeiras a lavar. Disseram as lavadeiras umas para as outras, quando viram a princeza: «olha, acolá está a ladra que rouba a roupa que nos falta!» E todas começaram a atirar-lhe com pedras. A mesma voz, ao outro dia, á mesma hora, foi buscá-la e levou-a outra vez pelo ar. Depois foi pô-la á porta de um jardim. O jardineiro, mal que a viu, disse que ella era a ladra que lhe furtava a fructa, e entrou a atirar-lhe com pedras. No outro dia, á mesma hora, veio a voz buscá-la e levou-a pelos ares. Foi pô-la á porta de um jardim muito bonito ao pé de um palacio. A voz então perguntou á princeza se ainda se lembrava do seu tempo, quando ia ao jardim. Ella respondeu que não se lembrava. D'ahi por um bocado chegou o cozinheiro á janella do palacio, e, vendo uma menina tão bonita, apesar de estar tão desfigurada, foi para dentro e disse ao principe que no jardim estava uma menina muito linda. O principe disse-lhe: «vae chamá-la, que venha cá». A princeza não quis ir, porque estava á espera que a voz a viesse buscar, como era costume. O principe disse outra vez: «vae chamá-la, que ella ha de conhecer-me!» A princeza lembrou-se então de um noivo que tinha tido. «Só se é elle», disse ella; e pegou em si e foi a palacio. O principe, quando a viu, disse-lhe: «não te lembras de quando um dia me disste: *sumido sejas tu como o vento!* E' para que vejas os trabalhos que eu passei! E' os mesmos que tu passastes; mas fui feliz, porque vim para um encanto. Não era eu pessoa; mas era a minha voz que te ia fallar ao jardim». A princeza respondeu: — «Eu fazia-me pensar, é verdade, a voz sem vêr ninguem; mas logo conheci que era encanto». O principe depois perguntou-lhe: «então agora queres ir para casa de teu pae outra vez?» A princeza respondeu: — «Não, agora fico na tua companhia». «Mas olha, disse o principe, eu não caso contigo se-

não d'aqui a vinte annos, porque, se casar antes, quebro o encanto». — «Eu espero por ti, nem que estejas aqui trinta annos!» — disse a princeza. A princeza perguntou-lhe o que elle fazia, e elle respondeu-lhe que comer e passear. O principe então disse-lhe: «ha tres annos que sahiste de casa de teu pae. Depois de amanhã havemos de lá ir, porque elle e tua familia estão muito mal. Aqui tens este alfinete, não o percas, nem o dês a ninguem, porque me quebras o encanto».

Chegou o tal dia e foram pelo ar. O principe foi pô-la no mesmo sitio onde a tinha ido buscar, e disse-lhe: «olha que te demoras só dois dias». A princeza, quando ia a subir a escada do palacio, o pae estava sentado á mesa. Chegou á porta e bateu, e perguntou se queriam uma aia para vestir a rainha. O rei, que estava sentado, pareceu-lhe que ouvia a voz da filha, e, como estava muito fraco, cahiu e quebrou a cabeça. A princeza, muito afflicta, disse devagarinho: «valha-me aqui o alfinete!» Apareceu-lhe logo a voz, que era o noivo encantado, e disse-lhe: — «Que tens tu?» — A princeza contou-lhe o que o pae tinha. Então a voz disse: «é melhor vires comigo!» E levou-a pelos ares. A princeza, quando chegou ao palacio, ouviu dizer que o pae tinha morrido.

Um dia disse-lhe o principe: «olha que amanhã é o dia do nosso casamento». — «Então já faz amanhã vinte annos que eu cá estou?!» perguntou a princeza. — «Faz, sim, respondeu o principe». Mandou depois convidar todos os reis, aonde o pae da princeza veio tambem. O pae, apenas a viu, disse-lhe: «então, ingrata, pagaste-me assim? Quebrei a cabeça por tua causa e vieste-te embora!» — «Sim, meu pae, vim-me embora, porque eu não queria quebrar o encanto ao principe, e vós já tinheis visto o alfinete, e quebrasteis a cabeça de proposito, para eu ficar mais tempo do que os dois dias, para se quebrar o encanto». O pae disse que não, e deu-lhe uma noz: «Aqui tens esta noz. Não a partas diante do teu marido». A princeza respondeu: «nem a parto nem a como!» O pae, muito desesperado, agarrou em si e foi-se embora. Depois do casamento, o principe mandou fazer um palacio noutro sitio. A princeza tinha sempre arrecadada a noz que o pae lhe dera. Quando se acabou de tirar tudo do palacio em que estavam para o outro novo, a princeza deixou cahir a noz no chão. Immediatamente, no mesmo instante, se largou fogo ao palacio e ardeu tudo. Ella, muito assustada, foi contar tudo ao principe. «Vês, disse-lhe elle, como teu pae queria fazer mal á gente?» A princeza andava pejada, e o principe disse que elle o que queria era matar o menino.

D'ahi a um tempo a princeza teve um principe muito bonito. Houve uma grande festa, e estavam para mandar convidar o pae; mas depois o principe não quis com medo que elle matasse o menino. Um dia, quando o menino era mais crescido, foram passear. Indo por um campo fóra, encontraram um criado do pae d'ella. «Onde vaes?» disse-lhe a princeza. — «Vim matar o menino!» — respondeu o criado. O principe perguntou então quem é que o tinha mandado, e o criado confesou que era o pae da princeza. Ella disse-lhe que não o matasse, e

que fosse para seu criado, e elle foi para palacio. A princeza ia para casa; mas cada ribeira que passava lhe apparecia de uma maneira. A primeira era de leite. A outra mais adiante era de agua e neveiro. Mais adiante ainda encontrou um rio com sangue. A princeza, já muito assustada, perguntou ao principe: «que será isto?» O criado respondeu: — «E' o sangue do vosso menino». — O principe então disse-lhe: «e agora ha de ser o teu!...» E deu-lhe um tiro. Depois voltou-se para a princeza:

«Fui á caça, fiz uma caçada,
E em logar de apanhar passaros,
Matei um milhafre!...»

VI

PEDRO E O PRINCIPE

Era uma vez um rei que tinha um filho unico, e defronte do palacio morava um homem, que tinha um filho chamado Pedro, da idade do principe. Um dia disse o principe ao rei, que desejava muito fazer uma viagem, mas que queria ir com o Pedro. O rei disse-lhe: «então, meu filho, queres ir com o Pedro em logar de ires com o teu estado?» O principe disse que sim. O rei então mandou preparar dois cavallos, dos melhores que tinha no exercito, um para o principe e outro para o Pedro. Caminharam muito, viram terras muito lindas, e, chegando a um certo sitio, apearam-se. Disse o principe ao Pedro, que ficasse tomando conta do cavallo, que elle ia beber um copo de agua. Neste comenos desapareceu o principe. O Pedro, muito afflicto, correu por todos os lados á procura d'elle. Não o achando, voltou muito triste para a cidade, e, passando por um tanque onde estavam muitas lavadeiras, que eram bruxas, ouviu muitas gargalhadas e ellas dizerem: «como é tolo! já cuidava que levava o principe e que tinha alguma recompensa do rei! agora vá lá desencantá-lo onde elle está!» O Pedro foi ter com as lavadeiras, e pediu-lhes muito que lhe dissessem onde estava o principe. Uma d'ellas teve dó d'elle e disse-lhe que fosse ter a um palacio velho, que estava alli perto. O Pedro assim fez, entrou, mas não viu senão laranjeiras e limoeiros, e não encontrou ninguém. Cheio de raiva, começou a arrancar laranjas e limões e a atirar com elles ao meio do chão. Cada limão e cada laranja que deitava no chão era um principe e uma princeza, que se desencantavam, até que se desencantou tambem o principe. Cheio de muita alegria, o Pedro disse-lhe que voltasse com elle para a sua terra. Mas o principe viu uma princeza das que se tinham desencantado, gostou muito d'ella, e disse ao Pedro que a queria levar comsigo. Levando-a, foram caminhando, e já iam muito cansados. Não encontrando casa nenhuma para ficarem, Pedro disse-lhe que passassem aquella noite num alpen-

dre que estava num pateo que elle achou. O principe e a princeza acceitaram de muito boa vontade, porque iam muito estafados, e o Pedro, em lugar de se deitar, ficou de guarda aos dois, armado. Pela noite velha sentiu as bruxas em cima do telhado do alpendre ás gargalhadas, e ouviu uma dizer: «como é tolo! já cuidava que levava o principe e a princeza para casa!... mas a primeira coisa, que lhe ha de acontecer é a princeza encontrar um machinho muito bonito e de-sejar montar-se nelle. Ella a cavallo, ella arrebetada! e quem isto ouvir e contar, em pedra-marmore se ha de tornar». Respondeu outra bruxa: «d'esta se livrará ella, mas ha de vêr uma pereira com peras muito boas, que desejará comer. Ella a comê-las, ella envenenada! E quem isto ouvir e contar, em pedra-marmore se ha de tornar!» Respondeu outra bruxa: «d'essa se livrará ella, mas ha de vêr uma ponte muito bonita e ha de desejar passar por ella. Ella a passar, elle e a ponte a virar-se com ella! E quem isto ouvir e contar, em pedra-marmore se ha de tornar!» Respondeu por fim a ultima bruxa: «D'essa se livrará ella, mas na noite do casamento hei de tornar-me numa phantasma e hei de entrar por uma janella e degolá-la mais ó principe! E quem isto ouvir e contar, em pedra-marmore se ha de tornar!» Acabando de dizer isto, as bruxas foram-se embora. D'ahi a pouco amanheceu, e o Pedro estava muito afflicto. Foram caminhando, caminhando, e chegando a um certo sitio, appareceu um machinho muito bonito, que a princeza logo cobiçou para ir a cavallo, que ia muito cansada. Pedro, mal que ouviu isto, correu adiante e matou o macho. O principe ficou muito admirado com esta acção do Pedro, mas, como era muito amigo d'elle, não lhe disse nada. Foram caminhando, e mais adiante avistou-se uma pereira com muitas peras. A princeza appeteceu-as para as comer, mas o Pedro correu adiante, cortou a pereira e enterrou as peras. O principe mostrou-se muito sentido com esta acção. Caminharam mais, e o Pedro viu a tal ponte muito bonita. Correu adiante e deu dinheiro a uns trabalhadores para virarem a ponte, para a princeza não poder passar por ella. O principe, já muito zangado, reprehendeu o Pedro. Elle disse que mais tarde daria uma satisfação a sua alteza porque fazia aquellas coisas. Chegando a palacio, houve grandes festejos com a chegada do principe e da princeza. Fez-se o casamento, e o Pedro disse que infallivelmente havia de dormir na primeira noite no quarto dos noivos. O principe respondeu que era impossivel, mas o Pedro disse que não podia deixar de ser, e ficou armado á janella. Pela noite adiante veio a bruxa feita numa phantasma, com uma espada para degolar o principe e a princeza. Pedro levantou a sua espada e luctou com a phantasma, mas, sem querer, deu na cara da princeza, que ainda lhe fez sangue. A princeza acordou sobresaltada e começou a gritar que o Pedro era um traidor que a queria degolar. O principe ficou muito zangado e disse que o Pedro havia de ir a morrer. Elle disse para o principe, que não se importava, mas que, antes de elle morrer, pedisse ao rei que dêsse um jantar a toda a côrte, que-tinha uma coisa a declarar.

O rei fez-lhe a vontade, deu um jantar á côrte, e o Pedro nesse dia foi para a mesa real. Quando estavam no fim do jantar, declarou então tudo o que ouvira ás bruxas naquella noite em que ficaram debaixo do alpendre. Quando contou do machinho começaram a tornar-se-lhe os pés em pedra. Principiando a contar o que disse a segunda bruxa, já estava em pedra até ao joelho. O principe pediu ao Pedro, que não continuasse mais, que já tinha perdoada a morte. O Pedro, porém, ateimou que havia de declarar tudo, e, acabando o que disse a ultima bruxa, tornou-se todo em pedra-marmore. O principe com muita pena, mandou pôr a pedra de marmore debaixo da cama no seu quarto.

No fim de um anno a princeza teve um menino. Quando o principe estava um dia só no seu quarto com o menino, appareceu a bruxa e disse-lhe: «és muito amigo do Pedro, mas não és capaz de matar o teu filho, e de banhares com o sangue d'elle a pedra marmore, que se tornará outra vez em Pedro». O principe teve muita pena do filho, mas considerou que era ainda muito pequeno, e o Pedro podia livrar ainda muita gente, e fez um bocadinho de sangue no braço do menino e pô-lo na pedra. O Pedro começou a mexer, e o principe, como visse que elle vivia, teve animo e matou o menino. Untou depois a pedra com o sangue e immediatamente ella se tornou no Pedro. Quando voltou a princeza, o principe disse-lhe que o menino tinha cahido da cama abaixo e que tinha morrido. A princeza com muita pena, mandou fazer uma campa muito bonita no jardim, para o menino se enterrar. No dia seguinte, quando se estava festejando o Pedro ter resuscitado, resuscitou tambem o menino, e foram dar com elle no jardim brincando com pedrinhas. Foi grande a alegria, e viveram todos muito contentes e muito felizes.

(Lisboa).

VII

O COELHINHO

Ia uma vez um homem apregoando: «quem quer cuidados?...», e quando passou pelo palacio do rei, a princeza chegou á janella e viu flores. Voltou se para as aias e disse-lhes que lh'as fossem comprar. As aias compraram as flores, que o homem levava, e foram pô-las no jardim. A princeza todos os dias ia vêr os seus cuidados. Andando um dia a passear, viu passar um coelhinho e disse á aia que lh'o apanhasse. A aia apanhou-o e prendeu-o com uma liga da meia. Depois continuaram a passear, e enquanto deram uma volta pelo jardim, o coelhinho fugiu com a liga ao pescoço. Ficou a princeza muito triste; no outro dia á mesma hora foi outra vez passear para o jardim e viu o mesmo coelhinho. Disse á aia que o apanhasse; ella apanhou-o e prendeu-o com um lenço. Foram depois passear, e enquanto deram uma volta pelo jardim, o coelhinho fugiu com o lenço.

Quando veio a princeza com a aia, e não o viu, ficou muito triste. No outro dia, á mesma hora, a princeza foi dar o passeio do costume, e viu outra vez o mesmo coelhinho. Tirou então um grilhão de ouro que trazia com o retrato do rei, e disse á aia que prendesse o coelho, e que agora podiam passear descansadas, que elle assim não era capaz de fugir. Mas o coelho, emquanto ellas foram passear, foi-se embora com o grilhão de ouro e o retrato. A princeza, quando veio e o não viu, foi para o palacio muito triste e cahiu doente de desgosto. Vieram os medicos e disseram que a doença de sua alteza era uma paixão, e que lhe dêssem passeios e a distrahissem. Convocou-se muita gente para contarem as historias mais lindas á princeza, mas ella não lhe dava attenção.

Havia duas velhas irmãs, e um dia disse uma para a outra: «oh! mana, estava capaz de ir ao paço com as minhas historias a vêr se distrahia a princeza!» A irmã começou a tirar-lhe isto da cabeça, dizendo-lhe que á princeza não lhe faltariam lá historias mais bonitas que as d'ella. Mas a velha teimou e disse: «não importa, eu sempre lá vou com as minhas!» e pôs-se a caminho, levando uma broa de milho e umas sardinhas assadas. Chegando ao fim de uma estrada, viu um marco de pedra, e sentou-se nelle a descansar e a comer o pão e as sardinhas. Nisto viu sahir debaixo do marco de pedra, onde estava sentada, um jumento com umas cangalhas de prata e umas mãos a segurá-lo, mas não se via ninguem. A velha esperou que elle voltasse, e, quando o jumento veio, agarrou-se ás cangalhas e foi descendo por uma escada até ir ter a um palacio muito rico. Estava uma mesa posta de tudo que era bom, e a velha foi pôr-se a comer. Quando acabou, começou a reparar, e viu muitas mãos a trabalharem, mas não via mais nada, nem pessoa alguma. Via só mãos. Quando chegou a noite, deitou-se, e pela manhã cedo viu entrar um coelho do lado do jardim. O coelho foi-se banhar numa tina e tornou-se num formoso principe. Dirigiu-se para o espelho e começou a pentear-se e a dizer:

Oh! pente com que me penteio,
Oh! fitas primeiramente,
Quem me déra agora vêr,
Quem de amores está doente.

Depois banhou-se outra vez na tina, fez-se no coelho, e foi-se embora. A velha almoçou, e, quando viu sahir o jumento com as cangalhas de prata, agarrou-se a ellas e sahiu tambem. Quando se viu na estrada, foi caminhando até ir ter ao palacio da princeza, e chegando lá disse que a queria vêr para lhe contar uma historia, que a havia de distrahir. A princeza estava deitada, e quando viu a velha voltou-se para a parede. A velha não se importou e começou a contar. A princeza, mal que ouviu fallar no coelho, sentou-se logo na cama, pediu um caldo e disse á velha que continuasse. Acabada a historia, disse a princeza á velha que havia de ir com ella para vêr o palacio

e o coelho. Começou logo a melhorar; e um dia, que já estava boa, foi com a aia e a velha para o pé do marco, a vêr se vinha o jumento das cangalhas de prata. Foram pôr-se no sitio onde a velha tinha estado assentada, e d'ahi a bocado appareceu o jumento. Agarraram-se a elle e foram descendo, e a princeza muito admirada de vêr tanta riqueza e as mãos a trabalharem sem se vêr ninguem. Cada vez mais admirada foi entrando pelo palacio e vendo tudo. Foram ter a uma casa e a aia quando ia a entrar deu um grito e voltou para trás. A princeza perguntou o que era, e a aia disse-lhe que era um homem morto. A princeza disse-lhe que entrasse, e, como ella não quisesse, porque estava com muito medo, entrou ella. Deitou agua no morto e começou a rezar, e de repente o morto resuscitou e tornou-se num principe muito formoso, que era o mesmo que a velha tinha visto fazer-se no coelho. Immediatamente todas as mãos se tornaram em gente, que era uma côrte muito rica, que alli estava encantada. O principe disse então á princeza que muito lhe agradecia o ter-lhe quebrado o encanto. Perguntou-lhe a princeza para que era todo aquelle trabalho no seu palacio. O principe respondeu que era para o casamento da princeza de Napoles. Ella disse muito admirada: «a princeza de Napoles sou eu!» — «Pois estaes destinada para mim!», disse o principe. A princeza muito contente disse que sim. Depois fez-se o casamento com grande pompa, e ficaram todos no mesmo palacio muito felizes. A velha ficou sendo muito estimada, mas andava muito triste. Perguntaram-lhe o que tinha, e ella respondeu que queria ir para a sua casa. Deram-lhe muita riqueza, e mandaram-na acompanhar por um camarista. A velha foi, e quando chegou a casa, disse:

Minha casa, minha casinha,
Não ha casa como a minha,
Vá p'ro diabo a senhora rainha!

(Lisboa).

VIII

O GIGANTE ENCANTADO

Era uma vez uma mulher viuva que tinha tres filhos. Viviam muito pobres e o filho mais velho disse uma vez: «oh! minha mãe, isto assim não póde ser; eu já tenho idade e então vou por essas terras procurar algum modo de vida». A mãe chorou muito e não queria, mas o filho tanto teimou, que ella um dia arranjou-lhe um farnel e elle foi-se embora de madrugada, a correr mundo. Andou, andou, e chegando a uma terra perguntou se havia alli alguém que quisesse um criado. Disseram-lhe que em casa de um magico, que morava na terra, sempre queriam criados, e então que fosse lá saber. O rapaz foi e perguntou se alli precisavam de um criado para servir. «Vieste em boa occasião, disse-lhe o magico, e já hoje vaes entrar

em serviço; ficas ganhando uma moeda por dia, mas has de acompanhar-me para toda a parte que eu quizer ir». O rapaz ficou doido de contente por ganhar tanto, e respondeu: «oh! senhor, eu vou até ao cabo do mundo, até onde o senhor quizer». — «Pois bem, disse-lhe o magico, vamos arranjar os cavallos para partirmos». Arranjaram muitos saccos e dois bons cavallos, alforges e tudo o mais que era preciso para a viagem, e ao dar da meia noite sahiu o amo e o criado por uns caminhos muito feios e muito escuros. O rapaz não estava acostumado áquellas jornadas, ia já muito cansado e não fazia senão perguntar: «Oh! senhor, então ainda não é aqui?» O magico respondia-lhe sempre: «deixa estar, que lá havemos de chegar!» Andaram, andaram toda a noite, e pela madrugada avistaram um monte muito alto, e o magico disse: «vês aquelle monte? é lá que havemos de ir». Passado pouco tempo chegaram ao tal monte, e o magico mandou apear o rapaz e disse-lhe: «agora has de dar um tiro na barriga do teu cavallo». O rapaz, muito assustado, disse: «oh! senhor, isso é que eu não faço!» — «Pois então, respondeu-lhe o magico, dou-t'o em ti!» O rapaz ficou com muito medo e deu um tiro no cavallo. O magico aparou as tripas num sacco e mandou metter o rapaz, com mais uns poucos de saccos, dentro da barriga do cavallo. Depois puxou por um livro, começou a lêr, e o cavallo principiou a subir pelo monte, até que chegou lá acima. O rapaz sahiu e o magico perguntou-lhe cá de baixo: «que vês tu?» — «Vejo muito ouro, muita prata, muitos brilhantes, muitas pedras preciosas, e muitos ossos», respondeu o rapaz. «Pois enche os saccos, que levas, de todas essas riquezas, disse-lhe o magico, e manda com elles o cavallo para baixo, que eu o torno a mandar buscar-te». O rapaz assim fez. Tirou os saccos da barriga do cavallo, encheu-os com tudo o que havia de mais rico, e mandou o cavallo depois de carregado. O magico, quando apanhou o cavallo cá em baixo, foi-se embora e deixou o rapaz no monte, sózinho. O rapaz, mal se viu só, principiou a chorar e a procurar algumas hervas para comer, porque estava com muita fome. Depois de ter andado um bocado, encontrou uma hervasinha muito viçosa, mas com uma raiz muito grande, que lhe custou muito a arrancar. E quando a arrancou, viu no buraco uma argola de ferro de grande grossura. O rapaz teve curiosidade de saber o que aquillo era, e começou a puxar por ella. Nisto sahiu a argola, e elle viu umas escadas todas cheias de grades de ouro e muita riqueza. O rapaz, muito admirado, desceu por ellas e achou-se no meio de um palacio riquissimo. Viu uma mesa posta com os melhores manjares, e como tinha muita fome, comeu. Depois sahiu da casa de jantar, e, quando ia a entrar numa sala, viu um gigante deitado, que mal elle se approximou, lhe disse: «quem te auctorisou a entrares aqui?» O rapaz, com muito medo, deitou-se aos pés do gigante, de joelhos, pediu-lhe perdão e contou-lhe tudo quanto lhe tinha acontecido. «Pois bem! disse o gigante quando elle acabou, o teu amo é a causa do meu encanto. Não tiveste a ventura de o matar, e emquanto elle fôr vivo não posso sahir d'aquí. Mas tens ainda uma ma-

neira de me salvares: A'manhã, antes de nascer o sol, has de esconder-te por detrás d'aquelle tanque, depois hão de vir tres pombas, uma branca, outra cinzenta e outra cõr de canella. Se conseguires apanhar a branca, fazes a minha felicidade e a tua». O rapaz nem se deitou, e foi passar a noite escondido atrás do tanque. Quando principiou a amanhecer appareceram as pombas, banharam-se, e quando o rapaz foi para as apanhar, ficaram-lhe duas pennas de uma nas mãos, e ellas fugiram. O rapaz foi muito triste para o gigante e disse-lhe: «oh! senhor, a prova que eu fiz a diligencia, é que aqui trago duas pennas na mão; mas prometto que amanhã não me hão de escapar». Arranjou uma fita, e ao outro dia armou um laço no tanque. Depois escondeu-se e esperou. Apenas amanheceu, vieram as pombas, banharam-se, e quando iam para fugir, a pomba branca cahiu no laço. O rapaz ficou muito contente e foi a correr para lhe deitar a mão, mas no mesmo instante a pomba transformou-se numa linda menina. A princeza ficou muito envergonhada, e o rapaz levou-a ao gigante, que muito contente lhe disse: «agora se morresse o magico, estava acabado o meu encanto!» Apenas a menina se chegou ao gigante, logo appareceram muitos criados e aias para a servirem, e fatos muito ricos. Mas o palacio ficou sempre encantado. Os irmãos do rapaz, como elle não apparecia, disseram um dia para a mãe: «oh! minha mãe, nunca mais soubemos do nosso irmão; é bem que um de nós o vá procurar». A mãe disse: «pois sim! que vá um». Foi o filho mais novo, que era muito esperto. Andou, andou, até que chegou á mesma terra onde tinha ido o irmão, e perguntou se lhe saberiam dar noticias de um rapaz que ha tantos meses tinha ido para aquella terra e ninguem sabia d'elle. Disseram-lhe que esse rapaz tinha ido servir para casa de um magico. Elle foi lá ter á casa, bateu, e appareceu-lhe o magico, que lhe fez as mesmas perguntas que ao irmão, tomando-o por fim como criado. Quando foi meia noite, depois de terem preparado tudo, sahiram, e, chegando ao tal monte, o magico mandou dar ao rapaz um tiro na barriga do cavallo. O rapaz, como era muito esperto, viu logo que alli andava historia, e deu o tiro no cavallo. O amo aparou as tripas num sacco, depois mandou-o metter dentro da barriga do animal e começou a lêr no livro. O cavallo foi subindo, subindo, até chegar ao alto do monte. Chegando acima, perguntou o magico ao rapaz: «O que vês?» — «Vejo muita riqueza», respondeu o rapaz. «Pois bem! disse o magico, enche esses saccos e manda-os, que depois vae o cavallo para tu voltares». O rapaz o que fez? encheu os saccos de ossos e, quando o cavallo vinha para baixo, atirou uma grande pedra ao amo e quebrou-lhe as pernas. Nisto o gigante sentiu uma grande alegria, e mandou chamar o rapaz, que ainda estava com elle, e disse-lhe: «não sabes? está acabado o meu encanto! alguém matou o magico». A' medida que o magico ia acabando, o palacio ia subindo, subindo, até que de madrugada, quando o rapaz acordou, chegou á janella e viu a casa da mãe. A mãe levantou-se tambem, foi á porta, e viu defronte de casa um palacio muito lindo. Ficou muito admirada,

e nisto appareceu-lhe o filho e o irmão que tinha morto o magico. As outras duas pombas quebraram tambem o encanto, e fizeram-se em meninas muito lindas, que casaram com os dois irmãos. O gigante tambem se desencantou, porque era um principe, e casou com a menina que andava transformada em pomba branca.

(Pereira, Formoselha).

IX

A MENINA FADADA

Era uma vez um homem que tinha tres filhas. Naquella terra, quando se queriam casar as raparigas solteiras, punha-se uma bóla de oiro á porta, que era para os rapazes saberem. Por isso quando a filha mais velha quis casar, o pae foi pôr á porta uma bóla de oiro. Passavam muitas pessoas, e como viam a bóla de oiro, não se atreviam a entrar, e diziam: «nada, é muito rico, não é para mim!» Um dia passou por alli um principe, e vendo a bóla, como já sabia o costume da terra, entrou e foi pedir a menina ao pae. A menina ficou muito contente, ajustou-se tudo e casaram. D'ahi a pouco tempo o pae pôs outra bóla de oiro á porta, para casar a segunda filha. Veio outro principe, viu a bóla, e casou com ella. A terceira filha, vendo as duas irmãs casadas com principes, disse uma vez para o pae, que tambem queria casar. O pae disse-lhe que não tinha já dinheiro para mandar fazer outra bóla de oiro, mas ella disse-lhe que não tinha duvida, e que ao menos mandasse fazer uma de prata. O pae assim fez. Passou um principe, e vendo a bóla de prata disse: «nada, isto é muito pobre, não é para mim!» Depois passou um homem, e olhando para a bóla disse: «isto agora sim, é para mim!» Entrou, pediu a menina ao pae, e casou com ella. Depois foi com a menina para um sitio alli distante. As irmãs que estavam casadas com dois principes, quando souberam isto, tiveram muito desgosto e não se queriam dar com a menina. Ella no fim de nove meses deu á luz uma filha. Quando ella estava mesmo a nascer, emquanto o pae sahiu para ir buscar um remedio, passaram pela casa tres fadas e pediram alli agasalho. A menina disse que não podia ser, porque estava muito doente, mas ellas pediram muito, e tanto fizeram, que a menina deixou-as entrar. As fadas agradeceram muito, e quando estavam para se ir embora, chegaram-se ao pé da criança e, tocando-lhe com a varinha de condão, disse uma: «eu te fado para que sejas a mulher mais bonita do mundo». Disse a outra: «eu te fado para que sejas a mulher mais rica que haja». A terceira disse: «e eu te fado para que, quando tu falles, deites flôres pela bocca fóra». Depois tocaram com a varinha de condão nos trastes, e immediatamente elles ficaram muito ricos, assim como toda a casa, que se transformou num palacio, e feito isto, as tres fadas foram-se embora. As duas irmãs, quando souberam que a irmã pobre estava agora muito rica, fizeram as pazes com ella. A menina fadada foi crescendo,

e estava cada vez mais linda. Havia um príncipe, que morava alli ao pé, e que estava para casar com a filha de uma das irmãs; mas quando viu a menina fadada, gostou mais d'ella, e já não fazia caso da outra. Ella bem desconfiava, mas fingia que não se importava. Um dia o príncipe adoeceu, e os medicos mandaram-no fazer uma viagem. A menina fadada foi á torre mais alta que havia, para se despedir d'elle e o avistar até muito longe, e a noiva do príncipe foi atrás d'ella tambem. Quando a menina fadada estava olhando para o príncipe, a outra foi por trás com um ferro e passou-lh'o pelos olhos, que lh'os tirou fóra. Depois foi-se embora muito depressa. A menina fadada, muito triste por se vêr cega, ficou alli na torre a chorar. Passou um homem, que teve muito dó d'ella, levou-a comsigo e recolheu-a em casa. D'ahi a algum tempo chegou o príncipe da viagem. A noiva apresentou-se-lhe, dizendo que era a menina fadada. O príncipe dizia que não, mas ella teimava que sim. Neste comenos foram dizer á menina que o príncipe tinha chegado, mas ella, como estava cega, não sabia ir ter com elle. Vendo a menina fadada, que o príncipe afinal ia casar com a outra, lembrou-se de lhe mandar dizer se ella queria um ramo de flôres para dar de presente ao príncipe. Ella mandou dizer que sim. A menina então disse que lhe mandasse ella os olhos, que ella lhe mandaria as flôres. Assim foi; a outra, como queria dar o ramo de flôres ao príncipe, mandou os olhos á menina fadada. A menina o que fez? Ao outro dia, antes do casamento, vestiu-se toda de preto e pôs um véo pela cara. Bateu á porta, mas no palacio não a queriam deixar entrar. Por fim, tanto pediu, que sempre entrou; foi ter ao quarto do príncipe e pediu-lhe muito que não casasse. O príncipe disse que não podia ser, porque já estavam os convidados. A menina tornou a pedir-lhe, e estendeu a mão ao príncipe para elle vêr o anel que lhe tinha dado. O príncipe então levantou-lhe o véo e conheceu-a logo. A menina, como levava comsigo a varinha de condão, que as fadas lhe tinham dado, tocou com ella no fato e ficou logo ricamente vestida. O príncipe então foi ter com os convidados e disse-lhes: «eu tinha perdido uma coisa, e comprei outra em logar d'ella. Agora achei a tal coisa que tinha perdido. Qual devo eu usar, a que perdi ou a que comprei?» Disseram-lhe todos: «nada; a que achou agora». O príncipe então foi ao quarto buscar a menina fadada, contou o caso aos convidados, e foi com ella que casou.

(Lisboa).

X

A MENINA E O BICHO

Era uma vez um homem, que tinha tres filhas. Eram todas muito amigas d'elle, mas havia uma que elle estimava mais. Foi um dia á feira e perguntou ás filhas o que é que ellas queriam de lá. Uma d'ellas disse: «um chapéo e umas botas». A outra disse tambem: «um

vestido e um chale». Mas a que elle estimava mais não lhe disse nada. O homem, muito admirado, perguntou: «oh! minha filha, tu não queres nada?» — «Nada, não quero, disse ella; quero que meu pae tenha saude». — «Tu has de tambem pedir uma coisa, seja o que fôr, que eu trago-t'a», respondeu o pae. Ella, para que o pae a deixasse, disse então: «quero que meu pae me traga um córte de goraz em campo verde» (*sic*). O homem foi para a feira, comprou todas as coisas, que as filhas lhe tinham pedido, e não fazia senão procurar o córte de goraz em campo verde. Mas não encontrou; era coisa que não havia. Por isso vinha muito triste para casa, porque era a filha que elle mais estimava. Quando vinha andando, aconteceu-lhe vêr luzir uma luz no caminho, porque já era noite. Foi andando, andando, até chegar áquella luz. Era um pastor, que estava alli numa cabana. O homem chegou-se a elle e perguntou: «sabe-me dizer que palacio é aquelle, e se me podiam dar agasalho?» O pastor respondeu muito admirado: «oh! senhor, mas... naquelle palacio não habita ninguem; apparece lá uma coisa, que todos teem mêdo de lá estar!» — «Deixá-lo, disse o homem, não me hão de comer, e como não tem ninguem, vou lá dormir esta noite». Foi, encontrou tudo illuminado e muito rico, e entrando mais para dentro, viu uma mesa posta. Quando se ia a chegar á mesa, ouviu uma voz dizer: «come e vae-te deitar naquella cama que alli está, e pela manhã levanta-te e leva o que está alli em cima d'aquella mesa, que é o que a tua filha te pediu, mas ao fim de tres dias has de m'a trazer aqui». O homem ficou muito contente por levar á filha o que ella tinha pedido, mas ao mesmo tempo ficou triste pelo que a voz lhe tinha dito. Deitou-se, e ao outro dia levantou-se, foi direito á mesa e viu o córte de goraz em campo verde; agarrou nelle e foi para casa. Apenas chegou, começaram as filhas de roda d'elle: «meu pae, que é que nos trouxe? deixa vêr». O pae deu-lhes tudo quanto trazia. A outra filha, a que elle estimava mais, perguntou-lhe só se elle tinha saude. O pae respondeu-lhe: «minha filha, venho contente e ao mesmo tempo triste! aqui tens o teu pedido». A filha respondeu-lhe: «oh! meu pae, eu tinha-lhe pedido isto, porque era coisa que não havia; mas porque é que vem tão triste?» — «Porque tenho de levar-te ao fim de tres dias aonde me deram isto». E contou tudo o que lhe tinha acontecido no palacio, e o que a voz lhe tinha dito. A filha, quando ouviu tudo, respondeu: «não esteja triste, meu pae, que eu vou, e ha de ser o que Deus quiser!» Assim foi. Ao fim de tres dias o pae levou-a ao palacio encantado. Estava tudo illuminado, a mesa posta e duas camas feitas. Quando entraram, ouviram uma voz dizer: «come e deixa-te estar tres dias com a tua filha, para ella não ter mêdo». O homem esteve os tres dias no palacio, e no fim, foi-se embora, ficando a filha só. A voz fallava com ella todos os dias, mas não se via ninguem. Ao fim de uns poucos de dias a menina ouviu cantar um passarinho no jardim. A voz disse-lhe: «tu ouves o passarinho a cantar?» — «Oíço, sim, disse a menina; é alguma novidade?» — «E' tua irmã mais velha que está para casar. E tu queres

ir?», respondeu a voz. A menina, muito contente, disse: «eu quero, sim; e tu deixas-me ir?» — «Eu deixo, tornou a voz, mas tu não voltas!» — «Volto, sim», disse a menina. A voz deu-lhe então um anel para ella se não esquecer, e disse-lhe: «olha que ao fim de tres dias vae um cavallo branco buscar-te; ha de bater tres pancadas: a primeira é para te vestires, a segunda é para te despedires, e a terceira é para te montares. Se ás tres não estiveres em cima do cavallo, elle vae-se embora e deixa-te lá». A menina foi. Houve uma grande festa, e a irmã casou-se. Ao fim dos tres dias, foi o cavallo branco bater tres pancadas. A' primeira a menina começou a vestir-se, á segunda despediu-se, e á terceira montou a cavallo. A voz tinha dado á menina um caixote de dinheiro para levar ao pae e ás irmãs, e por isso ellas não queriam que ella tornasse para o palacio encantado, porque já estava muito rica. Mas a menina lembrou-se do que tinha promettido, e apenas se viu em cima do cavallo foi-se embora. No fim de tempo tornou o passarinho a cantar muito contente no jardim. A voz disse-lhe: «tu ouves o passarinho a cantar?» — «Oíço, sim, disse a menina, é alguma novidade?» — «E' a outra tua irmã que está para casar¹. E tu queres ir?», respondeu a voz. A menina, muito contente, disse: «eu quero, sim; e tu deixas-me ir?» — «Eu deixo, tornou a voz, mas tu não voltas!» — «Volto, sim», disse a menina. A voz disse então: «olha que se ao fim de tres dias não vieres, ficas lá, e serás a rapariga mais desgraçada que ha no mundo!» A menina foi. Houve uma grande festa, e a irmã casou-se. Ao fim dos tres dias veio o cavallo branco. Deu a primeira pancada, e a menina vestiu-se; deu a segunda, e a menina despediu-se; deu a terceira, e montou a cavallo e foi para o palacio. Passados tempos tornou o passarinho a cantar no jardim, mas muito triste, muito triste. A voz disse-lhe: «tu ouves o passarinho?» — «Oíço, sim, disse a menina, é alguma novidade?» — «E', sim, é o teu pae que está para morrer, e não morre sem se despedir de ti». — «E tu deixas-me ir?», perguntou a menina, muito triste. «Deixo, sim, mas d'esta vez é que tu não tornas!» — «Torno, sim», disse a menina. — A voz disse-lhe: «não tornas, não! que as tuas irmãs não te deixam vir, e tu e mais ellas, serão as raparigas mais desgraçadas d'este mundo, se não voltares ao fim de tres dias. A menina foi, o pae estava muito mal e não podia morrer, mas apenas se despediu d'ella, morreu. As irmãs, como ella tinha perdido a noite, deram-lhe dormideiras e deixaram-n'a dormir. A menina pediu muito que a acordassem antes de vir o cavallo branco. As irmãs que fizeram? Não a acordaram e tiraram-lhe o anel do dedo. Ao fim dos tres dias veio o cavallo. Bateu a primeira pancada; bateu a segunda; bateu a terceira, e foi-se embora e a menina ficou. Ella andava muito satisfeita com as irmãs, porque não tinha o anel e já se não lembrava de coisa nenhuma. D'ahi a uns poucos de dias, começou a fortuna a andar para

¹ Variante: «E' a tua irmã que teve uma menina; quero que tu vás ser madrinha. E tu queres ir?»

trás, a ella e ás irmãs. Até que uma vez as duas disseram-lhe: «mana, tu não te lembras do cavallo branco?» A menina lembrou-se então de tudo, e disse a chorar: «ai! que desgraça a minha, ai! que me desgraçaram! que é do meu anel?» As irmãs deram-lhe o anel, e a menina, com muita pena, foi-se logo embora. Chegou ao palacio encantado, e via tudo muito triste, muito escuro e muito fechado. Foi direita ao jardim, e encontrou um bicho muito grande, estendido no chão. O bicho, apenas a viu, disse-lhe: «retira-te, tyranna, que me quebraste o meu encanto! agora serás a rapariga mais desgraçada do mundo, tu e as tuas irmãs!» O bicho estava a acabar, e assim que disse isto, morreu. A menina voltou para as irmãs, muito triste e a chorar muito, metteu-se em casa sem comer nem beber, e d'alli a dias morreu também. As irmãs, essas ficaram cada vez mais pobres, por terem sido a causa d'isto tudo.

(Beja).

XI

A TORRE DA MÁ HORA

Era uma vez uma mulher, que tinha tres filhos. O mais velho pediu a benção á mãe, e um dia disse-lhe se ella lhe dava um cavallo e um leão, que elle ia correr mundo. A mãe disse-lhe: «filho, assim só, onde é que tu vaes?» — «Deixe, minha mãe, disse elle, eu vou correr mundo!» A mãe deu-lhe o cavallo e o leão, e elle partiu. Foi andando, andando, até que encontrou uma velhinha a lavar. Chegou-se o rapaz ao pé d'ella e perguntou-lhe: «oh! velhinha, que estás tu ahí a fazer?» A velha respondeu: «oh! meu filho, estou aqui a lavar, e toda a minha vida lavarei!» O rapaz tornou a perguntar: «sabeis-me dizer que torre é além aquella?» A velha disse: «ai! menino, aquella é a torre da má hora; quem lá vae não torna ¹». — O rapaz respondeu: «pois eu hei de ir, e hei de tornar, e ainda aqui te hei de achar!» Foi andando, andando, até que por fim chegou á tal torre. Era uma estalagem. Apenas o rapaz chegou á porta, veio uma velha e elle perguntou-lhe se alli era estalagem, que elle queria hospedar-se. A velha respondeu-lhe que sim. «Olhe, disse ella, tome lá esta chave e vá abrir a cavallariça. Tome também este cabellino e enrole-o á roda do pescoço do seu cavallo e do seu leão, para os prender». O rapaz assim fez. Abriu a cavallariça, metteu lá o leão e o cavallo, depois enrolou o cabelo á roda do pescoço de ambos e veio-se embora. Chegou depois á velha e pediu-lhe de comer. A velha respondeu-lhe: «ha comer, sim, senhor, meu menino, mas primeiro vamos deitar-nos a uma lucta». O rapaz não teve mais remedio, e foi luctar com a velha; mas

¹ *Variantes*: Esta torre é também chamada «torre da madorna» e «torre da Babyloia» nalguns dos nossos contos populares. A fórmula igualmente varia: «quem lá vae, fica e não torna», «quem lá vae não volta», etc. (Cfr. A. Coelho, *Contos populares portugueses*. — A torre da Babyloia não é o mesmo conto).

viu-se tão afficto, porque a velha era uma bruxa, que começou a chamar pelo cavallo e pelo leão: «acudi-me, meu cavallo e meu leão!» A velha respondeu: «engrossa-te, cabellino, cabellão, á roda do teu cavallo e do teu leão!» Immediatamente o cabelo se fez numa grossa corrente, que os prendeu, e não poderam vir acudir ao rapaz. A velha continuou a lutar, até que por fim o rapaz morreu. E quando o viu morto, ella foi enterrá-lo numa cova onde já estavam muitas pessoas mortas tambem. D'ahi a tempos o segundo irmão, quando viu que o mais velho não voltava, disse á mãe que lhe deitasse a benção e que lhe dêsse um cavallo e um leão, porque elle queria tambem ir correr mundo á procura do seu irmão. A mãe disse: «oh! meu filho, para ficares lá, como o outro teu irmão, que nunca appareceu!» Elle respondeu: «não tem duvida, minha mãe». Como elle teimasse, a mãe deu-lhe o cavallo, o leão e um taleigo de dinheiro. O rapaz foi-se embora, andou, andou, chegando afinal ao mesmo sitio onde estava a velha a lavar. O rapaz perguntou-lhe: «oh! velhinha, que estás tu ahí a fazer?» A velha respondeu: «oh! meu filho, estou aqui a lavar, e toda a vida lavarei». O rapaz tornou a perguntar: «sabeis-me dizer que torre é além aquella?» A velha disse: «ai! menino, aquella é a torre da má hora; quem lá vae não torna!» O rapaz respondeu: «pois eu hei de ir e hei de tornar, e ainda aqui te hei de achar!» — «Ora, disse a velha, já aqui passou um menino que disse o mesmo, e elle não voltou». O rapaz respondeu: «pois, esse era meu irmão, e eu hei de lá ir e hei de o trazer!» Foi-se dirigindo para a torre, veio a velha, e elle perguntou-lhe se alli era alguma estalagem, que elle queria hospedar-se. A velha respondeu-lhe que sim. «Olhe, disse ella, tome lá esta chave e vá abrir a cavallariça. Tome tambem este cabellino e enrole-o á roda do pescoço do seu cavallo e do seu leão para os prender». O rapaz assim fez. Abriu a cavallariça tambem, mettem lá o leão e o cavallo e prendeu-os com o cabelo, que lhe tinha dado a velha. Depois veio-se embora, e foi á velha pedir de comer. Ella respondeu-lhe: «ha comer, sim, senhor, meu menino, mas primeiro vamos deitar-nos a uma lucta». O rapaz chamou: «acudi-me, meu cavallo e meu leão!» A velha respondeu logo: «engrossa-te, cabellino, cabellão, á roda do teu cavallo e do teu leão!» Immediatamente o cabelo se fez numa grossa corrente, que os prendeu, e elles não poderam vir acudir ao rapaz. A velha matou-o, e, quando o viu morto, foi enterrá-lo na cova onde estava o outro irmão. D'ahi a tempos o irmão mais novo, como via que os outros não voltavam, pediu á mãe a benção, um cavallo e um leão, e foi correr mundo á procura d'elles. Chegou ao sitio onde a velha estava a lavar e perguntou-lhe: «oh! velhinha, que estás ahí a fazer?» A velha respondeu: «oh! meu filho, estou aqui a lavar, e toda a vida lavarei; porque uma vez estava eu a lavar ao domingo, e passou um pobresinho e perguntou-me se eu estava a lavar ao domingo. Eu respondi-lhe que sim, porque ao domingo tambem comia, e elle disse-me que então lavaria toda a minha vida». O rapaz tornou a perguntar: «sabeis-me dizer, que torre é além aquella?» A velha res-

pondeu: «ai! menino, aquella é a torre da má hora; quem lá vae não torna!» O rapaz disse: «pois eu hei de ir, hei de tornar e ainda aqui te hei de achar!» — «Ora, disse a velha, já aqui passaram dois meninos que disseram o mesmo, e não voltaram!» O rapaz respondeu: «pois esses eram meus irmãos, e eu hei de ir e hei de os trazer!» Dirigiu-se para a torre, e quando chegou estava a velha á porta. O rapaz perguntou-lhe se alli era alguma estalagem, que elle queria hospedar-se. A velha respondeu-lhe que sim, e disse-lhe: «olhe, tome lá esta chave e vá abrir a cavallariça. Tome tambem este cabellino e enrole-o á roda do pescoço do seu cavallo e do seu leão». O rapaz pôs o cavallo e o leão na cavallariça, mas em logar de os prender, cortou com uma tesourinha, que levava, o cabelo da velha aos bocadinhos. Depois veio-se embora e pediu de almoçar. A velha respondeu-lhe: «ha de almoçar, sim, senhor, meu menino, mas primeiro vamos deitarnos a uma luta!» O rapaz chamou logo: «acudi-me, meu cavallo e meu leão!» A velha disse: «cabellino, cabellão, engrossa-te á roda do teu cavallo e do teu leão!» Mas o rapaz tinha cortado o cabelo aos bocadinhos e tinha-os atirado para o mar. O leão e o cavallo acudiram logo. O rapaz disse então para a velha: «has de apresentar me para aqui os meus irmãos, senão morres!» A velha respondeu: «ai! meu senhor, eu não sei dos seus irmãos». O rapaz disse que a ia matar, e a velha não teve outro remedio senão confessar onde elles estavam. Depois deu um oleo para os untar, e um cheiro para elles cheirarem. O rapaz foi untar os irmãos, e, quando lhes deu o cheiro a cheirar, elles voltaram logo a si. Depois, mal se viram os tres, foram-se á velha, abriram uma cova e enterraram-na viva.

(Beja).

XII

A MADRASTA

Era uma vez um homem viuvo, que tinha um filho e uma filha. A menina andava no collegio, e a mestra andava-lhe sempre a dizer que dissesse ao pae para casar com ella. A mestra tinha tres filhas: uma era torta, outra era côxa e a outra era cega. A menina todos os dias ia para casa e dizia: «case, meu pae, com a mestra, que ella dá-me bolinhos de mel». O pae respondia-lhe: «ella dá-te bolinhos de mel, depois dá-t'os de fel!» O pae comprou um chapéo, trouxe-o para casa e disse para a filha: «quando este chapéo se estragar, é que eu caso com a tua mestra», e pendurou-o num prégio. A menina foi á mestra e contou-lhe o que o pae lhe dissera. Ella disse-lhe: «pois bem, has de trazer-me cá o chapéo». A menina, um dia que o pae tinha sahido, levou-lh'o, e a mestra mettu-o n'um forno e cortou-o todo; depois a menina tornou a pô-lo no seu logar. O pae uma vez pôs o chapéo e estragou-se-lhe logo. Disse elle para a filha: «agora é que eu caso com a tua mestra, que se estragou o meu chapéo». Mas ainda

comprou umas botas e disse: «quando estas botas se estragarem, é que eu caso». A menina foi outra vez dizer á mestra, e ella pediu-lhe as botas e metteu-as no forno. O pae um dia foi a calçá-las e estragou-as. Chamou a filha e disse-lhe: «agora é que eu não tenho mais remedio: caso com a tua mestra, que se romperam as botas». Fez-se o casamento, mas apenas se viu casada, logo a mestra começou a tratar muito mal a menina, e a fazê-la trabalhar muito. As filhas da mestra, essas não faziam nada. Um dia o pae comprou cinco réis de pinhões e disse: «meus filhos, venham comigo», e foi para o mato. Mas o filho e a filha iam a comer os pinhões e deixando cahir as cascas no caminho. Entraram no mato, e chegando ao pé de uma arvore, disse o pae: «fiquem aqui, meus filhos. Fica esta cabacinha. Enquanto ella bater, é que eu estou no mato. Quando ella deixar de bater, é que eu não estou e que os venho buscar». E foi-se embora. Os dois ficaram sós, e a cabaça, como lhe dava o vento, estava sempre a bater. Elles olhavam para a cabaça, e o irmão não fazia senão dizer: «oh! mana, o nosso pae já não pôde estar aqui!» A menina respondeu-lhe: «mas a cabaça ainda está a bater». — «E' porque lhe dá o vento», disse o irmão. Resolveram-se afinal, a sabir do mato, porque já era quasi noite, e foram seguindo as cascas de pinhão, que tinham vindo deixando pelo caminho. Enquanto as viram, foram bem; depois as cascas faltaram, e elles perderam-se. Ao anoitecer encontraram uma velhinha, que lhes disse: «oh! meninos, que fazeis aqui?» Elles responderam: «estamos aqui, porque o nosso pae nos trouxe para o mato, e deixou-nos ficar sós; disse-nos que, enquanto uma cabaça batesse, é que elle estava no mato, e que quando ella deixasse de bater, é que já não estava, e nos vinha buscar. Mas a cabaça batia por causa do vento, e elle foi-se embora». A velhinha era fada, e disse para elles: «ora venham cá os meus meninos comigo». O menino pô-lo a servir, e a menina levou-a para casa. Deu-lhe uma bacia e um raminho de flôres, e disse para ella: «olhe, a menina ponha-se aqui a esta janella, e com este raminho de flôres e com esta bacia, diga: *«raminho de intingil (sic), isto já são horas do meu amorzinho vir!»* A menina assim fez. Todos os dias se punha á janella, com o ramo e a bacia, e dizia: «raminho de intingil, isto já são horas do meu amorzinho vir!» Immediatamente lhe apparecia um passarinho, e deixava-lhe muito dinheiro. Depois ia-se embora outra vez. A menina, com este dinheiro, comprou muita coisa, e já tinha muitas joias e estava muito bem vestida. A fada dizia-lhe sempre que, quando se visse em alguma afflicção, que chamasse por ella. Uma vez, estava a menina muito bem vestida á janella. E quem havia de passar? Uma das filhas da mestra — a torta. Olhando para a janella, viu a menina e foi dizer á mãe como ella estava bem vestida. A mestra, muito admirada, perguntou: «então ella tinha ficado no mato e os bichos não a comeram?» A filha respondeu: «eu não sei, ella lá estava á janella, muito bem vestida!» D'ahi a dias foi a côxa, e ao tempo que ella ia a passar, viu a menina muito bem vestida á janella com o ramo de

flôres e a bacia, e ouviu-lhe dizer: «raminho de intingil, isto já são horas do meu amorzinho vir!», e depois viu vir o passarinho e deixar-lhe muito dinheiro. A côxa veio para casa, e a mãe perguntou-lhe: «então viste alguma coisa?» A filha respondeu: «vi-a á janella, muito bem vestida, mas não vi mais nada». E ella não disse que tinha visto o passarinho vir e trazer-lhe muito dinheiro. A mestra então mandou a cega. Ella foi, ouviu a menina dizer: «raminho de intingil, isto já são horas do meu amorzinho vir», mas veio para casa e não disse nada. A torta disse então: — «pois agora vou lá eu outra vez, e hei de vêr alguma coisa!» E levou um lenço cheio de vidros, sem dizer nada. Chegou lá, escondeu-se, e ouviu a menina dizer as palavras do costume e vir o passarinho. Assim que o viu, a torta deitou-lhe o lenço de vidros. O passarinho ficou todo cortado e cahiu dentro da bacia, a escorrer em sangue. A menina não viu quem tinha sido, mas, muito triste, chamou pela fada. A fada veio e disse-lhe: «se me chamasses mais cedo, dava-lhe vida; agora não posso, que elle está morto». A menina chorou muito pelo passarinho. Um dia estava ella á janella, e passou um principe. O principe, mal que a viu, disse: «oh! que menina tão linda!» Entrou e perguntou á menina se queria casar com elle. A menina disse-lhe que não dizia nada, sem fallar com a fada. Chamou por ella, e contou-lhe o que o principe lhe tinha dito. A fada disse que sim, que podia casar. Casaram e foram muito felizes sempre.

(Beja).

XIII

A AFILHADA DE S. PEDRO

Havia um homem e uma mulher casados, e tinham tantos filhos, que naquella terra não havia já quem fosse padrinho. Tiveram mais um filho, e o pai, sem saber a quem devia pedir, foi por uma estrada fóra. Encontrou um velhinho, que era S. Pedro vestido em traje de pobre. S. Pedro, quando viu o homem, perguntou-lhe: «que é que fazes por aqui?» O homem respondeu, muito triste: «ora deixe-me, meu senhor: tenho tanto filho, que já não ha quem queira ser padrinho d'este filho, que me nasceu. E' uma filha e não acho quem queira ser seu padrinho!» O velho respondeu então: «pois eu serei seu padrinho; põe-lhe o nome de Pedro, e, quando ella tiver sete annos, has de m'a trazer aqui a este sitio». Depois S. Pedro deu-lhe uma bolsa com dinheiro e foi-se embora. O homem foi muito contente para casa e contou á mulher o que lhe acontecêra com o velho que tinha encontrado, e mostrou o dinheiro que elle lhe deu. A menina foi crescendo, crescendo, até que passaram os sete annos. O homem, como já estava muito rico, tinha pena de levar a filha ao tal sitio, mas, como tinha promettido, sempre a levou. Quando chegou já lá estava o padrinho. S. Pedro disse-lhe: «vae-te embora e deixa-a, que aqui fica entregue

a mim». O homem voltou para casa. S. Pedro foi andando com a menina por uma estrada abaixo. Num certo sitio encontraram uma pereira carregadinha de peras. S. Pedro perguntou á menina: «tu vês aquellas peras?» — «Vejo», respondeu a menina. «E tu góstas?» tornou a perguntar-lhe S. Pedro. — «Gosto, sim, meu padrinho», disse a menina. Foram mais adiante, e viram umas ovelhinhas muito gordas, mas com muito pouco pasto, e depois encontraram outras muito magras e com muito pasto. Foram mais adiante e lá muito ao longe viram uma grande lavareda e uma coisa muito escura. S. Pedro perguntou á menina: «tu vês aquella lavareda?» A menina respondeu: «vejo, sim, meu padrinho; o que é aquillo?» S. Pedro respondeu: «aquillo é o purgatorio, para onde vão as pessoas que morrem, e que são soberbas e más. Tu não viste aquellas ovelhas tão magras com tanto comer adiante? são todas as pessoas soberbas, e vão alli para o purgatorio. E não viste aquellas ovelhas gordas, com pouco de comer? são as pessoas boas, que fizeram bem cá no mundo, e vão para o céu. E não viste aquella pereira carregadinha de peras? as peras são os anjinhos, que são bons e que vão para o céu também. E agora tu vaes servir, e has de aturar muita coisa, porque aquelles que aturam e teem paciência vão para o céu». Depois S. Pedro deu-lhe muitos conselhos, e disse-lhe que, quando se visse nalguma afflicção, que chamasse por elle, e que nunca se vestisse de mulher. A menina foi ter ao palacio do rei, e perguntou se precisavam de um criado. Um camarista foi dizer ao rei, e o rei mandou dizer que sim. Perguntaram-lhe como se chamava, e ella disse que Pedro. Entrou para o palacio do rei, e o serviço que fazia era guardar patos. A' noite, Pedro foi deitar-se, e a rainha foi ter ao quarto com elle. Elle fugiu. A rainha enraiveceu-se, e, pela manhã, quando se levantou, deitou um annel ao mar e depois foi dizer ao rei: «não sabeis? cahiu-me o meu annel ao mar, e o Pedro disse que era capaz de o ir buscar!» O rei mandou-o chamar e perguntou-lhe: «oh! Pedro, a rainha disse-me que tu tinhas dito, que eras capaz de ires ao fundo do mar buscar um annel, que lhe cahiu esta manhã. E's capaz?» A menina respondeu: «pois se a rainha disse isso, é porque eu serei capaz!» Foi para o quarto e começou a chorar, porque não tinha dito tal coisa e não era capaz de o fazer. De repente lembrou-se de chamar pelo padrinho, e disse: «valha-me aqui o meu padrinho!» S. Pedro appareceu-lhe logo, e perguntou: «que estás tu a chorar? tem paciência, que assim é que se levam as coisas!» A menina contou ao padrinho o que lhe tinha acontecido com a rainha, e o que ella por vingança tinha ido dizer ao rei. S. Pedro disse-lhe: «pois olha, amanhã no palacio compram peixe, e tu vaes pedir ao criado que costuma abrir o peixe, que t'o deixo abrir a ti». A menina assim fez. Ao outro dia compraram peixe, e ella foi pedir ao criado, que lh'o deixasse amanharr. Abriu o peixe, lá estava o annel, e a menina foi levá-lo á rainha. A rainha ficou desesperada, mas não disse nada. Ao outro dia tornou a ir ter ao quarto com o Pedro, mas elle fugiu. A rainha ficou enraivecida outra vez, e

foi dizer ao rei: «não sabeis? o Pedro diz que é capaz de moer um moio de trigo esta noite!» O rei mandou-o chamar e perguntou-lhe: «oh! Pedro, a rainha contou-me que tu tinhas dito que eras capaz de moer um moio de trigo esta noite. E's?» Elle respondeu: «se a rainha o disse, é porque serei capaz!» Foi para o quarto a chorar e disse: «valha-me aqui o meu padrinho!» Apareceu-lhe logo S. Pedro, e perguntou-lhe: «que tens tu, que estás a chorar?» A menina contou-lhe tudo. S. Pedro disse-lhe: «olha, pede que te dêem os apressados todos e o trigo, e põe tudo no quarto e deita-te a dormir. A' manhã levanta-te e vae buscar a farinha». A menina assim fez. Pediu o que era necessario, e trigo. Pôs tudo no quarto e deitou-se a dormir. Ao outro dia, quando se levantou, encontrou a farinha toda prompta, e foi levá-la ao rei. A rainha ficou ainda mais desesperada, mas não disse nada. A' noite foi ter com o Pedro ao quarto, e elle tornou a fugir. O rei tinha uma filha, que estava encantada na Moirama. A rainha, ao outro dia, foi-lhe dizer: «não sabeis? o Pedro disse que era capaz de ir desencantar a nossa filha, que está na Moirama!» O rei mandou-o chamar e disse-lhe: «oh! Pedro, a rainha contou-me que tu lhe tinhas dito, que eras capaz de ir desencantar a nossa filha, que está na Moirama! E's capaz?» O Pedro respondeu: «pois se a rainha o disse, serei capaz». A menina foi para o quarto a chorar, porque isto é que ella lhe parecia impossivel fazer. No meio da sua afflicção, disse: «valha-me aqui o meu padrinho!» Apareceu-lhe logo S. Pedro, que lhe perguntou: «o que é que tens e porque estás a chorar tanto?» A menina contou o que, por vingança, a rainha tinha ido dizer ao rei. S. Pedro disse: «toma lá estes tres canudos. Diz que te arranjem dois cavallos, e vae andando, andando, e onde os cavallos pararem já ella ha de estar á tua espera. Quando tu voltares, olhas para trás. Os moiros hão de vir atrás de ti, e tu atiras o primeiro canudo, e se elles continuarem, o segundo e depois o terceiro». A menina assim fez. Pediu ao rei tres cavallos, foi andando, e quando chegou a um certo sitio, onde os cavallos pararam, viu a princeza. Vinham-se já embora, e a menina olhou para trás e viu os moiros, que vinham atrás d'ella. A menina mal que os viu atirou com o primeiro canudo. Formou-se um nevoeiro. Ellas passaram, mas os moiros custou-lhes mais. A princeza, á sahida da Moirama, deu um «ai». Quando chegaram mais adiante a menina tornou a olhar para trás. Viu vir os moiros outra vez atrás d'ellas. Atirou-lhes com o segundo canudo, e formou-se um silvado. Ellas passaram bem, mas os moiros custou-lhes muito a passar. A princeza, quando chegou ao meio do caminho, deu outro «ai». Mais adiante tornou a menina a olhar para trás, e viu vir ainda os moiros. Atirou-lhes com o terceiro canudo e formou-se um mar. Ellas passaram, mas os moiros d'esta vez já não poderam. Quando chegaram ao palacio a princeza deu outro «ai». A rainha assim que viu a filha ficou muito enraivecida, e foi dizer ao rei que o Pedro tinha dito que era capaz de dar falla á princeza, que era muda. O rei mandou chamar a menina e perguntou-lhe se era capaz de fazer o que tinha dito.

A menina disse que se a rainha o dissera, é porque seria capaz, mas foi para o seu quarto a chorar, e disse: «valha-me aqui o meu padrinho!» Apareceu-lhe logo S. Pedro e perguntou-lhe: «que é que tens, que estás a chorar?» A menina contou-lhe tudo, e S. Pedro ensinou-lhe o que ella havia de fazer. A menina foi d'alli ter com o rei, e disse-lhe que a mandasse matar se quisesse, mas que ella não podia dar falla á princeza. A rainha ficou muito contente, e decidiram mandar enforcar o Pedro. Quando já estava com a corda ao pescoço, em frente de toda a côrte, a menina pediu licença para dizer tres coisas ao mundo. O rei disse que sim, e ella perguntou:

«Oh! Anna Deladana,
Porque deste tu um ai á sahida da Moirama?»

A princeza respondeu:

«Porque a minha mãe foi ter comtigo tres vezes á cama!»

A menina tornou a perguntar:

«Oh! Anna Deladana,
Porque deste tu um ai a meio do caminho?»

A princeza respondeu:

«Porque S. Pedro é teu padrinho!»

A menina tornou a perguntar:

«Oh! Anna Deladana,
Porque deste tu um ai á entrada do palacio?»

A princeza respondeu:

«Porque és femea e julgam que és macho!»

O rei então viu que a menina estava innocente, mandou descê-la da forca, casou com ella, e deu ordem para se matar a rainha.

(Beja).

XIV

OS DOIS PEQUENOS E A BRUXA

Era uma vez uma mulher, que tinha um filho e uma filha. Um dia a mãe mandou o filho buscar cinco réis de tremços, e depois disse para os dois: «meus filhinhos, até onde acharem as casquinhas de tre-

moços, vão andando pelo caminho fóra, e em chegando ao mato lá me hão de encontrar a apanhar lenha». Os pequenos assim fizeram. Depois de a mãe sahir, foram andando pelas cascas de tremoços que ella ia deitando para o chão, mas não a encontraram. Como já era noite, viram ao longe uma luz accesa. Foram caminhando para lá, e viram uma velha a frigar bolos. A velha era cega de um olho, e o pequeno foi pela banda do olho cego e furtou-lhe um bolo, porque estava com muita fome. Ella, julgando que era o gato, disse: «sape, gato! bula que não bula, que te importa a ti?» O pequeno disse para a irmã: «agora vae lá tu!» A pequena respondeu: «não vou lá, que eu pego-me a rir». O pequeno disse que ella havia de ir, e a irmã não teve mais remedio, e foi. Foi pelo lado do olho cego, e tirou outro bolo. A velha, que julgava outra vez que era o gato, disse: «sape, gato! bula que não bula, que te importa a ti?» A pequena largou-se a rir. A velha voltou-se, viu os dois pequenos, e disse para elles: «ai! sois vós, meus netinhos! comei, comei, para engordar!» Depois agarrou nelles e met-teu-os num caixão cheio de castanhas. No outro dia chegou ao caixão e disse para elles: «deitae os vossos dedinhos, meus netinhos, que é para vêr se estaes gordinhos». Os pequenos deitaram o rabo de um gato, que acharam dentro do caixão. A velha disse então: «sahi, meus netinhos, que já estão gordinhos». Tirou-os para fóra do caixão e disse-lhes para irem á lenha com ella. Os pequenos foram para o mato por uma banda, e a velha foi por outra. Quando chegaram a um certo sitio, encontraram uma fada. A fada disse-lhes: «andaes á lenha, meninos, para aquecer o forno, mas a velha quer assar-vos nelle!» Depois contou que a velha havia de dizer para elles: *sentae-vos, meus netinhos, nesta pázinha, para vos vêr balhar dentro do forno*. E que elles lhe haviam de dizer, que se sentasse ella primeiro, para elles vêrem como era. A fada foi-se embora. D'ahi a um bocado encontraram-se os pequenos com a velha no mato. Apanharam a lenha toda que tinham cortado, e foram para casa accender o forno. Depois de accenderem o forno, a velha varreu-o muito bem varrido, e depois disse para elles: «sentae-vos, meus netinhos, nesta pázinha, para vos vêr balhar dentro do forno». Os pequenos responderam, como a fada os tinha ensinado: «sentae-vos aqui primeiro, avózinha, nesta pázinha, para nós vos vêrmos balhar dentro do forno». A velha, como queria assá-los, sentou-se na pá, e elles mal a viram sentada, empurraram a pá para dentro do forno. A bruxa deu um grande estoiro e morreu queimada, e os pequenos ficaram senhores da casa e de tudo quanto ella tinha.

(Caldas da Rainha).

Variante

Era uma vez tres irmãos, que iam por uma estrada. Escureceu-lhes no caminho e viram ao longe uma luzinha. Foram andando, andando, até que chegaram áquella luz. Era uma velha que estava a

frigir filhozes. Os irmãos disseram uns para os outros: «vamos para cima do telhado». Fizeram um espeto de pau muito comprido, e subiram depois para o telhado. A velha tirava as filhozes para um prato, e tinha um gato ao pé de si. Os irmãos iam com o espeto lá de cima do telhado, espetavam as filhozes e levavam-nas para comerem. A velha, como estava alli o gato e via sempre o prato sem nada, não fazia senão dizer: «sape, gato! tanta filhoz come!» Os irmãos eram afilhados de S. Pedro, e, quando ouviram a velha dizer isto, riram-se. Ella olhou para o telhado, viu-os, e começou a dizer-lhes que viessem para baixo. Elles não queriam; mas ella tanto fez, que elles desceram. Quando os viu em baixo, a velha disse para elles: «olhae, meus meninos: agora ponham-se alli naquella pá do forno». Os irmãos responderam: «não, tia velhinha; ponha-se lá vossemecê primeiro, que a gente, em a vendo, logo se põe». A velha, julgando que elles não sabiam nada, pôs-se na pá. Elles assim que a viram lá, começaram a gritar: «acuda S. Pedro, S. Pedrinho, que está a velha na pá do forno!» Acudiu logo S. Pedro, empurrou a velha para dentro, atçou o fogo e fechou a porta. Depois os tres irmãos ficaram muito bem a comer as filhozes.

XV

A MENINA COM A ROSA NA TESTA

Era uma vez dois irmãos, um principe e uma princeza, que eram muito amigos. O principe tinha um jardim de que ninguem tratava, senão elle. Um dia tinha de ir para a guerra, mas estava com muita pena, porque não queria deixar o jardim a mais ninguem. Disse-lhe a irmã: «olha, mano, vae descansado, que do jardim trato eu». O principe então foi muito contente. A princeza, para não deixar o jardim só, porque o irmão estava sempre lá, mandou vir a cama d'ella para debaixo de uma roseira. Alli, passado tempo, teve uma criança, que era uma menina, com uma rosa na testa. A princeza estava muito triste por lhe acontecer isto, sem ella saber como, porque estava no jardim de dia e de noite. A menina começou a crescer, e ella mandou-a para um collegio, mas recommendou-lhe muito que não se dêsse a conhecer a ninguem, porque, se se dêsse a conhecer, mandava-a matar. A menina andava no collegio e o principe estava para chegar, e assim que chegasse havia de ir visitar os collegios todos, aonde ia ao collegio em que estava a menina. A princeza, como sabia isto, disse á filha que o principe havia de ir lá, mas que se não dêsse a conhecer, senão que ella mandava-a matar. Quando o principe chegou ao collegio, disse: «oh! cá está uma menina de mais!» Fallaram todas as outras meninas, mas aquella não levantava a cabeça, para lhe não vêrem a rosa na testa, nem se ria como as outras. O principe disse para ellas: «qual é a que me ha de fazer uma camisa?» As meninas responderam logo: «eu, eu, eu...». Mas a menina da rosa na testa, essa

ficou calada. O príncipe, quando viu aquillo, disse: «pois a que ficou calada, é que m'a ha de fazer! Faz-m'a?» A menina fez com a cabeça que sim. Foi para casa, e disse á mãe o que o príncipe lhe tinha pedido para ella fazer. O príncipe não dava por ella. A menina estava no palacio, e elle não sabia nada. A princeza disse á filha que fizesse a camisa, mas que se não dêsse a conhecer, senão que a mandava matar. Ella foi para o collegio, pôs-se a trabalhar, e fez a camisa num dia. Quando o príncipe veio, a menina deu-lhe a camisa prompta; elle agradeceu muito, achou-a muito bem feita, mas não viu a rosa na testa á menina, porque ella trazia sempre a cabeça tapada. O príncipe, quando veio para o palacio, disse á princeza que tinha encontrado no collegio uma menina com muita habilidade, que num dia lhe fizera uma camisa muito bem feita. Quando o príncipe acabou de dizer isto, passou um homem a apregoar cerejas. Elle chamou o homem, comprou-lhe a canastra de cerejas todas, foi ao collegio, e disse ás meninas que comessem. Todas começaram a comer, muito contentes, só a menina da rosa na testa é que não comia. O príncipe perguntou-lhe: «então não come?» Ella fez que não com a cabeça. Elle então, muito admirado por a não vêr nunca fallar, perguntou á mestra: «aquella menina é muda?» A mestra respondeu: «é muito vergonhosa (sic), e se se ateuja muito com ella, começa a chorar». As meninas principiaram d'umas para as outras a jogar com as cerejas. E onde havia de calir uma? na cabeça da menina da rosa na testa. No outro dia a mãe foi penteá-la para ella ir para o collegio, e achou-lhe uma cereja no cabello, e disse-lhe: «oh! tyranna, que te dêste a conhecer!» Enterrou-lhe um pente na cabeça e matou-a. Depois mandou-a metter dentro de um caixão com as suas joias todas, e fechou-a num quarto, e d'ahi a pouco tempo, com paixão da filha, morreu tambem. Mas antes de morrer entregou as chaves do tal quarto ao príncipe, e disse-lhe que alli não mexesse nunca. O irmão, para cumprir o que a princeza lhe tinha pedido, arrecadou as chaves separadas. Depois a princeza morreu. O príncipe então lembrou-se de casar, e deu todas as chaves á mulher, mas disse-lhe que abrisse todas as portas que quisesse, menos a do quarto em que a princeza antes de morrer lhe tinha dito que não mexesse. O príncipe foi para a caça, e a mãe da mulher, que estava com ella no palacio, quis abrir o quarto, mas a filha disse-lhe que não, porque o príncipe o tinha recommendado. A mãe teimou, e disse que, se elle não queria que o quarto se abrisse, é porque tinha lá dentro alguma coisa. Emfim, tanto fez, que abriu o quarto. Entraram, e a primeira coisa que viram, foi um caixão muito grande. A mãe disse logo: «ai! eu vou vêr o que está alli dentro d'aquelle caixão!» Foi abrir, e viu uma menina muito linda com uma estrellá na testa, sentada a bordar. A mãe disse para a filha: «então que te dizia eu?» A filha, com muitos ciúmes da menina, foi aquecer uns ferros, tirou-a para fóra e ferrou-a muito bem ferrada com os ferros a ferver (sic), de modo que a queimou toda. Quando veio o príncipe da caça, a mulher disse-lhe: «não sabeis? está alli uma escurumbinha, que com-

prei, que é para nos fazer os recados». O principe tinha de ir á feira, e perguntou á mulher o que queria que lhe trouxesse. Ella disse-lhe que perguntasse tambem á escarumbinha. O principe perguntou-lhe o que ella queria. Ella disse que não queria nada; mas como elle teimasse, ella pediu-lhe que lhe trouxesse *pedra da era* (= d'ara). Quando o principe veio da feira, foi dar a *pedra da era* á pretinha. Ella foi para o seu quarto, deitou-se, e o principe, com muita curiosidade de vêr o que ella fazia, mettu-se debaixo da cama. A preta começou a contar a sua vida á pedra: «pedra da era! eu era filha de uma princeza, irmã d'este meu tio, que está neste palacio, que casou, mas elle não sabe que eu sou sobrinha d'elle. Estava num caixão encantada, e a mulher d'elle e a mãe ferraram-me com um ferro a ferver e queimaram-me toda muito bem queimada; depois, quando o principe veio da caça, disseram-lhe que eu era uma escarumbinha. Aqui tens, pedra; já te contei a minha vida toda». O principe, que estava debaixo da cama, sahiu muito depressa, abraçou-a e perguntou-lhe o que é que queria que fizesse á mulher, porque já a não queria no palacio. A menina disse: «façam-lhe o mesmo que ella me fez a mim!» O principe então mandou pôr os mesmos ferros no lume, queimou a mãe e a filha muito bem queimadas, e depois mandou mettê-las vivas numa parede. Ficou no palacio com a sobrinha, e não quis casar mais.

(Beja).

XVI

A PRINCEZA QUE NÃO QUERIA CASAR COM O PAE

Era uma vez um rei e uma rainha, e depois a rainha morreu e deixou um anel em cima da mesa e disse, que a quem aquelle anel servisse, é que havia de casar com o rei. A princeza por um acaso foi acima da mesa, viu aquelle anel e mettu-o no dedo. Depois foi dizer ao rei: «real senhor, não sabe? este anel que aqui achei em cima da banca, nem que fosse para mim... serve-me tão bem!...» O rei disse: «ai! filha, tens de casar commigo, que a tua mãe disse que a quem esse anel servisse é que eu havia de casar com ella!» A princeza, muito triste, foi-se a chorar para o quarto, que tinha uma janella para o jardim. Apareceu-lhe uma velhinha, que lhe perguntou: «que tendes, real senhora?» A princeza respondeu: «ora que hei de ter? o meu pae diz que eu hei de casar com elle». A velhinha disse-lhe: «olhe, real senhora, diga a seu pae que casa com elle, só comprando-lhe um vestido côr das estrellas que ha no céu». E a velhinha foi-se embora. A princeza foi ter com o pae, e elle perguntou-lhe: «então, filha, nós casamos?» Ella respondeu-lhe: «olhe, meu pae, eu caso só comsigo, comprando-me um vestido côr das estrellas que ha no céu». O pae foi, comprou-lhe o vestido e trouxe-lh'o já feito e prompto. A princeza foi outra vez a chorar para o quarto. Apareceu-lhe a mesma velhinha, que lhe perguntou: «que tendes, real senhora?» Ella

respondeu: «ora, que hei de eu ter? meu pae quer casar commigo, e já me trouxe o vestido que eu lhe pedi!» A velhinha disse-lhe: «pois agora diga-lhe a real senhora, que traga um vestido côr das flôres, que ha no campo». A princeza assim fez, e disse ao pae, que só casava com elle, comprando-lhe um vestido côr das flôres, que ha no campo. O rei comprou-lhe o vestido e trouxe-lh'o já feito e prompto. A princeza foi outra vez a chorar para o quarto. Apareceu-lhe a velhinha, que lhe perguntou: «que tendes, real senhora?» A princeza respondeu: «ora, que hei de eu ter? meu pae já me trouxe o segundo vestido, e quer por força casar commigo». A velha disse-lhe: «pois diga-lhe a real senhora, que casa com elle, só trazendo-lhe um vestido de varias côres». A princeza assim fez. Foi e disse ao rei, que só casava com elle trazendo-lhe um vestido de varias côres. O rei comprou-lhe o vestido e trouxe-lh'o já feito e prompto. A princeza foi a chorar para o quarto. Apareceu-lhe a velhinha e perguntou-lhe: «que tendes, real senhora?» Ella respondeu: «ora, meu pae já me trouxe o terceiro vestido, e quer por força casar comigo; agora que hei de eu fazer?» «Olhe, real senhora, disse-lhe a velha, agora mande chamar um carpinteiro e mande fazer um vestido de madeira, metta-se dentro d'elle e vá ao palacio de um rei que mora além, que precisam lá uma moça para guardar patos». A princeza assim fez. Mandou fazer o vestido de madeira, mettu as suas joias e tudo quanto era seu dentro d'elle, e um bello dia fugiu. Foi andando, andando, e chegou ao tal palacio. Bateu á porta e disse aos criados, que perguntassem ao senhor rei, se queria uma moça para guardar os patos. O rei disse que sim, e perguntou-lhe como ella se chamava. Ella disse que se chamava Maria do Pau. Depois o rei mandou-a guardar os patos para um campo defronte do palacio. A princeza, mal chegou ao tal campo, despiu-se toda, despiu o vestido de madeira, lavou-se, porque trazia a cara toda enfarruscada, e pôs depois o vestido mais rico que tinha, que era o côr das estrellas. O rei andava a passear no jardim, e viu lá uma menina muito linda atrás dos patos a dizer:

Pato aqui, pato alli,
Filha de rei andar por aqui,
Foi coisa que nunca vi!..

Depois, quando acabou de dizer isto, matou um pato. Tornou a despir-se, mettu-se no vestido de madeira, e á noite veio para casa dizer: «senhor rei, lá morren um pato». O rei perguntou-lhe assim: «Maria do Pau, quem era aquella menina tão bonita, que andava lá com os patos, e tão bem vestida?» Diz-lhe ella: «ora! eu sei lá... quem andava lá era eu toda mascarrada». No outro dia o rei mandou-a guardar os patos outra vez. Ella chegou ao campo e fez o mesmo. Despiu o vestido de madeira, lavou-se muito bem lavada, vestiu o vestido côr das flôres do campo, e começou a andar atrás dos patos e a dizer:

Pato aqui, pato alli,
Filha de rei andar por aqui,
Foi coisa que nunca vi!..

Depois matou outro pato. Ao outro dia fez o mesmo. Vestiu o vestido de varias côres, e matou outro pato. A' noite, quando chegou a casa, o rei disse-lhe: «já não quero que vás guardar os patos; todos os dias morre um! agora has de ficar fechada em casa. Vão haver tres dias de festa, e tu não has de ir, deixa estar». Ella disse: «deixe-me ir, senhor rei!» O rei tornou a dizer-lhe: «não has de ir, não!» Chegou-se o dia da festa e ella tornou a pedir ao rei se a deixava ir. Elle disse: «Deus me livre! se eu levava lá a Maria do Pau!» Depois vestiu-se e chamou-a para o quarto para lhe pedir o fato para se ella vestir (sic). A princeza pediu-lhe umas botas, e o rei atirou-lhe com uma e foi para a festa. Ella foi para o seu quarto, tirou de dentro do vestido de madeira uma varinha que lhe tinha dado a velhinha, que era uma fada, e disse: «varinha de condão, do condão que Deus te deu, manda-me aqui a melhor carruagem, que é a que o rei levou!» Apareceu-lhe logo a carruagem, e ella apresentou-se na festa com o seu vestido côr das estrellas do céu. O rei não fazia senão olhar para aquella menina, e sahiu fóra ás guardas e disse: «não deixem sahir aquella menina sem eu vir, e perguntem-lhe de que terra é ella». A princeza ia a sahir, e depois os guardas não a deixaram passar. Ella atirou-lhes com uma bolsa de dinheiro, e elles então deixaram-na passar, e perguntaram-lhe de que terra ella era. Ella respondeu que era da terra da bota. O rei veio para casa, e, quando chegou, já a princeza lá estava. Foi espreitar se ella estava no quarto, a vêr se tinha sido ella. Depois chamou-a e disse: «oh! Maria do Pau, sabes onde é a terra da bota?» Disse-lhe ella: «ora! vem-me o senhor rei cá com perguntas. Então o senhor rei não sabe onde é a terra da bota?» O rei respondeu: «eu não! foi lá á festa uma menina, eu perguntei-lhe de que terra era, e ella respondeu-me que da terra da bota; mas não sei onde é». Ao outro dia o rei foi outra vez á festa, e disse para a Maria do Pau: «tu não has de ir». — «Deixe-me ir, senhor rei», disse ella. O rei então pediu-lhe a toalha, e, assim que ella lh'a deu, atirou-lhe com ella. Depois foi-se embora para a festa. A princeza foi para o seu quarto, bateu com a varinha de condão, e tornou-se a vestir com o vestido côr de todas as flôres que havia no campo. O rei, se tinha gostado d'ella no primeiro dia, naquella dia inda gostou mais d'ella, porque ia mais bonita. Foi dizer ás guardas que, quando aquella menina sabisse, lhe perguntassem de que terra era. Ella, quando sahiu, respondeu que era da terra da toalha. O rei, quando lhe disseram isto, veio para o palacio a scismar onde é que seria tal terra. Quando chegou, perguntou á princeza se ella sabia onde era a terra da toalha. Disse-lhe ella: «ora, ora, ahi vem o senhor rei! o senhor rei não sabe onde é a terra da toalha? pois eu tambem não sei!» Depois o rei disse: «oh! Maria do Pau, sempre lá vi uma meni-

na tão bonita! se a de hontem era bonita, a de hoje era ainda mais linda». Ao outro dia, quando o rei estava para sahir, a princeza disse-lhe: «o senhor rei deixa-me ir á festa, que é para eu vêr aquella menina tão bonita!» O rei respondeu: «Deus me livre, se eu te apresentava diante d'aquella menina!» Depois pediu-lhe a bengala, quando sabiu, e bateu-lhe com ella. Foi para a festa, e, quando lá estava, apresentou-se a princeza com o vestido de varias côres. Se nos outros dias tinha ido bonita, naquella inda foi mais bonita. O rei não fazia senão olhar a vêr quando ella sahia, e queria ir atraz d'ella, a saber onde ella morava, que era o ultimo dia da festa. Disse aos guardas que lhe perguntassem de que terra ella era. Mas, quando o rei virou a cabeça, assim que acabou a festa, já ella tinha sahido, e não a viu. Depois foi aos guardas, e perguntou que é que ella tinha dito. Os guardas responderam que ella tinha dito que era da terra da bengala. O rei veio para o palacio e perguntou: «oh! Maria do Pau, sabes-me dizer onde é a terra da bengala?» Ella respondeu: «eu sei lá onde é a terra da bengala! o senhor rei não sabe? pois nem eu!» O rei tornou-lhe a dizer: «não sabes? sempre vi hoje outra vez a tal menina tão bonita; mas ella parece que não é a mesma, porque uma vez diz que é da terra da bota, outra vez que é da terra da toalha, e outra vez que é da terra da bengala!»

A princeza foi para o quarto, e depois lavou-se, penteou-se e vestiu-se com o vestido com que foi a primeira vez á festa. O rei foi espreitar pelo buraco da fechadura, para saber porque ella estava tão socogada, e vêr o que ella estava a fazer. Viu uma menina muito bonita, a mesma que estava na festa, vestida com o vestido côr das estrellas do céu, e estava a bordar. Quando a princeza veio para o jantar, outra vez toda mascarada, disse-lhe elle: «oh! Maria do Pau, tu has de me bordar uns sapatos para eu calçar». Ella respondeu: «pois eu cá sei lá bordar sapatos!» E foi-se outra vez embora para o seu quarto. Cada dia vestia um vestido dos que tinha levado á festa. Ao ultimo dia vestiu o vestido de varias côres. O rei todos os dias lhe dizia para ella lhe bordar uns sapatos, e ella respondia sempre o mesmo. Arranjou uma chave, e, quando viu que ella estava vestida e prompta, abriu a porta sem ella saber, e entrou. A princeza ficou muito assustada, e queria fugir. O rei disse-lhe então: «não vos assusteis, que haveis de casar commigo; mas quero que me conteis primeiro a vossa vida, e porque estaes mettida nesse vestido de madeira». A princeza contou toda a sua historia, e o rei casou com ella. Depois mandou chamar a velhinha que lhe dera a varinha de condão, para ficar em palacio, mas ella não quis, porque era uma fada.

(Beja).

Z. CONSIGLIERI PEDROSO.

POESIAS POPULARES

I

Cantiga

Ao som da banza sebenta,
Vae no bote, ólaré, cantando;
Quem tem juízo, vae preso,
Quem é vario vae 'scapando.

Oh seu homem do capote,
Onde vae?
Sou da terra, vou p'rò mar,
Vou pescar.
Que é do peixe que pescou
A' borda-mar?
Vou na quarta, que na quinta
Faz luar!

Ao descer da escada,
Apagou-se a candeia:
O diabo da negra
Cada vez 'stá mais feia!

Olá! da parte da ronda,
Faça alto, ninguém se bula:
Que eu quero ver meudamente
Quem é toda essa matula!

Ao sahir da travessa,
Ao virar da esquina:
O diabo da negra,
Cada vez 'stá mais fina.

Homem velho de cab'leira
E' doutor:
Mulher velha sem cabello
E' estupor:
Arma velha sem bayoneta
Caçador:
Barco velho c'umas rodas
E' vapor.

Oh seu homem do capote
Onde vae?
Sou da terra, vou p'rò mar
Vou pescar,
Que é do peixe que pescou
A' bord'amor?
Vou na quarta, que na quinta
Faz calor.

Ólaré com seiscentos diabos,
Mandei buscar couves,
Trouxeram-me só nabos!
(Coimbra).

II

Quem quiser comprar os homens,
Vá á feira ao leilão:
Os casados a pataco,
E os solteiros a tostão,
E a canalha dos rapazes,
A 10 réis o quarteirão.
(Coimbra).

III

O Zabumba

O Zabumba tem tres filhos,
Todos tres d'uma ninhada:
Arrenego do Zabumba,
Mais da sua zabumbada!

Não ha cousa
Que mais me consuma,
Chegar á janella
Não vêr o Zabumba.
Tum-tum!

O defuncto
Que vae na tumba,
Levanta a cabeça
P'ra vêr o Zabumba.
Tum-tum!

O Zabumba 'stá doente,
Muito mal para morrer:
Não ha gallo nem gallinha
Para o Zabumba comer!

Não ha cousa, etc.
O defuncto, etc.

Tive pena do Zabumba,
Quando honte por 'qui passou:
Deram-lhe tanta pancada,
Que afinal arrebentou!

Não ha cousa, etc.
O defuncto, etc.
(Coimbra).

IV

Andaes morto por saber
Quem é o meu namorado:
Vae á rua do insôso
Pergunta pelo salgado:
E' um cambaio das pernas,
Das costas um corcovado,
Da cabeça um tihoso,
Dos olhos um remelado!
(Louzan).

V

Francisco Bandarra

Senhor Francisco Bandarra
Meia de seda e calção:
Quando vae fallar á dama,
Vae sempre todo pimpão.

Senhor Francisco Bandarra
Fita verde no chapéo:
Quando vae fallar á dama,
Cuida que vae para o céu!

Senhor Francisco Bandarra
Vae fallar á namorada:
Leva relógio á cinta,
Dentro d'algibeira nada!

Senhor Francisco Bandarra,
Empreste-me o seu nariz:
Que eu quero pisar pimenta,
Não tenho almofariz!

(Coimbra).

VI

Perlendas infantis

1. — Adeus Maria,
— Adeus João,
— Vaes no carro?
— Pois então!
— Que linda perna!
— Isso não.
— Aonde dormes?
— Atrás do fôrno.
— Dás-me um beijo?
— Dou-te um corno!
(Figueira).

2. Não quero funeca,
Nem fogareirinho:
Por certos olhinhos
Morrendo estou já.
Lique, litrique,
Lique, litrá,
Por certos olhinhos
Morrendo estou já.
(Nellas).

3. Pelo signal
Bico real:
Comi toucinho,
Fez-me mal:
Se mais tivesse,
mais comia:
Adeus, compadre,
Até outro dia.
(Beira Alta).

4. Doze com redoze
Vinte e quatro com quatorze,
Dezaseis com vinte e um,
E' um cento menos um.
(Leiria).

5. Una, duna,
Tena, quatrena,
Cigalha-migalha,
Catrapis-catrapés:
Conta bem
Que são dez!
(Coimbra).
6. — Oh minha mãe, dê-me pão,
Para mim e p'ró meu cão!
— O teu cão fugiu de casa,
Stá a bordo d'um navio:
Dá-lhe o vento, dá-lhe o frio,
Fá-lo andar n'um corropio.
(Figueira).
7. Uma canada
Não é nada:
Um quartão
Alegra o coração:
Um almude
Dá saude:
Uma pipa
Consola a tripa:
Um tonel
Arrebenta o fel!
(Figueira).
8. A'manhã é domingo,
Pés ao caminho:
Gallo assado,
Quartilho de vinho:
Lá vem o francês,
Que pica na rês:
A rês é mansa,
Vae para França:
Se ella voltar,
Torna a picar:
Pica na burra,
A burra é de barro:
Pica no jarro,
O jarro é fino:
Pica no sino,
O sino é d'oiro:
Pica no toiro,
O toiro é bravo:
- Pica no fidalgo,
O fidalgo é valente,
Mette tres homens
Na cova d'um dente!
(Louzan).
9. Sape gato
Lambião:
Não me comas
O meu quinhão.
10. Sapateiro
Remendeiro
Come tripas
De carneiro:
Bem lavadas,
Mal lavadas,
Tudo vae
Para o pandeiro.
11. Era uma vez
A menina Victoria:
Morreu a menina Victoria.
Acabou-se a historia!
(Coimbra).
12. Era uma vez
Um conde e um bispo:
Acabou-se a historia,
Não sei mais de que isto!
13. Historia, historinha,
Da calça vermelhinha
E de Pedro lambarês...
Queres que t'a conte outra vez?
14. Não tem vista,
Nem crista
Nem cousa que l'assista!
15. Que ha hoje para comer?
Linguas de perguntador,
E cabeças de doutor!
16. Que prenda me dá?
Dou-lhe um quente
E outro a ferver!

17. Eu fallei contigo,
Da janella p'ró postigo...
E' mentira, não ha tal:
Foi da janella p'ró quintal!

18. Ai Jesus!
Que tal te eu pus!
Se eu lá fôr
Que tal te hei-de pôr!
Se eu lá tornar
Que tal te hei-de deixar!
(Coimbra).

19. Domingos Affonso
E mais a mulher:
Fizeram a boda
Atrás d'um tonel.

Vieram os filhos
Pediram-lhe pão:
Toca rabeca,
Manoel, João!

(Figueira).

20. Mariquitas, Pedro Paulo,
E o capitão inglês,
Fizeram sociedade...
E dormiram todos tres!

(Figueira).

21. De Coimbra me mandaram
Quatro frades n'um ceirão:
Frei azeite, frei vinagre,
Frei alho, frei pimentão!

(Figueira).

VII

Cu-cu-ru-cu!

Cu-cu-ru-cu: que fazes lá dentro?
Cu-cu-ru-cu: faço fermento.
Cu-cu-ru-cu: faz-me um bolo:
Cu-cu-ru-cu: não tenho sal.
Cu-cu-ru-cu: manda-o buscar:
Cu-cu-ru-cu: não tenho por quem.
Cu-cu-ru-cu: manda o rapaz:
Cu-cu-ru-cu: o rapaz 'stá manco.

Cu-cu-ru-cu: quem o mancou?
Cu-cu-ru-cu: foi uma pedra.
Cu-cu-ru-cu: que é d'elle a pedra?
Cu-cu-ru-cu: está no rio.
Cu-cu-ru-cu: que é do rio?
Cu-cu-ru-cu: beberam-n'o os bois.
Cu-cu-ru-cu: que é dos bois?
Cu-cu-ru-cu: estão a lavar trigo.
Cu-cu-ru-cu: que é do trigo?
Cu-cu-ru-cu: foi para fazer pão.
Cu-cu-ru-cu: que é do pão?
Cu-cu-ru-cu: comeram-no os fra-
des.

Cu-cu-ru-cu: que é dos frades?
Cu-cu-ru-cu: estão a dizer missa.
Cu-cu-ru-cu: que é da missa?
Cu-cu-ru-cu: está no missal.
Cu-cu-ru-cu: que é do missal?
Cu-cu-ru-cu: está no altar.
Cu-cu-ru-cu: que é do altar?
Cu-cu-ru-cu: está no seu logar!

(Louzan).

VIII

— Dá-me um bêjo?
Darei-te um bêjo:
Dá-me um bêjo?
Não t'o dou:
— Não me pidas
Cousas d'essas,
Tu bem sabes
Quem eu sou...
Tu bem sabes
Quem eu sou,
Tu bem sabes
Quem eu era:
Dá-me um bêjo,
Darei-te um bêjo:
Dá-me um bêjo:
Oh primavera!

(Beira Alta).

IX

A semana

Os seis dias da semana,
Eu t'os vou a distinguir:

Palavrinhas em segredo,
Escuta amor, se queres ouvir.

Segunda-feira é trevo,
Que está rentinho ao chão:
O nosso amor, menina,
Está junto ao coração.

Terça-feira é rosa,
Por ser a mais delicada:
O nosso amor, menina,
Creio eu, nunca se acaba.

Quarta-feira é agua,
Que rega toda a verdura:
Que rega a luz dos teus olhos,
E a nossa pouca ventura.

Quinta-feira é alecrim,
Que está sempre a dar flôr:
Antes que de mim te ausentes,
Não me percas o amôr.

Sexta-feira é alfazêma,
Que dá flôres todo o anno:
Oh menina dê-me o sim,
Não me dê o desengano.

Sabbado de Nossa Senhora,
Visto camisa lavada:
Domingo vou para a missa,
Resar ao Anjo da Guarda.
(Santa Comba Dão).

X

A malva rôxa

Fui ao jardim ás flôres,
Com a minha canastrinha:
A' sombra da malva rôxa
Namorei uma menina.

Namorei uma menina,
Namorei uma flôr:
A' sombra da malva rôxa
Abraçei o meu amôr.

Ella riu-se para mim,
E eu ri-me para ella:
A' sombra da malva rôxa
Namorei uma donzella.
(Beira Alta).

XI

Santa Clara é freira,
Sant'Antonio é frade,
P'ra casar as moças
Tem habulidade:

Tem habulidade
Nem me casa a mim...
Viva Sant'Antonio,
Viva San Joaquim!
(Beira Alta).

XII

A confissão

A virgem se confessou,
Uma manhã ao domingo:
Não por ella ter peccados,
Nem pelos ter commettido,
Mas para guardar preceito,
A seu santissimo filho.

O padre se assentou,
E a donzella ajoelhou.
O ventre que ella levava
Toda a terra allumiou!
O padre quando a viu,
Seu pensamento turvou.

— Oh senhor padre de missa,
Vamos a remir peccados:
Que isto tudo são mysterios,
Da Santissima Trindade!

O primeiro que eu amei,
Foi a Deus Nosso Senhor,
Que o trago no meu ventre,
Creado a meu favor.

O segundo que eu jurei,
Uma jura de contino:
A 25 de março,
Encarnou Verbo divino!

O terceiro que eu amei,
Nosso pai, mais do que a nós:
Não sei se farei offensa,
Chamar a Jesus por vós.

O quarto que eu matei,
Era demonio infernal:
Perseguia o meu filho,
Sem peccado original.

O quinto que eu desejei,
Ser creada de menor:
Ser esposa de Jesus,
D'aquelle divino sol.

Oh senhor padre de missa,
Tenho feito a confissão:
Por amor de Deus lhe peço,
Que me deite a absolvição.
(Figueira da Foz).

XIII

Oração a S. Bertholameu

S. Bertholameu me disse,
Que resasse, e que dormisse:
Que não tivesse medo,
D'aquella má onda,
E d'aquella má sombra
Que era o pesadêlo;
Tinha a mão furada,
A unha retortinhada...
Quatro cantos tem a casa,
Quatro anjos me alumeiam,
Quatro anjos da guarda!

(Aveiro).

XIV

Oração

Por uma triste noite escura,
Morreu uma creatura,
Com grande arrependimento

Por não receber em graça,
O Santissimo Sacramento.

Afastou-se a alma do corpo,
Foi ver a face divina.

Oh meu Deus, oh meu Senhor,
Eu visitar-vos venho,
Que sou ovelha perdida
Já do Vosso rebanho.

Escutai almas e glorias,
Que eu vos escutei primeiro.

Tudo o que deixei no mundo,
Nada foi p'ra vosso proveito:
Deixei-vos os meus jejuns,
Vós sempre andaveis comendo:

Deixei-vos as minhas missas,
Vós nunca ieis a tempo:
Lá erguia o padre a Deus,
Vós sempre estaveis dormindo.
Agora pagareis tudo,
Nas profundas dos infernos.

S. Miguel, que pesa as almas,
Botou o peso á balança:
Os peccados eram tantos
Que a balança ia ao chão.
A Virgem com seu valor,
Fez o peso excellente:
Amostrou-lhe o seu rosario,
E a alma ficou contente.

Tomai lá este rosario,
Não o trageis pelo chão:
A Virgem da Piedade,
De vós teve compaixão!

Quem esta oração disser,
Um anno, de dia a dia,
Sua alma salvaria,
De seu pai, de sua mãe,
E de toda a sua geração.
Amen!

(Aveiro).

PEDRO FERNANDES THOMÁS.

MISCELLANEA

I

UM ANTIGO CANTO PORTUGUÊS DE ROMARIA

O fervor religioso, que hoje se nota entre o povo, quando corre ás suas romarias, pouco é, se o compararmos com o que esse mesmo povo manifestava noutras epochas, em que as proprias auctoridades auxiliavão e mantinhão a tensão, ou ião na corrente: o que sabemos por documentos contemporaneos. Grande número de factos occasionarão a fundação, por todo o país, de extraordinario número de ermidas e igrejas, em que se guardavão imagens mais ou menos milagrosas, e com cujas fundações se relacionavão muitas lendas piedosas, que, independentemente de factos historicos alterados pela tradição, tinham a sua base em phenomenos naturaes. Essas reuniões populares duravão dias inteiros, e formavão-se então grandes acampamentos, quando o estabelecimento religioso não comportava o albergamento completo dos romeiros. A dança, o canto, os jogos (manuaes, bola, lucta, choca, etc.), os *gentares* ou *bodos* erão a occupação d'essa população fluctuante.

A respeito da dança popular pouco se póde mencionar fóra do que dizem os escriptores contemporaneos, e da mesma fórma da poesia popular, pois que raros exemplos d'esta ultima manifestação do sentir popular apresentam os nossos autores antigos.

Numa miscellanea manuscripta existente no Archivo Nacional, e que apparenta ser escripta nos primeiros decennios do seculo xvii, encontramos umas quadras que, pela rubrica que as antecede, parece serem cantigas de romaria, e pelo contexto d'ellas serem entoadas num baile de roda. Nessas seis quadras, não obstante a repetição da mesma ideia em todas ellas, nota-se certo grau de variedade. Nenhum laço as une umas ás outras, e produções poeticas como esta podemos ainda hoje realizá-las, escolhendo um pequeno número de quadras com as suas variantes no vasto campo da poesia popular portuguesa, e agrupando-as segundo uma ideia qualquer. E' por falta de coordenadores populares que a nossa poesia popular nunca conseguiu offerecer trabalhos extensos além dos chamados *romances* de pequena dimensão.

Segue-se o texto:

Molheres querem sair ao longe, cántão a Virgem.

- | | |
|--|--|
| I. Minha Senhora do Porto,
dizen'as vossas amigas,
que vades pera mais longe,
e irão lá todos os dias. | IV. Minha Senhora do Porto,
mudai-uos pera mais longe,
que eu irei á vosa caza,
sem me saberem por onde. |
| II. Minha Senhora do Porto,
dizen'as vossas deuotas,
que vades pera mais longe,
e irão lá todalas horas. | V. Minha Senhora do Porto,
se mudarde' la morada,
mudai-a pera mais longe,
e irei lá cos olhos d'alma. |
| III. Minha Senhora do Porto,
pera ser mais conhecida,
mudai-uos pera mais longe,
de todas sereis seruida. | VI. Minha Senhora do Porto,
se mudarde' la Ermida,
mudai-a pera mais longe,
que ir ó longe he minha vida. |

VOLTA

Senhora do Porto,
tão bem estreada.
Posta de mais longe
tem graça dobrada.

(Archivo da Torre do Tombo, codice 1817, fl. 93 v.).

P. A. D'AZEVEDO.

II

PALAVRA QUE TEM DE ELIMINAR-SE DOS DICCIONARIOS

(Um caso de «teratologia glottologica»)

Em grande numero de dictionarios ingleses introduziu-se uma palavra que resultou, ao que parece, de um erro typographico, e que passou d'elles para diversos dictionarios encyclopedicos publicados em differentes paizes. Como esse vocabulo logrou figurar tambem em alguns dictionarios portuguezes, provavelmente por intermedio de algum dos encyclopedicos, não será descabida nesta *Revista* a presente nota, quando mais não seja, como aviso aos nossos lexicographos.

A palavra a que me refiro é *abacot*. Dos dictionarios universaes estrangeiros que a consignão, mencionei apenas os seguintes, que são os mais conhecidos entre nós:

O *Grand Dictionnaire Universel du XIX siècle* de Larousse trás este artigo: «ABACOT, s. m. (a-ba-co — rad. *abaque*). Double couronne sans ornement, qui portaient autrefois les rois d'Angleterre». Outro dictionario encyclopedico, *La Grande Encyclopédie, inventaire raison-*

née des sciences, des lettres et des arts, diz aproximadamente a mesma coisa, e accrescenta: «Ce mot dérive d'*abaque*, qui, en terme d'architecture, désigne la partie supérieure du chapiteau d'une colonne».

Entre os dicionários portugueses trazem este vocabulo o de Faria, o de Lacerda, a ultima e recente edição de Moraes e o pequeno *Diccionario Illustrado*, que está em publicação, definindo-o todos aproximadamente como os dicionários francezes que acabo de citar: «Ornato de cabeça dos antigos reis ingleses, que terminava em fôrma de dupla corôa». (Moraes).

No entanto já um grande dicionário inglês, *A new english Dictionary on historical principles founded mainly on the materials collected by the Philological Society, edited by James A. H. Murray*¹, e no seu primeiro fasciculo, que se publicou em 1884, encontravão os dicionaristas uma advertencia contra a authenticidade d'aquelle vocabulo.

Alli, no logar respectivo segundo a ordem alphabetica, mas entre colchetes e em typo menor, como para indicar que só como simples prevenção se abre aquelle artigo, lê-se:

[ABACOT, a spurious word found in many dictionaries, originating in a misprint of BYCOCKET].

Na parte iv, secção i, que completa o primeiro volume d'aquelle dicionário, e que appareceu em 1888 (comprehendendo as letras *A* e *B*), a pag. 1:234, columna segunda, faz-se a historia da palavra *bycocket* e da sua transformação em *abacot* nos seguintes termos:

«Through a remarkable series of blunders and ignorant reproductions of error this word appears in modern dictionaries as ABACOT. In Hall's Chron. a *bicocket* appears to have been misprinted *abococket*, which was copied by Grafton, altered by Holinshed to *abococke*, and finally «improved» by Abraham Fleming to *abacot* (perhaps through an intermediate *abacoc*); hence it was again copied by Baker, inserted in his *Glossarium* by Spelman, and thence copied by Phillips, and so handed down through Bailey, Ash, Tood, etc. to 19th century dictionaries (some of which provide a picture of the «*abacot*»), and even inserted in dictionaries of English and foreign languages».

Como se vê, não faz menção dos dicionários encyclopedicos estrangeiros, que todavia concorrêrão para que a fôrma *abacot* se generalizasse a outras lingoas.

Como curiosidade transcreverei algumas das citações que se fazem naquelle artigo:

1548 HALL *Chron. Edw.* IV an. 2 One of them had on his hed the said Kyng Henrie's helmet (some say his high cap of estate), called abococked [ed. 1550 abococket] garnished with two riche Crownes. — 1568 GRAFTON *Chron.* II. 661 His high Cap of estate, cal-

¹ Quando appareceu a primeira parte ou fasciculo d'este importantissimo trabalho, tive occasião de apresentar ao conselho scientifico da extincta Sociedade de Instrucção do Porto um parecer sobre elle, que foi publicado na *Revista* d'aquella associação.

led abococket. — 1577 HOLINSHED *Chron.* 1314 His highe cappe of estate called abococke. — 1587 *Ibid.* (ed. Fleming) called Abacot.

1664 SPELMAN, *Gloss.*, *Abacot*: pileus augustalis Regum Anglorum 2 coronis insignitum. — 1721 BAILEY, *Abacot*, a cap of state, made like a double Crown, worn anciently by the Kings of England. — 1810 *New Dict. Germ. Lang.*, *Abacot*, die Staatsmütze, der Hauptschmuck der alter Engl. Könige. — 1882 LASCARIDES, *Eng. Grk. Lex.* *Abacot*, τῆς Κεφαλῆς Κάλυμμα.

A origem da palavra *bycoket* foi a palavra franceza *bicoquet* (tambem *bicocquet* e *biquoquet*) = *capuce*, *casaque à capuchon*; *habituellement*, *coiffure militaire*; *quelquefois parure de femme*, *chaperon* (Godefroy); e *bicoquet* é o diminutivo de *bicoque* correspondente ao italiano *bicocca*, pequeno castello em uma collina, ao hespanhol *bicoca*, pequena fortificação, especie de guarita, de *bis* + *cocca*; cf. Körting, *Lat-rom. Wörterbuch*, § 1194, e Diez, *Etym. Wörterbuch*, I, s. v. *bicocca*.

A sorte do vocabulo *bycoket* mostra-nos, mais uma vez, a que vicissitudes está sujeita a vida das palavras.

Esta, após um erro de imprensa, agravado pela ignorancia dos homens, atravessou tres seculos sob o peso de um aleijão enorme, que a transformou e desfigurou por completo, a ponto de ser impossivel reconhecê-la, até que o magico poder da philologia teve o condão de quebrar-lhe o encanto, como se diz nos contos de fadas, restituindo-a á sua fôrma anterior, ao que fôra, antes de se haver operado aquella metamorphose.

O modo como se formou *abacot*, que poderemos chamar um caso de *teratologia glottologica*, ha-de explicar ainda outras transformações que as leis da evolução da linguagem, quer physiologicas, quer psychologicas, não possuem justificar ¹.

JULIO MOREIRA.

III

CALROS E CHELRES

O nome proprio *Carlos* teve sempre uso limitado em Portugal. Palavra de origem germanica e aparentada com o substantivo allemão *Kerl*, mancebo robusto, parece ter sido empregada pela primeira vez em *Carlos Magno* ². A fôrma alatinada é *Karolus* ou *Carolus*, e consta que ao receio que houve de ser pronunciada com o accento na penultima syllaba (*Carólus* = *carôlo*), se deve a substituição

¹ Certas graphias erroneas e a leitura errada de outras tem effectivamente provocado o apparecimento de fôrmas que mais ou menos se relacionão com o caso que fica apontado. Cfr. um exemplo que se lê na magnifica edição critica das *Obras de Christovão Falcão*, publicada pelo snr. Epiphanio Dias, *Excursus* III, parte II, alinea quinta.

² Um dos nobiliarios portugueses do sec. XIV, diz *Charlles Mayne*, *Charle Marchel*: *Port. Mon. Hist.*, Script., 252.

da legenda latina das moedas de prata do actual monarcha por outra em vulgar.

Só do reinado de D. Affonso v em diante começamos a encontrar individuos d'este nome. Um é o italiano *Carlos Florentim*; outro, que pertencia a uma familia italiana ha muito domiciliada em Portugal, *Carlos Pessanha*; finalmente, encontra-se na chancellaria de D. Affonso v, xv, 46, menção de *Carllos Gonçalves*, morador em Tavira (numa provincia onde a influencia italiana era ainda grande) num doc. de 1455.

Do tempo de D. Manuel encontramos num doc. de 1499 (xvi, 66 v.) um *Dom Carlos de Loronha* (Noronha). E' neste reinado que nos apparece pela primeira vez a fôrma popular *Calros* (xiv, 39) na pessoa de Mestre *Calros*, physico, em doc. de 1495; noutro, porém, de 1514 (xi, 100 v.) vem ainda Mestre *Carllos*.

Com D. João iii achamo-nos debaixo da influencia franceza, como o prova o nome *Charles Correa*, morador em Lisboa, em 1536 (xx, 146 v.); mas a cota dá-nos ao mesmo tempo *Chelres*. Já em 1523 encontramos um *Chelrres Fernandez*, de Lisboa (iv, 10). Em 1542 achamos (xxxii, 39) um *Cherles Freitas* (*Charles* no *Arch. Heraldico* do sr. visconde de Sanches de Baena, pag. 125) agraciado com brasão d'armas.

Em 1554 (lxviii, 100) vemos um *Cherles Henriquez*, que é de certo o mesmo individuo que no tempo de D. Sebastião (1.º de Perdões, 366 v.) se acha escripto em 1563 *Chelles Henriquez*, com assimilação completa de *r* a *l*.

A influencia italiana manifesta-se claramente em *Carlo Manrique*, 1563 (3 de Perdões, 213 v.) e em *Carillo Pacheco*, morador em Amarante em 1570 (xliii, 90).

8 — ix — 1896.

PEDRO A. D'AZEVEDO.

BIBLIOGRAPHIA

VARIA QUAEDAM

La symbolique des nombres dans les recettes magiques des traditions et des usages populaires en Europe — par G. de Vasconcellos Abreu (extrait des *Mélanges Charles de Harlez*, — Leide, s. d. Ed. de 25 exs.) — Interessante nota á cêrca do symbolismo dos numeros, isto é, das relações estabelecidas entre os numeros e certas letras ou palavras, o que se vê por exemplo na fórmula magica chamada *Oração de S. Cypriano*. O A. compara as tradições da Europa com as da

India antiga, e considera estas como origem d'aquellas. — Este assumpto já por elle tinha sido tratado no opusculo *Contribuições mythologicas*, extr. da *Renasçença*, 1, 115-117.

J. L. DE V.

*

Les vocables malais empruntés au portugais — par A. R. Gonçalves Viana (extrait des *Mélanges Charles de Harlez*, — Leide, s. d.). Trabalho methodico e instructivo. Em primeiro lugar expõem-se os systemas phoneticos do português e do malaio; depois faz-se uma lista dos vocabulos malaios cuja origem portuguesa é manifesta, e outra dos vocabulos cuja origem portuguesa é apenas possível; por fim apontão-se várias considerações phoneticas a respeito de cada uma d'estas listas. Incidentalmente o A. falla da etymologia de algumas palavras portuguezas, taes como *mesquita*, *anil*, *ceroulas*, *chita*, *pires* e outras; todas as boas contribuições neste sentido, breves ou desenvolvidas, são sempre bemvindas, pois que não temos ainda um verdadeiro dictionario etymologico. — Juntarei umas pequenas notas avulsas. Pag. 338: o som *ch* existe no Sul do reino, em Villa Real de S. Antonio, por influencia, creio eu, da linguagem de Ayamonte, cidade fronteira. Pag. 344: o malaio *sábtu* pôde ter nascido directamente da fórma popular *sab'do*; a fórma intermedia ao malaio *lamári* e ao port. *almario* parece ser realmente **alamario* (cfr. *carapinteiro*, **calaveira*); a simplificação dos ditongos em *bandêra*, *parsêru*, etc., pôde ter-se já dado no continente, onde os Meridionaes dizem *bandêra*, *parcêro*. Pag. 345: a palavra malaia *dyáñkar* pôde ter provindo de *ancora* na fórma *z-ancora* (= (a)s *ancoras*; cfr. *z-orate*), pois que ao port. *s* (= z), corresponde em malaio *dy*, por ex. em *médya* = mesa.

J. L. DE V.

*

No **Literaturblatt für germ. u. romanische Philologie** de Behaghel e Neumann, n.º 134, publicou a sr.ª D. Carolina Michaëlis de Vasconcellos uma apreciação pormenorizada do livro do visconde de Sanches de Baena, *Gil Vicente*.

Principia a auctora por expôr, para esclarecimento do leitor allemão, a questão concernente á identidade hypothetica de Gil Vicente poeta, e Gil Vicente ourives, enumerando os argumentos adduzidos pelos adherentes de um e outro partido nesta interessante discussão, que ella historia succintamente, porém com grande clareza; depois passa a condensar, num summario admiravelmente exposto, os factos capitaes que o livro de Sanches de Baena trata de fixar.

Seguramente que o artigo da sr.ª D. Carolina Michaëlis contribuirá não pouco para chamar a attenção do publico allemão para esta questão de historia litteraria, e despertar interesse por ella.

C. S. B.

NOTA A PAG. 384

O canto de romaria publicado pelo sr. P. d'Azevedo a pag. 384 é muito interessante, porque, quanto á fórma, aproxima-se dos cantos de Rebordainhos que publiquei no *Anuario das tradições populares portuguezas*, pag. 19 sqq., e dos «cantares d'amigo parallelos» dos nossos cancioneiros medievacs.

J. L. DE V.

INDICE

Artigos desenvolvidos :

<i>Noticia de alguns manuscritos de Fr. Joaquim de Santa Rosa de Viterbo</i>	
— por J. LEITE DE VASCONCELLOS	1
<i>Costumes do tempo de el-rei D. Manoel</i> — por PEDRO D'AZEVEDO	5
<i>Dialectos alemtejanos</i> — por J. LEITE DE VASCONCELLOS	13 e 215
<i>Linguagem e tradições populares da villa de Serpa</i> — por M. DIAS NUNES	101
<i>Receitas de medicina popular portugueza do sec. XVII</i> — por P. A. D'AZEVEDO	114
<i>Noticias philologicas</i> — por J. LEITE DE VASCONCELLOS	122 e 272
<i>Uma festa dos imperadores</i> — por P. A. D'AZEVEDO	134
<i>Fragmentos de um Cancioneiro do sec. XVI</i> — por A. EPIPHANIO DIAS	142
<i>Tradições populares diversas</i> — por A. THOMÁS PIRES	180
<i>Superstições portuguezas no sec. XV</i> — por P. A. D'AZEVEDO	197 e 315
<i>Sobre a significação da palavra «mancipium»</i> — por H. DA GAMA BARROS	247
<i>Questões etymologicas</i> — por JULIO MORRIRA	266
<i>Parceres acerca das candidaturas dos srs. drs. Schuchardt, Cornu e Lang a socios da Academia Real das Sciencias de Lisboa</i> — por J. LEITE DE VASCONCELLOS	278
<i>O deus bracarense «Tongoenabiagus»</i> — por J. LEITE DE VASCONCELLOS	284
<i>Cancioneiro popular das ilhas dos Açores</i> — por THEOPHILO BRAGA	293
<i>Dialectos algarvios</i> — por J. LEITE DE VASCONCELLOS	324
<i>Contos populares portuguezes</i> — por Z. CONSIGLIERI PEDROSO	338
<i>Poesias populares</i> — por PEDRO FERNANDES THOMÁS	377

Miscellanea :

<i>Note alla «Revista Lusitana»</i> (Stanislao Prato)	78
<i>Linguagem popular de Ligares</i> (Padre José Augusto TAVARES)	188
<i>Romance popular de D. Carlos</i> (J. L. de V.)	189
<i>Um derivado de cornus, -i pelo suffixo -aria</i> (Alberto Sampaio)	285
<i>Sereias</i> (Pedro d'Azevedo)	286
<i>Cantigas populares</i> (A. de C. e O.)	287
<i>Etymologia popular</i> (Julio Moreira)	288
<i>Poesias populares</i> (A. Thomás Pires)	289
<i>Antigo canto de romaria</i> (P. d'Azevedo)	383
<i>Notas ao artigo antecedente</i> (J. L. de V.)	388 e 390
<i>Palavra que tem de eliminar-se dos dictionarios</i> (Julio Moreira)	384
<i>Calros e Chelres</i> (P. d'Azevedo)	386

Bibliographia :

I. LIVROS :

<i>Les travaux publics et les mines</i> , de Paul Sébillot (Severiano Monteiro)	85
<i>Biblia sagrada ia Testamento Iakare na Ipsa, e Katekismo</i> , de Czimermann (G. Vianna)	192
<i>Ensaio de dictionario kimbundu-português</i> , de Cordeiro da Matta (G. Vianna)	193

II. PERIODICOS :

<i>O Archeologo Português</i> (J. L. de V.)	100
<i>Revista do Minho</i> (J. L. de V.)	100

III. VARIA QUÆDAM :

<i>Diabruras, santidades e prophcias</i> , de Teixeira de Aragão	100
<i>A patria portuguesa</i> , de Theophilo Braga	100
<i>O grego em Portugal</i> , de G. Guimarães	100
<i>Kaiserliche Academie der Wissenschaften in Wien</i> (Gonçalves Vianna)	194
<i>Historia da administração em Portugal</i> , de H. da Gama Barros	292
<i>O português na Universidade de Praga</i>	296
<i>Trabalhos</i> de D. Carolina Michaëlis de Vasconcellos	196, 292 e 388
<i>Livro</i> de P. Fernandes Thomás	292
<i>La symbolique des nombres</i> , de Vasconcellos Abreu	387
<i>Les vocables malais empruntés au portugais</i> , de Gonçalves Vianna	388

Portugal lá fóra :

<i>Cancioneiro de D. Dinis</i> , de H. Lang	196
<i>Sull'antica metrica portoghese</i> , de A. Mussafia	196
<i>Superstições portuguezas</i> , de L. Fränkel	196
<i>Revue hispanique</i>	196
<i>Revista crítica de historia y literatura españolas, portuguezas é hispano-americanas</i>	196

ERRATA

Ainda o canto de romaria (cfr. pag. 384 e 388, nota)

Por lapso typographico, a estrophe VI do canto de romaria, publicado a pag. 384, e annotado a pag. 388, deixou de vir depois da estrophe V, devendo vir antes, como se vê do parallelismo das rimas: *i-ó* (estrophen I-II), *i-ó* (estrophen III-IV), *i-á* (estrophen V-VI, depois de invertida a ordem em que estão).

Logo que as minhas occupações m'o permittam, hei de continuar o estudo que á cerca d'esta fórma metrica publiquei no *Annuario das tradições populares*, pag. 19 sqq., pois possui novos elementos.

J. L. DE V.

REVISTA LUSITANA

Archivo de estudos philologicos e ethnologicos
relativos a Portugal

DIRIGIDO

POR

J. LEITE DE VASCONCELLOS

SUMMARIO

Cancioneiro popular das ilhas dos Açores — por Theophilo Braga.

Superstições portuguezas no sec. XV (conclusão) — por P. A. d'Azevedo.

Dialectos algarvios — por J. Leite de Vasconcellos.

Cantos populares portuguezes — por Z. Consiglieri Pedroso.

Poesias populares — por Pedro Fernandes Thomás.

Miscellanea :

Um antigo canto português de romaria — por P. A. d'Azevedo.

Palavra que tem de eliminar-se dos dictionarios — por Julio Moreira.

Calros e Chelres — por P. A. d'Azevedo.

Bibliographia :

VARIA QUÆDAM :

La symbolique des nombres dans les recettes magiques des traditions et des usages populaires en Europe, par G. de Vasconcellos Abreu. — *Les vocables malais empruntés au portugais*, par A. R. Gonçalves Vianna. — Artigo de D. Carolina Michaëlis de Vasconcellos sobre o livro *Gil Vicente*, de Sanches de Baena.

LISBOA

ANTIGA CASA BERTRAND

75, Rua do Chiado, 75

1896

Algumas obras de J. Leite de Vasconcellos

Tradições populares de Portugal, xv-320 pag., Porto 1882	500 réis
Annuario para o estudo das tradições populares portuguezas (collaborado por todos os especialistas de Portugal), iv-97 pag., Porto 1882	100 "
O dialecto mirandês (premiado em concurso pela <i>Sociedade das linguas romanicas</i> de França), 40 pag., Porto 1882	300 "
Flores mirandesas (texto em mirandês, com notas philologicas e vocabulario), 40 pag., Porto 1884	100 "
Estudo ethnographico (âcêrca da ornamentação dos jugos e cangas dos bois no Entre-Douro-e-Minho, — com estampas), 48 pag., Porto 1881	600 "
Portugal prehistorico (vol. da <i>Bibliotheca do povo e das escholae</i>), Lisboa 1885	50 "
Romanceiro portuguez (vol. da mesma <i>Bibliotheca</i>), Lisboa 1886	50 "
Balladas do Occidente. Este vol. de versos divide-se em tres livros: I <i>Lyrismo</i> , II <i>Epopeia</i> , III <i>Drama</i> , 342 pag., Porto 1885	500 "
Diccionario da chorographia de Portugal, Porto 1884	500 "
A philologia portuguesa, 57 pag., Lisboa 1888	200 "
O texto dos <i>Lusiadas</i> segundo as ideias do Sr. Gomes de Amorim, 70 pag., Lisboa 1890	250 "
Poesia amorosa do povo portuguez, 144 pag., Lisboa 1890	400 "
As «Lições de linguagem» do Sr. Candido de Figueiredo, 2. ^a ed., Porto 1893	250 "
O gralho depennado (réplica ás <i>caturrices</i> philologicas do Sr. Candido de Figueiredo), 52 pag., 3. ^a ed., Porto 1892	250 "
Sur les amulettes portugaises, 12 pag., Lisbonne 1892	150 "
Sur les religions de la Lusitanie, 9 pag., Lisbonne 1892	150 "
Sur le dialecte portugais de Macao, 9 pag., Lisbonne 1892	150 "

À venda na Antiga Casa Bertrand, rua do Chiado, 75 — Lisboa.

NO PRÉLO:

Religiões da Lusitania (na parte que principalmente se refere a Portugal), 1.^o vol. com estampas.

REVISTA LUSITANA

A REVISTA LUSITANA, o unico periodico que no seu genero existe em Portugal, publica-se em fasciculos do volume d'este, pouco mais ou menos. Sahem quatro por anno.

Preço da assignatura annual	Portugal e Hespanha	2\$000 réis
(franco de porte)	No resto da Europa	12 fr.
	Brazil (moeda forte)	6\$000 "
Preço de cada fasciculo avul.	Portugal e Hespanha	600 "
so	No resto da Europa	3 fr.
	Brazil (moeda forte)	1\$800 réis

Toda a correspondencia litteraria deve ser enviada ao director J. LEITE DE VASCONCELLOS, Bibliotheca Nacional — Lisboa.

Toda a correspondencia relativa a assumptos economicos deve ser enviada a JOSÉ BASTO, Antiga Casa Bertrand, — Rua do Chiado, 75 — Lisboa.

Recebem-se propostas para o estabelecimento d'agencias d'esta publicação em todo o pais e lá fóra.

O Archeologo Portuguez, revista mensal de archeologia (com estampas). — Na mesma livraria. Em publicação o 2.^o vol.





